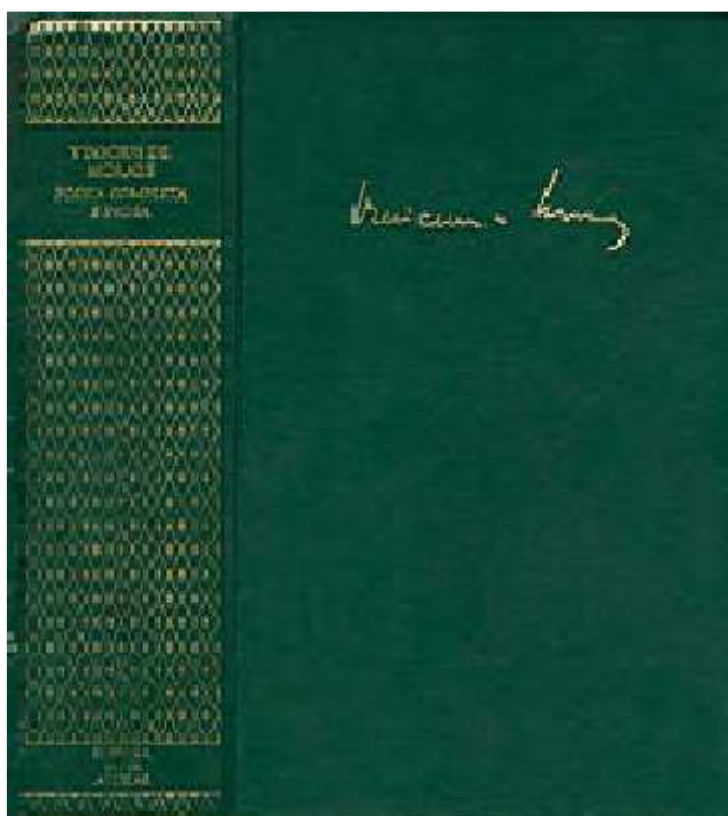


# **Vinicius de Moraes**

## **Poesia Completa e Prosa**

(org. Alexei Bueno)



*Rio de Janeiro. Nova Aguilar. 1998*

Em 1968, publicou-se pela editora José Aguilar a Obra poética de Vinicius de Moraes (2ª ed. 1974), organizada pelo professor e crítico Afrânio Coutinho (1911-2000), com a colaboração do poeta. Adotou-se ali um arranjo da obra de modo que ficassem evidenciadas certas fases estéticas ou cronológicas. Títulos foram agrupados e receberam outro nome (“epígrafe”), e alguns livros tiveram seus poemas espalhados. Uma nota, no início de cada uma destas seções, buscava esclarecer o novo conjunto. Esse agrupamento foi mantido na 3ª edição, Poesia Completa e Prosa (Editora Nova Aguilar, 1998), organizada pelo poeta Alexei Bueno, acrescido da seção “Poesias Coligidas”.

Segue, abaixo, a descrição dos títulos que compõe as 2ª e 3ª edições da Aguilar/Nova Aguilar. Em algumas notas, buscamos esclarecer equívocos sobre a divisão e proveniência dos poemas, que, por sua vez, foram devidamente corrigidos a partir de um cotejamento com edições anteriores.

#### **O Sentimento do Sublime**

Título de uma seção que agrupava os três primeiros livros de Vinicius de Moraes:

O caminho para a distância, Forma e exegese e Ariana, a mulher.

#### **A Saudade do Cotidiano**

“Epígrafe” que substituiu o título original do livro Novos poemas.

#### **Intermédio Elegíaco**

Título que substituiu o original: Cinco elegias.

#### **O Encontro do Cotidiano**

Uma nota explica que esta “epígrafe” substituiu o título original: Poemas, sonetos e baladas. No entanto, há vários poemas ali que não faziam parte deste livro e integravam a Antologia poética.

#### **Nossa Senhora de Los Angeles e Nossa Senhora de Paris**

Uma nota explica o uso do título (“epígrafe”) “Nossa Senhora de Los Angeles e Nossa Senhora de Paris”:

“Esta epígrafe reúne parte dos poemas publicados sob os títulos Antologia poética e Novos poemas II e escritos durante a permanência do poeta em Los Angeles (1946-1950) e Paris (1953-1957). O material restante passou a integrar, indiscriminadamente, a seção “Poesia avulsa” em Dispersos.”

De fato, os poemas enfeixados sob o título “Nossa Senhora de Los Angeles” foram publicados originalmente na Antologia poética (com exceção de “Não comerei da alface a verde pétala” e “O ônibus Grayhound atravessa o Novo México”) e os renidos em “Nossa Senhora de Paris” faziam parte do livro Novos poemas II. No entanto, não consta da bibliografia de Vinicius de Moraes

nenhuma reunião de poemas intitulada Dispersos, assim como nenhum de seus livros traz uma seção com o nome “Poesia avulsa”.

#### **A Lua de Montevideú**

Uma nota explica o uso do título (“epígrafe”) “A lua de Montevideú”: “Os poemas agrupados sob a epígrafos títulos Antologia poética e Novos poemas II e escritos durante a permanência do poeta em Los Angeles (1946-1950) e Paris (1953-1957). O material restante passou a integrar, indiscriminadamente, a seção “Poesia avulsa” em Dispersos.”

Contrariando esta informação, não há nesta seção nenhum poema de Novos poemas II.

#### **Poesia Vária**

Reagrupa os poemas de Antologia poética, Novos poemas II, Pra viver um grande amor e Livro de sonetos.

#### **Poesias Coligidas**

Seção aberta na terceira edição por Alexei Bueno. Compõe-se de poemas inéditos, organizados por ordem cronológica/alfabética.

# O Sentimento do Sublime

## Místico

O ar está cheio de murmúrios misteriosos  
E na névoa clara das coisas há um vago sentido de espiritualização...  
Tudo está cheio de ruídos sonolentos  
Que vêm do céu, que vêm do chão  
E que esmagam o infinito do meu desespero.

Através do tenuíssimo de névoa que o céu cobre  
Eu sinto a luz desesperadamente  
Bater no fosco da bruma que a suspende.  
As grandes nuvens brancas e paradas –  
Suspensas e paradas  
Como aves solícitas de luz –  
Ritmam interiormente o movimento da luz:  
Dão ao lago do céu  
A beleza plácida dos grandes blocos de gelo.

No olhar aberto que eu ponho nas coisas do alto  
Há todo um amor à divindade.  
No coração aberto que eu tenho para as coisas do alto  
Há todo um amor ao mundo.  
No espírito que eu tenho embebido das coisas do alto  
Há toda uma compreensão.

Almas que povoais o caminho de luz  
Que, longas, passeais nas noites lindas  
Que andais suspensas a caminhar no sentido da luz  
O que buscais, almas irmãs da minha?  
Por que vos arrastais dentro da noite murmurosa  
Com os vossos braços longos em atitude de êxtase?  
Vedes alguma coisa  
Que esta luz que me ofusca esconde à minha visão?  
Sentis alguma coisa  
Que eu não sinta talvez?  
Por que as vossas mãos de nuvem e névoa  
Se espalham na suprema adoração?  
É o castigo, talvez?

Eu já de há muito tempo vos espio  
Na vossa estranha caminhada.  
Como quisera estar entre o vosso cortejo  
Para viver entre vós a minha vida humana...  
Talvez, unido a vós, solto por entre vós  
Eu pudesse quebrar os grilhões que vos prendem...

Sou bem melhor que vós, almas acorrentadas  
Porque eu também estou acorrentado  
E nem vos passa, talvez, a idéia do auxílio.  
Eu estou acorrentado à noite murmurosa  
E não me libertais...  
Sou bem melhor que vós, almas cheias de humildade.  
Solta ao mundo, a minha alma jamais irá viver convosco.

Eu sei que ela já tem o seu lugar  
Bem junto ao trono da divindade  
Para a verdadeira adoração.

Tem o lugar dos escolhidos  
Dos que sofreram, dos que viveram e dos que compreenderam.

*Rio de Janeiro, 1933*

## **O terceiro filho**

Em busca dos irmãos que tinham ido  
Eu parti com pouco ouro e muita bênção  
Sob o olhar dos pais aflitos.  
Eu encontrei os meus irmãos  
Que a ira do Senhor transformou em pedra  
Mas ainda não encontrei o velho mendigo  
Que ficava na encruzilhada do bom e do mau caminho  
E que se parecia com Jesus de Nazaré...

*Rio de Janeiro, 1933*

## O único caminho

No tempo em que o Espírito habitava a terra  
E em que os homens sentiam na carne a beleza da arte  
Eu ainda não tinha aparecido.  
Naquele tempo as pombas brincavam com as crianças  
E os homens morriam na guerra cobertos de sangue.  
Naquele tempo as mulheres davam de dia o trabalho da palha e da lã  
E davam de noite, ao homem cansado, a volúpia amorosa do corpo.

Eu ainda não tinha aparecido.

No tempo que vinham mudando os seres e as coisas  
Chegavam também os primeiros gritos da vinda do homem novo  
Que vinha trazer à carne um novo sentido de prazer  
E vinha expulsar o Espírito dos seres e das coisas.

Eu já tinha aparecido.

No caos, no horror, no parado, eu vi o caminho que ninguém via  
O caminho que só o homem de Deus pressente na treva.  
Eu quis fugir da perdição dos outros caminhos  
Mas eu caí.  
Eu não tinha como o homem de outrora a força da luta  
Eu não matei quando devia matar  
Eu cedi ao prazer e à luxúria da carne do mundo.  
Eu vi que o caminho se ia afastando da minha vista  
Se ia sumindo, ficando indeciso, desaparecendo.  
Quis andar para a frente.  
Mas o corpo cansado tombou ao beijo da última mulher que ficara.

Mas não.  
Eu sei que a Verdade ainda habita minha alma  
E a alma que é da Verdade é como a raiz que é da terra.  
O caminho fugiu dos olhos do meu corpo  
Mas não desapareceu dos olhos do meu espírito  
Meu espírito sabe...

Ele sabe que longe da carne e do amor do mundo  
Fica a longa vereda dos destinados do profeta.  
Eu tenho esperanças, Senhor.  
Na verdade o que subsiste é o forte que luta  
O fraco que foge é a lama que corre do monte para o vale.  
A água dos precipícios não é do beiral das casas  
Ela voa na tempestade e repousa na bonança.  
Eu tenho esperanças, Senhor.

Tenho esperanças no meu espírito extraordinário  
E tenho esperança na minha alma extraordinária.  
O filho dos homens antigos  
Cujo cadáver não era possuído da terra  
Há de um dia ver o caminho de luz que existe na treva  
E então, Senhor  
Ele há de caminhar de braços abertos, de olhos abertos  
Para o profeta que a sua alma ama mas que seu espírito ainda não possuiu.

*Rio de Janeiro, 1933*

## **Introspecção**

Nuvens lentas passavam  
Quando eu olhei o céu.  
Eu senti na minha alma a dor do céu  
Que nunca poderá ser sempre calmo.

Quando eu olhei a árvore perdida  
Não vi ninhos nem pássaros.  
Eu senti na minha alma a dor da árvore  
Esgalhada e sozinha  
Sem pássaros cantando nos seus ninhos.

Quando eu olhei minha alma  
Vi a treva.  
Eu senti no céu e na árvore perdida  
A dor da treva que vive na minha alma.

*Rio de Janeiro, 1933*

## **Inatingível**

O que sou eu, gritei um dia para o infinito  
E o meu grito subiu, subiu sempre  
Até se diluir na distância.  
Um pássaro no alto planou vôo  
E mergulhou no espaço.  
Eu segui porque tinha que seguir  
Com as mãos na boca, em concha  
Gritando para o infinito a minha dúvida.

Mas a noite espiava a minha dúvida  
E eu me deitei à beira do caminho  
Vendo o vulto dos outros que passavam  
Na esperança da aurora.  
Eu continuo à beira do caminho  
Vendo a luz do infinito  
Que responde ao peregrino a imensa dúvida.

Eu estou moribundo à beira do caminho.  
O dia já passou milhões de vezes  
E se aproxima a noite do desfecho.  
Morrerei gritando a minha ânsia  
Clamando a crueldade do infinito  
E os pássaros cantarão quando o dia chegar  
E eu já hei de estar morto à beira do caminho.

*Rio de Janeiro, 1933*



## **Revolta**

Alma que sofres pavorosamente  
A dor de seres privilegiada  
Abandona o teu pranto, sê contente  
Antes que o horror da solidão te invada.

Deixa que a vida te possua ardente  
Ó alma supremamente desgraçada.  
Abandona, águia, a inóspita morada  
Vem rastejar no chão como a serpente.

De que te vale o espaço se te cansa?  
Quanto mais sobes mais o espaço avança...  
Desce ao chão, águia audaz, que a noite é fria.

Volta, ó alma, ao lugar de onde partiste  
O mundo é bom, o espaço é muito triste...  
Talvez tu possas ser feliz um dia.

*Rio de Janeiro, 1933*

## Ânsia

Na treva que se fez em torno a mim  
Eu vi a carne.  
Eu senti a carne que me afogava o peito  
E me trazia à boca o beijo maldito.  
Eu gritei.  
De horror eu gritei que a perdição me possuía a alma  
E ninguém me atendeu.  
Eu me debati em ânsias impuras  
A treva ficou rubra em torno a mim  
E eu caí!

As horas longas passaram.  
O pavor da morte me possuiu.  
No vazio interior ouvi gritos lúgubres  
Mas a boca beijada não respondeu aos gritos.

Tudo quebrou na prostração.

O movimento da treva cessou ante mim.

A carne fugiu  
Desapareceu devagar, sombria, indistinta  
Mas na boca ficou o beijo morto.  
A carne desapareceu na treva  
E eu senti que desaparecia na dor  
Que eu tinha a dor em mim como tivera a carne  
Na violência da posse.

Olhos que olharam a carne  
Por que chorais?  
Chorais talvez a carne que foi  
Ou chorais a carne que jamais voltará?  
Lábios que beijaram a carne  
Por que tremeis?  
Não vos bastou o afago de outros lábios  
Tremeis pelo prazer que eles trouxeram  
Ou tremeis no balbúcio da oração?  
Carne que possui a carne  
Onde o frio?  
Lá fora a noite é quente e o vento é tépido  
Gritam luxúria nesse vento  
Onde o frio?

Pela noite quente eu caminhei...  
Caminhei sem rumo, para o ruído longínquo

Que eu ouvia, do mar.  
Caminhei talvez para a carne  
Que vira fugir de mim.

No desespero das árvores paradas busquei consolação  
E no silêncio das folhas que caíam senti o ódio  
Nos ruídos do mar ouvi o grito de revolta  
E de pavor fugi.

Nada mais existe para mim  
Só talvez tu, Senhor.  
Mas eu sinto em mim o aniquilamento...

Dá-me apenas a aurora, Senhor  
Já que eu não poderei jamais ver a luz do dia.

*Rio de Janeiro, 1933*

## **Velha história**

Depois de atravessar muitos caminhos  
Um homem chegou a uma estrada clara e extensa  
Cheia de calma e luz.  
O homem caminhou pela estrada afora  
Ouvindo a voz dos pássaros e recebendo a luz forte do sol  
Com o peito cheio de cantos e a boca farta de risos.  
O homem caminhou dias e dias pela estrada longa  
Que se perdia na planície uniforme.  
Caminhou dias e dias...  
Os únicos pássaros voaram  
Só o sol ficava  
O sol forte que lhe queimava a fronte pálida.  
Depois de muito tempo ele se lembrou de procurar uma fonte  
Mas o sol tinha secado todas as fontes.  
Ele perscrutou o horizonte  
E viu que a estrada ia além, muito além de todas as coisas.  
Ele perscrutou o céu  
E não viu nenhuma nuvem.

E o homem se lembrou dos outros caminhos.  
Eram difíceis, mas a água cantava em todas as fontes  
Eram íngremes, mas as flores embalsamavam o ar puro  
Os pés sangravam na pedra, mas a árvore amiga velava o sono.  
Lá havia tempestade e havia bonança  
Havia sombra e havia luz.

O homem olhou por um momento a estrada clara e deserta  
Olhou longamente para dentro de si  
E voltou.

*Rio de Janeiro, 1933*

## **Purificação**

Senhor, logo que eu vi a natureza  
As lágrimas secaram.  
Os meus olhos pousados na contemplação  
Viveram o milagre de luz que explodia no céu.

Eu caminhei, Senhor.  
Com as mãos espalmadas eu caminhei para a massa de seiva  
Eu, Senhor, pobre massa sem seiva  
Eu caminhei.  
Nem senti a derrota tremenda  
Do que era mau em mim.  
A luz cresceu, cresceu interiormente  
E toda me envolveu.

A ti, Senhor, gritei que estava puro  
E na natureza ouvi a tua voz.  
Pássaros cantaram no céu  
Eu olhei para o céu e cantei e cantei.  
Senti a alegria da vida  
Que vivia nas flores pequenas  
Senti a beleza da vida  
Que morava na luz e morava no céu  
E cantei e cantei.

A minha voz subiu até ti, Senhor  
E tu me deste a paz.  
Eu te peço, Senhor  
Guarda meu coração no teu coração  
Que ele é puro e simples.  
Guarda a minha alma na tua alma  
Que ela é bela, Senhor.  
Guarda o meu espírito no teu espírito  
Porque ele é a minha luz  
E porque só a ti ele exalta e ama.

*Rio de Janeiro, 1933*

## **Sacrifício**

Num instante foi o sangue, o horror, a morte na lama do chão.

– Segue, disse a voz. E o homem seguiu, impávido

Pisando o sangue do chão, vibrando, na luta.

No ódio do monstro que vinha

Abatendo com o peito a miséria que vivia na terra

O homem sentiu a própria grandeza

E gritou que o heroísmo é das almas incompreendidas.

Ele avançou.

Com o fogo da luta no olhar ele avançou sozinho.

As únicas estrelas que restavam no céu

Desapareceram ofuscadas ao brilho fictício da lua.

O homem sozinho, abandonado na treva

Gritou que a treva é das almas traídas

E que o sacrifício é a luz que redime.

Ele avançou.

Sem temer ele olhou a morte que vinha

E viu na morte o sentido da vitória do Espírito.

No horror do choque tremendo

Aberto em feridas o peito

O homem gritou que a traição é da alma covarde

E que o forte que luta é como o raio que fere

E que deixa no espaço o estrondo da sua vinda.

No sangue e na lama

O corpo sem vida tombou.

Mas nos olhos do homem caído

Havia ainda a luz do sacrifício que redime

E no grande Espírito que adejava o mar e o monte

Mil vozes clamavam que a vitória do homem forte tombado na luta

Era o novo Evangelho para o homem da paz que lavra no campo.

*Rio de Janeiro, 1933*

## **Tarde**

Na hora dolorosa e roxa das emoções silenciosas  
Meu espírito te sentiu.  
Ele te sentiu imensamente triste  
Imensamente sem Deus  
Na tragédia da carne desfeita.

Ele te quis, hora sem tempo  
Porque tu eras a sua imagem, sem Deus e sem tempo.  
Ele te amou  
E te plasmou na visão da manhã e do dia  
Na visão de todas as horas  
Ó hora dolorosa e roxa das emoções silenciosas.

*Rio de Janeiro, 1933*

## Rua da amargura

A minha rua é longa e silenciosa como um caminho que foge  
E tem casas baixas que ficam me espiando de noite  
Quando a minha angústia passa olhando o alto.  
A minha rua tem avenidas escuras e feias  
De onde saem papéis velhos correndo com medo do vento  
E gemidos de pessoas que estão eternamente à morte.  
A minha rua tem gatos que não fogem e cães que não ladram  
Tem árvores grandes que tremem na noite silente  
Fugindo as grandes sombras dos pés aterrados.  
A minha rua é soturna...  
Na capela da igreja há sempre uma voz que murmura louvemos  
Sozinha e prostrada diante da imagem  
Sem medo das costas que a vaga penumbra apunhala.  
A minha rua tem um lampião apagado  
Na frente da casa onde a filha matou o pai  
Porque não queria ser dele.  
No escuro da casa só brilha uma chapa gritando quarenta.

A minha rua é a expiação de grandes pecados  
De homens ferozes perdendo meninas pequenas  
De meninas pequenas levando ventres inchados  
De ventres inchados que vão perder meninas pequenas.  
É a rua da gata louca que mia buscando os filhinhos nas portas das casas.

É a impossibilidade de fuga diante da vida  
É o pecado e a desolação do pecado  
É a aceitação da tragédia e a indiferença ao degredo  
Como negação do aniquilamento.

É uma rua como tantas outras  
Com o mesmo ar feliz de dia e o mesmo desencontro de noite.  
É a rua por onde eu passo a minha angústia  
Ouvindo os ruídos subterrâneos como ecos de prazeres inacabados.  
É a longa rua que me leva ao horror do meu quarto  
Pelo desejo de fugir à sua murmuração tenebrosa  
Que me leva à solidão gelada do meu quarto...

Rua da amargura...

*Rio de Janeiro, 1933*



## **Vigília**

Eu às vezes acordo e olho a noite estrelada  
E sofro doidamente.  
A lágrima que brilha nos meus olhos  
Possui por um segundo a estrela que brilha no céu.  
Eu sofro no silêncio  
Olhando a noite que dorme iluminada  
Pavorosamente acordado à dor e ao silêncio  
Pavorosamente acordado!  
Tudo em mim sofre.  
Ao peito oprimido não basta o ar embalsamado da noite  
Ao coração esmagado não basta a lágrima triste que desce,  
E ao espírito aturdido não basta a consolação do sofrimento.  
Há qualquer coisa fora de mim, não sei, no vago  
Como que uma presença indefinida  
Que eu sinto mas não tenho.

Meu sofrimento é o maior de todos os sentimentos  
Porque ele não precisou a visão que flutua  
E não a precisará jamais.  
A dor estará em mim e eu estarei na dor  
Em todas as minhas vigílias...  
Eu sofrerei até o último dia  
Porque será meu último dia o último dia da minha mocidade.

*Rio de Janeiro, 1933*

## O poeta

A vida do poeta tem um ritmo diferente  
É um contínuo de dor angustiante.  
O poeta é o destinado do sofrimento  
Do sofrimento que lhe clareia a visão de beleza  
E a sua alma é uma parcela do infinito distante  
O infinito que ninguém sonda e ninguém compreende.

Ele é o etemo errante dos caminhos  
Que vai, pisando a terra e olhando o céu  
Preso pelos extremos intangíveis  
Clareando como um raio de sol a paisagem da vida.  
O poeta tem o coração claro das aves  
E a sensibilidade das crianças.  
O poeta chora.  
Chora de manso, com lágrimas doces, com lágrimas tristes  
Olhando o espaço imenso da sua alma.  
O poeta sorri.  
Sorri à vida e à beleza e à amizade  
Sorri com a sua mocidade a todas as mulheres que passam.  
O poeta é bom.  
Ele ama as mulheres castas e as mulheres impuras  
Sua alma as compreende na luz e na lama  
Ele é cheio de amor para as coisas da vida  
E é cheio de respeito para as coisas da morte.  
O poeta não teme a morte.  
Seu espírito penetra a sua visão silenciosa  
E a sua alma de artista possui-a cheia de um novo mistério.  
A sua poesia é a razão da sua existência  
Ela o faz puro e grande e nobre  
E o consola da dor e o consola da angústia.

A vida do poeta tem um ritmo diferente  
Ela o conduz errante pelos caminhos, pisando a terra e olhando o céu  
Preso, eternamente preso pelos extremos intangíveis.

*Rio de Janeiro, 1933*

## **Mormaço**

No silêncio morno das coisas do meio-dia  
Eu me esvaio no aniquilamento dos agudíssimos do violino  
Que a menina pálida estuda há anos sem compreender.  
Eu sinto o letargo das dissonâncias harmônicas  
Do vendedor de modinhas e da pedra do amolador  
Que trazem a visão de mulheres macilentas dançando no espaço  
Na moleza das espatifadas da carne.

Eu vou pouco a pouco adormecendo  
Sentindo os gritos do violino que penetram em todas as frestas  
E ressecam os lábios entreabertos na respiração  
Mas que dão a impressão da mediocridade feliz e boa.

Que importa que a imagem do Cristo pregada na parede seja a verdade...

Eu sinto que a verdade é a grande calma do sono  
Que vem com o cantar longínquo dos galos  
E que me esmaga nos cílios longos beijos luxuriosos...

Eu sinto a queda de tudo na lassidão...  
Adormeço aos poucos na apatia dos ruídos da rua  
E na constância nostálgica da tosse do vizinho tuberculoso  
Que há um ano espera a morte que eu morro no sono do meio-dia.

*Rio de Janeiro, 1933*

## Romanza

Branca mulher de olhos claros  
De olhar branco e luminoso  
Que tinhas luz nas pupilas  
E luz nos cabelos louros  
Onde levou-te o destino  
Que te afastou para longe  
Da minha vista sem vida  
Da minha vida sem vista?

Andavas sempre sozinha  
Sem cão, sem homem, sem Deus  
Eu te seguia sozinho  
Sem cão, sem mulher, sem Deus  
Eras a imagem de um sonho  
A imagem de um sonho eu era  
Ambos levando a tristeza  
Dos que andam em busca do sonho.

Ias sempre, sempre andando  
E eu ia sempre seguindo  
Pisando na tua sombra  
Vendo-a às vezes se afastar  
Nem sabias quem eu era  
Não te assustavam meus passos  
Tu sempre andando na frente  
Eu sempre atrás caminhando.

Toda a noite em minha casa  
Passavas na caminhada  
Eu te esperava e seguia  
Na proteção do meu passo  
E após o curto caminho  
Da praia de ponta a ponta  
Entravas na tua casa  
E eu ia, na caminhada.

Eu te amei, mulher serena  
Amei teu vulto distante  
Amei teu passo elegante  
E a tua beleza clara  
Na noite que sempre vinha  
Mas sempre custava tanto  
Eu via a hora suprema  
Das horas da minha vida.

Eu te seguia e sonhava  
Sonhava que te seguia

Esperava ansioso o instante  
De defender-te de alguém

E então meu passo mais forte  
Dizia: quero falar-te  
E o teu, mais brando, dizia:  
Se queres destruir... vem.

Eu ficava. E te seguia  
Pelo deserto da praia  
Até avistar a casa  
Pequena e branca da esquina.  
Entravas. Por um momento

Esperavas que eu passasse  
Para o olhar de boa-noite  
E o olhar de até-amanhã.

Uma noite... não passaste.  
Esperei-te ansioso, inquieto  
Mas não vieste. Por quê?

Foste embora? Procuraste  
O amor de algum outro passo  
Que em vez de seguir-te sempre  
Andasse sempre ao teu lado?

Eu ando agora sozinho  
Na praia longa e deserta  
Eu ando agora sozinho  
Por que fugiste? Por quê?  
Ao meu passo solitário  
Triste e incerto como nunca  
Só responde a voz das ondas  
Que se esfacelam na areia.

Branca mulher de olhos claros  
Minha alma ainda te deseja  
Traz ao meu passo cansado  
A alegria do teu passo  
Onde levou-te o destino  
Que te afastou para longe  
Da minha vista sem vida  
Da minha vida sem vista?

*Rio de Janeiro, 1933*

## Suspensão

Fora de mim, fora de nós, no espaço, no vago  
A música dolente de uma valsa  
Em mim, profundamente em mim  
A música dolente do teu corpo  
E em tudo, vivendo o momento de todas as coisas  
A música da noite iluminada.  
O ritmo do teu corpo no meu corpo...  
O giro suave da valsa longínqua, da valsa suspensa...  
Meu peito vivendo teu peito  
Meus olhos bebendo teus olhos, bebendo teu rosto  
E a vontade de chorar que vinha de todas as coisas.

*Rio de Janeiro, 1933*

## Vazio

A noite é como um olhar longo e claro de mulher.  
Sinto-me só.  
Em todas as coisas que me rodeiam  
Há um desconhecimento completo da minha infelicidade.  
A noite alta me espia pela janela  
E eu, desamparado de tudo, desamparado de mim próprio  
Olho as coisas em torno  
Com um desconhecimento completo das coisas que me rodeiam.  
Vago em mim mesmo, sozinho, perdido  
Tudo é deserto, minha alma é vazia  
E tem o silêncio grave dos templos abandonados.  
Eu espio a noite pela janela  
Ela tem a quietação maravilhosa do êxtase.  
Mas os gatos embaixo me acordam gritando luxúrias  
E eu penso que amanhã...  
Mas a gata vê na rua um gato preto e grande  
E foge do gato cinzento.  
Eu espio a noite maravilhosa  
Estranha como um olhar de carne.  
Vejo na grade o gato cinzento olhando os amores da gata e do gato preto  
Perco-me por momentos em antigas aventuras  
E volto à alma vazia e silenciosa que não acorda mais  
Nem à noite clara e longa como um olhar de mulher  
Nem aos gritos luxuriosos dos gatos se amando na rua.

*Rio de Janeiro, 1933*

## Quietação

No espaço claro e longo  
O silêncio é como uma penetração de olhares calmos...  
Eu sinto tudo pousado dentro da noite  
E chega até mim um lamento contínuo de árvores curvas.  
Como desesperados de melancolia  
Uivam na estrada cães cheios de lua.  
O silêncio pesado que desce  
Curva todas as coisas religiosamente  
E o murmúrio que sobe é como uma oração da noite...

Eu penso em ti.  
Minha boca ciciza longamente o teu nome  
E eu busco sentir no ar o aroma morno da tua carne.  
Vejo-te ainda na visão que te precisou no espaço  
Ouvindo de olhos dolentes as palavras de amor que eu te dizia  
Fora do tempo, fora da vida, na cessação suprema do instante  
Ouvindo, junta de mim, a angústia apaixonada da minha voz  
Num desfalecimento.  
Pelo espaço claro e longo  
Vibra a luz branca das estrelas.  
Nem uma aragem, tudo parado, tudo silêncio  
Tudo imensamente repousado.  
E eu cheio de tristeza, sozinho, parado  
Pensando em ti.

*Rio de Janeiro, 1933*

## **Olhos mortos**

Algum dia esses olhos que beijavas tanto  
Numa carícia sem mistérios  
Olharão para o céu e pararão.  
Nesse dia nem o teu beijo angelizante  
Poderá novamente despertá-los.  
A luz que lhes boiava nas pupilas  
Tu a verás talvez na face magra  
Do Cristo prisioneiro entre as mãos crispadas.  
Eles serão brancos – a imagem desse céu alto e suspenso  
Que foi a sua última visão.  
Eles não te dirão mais nada.  
Não te falarão aquela linguagem extraordinária  
Que te repousava como uma música longínqua.  
Não olharão mais nada que uma distância qualquer, longe  
Uma distância que nem tu nem ninguém saberá qual é.  
Eles estarão abertos, compreensivos da morte, parados  
Nem tu conseguirás mais despertá-los.  
E eu te peço – tu que tanto amavas repousá-los  
Com a luz clara do teu olhar sem martírios –  
Não os prendas à angústia triste do teu pranto.  
Silêncio... silêncio... Beija-os ainda e vai...  
Deixa-os fitando eternamente o céu.

*Rio de Janeiro, 1933*



## **A esposa**

Às vezes, nessas noites frias e enevoadas  
Onde o silêncio nasce dos ruídos monótonos e mansos  
Essa estranha visão de mulher calma  
Surgindo do vazio dos meus olhos parados  
Vem espiar minha imobilidade.

E ela fica horas longas, horas silenciosas  
Somente movendo os olhos serenos no meu rosto  
Atenta, à espera do sono que virá e me levará com ele.  
Nada diz, nada pensa, apenas olha – e o seu olhar é como a luz  
De uma estrela velada pela bruma.  
Nada diz. Olha apenas as minhas pálpebras que descem  
Mas que não vencem o olhar perdido longe.  
Nada pensa. Virá e agasalhará minhas mãos frias  
Se sentir frias suas mãos.

Quando a porta ranger e a cabecinha de criança  
Aparecer curiosa e a voz clara chamá-la num reclamo  
Ela apontará para mim pondo o dedo nos lábios  
Sorrindo de um sorriso misterioso  
E se irá num passo leve  
Após o beijo leve e roçagante...

Eu só verei a porta que se vai fechando brandamente...  
Ela terá ido, a esposa amiga, a esposa que eu nunca terei.

*Rio de Janeiro, 1933*

## **A que há de vir**

Aquela que dormirá comigo todas as luas  
É a desejada de minha alma.  
Ela me dará o amor do seu coração  
E me dará o amor da sua carne.

Ela abandonará pai, mãe, filho, esposo  
E virá a mim com os peitos e virá a mim com os lábios  
Ela é a querida da minha alma  
Que me fará longos carinhos nos olhos  
Que me beijará longos beijos nos ouvidos  
Que rirá no meu pranto e rirá no meu riso.  
Ela só verá minhas alegrias e minhas tristezas  
Temerá minha cólera e se aninhará no meu sossego  
Ela abandonará filho e esposo  
Abandonará o mundo e o prazer do mundo  
Abandonará Deus e a Igreja de Deus  
E virá a mim me olhando de olhos claros  
Se oferecendo à minha posse  
Rasgando o véu da nudez sem falso pudor  
Cheia de uma pureza luminosa.  
Ela é a amada sempre nova do meu coração  
Ela ficará me olhando calada  
Que ela só crerá em mim  
Far-me-á a razão suprema das coisas.  
Ela é a amada da minha alma triste  
É a que dará o peito casto  
Onde os meus lábios pousados viverão a vida do seu coração  
Ela é a minha poesia e a minha mocidade  
É a mulher que se guardou para o amado de sua alma  
Que ela sentia vir porque ia ser dela e ela dele.

Ela é o amor vivendo de si mesmo.  
É a que dormirá comigo todas as luas  
E a quem eu protegerei contra os males do mundo.

Ela é a anunciada da minha poesia  
Que eu sinto vindo a mim com os lábios e com os peitos  
E que será minha, só minha, como a força é do forte e a poesia é do poeta.

*Rio de Janeiro, 1933*

## **Carne**

Que importa se a distância estende entre nós léguas e léguas  
Que importa se existe entre nós muitas montanhas?  
O mesmo céu nos cobre  
E a mesma terra liga nossos pés.  
No céu e na terra é tua carne que palpita  
Em tudo eu sinto o teu olhar se desdobrando  
Na carícia violenta do teu beijo.  
Que importa a distância e que importa a montanha  
Se tu és a extensão da carne  
Sempre presente?

*Rio de Janeiro, 1933*

## **Desde sempre**

Na minha frente, no cinema escuro e silencioso  
Eu vejo as imagens musicalmente rítmicas  
Narrando a beleza suave de um drama de amor.  
Atrás de mim, no cinema escuro e silencioso  
Ouço vozes surdas, viciadas  
Vivendo a miséria de uma comédia de carne.  
Cada beijo longo e casto do drama  
Corresponde a cada beijo ruidoso e sensual da comédia  
Minha alma recolhe a carícia de um  
E a minha carne a brutalidade do outro.  
Eu me angustio.  
Desespera-me não me perder da comédia ridícula e falsa  
Para me integrar definitivamente no drama.  
Sinto a minha carne curiosa prendendo-me às palavras implorantes  
Que ambos se trocam na agitação do sexo.  
Tento fugir para a imagem pura e melodiosa  
Mas ouço terrivelmente tudo  
Sem poder tapar os ouvidos.  
Num impulso fujo, vou para longe do casal impudico  
Para somente poder ver a imagem.  
Mas é tarde. Olho o drama sem mais penetrar-lhe a beleza  
Minha imaginação cria o fim da comédia que é sempre o mesmo fim  
E me penetra a alma uma tristeza infinita  
Como se para mim tudo tivesse morrido.

*Rio de Janeiro, 1933*

## **A uma mulher**

Quando a madrugada entrou eu estendi o meu peito nu sobre o teu peito  
Estavas trêmula e teu rosto pálido e tuas mãos frias  
E a angústia do regresso morava já nos teus olhos.  
Tive piedade do teu destino que era morrer no meu destino  
Quis afastar por um segundo de ti o fardo da carne  
Quis beijar-te num vago carinho agradecido.  
Mas quando meus lábios tocaram teus lábios  
Eu compreendi que a morte já estava no teu corpo  
E que era preciso fugir para não perder o único instante  
Em que foste realmente a ausência de sofrimento  
Em que realmente foste a serenidade.

*Rio de Janeiro, 1933*

## Vinte anos

Pela campina as borboletas se amam ao estrépito das asas.  
Tudo quietação de folhas. E um sol frio  
Interiorizando as almas.  
Mergulhado em mim mesmo, com os olhos errando na campina  
Eu me lembro da minha juventude.  
Penso nela como os velhos na mocidade distante:  
– Na minha juventude...

Eu fui feliz nesse passado grato  
Viviam então em mim forças que já me faltam.  
Possuía a mesma sinceridade nos bons e maus sentimentos.  
Aos frenesis da carne se sucediam os grandes misticismos quietos.  
Era um pequeno condor que ama as alturas  
E tem confiança nas garras.  
Tinha fé em Deus e em mim mesmo  
Confessava-me todo domingo  
E tornava a pecar toda segunda-feira  
Tinha paixão por mulheres casadas  
E fazia sonetos sentimentais e realistas  
Que catalogava num grande livro preto  
A que tinha posto o nome de Foederis Arca.

A minha juventude...  
Onde eu seguia ansioso Tartarin pelos Alpes  
E Júlio Verne foi o mais audaz de todos os cérebros...  
Onde Mr. Pickwick era a alegria das noites de frio  
E Athos o mais perfeito de todos os homens...  
A minha juventude  
Onde Cervantes não era o filósofo de D. Quixote...

A minha juventude  
E a noite passada em claro chorando Jean Valjean que Victor Hugo matara...  
Como vai longe tudo!  
Pesa-me como uma sufocação meus próximos vinte anos  
E esta experiência das coisas que aumenta a cada dia.  
Medo de ser jovem agora e ser ridículo  
Medo da morte futura que a minha juventude desprezava  
Medo de tudo, medo de mim próprio  
Do tédio das vigílias e do tédio dos dias...  
Virá para mim uma velhice como vem para os outros  
Que me disseará na experiência?

Da campina verde voaram as borboletas...

Só a quietação das folhas  
E o meu turbilhão de pensamentos.

## Velhice

Virá o dia em que eu hei de ser um velho experiente  
Olhando as coisas através de uma filosofia sensata  
E lendo os clássicos com a afeição que a minha mocidade não permite.  
Nesse dia Deus talvez tenha entrado definitivamente em meu espírito  
Ou talvez tenha saído definitivamente dele.  
Então todos os meus atos serão encaminhados no sentido do túmulo  
E todas as idéias autobiográficas da mocidade terão desaparecido:  
Ficará talvez somente a idéia do testamento bem escrito.  
Serei um velho, não terei mocidade, nem sexo, nem vida  
Só terei uma experiência extraordinária.  
Fecharei minha alma a todos e a tudo  
Passará por mim muito longe o ruído da vida e do mundo  
Só o ruído do coração doente me avisará de uns restos de vida em mim.  
Nem o cigarro da mocidade restará.  
Será um cigarro forte que satisfará os pulmões viciados  
E que dará a tudo um ar saturado de velhice.  
Não escreverei mais a lápis  
E só usarei pergaminhos compridos.  
Terei um casaco de alpaca que me fechará os olhos.  
Serei um corpo sem mocidade, inútil, vazio  
Cheio de irritação para com a vida  
Cheio de irritação para comigo mesmo.

O eterno velho que nada é, nada vale, nada teve  
O velho cujo único valor é ser o cadáver de uma mocidade criadora.

*Rio de Janeiro, 1933*

## **Fim**

Será que cheguei ao fim de todos os caminhos  
E só resta a possibilidade de permanecer?  
Será a Verdade apenas um incentivo à caminhada  
Ou será ela a própria caminhada?  
Terão mentido os que surgiram da treva e gritaram – Espírito!  
E gritaram – Coragem!  
Rasgarei as mãos nas pedras da enorme muralha  
Que fecha tudo à libertação?  
Lançarei meu corpo à vala comum dos falidos  
Ou cairei lutando contra o impossível que antolha-me os passos  
Apenas pela glória de tombar lutando?

Será que eu cheguei ao fim de todos os caminhos...  
Ao fim de todos os caminhos?

*Rio de Janeiro, 1933*

## **Extensão**

Eu busquei encontrar na extensão um caminho  
Um caminho qualquer para qualquer lugar.  
Eu segui ao sabor de todos os ventos  
Mas somente a extensão.

Chorei. Prostrado na terra eu olhei para o céu  
E pedi ao Senhor o caminho da fé.  
Noites e noites foram-se em silêncio  
E somente a extensão.

Quis morrer. Talvez a terra fosse o único caminho  
E à terra me abracei esperando o meu fim  
Porém tudo era terra e eu não quis mais a terra  
Que era a grande extensão.

Quis viver. E em mim mesmo eu busquei o caminho  
Na ansiedade de uma última esperança  
Eu olhei – e volvi à extensão desesperado  
Era tudo extensão.

*Rio de Janeiro, 1933*

## **Minha mãe**

Minha mãe, minha mãe, eu tenho medo  
Tenho medo da vida, minha mãe.  
Canta a doce cantiga que cantavas  
Quando eu corria doido ao teu regaço  
Com medo dos fantasmas do telhado.  
Nina o meu sono cheio de inquietude  
Batendo de levinho no meu braço  
Que estou com muito medo, minha mãe.  
Repousa a luz amiga dos teus olhos  
Nos meus olhos sem luz e sem repouso  
Dize à dor que me espera eternamente  
Para ir embora. Expulsa a angústia imensa  
Do meu ser que não quer e que não pode  
Dá-me um beijo na fronte dolorida  
Que ela arde de febre, minha mãe.

Aninha-me em teu colo como outrora  
Dize-me bem baixo assim: – Filho, não temas  
Dorme em sossego, que tua mãe não dorme.  
Dorme. Os que de há muito te esperavam  
Cansados já se foram para longe.  
Perto de ti está tua mãezinha  
Teu irmão, que o estudo adormeceu  
Tuas irmãs pisando de levinho  
Para não despertar o sono teu.  
Dorme, meu filho, dorme no meu peito  
Sonha a felicidade. Velo eu.

Minha mãe, minha mãe, eu tenho medo  
Me apavora a renúncia. Dize que eu fique  
Dize que eu parta, ó mãe, para a saudade.  
Afugenta este espaço que me prende  
Afugenta o infinito que me chama  
Que eu estou com muito medo, minha mãe.

*Rio de Janeiro, 1933*



## **Solidão**

Desesperança das desesperanças...  
Última e triste luz de uma alma em treva...  
– A vida é um sonho vão que a vida leva  
Cheio de dores tristemente mansas.

– É mais belo o fulgor do céu que neva  
Que os esplendores fortes das bonanças  
Mais humano é o desejo que nos ceva  
Que as gargalhadas claras das crianças.

Eu sigo o meu caminho incompreendido  
Sem crença e sem amor, como um perdido  
Na certeza cruel que nada importa.

Às vezes vem cantando um passarinho  
Mas passa. E eu vou seguindo o meu caminho  
Na tristeza sem fim de uma alma morta.

*Rio de Janeiro, 1933*

## Os inconsoláveis

Desesperados vamos pelos caminhos desertos  
Sem lágrimas nos olhos  
Desesperados buscamos constelações no céu enorme  
E em tudo, a escuridão.  
Quem nos levará à claridade  
Quem nos arrancará da visão a treva imóvel  
E falará da aurora prometida?  
Procuramos em vão na multidão que segue  
Um olhar que encoraje nosso olhar  
Mas todos procuramos olhos esperançosos  
E ninguém os encontra.  
Aos que vêm a nós cheios de angústia  
Mostramos a chaga interior sangrando angústias  
E eles lá se vão sofrendo mais.  
Aos que vamos em busca de alegria  
Mostramos a tristeza de nós mesmos  
E eles sofrem, que eles são os infelizes  
Que eles são os sem-consolo...

Quando virá o fim da noite  
Para as almas que sofrem no silêncio?  
Por que roubar assim a claridade  
Aos pássaros da luz?  
Por que fechar assim o espaço eterno  
Às águias gigantescas?  
Por que encadear assim à terra  
Espíritos que são do imensamente alto?

Ei-la que vai, a procissão das almas  
Sem gritos, sem prantos, cheia do silêncio do sofrimento  
Andando pela infinita planície que leva ao desconhecido  
As bocas dolorosas não cantam  
Porque os olhos parados não vêem.  
Tudo neles é a paralisação da dor no paroxismo  
Tudo neles é a negação do anjo... ...são os Inconsoláveis.

– Águias acorrentadas pelos pés.

*Rio de Janeiro, 1933*

## **Senhor, eu não sou digno**

Para que cantarei nas montanhas sem eco  
As minhas louvações?  
A tristeza de não poder atingir o infinito  
Embargará de lágrimas a minha voz.  
Para que entoarei o salmo harmonioso  
Se tenho na alma um de-profundis?  
Minha voz jamais será clara como a voz das crianças  
Minha voz tem as inflexões dos brados de martírio  
Minha voz enrouqueceu no desespero...  
Para que cantarei  
Se em vez de belos cânticos serenos  
A solidão escutará gemidos?  
Antes ir. Ir pelas montanhas sem eco  
Pelas montanhas sem caminho  
Onde a voz fraca não irá.  
Antes ir – e abafar as louvações no peito  
Ir vazio de cantos pela vida  
Ir pelas montanhas sem eco e sem caminho, pelo silêncio  
Como o silêncio que caminha...

*Rio de Janeiro, 1933*

## **O bom pastor**

Amo andar pelas tardes sem som, brandas, maravilhosas  
Com riscos de andorinhas pelo céu.  
Amo ir solitário pelos caminhos  
Olhando a tarde parada no tempo  
Parada no céu como um pássaro em vôo  
E que vem de asas largas se abatendo.  
Amo desvendar a vaga penumbra que desce  
Amo sentir o ar sem movimento, a luz sem vida  
Tudo interiorizado, tudo paralisado na oração calma...

Amo andar nessas tardes...  
Sinto-me penetrando o sereno vazio de tudo  
Como um raio de luz.  
Cresco, projeto-me ao infinito, agitando  
Para consolar as árvores angustiadas  
E acalmar os pinheiros moribundos.  
Desço aos vales como uma sombra de montanha  
Buscando poesia nos rios parados.  
Sou como o bom-pastor da natureza  
Que recolhe a alma do seu rebanho  
No agasalho da sua alma...

E amo voltar  
Quando tudo não é mais que uma saudade  
Do momento suspenso que foi...  
Amo voltar quando a noite palpita  
Nas primeiras estrelas claras...  
Amo vir com a aragem que começa a descer das montanhas  
Trazendo cheiros agrestes de selva...  
E pelos caminhos já percorridos, voltando com a noite  
Amo sonhar...

*Rio de Janeiro, 1933*

## Sonoridade

Meus ouvidos pousam na noite dormente como aves calmas  
Há iluminações no céu se desfazendo...  
O grilo é um coração pulsando no sono do espaço  
E as folhas farfalham um murmúrio de coisas passadas  
Devagarinho...  
Em árvores longínquas pássaros sonâmbulos pipilam  
E águas desconhecidas escorrem sussurros brancos na treva.  
Na escuta meus olhos se fecham, meus lábios se oprimem  
Tudo em mim é o instante de percepção de todas as vibrações.  
Pela reta invisível os galos são vigilantes que gritam sossego  
Mais forte, mais fraco, mais brando, mais longe, sumindo  
Voltando, mais longe, mais brando, mais fraco, mais forte.  
Batidos distantes de passos caminham no escuro sem almas  
Amantes que voltam...

Pouco a pouco todos os ruídos se vão penetrando como dedos  
E a noite ora.  
Eu ouço a estranha ladainha  
E ponho os olhos no alto, sonolento.  
Um vento leve começa a descer como um sopro de bênção  
Ora pro nobis...

Os primeiros perfumes ascendem da terra  
Como emanações de calor de um corpo jovem.  
Na treva os lírios tremem, as rosas se desfolham...  
O silêncio sopra sono pelo vento  
Tudo se dilata um momento e se enlanguesce  
E dorme.  
Eu vou me desprendendo de mansinho...

A noite dorme.

*Rio de Janeiro, 1933*

## **O poeta na madrugada**

Quando o poeta chegou à cidade  
A aurora vinha clareando o céu distante  
E as primeiras mulheres passavam levando cântaros cheios.  
Os olhos do poeta tinham as claridades da aurora  
E ele cantou a beleza da nova madrugada.  
As mulheres beijaram a fronte do poeta  
E rogaram o seu amor.  
O poeta sorriu.  
Mostrou-lhes no céu claro o pássaro que voava  
E disse que a visão da beleza era da poesia  
O poeta tem a alegria que vive na luz  
E tem a mocidade que nasce da luz.  
As mulheres seguiram o poeta  
Oferecendo a tristeza do seu amor e a alegria da sua carne  
O poeta amou a carne das mulheres  
Mas não envelheceu no amor que elas lhe davam.  
O poeta quando ama  
É como a flor que murcha sem seiva  
Porque o amor do poeta  
É a seiva do mundo  
E se o poeta amasse  
Ele não viveria eternamente jovem, brilhando na luz.

Quando a nova madrugada raiou no céu distante  
O poeta já tinha partido  
E seguindo o poeta as mulheres de peitos fartos e de cântaros cheios  
Falavam de ardentes promessas de amor.

*Rio de Janeiro, 1933*

## **Judeu errante**

Hei de seguir eternamente a estrada  
Que há tanto tempo venho já seguindo  
Sem me importar com a noite que vem vindo  
Como uma pavorosa alma penada.

Sem fé na redenção, sem crença em nada  
Fugitivo que a dor vem perseguindo  
Busco eu também a paz onde, sorrindo  
Será também minha alma uma alvorada.

Onde é ela? Talvez nem mesmo exista...  
Ninguém sabe onde fica... Certo, dista  
Muitas e muitas léguas de caminho...

Não importa. O que importa é ir em fora  
Pela ilusão de procurar a aurora  
Sofrendo a dor de caminhar sozinho.

*Rio de Janeiro, 1933*

## O vale do paraíso

Quando vier de novo o céu de maio largando estrelas  
Eu irei, lá onde os pinheiros recendem nas manhãs úmidas  
Lá onde a aragem não desdenha a pequenina flor das encostas  
Será como sempre, na estrada vermelha a grande pedra recolherá sol  
E os pequenos insetos irão e virão, e longe um cão ladrará  
E nos tufos dos arbustos haverá enredados de orvalho nas teias de aranha.  
As montanhas, vejo-as iluminadas, ardendo no grande sol amarelo  
As vertentes algodoadas de neblina, lembro-as suspendendo árvores

(nas nuvens

As matas, sinto-as ainda vibrando na comunhão das sensações  
Como uma epiderme verde, porejada.  
Na eminência a casa estará rindo no lampejar dos vidros das suas mil janelas  
A sineta tocará matinas e a presença de Deus não permitirá a Ave-Maria  
Apenas a poesia estará nas ramadas que entram pela porta  
E a água estará fria e todos correrão pela grama  
E o pão estará fresco e os olhos estarão satisfeitos.  
Eu irei, será como sempre, nunca o silêncio sem remédio das insônias  
O vento cantará nas frinchas e os grilos trilarão folhas secas  
E haverá coaxos distantes a cada instante  
Depois as grandes chuvas encharcando o barro e esmagando a erva  
E batendo nas latas vagas monotonias de cidade.

Eu me recolherei um minuto e escreverei: – "Onde estará a volúpia?..."  
E as borboletas se fecundando não me responderão.

Será como sempre, será a altura, será a proximidade da suprema inexistência  
Lá onde à noite o frio imobiliza a luz cadente das estrelas  
Lá onde eu irei.

*Rio de Janeiro, 1933*



## **A grande voz**

É terrível, Senhor! Só a voz do prazer cresce nos ares.  
Nem mais um gemido de dor, nem mais um clamor de heroísmo  
Só a miséria da carne, e o mundo se desfazendo na lama da carne.

É terrível, Senhor. Desce teus olhos.  
As almas sãs clamam a tua misericórdia.  
Elas crêem em ti. Crêem na redenção do sacrifício.  
Dize-lhes, Senhor, que és o Deus da Justiça e não da covardia  
Dize-lhes que o espírito é da luta e não do crime.

Dize-lhes, Senhor, que não é tarde!

Senhor! Tudo é blasfêmia e tudo é lodo.  
Se um lembra que amanhã é o dia da miséria  
Mil gritam que hoje é o dia da carne.  
Olha, Senhor, antes que seja tarde  
Abandona um momento os puros e os bem-aventurados  
Desvia um segundo o teu olhar de Roma  
Dá remédio a esta infelicidade sem remédio  
Antes que ela corrompa os bem-aventurados e os puros.  
Não, meu Deus. Não pode prevalecer o prazer e mentira.  
A verdade é o Espírito. Tu és o Espírito supremo  
E tu exigiste de Abraão o sacrifício de um filho.  
Na verdade o que é forte é o que mata se o Espírito exige.  
É o que sacrifica à causa do bem seu ouro e seu filho.  
A alma do prazer é da terra. A alma da luta e do espaço.  
E a alma do espaço aniquilará a alma da terra  
Para que a Verdade subsista.

Talvez, Senhor meu Deus, fora melhor  
Findar a humanidade esfacelada  
Com o fogo sagrado de Sodoma.

Melhor fora, talvez, lançar teu raio  
E terminar eternamente tudo.  
Mas não, Senhor. A morte aniquila – ao fraco a morte ingloria.  
A luta redime – ao forte a luta e a vida.  
Mais vale, Senhor, a tua piedade  
Mais vale o teu amor concitando ao combate último.

Senhor, eu não compreendo os teus sagrados desígnios.  
Jeová – tu chamaste à luta os homens fortes  
Tua mão lançou pragas contra os ímpios  
Tua voz incitou ao sacrifício da vida as multidões.  
Jesus – tu pregaste a parábola suave

Tu apanhaste na face humildemente  
E carregaste ao Gólgota o madeiro.  
Senhor eu não os compreendo, teus desígnios.

Senhor, antes de seres Jesus a humanidade era forte  
Os homens bons ouviam a doçura da tua voz  
Os maus sentiam a dureza da tua cólera.  
E depois, depois que passaste pelo mundo  
Teu doce ensinamento foi esquecido  
Tua existência foi negada  
Veio a treva, veio o horror, veio o pecado  
Ressuscitou Sodoma.

Senhor, a humanidade precisa ouvir a voz de Jeová  
Os fortes precisam se erguer de armas em punho  
Contra o mal – contra o fraco que não luta.  
A guerra, Senhor, é em verdade a lei da vida  
O homem precisa lutar, porque está escrito  
Que o Espírito há de permanecer na face da Terra.

Senhor! Concita os fortes ao combate  
Sopra nas multidões inquietas o sopro da luta  
Precipita-nos no horror da avalanche suprema.  
Dá ao homem que sofre a paz da guerra  
Dá à terra cadáveres heróicos  
Dá sangue quente ao chão!

Senhor! Tu que criaste a humanidade.  
Dize-lhe que o sacrifício será a redenção do mundo  
E que os fracos hão de perecer nas mãos dos fortes.  
Dá-lhe a morte no campo de batalha  
Dá-lhe as grandes avançadas furiosas  
Dá-lhe a guerra, Senhor!

*Rio de Janeiro, 1933*

## O olhar para trás

Nem surgisse um olhar de piedade ou de amor  
Nem houvesse uma branca mão que apaziguasse minha fronte palpitante...  
Eu estaria sempre como um círio queimando para o céu a minha fatalidade  
Sobre o cadáver ainda morno desse passado adolescente.

Talvez no espaço perfeito aparecesse a visão nua  
Ou talvez a porta do oratório se fosse abrindo misteriosamente...  
Eu estaria esquecido, tateando suavemente a face do filho morto  
Partido de dor, chorando sobre o seu corpo insepultável.

Talvez da carne do homem prostrado se visse sair uma sombra igual à minha  
Que amasse as andorinhas, os seios virgens, os perfumes e os lírios da terra  
Talvez... mas todas as visões estariam também em minhas lágrimas boiando  
E elas seriam como óleo santo e como pétalas se derramando sobre o nada.

Alguém gritaria longe: – "Quantas rosas nos deu a primavera!..."  
Eu olharia vagamente o jardim cheio de sol e de cores noivas se enlaçando  
Talvez mesmo meu olhar seguisse da flor o vôo rápido de um pássaro  
Mas sob meus dedos vivos estaria a sua boca fria e os seus cabelos luminosos.

Rumores chegariam a mim, distintos como passos na madrugada  
Uma voz cantou, foi a irmã, foi a irmã vestida de branco! – a sua voz é fresca  
como o orvalho...  
Beijam-me a face – irmã vestida de azul, por que estás triste?  
Deu-te a vida a velar um passado também?

Voltaria o silêncio – seria uma quietude de nave em Senhor Morto  
Numa onda de dor eu tomaria a pobre face em minhas mãos angustiadas  
Auscultaria o sopro, diria à toa – Escuta, acorda  
Por que me deixaste assim sem me dizeres quem eu sou?

E o olhar estaria ansioso esperando  
E a cabeça ao sabor da mágoa balançando  
E o coração fugindo e o coração voltando  
E os minutos passando e os minutos passando...

No entanto, dentro do sol a minha sombra se projeta  
Sobre as casas avança o seu vago perfil tristonho  
Anda, dilui-se, dobra-se nos degraus das altas escadas silenciosas  
E morre quando o prazer pede a treva para a consumação da sua miséria.

E que ela vai sofrer o instante que me falta  
Esse instante de amor, de sonho, de esquecimento  
E quando chega, a horas mortas, deixa em meu ser uma braçada de

(lembranças  
Que eu desfolho saudoso sobre o corpo embalsamado do eterno ausente.

Nem surgisse em minhas mãos a rósea ferida  
Nem porejasse em minha pele o sangue da agonia...  
Eu diria – Senhor, por que me escolheste a mim que sou escravo  
Por que chegaste a mim cheio de chagas?

Nem do meu vazio te criasses, anjo que eu sonhei de brancos seios  
De branco ventre e de brancas pernas acordadas  
Nem vibrasses no espaço em que te moldei perfeita...  
Eu te diria – Por que vieste te dar ao já vendido?

Oh, estranho hùmus deste ser inerme e que eu sinto latente  
Escorre sobre mim como o luar nas fontes pobres  
Embriaga o meu peito do teu bafo que é como o sândalo  
Enche o meu espírito do teu sangue que é a própria vida!

Fora, um riso de criança – longínqua infância da hóstia consagrada  
Aqui estou ardendo a minha eternidade junto ao teu corpo frágil!  
Eu sei que a morte abrirá no meu deserto fontes maravilhosas  
E vozes que eu não sabia em mim lutarão contra a Voz.

Agora porém estou vivendo da tua chama como a cera  
O infinito nada poderá contra mim porque de mim quer tudo  
Ele ama no teu sereno cadáver o terrível cadáver que eu seria  
O belo cadáver nu cheio de cicatriz e de úlceras.

Quem chamou por mim, tu, mãe? Teu filho sonha...  
Lembras-te, mãe, a juventude, a grande praia enluarada...  
Pensaste em mim, mãe? Oh, tudo é tão triste  
A casa, o jardim, o teu olhar, o meu olhar, o olhar de Deus...

E sob a minha mão tenho a impressão da boca fria murmurando  
Sinto-me cego e olho o céu e leio nos dedos a mágica lembrança  
Passastes, estrelas... Voltaís de novo arrastando brancos véus  
Passastes, luas... Voltaís de novo arrastando negros véus...

*Rio de Janeiro, 1935*

## Sursum

Eu avanço no espaço as mãos crispadas, essas mãos juntas – lembras-te? –  
(que o destino das coisas separou  
E sinto vir se desenrolando no ar o grande manto luminoso onde os anjos  
(entoam madrugadas...  
A névoa é como o incenso que desce e se desmancha em brancas visões que  
(vão subindo...  
– Vão subindo as colunas do céu... (cisnes em multidão!) como os olhares  
(serenos estão longe!...  
Oh, vitrais iluminados que vindes crescendo nas brumas da aurora, o  
(sangue escorre do coração dos vossos santos  
Oh, Mãe das Sete Espadas... Os anjos passeiam com pés de lã sobre as  
(teclas dos velhos harmônios...  
Oh, extensão escura de fiéis! Cabeças que vos curvaís ao peso tão leve da  
(gaze eucarística  
Ouvís? Há sobre nós um brando tatarar de asas enormes  
O sopro de uma presença invade a grande floresta de mármore em ascensão.  
Sentís? Há um olhar de luz passando em meus cabelos, agnus dei...  
Oh, repousar a face, dormir a carne misteriosa dentro do perfume do  
(incenso em ondas!  
No branco lajedo os passos caminham, os anjos farfalham as vestes de seda  
Homens, derramai-vos como a semente pelo chão! o triste é o que não pode  
(ter amor...  
Do órgão como uma colméia os sons são abelhas eternas fugindo, zumbindo,  
(parando no ar  
Homens, cresci da terra como as sementes e cantai velhas canções  
(lembradas...  
Vejo chegar a procissão de arcanjos – seus olhos fixam a cruz da consagração  
(que se iluminou no espaço  
Cantam seus olhos azuis, tantum ergo! – de suas cabeleiras loiras brota o  
(incêndio impalpável da destinação  
Queimam... alongam em êxtase os corpos de cera, e crepitando serenamente  
(a cabeça em chamas  
Voam – sobre o mistério voam os círios alados cruzando o ar um frêmito de  
(fogo!...  
Oh, foi outrora, quando nascia o sol – Tudo volta, eu dizia – e olhava o céu  
(onde eu não via Deus suspenso sobre o caos como o impossível  
equilíbrio  
Balançando o imenso turíbulo do tempo sobre a inexistência da humana  
(serenidade.

*Rio de Janeiro, 1935*

## **Ilha do Governador**

Esse ruído dentro do mar invisível são barcos passando  
Esse ei-ou que ficou nos meus ouvidos são os pescadores esquecidos  
Eles vêm remando sob o peso de grandes mágoas  
Vêm de longe e murmurando desaparecem no escuro quieto.  
De onde chega essa voz que canta a juventude calma?  
De onde sai esse som de piano antigo sonhando a "Berceuse"?  
Por que vieram as grandes carroças entornando cal no barro molhado?

Os olhos de Susana eram doces mas Eli tinha seios bonitos  
Eu sofria junto de Suzana – ela era a contemplação das tardes longas  
Eli era o beijo ardente sobre a areia úmida.  
Eu me admirava horas e horas no espelho.

Um dia mandei: "Susana, esquece-me, não sou digno de ti – sempre teu..."  
Depois, eu e Eli fomos andando... – ela tremia no meu braço  
Eu tremia no braço dela, os seios dela tremiam  
A noite tremia nos ei-ou dos pescadores...  
Meus amigos se chamavam Mário e Quincas, eram humildes, não sabiam  
Com eles aprendi a rachar lenha e ir buscar conchas sonoras no mar fundo  
Comigo eles aprenderam a conquistar as jovens praianas tímidas e risonhas.  
Eu mostrava meus sonetos aos meus amigos – eles mostravam os grandes  
    (olhos abertos)  
E gratos me traziam mangas maduras roubadas nos caminhos.

Um dia eu li Alexandre Dumas e esqueci os meus amigos.  
Depois recebi um saco de mangas  
Toda a afeição da ausência...

Como não lembrar essas noites cheias de mar batendo?  
Como não lembrar Susana e Eli?  
Como esquecer os amigos pobres?  
Eles são essa memória que é sempre sofrimento  
Vêm da noite inquieta que agora me cobre.  
São o olhar de Clara e o beijo de Carmem  
São os novos amigos, os que roubaram luz e me trouxeram.  
Como esquecer isso que foi a primeira angústia  
Se o murmúrio do mar está sempre nos meus ouvidos  
Se o barco que eu não via é a vida passando  
Se o ei-ou dos pescadores é o gemido de angústia de todas as noites?

*Rio de Janeiro, 1935*

## O prisioneiro

Eu cerrei brandamente a janela sobre a noite quieta  
E fiquei sozinho e parado, longe de tudo.  
Nenhuma percepção – talvez uma leve sensação de frio no vento  
E uma vaga visão de objetos boiando no vácuo dos olhos.  
Nenhum movimento – distâncias infinitas em todas as coisas

No lençol branco que era outrora o grande esquecimento  
No poeta que ontem era o refúgio e a lágrima  
E no misericordioso olhar de luz que sempre fora o supremo apelo.  
Nenhum caminho – nem a possibilidade de um gesto desalentado  
Na angústia de não ferir o desespero do espaço móvel.

Passariam as horas e nas horas o auge de cada instante de sofrimento  
Passariam as horas até a hora de voltar para o amor das almas  
E seguir com elas até a próxima noite.  
Nenhum movimento – é preciso não despertar o sono dos que velam em  
(espírito  
É preciso esquecer que há poesia a ser colhida nas longas estradas.  
Nenhum pensamento – a mobilidade será o horror de todas as noites  
É preciso ser feliz na imobilidade.

*Rio de Janeiro, 1935*

## O bom ladrão

São horas, inclina o teu doloroso rosto sobre a visão da velha paisagem quieta  
Passeia o teu mais fundo olhar sobre os brancos horizontes onde há imagens  
(perdidas

Afaga num derradeiro gesto os cabelos de tuas irmãs chorando

Beija uma vez mais a fronte materna.

São horas! Grava na última lágrima toda a desolação vivida

Liberta das cavas escuras, ó grande bandido, a tua alma, trágica esposa

E vai – é longe, é muito longe! – talvez toda uma vida, talvez nunca...

Foi outrora... Dizem que primeiro ele andou de mão em mão e muito poucos  
(o quiseram

E que por ele foi transformada a face da vida e que de medo o enterraram

E que desde então ninguém se atreve a penetrar a terra bendita.

É a suprema aventura – vai! ele está lá... – é tão maior que Monte-Cristo!

Está lá voltado paradamente para as estrelas claras

Aberto para a pouca fé dos teus olhos

Palpável para a insaciedade dos teus dedos.

Está lá, o grande tesouro, num campo silencioso como os teus passos

Sob uma laje bruta como a tua inteligência

Numa cova negra como o teu destino humano.

No entanto ele é luz e beleza e glória

E se tu o tocares, a manhã se fâra em todos os abismos

Rompe a terra com as mesmas mãos com que rompestes a carne

Penetra a profundidade da morte, ó tu que jogas a cada instante com a tua  
(vida

E se ainda assim te cegar a dúvida, toca-o, mergulha nele o rosto sangrento

Porque ele é teu nesse momento, tu poderás levá-lo para sempre

Poderás viver dele e só dele porque tu és dele na eternidade.

Porém será muito ouro para as tuas arcas...

Será, deixa que eu te diga, muito ouro para as tuas arcas...

Olha! a teus pés Jerusalém se estende e dorme o sono dos pecadores

Além as terras se misturam como lésbicas esquecidas

Mais longe ainda, no teu país, as tuas desoladas te pranteiam

Volta. Traz o bastante para a consolação dos teus aflitos

Tua alegria será maior porque há ulcerados nos caminhos

Há mulheres perdidas chorando nas portas

Há judeus a espoliar pelas tavernas

Volta... Há tanto ouro no campo-santo

Que tua avareza seria vã para contê-lo

Volta... Ensina à humanidade a roubar o arrependimento

Porque todo o arrependimento será pouco para a culpa de ter roubado...

Porém tu serás o bom-ladrão, tu estarás nas chagas do peito...

*Rio de Janeiro, 1935*



## **Ausência**

Eu deixarei que morra em mim o desejo de amar os teus olhos que são doces  
Porque nada te poderei dar senão a mágoa de me veres eternamente exausto.  
No entanto a tua presença é qualquer coisa como a luz e a vida  
E eu sinto que em meu gesto existe o teu gesto e em minha voz a tua voz.  
Não te quero ter porque em meu ser tudo estaria terminado  
Quero só que surjas em mim como a fé nos desesperados  
Para que eu possa levar uma gota de orvalho nesta terra amaldiçoada  
Que ficou sobre a minha carne como uma nódoa do passado.  
Eu deixarei... tu irás e encostarás a tua face em outra face  
Teus dedos enlaçarão outros dedos e tu desabrocharás para a madrugada  
Mas tu não saberás que quem te colheu fui eu, porque eu fui o grande íntimo  
(da noite  
Porque eu encostei minha face na face da noite e ouvi a tua fala amorosa  
Porque meus dedos enlaçaram os dedos da névoa suspensos no espaço  
E eu trouxe até mim a misteriosa essência do teu abandono desordenado.  
Eu ficarei só como os veleiros nos portos silenciosos  
Mas eu te possuirei mais que ninguém porque poderei partir  
E todas as lamentações do mar, do vento, do céu, das aves, das estrelas  
Serão a tua voz presente, a tua voz ausente, a tua voz serenizada.

*Rio de Janeiro, 1935*

## O incriado

Distantes estão os caminhos que vão para o Tempo – outro luar eu vi  
(passar na altura  
Nas plagas verdes as mesmas lamentações escuto como vindas da eterna  
(espera  
O vento ríspido agita sombras de araucárias em corpos nus unidos se amando  
E no meu ser todas as agitações se anulam como as vozes dos campos  
(moribundos.

Oh, de que serve ao amante o amor que não germinará na terra infecunda  
De que serve ao poeta desabrochar sobre o pântano e cantar prisioneiro?  
Nada há a fazer pois que estão brotando crianças trágicas como cactos  
Da semente má que a carne enlouquecida deixou nas matas silenciosas.

Nem plácidas visões restam aos olhos – só o passado surge se a dor surge  
E o passado é como o último morto que é preciso esquecer para ter vida  
Todas as meias-noites soam e o leito está deserto do corpo estendido  
Nas ruas noturnas a alma passeia, desolada e só em busca de Deus.

Eu sou como o velho barco que guarda no seu bojo o eterno ruído do mar  
(batendo  
No entanto como está longe o mar e como é dura a terra sob mim...  
Felizes são os pássaros que chegam mais cedo que eu à suprema fraqueza

E que, voando, caem, pequenos e abençoados, nos parques onde a primavera  
(é eterna.  
Na memória cruel vinte anos seguem a vinte anos na única paisagem humana  
Longe do homem os desertos continuam impassíveis diante da morte  
Os trigais caminham para o lavrador e o suor para a terra  
E dos velhos frutos caídos surgem árvores estranhamente calmas.

Ai, muito andei e em vão... rios enganosos conduziram meu corpo a todas as  
(idades  
Na terra primeira ninguém conhecia o Senhor das bem-aventuranças...  
Quando meu corpo precisou repousar eu repousei, quando minha boca ficou  
(sedenta eu bebi  
Quando meu ser pediu a carne eu dei-lhe a carne mas eu me senti mendigo.

Longe está o espaço onde existem os grandes vôos e onde a música vibra solta  
A cidade deserta é o espaço onde o poeta sonha os grandes vôos solitários  
Mas quando o desespero vem e o poeta se sente morto para a noite  
As entranhas das mulheres afogam o poeta e o entregam dormindo à  
(madrugada.

Terrível é a dor que lança o poeta prisioneiro à suprema miséria  
Terrível é o sono atormentado do homem que suou sacrilegamente a carne  
Mas boa é a companheira errante que traz o esquecimento de um minuto  
Boa é a esquecida que dá o lábio morto ao beijo desesperado.

Onde os cantos longínquos do oceano?... Sobre a espessura verde eu me  
(debruço e busco o infinito  
Ao léu das ondas há cabeleiras abertas como flores – são jovens que o eterno  
(amor surpreendeu  
Nos bosques procuro a seiva úmida mas os troncos estão morrendo  
No chão vejo magros corpos enlaçados de onde a poesia fugiu como o perfume  
(da flor morta.

Muito forte sou para odiar nada senão a vida  
Muito fraco sou para amar nada mais do que a vida  
A gratuidade está no meu coração e a nostalgia dos dias me aniquila  
Porque eu nada serei como ódio e como amor se eu nada conto e nada valho.

Eu sou o Incriado de Deus, o que não teve a sua alma e semelhança  
Eu sou o que surgiu da terra e a quem não coube outra dor senão a terra  
Eu sou a carne louca que freme ante a adolescência impúbere e explode sobre  
(a imagem criada  
Eu sou o demônio do bem e o destinado do mal mas eu nada sou.

De nada vale ao homem a pura compreensão de todas as coisas  
Se ele tem algemas que o impedem de levantar os braços para o alto  
De nada valem ao homem os bons sentimentos se ele descansa nos  
(sentimentos maus  
No teu puríssimo regaço eu nunca estarei, Senhora...

Choram as árvores na espantosa noite, curvadas sobre mim, me olhando...  
Eu caminhando... Sobre o meu corpo as árvores passando...  
Quem morreu se estou vivo, por que choram as árvores?  
Dentro de mim tudo está imóvel, mas eu estou vivo, eu sei que estou vivo  
(porque soffro.

Se alguém não devia sofrer eu não devia, mas soffro e é tudo o mesmo  
Eu tenho o desvelo e a bênção, mas soffro como um desesperado e nada posso  
Soffro a pureza impossível, soffro o amor pequenino dos olhos e das mãos  
Soffro porque a náusea dos seios gastos está amargurando a minha boca.

Não quero a esposa que eu violaria nem o filho que ergueria a mão sobre o  
(meu rosto  
Nada quero porque eu deixo traços de lágrimas por onde passo  
Quisera apenas que todos me desprezassem pela minha fraqueza  
Mas, pelo amor de Deus, não me deixeis nunca sozinho!

Às vezes por um segundo a alma acorda para um grande êxtase sereno  
Num sopro de suspensão a beleza passa e beija a fronte do homem parado  
E então o poeta surge e do seu peito se ouve uma voz maravilhosa,  
Que palpita no ar fremente e envolve todos os gritos num só grito.

Mas depois, quando o poeta foge e o homem volta como de um sonho  
E sente sobre a sua boca um riso que ele desconhece

A cólera penetra em seu coração e ele renega a poesia  
Que veio trazer de volta o princípio de todo o caminho percorrido.

Todos os momentos estão passando e todos os momentos estão sendo vividos  
A essência das rosas invade o peito do homem e ele se apazigua no perfume  
Mas se um pinheiro uiva no vento o coração do homem cerra-se de inquietude  
No entanto ele dormirá ao lado dos pinheiros uivando e das rosas recendendo.

Eu sou o Incriado de Deus, o que não pode fugir à carne e à memória  
Eu sou como velho barco longe do mar, cheio de lamentações no vazio do bojo  
No meu ser todas as agitações se anulam – nada permanece para a vida  
Só eu permaneço parado dentro do tempo passado, passando, passando...

*Rio de Janeiro, 1935*

## **A volta da mulher morena**

Meus amigos, meus irmãos, cegai os olhos da mulher morena  
Que os olhos da mulher morena estão me envolvendo  
E estão me despertando de noite.  
Meus amigos, meus irmãos, cortai os lábios da mulher morena  
Eles são maduros e úmidos e inquietos  
E sabem tirar a volúpia de todos os frios.  
Meus amigos, meus irmãos, e vós que amais a poesia da minha alma  
Cortai os peitos da mulher morena  
Que os peitos da mulher morena sufocam o meu sono  
E trazem cores tristes para os meus olhos.  
Jovem camponesa que me namoras quando eu passo nas tardes  
Traze-me para o contato casto de tuas vestes  
Salva-me dos braços da mulher morena  
Eles são lassos, ficam estendidos imóveis ao longo de mim  
São como raízes recendendo resina fresca  
São como dois silêncios que me paralisam.  
Aventureira do Rio da Vida, compra o meu corpo da mulher morena  
Livra-me do seu ventre como a campina matinal  
Livra-me do seu dorso como a água escorrendo fria.  
Branca avozinha dos caminhos, reza para ir embora a mulher morena  
Reza para murcharem as pernas da mulher morena  
Reza para a velhice roer dentro da mulher morena  
Que a mulher morena está encurvando os meus ombros  
E está trazendo tosse má para o meu peito.  
Meus amigos, meus irmãos, e vós todos que guardais ainda meus últimos  
cantos  
Dai morte cruel à mulher morena!

*Rio de Janeiro, 1935*

## **A queda**

Tu te abaterás sobre mim querendo domar-me mas eu te resistirei  
Porque a minha natureza é mais poderosa do que a tua.  
Ao meu abraço procurarás condensar-te em força – eu te olharei apenas  
Mansamente alisarei teu dorso frio e ao meu desejo hás de moldar-te  
E ao sol te abrirás toda para as núpcias sagradas.  
Hás de ser mulher para o homem  
E em grandes brados espalharás amor ao céu azul e ao ouro das matas.  
Eu ficarei de braços erguidos para os teus seios de pedra  
E escorrerá como um arrepio pelo teu corpo líquido um beijo para os meus  
(olhos  
Na poeira de luz que se levantará como incenso em ondas  
Descerás teus cabelos cheios para ungir-me os pés.

No instante as libélulas voarão paradas e o canto dos pássaros vibrará  
(suspense)  
E todas as árvores tomarão forma de corpos em aleluia.  
Depois eu partirei como um animal de beleza, pelas montanhas  
E teu pranto de saudade estará nos meus ouvidos em todas as caminhadas.

*Rio de Janeiro, 1935*

## O cadafalso

Eu caí de joelhos diante do amor transtornado do teu rosto  
Estavas alta e imóvel – mas teus seios vieram sobre mim e me feriram os olhos  
E trouxeram sangue ao ar onde a tempestade agonizava.  
Subitamente cresci e me multipliquei ao peso de tanta carne  
Cresci sentindo que a pureza escorria de mim como a chuva dos galhos  
E me deixava parado, vazio para a contemplação da tua face.  
Longe do mistério do teu amor, curvado, eu fiquei ante tuas partes intocadas  
Cheio de desejo e inquietação, com uma enorme vontade de chorar no teu  
(vestido.

Para desvendar as tuas formas nas minhas lágrimas  
Agoniado abracei-te e ocultei o meu sopro quente no teu ventre  
E logo te senti como um cepo e em torno a mim eram monges brancos em  
(ofício de mortos

E também – quem chorou? – Vozes como lamentações se repetindo.  
No horror da treva cravou-se em meus olhos uma estranha máscara de dois  
(gumes

E sobre o meu peito e sobre os meus braços, tenazes de fogo, e sob os meus  
(pés piras ardendo.

Oh, tudo era martírio dentro daquelas vozes soluçando

Tudo era dor e escura angústia dentro da noite despertada!

"Me salvem – gritei – me salvem que não sou eu!" – e as ladainhas repetia – me  
(salvem que não sou eu!

E veio então uma mulher como uma visão sangrenta de revolta

Que com mão de gigante colheu o que de sexo havia em mim e o espremeu  
(amargamente

E que separou a minha cabeça violentamente do meu corpo.

Nesse momento eu tive de partir e todos fugiam aterrados

Porque misteriosamente meu corpo transportava minha cabeça para o  
(inferno...

*Rio de Janeiro, 1935*

## **A mulher na noite**

Eu fiquei imóvel e no escuro tu vieste.  
A chuva batia nas vidraças e escorria nas calhas – vinhas andando e eu não  
(te via  
Contudo a volúpia entrou em mim e ulcerou a treva nos meus olhos.  
Eu estava imóvel – tu caminhavas para mim como um pinheiro erguido  
E de repente, não sei, me vi acorrentado no descampado, no meio de insetos  
E as formigas me passeavam pelo corpo úmido.  
Do teu corpo balouçante saíam cobras que se eriçavam sobre o meu peito  
E muito ao longe me parecia ouvir uivos de lobas.  
E então a aragem começou a descer e me arrepiou os nervos  
E os insetos se ocultavam nos meus ouvidos e zunzunavam sobre os meus  
(lábios.  
Eu queria me levantar porque grandes reses me lambiam o rosto  
E cabras cheirando forte urinavam sobre as minhas pernas.  
Uma angústia de morte começou a se apossar do meu ser  
As formigas iam e vinham, os insetos procriavam e zumbiam do meu  
(desespero  
E eu comecei a sufocar sob a rês que me lambia.  
Nesse momento as cobras apertaram o meu pescoço  
E a chuva despejou sobre mim torrentes amargas.  
  
Eu me levantei e comecei a chegar, me parecia vir de longe  
E não havia mais vida na minha frente.

*Rio de Janeiro, 1935*

## **Agonia**

No teu grande corpo branco depois eu fiquei.  
Tinha os olhos lívidos e tive medo.  
Já não havia sombra em ti – eras como um grande deserto de areia  
Onde eu houvesse tombado após uma longa caminhada sem noites.  
Na minha angústia eu buscava a paisagem calma  
Que me havias dado tanto tempo  
Mas tudo era estéril e monstruoso e sem vida  
E teus seios eram dunas desfeitas pelo vendaval que passara.  
Eu estremecia agonizando e procurava me erguer  
Mas teu ventre era como areia movediça para os meus dedos.  
Procurei ficar imóvel e orar, mas fui me afogando em ti mesma  
Desaparecendo no teu ser disperso que se contraía como a voragem.

Depois foi o sono, o escuro, a morte.

Quando despertei era claro e eu tinha brotado novamente  
Vinha cheio do pavor das tuas entranhas.

*Rio de Janeiro, 1935*



## **A legião dos Úrias**

Quando a meia-noite surge nas estradas vertiginosas das montanhas  
Uns após outros, beirando os grotões enlunarados sobre cavalos lívidos  
Passam olhos brilhantes de rostos invisíveis na noite  
Que fixam o vento gelado sem estremecimento.

São os prisioneiros da Lua. Às vezes, se a tempestade  
Apaga no céu a languidez imóvel da grande princesa  
Dizem os camponeses ouvir os uivos tétricos e distantes  
Dos Cavaleiros Úrias que pingam sangue das partes amaldiçoadas.

São os escravos da Lua. Vieram também de ventres brancos e puros  
Tiveram também olhos azuis e cachos louros sobre a fronte...  
Mas um dia a grande princesa os fez enlouquecidos, e eles foram escurecendo  
Em muitos ventres que eram também brancos mas que eram impuros.

E desde então nas noites claras eles aparecem  
Sobre cavalos lívidos que conhecem todos os caminhos  
E vão pelas fazendas arrancando o sexo das meninas e das mães sozinhas  
E das éguas e das vacas que dormem afastadas dos machos fortes.

Aos olhos das velhas paralíticas murchadas que esperam a morte noturna  
Eles descobrem solenemente as netas e as filhas deliquêscientes  
E com garras fortes arrancam do último pano os nervos flácidos e abertos  
Que em suas unhas agudas vivem ainda longas palpitações de sangue.

Depois amontoam a presa sangrenta sob a luz pálida da deusa  
E acendem fogueiras brancas de onde se erguem chamas desconhecidas e  
(fumos  
Que vão ferir as narinas trêmulas dos adolescentes adormecidos  
Que acordam inquietos nas cidades sentindo náuseas e convulsões mornas.

E então, após colherem as vibrações de leitos freminho distantes  
E os rinchos de animais seminando no solo endurecido  
Eles erguem cantos à grande princesa crispada no alto  
E voltam silenciosos para as regiões selvagens onde vagam.

Volta a Legião dos Úrias pelos caminhos enlunarados  
Uns após outros, somente os olhos, negros sobre cavalos lívidos  
Deles foge o abutre que conhece todas as carniças  
E a hiena que já provou de todos os cadáveres.

São eles que deixam dentro do espaço emocionado  
O estranho fluido todo feito de plácidas lembranças  
Que traz às donzelas imagens suaves de outras donzelas.  
E traz aos meninos figuras formosas de outros meninos.

São eles que fazem penetrar nos lares adormecidos  
Onde o novilúnio tomba como um olhar desatinado  
O incenso perturbador das rubras vísceras queimadas  
Que traz à irmã o corpo mais forte da outra irmã.

São eles que abrem os olhos inexperientes e inquietos  
Das crianças apenas lançadas no regaço do mundo  
Para o sangue misterioso esquecido em panos amontoados  
Onde ainda brilha o rubro olhar implacável da grande princesa.

Não há anátema para a Legião dos Cavaleiros Úrias  
Passa o inevitável onde passam os Cavaleiros Úrias  
Por que a fatalidade dos Cavaleiros Úrias?  
Por que, por que os Cavaleiros Úrias?

Oh, se a tempestade boiasse eternamente no céu trágico  
Oh, se fossem apagados os raios da louca estéril  
Oh, se o sangue pingado do desespero dos Cavaleiros Úrias  
Afogasse toda a região amaldiçoada!

Seria talvez belo – seria apenas o sofrimento do amor puro  
Seria o pranto correndo dos olhos de todos os jovens  
Mas a Legião dos Úrias está espiando a altura imóvel  
Fechai as portas, fechai as janelas, fechai-vos meninas!

Eles virão, uns após outros, os olhos brilhando no escuro  
Fixando a lua gelada sem estremecimento  
Chegarão os Úrias, beirando os grotões enlustrados sobre cavalos lívidos  
Quando a meia-noite surgir nas estradas vertiginosas das montanhas.

*Rio de Janeiro, 1935*

## A última parábola

No céu um dia eu vi – quando? era na tarde roxa  
As nuvens brancas e ligeiras do levante contarem a história estranha e  
(desconhecida  
De um cordeiro de luz que pastava no poente distante num grande espaço  
(aberto.  
A visão clara e imóvel fascinava os meus olhos...  
Mas eis que um lobo feroz sobe de trás de uma montanha longínqua  
E avança sobre o animal sagrado que apavorado se adelgaça em mulher nua  
E escraviza o lobo que já agora é um enforcado que balança lentamente ao  
(vento.  
A mulher nua baila para um chefe árabe mas este corta-lhe a cabeça com  
(uma espada  
E atira-a sobre o colo de Jesus entre os pequeninos.  
Eu vejo o olhar de piedade sobre a triste oferenda mas nesse momento saem  
(da cabeça chifres que lhe ferem o rosto  
E eis que é a cabeça de Satã cujo corpo são os pequeninos  
E que ergue um braço apontando a Jesus uma luta de cavalos enfurecidos  
Eu sigo o drama e vejo saírem de todos os lados mulheres e homens  
Que eram como faunos e sereias e outros que eram como centauros  
Se misturarem numa impossível confusão de braços e de pernas  
E se unirem depois num grande gigante descomposto e ébrio de garras  
(abertas.  
O outro braço de Satã se ergue e sustém a queda de uma criança  
Que se despenhou do seio da mãe e que se fragmenta na sua mão alçada  
Eu olho apavorado a luxúria de todo o céu cheio de corpos enlaçados  
E que vai desaparecer na noite mais próxima  
Mas eis que Jesus abre os braços e se agiganta numa cruz que se abaixa  
(lentamente  
E que absorve todos os seres imobilizados no frio da noite.  
Eu chorei e caminhei para a grande cruz pousada no céu  
Mas a escuridão veio e – ai de mim! – a primeira estrela fecundou os meus  
olhos de poesia terrena!...

*Rio de Janeiro, 1935*

## Alba

Alba, no canteiro dos lírios estão caídas as pétalas de uma rosa cor de sangue  
Que tristeza esta vida, minha amiga...  
Lembras-te quando vínhamos na tarde roxa e eles jaziam puros  
E houve um grande amor no nosso coração pela morte distante?  
Ontem, Alba, sofri porque vi subitamente a nódoa rubra entre a carne pálida  
(ferida  
Eu vinha passando tão calmo, Alba, tão longe da angústia, tão suavizado  
Quando a visão daquela flor gloriosa matando a serenidade dos lírios entrou  
(em mim  
E eu senti correr em meu corpo palpitações desordenadas de luxúria.  
Eu sofri, minha amiga, porque aquela rosa me trouxe a lembrança do teu sexo  
(que eu não via  
Sob a lívida pureza da tua pele aveludada e calma  
Eu sofri porque de repente senti o vento e vi que estava nu e ardente  
E porque era teu corpo dormindo que existia diante de meus olhos.  
Como poderias me perdoar, minha amiga, se soubesses que me aproximei da  
(flor como um perdido  
E a tive desfolhada entre minhas mãos nervosas e senti escorrer de mim o  
sêmen da minha volúpia?  
Ela está lá, Alba, sobre o canteiro dos lírios, desfeita e cor de sangue  
Que destino nas coisas, minha amiga!  
Lembras-te, quando eram só os lírios altos e puros?  
Hoje eles continuam misteriosamente vivendo, altos e trêmulos  
Mas a pureza fugiu dos lírios como o último suspiro dos moribundos  
Ficaram apenas as pétalas da rosa, vivas e rubras como a tua lembrança  
Ficou o vento que soprou nas minhas faces e a terra que eu segurei nas  
(minhas mãos.

*Rio de Janeiro, 1935*

## **Uma mulher no meio do mar**

*(Sobre um desenho original de Almir Castro)*

Na praia batida de vento a voz entrecontada chama  
Dentro da noite amarga a grande lua está contigo e está com ela – pausa o  
    (teu rosto sobre a areia!  
A tua lágrima de homem ficará correndo sobre o teu corpo dormindo e te  
    (levará boiando  
E talvez a tua mão inerte encontre a sua mão cheia de frio  
Tudo está sozinho e o supremo abandono pousou sobre o corpo nu da que  
    (deixaste ir  
A onda solitária é o berço do amor e há uma música eterna nas formas  
    (invisíveis  
Passa o teu braço sobre o que foi o triste destroço de um outro mar bem  
    (mais revoltoso  
E sentirás que nunca o pobre corpo foi mais flexuoso ao teu afago nem o  
    (olhar mais aberto ao teu desejo.  
Afaga os seios que os seus beijos poluíram e que a água amante fez altos e  
    (serenos  
Mergulha os dedos pela última vez na úmida cabeleira espessa que se vai  
    (abrir como as medusas  
Porque também a lua vive a vez derradeira a visão escrava  
Porque nunca mais também os olhos que estão parados te mostrarão o céu  
E as linhas que vês desfeitas já pesam como que para o descanso do fundo  
    (que não atingirás.  
Não sentes que é preciso que ela vá, vá dar morada às algas que lhe cobrirão  
    (amorosamente o corpo  
Para fugir de ti que o cobrias apenas com a ardência imutável do teu desejo?  
  
Oh, o amor que abre os braços à piedade!...

*Rio de Janeiro, 1935*

## O escravo

*J'ai plus de souvenirs que si j'avais mille ans.*

Baudelaire

*A grande Morte que cada um traz em si.*

Rilke

Quando a tarde veio o vento veio e eu segui levado como uma folha  
E aos poucos fui desaparecendo na vegetação alta de antigos campos de  
(batalha  
Onde tudo era estranho e silencioso como um gemido.  
Corri na sombra espessa longas horas e nada encontrava  
Em torno de mim tudo era desespero de espadas estorcidas se desvencilhando  
Eu abria caminho sufocado mas a massa me confundia e se apertava  
(impedindo meus passos  
E me prendia as mãos e me cegava os olhos apavorados.  
Quis lutar pela minha vida e procurei romper a extensão em luta  
Mas nesse momento tudo se virou contra mim e eu fui batido  
Foi ficando nodoso e áspero e começou a escorrer resina do meu suor  
E as folhas se enrolavam no meu corpo para me embalsamar.  
Gritei, ergui os braços, mas eu já era outra vida que não a minha  
E logo tudo foi hirto e magro em mim e longe uma estranha litania me  
(fascinava.  
Houve uma grande esperança nos meus olhos sem luz  
Quis avançar sobre os tentáculos das raízes que eram meus pés  
Mas o vale desceu e eu rolei pelo chão, vendo o céu, vendo o chão, vendo o  
(céu, vendo o chão  
Até que me perdi num grande país cheio de sombras altas se movendo...

Aqui é o misterioso reino dos ciprestes...  
Aqui eu estou parado, preso à terra, escravo dos grandes príncipes loucos.  
Aqui vejo coisas que mente humana jamais viu  
Aqui sofro frio que corpo humano jamais sentiu.  
É este o misterioso reino dos ciprestes  
Que aprisionam os cravos lívidos e os lírios pálidos dos túmulos  
E quietos se reverenciam gravemente como uma corte de almas mortas.  
Meu ser vê, meus olhos sentem, minha alma escuta  
A conversa do meu destino nos gestos lentos dos gigantes inconscientes  
Cuja ira desfolha campos de rosas num sopro trêmulo...  
Aqui estou eu pequenino como um musgo mas meu pavor é grande e não  
(conhece luz  
É um pavor que atravessa a distância de toda a minha vida.  
É este o feudo dá morte implacável...  
Vede – reis, príncipes, duques, cortesãos, carrascos do grande país sem

(mulheres  
São seus míseros servos a terra que me aprisionou nas suas entranhas  
O vento que a seu mando entorna da boca dos lírios o orvalho que rega o  
(seu solo

A noite que os aproxima no baile macabro das reverências fantásticas  
E os mochos que entoam lúgubres cantochões ao tempo inacabado...  
É aí que estou prisioneiro entre milhões de prisioneiros  
Pequeno arbusto esgalhado que não dorme e que não vive  
À espera da minha vez que virá sem objeto e sem distância.

É aí que estou acorrentado por mim mesmo à terra que sou eu mesmo  
Pequeno ser imóvel a quem foi dado o desespero  
Vendo passar a imensa noite que traz o vento no seu seio  
Vendo passar o vento que entorna o orvalho que a aurora despeja na boca  
(dos lírios  
Vendo passar os lírios cujo destino é entornar o orvalho na poeira da terra  
(que o vento espalha  
Vendo passar a poeira da terra que o vento espalha e cujo destino é o meu, o  
(meu destino  
Pequeno arbusto parado, poeira da terra preso à poeira da terra, pobre  
(escravo dos príncipes loucos.

*Rio de Janeiro, 1935*

## O outro

Às vezes, na hora trêmula em que os espaços desmancham-se em neblina  
E a gaze da noite se esgarça suspensa na bruma dormente  
Eu sinto sobre o meu ser uma presença estranha que me faz despertar  
(angustiado  
E me faz debruçar à janela sondando os véus que se emaranham dentre as  
(folhas...  
Fico... e muita vez os meus olhos se desprendem misteriosamente das  
(minhas órbitas  
E presos a mim vão penetrando a noite e eu vou me sentindo encher da  
(visão que os leva.  
Vozes e imagens chegam a mim, mas eu inda sou e por isso não vejo  
Vozes enfermas chegam a mim – são como vozes de mães e de irmãs chorando  
Corpos nus de crianças, seios estrangulados, bocas opressas na última  
(angústia  
Mulheres passando atônitas, espectros confusos, diluídos como as visões  
(lacrimosas.  
E de repente eu sou arrancado como um grito e parto e penetro em meus  
(olhos  
E estou sobre o ponto mais alto, sobre o abismo que desce para a aurora  
(que sobe  
Onde na hora extrema o rio humano se despeja vertiginosamente e de onde  
(surgirá  
Lívido e descarnado, quando o pálido sangue do Sol morrendo escorrer da  
(face verde das montanhas  
Mas por que estranho desígnio foi diferente a angústia daquela, manhã  
(tristíssima  
Por que não vieram até mim as lamentações de todas as madrugadas  
Por que quando eu caminhei para o sofrimento, foi o meu sofrimento que eu  
(vi estendido sobre as coisas como a morte?  
Ai de mim! a piedade ferira o meu coração e eu era o mais desamparado  
O consolo estava nas minhas palavras e eu era o único inconsolável  
A riqueza estivera nas minhas mãos e eu era pobre como os olhos dos cegos...  
Na solidão absoluta de mil léguas foi o meu corpo que eu vi acorrentado ao  
(pântano infinito  
Foi a minha boca que eu vi se abrindo ao beijo da água ulcerada de flores  
(leprosas.  
Dormiam sapos sobre a podridão das vitórias moribundas  
E vapores úmidos subiam fétidos como as exalações dos campos de guerra.  
Eu estava só como o homem sem Deus no meio do tempo e sobre minha  
(cabeça pairavam as aves da maldição  
E a vastidão desolada era grande demais para os meus pobres gritos de  
(agonia.  
De fora eu vi e senti medo – como que um ávido polvo me prendia os pés ao  
(fundo da lama  
Eu gritei para o miserável que erguesse os barcos e buscasse a música que



(estava no pântano e na pele desfeita das flores intumescidas  
Mas ele já nada parecia ouvir – era como o mau ladrão crucificado.  
Oh, não estivesse ele tão longe de meus pés e eu o calcaria como um verme  
Não fosse minha náusea e eu o iria matar no seu martírio  
Não existisse a minha incompreensão e eu lhe desfaria a carne entre meus  
(dedos.  
Porque a sua vida está presa à minha e é preciso que eu me liberte  
Porque ele é o desespero vão que mata a serenidade que quer brotar em mim  
Porque as suas úlceras doem numa carne que não é a dele.  
Mas algum dia quando ele estiver dormindo eu esquecerei tudo e afrontarei o  
(pântano.  
Mesmo que pereça eu o esmagarei como uma víbora e o afogarei na lama  
(podre  
E se eu voltar eu sei que as visões passadas não mais povoarão os meus  
(olhos distantes  
Eu sei que terei forças para comer a terra e ficar escorrendo em sangue  
(como as árvores  
Parado diante da beleza, agasalhando os príncipes e os monges, na  
(contemplação da poesia eterna.

*Rio de Janeiro, 1935*

## **A música das almas**

*"Le mal est dans le monde comme un esclave qui fait monter l'eau."*  
Claudel

Na manhã infinita as nuvens surgiram como a loucura numa alma  
E o vento como o instinto desceu os braços das árvores que estrangularam  
(a terra...  
Depois veio a claridade, o grande céu, a paz dos campos...  
Mas nos caminhos todos choravam com os rostos levados para o alto  
Porque a vida tinha misteriosamente passado na tormenta.

*Rio de Janeiro, 1935*

## O bergatim da aurora

Velho, conheces por acaso o bergantim da aurora  
Nunca o viste passar quando a saudade noturna te leva para o convés imóvel  
(dos rochedos?

Há muito tempo ele me lançou sobre uma praia deserta, velho lobo  
E todas as albas têm visto meus olhos nos altos promontórios, esperando.

Sem ele, que poderei fazer, pobre velho? ele existe porque há homens que  
(fogem

Um dia, porque pensasse em Deus eu me vi limpo de todas as feridas  
E eu dormi – ai de mim! – não dormia há tantas noites! – dormi e eles me  
(viram calmo

E me deram às ondas que tiveram pena da minha triste mocidade.

Mas que me vale, santo velho, ver o meu corpo são e a minha alma doente  
Que me vale ver minha pele unida e meu peito alto para o carinho?  
Se eu voltar os olhos, tua filha talvez os ame, que eles são belos, velho lobo  
Antes o bergantim fantasma onde as cordoalhas apodrecem no sangue das  
(mãos...

Nunca o conhecerás, ó alma de apóstolo, o grande bergantim da madrugada  
Ele não corre os mesmos mares que o teu valente brigue outrora viu  
O mar que perdeste matava a fome de tua mulher e de teus filhos  
O mar que eu perdi era a fome mesma, velho, a eterna fome...

Nunca o conhecerás. Há em tuas grandes rugas a vaga doçura dos caminhos  
(pobres  
Teus sofrimentos foram a curta ausência, a lágrima dos adeuses  
Quando a distância apagava a visão de duas mulheres paradas sobre a última  
(rocha  
Já a visão espantosa dos gelos brilhava nos teus olhos – oh, as baleias  
(brancas!...

Mas eu, velho, sofri a grande ausência, o deserto de Deus, o meu deserto  
Como esquecimento tive o gelo desagregado dos seios nus e dos ventres  
(boiando  
Eu, velho lobo, sofri o abandono do amor, tive o exaspero  
Ó solidão, deusa dos vencidos, minha deusa...

Nunca o compreenderás. Nunca sentirás porque um dia eu corri para o vento  
E desci pela areia e entrei pelo mar e nadei e nadei.  
Sonhara...: "Vai. O bergantim é a morte longínqua, é o eterno passeio do  
(pensamento silencioso  
É o judeu dos mares cuja alma avara de dor castiga o corpo errante... "

E fui. Se tu soubesses que a ânsia de chegar é a maior ânsia  
Teus olhos, ó alma de crente, se fechariam como as nuvens  
Porque eu era a folha morta diante dos elementos loucos  
Porque eu era o grão de pó na réstia infinita.

Mas sofrera demais para não ter chegado  
E um dia ele surgiu como um pássaro atroz  
Vi-lhe a negra carcaça à flor das ondas mansas  
E o branco velame inchado de cujos mastaréis pendiam corpos nus.

Mas o homem que chega é o homem que mais sofre  
A memória é a mão de Deus que nos toca de leve e nos faz sondar o caminho  
(atrás  
Ai! sofri por deixar tudo o que tinha tido  
O lar, a mulher e a esperança de atingir Damasco na minha fuga...

Cheguei. Era afinal o vazio da perpétua prisão longe do sofrimento  
Era o trabalho forçado que esquece, era o corpo doendo nas chagas abertas  
Era a suprema magreza da pele contendo o esqueleto fantástico  
Era a suprema magreza do ser contendo o espírito fantástico.

Fui. Por toda a parte homens como eu, sombras vazias  
Homens arrastando vigas, outros velhos, velhos faquires insensíveis  
As fundas órbitas negras, a ossada escolhida, encorajada  
Corpos secos, carne sem dor, morta de há muito.

Por toda a parte homens como eu, homens passando  
Homens nus, murchos, esmagando o sexo ao peso das âncoras enormes  
Bocas rígidas, sem água e sem rum, tûmulos da língua árida e estéril.  
Mãos sangrando como facas cravadas na carne das cordas.

Nunca poderás imaginar, ó coração de pai, o bergantim da aurora  
Que caminha errante ao ritmo fúnebre dos passos se arrastando  
Nele vivi o grande esquecimento das galeras de escravos  
Mas brilhavam demais as estrelas no céu.

E um dia – era o sangue no meu peito – eu vi a grande estrela  
A grande estrela da alba cuja cabeleira aflora às águas  
Ela pousou no meu sangue como a tarde nos montes apaziguados  
E eu pensei que a estrela é o amor de Deus na imensa altura.

E meus olhos dormiram no beijo da estrela fugitiva  
Ai de mim! não dormia há tantas noites! – dormi e eles me viram calmo  
E a serpente que eu nunca supus viver no seio da miséria  
Deu-me às ondas que tiveram pena da minha triste mocidade.

Eis porque estou aqui, velho lobo, esperando  
O grande bergantim que eu sei não voltará  
Mas tornar, pobre velho, é perder tua filha, é verter outro sangue  
Antes o bergantim fantasma, onde o espaço é pobre e a caminhada eterna.

Eis porque, velho lobo, aqui estou esperando  
À luz da mesma estrela, nos altos promontórios  
Aqui a morte me acolherá docemente, esperando  
O grande bergantim que eu sei não voltará.

*Rio de Janeiro, 1935*

## **A impossível partida**

Como poder-te penetrar, ó noite erma, se os meus olhos cegaram nas luzes  
(da cidade  
E se o sangue que corre no meu corpo ficou branco ao contato da carne  
(indesejada?...  
Como poder viver misteriosamente os teus recônditos sentidos  
Se os meus sentidos foram murchando como vão murchando as rosas  
(colhidas  
E se a minha inquietação iria temer a tua eloquência silenciosa?...  
Eu sonhei!... Sonhei cidades desaparecidas nos desertos pálidos  
Sonhei civilizações mortas na contemplação imutável  
Os rios mortos... as sombras mortas... as vozes mortas...  
...o homem parado, envolto em branco sobre a areia branca e a quietude  
(na face...  
Como poder rasgar, noite, o véu constelado do teu mistério  
Se a minha tez é branca e se no meu coração não mais existem os nervos  
(calmos  
Que sustentavam os braços dos Incas horas inteiras no êxtase da tua visão?...  
Eu sonhei!... Sonhei mundos passando como pássaros  
Luzes voando ao vento como folhas  
Nuvens como vagas afogando luas adolescentes...  
Sons... o último suspiro dos condenados vagando em busca de vida...  
O frêmito lúgubre dos corpos penados girando no espaço...  
Imagens... a cor verde dos perfumes se desmanchando na essência das  
(coisas...  
As virgens das auroras dançando suspensas nas gazes da bruma  
Soprando de manso na boca vermelha dos astros...  
Como poder abrir no teu seio, oh noite erma, o pórtico sagrado do Grande  
(Templo  
Se eu estou preso ao passado como a criança ao colo materno  
E se é preciso adormecer na lembrança boa antes que as mãos desconhecidas  
(me arrebatem?...

*Rio de Janeiro, 1935*

## Três respostas em face de Deus

*Familles, je vous hais! foyers clos;  
portes refermées; possessions jalouses du bonheur.*  
A. Gide

*C'est l'ami ni ardent ni faible. L'ami.*  
Rimbaud

*...ô Femme, monceau d'entrailles, pitié douce  
Tu n'est jamais la soeur de charité, jamais!*  
Rimbaud

Sim, vós sois (eu deveria ajoelhar dizendo os vossos nomes!)  
E sem vós quem se mataria no presságio de alguma madrugada?  
À vossa mesa irei murchando para que o vosso vinho vá bebendo  
De minha poesia farei música para que não mais vos firam os seus acentos  
(dolorosos  
Livres as mãos e serei Tântalo – mas o suplício da sede vós o vereis apenas  
(nos meus olhos  
Que adormeceram nas visões das auroras geladas onde o sol de sangue  
(não caminha...

E vós!... (Oh, o fervor de dizer os vossos nomes angustiados!)  
Deixai correr o vosso sangue eterno sobre as minhas lágrimas de ouro!  
Vós sois o espírito, a alma, a inteligência das coisas criadas  
E a vós eu não rirei – rir é atormentar a tragédia interior que ama o silêncio  
Convosco e contra vós eu vagarei em todos os desertos  
E a mesma águia se alimentará das nossas entranhas tormentosas.

E vós, serenos anjos... (eu deveria morrer dizendo os vossos nomes!)  
Vós cujos pequenos seios se iluminavam misteriosamente à minha presença  
(silenciosa!  
Vossa lembrança é como a vida que não abandona o espírito no sono  
Vós fostes para mim o grande encontro...

E vós também, ó árvores de desejo! Vós, a jetatura de Deus enlouquecido  
Vós sereis o demônio em todas as idades.

*Rio de Janeiro, 1935*

## Variações sobre o tema da essência

*(Três movimentos em busca da música)*  
*C'est aussi simple qu'une phrase musicale.*  
Rimbaud

### I

Foi no instante em que o luar desceu da face do Cristo como um velário  
E na madrugada atenta ouviu-se um choro convulso de criança despertando  
Sem que nada se movesse na treva entrou violentamente pela janela um  
(grande seio branco  
Um grande seio apunhalado de onde escorria um sangue roxo e que pulsava  
(como se possuísse um coração.  
Eu estava estendido, insone, como quem vai morrer – o ar pesava sobre mim  
(como um sudário  
E as idéias tinham misteriosamente retornado às coisas e boiavam como  
pássaros fora da minha compreensão.  
O grande seio veio do espaço, veio do espaço e ficou batendo no ar como um  
(corpo de pombo  
Veio com o terror que me apertou a garganta para que o mundo não pudesse  
(ouvir meu grito (o mundo! o mundo! o mundo!...)  
Tudo era o instante original, mas eu de nada sabia senão do meu horror e da  
volúpia que vinha crescendo em minhas pernas  
E que brotava como um lírio impuro e ficava palpitando dentro do ar.  
Era o caos da poesia – eu vivia ali como a pedra despenhada no espaço  
(perfeito  
Mas no olhar que eu lançava dentro de mim, oh, eu sei que havia um grande  
(seio de alabastro pingando sangue e leite.  
E que um lírio vermelho hauria desesperadamente como uma boca infantil da  
(dor.  
Voavam sobre mim asas cansadas e crepes de luto flutuavam – eu tinha  
(embebido a noite de cansaço  
Eu sentia o branco seio murchar, murchar sem vida e o rubro lírio crescer  
(cheio de seiva  
E o horror sair brandamente pelas janelas e a aragem balançar a imagem do  
(Cristo pra lá e pra cá  
Eu sentia a volúpia dormir ao canto dos galos e o luar pousar agora sobre o  
(papel branco como o seio  
E a aurora vir nascendo sob o meu corpo e ir-me levando para as idéias  
(negras, azuis, verdes, rubras, mas também misteriosas.  
Eu me levantei – nos meus dedos os sentidos vivendo, na minha mão um  
(objeto como uma lâmina  
E às cegas eu feri o papel como o seio, enquanto o meu olhar hauria o seio  
(como o lírio.  
O poema desencantado nascia das sombras de Deus...

### II

Provei as fontes de mel nas cavernas tropicais... ( – minha imaginação,

enlouquece!)

Fui perseguido pelas floras carnívoras dos vales torturados e penetrei os rios  
(e cheguei aos bordos do mar fantástico)

Nada me impediu de sonhar a poesia – oh, eu me converti à necessidade do  
(amor primeiro)

E nas correspondências do finito em mim cheguei aos grandes sistemas  
(poéticos do renovamento.)

Só desejei a essência – vi campos de lírios se levantarem da terra e cujas  
(raízes eram ratos brancos em fuga)

Vi-os que corriam para as montanhas e os persegui com a minha ira – subi as  
(escarpas ardentes como se foram virgens)

E quando do mais alto olhei o céu recebi em pleno rosto o vômito das estrelas  
(menstruadas – eternidade!)

O poeta é como a criança que viu a estrela. – Ah, balbucios, palavras  
(entrecortadas e ritmos de berço. De súbito a dor.

Ai de mim! É como o jovem que sonhando nas janelas azuis, eis que a  
(incompreensão vem e ele entra e atravessa à toa um grande corredor  
(sombrio)

E vai se debruçar na janela do fim que se abre para a nova paisagem e ali  
(estende o seu sofrimento (ele retornará...))

Movimentos de areia no meu espírito como se fossem nascer cidades  
(esplêndidas – paz! paz!

Música longínqua penetrando a terra e devolvendo misteriosamente a doçura  
(ao espelho das lâminas e ao brilho dos diamantes.

[homens correndo na minha imaginação – por que correm os homens?

O terrível é pensar que há loucos como eu em todas as estradas

Os faces-de-lua, seres tristes e vãos, legionários do deserto

(Não seria ridículo vê-los carregando o sexo enorme às costas como trágicas  
(mochilas – ai! deixem-me rir...)

Deixem-me rir – por Deus! – que eu me perco em visões que nem sei mais...)

É Jesus passando pelas ruas de Jerusalém ao peso da cruz. Nos campos e nos  
(montes a poesia das parábolas. Vociferações, ódios, punhos cerrados  
(contra o mistério. Destino.

Oh, não! não é a ilusão enganadora nem a palavra vã dos oráculos e dos  
(sonhos)

O poeta mentirá para que o sofrimento dos homens se perpetue.

E eu diria... "Sonhei as fontes de mel..."

### III

Do amor como do fruto. (Sonhos dolorosos das ermas madrugadas  
acordando...)

Nas savanas a visão dos cactos parados à sombra dos escravos – as negras  
(mãos no ventre luminoso das jazidas)

Do amor como do fruto. (A alma dos sons nos algodoais das velhas lendas...)

Êxtases da terra às manadas de búfalos passando – ecos vertiginosos das

(quebradas azuis  
O Mighty Lord!  
Os rios, os pinheiros e a luz no olhar dos cães – as raposas brancas no olhar  
(dos caçadores  
Lobos uivando, Yukon! Yukon! Yukon! (Casebres nascendo das montanhas  
paralisadas...)  
Do amor como da serenidade. Saudade dos vulcões nas lavas de neve  
(descendo os abismos  
Cantos frios de pássaros desconhecidos. (Arco-íris como pórticos de  
eternidade...)  
Do amor como da serenidade nas planícies infinitas o espírito das asas no  
(vento.  
O Lord of Peace!  
  
Do amor como da morte. (Ilhas de gelo ao sabor das correntes...)  
Ursas surgindo da aurora boreal como almas gigantes do grande-silêncio-  
(branco  
Do amor como da morte. (Gotas de sangue sobre a neve...)  
A vida das focas continuamente se arrastando para o não-sei-onde  
– Cadáveres eternos de heróis longínquos  
O Lord of Death!

*Rio de Janeiro, 1935*

## **A lenda da maldição**

A noite viu a criança que subia a escada cheia de risos e de sombras  
E pousou como um pássaro ferido sobre as árvores que choravam.  
A criança era o príncipe-poeta que a música ardente fizera subir à última torre  
E a noite era a camponesa que amava o príncipe e o adormecia no seu canto.  
Quando a criança chegou ao ponto mais alto viu que a música era o riso  
(embriagado  
E que o riso embriagado era das estátuas mortas que tinham no ventre aberto  
(entranhas murchas.  
A criança lembrou-se da noite cheia de entranhas e cujo riso era a poesia  
8eterna  
E a angústia cresceu no seu coração como o mar alto nos penhascos.  
O olhar cego das estátuas levou o herdeiro do reino ao fosso negro – ó  
(príncipe, onde estás? – a voz dizia  
E a água subia, nos braços, no peito, na boca, nos olhos do amado da noite.  
  
Depois saiu do fosso um homem que era o poeta-amaldiçoado  
E que possuiu a noite chorando, adormecida.  
A noite que nada viu continua chamando o príncipe-poeta  
Enquanto o poeta-amaldiçoado chora nos braços das estátuas mortas...

*Rio de Janeiro, 1935*



## Os malditos

*(A aparição do poeta)*

Quantos somos, não sei... Somos um, talvez dois, três, talvez, quatro; cinco,  
(talvez nada  
Talvez a multiplicação de cinco em cinco mil e cujos restos encheriam doze  
(terras  
Quantos, não sei... Só sei que somos muitos – o desespero da dízima infinita  
E que somos belos deuses mas somos trágicos.

Vimos de longe... Quem sabe no sono de Deus tenhamos aparecido como  
(espectros  
Da boca ardente dos vulcões ou da órbita cega dos lagos desaparecidos  
Quem sabe tenhamos germinado misteriosamente do sono cauterizado das  
(batalhas  
Ou do ventre das baleias quem sabe tenhamos surgido?

Vimos de longe – trazemos em nós o orgulho do anjo rebelado  
Do que criou e fez nascer o fogo da ilimitada e altíssima misericórdia  
Trazemos em nós o orgulho de sermos úlceras no eterno corpo de Jó  
E não púrpura e ouro no corpo efêmero de Faraó.

Nascemos da fonte e viemos puros porque herdeiros do sangue  
E também disformes porque – ai dos escravos! não há beleza nas origens  
Voávamos – Deus dera a asa do bem e a asa do mal às nossas formas  
(impalpáveis  
Recolhendo a alma das coisas para o castigo e para a perfeição na vida eterna.

Nascemos da fonte e dentro das eras vagamos como sementes invisíveis o  
(coração dos mundos e dos homens  
Deixando atrás de nós o espaço como a memória latente da nossa vida  
(anterior  
Porque o espaço é o tempo morto – e o espaço é a memória do poeta  
Como o tempo vivo é a memória do homem sobre a terra.

Foi muito antes dos pássaros – apenas rolavam na esfera os cantos de Deus  
E apenas a sua sombra imensa cruzava o ar como um farol alucinado...  
Existíamos já... No caos de Deus girávamos como o pó prisioneiro da vertigem  
Mas de onde viéramos nós e por que privilégio recebido?

E enquanto o eterno tirava da música vazia a harmonia criadora  
E da harmonia criadora a ordem dos seres e da ordem dos seres o amor  
E do amor a morte e da morte o tempo e do tempo o sofrimento  
E do sofrimento a contemplação e da contemplação a serenidade ímperecível

Nós percorríamos como estranhas larvas a forma patética dos astros  
Assistimos ao mistério da revelação dos Trópicos e dos Signos  
Como, não sei... Éramos a primeira manifestação da divindade  
Éramos o primeiro ovo se fecundando à cálida centelha.

Vivemos o inconsciente das idades nos braços palpitantes dos ciclones  
E as germinações da carne no dorso descarnado dos luars  
Assistimos ao mistério da revelação dos Trópicos e dos Signos  
E a espantosa encantação dos eclipses e das esfinges.

Descemos longamente o espelho contemplativo das águas dos rios do Éden  
E vimos, entre os animais, o homem possuir doidamente a fêmea sobre a relva  
Seguimos... E quando o decurião feriu o peito de Deus crucificado  
Como borboletas de sangue brotamos da carne aberta e para o amor celestial  
(voamos.

Quantos somos, não sei... somos um, talvez dois, três, talvez quatro; cinco,  
(talvez, nada  
Talvez a multiplicação de cinco mil e cujos restos encheriam doze terras  
Quantos, não sei... Somos a constelação perdida que caminha largando  
(estrelas  
Somos a estrela perdida que caminha desfeita em luz

*Rio de Janeiro, 1935*

## O nascimento do homem

### I

E uma vez, quando ajoelhados assistíamos à dança nua das auroras  
Surgiu do céu parado como uma visão de alta serenidade  
Uma branca mulher de cujo sexo a luz jorrava em ondas  
E de cujos seios corria um doce leite ignorado.

Oh, como ela era bela! era impura – mas como ela era bela!  
Era como um canto ou como uma flor brotando ou como um cisne  
Tinha um sorriso de praia em madrugada e um olhar evanescente  
E uma cabeleira de luz como uma cachoeira em plenilúnio.

Vinha dela uma fala de amor irresistível  
Um chamado como uma canção noturna na distância  
Um calor de corpo dormindo e um abandono de onda descendo  
Uma sedução de vela fugindo ou de garça voando.

E a ela fomos e a ela nos misturamos e a tivemos...  
Em véus de neblina fugiam as auroras nos braços do vento  
Mas que nos importava se também ela nos carregava nos seus braços  
E se o seu leite sobre nós escorria e pelo céu?

Ela nos acolheu, estranhos parasitas, pelo seu corpo desnudado  
E nós a amamos e defendemos e nós no ventre a fecundamos  
Dormíamos sobre os seus seios apoiados ao clarão das tormentas  
E desejávamos ser astros para inda melhor compreendê-la.

Uma noite o horrível sonho desceu sobre as nossas almas sossegadas  
A amada ia ficando gelada e silenciosa – luzes morriam nos seus olhos...  
Do seu peito corria o leite frio e ao nosso amor desacordada  
Subiu mais alto e mais além, morta dentro do espaço.

Muito tempo choramos e as nossas lágrimas inundaram a terra  
Mas morre toda a dor ante a visão dolorosa da beleza  
Ao vulto da manhã sonhamos a paz e a desejamos  
Sonhamos a grande viagem através da serenidade das crateras.

Mas quando as nossas asas vibraram no ar dormente  
Sentimos a prisão nebulosa de leite envolvendo as nossas espécies  
A Via Láctea – o rio da paixão correndo sobre a pureza das estrelas  
A linfa dos peitos da amada que um dia morreu.

Maldito o que bebeu o leite dos seios da virgem que não era mãe mas era  
(amante)  
Maldito o que se banhou na luz que não era pura mas ardente  
Maldito o que se demorou na contemplação do sexo que não era calmo mas

(amargo  
O que beijou os lábios que eram como a ferida dando sangue!

E nós ali ficamos, batendo as asas libertas, escravos do misterioso plasma  
Metade anjo, metade demônio, cheios de euforia do vento e da doçura do  
(cárcere remoto  
Debruçados sobre a terra, mostrando a maravilhosa essência da nossa vida  
Lírios, já agora turvos lírios das campas, nascidos da face lívida da morte.

## II

Mas vai que havia por esse tempo nas tribos da terra  
Estranhas mulheres de olhos parados e longas vestes nazarenas  
Que tinham o plácido amor nos gestos tristes e serenos  
E o divino desejo nos frios lábios anelantes.

E quando as noites estelares freíam nos campos sem lua  
E a Via Láctea como uma visão de lágrimas surgia  
Elas beijavam de leve a face do homem dormindo no feno  
E saíam dos casebres ocultos, pelas estradas murmurantes.

E no momento em que a planície escura beijava os dois longínquos horizontes  
E o céu se derramava iluminadamente sobre a várzea  
Iam as mulheres e se deitavam no chão paralisadas  
As brancas túnicas abertas e o branco ventre desnudado.

E pela noite adentro elas ficavam, descobertas  
O amante olhar boiando sobre a grande plantação de estrelas  
No desejo sem fim dos pequenos seres de luz alcandorados  
Que palpitavam na distância numa promessa de beleza.

E tão eternamente os desejavam e tão na alma os possuíam  
Que às vezes desgravitados uns despenhavam-se no espaço  
E vertiginosamente caíam numa chuva de fogo e de fulgores  
Pelo misterioso tropismo subitamente carregados.

Nesse instante, ao delíquio de amor das destinadas  
Num milagre de unção, delas se projetava à altura  
Como um cogumelo gigantesco um grande útero fremente  
Que ao céu colhia a estrela e ao ventre retornava.

E assim pelo ciclo negro da pálida esfera através do tempo  
Ao clarão imortal dos pássaros de fogo cruzando o céu noturno  
As mulheres, aos gritos agudos da carne rompida de dentro  
Iam se fecundando ao amor puríssimo do espaço.

E às cores da manhã elas voltavam vagarosas  
Pelas estradas frescas, através dos vastos bosques de pinheiros  
E ao chegar, no feno onde o homem sereno inda dormia

Em preces rituais e cantos místicos velavam.

Um dia mordiam-lhes o ventre, nas entranhas – entre raios de sol vinha  
(tormenta...

Sofriam... e ao estridor dos elementos confundidos  
Deitavam à terra o fruto maldito de cuja face transtornada  
As primeiras e mais tristes lágrimas desciam.

Tinha nascido o poeta. Sua face é bela, seu coração é trágico  
Seu destino é atroz; ao triste materno beijo mudo e ausente  
Ele parte! Busca ainda as viagens eternas da origem  
Sonha ainda a música um dia ouvida em sua essência.

*Rio de Janeiro, 1935*

## **A criação na poesia**

(Ideal)

(fragmento)

O poeta parte no eterno renascimento.  
Mas seu destino é fugir sempre ao homem que ele traz em si.

O poeta:

Eu sonho a poesia dos gestos fisionômicos de um anjo!

.....

*Rio de Janeiro, 1935*

## Ariana, a mulher

Quando, aquela noite, na sala deserta daquela casa cheia da montanha em  
(torno  
O tempo convergiu para a morte e houve uma cessação estranha seguida de  
(um debruçar do instante para o outro instante  
Ante o meu olhar absorto o relógio avançou e foi como se eu tivesse me  
(identificado a ele e estivesse batendo soturnamente a Meia-Noite  
E na ordem de horror que o silêncio fazia pulsar como um coração dentro do  
(ar despojado  
Senti que a Natureza tinha entrado invisivelmente através das paredes e se  
(plantara aos meus olhos em toda a sua fixidez noturna  
E que eu estava no meio dela e à minha volta havia árvores dormindo e flores  
(desacordadas pela treva.

Como que a solidão traz a presença invisível de um cadáver – e para mim era  
(como se a Natureza estivesse morta  
Eu aspirava a sua respiração ácida e pressentia a sua deglutição monstruosa  
(mas para mim era como se ela estivesse morta  
Paralisada e fria, imensamente erguida em sua sombra imóvel para o céu alto  
(e sem lua  
E nenhum grito, nenhum sussurro de água nos rios correndo, nenhum eco  
(nas quebradas ermas  
Nenhum desespero nas lianas pendidas, nenhuma fome no muco aflorado das  
(plantas carnívoras  
Nenhuma voz, nenhum apelo da terra, nenhuma lamentação de folhas, nada.

Em vão eu atirava os braços para as orquídeas insensíveis junto aos lírios  
(inermes como velhos falos  
Inutilmente corria cego por entre os troncos cujas parasitas eram como a  
8miséria da vaidade senil dos homens  
Nada se movia como se o medo tivesse matado em mim a mocidade e gelado o  
(sangue capaz de acordá-los  
E já o suor corria do meu corpo e as lágrimas dos meus olhos ao contato dos  
(cactos esbarrados na alucinação da fuga  
E a loucura dos pés parecia galgar lentamente os membros em busca do  
(pensamento  
Quando caí no ventre quente de uma campina de vegetação úmida e sobre a  
(qual afundei minha carne.

Foi então que compreendi que só em mim havia morte e que tudo estava  
(profundamente vivo  
Só então vi as folhas caindo, os rios correndo, os troncos pulsando, as flores  
(se erguendo  
E ouvi os gemidos dos galhos tremendo, dos gineceus se abrindo, das  
(borboletas noivas se finando  
E tão grande foi a minha dor que angustiosamente abracei a terra como se  
(quisesse fecundá-la  
Mas ela me lançou fora como se não houvesse força em mim e como se ela não

(me desejasse  
E eu me vi só, nu e só, e era como se a traição tivesse me envelhecido eras.

Tristemente me brotou da alma o branco nome da Amada e eu murmurei  
(- Ariana!

E sem pensar caminhei trôpego como a visão do Tempo e murmurava  
(- Ariana!

E tudo em mim buscava Ariana e não havia Ariana em nenhuma parte  
Mas se Ariana era a floresta, por que não havia de ser Ariana a terra?  
Se Ariana era a morte, por que não havia de ser Ariana a vida?  
Por que – se tudo era Ariana e só Ariana havia e nada fora de Ariana?

Baixei à terra de joelhos e a boca colada ao seu seio disse muito docemente  
(- Sou eu, Ariana...

Mas eis que um grande pássaro azul desce e canta aos meus ouvidos  
(- Eu sou Ariana!

E em todo o céu ficou vibrando como um hino o muito amado nome de Ariana.  
Desesperado me ergui e bradei: Quem és que te devo procurar em toda a parte  
(e estás em cada uma?

Espírito, carne, vida, sofrimento, serenidade, morte, por que não serias uma?  
Por que me persegues e me foges e por que me cegas se me dás uma luz e  
(restas longe?

Mas nada me respondeu e eu prossegui na minha peregrinação através da  
(campina

E dizia: Sei que tudo é infinito! – e o pio das aves me trazia o grito dos sertões  
(desaparecidos

E as pedras do caminho me traziam os abismos e a terra seca a sede na  
(fontes.

No entanto, era como se eu fosse a alimária de um anjo que me chicoteava  
(- Ariana!

E eu caminhava cheio de castigo e em busca do martírio de Ariana  
A branca Amada salva das águas e a quem fora prometido o trono do mundo.

Eis que galgando um monte surgiram luzes e após janelas iluminadas e após  
(cabanas iluminadas

E após ruas iluminadas e após lugarejos iluminados como fogos no mato  
(noturno

E grandes redes de pescar secavam às portas e se ouvia o bater das forjas.  
E perguntei: Pescadores, onde está Ariana? – e eles me mostravam o peixe  
Ferreiros, onde está Ariana? – e eles me mostravam o fogo  
Mulheres, onde está Ariana? – e elas me mostravam o sexo.

Mas logo se ouviam gritos e danças, e gaitas tocavam e guizos batiam  
Eu caminhava, e aos poucos o ruído ia se alongando à medida que eu  
(penetrava na savana

No entanto era como se o canto que me chegava entoasse – Ariana!  
E pensei: Talvez eu encontre Ariana na Cidade de Ouro – por que não seria  
Ariana a mulher perdida?

Por que não seria Ariana a moeda em que o obreiro gravou a efígie de César?  
Por que não seria Ariana a mercadoria do Templo ou a púrpura bordada do  
(altar do Templo?)

E mergulhei nos subterrâneos e nas torres da Cidade de Ouro mas não  
(encontrei Ariana  
Às vezes indagava – e um poderoso fariseu me disse irado: – Cão de Deus, tu  
(és Ariana!  
E talvez porque eu fosse realmente o Cão de Deus, não compreendi a palavra  
(do homem rico  
Mas Ariana não era a mulher, nem a moeda, nem a mercadoria, nem a  
(púrpura  
E eu disse comigo: Em todo lugar menos que aqui estará Ariana  
E compreendi que só onde cabia Deus cabia Ariana.

Então cantei: Ariana, chicote de Deus castigando Ariana! e disse muitas  
(palavras inexistentes  
E imitei a voz dos pássaros e espezinhei sobre a urtiga mas não espezinhei  
(sobre a cicuta santa  
Era como se um raio tivesse me ferido e corresse desatinado dentro de minhas  
(entranhas  
As mãos em concha, no alto dos morros ou nos vales eu gritava – Ariana!  
E muitas vezes o eco ajuntava: Ariana... ana...  
E os trovões desdobravam no céu a palavra – Ariana.

E como a uma ordem estranha, as serpentes saíam das tocas e comiam os  
(ratos  
Os porcos endemoninhados se devoravam, os cisnes tombavam cantando nos  
(lagos  
E os corvos e abutres caíam feridos por legiões de águias precipitadas  
E misteriosamente o joio se separava do trigo nos campos desertos  
E os milharais descendo os braços trituravam as formigas no solo  
E envenenadas pela terra descomposta as figueiras se tornavam  
(profundamente secas.

Dentro em pouco todos corriam a mim, homens varões e mulheres desposadas  
Umas me diziam: Meu senhor, meu filho morre! e outras eram cegas e  
(paralíticas  
E os homens me apontavam as plantações estorricadas e as vacas magras.  
E eu dizia: Eu sou o enviado do Mall! e imediatamente as crianças morriam  
E os cegos se tornavam paralíticos e os paralíticos cegos  
E as plantações se tornavam pó que o vento carregava e que sufocava as vacas  
(magras.

Mas como quisessem me correr eu falava olhando a dor e a maceração dos  
(corpos  
Não temas, povo escravo! A mim me morreu a alma mais do que o filho e me  
(assaltou a indiferença mais do que a lepra  
A mim se fez pó e carne mais do que o trigo e se sufocou a poesia mais do que



(a vaca magra  
Mas é preciso! Para que surja a Exaltada, a branca e sereníssima Arianá  
A que é a lepra e a saúde, o pó e o trigo, a poesia e a vaca magra  
Arianá, a mulher – a mãe, a filha, a esposa, a noiva, a bem-amada!

E à medida que o nome de Arianá ressoava como um grito de clarim nas faces  
(paradas  
As crianças se erguiam, os cegos olhavam, os paralíticos andavam  
(medrosamente  
E nos campos dourados ondulando ao vento, as vacas mugiam para o céu  
(claro  
E um só clamor saía de todos os peitos e vibrava em todos lábios – Arianá!  
E uma só música se estendia sobre as terras e sobre os rios – Arianá!  
E um só entendimento iluminava o pensamento dos poetas – Arianá!

Assim, coberto de bênçãos, cheguei a uma floresta e me sentei às suas bordas  
(– os regatos cantavam límpidos  
Tive o desejo súbito da sombra, da humildade dos galhos e do repouso das  
(folhas secas  
E me aprofundei na espessura funda cheia de ruídos e onde o mistério  
(passava sonhando  
E foi como se eu tivesse procurado e sido atendido – vi orquídeas que eram  
(camas doces para a fadiga  
Vi rosas selvagens cheias de orvalho, de perfume eterno e boas para matar a  
(sede  
E vi palmas gigantescas que eram leques para afastar o calor da carne.

Descansei – por um momento senti vertiginosamente o húmus fecundo da  
(terra  
A pureza e a ternura da vida nos lírios altivos como falos  
A liberdade das lianas prisioneiras, a serenidade das quedas se despenhando.  
E mais do que nunca o nome da Amada me veio e eu murmurei o apelo  
(– Eu te amo, Arianá!  
E o sono da Amada me desceu aos olhos e eles cerraram a visão de Arianá  
E meu coração pôs-se a bater pausadamente doze vezes o sinal cabalístico de  
(Arianá...  
.....

Depois um gigantesco relógio se precisou na fixidez do sonho, tomou forma  
(e se situou na minha frente, parado sobre a Meia-Noite  
Vi que estava só e que era eu mesmo e reconheci velhos objetos amigos.  
Mas passando sobre o rosto a mão gelada senti que chorava as puríssimas  
(lágrimas de Arianá  
E que o meu espírito e o meu coração eram para sempre da branca e  
(sereníssima Arianá  
No silêncio profundo daquela casa cheia da Montanha em torno.

*Rio de Janeiro, 1936*

# A saudade do cotidiano

## Ária para assovio

Inelutavelmente tu  
Rosa sobre o passeio  
Branca! e a melancolia  
Na tarde do seio

As cássias escorrem  
Seu ouro a teus pés  
Conheço o soneto  
Porém tu quem és?

O madrigal se escreve:  
Se é do teu costume  
Deixa que eu te leve

(Sê... mínima e breve  
A música do perfume  
Não guarda ciúme)

*Rio de Janeiro, 1936*

## **Amor nos três pavimentos**

Eu não sei tocar, mas se você pedir  
Eu toco violino fagote trombone saxofone.  
Eu não sei cantar, mas se você pedir  
Dou um beijo na lua, bebo mel himeto  
Pra cantar melhor.  
Se você pedir eu mato o papa, eu tomo cicuta  
Eu faço tudo que você quiser.

Você querendo, você me pede, um brinco, um namorado  
Que eu te arranjo logo.  
Você quer fazer verso? É tão simples!... você assina  
Ninguém vai saber.  
Se você me pedir, eu trabalho dobrado  
Só pra te agradar.

Se você quisesse!... até na morte eu ia  
Descobrir poesia.  
Te recitava as Pombas, tirava modinhas  
Pra te adormecer.  
Até um gurizinho, se você deixar  
Eu dou pra você...

## **Viagem à sombra**

Tua casa sozinha – lassidão dos devaneios, dos segredos. Frocos verdes de perfume sobre a malva penumbra (e a tua carne em pianíssimo, grande gata branca de fala moribunda) e o fumo branco da cidade inatingível, e o fumo branco, e a tua boca áspera, onde há dentes de inocência ainda.

Ês, de qualquer modo, a Mulher. Há teu ventre que se cobre, invisível, de odor marítimo dos brigues selvagens que eu não tive; há teus olhos mansos de louca, ó louca! e há tua face obscura, dolorosa, talhada na pedra que quis falar. Nos teus seios de juventude, o ruído misterioso dos duendes ordenhando o leite pálido da tristeza do desejo.

E na espera da música, o vaivém infantil dos gestos de magia. Sim, é dança! – o colo que aflora oferecido é a melodiosa recusa das mãos, a anca que irrompe à carícia é o ungido pudor dos olhos, há um sorriso de infinita graça, também, frio sobre os lábios que se consomem. Ah! onde o mar e as trágicas aves da tempestade, para ser transportado, a face pousada sobre o abismo?

Que se abram as portas, que se abram as janelas e se afastem as coisas aos ventos. Se alguém me pôs nas mãos este chicote de aço, eu te castigarei, fêmea! – Vem, pausa-te aqui! Adormece tuas íris de ágata, dança! – teu corpo barroco em bolero e rumba. – Mais! – dança! dança! – canta, rouxinol! (Oh, tuas coxas são pântanos de cal viva, misteriosa como a carne dos batráquios...)

Tu que só és o balbucio, o voto, a súplica - oh mulher, anjo, cadáver da minha angústia! – sê minha! minha! minha! no ermo deste momento, no momento desta sombra, na sombra desta agonia – minha – minha – minha – oh mulher, garça mansa, resto orvalhado de nuvem...

Pudesse passar o tempo e tu restares horizontalmente, fraco animal, as pernas atiradas à dor da monstruosa gestação! Eu te fecundaria com um simples pensamento de amor, ai de mim!

Mas ficarás com o teu destino.

*Rio de Janeiro, 1938*

## O mágico

Diante do mágico a multidão boquiaberta se esquece. Não há mais lugar na Grande Praça: as ruas adjacentes se cobrem de uma negra onda humana. Em todas as casas a curiosidade do mistério abriu todas as janelas. A espantosa fachada da Catedral se apinha de garotos acrobatas que se penduram nos relevos como anjos. É talvez Paris do Terror, porque os velhos pardieiros como que se inclinam para o espetáculo incessante e na porta das hospedarias há velhas tabuletas pendentes, mas também pode ser uma vila alemã, onde as campainhas das lojas tilintam alegremente, ou mesmo o Rio do tempo dos Vice-Reis, com os seus Capitães-Mores traficando em suas redes e fitando duramente o artista.

O mágico está sobre o antigo pelourinho ou forca ou guilhotina por onde muitas gerações passaram.

As abas da sua casaca vão ao vento – é uma negra andorinha saltitante! As brancas mãos se misturam em ondulantes movimentos de dança.

É de tarde, hora do trabalho. Na primeira fila estão os senhores e na última os escravos do dever. Os senhores procuram adivinhar, os escravos procuram rir. O mágico se diverte com a multidão, a multidão se diverte com o mágico. Um filósofo e um dançarino perdidos confundem a multidão com o mágico e aguardam.

Todos se divertem à sua maneira.

\*\*\*

Silêncio, o mágico fala, todos escutam! "Ahora, presentaré el famoso entretenimiento de las palomas." A dama oriental faz uma pirueta ágil e mostra ao público a cartola milagrosa. O mágico faz passes, cobre a cartola com um lenço vermelho de seda. "Un dos y... !" voam pombas brancas para o céu de safira. A multidão olha para cima, as mãos aparando o sol. O movimento prossegue. Toda a praça, toda a rua, toda a cidade olha para cima, o subúrbio olha para cima, os camponeses olham para cima. "O que estará para acontecer? Dizem que um tufão caminha do levante!" Acendem-se ícones nas isbás da estepe russa, fazem-se procissões em Portugal. O chefe guerreiro da tribo vê o sinal da guerra no céu, rugem os trocanos. O mágico joga a cartola para a multidão, que aplaude. O poeta apanha a cartola e recolhe nela o encantamento que se processou. As pombas invisíveis voltam, o poeta as contempla. Só elas são o Íntimo da Vida.

\*\*\*\*

E o tufão cai de súbito, vindo do Levante. Os garotos escorrem pelas colunas,

formigam pelas escadarias, escondem-se nos nichos. O povo se escoa como uma água lodosa pelas portas das casas que abrem e fecham. A um gesto de guignol todas as janelas se retraem e após um minuto de rumor intenso desce uma eternidade de silêncio. Uma procelária passando em busca do mar só vê da cidade as suas torres acima do grande nevoeiro. Os rios rugem, as pontes desabam, nas sarjetas bóiam cadáveres de crianças ciganas. O dilúvio leva a música do mágico, leva as pinturas do mágico, leva as bonecas do mágico, só não leva o mágico na torrente.

O poeta sobe ao palanque, castiga o mágico, possui a mulher do mágico, apresenta ao alto a cabeça e o coração, onde surgem e desaparecem pombas brancas e onde a realidade efêmera floresce no mistério perpétuo.

Mágico do inescrutável, o poeta aguarda o raio de Deus.

*Rio de Janeiro, 1938*

## Balada feroz

Canta uma esperança desatinada para que se enfureçam silenciosamente os  
(cadáveres dos afogado  
Canta para que grasne sarcasticamente o corvo que tens pousado sobre a tua  
(omoplata atlética.  
Canta como um louco enquanto os teus pés vão penetrando a massa sequiosa  
(de lesmas  
Canta! para esse formoso pássaro azul que ainda uma vez sujaria sobre o teu  
(êxtase.

Arranca do mais fundo a tua pureza e lança-a sobre o corpo felpudo das  
(aranhas  
Ri dos touros selvagens, carregando nos chifres virgens nuas para o estupro  
(nas montanhas  
Pula sobre o leito cru dos sádicos, dos histéricos, dos masturbados e dança!  
Dança para a lua que está escorrendo lentamente pelo ventre das  
(menstruadas

Lança o teu poema inocente sobre o rio venéreo engolindo as cidades  
Sobre os casebres onde os escorpiões se matam à visão dos amores miseráveis  
Deita a tua alma sobre a podridão das latrinas e das fossas  
Por onde passou a miséria da condição dos escravos e dos gênios.

Dança, ó desvairado! Dança pelos campos aos rinches dolorosos das éguas  
(parindo  
Mergulha a algidez deste lago onde os nenúfares apodrecem e onde a água  
(floresce em miasmas  
Fende o fundo viscoso e espreme com tuas fortes mãos a carne flácida das  
(medusas  
E com teu sorriso inexcedível surge como um deus amarelo da imunda  
(pomada.

Amarra-te aos pés das garças e solta-as para que te levem  
E quando a decomposição dos campos de guerra te ferir as narinas, lança-te  
(sobre a cidade mortuária  
Cava a terra por entre as tumefações e se encontrares um velho canhão  
(soterrado, volta  
E vem atirar sobre as borboletas cintilando cores que comem as fezes verdes  
(das estradas.

Salta como um fauno puro ou como um sapo de ouro por entre os raios do sol  
(frenético.  
Faz rugir com o teu calão o eco dos vales e das montanhas  
Mija sobre o lugar dos mendigos nas escadarias sórdidas dos templos  
E escarra sobre todos os que se proclamarem miseráveis.

Canta! canta demais! Nada há como o amor para matar a vida  
Amor que é bem o amor da inocência primeira!

Canta! – o coração da Donzela ficará queimando eternamente a cinza morta  
Para o horror dos monges, dos cortesãos, das prostitutas e dos pederastas.

Transforma-te por um segundo num mosquito gigante e passeia de noite sobre  
(as grandes cidades  
Espalhando o terror por onde quer que pousem tuas antenas impalpáveis.  
Suga aos cínicos o cinismo, aos covardes o medo, aos avaros o ouro  
E para que apodreçam como porcos, injeta-os de pureza!

E com todo esse pus, faz um poema puro  
E deixa-o ir, armado cavaleiro, pela vida  
E ri e canta dos que pasmados o abrigarem  
E dos que por medo dele te derem em troca a mulher e o pão.

Canta! canta, porque cantar é a missão do poeta  
E dança, porque dançar é o destino da pureza  
Faz para os cemitérios e para os lares o teu grande gesto obsceno  
Carne morta ou carne viva – toma! Agora falo eu que sou um!

*Rio de Janeiro, 1938*

## **Soneto à lua**

Por que tens, por que tens olhos escuros  
E mãos lânguidas, loucas e sem fim  
Quem és, quem és tu, não eu, e estás em mim  
Impuro, como o bem que está nos puros?

Que paixão fez-te os lábios tão maduros  
Num rosto como o teu criança assim  
Quem te criou tão boa para o ruim  
E tão fatal para os meus versos duros?

Fugaz, com que direito tens-me presa  
A alma que por ti soluça nua  
E não és Tatiana e nem Teresa:

E és tampouco a mulher que anda na rua  
Vagabunda, patética, indefesa  
Ó minha branca e pequenina lua!

*Rio de Janeiro, 1938*



## Invocação à mulher única

Tu, pássaro – mulher de leite! Tu que carregas as lívidas glândulas do amor  
(acima do sexo infinito)  
Tu, que perpetuas o desespero humano – alma desolada da noite sobre o frio  
(das águas – tu  
Tédio escuro, mal da vida – fonte! jamais... jamais... (que o poema receba as  
(minhas lágrimas!...)  
Dei-te um mistério: um ídolo, uma catedral, uma prece são menos reais que  
(três partes sangrentas do meu coração em martírio  
E hoje meu corpo nu estilhaça os espelhos e o mal está em mim e a minha  
(carne é aguda  
E eu trago crucificadas mil mulheres cuja santidade dependeria apenas de  
(um gesto teu sobre o espaço em harmonia.  
Pobre eu! sinto-me tão tu mesma, meu belo cisne, minha bela, bela garça,  
(fêmea  
Feita de diamantes e cuja postura lembra um templo adormecido numa velha  
(madrugada de lua...  
A minha ascendência de heróis: assassinos, ladrões, estupradores, onanistas  
(– negações do bem: o Antigo Testamento! – a minha descendência  
De poetas: puros, selvagens, líricos, inocentes: O Novo Testamento afirmações  
(do bem: dúvida  
(Dúvida mais fácil que a fê, mais transigente que a esperança, mais oportuna  
que a caridade  
Dúvida, madrastra do gênio) – tudo, tudo se esboroa ante a visão do teu ventre  
(púbere, alma do Pai, coração do Filho, carne do Santo Espírito, amém!  
Tu, criança! cujo olhar faz crescer os brotos dos sulcos da terra – perpetuação  
(do êxtase  
Criatura, mais que nenhuma outra, porque nasceste fecundada pelos astros  
(– mulher! tu que deitas o teu sangue  
Quando os lobos uivam e as sereias desacordadas se amontoam pelas praias  
(– mulher!  
Mulher que eu amo, criança que amo, ser ignorado, essência perdida num ar  
(de inverno.  
Não me deixes morrer!... eu, homem – fruto da terra – eu, homem – fruto da  
(carne  
Eu que carrego o peso da tara e me rejubilo, eu que carrego os sinos do sêmen  
(que se rejubilam à carne  
Eu que sou um grito perdido no primeiro vazio à procura de um Deus que é o  
(vazio ele mesmo!  
Não me deixes partir... – as viagens remontam à vida!... e por que eu partiria  
(se és a vida, se há em ti a viagem muito pura  
A viagem do amor que não volta, a que me faz sonhar do mais fundo da minha  
(poesia  
Com uma grande extensão de corpo e alma – uma montanha imensa e  
(desdobrada – por onde eu iria caminhando  
Até o âmago e iria e beberia da fonte mais doce e me enlanguesceria e dormiria

(eternamente como uma múmia egípcia  
No invólucro da Natureza que és tu mesma, coberto da tua pele que é a minha  
(própria – oh mulher, espécie adorável da poesia eterna!

*Rio de Janeiro, 1938*

### **Soneto de agosto**

Tu me levaste, eu fui... Na treva, ousados  
Amamos, vagamente surpreendidos  
Pelo ardor com que estávamos unidos  
Nós que andávamos sempre separados.

Espantei-me, confesso-te, dos brados  
Com que enchi teus patéticos ouvidos  
E achei rude o calor dos teus gemidos  
Eu que sempre os julgara desolados.

Só assim arrancara a linha inútil  
Da tua eterna túnica inconsútil...  
E para a glória do teu ser mais franco

Quisera que te vissem como eu via  
Depois, à luz da lâmpada macia  
O púbis negro sobre o corpo branco.

*Oxford, 1938*

## **A máscara da noite**

Sim, essa tarde conhece todos os meus pensamentos  
Todos os meus segredos e todos os meus patéticos anseios  
Sob esse céu como uma visão azul de incenso  
As estrelas são perfumes passados que me chegam...

Sim! essa tarde que eu não conheço é uma mulher que me chama  
E eis que é uma cidade apenas, uma cidade dourada de astros  
Aves, folhas silenciosas, sons perdidos em cores  
Nuvens como velas abertas para o tempo...

Não sei, toda essa evocação perdida, toda essa música perdida  
É como um pressentimento de inocência, como um apelo...  
Mas para que buscar se a forma ficou no gesto esvanecida  
E se a poesia ficou dormindo nos braços de outrora...

Como saber se é tarde, se haverá manhã para o crepúsculo  
Nesse entorpecimento, neste filtro mágico de lágrimas?  
Orvalho, orvalho! desce sobre os meus olhos, sobre o meu sexo  
Faz-se surgir diamante dentro do sol!

Lembro-me!... como se fosse a hora da memória  
Outras tardes, outras janelas, outras criaturas na alma  
O olhar abandonado de um lago e o frêmito de um vento  
Seios crescendo para o poente como salmos...

Oh, a doce tarde! Sobre mares de gelo ardentes de revérbero  
Vagam placidamente navios fantásticos de prata  
E em grandes castelos cor de ouro, anjos azuis serenos  
Tangem sinos de cristal que vibram na imensa transparência!

Eu sinto que essa tarde está me vendo, que essa serenidade está me vendo  
Que o momento da criação está me vendo neste instante doloroso de sossego  
(em mim mesmo)  
Oh criação que estás me vendo, surge e beija-me os olhos  
Afaga-me os cabelos, canta uma canção para eu dormir!

Ês bem tu, máscara da noite, com tua carne rósea  
Com teus longos xales campestres e com teus cânticos  
Ês bem tu! ouço teus faunos pontilhando as águas de sons de flautas  
Em longas escalas cromáticas fragrantes...

Ah, meu verso tem palpitações dulcíssimas! – primaveras!  
Sonhos bucólicos nunca sonhados pelo desespero  
Visões de rios plácidos e matas adormecidas  
Sobre o panorama crucificado e monstruoso dos telhados!

Por que vens, noite? por que não adormeces o teu crepe  
Por que não te esvais – espectro – nesse perfume tenro de rosas?  
Deixa que a tarde envolva eternamente a face dos deuses  
Noite, dolorosa noite, misteriosa noite!

Oh tarde, máscara da noite, tu és a presciência  
Só tu conheces e acolhes todos os meus pensamentos  
O teu céu, a tua luz, a tua calma  
São a palavra da morte e do sonho em mim!

*Rio de Janeiro, 1938*

## **A mulher que passa**

Meu Deus, eu quero a mulher que passa.  
Seu dorso frio é um campo de lírios  
Tem sete cores nos seus cabelos  
Sete esperanças na boca fresca!

Oh! como és linda, mulher que passas  
Que me sacias e suplicas  
Dentro das noites, dentro dos dias!

Teus sentimentos são poesia  
Teus sofrimentos, melancolia.  
Teus pêlos leves são relva boa  
Fresca e macia.  
Teus belos braços são cisnes mansos  
Longe das vozes da ventania.

Meu Deus, eu quero a mulher que passa!

Como te adoro, mulher que passas  
Que vens e passas, que me sacias  
Dentro das noites, dentro dos dias!  
Por que me faltas, se te procuro?  
Por que me odeias quando te juro  
Que te perdia se me encontravas  
E me encontrava se te perdias?

Por que não voltas, mulher que passas?  
Por que não enches a minha vida?  
Por que não voltas, mulher querida  
Sempre perdida, nunca encontrada?  
Por que não voltas à minha vida?  
Para o que sofro não ser desgraça?

Meu Deus, eu quero a mulher que passa!  
Eu quero-a agora, sem mais demora  
A minha amada mulher que passa!

No santo nome do teu martírio  
Do teu martírio que nunca cessa  
Meu Deus, eu quero, quero depressa  
A minha amada mulher que passa!

Que fica e passa, que pacifica  
Que é tanto pura como devassa  
Que bóia leve como a cortiça  
E tem raízes como a fumaça.

## **Vida e poesia**

A lua projetava o seu perfil azul  
Sobre os velhos arabescos das flores calmas  
A pequena varanda era como o ninho futuro  
E as ramadas escorriam gotas que não havia.

Na rua ignorada anjos brincavam de roda...  
– Ninguém sabia, mas nós estávamos ali.  
Só os perfumes teciam a renda da tristeza  
Porque as corolas eram alegres como frutos  
E uma inocente pintura brotava do desenho das cores

Eu me pus a sonhar o poema da hora.  
E, talvez ao olhar meu rosto exasperado  
Pela ânsia de te ter tão vagamente amiga  
Talvez ao pressentir na carne misteriosa  
A germinação estranha do meu indizível apelo  
Ouvi bruscamente a claridade do teu riso  
Num gorjeio de gorgulhos de água enluarada.  
E ele era tão belo, tão mais belo do que a noite  
Tão mais doce que o mel dourado dos teus olhos  
Que ao vê-lo trilar sobre os teus dentes como um címbalo  
E se escorrer sobre os teus lábios como um suco  
E marulhar entre os teus seios como uma onda  
Eu chorei docemente na concha de minhas mãos vazias  
De que me tivesses possuído antes do amor.

*Rio de Janeiro, 1938*

## **Soneto simples**

Chegara enfim o mesmo que partira: a porta aberta e o coração voando ao encontro dos olhos e das mãos. Velhos pássaros, velhas criaturas, algumas cinzas plácidas passando – somente a amiga é como o melro branco!

E enfim partira o mesmo que chegara; o horizonte transpondo o pensamento e nas auroras plácidas passando o doce perfil da amiga adormecida. Desejo de morrer de nostalgia da noite dos vales tristes e perdidos... (foi quando desceu do céu a poesia como um grito de luz nos meus ouvidos...)

*Rio de Janeiro, 1938*

## Sonata do amor perdido

### *Lamento nº 1*

Onde estão os teus olhos – onde estão? – Oh – milagre de amor que escorres  
(dos meus olhos!

Na água iluminada dos rios da lua eu os vi descendo e passando e fugindo  
Iam como as estrelas da manhã. Vem, eu quero os teus olhos, meu amor!

A vida... sombras que vão e sombras que vêm vindo

O tempo... sombras de perto e sombras na distância – vem, o tempo quer a  
(vida!

Onde ocultar minha dor se os teus olhos estão dormindo?

Onde está tua face? Eu a senti pousada sobre a aurora

Teu brando cortinado ao vento leve era como asas freminho

Teu sopro tênue era como um pedido de silêncio – oh, a tua face iluminada!

Em mim, mãos se amargurando, olhos no céu olhando, ouvidos no ar ouvindo

Na minha face o orvalho da madrugada atroz, na minha boca o orvalho do teu  
(nome!

Vem... Os velhos lírios estão fanando, os lírios novos estão florindo...

### *Intermédio*

Sob o céu de maio as flores têm sede da luz das estrelas

Os róseos gineceus se abrem na sombra para a fecundação maravilhosa...

Lua, ó branca Safo, estanca o perfume dos corpos desfolhados na alvorada

Para que surja a ausente e sinta a música escorrendo do ar!

Vento, ó branco eunuco, traz o pólen sagrado do amor das virgens

Para que acorde a adormecida e ouça a minha voz...

### *Lamento nº 2*

Teu corpo sobre a úmida relva de esmeralda, junto às acácias amarelas

Estavas triste e ausente – mas dos teus seios ia o sol se levantando

Oh, os teus seios desabrochados e palpitantes como pássaros amorosos

E a tua garganta agoniada e teu olhar nas lágrimas boiando!

Oh, a pureza que se abraçou às tuas formas como um anjo

E sobre os teus lábios e sobre os teus olhos está cantando!

Tu não virás jamais! Teus braços como asas frágeis roçaram o espaço

(sossegado

Na poeira de ouro teus dedos se agitam, freminho, correndo, dançando...

Vais... teus cabelos desvencilhados rolam em onda sobre a tua nudez perfeita

E toda te incendeias no facho da alma que está queimando...

Oh, beijemos a terra e sigamos a estrela que vai do fogo nascer no céu parado

É a Música, é a música que vibra e está chamando!

*Rio de Janeiro, 1938*

## **A brusca poesia da mulher amada**

Longe dos pescadores os rios infindáveis vão morrendo de sede lentamente...  
Eles foram vistos caminhando de noite para o amor – oh, a mulher amada é  
(como a fonte!

A mulher amada é como o pensamento do filósofo sofrendo  
A mulher amada é como o lago dormindo no cerro perdido  
Mas quem é essa misteriosa que é como um círio crepitando no peito?  
Essa que tem olhos, lábios e dedos dentro da forma inexistente?

Pelo trigo a nascer nas campinas de sol a terra amorosa elevou a face pálida  
(dos lírios  
E os lavradores foram se mudando em príncipes de mãos finas e rostos  
(transfigurados...

Oh, a mulher amada é como a onda sozinha correndo distante das praias  
Pousada no fundo estará a estrela, e mais além.

*Rio de Janeiro, 1938*

## **Soneto a Katherine Mansfield**

O teu perfume, amada – em tuas cartas  
Renasce, azul... – são tuas mãos sentidas!  
Relembro-as brancas, leves, fenecidas  
Pendendo ao longo de corolas fartas.

Relembro-as, vou... nas terras percorridas  
Torno a aspirá-lo, aqui e ali desperto  
Paro; e tão perto sinto-te, tão perto  
Como se numa foram duas vidas.

Pranto, tão pouca dor! tanto quisera  
Tanto rever-te, tanto! ... e a primavera  
Vem já tão próxima! ... (Nunca te apartas

Primavera, dos sonhos e das preces!)  
E no perfume preso em tuas cartas  
À primavera surges e esvaneces.

*Rio de Janeiro, 1937*



## O cemitério na madrugada

Às cinco da manhã a angústia se veste de branco  
E fica como louca, sentada, espiando o mar...  
É a hora em que se acende o fogo-fátuo da madrugada  
Sobre os mármore frios, frios e frios do cemitério  
E em que, embaladas pela harpa cariciosa das pescarias  
Dormem todas as crianças do mundo.

Às cinco da manhã a angústia se veste de branco  
Tudo repousa... e sem treva, morrem as últimas sombras...  
É a hora em que, libertados do horror da noite escura  
Acordam os grandes anjos da guarda dos jazigos  
E os mais serenos cristos se desenlaçam dos madeiros  
Para lavar o rosto pálido na névoa.

Às cinco da manhã... – tão tarde soube – não fora ainda uma visão  
Não fora ainda o medo da morte em minha carne!  
Viera de longe... de corpo lívido de amante  
Do mistério fúnebre de um êxtase esquecido  
Tinha-me perdido na cerração, tinha-me talvez perdido  
Na escuta de asas invisíveis em torno...

Mas ah, ela veio até mim, a pálida cidade dos poemas  
Eu a vi assim gelada e hirta, na neblina!  
Oh, não eras tu, mulher sonâmbula, tu que eu deixei  
Banhada do orvalho estéril da minha agonia  
Teus seios eram túmulos também, teu ventre era uma urna fria  
Mas não havia paz em ti!

Lá tudo é sereno... Lá toda a tristeza se cobre de linho  
Lá tudo é manso, manso como um corpo morto de mãe prematura  
Lá brincam os serafins e as flores, bimbam os sinos  
Em melodias tão alvas que nem se ouvem...  
Lá gozam miríades de vermes, que às brisas matutinas  
Voam em povos de borboletas multicolores...

Escuto-me falar sem receio; esqueço o amanhã distante  
O vento traz perfumes inconfessáveis dos pinheiros...  
Um dia morrerão todos, morrerão as amadas  
E eu ficarei sozinho, para a hora dos cânticos exangues  
Hei de colar meu ouvido impaciente às tumbas amigas  
E ouvir meu coração batendo

Tu trazes alegria à vida, ó Morte, deusa humilima!  
A cada gesto meu riscas uma sombra errante na terra  
Sobre o teu corpo em túnica, vi a farândola das rosas e dos lírios

E a procissão solene das virgens e das madalenas  
Em tuas maminhas púberes vi mamarem ratos brancos  
Que brotavam como flores dos cadáveres contentes.

Que pudor te toma agora, poeta, lírico ardente  
Que desespero em ti diz da irrealidade das manhãs?  
A Morte vive em teu ser... – não, não é uma visão de bruma  
Não é o despertar angustiado após o martírio do amor  
É a Poesia... – e tu, homem simples; és um fanático arquiteto  
Ergues a beleza da morte em ti!

Oh, cemitério da madrugada, por que és tão alegre  
Por que não gemem ciprestes nos teus túmulos?  
Por que te perfumas tanto em teus jasmins  
E tão docemente cantas em teus pássaros?  
És tu que me chamas, ou sou eu que vou a ti  
Criança, brincar também pelos teus parques?

Por ti, fui triste; hoje, sou alegre por ti, ó morte amiga  
Do teu espectro familiar vi se erguer a única estrela do céu  
Meu silêncio é o teu silêncio – ele não traz angústia  
É assim como a ave perdida no meio do mar...

.....

Serenidade, leva-me! guarda-me no seio de uma madrugada eterna!

*Rio de Janeiro, 1938*

## Princípio

Na praia sangrenta a gelatina verde das algas – horizontes!  
Os olhos do afogado à tona e o sexo no fundo (a contemplação na  
desagregação da forma... )  
O mar... A música que sobe ao espírito, a poesia do mar, a cantata soturna  
dos três movimentos  
O mar! (Não a superfície calma, mas o abismo povoado de peixes fantásticos e  
sábios... )

É o navio grego, é o navio grego desaparecido nas floras submarinas – Deus  
balança por um fio invisível a ossada do timoneiro sob o grande mastro  
São as medusas, são as medusas dançando a dança erótica dos mucos  
(vermelhos se abrindo ao beijo das águas  
É a carne que o amor não mais ilumina, é o rito que o fervor não mais acende  
É o amor um molusco gigantesco vagando pela revelação das luzes árticas.

O que se encontrará no abismo mesmo de sabedoria e de compreensão infinita  
Ó pobre narciso nu que te deixaste ficar sobre a certeza de tua plenitude?  
Nos peixes que da própria substância acendem o espesso líquido que vão  
(atravessando  
Terás conhecido a verdadeira luz da miséria humana que quer se ultrapassar

É preciso morrer, a face repousada contra a água como um grande nenúfar  
(partido  
Na espera da decomposição que virá para os olhos cegos de tanta serenidade  
Na visão do amor que estenderá as suas antenas altas e fosforescentes  
Todo o teu corpo há de deliquescer e mergulhar como um destroço ao apelo do  
(fundo.

Será a viagem e a destinação. Há correntes que te levarão insensivelmente e  
(sem dor para cavernas de coral  
Lá conhecerás os segredos da vida misteriosa dos peixes eternos  
Verás crescerem olhos ardentes do volume glauco que te incendiarão de  
(pureza  
E assistirás a seres distantes que se fecundam à simples emoção do amor.

Encontrar, eis o destino. Aves brancas que desceis aos lagos e fugis! Oh, a  
(covardia das vossas asas!  
É preciso ir e se perder no elemento de onde surge a vida.  
Mais vale a árvore da fonte que a árvore do rio plantada segundo a corrente e  
(que dá seus frutos a seu tempo..  
Deixai morrer o desespero nas sombras da idéia de que o amor pode não vir.

Na praia sangrenta a velha embarcação negra e desfeita – o mar a lançou  
(talvez na tempestade!  
Eu – e casebres de pescadores eternamente ausentes...  
O mar! o vento tangendo as águas e cantando, cantando, cantando  
Na praia sangrenta entre brancas espumas e horizontes...

## **Soneto de contrição**

Eu te amo, Maria, eu te amo tanto  
Que o meu peito me dói como em doença  
E quanto mais me seja a dor intensa  
Mais cresce na minha alma teu encanto.

Como a criança que vagueia o canto  
Ante o mistério da amplidão suspensa  
Meu coração é um vago de acalanto  
Berçando versos de saudade imensa.

Não é maior o coração que a alma  
Nem melhor a presença que a saudade  
Só te amar é divino, e sentir calma...

E é uma calma tão feita de humildade  
Que tão mais te soubesse pertencida  
Menos seria eterno em tua vida.

*Rio de Janeiro, 1938*

## **Idade média**

Faze com que tua boca seja para mim água e não vinho  
E faze com que para mim teus seios peras e não cidras...  
Algun dia no teu ventre que eu vejo se estender como uma branca terra  
(fecunda em lírios  
Deixarei a semente de gigantes arianos que atravessarão silenciosamente o  
(Volga  
E que as cabeceiras de seda voando, as lanças de ouro voando, cavalgarão  
(doidamente contra a lua...

*Rio de Janeiro, 1938*

## Solilóquio

Talvez os imensos limites da pátria me lembrem os puros  
E amargue em meu coração a descrença.  
Sinto-me tão cansado de sofrer, tão cansado! – algum dia, em alguma parte  
Hei de lançar também as âncoras das promessas  
Mas no meu coração intranquilo não há senão fome e sede  
De lembranças inexistentes.

O que resta da grande paisagem de pensamentos vividos  
Dize, minha alma, senão o vazio?  
São verdades as lágrimas, os estremecimentos, os tédios longos  
As caminhadas infinitas no oco da eterna voz que te obriga?  
E no entanto o que crê em ti não tem o teu amor aprisionado  
Escravo de fruções efêmeras...

Ah, será para sempre assim... o beijo pouco do tempo  
Na face presa da eternidade  
E em todos os momentos a sensação pobre de estar vivendo  
E ter em si somente o que não pode ser vivido  
E em todos os momentos a beleza, e apenas  
Num só momento a prece...

Nunca me sorrirão vozes infantis no corpo, e quem sabe por tê-las  
Muito ardentemente desejado...  
Talvez os limites da pátria me lembrem os puros e enlouqueça  
Em mim o que não foi da carne conquistado.  
Muitas vezes hei de me dizer que não sou senão juventude  
No seio do pântano triste.

Quero-te, porém, vida, súplica! o medo de mim mesmo  
Não há na minha saudade.  
É que dói não viver em amor e em renúncia  
Quando o amor e a renúncia são terras dentro de mim  
E uma vez mais me deitarei no frio, guia de luz perdido  
Sem mistérios e sem sombra.

Bem viram os que temeram a minha angústia e as que se disseram:  
- Ele perdeu-se no mar!  
No mar estou perdido, sem céu e sem terra e sem sede de água  
E nada senão minha carne resiste aos apelos do ermo...  
O que restará de ti, homem triste, que não seja a tua tristeza  
Fruto sobre a terra morta...

Não pensar, talvez... Caminhar ciliciando a carne  
Sobre o corpo macerado da vida  
Ser um milhão na mesma cidade desabitada

E sendo apenas um, ir acordando o amor e a angústia  
E da inquietação vinda e multiplicada, arrancar um riso sem força  
Sobre as paisagens inúteis.

Mas, oh, saber... – saber até o fundo do conhecimento  
Sobre as aves e os lírios!  
Saber a pureza bailando o pensamento como um gênio perfeito  
E na alma os cantos lípidos e os vôos de uma poesia!  
E nada poder, nada, senão ir e vir como a sombra do condenado  
Pelo silêncio em escuta...

E não sou um covarde... – sofro pelas manhãs e pelas tardes  
E pelas noites desvaneço...  
No entanto, é covarde que me sinto no olhar dos que me amam  
E no prazer que arranco cem vezes da carne ou do espírito que quero  
Ai de mim, tão grande, tão pequeno... – e quando o digo intimamente!  
E em ambos, sem pânico...

E me pergunto: Serei vazio de amor como os ciprestes  
No seio da ventania?  
Serei vazio de serenidade como as águas no seio do abismo  
Ou como as parasitas no seio da mata serei vazio de humildade?  
Ou serei o amor eu mesmo e a calma e a humildade eu mesmo  
No seio do infinito vazio?

E me pergunto: O que é o perigo, onde a sua fascinação profunda  
E o gosto ardente de morrer?  
Não é a morte o meu voto murmurante  
Que caminha comigo pelas estradas e adormece no meu leito?  
O que é morrer senão viver placidamente  
Na imutável espera?

Nada respondo – nada responde o desespero  
Solidão sem desvario.  
Mas resta, resta a ânsia das palavras murmuradas ao vento  
E a emoção das visões vividas no seu melhor momento  
Resta a posse longínqua e em eterna lembrança  
Da imagem única.

Resta?... Já me disse blasfêmias no âmago do prazer sentido  
Sobre o corpo nu da mulher  
Já arranquei de mim mesmo o sumo da sabedoria  
Para fazê-lo vibrar dolorosamente à minha vontade  
E no entanto... posso me glorificar de ter sido forte  
Contra o que sempre foi?

Hão de ir todos, todos, para as celebrações e para os ritos  
Ficarei em casa, sem lar  
Hei de ouvir as vozes dos amantes que não se entediam  
E dos amigos que não se amam e não lutam

As portas abertas, à espera dos passos do retardatário  
Não receberei ninguém.

Talvez nos imensos limites da pátria estejam os puros  
E apenas em mim o ilimitado...  
Mas oh, cerrar os olhos, dormir, dormir longe de tudo  
Longe mesmo do amor longe de mim!  
E enquanto se vão todos, heróicos, santos, sem mentira ou sem verdade  
Ficar, sem perseverança...

*Rio de Janeiro, 1938*

### **Soneto de carta e mensagem**

"Sim, depois de tanto tempo volto a ti  
Sinto-me exausta e sou mulher e te amo  
Dentro de mim há frutos, há aves, há tempestades  
E apenas em ti há espaço para as consolação

"Sim, meus seios vazios me mortificam – e nas noites  
Eles têm ânsias de semente que sente germinar seu broto  
Ah, meu amado! é sobre ti que eu me debruço  
E é como se me debruçasse sobre o infinito !

"Pesa-me, no entanto, o medo de que me tenhas esquecido  
Ai de mim! que farei sem o meu homem, sem o meu esposo  
Que rios não me levarão de esterilidade e de tristeza?

"Mulher, para onde caminharei senão para a sombra  
Se tu, oh meu companheiro, não me fecundares  
E não esparzires do teu grão a terra pálida dos lírios?..."

*Rio de Janeiro, 1938*

## **A vida vivida**

Quem sou eu senão um grande sonho obscuro em face do Sonho  
Senão uma grande angústia obscura em face da Angústia  
Quem sou eu senão a imponderável árvore dentro da noite imóvel  
E cujas presas remontam ao mais triste fundo da terra?

De que venho senão da eterna caminhada de uma sombra  
Que se destrói à presença das fortes claridades  
Mas em cujo rastro indelével repousa a face do mistério  
E cuja forma é prodigiosa treva informe?

Que destino é o meu senão o de assistir ao meu Destino  
Rio que sou em busca do mar que me apavora  
Alma que sou clamando o desfalecimento  
Carne que sou no âmago inútil da prece?

O que é a mulher em mim senão o Túmulo  
O branco marco da minha rota peregrina  
Aquele em cujos braços vou caminhando para a morte  
Mas em cujos braços somente tenho vida?

O que é o meu amor, ai de mim! senão a luz impossível  
Senão a estrela parada num oceano de melancolia  
O que me diz ele senão que é vã toda a palavra  
Que não repousa no seio trágico do abismo?

O que é o meu Amor? senão o meu desejo iluminado  
O meu infinito desejo de ser o que sou acima de mim mesmo  
O meu eterno partir da minha vontade enorme de ficar  
Peregrino, peregrino de um instante, peregrino de todos os instantes?

A quem respondo senão a ecos, a soluços, a lamentos  
De vozes que morrem no fundo do meu prazer ou do meu tédio  
A quem falo senão a multidões de símbolos errantes  
Cujas tragédias efêmeras nenhum espírito imagina?

Qual é o meu ideal senão fazer do céu poderoso a Língua  
Da nuvem a Palavra imortal cheia de segredo  
E do fundo do inferno delirantemente proclamá-los  
Em Poesia que se derrame como sol ou como chuva?

O que é o meu ideal senão o Supremo Impossível  
Aquele que é, só ele, o meu cuidado e o meu anelo  
O que é ele em mim senão o meu desejo de encontrá-lo  
E o encontrando, o meu medo de não o reconhecer?



O que sou eu senão ele, o Deus em sofrimento  
O temor imperceptível na voz portentosa do vento  
O bater invisível de um coração no descampado...  
O que sou eu senão Eu Mesmo em face de mim?

*Rio de Janeiro, 1938*

## **Lamento ouvido não sei onde**

Minha mãe, toma cuidado  
Não zanga assim com meu pai  
Um dia ele vai-se embora  
E não volta nunca mais.

O mau filho à casa torna  
Mãe... nem carece tornar  
Mas pai que larga a família  
Pra que desgraça não vai!

*Rio de Janeiro, 1938*

## **Ternura**

Eu te peço perdão por te amar de repente  
Embora o meu amor seja uma velha canção nos teus ouvidos  
Das horas que passei à sombra dos teus gestos  
Bebendo em tua boca o perfume dos sorrisos  
Das noites que vivi acalentado  
Pela graça indizível dos teus passos eternamente fugindo  
Trago a doçura dos que aceitam melancolicamente.  
E posso te dizer que o grande afeto que te deixo  
Não traz o exaspero das lágrimas nem a fascinação das promessas  
Nem as misteriosas palavras dos véus da alma...  
É um sossego, uma unção, um transbordamento de carícias  
E só te pede que te repouses quieta, muito quieta  
E deixes que as mãos cálidas da noite encontrem sem fatalidade o olhar  
(extático da aurora.

*Rio de Janeiro, 1938*

## **Soneto de devoção**

Essa mulher que se arremessa, fria  
E lúbrica aos meus braços, e nos seios  
Me arrebatava e me beija e balbucia  
Versos, votos de amor e nomes feios.

Essa mulher, flor de melancolia  
Que se ri dos meus pálidos receios  
A única entre todas a quem dei  
Os carinhos que nunca a outra daria.

Essa mulher que a cada amor proclama  
A miséria e a grandeza de quem ama  
E guarda a marca dos meus dentes nela.

Essa mulher é um mundo! – uma cadela  
Talvez... – mas na moldura de uma cama  
Nunca mulher nenhuma foi tão bela!

*Rio de Janeiro, 1938*

## Balada para Maria

Não sei o que me angustia  
Tardamente; em meu peito  
Vive dormindo perfeito  
O sono dessa agonia...  
Saudades tuas, Maria?  
Na volúpia de uma flora  
Úmida, pecaminosa  
Nasceu a primeira rosa  
Fria...

Perdi o prazer da hora.

Mas se num momento cresce  
O sangue, e me engrossa a veia  
Maria, que coisa feia!  
Todo o meu corpo estremece...  
E dos colmos altos, ricos  
Em resinas odorantes  
Pressinto o coito dos micos  
E o amor das cobras possantes.

No mundo há tantos amantes...

Maria...  
Cantar-te-ei brasileiro:  
Maria, sou teu escravo!  
A rosa é a mulher do cravo...  
Dá-me o beijo derradeiro?  
– Cobrir-te-ei de pomada  
Do pólen das flores puras  
E te fecundarei deitada  
Num chão de frutas maduras  
Maria... e morangos, quantos!  
E tu que adoras morango!  
Dormirás sobre agapantos...  
– Fingirei de orangotango!

Não queres mesmo, Maria?

No lombo morno dos gatos  
Aprendi muita carícia...  
Para fazer-te a delícia  
Só terei gestos exatos.

E não bastasse, Maria...

E morro nessas montanhas  
Entre as imagens castanhas  
Da tua melancolia...

*Rio de Janeiro, 1938*

## **Poemas para todas as mulheres**

No teu branco seio eu choro.  
Minhas lágrimas descem pelo teu ventre  
E se embebedam do perfume do teu sexo.  
Mulher, que máquina és, que só me tens desesperado  
Confuso, criança para te conter!  
Oh, não feches os teus braços sobre a minha tristeza não!  
Ah, não abandones a tua boca à minha inocência, não!  
Homem sou belo  
Macho sou forte, poeta sou altíssimo  
E só a pureza me ama e ela é em mim uma cidade e tem mil e uma portas.  
Ai! Teus cabelos recendem à flor da murta  
Melhor seria morrer ou ver-te morta  
E nunca, nunca poder te tocar!  
Mas, fauno, sinto o vento do mar roçar-me os braços  
Anjo, sinto o calor do vento nas espumas  
Passarinho, sinto o ninho nos teus pêlos...  
Correi, correi, ó lágrimas saudosas  
Afogai-me, tirai-me deste tempo  
Levai-me para o campo das estrelas  
Entregai-me depressa à lua cheia  
Dai-me o poder vagaroso do soneto, dai-me a iluminação das odes, dai-me  
    (o cântico dos cânticos  
Que eu não posso mais, ai!  
Que esta mulher me devora!  
Que eu quero fugir, quero a minha mãezinha quero o colo de Nossa Senhora!

*Rio de Janeiro, 1938*

## **Soneto de inspiração**

Não te amo como uma criança, nem  
Como um homem e nem como um mendigo  
Amo-te como se ama todo o bem  
Que o grande mal da vida traz consigo.

Não é nem pela calma que me vem  
De amar, nem pela glória do perigo  
Que me vem de te amar, que te amo; digo  
Antes que por te amar não sou ninguém.

Amo-te pelo que és, pequena e doce  
Pela infinita inércia que me trouxe  
A culpa é de te amar – soubesse eu ver

Através da tua carne defendida  
Que sou triste demais para esta vida  
E que és pura demais para sofrer.

*Rio de Janeiro, 1938*

## O falso mendigo

Minha mãe, manda comprar um quilo de papel almaço na venda  
Quero fazer uma poesia.  
Diz a Amélia para preparar um refresco bem gelado  
E me trazer muito devagarinho.  
Não corram, não falem, fechem todas as portas a chave  
Quero fazer uma poesia.  
Se me telefonarem, só estou para Maria  
Se for o Ministro, só recebo amanhã  
Se for um trote, me chama depressa  
Tenho um tédio enorme da vida.  
Diz a Amélia para procurar a "Patética" no rádio  
Se houver um grande desastre vem logo contar  
Se o aneurisma de dona Ângela arrebentar, me avisa  
Tenho um tédio enorme da vida.  
Liga para vovó Neném, pede a ela uma idéia bem inocente  
Quero fazer uma grande poesia.  
Quando meu pai chegar tragam-me logo os jornais da tarde  
Se eu dormir, pelo amor de Deus, me acordem  
Não quero perder nada na vida.  
Fizeram bicos de rouxinol para o meu jantar?  
Puseram no lugar meu cachimbo e meus poetas?  
Tenho um tédio enorme da vida.  
Minha mãe estou com vontade de chorar  
Estou com taquicardia, me dá um remédio  
Não, antes me deixa morrer, quero morrer, a vida  
Já não me diz mais nada  
Tenho horror da vida, quero fazer a maior poesia do mundo  
Quero morrer imediatamente.  
Fala com o Presidente para fecharem todos os cinemas  
Não agüento mais ser censor.  
Ah, pensa uma coisa, minha mãe, para distrair teu filho  
Teu falso, teu miserável, teu sórdido filho  
Que estala em força, sacrifício, violência, devotamento  
Que podia britar pedra alegremente  
Ser negociante cantando  
Fazer advocacia com o sorriso exato  
Se com isso não perdesse o que por fatalidade de amor  
Sabe ser o melhor, o mais doce e o mais eterno da tua puríssima carícia.

*Rio de Janeiro, 1938*

# Intermédio elegíaco

## Elegia quase uma ode

Meu sonho, eu te perdi; tornei-me em homem.

O verso que mergulha o fundo de minha alma  
É simples e fatal, mas não traz carícia...  
Lembra-me de ti, poesia criança, de ti  
Que te suspendias para o poema como que para um seio no espaço.  
Levavas em cada palavra a ânsia  
De todo o sofrimento vivido.

Queria dizer coisas simples, bem simples  
Que não ferissem teus ouvidos, minha mãe.  
Queria falar em Deus, falar docemente em Deus  
Para acalantar tua esperança, minha avó.  
Queria tornar-me mendigo, ser miserável  
Para participar de tua beleza, meu irmão.  
Queria, meus amigos... queria, meus inimigos...  
Queria...

queria tão exaltadamente, minha amiga!

Mas tu, Poesia  
Tu desgraçadamente Poesia  
Tu que me afogaste em desespero e me salvaste  
E me afogaste de novo e de novo me salvaste e me trouxeste  
À borda de abismos irreais em que me lançaste e que depois eram abismos  
(verdadeiros  
Onde vivia a infância corrompida de vermes, a loucura prenhe do Espírito  
Santo, e idéias em lágrimas, e castigos e redenções mumificados em  
(sêmen cru  
Tu!  
Iluminaste, jovem dançarina, a lâmpada mais triste da memória...  
Pobre de mim, tornei-me em homem.  
De repente, como a árvore pequena

Que à estação das águas bebe a seiva do húmus farto  
Estira o caule e dorme para despertar adulta  
Assim, poeta, voltaste para sempre.  
No entanto, era mais belo o tempo em que sonhavas...

Que sonho é minha vida?  
A ti direi que és tu, Maria Aparecida!  
A vós, no pudor de falar ante a vossa grandeza  
Direi que é esquecer todos os sonhos, meus amigos.  
Ao mundo, que ama a lenda dos destinos  
Direi que é o meu caminho de poeta.  
A mim mesmo, hei de chamá-lo inocência, amor, alegria, sofrimento, morte,  
(serenidade  
Hei de chamá-lo assim que sou fraco e mutável  
E porque é preciso que eu não minta nunca para poder dormir.  
Ah  
Devesse eu jamais atender aos apelos do íntimo...

Teus braços longos, coruscantes; teus cabelos de oleosa cor; tuas mãos  
musicalíssimas; teus pés que levam a dança prisioneira; teu corpo grave de  
graça instantânea; o modo com que olhas o âmago da vida; a tua paz,  
angústia paciente; o teu desejo irrevelado; o grande, o infinito inútil poético!  
tudo isso seria um sonho a sonhar no teu seio que é tão pequeno...

Ó, quem me dera não sonhar mais nunca  
Nada ter de tristezas nem saudades  
Ser apenas Moraes sem ser Vinicius!  
Ah, pudesse eu jamais, me levantando  
Espiar a janela sem paisagem  
O céu sem tempo e o tempo sem memória!  
Que hei de fazer de mim que sofro tudo  
Anjo e demônio, angústias e alegrias  
Que peço contra mim e contra Deus!  
Às vezes me parece que me olhando  
Ele dirá, do seu celeste abrigo:  
Fui cruel por demais com esse menino...  
No entanto, que outro olhar de piedade  
Curará neste mundo as minhas chagas?  
Sou fraco e forte, venço a vida: breve  
Perco tudo; breve, não posso mais...  
Oh, natureza humana, que desgraça!  
Se soubesses que força, que loucura  
São todos os teus gestos de pureza  
Contra uma carne tão alucinada!  
Se soubesses o impulso que te impele  
Nestas quatro paredes de minha alma  
Nem sei o que seria deste pobre  
Que te arrasta sem dar um só gemido!  
É muito triste se sofrer tão moço  
Sabendo que não há nenhum remédio



E se tendo que ver a cada instante  
Que é assim mesmo, que mais tarde passa  
Que sorrir é questão de paciência  
E que a aventura é que governa a vida  
Ó ideal misérrimo, te quero:  
Sentir-me apenas homem e não poeta!

E escuto... Poeta! triste Poeta!  
Não, foi certamente o vento da manhã nas araucárias  
Foi o vento... sossega, meu coração; às vezes o vento parece falar...  
E escuto... Poeta! pobre Poeta!  
Acalma-te, tranqüilidade minha... é um passarinho, só pode ser um  
(passarinho  
Eu nem me importo... e se não for um passarinho, há tantos lamentos nesta  
(terra...

E escuto... Poeta! sórdido Poeta!  
Oh angústia! desta vez... não foi a voz da montanha? Não foi o eco distante  
Da minha própria voz inocente?  
Choro.

Choro atrozmente, como os homens choram.  
As lágrimas correm milhões de léguas no meu rosto que o pranto faz  
(gigantesco.

Ó lágrimas, sois como borboletas dolorosas  
Volitais dos meus olhos para os caminhos esquecidos...  
Meu pai, minha mãe, socorrei-me!  
Poetas, socorrei-me!  
Penso que daqui a um minuto estarei sofrendo  
Estarei puro, renovado, criança, fazendo desenhos perdidos no ar...  
Venham me aconselhar, filósofos, pensadores  
Venham me dizer o que é a vida, o que é o conhecimento, o que quer dizer a  
(memória  
Escritores russos, alemães, franceses, ingleses, noruegueses  
Venham me dar idéias como antigamente, sentimentos como antigamente  
Venham me fazer sentir sábio como antigamente!  
Hoje me sinto despojado de tudo que não seja música  
Poderia assoviar a idéia da morte, fazer uma sonata de toda a tristeza humana  
Poderia apanhar todo o pensamento da vida e enforcá-lo na ponta de uma  
(clave de Fá!

Minha Nossa Senhora, dai-me paciência  
Meu Santo Antônio, dai-me muita paciência  
Meu São Francisco de Assis, dai-me muitíssima paciência!  
Se volto os olhos tenho vertigens  
Sinto desejos estranhos de mulher grávida  
Quero o pedaço de céu que vi há três anos, atrás de uma colina que só eu sei  
Quero o perfume que senti não me lembro quando e que era entre sândalo e  
(carne de seio.  
Tanto passado me alucina  
Tanta saudade me aniquila  
Nas tardes, nas manhãs, nas noites da serra.

Meu Deus, que peito grande que eu tenho  
Que braços fortes que eu tenho, que ventre esguio que eu tenho!  
Para que um peito tão grande  
Para que uns braços tão fortes  
Para que um ventre tão esguio  
Se todo meu ser sofre da solidão que tenho  
Na necessidade que tenho de mil carícias constantes da amiga?  
Por que eu caminhando  
Eu pensando, eu me multiplicando, eu vivendo  
Por que eu nos sentimentos alheios  
E eu nos meus próprios sentimentos  
Por que eu animal livre pastando nos campos  
E príncipe tocando o meu alaúde entre as damas do senhor rei meu pai  
Por que eu truão nas minhas tragédias  
E Amadis de Gaula nas tragédias alheias?

Basta!  
Basta, ou dai-me paciência!  
Tenho tido muita delicadeza inútil  
Tenho me sacrificado muito demais, um mundo de mulheres em excesso tem  
(me vendido  
Quero um pouso  
Me sinto repelente, impeço os inocentes de me tocarem  
Vivo entre as águas torvas da minha imaginação  
Anjos, tangei sinos  
O anacoreta quer a sua amada  
Quer a sua amada vestida de noiva  
Quer levá-la para a neblina do seu amor...

Mendelssohn, toca a tua marchinha inocente  
Sorriam pajens, operárias curiosas  
O poeta vai passar soberbo  
Ao seu abraço uma criança fantástica derrama os óleos santos das últimas  
(lágrimas  
Ah, não me afogueis em flores, poemas meus, voltai aos livros  
Não quero glórias, pompas, adeus!  
Solness, voa para a montanha, meu amigo  
Começa a construir uma torre bem alta, bem alta...

*Itatiaia - RJ, 1937*

## Elegia lírica

Um dia, tendo ouvido bruscamente o apelo da amiga desconhecida  
Pus-me a descer contente pela estrada branca do sul  
E em vão eram tristes os rios e torvas as águas  
Nos vales havia mais poesia que em mil anos.

Eu devia ser como o filósofo errante à imagem da Vida  
O riso me levava nas asas vertiginosas das andorinhas  
E em vão eram tristes os rios e torvas as águas  
Sobre o horizonte em fogo cavalos vermelhos pastavam.

Por todos os lados flores, não flores ardentes, mas outras flores  
Singelas, que se poderiam chamar de outros nomes que não os seus  
Flores como borboletas prisioneiras, algumas pequenas e pobrezinhas  
Que lá aos vossos pés riam-se como orfãozinhas despertadas.

Que misericórdia sem termo vinha se abatendo sobre mim!  
Meus braços se fizeram longos para afagar os seios das montanhas  
Minhas mãos se tornaram leves para reconduzir o animalzinho transviado  
Meus dedos ficaram suaves para afagar a pétala murcha.

E acima de tudo me abençoava o anjo do amor sonhado...  
Seus olhos eram puros e mutáveis como profundezas de lago  
Ela era como uma nuvem branca num céu de tarde  
Triste, mas tão real e evocativa como uma pintura.

Cheguei a querê-la em lágrimas, como uma criança  
Vendo-a dançar ainda quente de sol nas gazes frias da chuva  
E a correr para ela, quantas vezes me descobri confuso  
Diante de fontes nuas que me prendiam e me abraçavam...

Meu desejo era bom e meu amor fiel  
Versos que outrora fiz vinham-me sorrir à boca...  
Oh, doçura! que colméia és de tanta abelha  
Em meu peito a derramares mel tão puro!

E vi surgirem as luzes brancas da cidade  
Que me chamavam; e fui... Cheguei feliz  
Abri a porta... ela me olhou e perguntou meu nome:  
Era uma criança, tinha olhos exaltados, parecia me esperar.

\*\*\*

A minha namorada é tão bonita, tem olhos como besourinhos do céu  
Tem olhos como estrelinhas que estão sempre balbuciando aos passarinhos...

É tão bonita! tem um cabelo fino, um corpo de menino e um andar pequenino  
E é a minha namorada... vai e vem como uma patativa, de repente morre de  
(amor  
Tem fala de S e dá a impressão que está entrando por uma nuvem adentro...  
Meu Deus, eu queria brincar com ela, fazer comidinha, jogar nai-ou-nentes  
Rir e num átimo dar um beijo nela e sair correndo  
E ficar de longe espiando-lhe a zanga, meio vexado, meio sem saber o que  
(faça...  
A minha namorada é muito culta, sabe aritmética, geografia, história,  
(contraponto  
E se eu lhe perguntar qual a cor mais bonita ela não dirá que é a roxa porém  
(brique.  
Ela faz coleção de cactos, acorda cedo vai para o trabalho  
E nunca se esquece que é a menininha do poeta.  
Se eu lhe perguntar: Meu anjo, quer ir à Europa? ela diz: Quero se mamãe for!  
Se eu lhe perguntar: Meu anjo, quer casar comigo? ela diz... – não, ela não  
(acredita.  
É doce! gosta muito de mim e sabe dizer sem lágrimas: Vou sentir tantas  
saudades quando você for...  
É uma nossa senhorazinha, é uma cigana, é uma coisa  
Que me faz chorar na rua, dançar no quarto, ter vontade de me matar e de ser  
(presidente da república.  
É boba, ela! tudo faz, tudo sabe, é linda, ó anjo de Domremy!  
Dêem-lhe uma espada, constrói um reino; dêem-lhe uma agulha, faz um  
(crochê  
Dêem-lhe um teclado, faz uma aurora, dêem-lhe razão, faz uma briga...!  
E do pobre ser que Deus lhe deu, eu, filho pródigo, poeta cheio de erros  
Ela fez um eterno perdido...

"Meu benzinho adorado minha triste irmãzinha eu te peço por tudo o que há  
de mais sagrado que você me escreva uma cartinha sim dizendo como é que  
você vai que eu não sei eu ando tão zaranza por causa do teu abandono eu  
choro e um dia pego tomo um porre danado que você vai ver e aí nunca mais  
mesmo que você me quer e sabe o que eu faço eu vou-me embora para sempre  
e nunca mas vejo esse rosto lindo que eu adoro porque você é toda a minha  
vida e eu só escrevo por tua causa ingrata e só trabalho para casar com você  
quando a gente puder porque agora tudo está tão difícil mas melhora não se  
afobe e tenha confiança em mim que te quero acima do próprio Deus que me  
perdoe eu dizer isso mais é sincero porque ele sabe que ontem pensei todo o  
dia em você e acabei chorando no rádio por causa daquele estudo de Chopin  
que você tocou antes de eu ir-me embora e imagina só que estou fazendo uma  
história para você muito bonita e quando chega de noite eu fico tão triste que  
até dá pena e tenho vontade de ir correndo te ver e beijo o ar feito bobo com  
uma coisa no coração que já fui até no médico mas ele disse que é nervoso e  
me falou que eu sou emotivo e eu peguei ri na cara dele e ele ficou uma fera  
que a medicina dele não sabe que o meu bem está longe melhor para ele eu só  
queria te ver uma meia hora eu pedia tanto que você acabava ficando enfim  
adeus que já estou até cansado de tanta saudade e tem gente aqui perto e fica  
feio eu chorar na frente deles eu não posso adeus meu rouxinol me diz boa-  
noite e dorme pensando neste que te adora e se puder pensa o menos possível

no teu amigo para você não se entristecer muito que só mereces felicidade do teu definitivo e sempre amigo..."

Tudo é expressão.

Neste momento, não importa o que eu te diga

Voa de mim como uma incontensão de alma ou como um afago.

Minhas tristezas, minhas alegrias

Meus desejos são teus, toma, leva-os contigo!

Ês branca, muito branca

E eu sou quase eterno para o teu carinho.

Não quero dizer nem que te adoro

Nem que tanto me esqueço de ti

Quero dizer-te em outras palavras todos os votos de amor jamais sonhados

Alóvena, ebaente

Puríssima, feita para morrer...

"Ó

Crucificado estou

Na ânsia deste amor

Que o pranto me transporta sobre o mar

Pelas cordas desta lira

Todo o meu ser delira

Na alma da viola a soluçar!"

Bordões, primas

Falam mais que rimas.

Ê estranho

Sinto que ainda estou longe de tudo

Que talvez fosse cantar um blues

Yes!

Mas

O maior medo é que não me ouças

Que estejas deitada sonhando comigo

Vendo o vento soprar o avental da tua janela

Ou na aurora boreal de uma igreja escutando se erguer o sol de Deus.

Mas tudo é expressão!

Insisto nesse ponto, senhores jurados

O meu amor diz frases temíveis:

Angústia mística

Teorema poético

Cultura grega dos passeios no parque...

No fundo o que eu quero é que ninguém me entenda

Para eu poder te amar tragicamente!

*Itatiaia - RJ, 1937*

## Elegia desesperada

Alguém que me falasse do mistério do Amor  
Na sombra – alguém! alguém que me mentisse  
Em sorrisos, enquanto morriam os rios, enquanto morriam  
As aves do céu! e mais que nunca  
No fundo da carne o sonho rompeu um claustro frio  
Onde as lúcidas irmãs na branca loucura das auroras  
Rezam e choram e velam o cadáver gelado ao sol!  
Alguém que me beijasse e me fizesse estacar  
No meu caminho – alguém! – as torres ermas  
Mais altas que a lua, onde dormem as virgens  
Nuas, as nádegas crispadas no desejo  
Impossível dos homens – ah! deitariam a sua maldição!  
Ninguém... nem tu, andorinha, que para seres minha  
Foste mulher alta, escura e de mãos longas...  
Revesti-me de paz? – não mais se me fecharão as chagas  
Ao beijo ardente dos ideais – perdi-me  
De paz! sou rei, sou árvore  
No plácido país do Outono; sou irmão da névoa  
Ondulante, sou ilha no gelo, apaziguada!  
E no entanto, se eu tivesse ouvido em meu silêncio uma voz  
De dor, uma simples voz de dor... mas! fecharam-me  
As portas, sentaram-se todos à mesa e beberam o vinho  
Das alegrias e penas da vida (e eu só tive a lua  
Lívida, a lésbica que me poluiu da sua eterna  
Insensível poluição...). Gritarei a Deus? – ai dos homens!  
Aos homens? – ai de mim! Cantarei  
Os fatais hinos da redenção? Morra Deus  
Envolto em música! – e que se abracem  
As montanhas do mundo para apagar o rasto do poeta!

\*\*\*

E o homem vazio se atira para o esforço desconhecido  
Impassível. A treva amarga o vento. No silêncio  
Troa invisível o tantã das tribos bárbaras  
E descem os rios loucos para a imaginação humana.

Do céu se desprende a face maravilhosa de Canópus  
Para o muito fundo da noite... – e um grito cresce desorientado  
Um grito de virgem que arde... – na copa dos pinheiros  
Nem um piar de pássaro, nem uma visão consoladora da lua.

É o instante em que o medo poderia ser para sempre  
Em que as planícies se ausentam e deixam as entranhas cruas da terra  
Para as montanhas, a imagem do homem crispado, correndo  
É a visão do próprio desespero perdido na própria imobilidade.

Ele traz em si mesmo a maior das doenças  
Sobre o seu rosto de pedra os olhos são órbitas brancas  
À sua passagem as sensitivas se fecham apavoradas  
E as árvores se calam e tremem convulsas de frio.

O próprio bem tem nele a máscara do gelo  
E o seu crime é cruel, lúcido e sem paixão  
Ele mata a avezinha só porque a viu voando  
E queima florestas inteiras para aquecer as mãos.

Seu olhar que rouba às estrelas belezas recônditas  
Debruça-se às vezes sobre a borda negra dos penhascos  
E seu ouvido agudo escuta longamente em transe  
As gargalhadas cínicas dos vampiros e dos duendes.

E se acontece encontrar em seu fatal caminho  
Essas imprudentes meninas que costumam perder-se nos bosques  
Ele as apaixona de amor e as leva e as sevicia  
E as lança depois ao veneno das víboras ferozes.

Seu nome é terrível. Se ele o grita silenciosamente  
Deus se perde de horror e se destrói no céu.  
Desespero! Desespero! Porta fechada ao mal  
Loucura do bem, desespero, criador de anjos!

(O DESESPERO DA PIEDADE)

Meu senhor, tende piedade dos que andam de bonde  
E sonham no longo percurso com automóveis, apartamentos...  
Mas tende piedade também dos que andam de automóvel  
Quando enfrentam a cidade movediça de sonâmbulos, na direção.

Tende piedade das pequenas famílias suburbanas  
E em particular dos adolescentes que se embebedam de domingos  
Mas tende mais piedade ainda de dois elegantes que passam  
E sem saber inventam a doutrina do pão e da guilhotina.

Tende muita piedade do mocinho franzino, três cruzeiros, poeta  
Que só tem de seu as costeletas e a namorada pequenina  
Mas tende mais piedade ainda do impávido forte colosso do esporte  
E que se encaminha lutando, remando, nadando para a morte.

Tende imensa piedade dos músicos dos cafés e casas de chá  
Que são virtuosos da própria tristeza e solidão  
Mas tende piedade também dos que buscam o silêncio  
E súbito se abate sobre eles uma ária da Tosca.

Não esqueçais também em vossa piedade os pobres que enriqueceram  
E para quem o suicídio ainda é a mais doce solução

Mas tende realmente piedade dos ricos que empobreceram  
E tornam-se heróicos e à santa pobreza dão um ar de grandeza.

Tende infinita piedade dos vendedores de passarinhos  
Que em suas alminhas claras deixam a lágrima e a incompreensão  
E tende piedade também, menor embora, dos vendedores de balcão  
Que amam as freguesas e saem de noite, quem sabe aonde vão...

Tende piedade dos barbeiros em geral, e dos cabeleireiros  
Que se efeminam por profissão mas que são humildes nas suas carícias  
Mas tende mais piedade ainda dos que cortam o cabelo:  
Que espera, que angústia, que indigno, meu Deus!

Tende piedade dos sapateiros e caixeiros de sapataria  
Que lembram madalenas arrependidas pedindo piedade pelos sapatos  
Mas lembrai-vos também dos que se calçam de novo  
Nada pior que um sapato apertado, Senhor Deus.

Tende piedade dos homens úteis como os dentistas  
Que sofrem de utilidade e vivem para fazer sofrer  
Mas tende mais piedade dos veterinários e práticos de farmácia  
Que muito eles gostariam de ser médicos, Senhor.

Tende piedade dos homens públicos e em particular dos políticos  
Pela sua fala fácil, olhar brilhante e segurança dos gestos de mão  
Mas tende mais piedade ainda dos seus criados, próximos e parentes  
Fazei, Senhor, com que deles não saiam políticos também.

E no longo capítulo das mulheres, Senhor, tende piedade das mulheres  
Castigai minha alma, mas tende piedade das mulheres  
Enlouquecei meu espírito, mas tende piedade das mulheres  
Ulcerai minha carne, mas tende piedade das mulheres!

Tende piedade da moça feia que serve na vida  
De casa, comida e roupa lavada da moça bonita  
Mas tende mais piedade ainda da moça bonita  
Que o homem molesta – que o homem não presta, não presta, meu Deus!

Tende piedade das moças pequenas das ruas transversais  
Que de apoio na vida só têm Santa Janela da Consolação  
E sonham exaltadas nos quartos humildes  
Os olhos perdidos e o seio na mão.

Tende piedade da mulher no primeiro coito  
Onde se cria a primeira alegria da Criação  
E onde se consuma a tragédia dos anjos  
E onde a morte encontra a vida em desintegração.

Tende piedade da mulher no instante do parto  
Onde ela é como a água explodindo em convulsão



Onde ela é como a terra vomitando cólera  
Onde ela é como a lua parindo desilusão.

Tende piedade das mulheres chamadas desquitadas  
Porque nelas se refaz misteriosamente a virgindade  
Mas tende piedade também das mulheres casadas  
Que se sacrificam e se simplificam a troco de nada.

Tende piedade, Senhor, das mulheres chamadas vagabundas  
Que são desgraçadas e são exploradas e são infecundas  
Mas que vendem barato muito instante de esquecimento  
E em paga o homem mata com a navalha, com o fogo, com o veneno.

Tende piedade, Senhor, das primeiras namoradas  
De corpo hermético e coração patético  
Que saem à rua felizes mas que sempre entram desgraçadas  
Que se crêem vestidas mas que em verdade vivem nuas.

Tende piedade, Senhor, de todas as mulheres  
Que ninguém mais merece tanto amor e amizade  
Que ninguém mais deseja tanto poesia e sinceridade  
Que ninguém mais precisa tanto de alegria e serenidade.

Tende infinita piedade delas, Senhor, que são puras  
Que são crianças e são trágicas e são belas  
Que caminham ao sopro dos ventos e que pecam  
E que têm a única emoção da vida nelas.

Tende piedade delas, Senhor, que uma me disse  
Ter piedade de si mesma e de sua louca mocidade  
E outra, à simples emoção do amor piedoso  
Delirava e se desfazia em gozos de amor de carne.

Tende piedade delas, Senhor, que dentro delas  
A vida fere mais fundo e mais fecundo  
E o sexo está nelas, e o mundo está nelas  
E a loucura reside nesse mundo.

Tende piedade, Senhor, das santas mulheres  
Dos meninos velhos, dos homens humilhados – sede enfim  
Piedoso com todos, que tudo merece piedade  
E se piedade vos sobrar, Senhor, tende piedade de mim!

*Oxford, 1938*

## **Elegia ao primeiro amigo**

Seguramente não sou eu  
Ou antes: não é o ser que eu sou, sem finalidade e sem história.  
É antes uma vontade indizível de te falar docemente  
De te lembrar tanta aventura vivida, tanto meandro de ternura  
Neste momento de solidão e desmesurado perigo em que me encontro.  
Talvez seja o menino que um dia escreveu um soneto para o dia de teus anos  
E te confessava um terrível pudor de amar, e que chorava às escondidas  
Porque via em muitos dúvidas sobre uma inteligência que ele estimava genial.  
Seguramente não é a minha forma.  
A forma que uma tarde, na montanha, entrevi, e que me fez tão tristemente  
    (temer minha própria poesia.  
É apenas um prenúncio do mistério  
Um suspiro da morte íntima, ainda não desencantada...  
Vim para ser lembrado  
Para ser tocado de emoção, para chorar  
Vim para ouvir o mar contigo  
Como no tempo em que o sonho da mulher nos alucinava, e nós  
Encontrávamos força para sorrir à luz fantástica da manhã.  
Nossos olhos enegreciam lentamente de dor  
Nossos corpos duros e insensíveis  
Caminhavam léguas – e éramos o mesmo afeto  
Para aquele que, entre nós, ferido de beleza  
Aquele de rosto de pedra  
De mãos assassinas e corpo hermético de mártir  
Nos criava e nos destruía à sombra convulsa do mar.  
Pouco importa que tenha passado, e agora  
Eu te possa ver subindo e descendo os frios vales  
Ou nunca mais irei, eu  
Que muita vez neles me perdi para afrontar o medo da treva...  
Trazes ao teu braço a companheira dolorosa  
A quem te deste como quem se dá ao abismo, e para quem cantas o teu  
desespero Como um grande pássaro sem ar.  
Tão bem te conheço, meu irmão; no entanto  
Quem és, amigo, tu que inventaste a angústia  
E abrigaste em ti todo o patético?  
Não sei o que tenho de te falar assim: sei  
Que te amo de uma poderosa ternura que nada pede nem dá  
Imediata e silenciosa; sei que poderias morrer  
E eu nada diria de grave; decerto  
Foi a primavera temporã que desceu sobre o meu quarto de mendigo  
Com seu azul de outono, seu cheiro de rosas e de velhos livros...  
Pensar-te agora na velha estrada me dá tanta saudade de mim mesmo  
Me renova tanta coisa, me traz à lembrança tanto instante vivido:

Tudo isso que vais hoje revelar à tua amiga, e que nós descobrimos numa  
incomparável aventura  
Que é como se me voltasse aos olhos a inocência com que um dia dormi nos  
(braços de uma mulher que queria me matar.  
Evidentemente (e eu tenho pudor de dizê-lo)  
Quero um bem enorme a vocês dois, acho vocês formidáveis  
Fosse tudo para dar em desastre no fim, o que não vejo possível  
(Vá lá por conta da necessária gentileza...)  
No entanto, delicadamente, me desprenderei da vossa companhia,  
(deixar-me-ei ficar para trás, para trás...  
Existo também; de algum lugar  
Uma mulher me vê viver; de noite, às vezes  
Escuto vozes ermas  
Que me chamam para o silêncio.  
Sofro  
O horror dos espaços  
O pânico do infinito  
O tédio das beatitudes.  
Sinto  
Refazerem-se em mim mãos que decepei de meus braços  
Que viveram sexos nauseabundos, seios em putrefação.  
Ah, meu irmão, muito sofro! de algum lugar, na sombra  
Uma mulher me vê viver... – perdi o meio da vida  
E o equilíbrio da luz; sou como um pântano ao luar.

Falarei baixo  
Para não perturbar tua amiga adormecida  
Serei delicado. Sou muito delicado. Morro de delicadeza.  
Tudo me merece um olhar. Trago  
Nos dedos um constante afago para afagar; na boca  
Um constante beijo para beijar; meus olhos  
Acarinham sem ver; minha barba é delicada na pele das mulheres.  
Mato com delicadeza. Faço chorar delicadamente  
E me deleito. Inventei o carinho dos pés; minha palma  
Áspera de menino de ilha poussa com delicadeza sobre um corpo de adúltera.  
Na verdade, sou um homem de muitas mulheres, e com todas delicado e  
(atento  
Se me entediam, abandono-as delicadamente, desprendendo-me delas com  
(uma doçura de água  
Se as quero, sou delicadíssimo; tudo em mim  
Desprende esse fluido que as envolve de maneira irremissível  
Sou um meigo energúmeno. Até hoje só bati numa mulher  
Mas com singular delicadeza. Não sou bom  
Nem mau: sou delicado. Preciso ser delicado  
Porque dentro de mim mora um ser feroz e fratricida  
Como um lobo. Se não fosse delicado  
Já não seria mais. Ninguém me injúria  
Porque sou delicado; também não conheço o dom da injúria.  
Meu comércio com os homens é leal e delicado; prezo ao absurdo  
A liberdade alheia; não existe

Ser mais delicado que eu; sou um místico da delicadeza  
Sou um mártir da delicadeza; sou  
Um monstro de delicadeza.

Seguramente não sou eu:  
É a tarde, talvez, assim parada  
Me impedindo de pensar. Ah, meu amigo  
Quisera poder dizer-te tudo; no entanto  
Preciso desprender-me de toda lembrança; de algum lugar  
Uma mulher me vê viver, que me chama; devo  
Segui-la, porque tal é o meu destino. Seguirei  
Todas as mulheres em meu caminho, de tal forma  
Que ela seja, em sua rota, uma dispersão de pegadas  
Para o alto, e não me reste de tudo, ao fim  
Senão o sentimento desta missão e o consolo de saber  
Que fui amante, e que entre a mulher e eu alguma coisa existe  
Maior que o amor e a carne, um secreto acordo, uma promessa  
De socorro, de compreensão e de fidelidade para a vida.

*Rio de Janeiro, 1943*

## A última elegia (V)

Greenish, newish roofs of Chelsea  
Onde, merencórios, toutinegram rouxinóis  
Forlornando baladas para nunca mais!  
Ó imortal landscape  
no anticlímax da aurora!  
*ô joy for ever!*

Na hora da nossa morte et nunc et semper  
Na minha vida em lágrimas!  
*uer ar iú*

Ó fenesuites, calmo atlas do fog  
Impassévido devorador das esterlúridas?

Darling, darkling I listen...  
"... it is, my soul, it is  
Her gracious self..."

murmura adormecida  
É meu nome!...  
sou eu, sou eu, Nabucodonosor!  
Motionless I climb

the wa  
t  
e  
r

Am I p        a Spider?  
i  
Am I p        a Mirror?  
e  
Am I s        an X Ray?

No, I'm the Three Musketeers  
*rolled in a Romeo.*  
*Virus*

Da alta e irreal paixão subindo as veias  
Com que chegar ao coração da amiga.

Alas, celua

Me iluminou, celua me iludiu cantando  
The songs of Los; e agora

*meus passos  
são gatos*

Comendo o tempo em tuas cornijas  
Em lúridas, muito lúridas  
Aventuras do amor mediúnico e miaugente...  
So I came  
*- from the dark bull-like tower  
fantomática*

Que à noite bimbilha bimbilalões de badaladas  
Nos bem-bons da morte e ruge menstruosamente sádica  
A sua sede de amor; so I came  
De Menaipa para Forox, do rio ao mar – e onde  
Um dia assassinei um cadáver aceso  
Velado pelas seis bocas, pelos doze olhos, pelos centevinte dedos espalmados  
Dos primeiros padres do mundo; so I came  
For everlong that everlast – e deixa-me cantá-lo  
A voz morna da retardosa rosa  
Mornful and Beátrix  
Obstétrix  
Poésia.

Dost thou remember, dark love  
Made in London, celua, celua nostra  
Mais linda que mare nostrum?  
*quando early morn'*

Eu vinha impressentido, like the shadow of a cloud  
Crepitante ainda nos aromas emolientes de Christ Church meadows  
Frio como uma coluna dos cloisters de Magdalen  
Queimar-me à luz translúcida de Chelsea?  
Fear love...  
*ô brisa do Tâmis, ô ponte de Waterloo, ô*

Roofs of Chelsea, ô proctors, ô preposterous  
Symbols of my eagerness!

*- terror no espaço!  
- silêncio nos graveyards!  
- fome dos braços teus!*

Só Deus me escuta andar...  
*- ando sobre o coração de Deus*

Em meio à flora gótica... step, step along  
 Along the High... "I don't fear anything  
 But the ghost of Oscar Wilde..." ...ô darlingest  
 I feared... A ESTAÇÃO DE TRENS... I had to post-pone  
 All my souvenirs! there was always a bowler-hat  
 Or a POLICEMAN around, a stretched one, a mighty  
 Goya, looking sort of put upon, cuja passada de cautchu  
 Era para mim como o bater do coração do silêncio (I used  
 To eat all the chocolates from the one-penny-machine  
 Just to look natural; it seemed to me que não era eu  
 Any more, era Jack the Ripper being hunted) e suddenly  
 Tudo ficava restful and warm... – o síiiiiiii  
 Lvo da Locomotiva – leitmotiv – locomovendo-se  
 Through the Ballad of READING Gaol até a visão de  
 PADDINGTON (quem foste tu tão grande  
 Para alevantares aos amanhecentes céus de amor  
 Os nervos de aço de Vercingetórix?). Eu olharia risonho  
 A Rosa-dos-Ventos. S. W. Loeste! no dédalo  
 Se acalentaria uma loenda de amigo: "I wish, I wish  
 I were asleep". Quoth I: – Ô squire  
 Please, à Estrada do Rei, na Casa do Pequeno Cisne  
 Room twenty four! ô squire, quick, before  
 My heart turns to whatever whatsoever sore!  
 Há um grande aluamento de microerosíferos  
 Em mim! ô squire, art thou in love? dost thou  
 Believe in pregnancy, kindly tell me? ô  
 Squire, quick, before alva turns to electra  
 For ever, ever more! give thy horses  
 Gasoline galore, but to take me to my maid  
 Minha garota – Lenore!  
 Quoth the driver: – Right you are, sir.

\*\*\*

O roofs of Chelsea!  
 Encantados roofs, multicolores, briques, bridges, brumas  
 Da aurora em Chelsea! ô melancholy!  
 "I wish, I wish I were asleep..." but the morning  
 Rises, o perfume da madrugada em Londres  
 Makes me fluid... darling, darling, acorda, escuta  
 Amanheceu, não durmas... o bálsamo do sono  
 Fechou-te as pálpebras de azul... Victoria & Albert resplende  
 Para o teu despertar; ô darling, vem amar  
 À luz de Chelsea! não ouves o rouxinol cantar em Central Park?  
 Não ouves resvalar no rio, sob os chorões, o leve batel  
 Que Bilac deitou à correnteza para eu te passear? não sentes  
 O vento brando e macio nos mahoganies? the leaves of brown  
 Came thumbling down, remember?

*"Escrevi dez canções..."*

*... escrevi um soneto...*  
*... escrevi uma elegia..."*

Ô darling, acorda, give me thy eyes of brown, vamos fugir  
Para a Inglaterra?

*"... escrevi um soneto...*  
*... escrevi uma carta..."*

Ô darling, vamos fugir para a Inglaterra?

*..."que irão pensar*

Os quatro cavaleiros do Apocalipse..."

*"... escrevi uma ode..."*

Ô darling!

*Ô PAVEMENTS*  
*Ô roofs of Chelsea!*

Encantados roofs, noble pavements, cheerful pubs, delicatessen  
Crumpets, a glass of bitter, cap and gown... – don't cry, don't cry!  
Nothing is lost, I'll come again, next week, I promise thee...  
Be still, don't cry...

*... don't cry*  
*... don't cry*  
*RESOUND*

Ye pavements!

*- até que a morte nos separe*  
*- ó brisas do Tâmesa, farfalhai!*

Ó telhados de Chelsea,  
amanhecei!

*Londres, 1939*



# O encontro do cotidiano

## Soneto de fidelidade

De tudo, ao meu amor serei atento  
Antes, e com tal zelo, e sempre, e tanto  
Que mesmo em face do maior encanto  
Dele se encante mais meu pensamento

Quero vivê-lo em cada vão momento  
E em seu louvor hei de espalhar meu canto  
E rir meu riso e derramar meu pranto  
Ao seu pesar ou seu contentamento

E assim quando mais tarde me procure  
Quem sabe a morte, angústia de quem vive  
Quem sabe a solidão, fim de quem ama

Eu possa lhe dizer do amor (que tive):  
Que não seja imortal, posto que é chama  
Mas que seja infinito enquanto dure

*Estoril - Portugal, 10.1939*

## **A morte**

A morte vem de longe  
Do fundo dos céus  
Vem para os meus olhos  
Virá para os teus  
Desce das estrelas  
Das brancas estrelas  
As loucas estrelas  
Trânsfugas de Deus  
Chega impressentida  
Nunca inesperada  
Ela que é na vida  
A grande esperada!  
A desesperada  
Do amor fratricida  
Dos homens, ai! dos homens  
Que matam a morte  
Por medo da vida.

*Rio de Janeiro*

## **A partida**

Quero ir-me embora pra estrela  
Que vi luzindo no céu  
Na várzea do setestrela.  
Sairei de casa à tarde  
Na hora crepuscular  
Em minha rua deserta  
Nem uma janela aberta  
Ninguém para me espiar  
De vivo verei apenas  
Duas mulheres serenas  
Me acenando devagar.  
Será meu corpo sozinho  
Que há de me acompanhar  
Que a alma estará vagando  
Entre os amigos, num bar.  
Ninguém ficará chorando  
Que mãe já não terei mais  
E a mulher que outrora tinha  
Mais que ser minha mulher  
É mãe de uma filha minha.  
Irei embora sozinho  
Sem angústia nem pesar  
Antes contente da vida  
Que não pedi, tão sofrida  
Mas não perdi por ganhar.  
Verei a cidade morta  
Ir ficando para trás  
E em frente se abrirem campos  
Em flores e pirilampos  
Como a miragem de tantos  
Que tremeluzem no alto.  
Num ponto qualquer da treva  
Um vento me envolverá  
Sentirei a voz molhada  
Da noite que vem do mar  
Chegar-me-ão falas tristes  
Como a querer me entristar  
Mas não serei mais lembrança  
Nada me surpreenderá:  
Passarei lícido e frio  
Compreensivo e singular  
Como um cadáver num rio  
E quando, de algum lugar  
Chegar-me o apelo vazio  
De uma mulher a chorar

Só então me voltarei  
Mas nem adeus lhe darei  
No oco raio estelar  
Libertado subirei.

## **Marinha**

Na praia de coisas brancas  
Abrem-se às ondas cativas  
Conchas brancas, coxas brancas  
    Águas-vivas.

Aos mergulhares do bando  
Afloram perspectivas  
Redondas, se aglutinando  
    Volitivas.

E as ondas de pontas roxas  
Vão e vêm, verdes e esquivas  
Vagabundas, como frouxas  
    Entre vivas!

## Os acrobatas

Subamos!  
Subamos acima  
Subamos além, subamos  
Acima do além, subamos!  
Com a posse física dos braços  
Inelutavelmente galgaremos  
O grande mar de estrelas  
Através de milênios de luz.

Subamos!  
Como dois atletas  
O rosto petrificado  
No pálido sorriso do esforço  
Subamos acima  
Com a posse física dos braços  
E os músculos desmesurados  
Na calma convulsa da ascensão.

Oh, acima  
Mais longe que tudo  
Além, mais longe que acima do além!  
Como dois acrobatas  
Subamos, lentíssimos  
Lá onde o infinito  
De tão infinito  
Nem mais nome tem  
Subamos!

Tensos  
Pela corda luminosa  
Que pende invisível  
E cujos nós são astros  
Queimando nas mãos  
Subamos à tona  
Do grande mar de estrelas  
Onde dorme a noite  
Subamos!

Tu e eu, herméticos  
As nádegas duras  
A carótida nodosa  
Na fibra do pescoço  
Os pés agudos em ponta.

Como no espasmo.

E quando  
Lá, acima  
Além, mais longe que acima do além  
Adiante do véu de Betelgeuse  
Depois do país de Altair  
Sobre o cérebro de Deus

Num último impulso  
Libertados do espírito  
Despojados da carne  
Nós nos possuiremos.

E morreremos  
Morreremos alto, imensamente  
IMENSAMENTE ALTO.

## **Paisagem**

Subi a alta colina  
Para encontrar a tarde  
Entre os rios cativos  
A sombra sepultava o silêncio.

Assim entrei no pensamento  
Da morte minha amiga  
Ao pé da grande montanha  
Do outro lado do poente.

Como tudo nesse momento  
Me pareceu plácido e sem memória  
Foi quando de repente uma menina  
De vermelho surgiu no vale correndo, correndo...

## **Balada do cavalo**

A tarde morre bem tarde  
No morro do Cavalão...  
Tem um poder de sossego.  
Dentro do meu coração  
Quanto sangue derramado!

Balança, rede, balança...

Susana deixou minha alma  
Numa grande confusão  
Seu berço ficou vazio  
No morro do Cavalão:  
Pequena estrela da tarde.

Ah, gosto da minha vida  
Sangue da minha paixão!

Levou o anjo o outro anjo  
Da saudade de seu pai  
Susana foi de avião  
Com quinze dias de idade  
Batendo todos os recordes!

Que tarde que a tarde cai!

Poeta, diz teu anseio  
Que o santo te satisfaz:  
Queria fazer mais um filho  
Queria tanto ser pai!

Voam cardumes de aves  
No cristal rosa do ar.  
Vontade de ser levado  
Pelas correntes do mar  
Para um grande mar de sangue!

E a vida passa depressa  
No morro do Cavalão  
Entre tantas flores, tantas  
Flores tontas, parasitas  
Parasitas da nação.

Quanta garrafa vazia  
Quanto limão pelo chão!

Menina, me diz um verso  
Bem cheio de ingratidão?  
– Era uma vez um poeta  
No morro do Cavalão  
Tantas fez que a dor-de-corno  
Bateu com ele no chão  
Arrastou ele nas pedras  
Espremeu seu coração  
Que pensa usted que saiu?  
Saiu cachaça e limão.

Susana nasceu morena  
E é Mello Moraes também:  
É minha filha pequena  
Tão boa de querer bem!

Oh, Saco de São Francisco  
Que eu avisto a cavaleiro  
Do morro do Cavalão!  
(O Saco de São Francisco  
Xavier não chama não  
Há de ser sempre de Assis:  
São Francisco Xavier  
É nome de uma estação)  
Onde está minha alegria  
Meus amores onde estão?

A casa das mil janelas  
É a casa do meu irmão  
Lá dentro me esperam elas  
Que dormem cedo com medo  
Da trinca do Cavalão.

Balança, rede, balança...



## Canção

Não leves nunca de mim  
A filha que tu me deste  
A doce, úmida, tranqüila  
Filhinha que tu me deste  
Deixe-a, que bem me persiga  
Seu balbucio celeste.  
Não leves; deixa-a comigo  
Que bem me persiga, a fim  
De que eu não queira comigo  
A primogênita em mim  
A fria, seca, encruada  
Filha que a morte me deu  
Que vive dessedentada  
Do leite que não é seu  
E que de noite me chama  
Com a voz mais triste que há  
E pra dizer que me ama  
E pra chamar-me de pai.  
Não deixes nunca partir  
A filha que tu me deste  
A fim de que eu não prefira  
A outra, que é mais agreste  
Mas que não parte de mim.

## O riso

Aquele riso foi o canto célebre  
Da primeira estrela, em vão.  
Milagre de primavera intacta  
No sepulcro de neve  
Rosa aberta ao vento, breve  
Muito breve...

Não, aquele riso foi o canto célebre  
Alta melodia imóvel  
Gorjeio de fonte núbil  
Apenas brotada, na treva...  
Fonte de lábios (hora  
Extremamente mágica do silêncio das aves).

Oh, música entre pétalas  
Não afugentes meu amor!  
Mistério maior é o sono  
Se de súbito não se ouve o riso na noite.

## Pescador

Pescador, onde vais pescar esta noitada:  
Nas Pedras Brancas ou na ponte da praia do Barão?  
Está tão perto que eu não te vejo pescador, apenas  
Ouço a água ponteando no peito da tua canoa...

Vai em silêncio, pescador, para não chamar as almas  
Se ouvires o grito da procelária, volta, pescador!  
Se ouvires o sino do farol das Feiticeiras, volta, pescador!  
Se ouvires o choro da suicida da usina, volta, pescador!

Traz uma tainha gorda para Maria Mulata  
Vai com Deus! daqui a instante a sardinha sobe  
Mas toma cuidado com o cação e com o boto nadador  
E com o polvo que te enrola feito a palavra, pescador!

Por que vais sozinho, pescador, que fizeste do teu remorso  
Não foste tu que navalhaste Juca Diabo na cal da caieira?  
Me contaram, pescador, que ele tinha sangue tão grosso  
Que foi preciso derramar cachaça na tua mão vermelha, pescador.

Pescador, tu és homem, hem, pescador? que é de Palmira?  
Ficou dormindo? eu gosto de tua mulher Palmira, pescador!  
Ela tem ruga mas é bonita, ela carrega lata d'água  
E ninguém sabe por que ela não quer ser portuguesa, pescador...

Ouve, eu não peço nada do mundo, eu só queria a estrela-d'alva  
Porque ela sorri mesmo antes de nascer, na madrugada  
Oh, vai no horizonte, pescador, com tua vela tu vais depressa  
E quando ela vier à tona, pesca ela para mim depressa, pescador?

Ah, que tua canoa é leve, pescador; na água  
Ela até me lembra meu corpo no corpo de Cora Marina  
Tão grande era Cora Marina que eu até dormi nela  
E ela também dormindo nem me sentia o peso, pescador...

Ah, que tu és poderoso, pescador! caranguejo não te morde  
Marisco não te corta o pé, ouriço-do-mar não te pica  
Ficas minuto e meio mergulhado em grota de mar adentro  
E quando sobes tens peixe na mão esganado, pescador!

É verdade que viste alma na ponta da Amendoeira  
E que ela atravessou a praça e entrou nas obras da igreja velha?  
Ah, que tua vida tem caso, pescador, tem caso  
E tu nem dás caso da tua vida, pescador...

Tu vês no escuro, pescador, tu sabes o nome dos ventos?  
Por que ficas tanto tempo olhando no céu sem lua?

Quando eu olho no céu fico tonto de tanta estrela  
E vejo uma mulher nua que vem caindo na minha vertigem, pescador.

Tu já viste mulher nua, pescador: um dia eu vi Negra nua  
Negra dormindo na rede, dourada como a soalheira  
Tinha duas roxuras nos peitos e um vasto negrume no sexo  
E a boca molhada e uma perna calçada de meia, pescador...

Não achas que a mulher parece com a água, pescador?  
Que os peitos dela parecem ondas sem espuma?  
Que o ventre parece a areia mole do fundo?  
Que o sexo parece a concha marinha entreaberta pescador?

Esquece a minha voz, pescador, que eu nunca fui inocente!  
Teu remo fende a água redonda com um tremor de carícia  
Ah, pescador, que as vagas são peitos de mulheres boiando à tona  
Vai devagar, pescador, a água te dá carinhos indizíveis, pescador!

És tu que acendes teu cigarro de palha no isqueiro de corda  
Ou é a luz da bóia boiando na entrada do recife, pescador?  
Meu desejo era apenas ser segundo no leme da tua canoa  
Trazer peixe fresco e manga-rosa da Ilha Verde, pescador!

Ah, pescador, que milagre maior que a tua pescaria!  
Quando lanças tua rede lanças teu coração com ela pescador!  
Teu anzol é brinco irresistível para o peixinho  
Teu arpão é mastro firme no casco do pescado, pescador!

Toma castanha de caju torrada, toma aguardente de cana  
Que sonho de matar peixe te rouba assim a fome, pescador?  
Toma farinha torrada para a tua sardinha, toma, pescador  
Senão ficas fraco do peito que nem teu pai Zé Pescada, pescador...

Se estás triste eu vou buscar Joaquim, o poeta português  
Que te diz o verso da mãe que morreu três vezes por causa do filho na guerra  
Na terceira vez ele sempre chora, pescador, é engraçado  
E arranca os cabelos e senta na areia e espreme a bicheira do pé.

Não fiques triste, pescador, que mágoa não pega peixe.  
Deixa a mágoa para o Sandoval que é soldado e brigou com a noiva  
Que pegou brasa do fogo só para esquecer a dor da ingrata  
E tatuou o peito com a cobra do nome dela, pescador.

Tua mulher Palmira é santa, a voz dela parece reza  
O olhar dela é mais grave que a hora depois da tarde  
Um dia, cansada de trabalhar, ela vai se estirar na enxerga  
Vai cruzar as mãos no peito, vai chamar a morte e descansar...

Deus te leve, Deus te leve perdido por essa vida...  
Ah, pescador, tu pescas a morte, pescador

Mas toma cuidado que de tanto pescares a morte  
Um dia a morte também te pesca, pescador!

Tens um branco de luz nos teus cabelos, pescador:  
É a aurora? oh, leva-me na aurora, pescador!  
Quero banhar meu coração na aurora, pescador!  
Meu coração negro de noite sem aurora, pescador!

Não vás ainda, escuta! eu te dou o bentinho de São Cristóvão  
Eu te dou o escapulário da Ajuda, eu te dou ripa da barca santa  
Quando Vênus sair das sombras não quero ficar sozinho  
Não quero ficar cego, não quero morrer apaixonado, pescador!

Ouve o canto misterioso das águas no firmamento...  
É a alvorada, pescador, a inefável alvorada  
A noite se desincorpora, pescador, em sombra  
E a sombra em névoa e madrugada, pescador!

Vai, vai, pescador, filho do vento, irmão da aurora  
És tão belo que nem sei se existes, pescador!  
Teu rosto tem rugas para o mar onde deságua  
O pranto com que matas a sede de amor do mar!

Apenas te vejo na treva que se desfaz em brisa  
Vais seguindo serenamente pelas águas, pescador  
Levas na mão a bandeira branca da vela enfunada  
E chicoteias com o anzol a face invisível do céu.

## **Barcarola**

Parti-me, trágico, ao meio  
De mim mesmo, na paixão.  
A amiga mostrou-me o seio  
Como uma consolação.

Dormi-lhe no peito frio  
De um sono sem sonhos, mas  
A carne no desvario  
Da manhã, roubou-me a paz.

Fugi, temeroso ao gesto  
Do seu receio modesto  
E cálido; enfim, depois

Pensando a vida adiante  
Vi o remorso distante  
Desse crime de nós dois.

## **Lápide de Sinhazinha Ferreira**

A vida sossega  
Lírios em repouso  
Adormecestes cega  
Na visão do esposo.

A paixão é pouso  
Que a treva não nega  
A morte carrega  
E o sono dá gozo.

Não vos vejo em paz  
Nem vos penso bem  
Na minha saudade.

Sinto que vagais  
Ao lado de alguém  
Pela eternidade.

## **Soneto de despedida**

Uma lua no céu apareceu  
Cheia e branca; foi quando, emocionada  
A mulher a meu lado estremeceu  
E se entregou sem que eu dissesse nada.

Larguei-as pela jovem madrugada  
Ambas cheias e brancas e sem véu  
Perdida uma, a outra abandonada  
Uma nua na terra, outra no céu.

Mas não partira delas; a mais louca  
Apaixonou-me o pensamento; dei-o  
Feliz – eu de amor pouco e vida pouca

Mas que tinha deixado em meu enleio  
Um sorriso de carne em sua boca  
Uma gota de leite no seu seio.

*Rio de Janeiro, 1940*

## **O apelo**

Que te vale, minha alma, essa paisagem fria  
Essa terra onde parecem repousar virgens distantes?  
Que te importa essa calma, essa tarde caindo sem vozes  
Esse ar onde as nuvens se esquecem como adeuses?  
Que te diz o adormecimento dessa montanha extática  
Onde há caminhos tão tristes que ninguém anda neles  
E onde o pipilo de um pássaro que passa de repente  
Parece suspender uma lágrima que nunca se derrama?  
Para que te debruças inutilmente sobre esse ermo  
E buscas um grito de agonia que nunca te chegará a tempo  
Que são longos, minha alma, os espaços perdidos...  
Ah, chegar! chegar depois de tanta ausência  
E despontar como um santo dentro das ruas escuras  
Bêbado dos seios da amada cheios de espuma!

## **Notícia d' "O século"**

Nas terras do Geraz  
Que compreendem três populosas freguesias  
O povo ainda se mostra sucumbido  
Com o bárbaro crime do lavrador Manuel da Névoa  
E é curioso notar que ao toque das rezas  
Os habitantes correm aos campos, matas e veigas  
Gritando pelo assassino, para que apareça  
Que não se esconda, pois se torna necessário fazer justiça.  
Trata-se de um velho costume  
Com o fim de exacerbar o remorso  
Dos criminosos que andem a monte fugindo ao castigo  
Nas terras do Geraz.

## **Soneto da madrugada**

Pensar que já vivi à sombra escura  
Desse ideal de dor, triste ideal  
Que acima das paixões do bem e do mal  
Colocava a paixão da criatura!

Pensar que essa paixão, flor de amargura  
Foi uma desventura sem igual  
Uma incapacidade de ternura  
Nunca simples e nunca natural!

Pensar que a vida se houve de tal sorte  
Com tal zelo e tão íntimo sentido  
Que em mim a vida renasceu da morte!

Hoje me libertei, povo oprimido  
E por ti viverei meu ódio forte  
Nesse misterioso amor perdido.

## **Sinos de Oxford**

Cantai, sinos, sinos  
Cantai pelo ar  
Que tão puros, nunca  
Mais ireis cantar  
Cantai leves, leves  
E logo vibrantes  
Cantai aos amantes  
E aos que vão amar.

Levai vossos cantos  
Às ondas do mar  
E saudai as aves  
Que vêm de arribar  
Em bandos, em bandos  
Sozinhas, do além  
Oh, aves! ó sinos  
Arribai também!

Sinos! dóceis, doces  
Almas de sineiros  
Brancos peregrinos  
Do céu, companheiros  
Indeléveis! rindo  
Rindo sobre as águas  
Do rio fugindo...  
Consolai-me as mágoas!

Consolai-me as mágoas  
Que não passam mais  
Minhas pobres mágoas  
De quem não tem paz.  
Ter paz... tenho tudo  
De bom e de bem...  
Respondei-me, sinos:  
A morte já vem?



## Trecho

Quem foi, perguntou o Celo  
Que me desobedeceu?  
Quem foi que entrou no meu reino  
E em meu ouro remexeu?  
Quem foi que pulou meu muro  
E minhas rosas colheu?  
Quem foi, perguntou o Celo  
E a Flauta falou: Fui eu.

Mas quem foi, a Flauta disse  
Que no meu quarto surgiu?  
Quem foi que me deu um beijo  
E em minha cama dormiu?  
Quem foi que me fez perdida  
E que me desiludiu?  
Quem foi, perguntou a Flauta  
E o velho Celo sorriu.

## Mar

Na melancolia de teus olhos  
Eu sinto a noite se inclinar  
E ouço as cantigas antigas  
Do mar.

Nos frios espaços de teus braços  
Eu me perco em carícias de água  
E durmo escutando em vão  
O silêncio.

E anseio em teu misterioso seio  
Na atonia das ondas redondas.  
Náufrago entregue ao fluxo forte  
Da morte.

## Balada da praia do Vidigal

A lua foi companheira  
Na praia do Vidigal  
Não surgiu, mas mesmo oculta  
Nos recordou seu luar  
Teu ventre de maré cheia  
Vinha em ondas me puxar  
Eram-me os dedos de areia  
Eram-te os lábios de sal.

Na sombra que ali se inclina  
Do rochedo em miramar  
Eu soube te amar, menina  
Na praia do Vidigal...  
Havia tanto silêncio  
Que para o desencantar  
Nem meus clamores de vento  
Nem teus soluços de água.  
Minhas mãos te confundiam  
Com a fria areia molhada  
Vencendo as mãos dos alísios  
Nas ondas da tua saia.  
Meus olhos baços de brumas  
Junto aos teus olhos de alga  
Viam-te envolta de espumas  
Como a menina afogada.  
E que doçura entregar-me  
Àquela mole de peixes  
Cegando-te o olhar vazio  
Com meu cardume de beijos!  
Muito lutamos, menina  
Naquele pego selvagem  
Entre areias assassinas  
Junto ao rochedo da margem.  
Três vezes submergiste  
Três vezes voltaste à flor  
E te afogaras não fossem  
As redes do meu amor.  
Quando voltamos, a noite  
Parecia em tua face  
Tinhas vento em teus cabelos  
Gotas d'água em tua carne.  
No verde lençol da areia  
Um marco ficou cravado  
Moldando a forma de um corpo  
No meio da cruz de uns braços.

Talvez que o marco, criança  
Já o tenha lavado o mar  
Mas nunca leva a lembrança  
Daquela noite de amores  
Na praia do Vidigal.

## **Cântico**

Não, tu não és um sonho, és a existência  
Tens carne, tens fadiga e tens pudor  
No calmo peito teu. Tu és a estrela  
Sem nome, és a morada, és a cantiga  
Do amor, és luz, és lírio, namorada!  
Tu és todo o esplendor, o último claustro  
Da elegia sem fim, anjo! mendiga  
Do triste verso meu. Ah, fosses nunca  
Minha, fosses a idéia, o sentimento  
Em mim, fosses a aurora, o céu da aurora  
Ausente, amiga, eu não te perderia!  
Amada! onde te deixas, onde vagas  
Entre as vagas flores? e por que dormes  
Entre os vagos rumores do mar? Tu  
Primeira, última, trágica, esquecida  
De mim! És linda, és alta! és sorridente  
És como o verde do trigal maduro  
Teus olhos têm a cor do firmamento  
Céu castanho da tarde – são teus olhos!  
Teu passo arrasta a doce poesia  
Do amor! prende o poema em forma e cor  
No espaço; para o astro do poente  
És o levante, és o Sol! eu sou o gira  
O gira, o girassol. És a soberba  
Também, a jovem rosa purpurina  
És rápida também, como a andorinha!  
Doçura! lisa e murmurante... a água  
Que corre no chão morno da montanha  
És tu; tens muitas emoções; o pássaro  
Do trópico inventou teu meigo nome  
Duas vezes, de súbito encantado!  
Dona do meu amor! sede constante  
Do meu corpo de homem! melodia  
Da minha poesia extraordinária!  
Por que me arrastas? Por que me fascinas?  
Por que me ensinas a morrer? teu sonho  
Me leva o verso à sombra e à claridade.  
Sou teu irmão, és minha irmã; padeço  
De ti, sou teu cantor humilde e terno  
Teu silêncio, teu trêmulo sossego  
Triste, onde se arrastam nostalgias  
Melancólicas, ah, tão melancólicas...  
Amiga, entra de súbito, pergunta  
Por mim, se eu continuo a amar-te; ri  
Esse riso que é tosse de ternura

Carrega-me em teu seio, louca! sinto  
A infância em teu amor! cresçamos juntos  
Como se fora agora, e sempre; demos  
Nomes graves às coisas impossíveis  
Recriemos a mágica do sonho  
Lânguida! ah, que o destino nada pode  
Contra esse teu langor; és o penúltimo  
Lirismo! encosta a tua face fresca  
Sobre o meu peito nu, ouves? é cedo  
Quanto mais tarde for, mais cedo! a calma  
É o último suspiro da poesia  
O mar é nosso, a rosa tem seu nome  
E recende mais pura ao seu chamado.  
Julieta! Carlota! Beatriz!  
Oh, deixa-me brincar, que te amo tanto  
Que se não brinco, choro, e desse pranto  
Desse pranto sem dor, que é o único amigo  
Das horas más em que não estás comigo.

## **A um passarinho**

Para que vieste  
Na minha janela  
Meter o nariz?  
Se foi por um verso  
Não sou mais poeta  
Ando tão feliz!  
Se é para uma prosa  
Não sou Anchieta  
Nem venho de Assis.

Deixa-te de histórias  
Some-te daqui!

## **Estrela polar**

Eu vi a estrela polar  
Chorando em cima do mar  
Eu vi a estrela polar  
Nas costas de Portugal!

Desde então não seja Vênus  
A mais pura das estrelas  
A estrela polar não brilha  
Se humilha no firmamento  
Parece uma criancinha  
Enjeitada pelo frio  
Estrelinha franciscana  
Teresinha, mariana  
Perdida no Pólo Norte  
De toda a tristeza humana.

## **Soneto do maior amor**

Maior amor nem mais estranho existe  
Que o meu, que não sossega a coisa amada  
E quando a sente alegre, fica triste  
E se a vê descontente, dá risada.

E que só fica em paz se lhe resiste  
O amado coração, e que se agrada  
Mais da eterna aventura em que persiste  
Que de uma vida mal-aventurada.

Louco amor meu, que quando toca, fere  
E quando fere vibra, mas prefere  
Ferir a fenecer – e vive a esmo

Fiel à sua lei de cada instante  
Desassombrado, doido, delirante  
Numa paixão de tudo e de si mesmo.

*Oxford, 1938*

## **Imitação de Rilke**

Alguém que me espia do fundo da noite  
Com olhos imóveis brilhando na noite  
Me quer.

Alguém que me espia do fundo da noite  
(Mulher que me ama, perdida na noite?)  
Me chama.

Alguém que me espia do fundo da noite  
(És tu, Poesia, velando na noite?)  
Me quer.

Alguém que me espia do fundo da noite  
(Também chega a morte dos ermos da noite...)  
Quem é?

## Balada do enterrado vivo

Na mais medonha das trevas  
Acabei de despertar  
Soterrado sob um túmulo.  
De nada chego a lembrar  
Sinto meu corpo pesar  
Como se fosse de chumbo.  
Não posso me levantar  
Debalde tentei clamar  
Aos habitantes do mundo.  
Tenho um minuto de vida  
Em breve estará perdida  
Quando eu quiser respirar.

Meu caixão me prende os braços.  
Enorme, a tampa fechada  
Roça-me quase a cabeça.  
Se ao menos a escuridão  
Não estivesse tão espessa!  
Se eu conseguisse fincar  
Os joelhos nessa tampa  
E os sete palmos de terra  
Do fundo à campa rasgar!  
Se um som eu chegasse a ouvir  
No oco deste caixão  
Que não fosse esse soturno  
Bater do meu coração!  
Se eu conseguisse esticar  
Os braços num repelão  
Inda rasgassem-me a carne  
Os ossos que restarão!

Se eu pudesse me virar  
As omoplatas romper  
Na fúria de uma evasão  
Ou se eu pudesse sorrir  
Ou de ódio me estrangular  
E de outra morte morrer!

Mas só me resta esperar  
Suster a respiração  
Sentindo o sangue subir-me  
Como a lava de um vulcão  
Enquanto a terra me esmaga  
O caixão me oprime os membros  
A gravata me asfixia



E um lenço me cerra os dentes!  
Não há como me mover  
E este lenço desatar  
Não há como desmanchar  
O laço que os pés me prende!

Bate, bate, mão aflita  
No fundo deste caixão  
Marca a angústia dos segundos  
Que sem ar se extinguirão!

Lutai, pés espavoridos  
Presos num nó de cordão  
Que acima, os homens passando  
Não ouvem vossa aflição!  
Raspa, cara enlouquecida  
Contra a lenha da prisão  
Pesando sobre teus olhos  
Há sete palmos de chão!  
Corre mente desvairada  
Sem consolo e sem perdão  
Que nem a prece te ocorre  
À louca imaginação!  
Busca o ar que se te finda  
Na caverna do pulmão  
O pouco que tens ainda  
Te há de erguer na convulsão  
Que romperá teu sepulcro  
E os sete palmos de chão:  
Não te restassem por cima  
Setecentos de amplidão!

## **Epitáfio**

Aqui jaz o Sol  
Que criou a aurora  
E deu a luz ao dia  
E apascentou a tarde

O mágico pastor  
De mãos luminosas  
Que fecundou as rosas  
E as despetalou.

Aqui jaz o Sol  
O andrógino meigo  
E violento, que

Possuiu a forma  
De todas as mulheres  
E morreu no mar.

*Oxford, 1939*

## **Soneto de Londres**

Que angústia estar sozinho na tristeza  
E na prece! que angústia estar sozinho  
Imensamente, na inocência! acesa  
A noite, em brancas trevas o caminho

Da vida, e a solidão do burburinho  
Unindo as almas frias à beleza  
Da neve vã; oh, tristemente assim  
O sonho, neve pela natureza!

Irremediável, muito irremediável  
Tanto como essa torre medieval  
Cruel, pura, insensível, inefável

Torre; que angústia estar sozinho! ó alma  
Que ideal perfume, que fatal  
Torpor te despetala a flor do céu?

*Londres, 1939*

## **Allegro**

Sente como vibra  
Doidamente em nós  
Um vento feroz  
Estorcendo a fibra

Dos caules informes  
E as plantas carnívoras  
De bocas enormes  
Lutam contra as víboras

E os rios soturnos  
Ouve como vazam  
A água corrompida

E as sombras se casam  
Nos raios noturnos  
Da lua perdida.

*Oxford, 1939*

## **Soneto de véspera**

Quando chegares e eu te vir chorando  
De tanto te esperar, que te direi?  
E da angústia de amar-te, te esperando  
Reencontrada, como te amarei?

Que beijo teu de lágrimas terei  
Para esquecer o que vivi lembrando  
E que farei da antiga mágoa quando  
Não puder te dizer por que chorei?

Como ocultar a sombra em mim suspensa  
Pelo martírio da memória imensa  
Que a distância criou – fria de vida

Imagem tua que eu compus serena  
Atenta ao meu apelo e à minha pena  
E que quisera nunca mais perdida...

*Oxford, 1939*

## Balada do mangue

Pobres flores gonocócicas  
Que à noite despetalais  
As vossas pétalas tóxicas!  
Pobre de vós, pensas, murchas  
Orquídeas do despudor  
Não sois Lœlia tenebrosa  
Nem sois Vanda tricolor:  
Sois frágeis, desmilingüidas  
Dálias cortadas ao pé  
Corolas descoloridas  
Enclausuradas sem fê,  
Ah, jovens putas das tardes  
O que vos aconteceu  
Para assim envenenardes  
O pólen que Deus vos deu?  
No entanto crispais sorrisos  
Em vossas jaulas acesas  
Mostrando o rubro das presas  
Falando coisas do amor  
E às vezes cantais uivando  
Como cadelas à lua  
Que em vossa rua sem nome  
Rola perdida no céu...  
Mas que brilho mau de estrela  
Em vossos olhos lilases  
Percebo quando, falazes,  
Fazeis rapazes entrar!  
Sinto então nos vossos sexos  
Formarem-se imediatos  
Os venenos putrefatos  
Com que os envenenar  
Ó misericordiosas!  
Glabras, glúteas caftinas  
Embebidas em jasmim  
Jogando cantos felizes  
Em perspectivas sem fim  
Cantais, maternais hienas  
Canções de caftinizar  
Gordas polacas serenas  
Sempre prestes a chorar.  
Como sofreis, que silêncio  
Não deve gritar em vós  
Esse imenso, atroz silêncio  
Dos santos e dos heróis!  
E o contraponto de vozes  
Com que ampliais o mistério  
Como é semelhante às luzes

Votivas de um cemitério  
Esculpido de memórias!  
Pobres, trágicas mulheres  
Multidimensionais  
Ponto morto de choferes  
Passadiço de navais!  
Louras mulatas francesas  
Vestidas de carnaval:  
Viveis a festa das flores  
Pelo convés dessas ruas  
Ancoradas no canal?  
Para onde irão vossos cantos  
Para onde irá vossa nau?  
Por que vos deixais imóveis  
Alérgicas sensitivas  
Nos jardins desse hospital  
Etílico e heliotrópico?  
Por que não vos trucidais  
Ó inimigas? ou bem  
Não ateais fogo às vestes  
E vos lançais como tochas  
Contra esses homens de nada  
Nessa terra de ninguém!

*Oxford, 1939*

### **Soneto a Otávio de Faria**

Não te vira cantar sem voz, chorar  
Sem lágrimas, e lágrimas e estrelas  
Desencantar, e mudo recolhê-las  
Para lançá-las fulgurando ao mar?

Não te vira no bojo secular  
Das praias, desmaiar de êxtase nelas  
Ao cansaço viril de percorrê-las  
Entre os negros abismos do luar?

Não te vira ferir o indiferente  
Para lavar os olhos da impostura  
De uma vida que cala e que consente?

Vira-te tudo, amigo! coisa pura  
Arrancada da carne intransigente  
Pelo trágico amor da criatura.

*Oxford, 1939*

## Rosário

E eu que era um menino puro  
Não fui perder minha infância  
No mangue daquela carne!  
Dizia que era morena  
Sabendo que era mulata  
Dizia que era donzela  
Nem isso não era ela  
Era uma moça que dava.  
Deixava... mesmo no mar  
Onde se fazia em água  
Onde de um peixe que era  
Em mil se multiplicava  
Onde suas mãos de alga  
Sobre meu corpo boiavam  
Trazendo à tona águas-vivas  
Onde antes não tinha nada.  
Quanto meus olhos não viram  
No céu da areia da praia  
Duas estrelas escuras  
Brilhando entre aquelas duas  
Nebulosas desmanchadas  
E não beberam meus beijos  
Aqueles olhos noturnos  
Luzindo de luz parada  
Na imensa noite da ilha!  
Era minha namorada  
Primeiro nome de amada  
Primeiro chamar de filha...  
Grande filha de uma vaca!  
Como não me seduzia  
Como não me alucinava  
Como deixava, fingindo  
Fingindo que não deixava!  
Aquele noite entre todas  
Que cica os caju! travavam!  
Como era quieto o sossego  
Cheirando a jasmim-do-cabo!  
Lembro que nem se mexia  
O luar esverdeado  
Lembro que longe, nos longes  
Um gramofone tocava  
Lembro dos seus anos vinte  
Junto aos meus quinze deitados  
Sob a luz verde da lua.  
Ergueu a saia de um gesto

Por sobre a perna dobrada  
Mordendo a carne da mão  
Me olhando sem dizer nada  
Enquanto jazente eu via  
Como uma anêmona na água  
A coisa que se movia  
Ao vento que a farfalhava.  
Toquei-lhe a dura pevide  
Entre o pêlo que a guardava  
Beijando-lhe a coxa fria  
Com gosto de cana brava.  
Senti à pressão do dedo  
Desfazer-se desmanchada  
Como um dedal de segredo  
A pequenina castanha  
Gulosa de ser tocada.  
Era uma dança morena  
Era uma dança mulata  
Era o cheiro de amarugem  
Era a lua cor de prata  
Mas foi só naquela noite!  
Passava dando risada  
Carregando os peitos loucos  
Quem sabe para quem, quem sabe?  
Mas como me seduzia  
A negra visão escrava  
Daquele feixe de águas  
Que sabia ela guardava  
No fundo das coxas frias!  
Mas como me desbragava  
Na areia mole e macia!  
A areia me recebia  
E eu baixinho me entregava  
Com medo que Deus ouvisse  
Os gemidos que não dava!  
Os gemidos que não dava...  
Por amor do que ela dava  
Aos outros de mais idade  
Que a carregaram da ilha  
Para as ruas da cidade  
Meu grande sonho da infância  
Angústia da mocidade.

## **O escândalo da rosa**

Oh rosa que raivosa  
Assim carmesim  
Quem te fez zelosa  
O carme tão ruim?

Que anjo ou que pássaro  
Roubou tua cor  
Que ventos passaram  
Sobre o teu pudor

Coisa milagrosa  
De rosa de mate  
De bom para mim

Rosa glamourosa?  
Oh rosa que escarlata:  
No mesmo jardim!

## **Soneto ao inverno**

Inverno, doce inverno das manhãs  
Translúcidas, tardias e distantes  
Propício ao sentimento das irmãs  
E ao mistério da carne das amantes:

Quem és, que transfiguras as maçãs  
Em iluminações dessemelhantes  
E enlouqueces as rosas temporãs  
Rosa-dos-ventos, rosa dos instantes?

Por que ruflaste as tremulantes asas  
Alma do céu? o amor das coisas várias  
Fez-te migrar – inverno sobre casas!

Anjo tutelar das luminárias  
Preservador de santas e de estrelas...  
Que importa a noite lúgubre escondê-las?

*Londres, 1939*



## **Soneto de quarta-feira de cinzas**

Por seres quem me foste, grave e pura  
Em tão doce surpresa conquistada  
Por seres uma branca criatura  
De uma brancura de manhã raiada

Por seres de uma rara formosura  
Malgrado a vida dura e atormentada  
Por seres mais que a simples aventura  
E menos que a constante namorada

Porque te vi nascer de mim sozinha  
Como a noturna flor desabrochada  
A uma fala de amor, talvez perjura

Por não te possuir, tendo-te minha  
Por só queres tudo, e eu dar-te nada  
Hei de lembrar-te sempre com ternura.

*Rio de Janeiro, 1941*

## **Saudade de Manuel Bandeira**

Não foste apenas um segredo  
De poesia e de emoção  
Foste uma estrela em meu degredo  
Poeta, pai! áspero irmão.

Não me abraçaste só no peito  
Puseste a mão na minha mão  
Eu, pequenino – tu, eleito  
Poeta! pai, áspero irmão.

Lúcido, alto e ascético amigo  
De triste e claro coração  
Que sonhas tanto a sós contigo  
Poeta, pai, áspero irmão?

## Sombra e luz

### I

Dança Deus!  
Sacudindo o mundo  
Desfigurando estrelas  
Afogando o mundo  
Na cinza dos céus  
Sapateia, Deus  
Negro na noite  
Semeando brasas  
No túmulo de Orfeu.

Dança, Deus! dança  
Dança de horror  
Que a faca que corta  
Dá talho sem dor.  
A dama Negra  
A Rainha Euterpe  
A Torre de Magdalen  
E o Rio Jordão  
Quebraram muros  
Beberam absinto  
Vomitaram bile  
No meu coração.

E um gato e um soneto  
No túmulo preto  
E uma espada nua  
No meio da rua  
E um bezerro de ouro  
Na boca do lobo  
E um bruto alifante  
No baile da Corte  
Naquele cantinho  
Cocô de ratinho  
Naquele cantão  
Cocô de ratão.

Violino moço fino  
– Quem se rir há de apanhar.

Violão moço vadio  
– Não sei quem apanhará.

## II

Munevada glimou vestassudente.

Desfazendo-se em lágrimas azuis  
Em mistérios nascia a madrugada  
E o vampiro Nosferatu  
Descia o rio  
Fazendo poemas  
Dizendo blasfêmias  
Soltando morcegos  
Bebendo hidromel  
E se desencantava, minha mãe!

Ficava a rua  
Ficava a praia  
No fim da praia  
Ficava Maria  
No meio de Maria  
Ficava uma rosa  
Cobrindo a rosa  
Uma bandeira  
Com duas tibias  
E uma caveira.

Mas não era o que queria  
Que era mesmo o que eu queria?  
"Eu queria uma casinha  
Com varanda para o mar  
Onde brincasse a andorinha  
E onde chegasse o luar  
Com vinhas nessa varanda  
E vacas na vacaria  
Com vinho verde e vianda  
Que nem Carlito queria."

Nunca mais, nunca mais!  
As luzes já se apagavam  
Os mortos mortos de frio  
Se enrolavam nos sudários  
Fechavam a tampa da cova  
Batendo cinco pancadas.

Que fazer senão morrer?

## III

Pela estrada plana, toc-toc-toc

As lágrimas corriam.  
As primeiras mulheres  
Saíam toc-toc na manhã  
O mundo despertava! em cada porta  
Uma esposa batia toc-toc  
E os homens caminhavam na manhã.  
Logo se acenderão as forjas  
Fumarão as chaminés  
Se caldeará o aço da carne  
Em breve os ferreiros toc-toc  
Martelarão o próprio sexo  
E os santos marceneiros roc-roc  
Mandarão berços para Belém.  
Ouve a cantiga dos navios  
Convergindo dos temporais para os portos  
Ouve o mar  
Rugindo em cóleras de espuma  
Have mercy on me O Lord  
Send me Isaias  
I need a poet  
To sing me ashore.

Minha luz ficou aberta  
Minha cama ficou feita  
Minha alma ficou deserta  
Minha carne insatisfeita.

## **Azul e branco**

*Concha e cavalo-marinho*  
Mote de Pedro Nava

### **I**

Massas geométricas  
Em pautas de música  
Plástica e silêncio  
Do espaço criado.

Concha e cavalo-marinho.

O mar vos deu em corola  
O céu vos imantou  
Mas a luz refez o equilíbrio.

Concha e cavalo-marinho.

Vênus anadiômena  
Múltipede e alada  
Os seios azuis  
Dando leite à tarde  
Viu-vos Eupalinos  
No espelho convexo  
Da gota que o orvalho  
Escorreu da noite  
Nos lábios da aurora.

Concha e cavalo-marinho.

Pálpebras cerradas  
Ao poder violeta  
Sombras projetadas  
Em mansuetude  
Sublime colóquio  
Da forma com a eternidade.

Concha e cavalo-marinho.

### **II**

Na verde espessura  
Do fundo do mar  
Nasce a arquitetura.

Da cal das conchas  
Do sumo das algas

Da vida dos polvos  
Sobre tentáculos  
Do amor dos pólipos  
Que estratifica abóbadas  
Da ávida mucosa  
Das rubras anêmonas  
Que argamassa peixes  
Da salgada célula  
De estranha substância  
Que dá peso ao mar.

Concha e cavalo-marinho.

Concha e cavalo-marinho:  
Os ágeis sinuosos  
Que o raio de luz  
Cortando transforma  
Em claves de sol  
E o amor do infinito  
Retifica em hastes  
Antenas paralelas  
Propícias à eterna  
Incursão da música.

Concha e cavalo-marinho.

### III

Azul... Azul...

Azul e Branco  
Azul e Branco  
Azul e Branco  
Azul e Branco  
Azul e Branco  
Azul e Branco  
Azul e Branco  
Azul e Branco  
Azul e Branco  
Azul e Branco  
Azul e Branco  
Azul e Branco  
Azul e Branco  
Azul e Branco  
Azul e Branco

Concha...  
e cavalo-marinho.

## Balada de Pedro Nava

*(O anjo e o túmulo)*

### I

Meu amigo Pedro Nava  
Em que navio embarcou:  
A bordo do Westphalia  
Ou a bordo do Lidador?

Em que antárticas espumas  
Navega o navegador  
Em que brahmas, em que brumas

Pedro Nava se afogou?

Juro que estava comigo  
Há coisa de não faz muito  
Enchendo bem a caveira  
Ao seu eterno defunto.

Ou não era Pedro Nava  
Quem me falava aqui junto  
Não era o Nava de fato  
Nem era o Nava defunto?...

Se o tivesse aqui comigo  
Tudo se solucionava  
Diria ao garçom: Escanção!  
Uma pedra a Pedro Nava!

Uma pedra a Pedro Nava  
Nessa pedra uma inscrição:  
"– deste que muito te amava  
teu amigo, teu irmão..."

Mas oh, não! que ele não morra  
Sem escutar meu segredo  
Estou nas garras da Cachorra  
Vou ficar louco de medo

Preciso muito falar-lhe  
Antes que chegue amanhã:  
Pedro Nava, meu amigo  
DESCEU O LEVIATÃ!

## II

A moça dizia à lua  
Minha carne é cor-de-rosa  
Não é verde como a tua  
Eu sou jovem e formosa.  
Minhas maminhas – a moça  
À lua mostrava as suas –  
Têm a brancura da louça  
Não são negras como as tuas.  
E ela falava: Meu ventre  
É puro – e o deitava à lua  
A lua que o sangra dentro  
Quem haverá que a possua?  
Meu sexo – a moça jogada  
Entreabria-se nua –  
É o sangue da madrugada  
Na triste noite sem lua.  
Minha pele é viva e quente  
Lança o teu raio mais frio  
Sobre o meu corpo inocente...  
Sente o teu como é vazio.

## III

A sombra decapitada  
Caiu fria sobre o mar...  
Quem foi a voz que chamou?  
Quem foi a voz que chamou?

– Foi o cadáver do anjo  
Que morto não se enterrou.

Nas vagas boiavam virgens  
Desfiguradas de horror...  
O homem pálido gritava:  
Quem foi a voz que chamou?

– Foi o extático Adriático  
Chorando o seu paramor.

De repente, no céu ermo  
A lua se consumou...  
O mar deu tumulto à lua.  
Quem foi a voz que chamou?

– Foi a cabeça cortada  
Na praia do Arpoador.



O mar rugia tão forte  
Que o homem se debruçou  
Numa vertigem de morte:  
Quem foi a voz que chamou?

– Foi a eterna alma penada  
Daquele que não amou.

No abismo escuro das fragas  
Descia o disco brilhante  
Sumindo por entre as águas...  
Oh lua em busca do amante!  
E o sopro da ventania  
Vinha e desaparecia.

Negro cárcere da morte  
Branco cárcere da dor  
Luz e sombra da alvorada...  
A voz amada chamou!

E um grande túmulo veio  
Se desvendando no mar  
Boiava ao sabor das ondas  
Que o não queriam tragar.

Tinha uma laje e uma lápide  
Com o nome de uma mulher  
Mas de quem era esse nome  
Nunca o pudesse dizer.

#### *Nota*

##### *Balada de Pedro Nava*

Pedro Nava (Juiz de Fora, MG, 1903 - Rio de Janeiro RJ, 1984) era escritor e médico. Integrou o grupo de A Revista (1925) publicação da qual participavam Carlos Drummond de Andrade, Emílio Moura, Martins de Almeida, João Alphonsus e Abgar Renault. Em 1924, encontrou-se com o grupo de modernistas que viajava pelas cidades históricas mineiras: Oswald de Andrade, Mário de Andrade, Tarsila do Amaral, o poeta francês Blaise Cendrars e a patronesse Olívia Guedes Penteado. Nos anos seguintes, correspondeu-se com Mário de Andrade. Em 1946, seu poema O Defunto foi publicado na Antologia dos Poetas Bissextos Contemporâneos, organizada por Manuel Bandeira. Entre 1972 e 1983, publicou suas memórias em 6 volumes: Baú de Ossos, Balão Cativo, Chão de Ferro, Beira-Mar, Galo-das-Trevas e O Círio Perfeito. Pedro Nava exerceu regularmente a profissão de médico, tendo se formado em 1927, na Universidade de Minas Gerais.

## **Soneto de carnaval**

Distante o meu amor, se me afigura  
O amor como um patético tormento  
Pensar nele é morrer de desventura  
Não pensar é matar meu pensamento.

Seu mais doce desejo se amargura  
Todo o instante perdido é um sofrimento  
Cada beijo lembrado uma tortura  
Um ciúme do próprio ciumento.

E vivemos partindo, ela de mim  
E eu dela, enquanto breves vão-se os anos  
Para a grande partida que há no fim

De toda a vida e todo o amor humanos:  
Mas tranqüila ela sabe, e eu sei tranqüilo  
Que se um fica o outro parte a redimi-lo.

*Oxford, 02.1939*

## Balada das meninas de bicicleta

Meninas de bicicleta  
Que fagueiras pedalais  
Quero ser vosso poeta!  
Ó transitórias estátuas  
Esfuziantes de azul  
Louras com peles mulatas  
Princesas da zona sul:  
As vossas jovens figuras  
Retesadas nos selins  
Me prendem, com serem puras  
Em redondilhas afins.  
Que lindas são vossas quilhas  
Quando as praias abordais!  
E as nervosas panturrilhas  
Na rotação dos pedais:  
Que douradas maravilhas!  
Bicicletai, meninada  
Aos ventos do Arpoador  
Solta a flâmula agitada  
Das cabeleiras em flor  
Uma correndo à gandaia  
Outra com jeito de séria  
Mostrando as pernas sem saia  
Feitas da mesma matéria.  
Permanecei! vós que sois  
O que o mundo não tem mais  
Juventude de maiôs  
Sobre máquinas da paz  
Enxames de namoradas  
Ao sol de Copacabana  
Centauresas transpiradas  
Que o leque do mar abana!  
A vós o canto que inflama  
Os meus trint'anos, meninas  
Veloze massas em chama  
Explodindo em vitaminas.  
Bem haja a vossa saúde  
À humanidade inquieta  
Vós cuja ardente virtude  
Preservais muito amiúde  
Com um selim de bicicleta  
Vós que levais tantas raças  
Nos corpos firmes e crus:  
Meninas, soltai as alças  
Bicicletai seios nus!

No vosso rastro persiste  
O mesmo eterno poeta  
Um poeta – essa coisa triste  
Escravizada à beleza  
Que em vosso rastro persiste,  
Levando a sua tristeza  
No quadro da bicicleta.

## **Marina**

Lembras-te das pescarias  
Nas pedras das Três-Marias  
Lembras-te, Marina?

Na navalha dos mariscos  
Teus pés corriam ariscos  
Valente menina!

Crescia na beira-luz  
O papo dos baiacus  
Que pescávamos

E nas vagas matutinas  
Chupávamos tangerinas  
E vagávamos...

Tinhas uns peitinhos duros  
E teus beicinhos escuros  
Flauteavam valsas

Valsas ilhoas! vadio  
Eu procurava, no frio  
De tuas calças

E te adorava; sentia  
Teu cheiro a peixe, bebia  
Teu bafo de sal

E quantas vezes, precoce  
Em vão, pela tua posse  
Não me saí mal...

Deixavas-me dessa luta  
Uma adstringência de fruta  
De suor, de alga

Mas sempre te libertavas  
Com doidas dentadas bravas  
Menina fidalga!

Foste minha companheira  
Foste minha derradeira  
Única aventura?

Que nas outras criaturas  
Não vi mais meninas puras  
Menina pura.

## Poema de Natal

Para isso fomos feitos:  
Para lembrar e ser lembrados  
Para chorar e fazer chorar  
Para enterrar os nossos mortos –  
Por isso temos braços longos para os adeuses  
Mãos para colher o que foi dado  
Dedos para cavar a terra.

Assim será a nossa vida:  
Uma tarde sempre a esquecer  
Uma estrela a se apagar na treva  
Um caminho entre dois túmulos –  
Por isso precisamos velar  
Falar baixo, pisar leve, ver  
A noite dormir em silêncio.

Não há muito que dizer:  
Uma canção sobre um berço  
Um verso, talvez, de amor  
Uma prece por quem se vai –  
Mas que essa hora não esqueça  
E por ela os nossos corações  
Se deixem, graves e simples.

Pois para isso fomos feitos:  
Para a esperança no milagre  
Para a participação da poesia  
Para ver a face da morte –  
De repente nunca mais esperaremos...  
Hoje a noite é jovem; da morte, apenas  
Nascemos, imensamente.

## O dia da criação

*Macho e fêmea os criou.*

Bíblia: Gênese, 1, 27

### I

Hoje é sábado, amanhã é domingo  
A vida vem em ondas, como o mar  
Os bondes andam em cima dos trilhos  
E Nosso Senhor Jesus Cristo morreu na Cruz para nos salvar.

Hoje é sábado, amanhã é domingo  
Não há nada como o tempo para passar  
Foi muita bondade de Nosso Senhor Jesus Cristo  
Mas por via das dúvidas livrai-nos meu Deus de todo mal.

Hoje é sábado, amanhã é domingo  
Amanhã não gosta de ver ninguém bem  
Hoje é que é o dia do presente  
O dia é sábado.

Impossível fugir a essa dura realidade  
Neste momento todos os bares estão repletos de homens vazios  
Todos os namorados estão de mãos entrelaçadas  
Todos os maridos estão funcionando regularmente  
Todas as mulheres estão atentas  
Porque hoje é sábado.

### II

Neste momento há um casamento  
Porque hoje é sábado.  
Há um divórcio e um violamento  
Porque hoje é sábado.  
Há um homem rico que se mata  
Porque hoje é sábado.  
Há um incesto e uma regata  
Porque hoje é sábado.  
Há um espetáculo de gala  
Porque hoje é sábado.  
Há uma mulher que apanha e cala  
Porque hoje é sábado.  
Há um renovar-se de esperanças  
Porque hoje é sábado.  
Há uma profunda discordância  
Porque hoje é sábado.

Há um sedutor que tomba morto  
Porque hoje é sábado.  
Há um grande espírito de porco  
Porque hoje é sábado.  
Há uma mulher que vira homem  
Porque hoje é sábado.  
Há criancinhas que não comem  
Porque hoje é sábado.  
Há um piquenique de políticos  
Porque hoje é sábado.  
Há um grande acréscimo de sífilis  
Porque hoje é sábado.  
Há um ariano e uma mulata  
Porque hoje é sábado.  
Há uma tensão inusitada  
Porque hoje é sábado.  
Há adolescências seminuas  
Porque hoje é sábado.  
Há um vampiro pelas ruas  
Porque hoje é sábado.  
Há um grande aumento no consumo  
Porque hoje é sábado.  
Há um noivo louco de ciúmes  
Porque hoje é sábado.  
Há um garden-party na cadeia  
Porque hoje é sábado.  
Há uma impassível lua cheia  
Porque hoje é sábado.  
Há damas de todas as classes  
Porque hoje é sábado.  
Umas difíceis, outras fáceis  
Porque hoje é sábado.  
Há um beber e um dar sem conta  
Porque hoje é sábado.  
Há uma infeliz que vai de tonta  
Porque hoje é sábado.  
Há um padre passeando à paisana  
Porque hoje é sábado.  
Há um frenesi de dar banana  
Porque hoje é sábado.  
Há a sensação angustiante  
Porque hoje é sábado.  
De uma mulher dentro de um homem  
Porque hoje é sábado.  
Há a comemoração fantástica  
Porque hoje é sábado.  
Da primeira cirurgia plástica  
Porque hoje é sábado.  
E dando os trâmites por findos  
Porque hoje é sábado.



Há a perspectiva do domingo  
Porque hoje é sábado.

### III

Por todas essas razões deverias ter sido riscado do Livro das Origens, ó Sexto  
(Dia da Criação.

De fato, depois da Ouverture do Fiat e da divisão de luzes e trevas  
E depois, da separação das águas, e depois, da fecundação da terra  
E depois, da gênese dos peixes e das aves e dos animais da terra  
Melhor fora que o Senhor das Esferas tivesse descansado.

Na verdade, o homem não era necessário  
Nem tu, mulher, ser vegetal, dona do abismo, que queres como as plantas,  
(imovelmente e nunca saciada

Tu que carregas no meio de ti o vórtice supremo da paixão.  
Mal procedeu o Senhor em não descansar durante os dois últimos dias  
Trinta séculos lutou a humanidade pela semana inglesa  
Descansasse o Senhor e simplesmente não existiríamos  
Seríamos talvez pólos infinitamente pequenos de partículas cósmicas em  
(queda invisível na terra.

Não viveríamos da degola dos animais e da asfixia dos peixes  
Não seríamos paridos em dor nem suariamos o pão nosso de cada dia  
Não sofreríamos males de amor nem desejaríamos a mulher do próximo  
Não teríamos escola, serviço militar, casamento civil, imposto sobre a renda  
(e missa de sétimo dia,  
Seria a indizível beleza e harmonia do plano verde das terras e das águas em  
(núpcias

A paz e o poder maior das plantas e dos astros em colóquio  
A pureza maior do instinto dos peixes, das aves e dos animais em cópula.  
Ao revés, precisamos ser lógicos, freqüentemente dogmáticos  
Precisamos encarar o problema das colocações morais e estéticas  
Ser sociais, cultivar hábitos, rir sem vontade e até praticar amor sem vontade  
Tudo isso porque o Senhor cismou em não descansar no Sexto Dia e sim no  
(Sétimo

E para não ficar com as vastas mãos abanando  
Resolveu fazer o homem à sua imagem e semelhança  
Possivelmente, isto é, muito provavelmente  
Porque era sábado.

## Balada dos mortos dos campos de concentração

Cadáveres de Nordhausen  
Erla, Belsen e Buchenwald!  
Ocos, flácidos cadáveres  
Como espantalhos, largados  
Na sementeira espectral  
Dos ermos campos estéreis  
De Buchenwald e Dachau.  
Cadáveres necrosados  
Amontoados no chão  
Esquálidos enlaçados  
Em beijos estupefatos  
Como ascetas siderados  
Em presença da visão.  
Cadáveres putrefatos  
Os magros braços em cruz  
Em vossas faces hediondas  
Há sorrisos de giocondas  
E em vossos corpos, a luz  
Que da treva cria a aurora.  
Cadáveres fluorescentes  
Desenraizados do pó  
Que emoção não dá-me o ver-vos  
Em vosso êxtase sem nervos  
Em vossa prece tão-só  
Grandes, góticos cadáveres!  
Ah, doces mortos atônitos  
Quebrados a torniquete  
Vossas louras manicuras  
Arrancaram-vos as unhas  
No requinte de tortura  
Da última toaleta...  
A vós vos tiraram a casa  
A vós vos tiraram o nome  
Fostes marcados a brasa  
Depois voz mataram de fome!  
Vossas peles afrouxadas  
Sobre os esqueletos dão-me  
A impressão que éreis tambores –  
Os instrumentos do Monstro –  
Desfibrados a pancada:  
Ó mortos de percussão!  
Cadáveres de Nordhausen  
Erla, Belsen e Buchenwald!  
Vós sois o húmus da terra  
De onde a árvore do castigo  
Dará madeira ao patíbulo  
E de onde os frutos da paz  
Tombarão no chão da guerra!

## Repto

Vossos olhos raros  
Jovens guerrilheiros  
Aos meus, cavalheiros  
Fazem mil reparos...  
Se entendeis amor  
Com vero brigar  
Combates de olhar  
Não quero propor.

Sei de um bom lugar  
Onde contender  
E haveremos de ver  
Quem há de ganhar.  
Não sirvo justar  
Em pugna tão vã...  
Que tal amanhã  
Lutarmos de amar?

Em campos de paina  
Pretendo reptar-vos  
E em seguida dar-vos  
Muita, muita faina  
Guerra sem quartel  
E tréguas só se  
Pedires mercê  
Com os olhos no céu.

Exaustão de gozo  
Que tal seja a regra  
E longa a refrega  
Que aguardo ansioso  
E caiba dizer-vos  
Que inda vencedor  
Sou, de vossos servos  
O mais servidor...

## O poeta e a lua

Em meio a um cristal de ecos  
O poeta vai pela rua  
Seus olhos verdes de éter  
Abrem cavernas na lua.  
A lua volta de flanco  
Eriçada de luxúria  
O poeta, alucado e branco  
Palpa as nádegas da lua.  
Entre as esferas nitentes  
Tremeluzem pêlos fulvos  
O poeta, de olhar dormente  
Entreabre o pente da lua.  
Em frouxos de luz e água  
Palpita a ferida crua  
O poeta todo se lava  
De palidez e doçura.  
Ardente e desesperada  
A lua vira em decúbito  
A vinda lenta do espasmo  
Aguça as pontas da lua.  
O poeta afaga-lhe os braços  
E o ventre que se menstrua  
A lua se curva em arco  
Num delírio de volúpia.  
O gozo aumenta de súbito  
Em frêmitos que perduram  
A lua vira o outro quarto  
E fica de frente, nua.  
O orgasmo desce do espaço  
Desfeito em estrelas e nuvens  
Nos ventos do mar perspassa  
Um salso cheiro de lua  
E a lua, no êxtase, cresce  
Se dilata e alteia e estua  
O poeta se deixa em prece  
Ante a beleza da lua.  
Depois a lua adormece  
E minguia e se apazigua...  
O poeta desaparece  
Envolto em cantos e plumas  
Enquanto a noite enlouquece  
No seu claustro de ciúmes.

## **Soneto da rosa**

Mais um ano na estrada percorrida  
Vem, como o astro matinal, que a adora  
Molhar de puras lágrimas de aurora  
A morna rosa escura e apetecida.

E da fragrante tepidez sonora  
No recesso, como ávida ferida  
Guardar o plasma múltiplo da vida  
Que a faz materna e plácida, e agora

Rosa geral de sonho e plenitude  
Transforma em novas rosas de beleza  
Em novas rosas de carnal virtude

Para que o sonho viva da certeza  
Para que o tempo da paixão não mude  
Para que se una o verbo à natureza.

## **Valsa à mulher do povo**

### *OFERENDA*

Oh minha amiga da face múltipla  
Do corpo periódico e geral!  
Lúdica, efêmera, inconsútil  
Musa central-ferroviária!  
Possa esta valsa lenta e súbita  
Levemente copacabanal  
Fazer brotar do povo a flux  
A tua imagem abruptamente  
Ó antideusa!

### *VALSA*

Te encontrarei na barca Cubango, nas amplas salas da Cubango  
Vestida de tangolomango  
Te encontrarei!  
Te encontrarei nas brancas praias, pelas pudendas brancas praias  
Itinerante de gandaias  
Te encontrarei. Te encontrarei nas feiras-livres  
Entre moringas e vassouras, emolduradas de cenouras  
Te encontrarei. Te encontrarei tarde na rua  
De rosto triste como a lua, passando longe como a lua  
Te encontrarei. Te encontrarei, te encontrarei  
Nos longos footings suburbanos, tecendo os sonhos mais humanos  
Capaz de todos os enganos  
Te encontrarei. Te encontrarei nos cais noturnos  
Junto a marítimos soturnos, sombras de becos taciturnos  
Te encontrarei. Te encontrarei, oh mariposa  
Oh taxi-girl, oh virginete pregada aos homens a alfinete  
De corpo saxe e clarinete  
Te encontrarei. Oh pulcra, oh pálida, oh pudica  
Oh grã-cupincha, oh nova-rica  
Que nunca saís da minha dica: sim, eu irei  
Ao teu encontro onde estiveres  
Pois que assim querem os malmequeres  
Porque és tu santa entre as mulheres  
Te encontrarei!

## Cinepoema

*O preto no branco*  
Manuel Bandeira

O preto no banco  
A branca na areia  
O preto no banco  
A branca na areia  
Silêncio na praia  
De Copacabana.

A branca no branco  
Dos olhos do preto  
O preto no banco  
A branca no preto  
Negror absoluto  
Sobre um mar de leite.

A branca de bruços  
O preto pungente  
O mar em soluços  
A espuma inocente  
Canícula branca  
Pretidão ardente.

A onda se alteia  
Na verde laguna  
A branca se enfuna  
Se afunda na areia  
O colo é uma duna  
Que o sol incendeia.

O preto no branco  
Da espuma da onda  
A branca de flanco  
Brancura redonda  
O preto no banco  
A gaivota ronda.

O negro tomado  
Da linha do asfalto  
O espaço imantado:  
De súbito um salto  
E um grito na praia  
De Copacabana.

Pantera de fogo  
Pretidão ardente  
Onda que se quebra  
Violentamente  
O sol como um dardo  
Vento de repente.

E a onda desmaia  
A espuma espadana  
A areia ventada  
De Copacabana  
Claro-escuro rápido  
Sombra fulgurante.

Luminoso dardo  
O sol rompe a nuvem  
Refluxo tardo  
Restos de amarugem  
Sangue pela praia  
De Copacabana...



## Mensagem à poesia

Não posso  
Não é possível  
Digam-lhe que é totalmente impossível  
Agora não pode ser  
É impossível  
Não posso.  
Digam-lhe que estou tristíssimo, mas não posso ir esta noite ao seu encontro.

Contem-lhe que há milhões de corpos a enterrar  
Muitas cidades a reerguer, muita pobreza pelo mundo.  
Contem-lhe que há uma criança chorando em alguma parte do mundo  
E as mulheres estão ficando loucas, e há legiões delas carpindo  
A saudade de seus homens; contem-lhe que há um vácuo  
Nos olhos dos párias, e sua magreza é extrema; contem-lhe  
Que a vergonha, a desonra, o suicídio rondam os lares, e é preciso  
reconquistar a vida  
Façam-lhe ver que é preciso eu estar alerta, voltado para todos os caminhos  
Pronto a socorrer, a amar, a mentir, a morrer se for preciso.  
Ponderem-lhe, com cuidado – não a magoem... – que se não vou  
Não é porque não queira: ela sabe; é porque há um herói num cárcere  
Há um lavrador que foi agredido, há um poça de sangue numa praça.  
Contem-lhe, bem em segredo, que eu devo estar prestes, que meus  
Ombros não se devem curvar, que meus olhos não se devem  
Deixar intimidar, que eu levo nas costas a desgraça dos homens  
E não é o momento de parar agora; digam-lhe, no entanto  
Que sofro muito, mas não posso mostrar meu sofrimento  
Aos homens perplexos; digam-lhe que me foi dada  
A terrível participação, e que possivelmente  
Deverei enganar, fingir, falar com palavras alheias  
Porque sei que há, longínqua, a claridade de uma aurora.  
Se ela não compreender, oh procurem convencê-la  
Desse invencível dever que é o meu; mas digam-lhe  
Que, no fundo, tudo o que estou dando é dela, e que me  
Dói ter de despojá-la assim, neste poema; que por outro lado  
Não devo usá-la em seu mistério: a hora é de esclarecimento  
Nem debruçar-me sobre mim quando a meu lado  
Há fome e mentira; e um pranto de criança sozinha numa estrada  
Junto a um cadáver de mãe: digam-lhe que há  
Um naufrago no meio do oceano, um tirano no poder, um homem  
Arrependido; digam-lhe que há uma casa vazia  
Com um relógio batendo horas; digam-lhe que há um grande  
Aumento de abismos na terra, há súplicas, há vociferações  
Há fantasmas que me visitam de noite  
E que me cumpre receber, contem a ela da minha certeza  
No amanhã

Que sinto um sorriso no rosto invisível da noite  
Vivo em tensão ante a expectativa do milagre; por isso  
Peçam-lhe que tenha paciência, que não me chame agora  
Com a sua voz de sombra; que não me faça sentir covarde  
De ter de abandoná-la neste instante, em sua imensurável  
Solidão, peçam-lhe, oh peçam-lhe que se cale  
Por um momento, que não me chame  
Porque não posso ir  
Não posso ir  
Não posso.

Mas não a trai. Em meu coração  
Vive a sua imagem pertencida, e nada direi que possa  
Envergonhá-la. A minha ausência.  
É também um sortilégio  
Do seu amor por mim. Vivo do desejo de revê-la  
Num mundo em paz. Minha paixão de homem  
Resta comigo; minha solidão resta comigo; minha  
Loucura resta comigo. Talvez eu deva  
Morrer sem vê-la mais, sem sentir mais  
O gosto de suas lágrimas, olhá-la correr  
Livre e nua nas praias e nos céus  
E nas ruas da minha insônia. Digam-lhe que é esse  
O meu martírio; que às vezes  
Pesa-me sobre a cabeça o tampo da eternidade e as poderosas  
Forças da tragédia abastecem-se sobre mim, e me impelem para a treva  
Mas que eu devo resistir, que é preciso...  
Mas que a amo com toda a pureza da minha passada adolescência  
Com toda a violência das antigas horas de contemplação extática  
Num amor cheio de renúncia. Oh, peçam a ela  
Que me perdoe, ao seu triste e inconstante amigo  
A quem foi dado se perder de amor pelo seu semelhante  
A quem foi dado se perder de amor por uma pequena casa  
Por um jardim de frente, por uma menininha de vermelho  
A quem foi dado se perder de amor pelo direito  
De todos terem um pequena casa, um jardim de frente  
E uma menininha de vermelho; e se perdendo  
Ser-lhe doce perder-se...  
Por isso convençam a ela, expliquem-lhe que é terrível  
Peçam-lhe de joelhos que não me esqueça, que me ame  
Que me espere, porque sou seu, apenas seu; mas que agora  
É mais forte do que eu, não posso ir  
Não é possível  
Me é totalmente impossível  
Não pode ser não  
É impossível  
Não posso.

## **O tempo nos parques**

O tempo nos parques é íntimo, inadiável, imparticipante, imarcescível.  
Medita nas altas frondes, na última palma da palmeira  
Na grande pedra intacta, o tempo nos parques.  
O tempo nos parques cisma no olhar cego dos lagos  
Dorme nas furnas, isola-se nos quiosques  
Oculta-se no torso muscular dos ficus, o tempo nos parques.  
O tempo nos parques gera o silêncio do piar dos pássaros  
Do passar dos passos, da cor que se move ao longe.  
É alto, antigo, presciente o tempo nos parques  
É incorruptível; o prenúncio de uma aragem  
A agonia de uma folha, o abrir-se de uma flor  
Deixam um frêmito no espaço do tempo nos parques.  
O tempo nos parques envolve de redomas invisíveis  
Os que se amam; eterniza os anseios, petrifica  
Os gestos, anestesia os sonhos, o tempo nos parques.  
Nos homens dormentes, nas pontes que fogem, na franja  
Dos chorões, na cúpula azul o tempo perdura  
Nos parques; e a pequenina cutia surpreende  
A imobilidade anterior desse tempo no mundo  
Porque imóvel, elementar, autêntico, profundo  
É o tempo nos parques.

## A manhã do morto

O poeta, na noite de 25 de fevereiro de 1945, sonha que várias amigos seus perderam a vida num desastre de avião, em meio a uma inexplicável viagem para São Paulo.	Noite de angústia: que sonho Que debater-se, que treva. ...é um grande avião que leva amigos meus no seu bojo... ...depois, a horrível notícia: FOI UM DESASTRE MEDONHO
A mulher do poeta dá-lhe a dolorosa nova às oito da manhã, depois de uma telefonada de Rodrigo M. F. de Andrade.	Me acordam numa carícia... O que foi que aconteceu? Rodrigo telefonou: MÁRIO DE ANDRADE MORREU.
Ao se levantar, o poeta sente incorporar-se a ele o amigo morto.	Ergo-me com dificuldade Sentindo a presença dele Do morto Mário de Andrade Que muito maior do que eu Mal cabe na minha pele.  Escovo os dentes na saudade Do amigo que se perdeu Olho o espelho: não sou eu É o morto Mário de Andrade Me olhando daquele espelho Tomo o café da manhã: Café, de Mário de Andrade.
A necessidade de falar com o amigo denominador-comum, e o eco de Manuel Bandeira.	Não, meu caro, que eu me digo Pensa com serenidade Busca o consolo do amigo Rodrigo M. F. de Andrade  Telefone para Rodrigo Ouço-o; mas na realidade A voz que me chega ao ouvido É a voz de Mário de Andrade.
O passeio com o morto Remate de males	E saio para a cidade Na canícula do dia Lembro o nome de Maria Também de Mário de Andrade Do Poeta Mário de Andrade
Gesto familiar	Com grande dignidade A dignidade de um morto Anda a meu lado, absorto O poeta Mário de Andrade Com a manopla no meu ombro.  Goza a delicica de ver

	<p>Em seus menores resquícios. Seus olhos refletem assombro. Depois me fala: Vinicius Que ma-ra-vilha é viver!</p>
A cara do morto	<p>Olho o grande morto enorme Sua cara colossal Nessa cara lábios roxos E a palidez sepulcral Específica dos mortos.</p> <p>Essa cara me comove De beatitude tamanha. Chamo-o: Mário! ele não ouve Perdido no puro êxtase Da beleza da manhã. Mas caminha com hombridade Seus ombros suportam o mundo Como no verso inquebrável De Carlos Drummond de Andrade E o meu verga-se ao defunto...</p>
O eco de Pedro Nava	<p>Assim passeio com ele Vou ao dentista com ele Vou ao trabalho com ele Como bife ao lado dele O gigantesco defunto Com a sua gravata brique E a sua infantilidade.</p>
À tarde o morto abandona subitamente o poeta para ir enterrar-se	<p>Somente às cinco da tarde Senti a pressão amiga Desfazer-se do meu ombro... Ia o morto se enterrar No seu caixão de dois metros.</p> <p>Não pude seguir o féretro Por circunstâncias alheias À minha e à sua vontade (De fato, é grande a distância Entre uma e outra cidade... Aliás, teria medo</p> <p>Porque nunca sei se um sonho Não pode ser realidade). Mas sofri na minha carne O grande enterro da carne Do poeta Mário de Andrade Que morreu de angina pectoris:</p> <p>Vivo na imortalidade.</p>

## Mensagem a Rubem Braga

### ***Os doces montes cônicos de feno***

*(Decassílabo solto num postal de Rubem Braga, da Itália.)*

A meu amigo Rubem Braga  
Digam que vou, que vamos bem: só não tenho é coragem de escrever  
Mas digam-lhe. Digam-lhe que é Natal, que os sinos  
Estão batendo, e estamos no Cavalão: o Menino vai nascer  
Entre as lágrimas do tempo. Digam-lhe que os tempos estão duros  
Falta água, falta carne, falta às vezes o ar: há uma angústia  
Mas fora isso vai-se vivendo. Digam-lhe que é verão no Rio  
E apesar de hoje estar chovendo, amanhã certamente o céu se abrirá de azul  
Sobre as meninas de maiô. Digam-lhe que Cachoeiro continua no mapa  
E há meninas de maiô, altas e baixas, loiras e morenas  
E mesmo negras, muito engraçadinhas. Digam-lhe, entretanto  
Que a falta de dignidade é considerável, e as perspectivas pobres  
Mas sempre há algumas, poucas. Tirante isso, vai tudo bem  
No Vermelhinho. Digam-lhe que a menina da Caixa  
Continua impassível, mas Caloca acha que ela está melhorando  
Digam-lhe que o Ceschiatti continua tomando chope, e eu também Malgrado  
(uma avitaminose B e o fígado ligeiramente inchado.  
Digam-lhe que o tédio às vezes é mortal; respira-se com a mais extrema  
Dificuldade; bate-se, e ninguém responde. Sem embargo  
Digam-lhe que as mulheres continuam passando no alto de seus saltos, e a  
(moda das saias curtas  
E das mangas japonesas dão-lhes um novo interesse: ficam muito  
(provocantes.  
O diabo é de manhã, quando se sai para o trabalho, dá uma tristeza, a rotina:  
(para a tarde melhora.  
Oh, digam a ele, digam a ele, a meu amigo Rubem Braga  
Correspondente de guerra, 250 FEB, atualmente em algum lugar da Itália  
Que ainda há auroras apesar de tudo, e o esporro das cigarras  
Na claridade matinal. Digam-lhe que o mar no Leblon  
Porquanto se encontre eventualmente cocô boiando, devido aos despejos  
Continua a lavar todos os males. Digam-lhe, aliás  
Que há cocô boiando por aí tudo, mas que em não havendo marola  
A gente se agüenta. Digam-lhe que escrevi uma carta terna  
Contra os escritores mineiros: ele ia gostar. Digam-lhe  
Que outro dia vi Elza-Simpatia-é-quase-Amor. Foi para os Estados Unidos  
E ri muito de eu lhe dizer que ela ia fazer falta à paisagem carioca  
Seu riso me deu vontade de beber: a tarde  
Ficou tensa e luminosa. Digam-lhe que outro dia, na Rua Larga  
Vi um menino em coma de fome (coma de fome soa esquisito, parece  
Que havendo coma não devia haver fome: mas havia).  
Mas em compensação estive depois com o Aníbal  
Que embora não dê para alimentar ninguém, é um amigo. Digam-lhe que o  
(Carlos  
Drummond tem escrito ótimos poemas, mas eu larguei o Suplemento. Digam-

lhe que está com cara de que vai haver muita miséria-de-fim-de-ano  
 Há, de um modo geral, uma acentuada tendência para se beber e uma ânsia  
 Nas pessoas de se estrefegarem. Digam-lhe que o Compadre está na insulina  
 Mas que a Comadre está linda. Digam-lhe que de quando em vez o Miranda  
 (passa  
 E ri com ar de astúcia. Digam-lhe, oh, não se esqueçam de dizer  
 A meu amigo Rubem Braga, que comi camarões no Antero  
 Ovas na Cabaça e vatapá na Furna, e que tomei plenty coquinho  
 Digam-lhe também que o Werneck prossegue enamorado, está no tempo  
 De caju e abacaxi, e nas ruas  
 Já se perfumam os jasmineiros. Digam-lhe que têm havido  
 Poucos crimes passionais em proporção ao grande número de paixões  
 À solta. Digam-lhe especialmente  
 Do azul da tarde carioca, recortado  
 Entre o Ministério da Educação e a ABI. Não creio que haja igual  
 Mesmo em Capri. Digam-lhe porém que muito o invejamos  
 Tati e eu, e as saudades são grandes, e eu seria muito feliz  
 De poder estar um pouco a seu lado, fardado de segundo-sargento. Oh  
 Digam a meu amigo Rubem Braga  
 Que às vezes me sinto calhorda mas reajo, tenho tido meus maus momentos  
 Mas reajo. Digam-lhe que continuo aquele modesto lutador  
 Porém batata. Que estou perfeitamente esclarecido  
 E é bem capaz de nos revermos na Europa. Digam-lhe, discretamente,  
 Que isso seria uma alegria boa demais: que se ele  
 Não mandar buscar Zorinha e Roberto antes, que certamente  
 Os levaremos conosco, que quero muito  
 Vê-lo em Paris, em Roma, em Bucareste. Digam, oh digam  
 A meu amigo Rubem Braga que é pena estar chovendo aqui  
 Neste dia tão cheio de memórias. Mas  
 Que beberemos à sua saúde, e ele há de estar entre nós  
 O bravo Capitão Braga, seguramente o maior cronista do Brasil  
 Grave em seu gorro de campanha, suas sobranceiras e seu bigode  
 (circunflexos  
 Terno em seus olhos de pescador de fundo  
 Feroz em seu focinho de lobo solitário  
 Delicado em suas mãos e no seu modo de falar ao telefone  
 E brindaremos à sua figura, à sua poesia única, à sua revolta, e ao seu  
 (cavalheirismo  
 Para que lá, entre as velhas paredes renascentes e os doces montes cônicos  
 (de feno  
 Lá onde a cobra está fumando o seu moderado cigarro brasileiro  
 Ele seja feliz também, e forte, e se lembre com saudades  
 Do Rio, de nós todos e aí! de mim.

### **Nota**

Mensagem a Rubem Braga  
*Rubem Braga (Cachoeiro de Itapemirim, ES, 1913 - Rio de Janeiro, RJ, 1990) foi jornalista e escritor. Clarice Lispector certa vez o definiu como "o inventor da crônica", gênero no qual ele foi um mestre absoluto. Seu primeiro livro, O Conde*

*e o Passarinho, foi publicado em 1936. Como jornalista, exerceu as funções de repórter, redator, editorialista e cronista em jornais e revistas do Rio, São Paulo, Belo Horizonte, Porto Alegre e Recife. Foi correspondente de guerra do Diário Carioca na Itália, quando escreveu o livro Com a FEB na Itália (1945). Fundou com Fernando Sabino e Otto Lara Resende, em 1968, a célebre editora Sabiá.*

*Grande amigo de Vinicius de Moraes, Rubem Braga escreveu a orelha da primeira edição de sua Antologia poética (Rio de Janeiro: A Noite, 1954).\**



## Balada da moça do Miramar

Silêncio da madrugada  
No Edifício Miramar...  
Sentada em frente à janela  
Nua, morta, deslumbrada  
Uma moça mira o mar.

Ninguém sabe quem é ela  
Nem ninguém há de saber  
Deixou a porta trancada  
Faz bem uns dois cinco dias  
Já começa a apodrecer  
Seus ambos joelhos de âmbar  
Furam-lhe o branco da pele  
E a grande flor do seu corpo  
Destila um fétido mel.

Mantém-se extática em face  
Da aurora em elaboração  
Embora formigas pretas  
Que lhe entram pelos ouvidos  
Se escapem por umas gretas  
Do lado do coração.  
Em volta é segredo: e móveis  
Imóveis na solidão...  
Mas apesar da necrose  
Que lhe corrói o nariz  
A moça está tão sem pose  
Numa ilusão tão serena  
Que, certo, morreu feliz.

A vida que está na morte  
Os dedos já lhe comeu  
Só lhe resta um aro de ouro  
Que a morte em vida lhe deu  
Mas seu cabelo de ouro  
Rebrilha com tanta luz  
Que a sua caveira é bela  
E belo é seu ventre louro  
E seus pelinhos azuis.

De noite é a lua quem ama  
A moça do Miramar  
Enquanto o mar tece a trama  
Desse conúbio lunar  
Depois é o sol violento

O sol batido de vento  
Que vem com furor violeta  
A moça violentar.

Muitos dias se passaram  
Muitos dias passarão  
À noite segue-se o dia  
E assim os dias se vão  
E enquanto os dias se passam  
Trazendo a putrefação  
À noite coisas se passam...  
A moça e a lua se enlaçam  
Ambas mortas de paixão.

Ah, morte do amor do mundo  
Ah, vida feita de dar  
Ah, sonhos sempre nascendo  
Ah, sonhos sempre a acabar  
Ah, flores que estão crescendo  
Do fundo da podridão  
Ah, vermes, morte vivendo  
Nas flores ainda em botão  
Ah, sonhos, ah, desesperos  
Ah, desespero de amar  
Ah, vida sempre morrendo  
Ah, moça do Miramar!

## **Balanço do filho morto**

Homem sentado na cadeira de balanço  
Sentado na cadeira de balanço  
Na cadeira de balanço  
De balanço  
Balanço do filho morto.

Homem sentado na cadeira de balanço  
Todo o teu corpo diz que sim  
Teu corpo diz que sim  
Diz que sim  
Que sim, teu filho está morto.

Homem sentado na cadeira de balanço  
Como um pêndulo, para lá e para cá  
O pescoço fraco, a perna triste  
Os olhos cheios de areia  
Areia do filho morto.

Nada restituirá teu filho à vida  
Homem sentado na cadeira de balanço  
Tua meia caída, tua gravata  
Sem nó, tua barba grande  
São a morte  
    são a morte  
A morte do filho morto.

Silêncio de uma sala: e flores murchas.  
Além um pranto frágil de mulher  
De encontro à mesa, à estante, à pedra mármore  
Um pranto... o olhar aberto sobre o vácuo  
E no silêncio a sensação exata  
Da voz, do riso, do reclamo débil.  
Da órbita cega os olhos dolorosos  
Fogem, moles, se arrastam como lesmas  
Empós a doce, inexistente marca  
Do vômito, da queda, da mijada.

Do braço foge a tresloucada mão  
Para afagar a imponderável luz  
De um cabelo sem som e sem perfume.  
Fogem da boca lábios pressurosos  
Para o beijo incolor na pele ausente.  
Nascem ondas de amor que se desfazem  
De encontro à mesa, à estante, à pedra mármore.  
Outra coisa não há senão o silêncio

Onde com pés de gelo uma criança  
Brinca, perfeitamente transparente  
Sua carne de leite, rosa e talco.  
Pobre pai, pobre, pobre, pobre, pobre  
Sem memória, sem músculo, sem nada  
Além de uma cadeira de balanço  
No infinito vazio... o sofrimento  
Amordaçou-te a boca de amargura  
E esbofeteou-te palidez na cara.  
Ergues nos braços uma imagem pura  
E não teu filho; jogas para cima  
Um bocado de espaço e não teu filho  
Não são cachos que sopras, porém cinzas  
A asfixiar o ar onde respiras.  
Teu filho é morto; talvez fosse um dia  
A pomba predileta, a glória, a messe  
O teu porvir de pai; mas novo e tenro  
Anjo, levou-o a morte com cuidado  
De vê-lo tão pequeno e já exausto  
De penar – e eis que agora tudo é morte  
Em ti, não tens mais lágrimas, e amargo  
É o cuspo do cigarro em tua boca.  
Mas deixa que eu te diga, homem temente  
Sentado na cadeira de balanço  
Eu que moro no abismo, eu que conheço  
O interior da entranha das mulheres  
Eu que me deito à noite com os cadáveres  
E liberto as auroras do meu peito:  
Teu filho não morreu! a fé te salva  
Para a contemplação da sua face  
Hoje tornada a pequenina estrela  
Da tarde, a jovem árvore que cresce  
Em tua mão: teu filho não morreu!  
Uma eterna criança está nascendo  
Da esperança de um mundo em liberdade.  
Serão teus filhos, todos, homem justo  
Iguais ao filho teu; tira a gravata  
Limpa a unha suja, ergue-te, faz a barba  
Vai consolar tua mulher que chora...  
E que a cadeira de balanço fique  
Na sala, agora viva, balançando  
O balanço final do filho morto.

## Balada das arquivistas

Oh jovens anjos cativos  
Que as asas vos machucais  
Nos armários dos arquivos!  
Delicadas funcionárias  
Designadas por padrões  
Prisioneiras honorárias  
Da mais fria das prisões  
É triste ver-vos, suaves  
Entre monstros impassíveis  
Trancadas a sete chaves:  
Oh, puras e imarcescíveis!  
Dizer que vós, bem-amadas  
Conservai-vos impolutas  
Mesmo fazendo a juntada  
De processos e minutas!  
Não se amargam vossas bocas  
De índices e prefixos  
Nem lembram os olhos das loucas  
Vossos doces olhos fixos.  
Curvai-vos para colossos  
Hollerith, de aço hostil  
Como se fora ante moços  
Numa pavana gentil.  
Antes não classificásseis  
Os maços pelos assuntos  
Criando a luta de classes  
Num mundo de anseios juntos!  
Enfermeiras de ambições  
Conheceis, mudas, a nu  
O lixo das promoções  
E das exonerações  
A bem do serviço público.  
Ó Florences Nightingale  
De arquivos horizontais:  
Com que zelo alimentais  
Esses eunucos letais  
Que se abrem com chave yale!  
Vossa linda juventude  
Clama de vós, bem-amadas!  
No entanto, viveis cercadas  
De coisas padronizadas  
Sem sexo e sem saúde...  
Ah, ver-vos em primavera  
Sobre papéis de ocasião  
Na melancólica espera

De uma eterna certidão!  
Ah, saber que em vós existe  
O amor, a ternura, a prece  
E saber que isso fenece  
Num arquivo feio e triste!  
Deixai-me carpir, crianças  
A vossa imensa desdita  
Prendestes as esperanças  
Numa gaiola maldita.  
Do fundo do meu silêncio  
Eu vos incito a lutardes  
Contra o Prefixo que vence  
Os anjos acorrentados  
E ir passear pelas tardes  
De braço com os namorados.

## **A Verlaine**

Em memória de uma poesia  
Cuja iluminação maldita  
Lembra a da estrela que medita  
Sobre a putrefação do dia:

Verlaine, pobre alma sem rumo  
Louco, sórdido, grande irmão  
Do sangue do meu coração  
Que te despreza e te compreende  
Humildemente se desprende  
Esta rosa para o teu túmulo.

## **A bomba atômica**

*e=mc<sup>2</sup>*

Einstein

*Deusa, visão dos céus que me domina*

*...tu que és mulher e nada mais!*

(Deusa, valsa carioca.)

### **I**

Dos céus descendo  
Meu Deus eu vejo  
De pára-quedas?  
Uma coisa branca  
Como uma fôrma  
De estatuária  
Talvez a fôrma  
Do homem primitivo  
A costela branca!  
Talvez um seio  
Despregado à lua  
Talvez o anjo  
Tutelar cadente  
Talvez a Vênus  
Nua, de clâmide  
Talvez a inversa  
Branca pirâmide  
Do pensamento  
Talvez o troço  
De uma coluna  
Da eternidade  
Apaixonado  
Não sei indago  
Dizem-me todos  
É A BOMBA ATÔMICA.

Vem-me uma angústia.

Quisera tanto  
Por um momento  
Tê-la em meus braços  
A coma ao vento  
Descendo nua  
Pelos espaços  
Descendo branca

Branca e serena  
Como um espasmo  
Fria e corrupta  
Do longo sêmen  
Da Via Láctea  
Deusa impoluta  
O sexo abrupto  
Cubo de prata  
Mulher ao cubo  
Caindo aos súcubos  
Intemerata  
Carne tão rija  
De hormônios vivos  
Exacerbada  
Que o simples toque  
Pode rompê-la  
Em cada átomo  
Numa explosão  
Milhões de vezes  
Maior que a força  
Contida no ato  
Ou que a energia  
Que expulsa o feto  
Na hora do parto.

## II

A bomba atômica é triste  
Coisa mais triste não há  
Quando cai, cai sem vontade  
Vem caindo devagar  
Tão devagar vem caindo  
Que dá tempo a um passarinho  
De pousar nela e voar...  
Coitada da bomba atômica  
Que não gosta de matar!

Coitada da bomba atômica  
Que não gosta de matar  
Mas que ao matar mata tudo  
Animal e vegetal  
Que mata a vida da terra  
E mata a vida do ar  
Mas que também mata a guerra...  
Bomba atômica que aterra!  
Pomba atônita da paz!

Pomba tonta, bomba atômica  
Tristeza, consolação



Flor puríssima do urânio  
Desabrochada no chão  
Da cor pálida do hélio  
E odor de rádio fatal  
Laelia mineral carnívora  
Radiosa rosa radical.

Nunca mais, oh bomba atômica  
Nunca, em tempo algum, jamais  
Seja preciso que mates  
Onde houve morte demais:  
Fique apenas tua imagem  
Aterradora miragem  
Sobre as grandes catedrais:  
Guarda de uma nova era  
Arcanjo insigne da paz!

### III

Bomba atômica, eu te amo! és pequenina  
E branca como a estrela vespertina  
E por branca eu te amo, e por donzela  
De dois milhões mais bélica e mais bela  
Que a donzela de Orleans; eu te amo, deusa  
Atroz, visão dos céus que me domina  
Da cabeleira loura de platina  
E das formas aerodivinais  
– Que és mulher, que és mulher e nada mais!  
Eu te amo, bomba atômica, que trazes  
Numa dança de fogo, envolta em gazes  
A desagregação tremenda que espedaça  
A matéria em energias materiais!  
Oh energia, eu te amo, igual à massa  
Pelo quadrado da velocidade  
Da luz! alta e violenta potestade  
Serena! Meu amor, desce do espaço  
Vem dormir, vem dormir no meu regaço  
Para te proteger eu me encouroço  
De canções e de estrofes magistrais!  
Para te defender, levanto o braço  
Paro as radiações espaciais  
Uno-me aos líderes e aos bardos, uno-me  
Ao povo, ao mar e ao céu brado o teu nome  
Para te defender, matéria dura  
Que és mais linda, mais límpida e mais pura  
Que a estrela matutina! Oh bomba atômica  
Que emoção não me dá ver-te suspensa  
Sobre a massa que vive e se condensa  
Sob a luz! Anjo meu, fora preciso

Matar, com tua graça e teu sorriso  
Para vencer? Tua enérgica poesia  
Fora preciso, oh deslembada e fria  
Para a paz? Tua fragílissima epiderme  
Em cromáticas brancas de cristais  
Rompendo? Oh átomo, oh neutrônio, oh germe  
Da união que liberta da miséria!  
Oh vida palpitando na matéria  
Oh energia que és o que não eras  
Quando o primeiro átomo incriado  
Fecundou o silêncio das Esferas:  
Um olhar de perdão para o passado  
Uma anunciação de primaveras!

## **Aurora, com movimento**

*(Posto 3)*

A linha móvel do horizonte  
Atira para cima o sol em diabolô  
Os ventos de longe  
Agitam docemente os cabelos da rocha  
Passam em fachos o primeiro automóvel, a última estrela  
A mulher que avança  
Parece criar esferas exaltadas pelo espaço  
Os pescadores puxando o arrastão parecem mover o mundo  
O cardume de botos na distância parece mover o mar.

# Nossa Senhora de Los Angeles

## Balada do morto vivo

Tatiana, hoje vou contar  
O caso do Inglês espírito  
Ou melhor: do morto vivo.

Diz que mesmo sucedeu  
E a dona protagonista  
Se quiser pode ser vista  
No hospício mais relativo  
Ao sítio onde isso se deu.

Diz também que é muito raro  
Que por mais cético o ouvinte  
Não passe uma noite em claro:  
Sendo assim, por conseguinte  
Se quiser diga que eu paro.

Se achar que é mentira minha  
Olhe só para essa pele  
Feito pele de galinha...

Dou início: foi nos faustos  
Da borracha do Amazonas.  
Às margens do Rio Negro  
Sobre uma balsa habitável  
Um dia um casal surgiu  
Ela chamada Lunalva  
Formosa mulher de cor  
Ele por alcunha Bill  
Um Inglês comercial  
Agente da "Rubber Co."

Mas o fato é que talvez  
Por ter nascido na Escócia

E ser portanto escocês  
Ninguém de Bill o chamava  
Com exceção de Lunalva  
Mas simplesmente de Inglês.

Toda manhã que Deus dava  
Lunalva com muito amor  
Fazia um café bem quente  
Depois o Inglês acordava  
E o homem saía contente  
Fumegando o seu cachimbo  
Na sua lancha a vapor.

Toda a manhã que Deus dava.

Somente com o sol-das-almas  
O Inglês à casa voltava.

Que coisa engraçada: espia  
Como só de pensar nisso  
Meu cabelo se arrepia...

Um dia o Inglês não voltou.

A janta posta, Lunalva  
Até o cerne da noite  
Em pé na porta esperou.

Uma eu lhe digo, Tatiana:  
A lua tinha enloucado  
Nesse dia da semana...  
Era uma lua tão alva  
Era uma lua tão fria  
Que até mais frio fazia  
No coração de Lunalva.  
No rio negroluzente  
As árvores balouçantes  
Pareciam que falavam  
Com seus ramos tateantes  
Tatiana, do incidente.

Um constante balbucio  
Como o de alguém muito em mágoa  
Parecia vir do rio.

Lunalva, num desvario  
Não tirava os olhos da água.

Às vezes, dos igapós  
Subia o berro animal

De algum jacaré feroz  
Praticando o amor carnal  
Depois caía o silêncio...

E então voltava o cochicho  
Da floresta, entrecortado  
Pelo rir mal-assombrado  
De algum mocho excomungado  
Ou pelo uivo de algum bicho.  
Na porta em luzcancarada  
Só Lunalva lunalvada.

Súbito, ó Deus justiceiro!  
Que é esse estranho ruído?  
Que é esse escuro rumor?  
Será um sapo-ferreiro  
Ou é o moço meu marido  
Na sua lancha a vapor?

Na treva sonda Lunalva...  
Graças, meu Pai! Graças mil!  
Aquele vulto... era o Bill  
A lancha... era a Arimedalva!

"Ah, meu senhor, que desejo  
De rever-te em casa em paz...  
Que frio que está teu beijo!  
Que pálido, amor, que estás!"

Efetivamente o Bill  
Talvez devido à friagem  
Que crepitava do rio  
Voltara dessa viagem  
Muito branco e muito frio.

"Tenho nada, minha nega  
Senão fome e amor ardente  
Dá-me um trago de aguardente  
Traz o pão, passa manteiga!  
E aproveitando do ensejo  
Me apaga esse lampião  
Estou morrendo de desejo  
Amemos na escuridão!"

Embora estranhando um pouco  
A atitude do marido  
Lunalva tira o vestido  
Semilouca de paixão.

Tatiana, naquele instante

Deitada naquela cama  
Lunalva se surpreendeu  
Não foi mulher, foi amante  
Agiu que nem mulher-dama  
Tudo o que tinha lhe deu.

No outro dia, manhãzinha  
Acordando estremunhada  
Lunalva soltou risada  
Ao ver que não estava o Bill.

Muito Lunalva se riu  
Vendo a mesa por tirar.

Indo se mirar ao espelho  
Lunalva mal pôde andar  
De fraqueza no joelho.

E que olhos pisados tinha!

Não rias, pobre Lunalva  
Não rias, morena flor  
Que a tua agora alegria  
Traz a semente do horror!

Eis senão quando, no rio  
Um barulho de motor.

À porta Lunalva voa  
A tempo de ver chegando  
Um bando de montarias  
E uns cabras dentro remando  
Tudo isso acompanhando  
A lancha a vapor do Bill  
Com um corpo estirado à proa.

Tatiana, põe só a mão:  
Escuta como dispara  
De medo o meu coração.

E frente da balsa pára  
A lancha com o corpo em cima  
Os caboclos se descobrem  
Lunalva que se aproxima  
Levanta o pano, olha a cara  
E dá um medonho grito.

"Meu Deus, o meu Bill morreu!  
Por favor me diga, mestre  
O que foi que aconteceu?"

E o mestre contou contado:  
O Inglês caíra no rio  
Tinha morrido afogado.

Quando foi?... ontem de tarde.

Diz – que ninguém esqueceu  
A gargalhada de louca  
Que a pobre Lunalva deu.

Isso não é nada, Tatiana:  
Ao cabo de nove luas  
Um filho verão nasceu.

O filho que ela pariu  
Diz-que, Tatiana, diz-que era  
A cara escrita do Bill:

A cara escrita e escarrada...

Diz-que até hoje se escuta  
O riso da louca insana  
No hospício, de madrugada.

É o que lhe digo, Tatiana...

## **Sacrifício da Aurora**

Um dia a Aurora chegou-se  
Ao meu quarto de marfim  
E com seu riso mais doce  
Deitou-se junto de mim  
Beijei-lhe a boca orvalhada  
E a carne tímida e exangue  
A carne não tinha sangue  
A boca sabia a nada.

Apaixonei-me da Aurora  
No meu quarto de marfim  
Todo o dia à mesma hora  
Amava-a só para mim  
Palavras que me dizia  
Transfiguravam-se em neve  
Era-lhe o peso tão leve  
Era-lhe a mão tão macia.

Às vezes me adormecia  
No meu quarto de marfim  
Para acordar, outro dia  
Com a Aurora longe de mim  
Meu desespero covarde  
Levava-me dia afora  
Andando em busca da Aurora  
Sem ver Manhã, sem ver Tarde.

Hoje, ai de mim, de cansado  
Há dias que até da vida  
Durmo com a Noite, ausentado  
Da minha Aurora esquecida...  
É que apesar de sombria  
Prefiro essa grande louca  
À Aurora, que além de pouca  
É fria, meu Deus, é fria!



## **Crepúsculo em New York**

Com um gesto fulgurante o Arcanjo Gabriel  
Abre de par em par o pórtico do poente  
Sobre New York. A gigantesca espada de ouro  
A faiscar simetria, ei-lo que monta guarda  
A Heavens, Incorporations. Do crepúsculo  
Baixam serenamente as pontes levadiças  
De U.S.A. Sun até a ilha de Manhattan.  
Agora é tudo anúncio, irradiação, promessa  
Da Divina Presença. No imo da matéria  
Os átomos aquietam-se e cria-se o vazio  
Em cada coração de bicho, coisa e gente.

E o silêncio se deixa assim, profundamente...

Mas súbito sobe do abismo um som crestado  
De saxofone, e logo a atroz polifonia  
De cordas e metais, síncopas, arreganhos  
De jazz negro, vindos de Fifty Second Street.  
New York acorda para a noite. Oito milhões  
De solitários se dissolvem pelas ruas  
Sem manhã. New York entrega-se.

Do páramo  
Balizas celestiais põem-se a brotar, vibrantes  
À frente da parada, enquanto anjos em nylon  
As asas de alumínio, as coxas palpitantes  
Fluem langues da Grande Porta diamantina.

Cai o câmbio da tarde. O Sublime Arquiteto  
Satisfeito, do céu admira sua obra.  
A maquete genial reflete em cada vidro  
O olho meigo de Deus a dardejar ternuras.  
Como é bela New York! Aço e concreto armado  
A erguer sempre mais alto eternas estruturas!  
Deus sorri complacente. New York é muito bela!  
Apesar do East Side, e da mancha amarela  
De China Town, e da mancha escura do Harlem  
New York é muito bela!

As primeiras estrelas  
Afinam na amplidão cantilenas singelas...  
Mas Deus, que mudou muito, desde que enriqueceu  
Liga a chave que acende a Broadway e apaga o céu  
Pois às constelações que no espaço esparziu  
Prefere hoje os ersätze sobre La Guardia Field.

## **O rio**

Uma gota de chuva  
A mais, e o ventre grávido  
Estremeceu, da terra.  
Através de antigos  
Sedimentos, rochas  
Ignoradas, ouro  
Carvão, ferro e mármore  
Um fio cristalino  
Distante milênios  
Partiu fragilmente  
Sequioso de espaço  
Em busca de luz.

Um rio nasceu.

## **Bilhete a Baudelaire**

Poeta, um pouco à tua maneira  
E para distrair o spleen  
Que estou sentindo vir a mim  
Em sua ronda costumeira

Folheando-te, reencontro a rara  
Delícia de me deparar  
Com tua sordidez preclara  
No velha foto de Carjat

Que não revia desde o tempo  
Em que te lia e te relia  
A ti, a Verlaine, a Rimbaud...

Como passou depressa o tempo  
Como mudou a poesia  
Como teu rosto não mudou!

*Los Angeles, 1947*

## A morte de madrugada

*Muerto cayó Federico.*  
Antonio Machado

Uma certa madrugada  
Eu por um caminho andava  
Não sei bem se estava bêbado  
Ou se tinha a morte n'alma  
Não sei também se o caminho  
Me perdia ou encaminhava  
Só sei que a sede queimava-me  
A boca desidratada.  
Era uma terra estrangeira  
Que me recordava algo  
Com sua argila cor de sangue  
E seu ar desesperado.  
Lembro que havia uma estrela  
Morrendo no céu vazio  
De uma outra coisa me lembro:  
*... Un horizonte de perros*  
*Ladra muy lejos del río...*

De repente reconheço:  
Eram campos de Granada!  
Estava em terras de Espanha  
Em sua terra ensangüentada  
Por que estranha providência  
Não sei... não sabia nada...  
Só sei da nuvem de pó  
Caminhando sobre a estrada  
E um duro passo de marcha  
Que em meu sentido avançava.

Como uma mancha de sangue  
Abria-se a madrugada  
Enquanto a estrela morria  
Numa tremura de lágrima  
Sobre as colinas vermelhas  
Os galhos também choravam  
Aumentando a fria angústia  
Que de mim transverberava.

Era um grupo de soldados  
Que pela estrada marchava  
Trazendo fuzis ao ombro

E impiedade na cara  
Entre eles andava um moço  
De face morena e cálida  
Cabelos soltos ao vento  
Camisa desabotoada.  
Diante de um velho muro  
O tenente gritou: Alto!  
E à frente conduz o moço  
De fisionomia pálida.  
Sem ser visto me aproximo  
Daquela cena macabra  
Ao tempo em que o pelotão  
Se dispunha horizontal.

Súbito um raio de sol  
Ao moço ilumina a face  
E eu à boca levo as mãos  
Para evitar que gritasse.  
Era ele, era Federico  
O poeta meu muito amado  
A um muro de pedra seca  
Colado, como um fantasma.  
Chamei-o: Garcia Lorca!  
Mas já não ouvia nada  
O horror da morte imatura  
Sobre a expressão estampada...  
Mas que me via, me via  
Porque em seus olhos havia  
Uma luz mal-disfarçada.  
Com o peito de dor rompido  
Me quedei, paralisado  
Enquanto os soldados miram  
A cabeça delicada.

Assim vi a Federico  
Entre dois canos de arma  
A fitar-me estranhamente  
Como querendo falar-me.  
Hoje sei que teve medo  
Diante do inesperado  
E foi maior seu martírio  
Do que a tortura da carne.  
Hoje sei que teve medo  
Mas sei que não foi covarde  
Pela curiosa maneira  
Com que de longe me olhava  
Como quem me diz: a morte  
É sempre desagradável  
Mas antes morrer ciente  
Do que viver enganado.

Atiraram-lhe na cara  
Os vendilhões de sua pátria  
Nos seus olhos andaluzes  
Em sua boca de palavras.  
*Muerto cayó Federico*  
*Sobre a terra de Granada*  
*La tierra del inocente*  
*No la tierra del culpable.*  
Nos olhos que tinha abertos  
Numa infinita mirada  
Em meio a flores de sangue  
A expressão se conservava  
Como a segredar-me: – A morte  
É simples, de madrugada...

## O assassino

Meninas de colégio  
Apenas acordadas  
Desuniformizadas  
Em vossos uniformes  
Anjos longiformes  
De faces rosadas  
E pernas enormes  
Quem vos acompanha?

Quem vos acompanha  
Colegiais aladas  
Nas longas estradas  
Que vão da campanha  
Às vossas moradas?  
Onde está o pastor  
Que vos arrebanha  
Rebanho de risos?

Rebanho de risos  
Que tingem o poente  
Da cor impudente  
Das coisas contadas  
Entre tanto riso!  
Meninas levadas  
Não tendes juízo  
Nas vossas cabeças?  
Nas vossas cabeças  
Como um cata-vento  
Nem por um momento  
A idéia vos passa  
Do grande perigo  
Que vos ameaça  
E a que não dais tento  
Meninas sem tino!

Pois não tendes tino  
Brotos malfadados  
Que aí pelos prados  
Há um assassino  
Que à vossa passagem  
Põe olhos malvados  
Por entre a folhagem...

Cuidado, meninas!

## Poema enjoadinho

Filhos... Filhos?  
Melhor não tê-los!  
Mas se não os temos  
Como sabê-los?  
Se não os temos  
Que de consulta  
Quanto silêncio  
Como os queremos!  
Banho de mar  
Diz que é um porrete...  
Cônjuge voa  
Transpõe o espaço  
Engole água  
Fica salgada  
Se iodifica  
Depois, que boa  
Que morenaço  
Que a esposa fica!  
Resultado: filho.  
E então começa  
A aporrinhacão:  
Cocô está branco  
Cocô está preto  
Bebe amoníaco  
Comeu botão.  
Filhos? Filhos  
Melhor não tê-los  
Noites de insônia  
Cãs prematuras  
Prantos convulsos  
Meu Deus, salvai-o!  
Filhos são o demo  
Melhor não tê-los...  
Mas se não os temos  
Como sabê-los?  
Como saber  
Que macieza  
Nos seus cabelos  
Que cheiro morno  
Na sua carne  
Que gosto doce  
Na sua boca!  
Chupam gilete  
Bebem xampu  
Ateiam fogo

No quarteirão  
Porém, que coisa  
Que coisa louca  
Que coisa linda  
Que os filhos são!

## **Soneto do só**

*(Parábola de Malte Laurids Brigge)*

Depois foi só. O amor era mais nada  
Sentiu-se pobre e triste como Jô  
Um cão veio lambe-lhe a mão na estrada  
Espantado, parou. Depois foi só.

Depois veio a poesia ensimesmada  
Em espelhos. Sofreu de fazer dó  
Viu a face do Cristo ensangüentada  
Da sua, imagem – e orou. Depois foi só.

Depois veio o verão e veio o medo  
Desceu de seu castelo até o rochedo  
Sobre a noite e do mar lhe veio a voz

A anunciar os anjos sanguinários...  
Depois cerrou os olhos solitários  
E só então foi totalmente a sós.

*Rio de Janeiro, 1946*



## **A pêra**

Como de cera  
E por acaso  
Fria no vaso  
A entardecer

A pêra é um pomo  
Em holocausto  
À vida, como  
Um seio exausto

Entre bananas  
Supervenientes  
E maçãs lhanas

Rubras, contentes  
A pobre pêra:  
Quem manda ser a?

*Los Angeles, 1947*

## **A paixão da carne**

Envolto em toalhas  
Frias, pego ao colo  
O corpo escaldante.  
Tem apenas dois anos  
E embora não fale  
Sorri com doçura.  
É Pedro, meu filho  
Sêmen feito carne  
Minha criatura  
Minha poesia.  
É Pedro, meu filho  
Sobre cujo sono  
Como sobre o abismo  
Em noites de insônia  
Um pai se debruça.  
Olho no termômetro:  
Quarenta e oito décimos  
E através do pano  
A febre do corpo  
Bafeja-me o rosto  
Penetra-me os ossos  
Desce-me às entranhas  
Úmida e voraz  
Angina pultácea  
Estreptocócica?  
Quem sabe... quem sabe...  
Aperto meu filho  
Com força entre os braços  
Enquanto crisálidas  
Em mim se desfazem  
Óvulos se rompem  
Crosta se bipartem  
E de cada poro  
Da minha epiderme  
Lutam lepidópteros  
Por se libertar.  
Ah, que eu já sentisse  
Os êxtases máximos  
Da carne nos rasgos  
Da paixão espúria!  
Ah, que eu já bradasse  
Nas horas de exalta-  
ção os mais lancinantes  
Gritos de loucura!  
Ah, que eu já queimasse

Da febre mais quente  
Que jamais queimasse  
A humana criatura!  
Mas nunca como antes  
Nunca! nunca! nunca!  
Nem paixão tão alta  
Nem febre tão pura.

## **A ausente**

Amiga, infinitamente amiga  
Em algum lugar teu coração bate por mim  
Em algum lugar teus olhos se fecham à idéia dos meus.  
Em algum lugar tuas mãos se crispam, teus seios  
Se encham de leite, tu desfaleces e caminhas  
Como que cega ao meu encontro...  
Amiga, última doçura  
A tranqüilidade suavizou a minha pele  
E os meus cabelos. Só meu ventre  
Te espera, cheio de raízes e de sombras.  
Vem, amiga  
Minha nudez é absoluta  
Meus olhos são espelhos para o teu desejo  
E meu peito é tábua de suplícios  
Vem. Meus músculos estão doces para os teus dentes  
E áspera é minha barba. Vem mergulhar em mim  
Como no mar, vem nadar em mim como no mar  
Vem te afogar em mim, amiga minha  
Em mim como no mar...

## **A rosa de Hiroxima**

Pensem nas crianças  
Mudas telepáticas  
Pensem nas meninas  
Cegas inexatas  
Pensem nas mulheres  
Rotas alteradas  
Pensem nas feridas  
Como rosas cálidas  
Mas oh não se esqueçam  
Da rosa da rosa  
Da rosa de Hiroshima  
A rosa hereditária  
A rosa radioativa  
Estúpida e inválida  
A rosa com cirrose  
A anti-rosa atômica  
Sem cor sem perfume  
Sem rosa sem nada

## **Tríptico na morte de Sergei Mikhailovitch Eisenstein**

*Na morte de Sergei Mikhailovitch Eisenstein*

### **I**

Camarada Eisenstein, muito obrigado  
Pelos dilemas, e pela montagem  
De Canal de Ferghama, irrealizado  
E outras afirmações. Tu foste a imagem

Em movimento. Agora, unificado  
À tua própria imagem, muito mais  
De ti, sobre o futuro projetado  
Nos hás de restituir. Boa viagem

Camarada, através dos grandes gelos  
Imensuráveis. Nunca vi mais belos  
Céus que esses sob que caminhas, só

E infatigável, a despertar o assombro  
Dos horizontes com tua câmara ao ombro...  
Spasibo, tovarishch. Khorosho.

### **II**

Pelas auroras imobilizadas  
No instante anterior; pelos gerais  
Milagres da matéria; pela paz  
Da matéria; pelas transfiguradas

Faces da História; pelo conteúdo  
Da História e em nome de seus grandes idos  
Pela correspondência dos sentidos  
Pela vida a pulsar dentro de tudo

Pelas nuvens errantes; pelos montes  
Pelos inatingíveis horizontes  
Pelos sons; pelas cores; pela voz

Humana; pelo Velho e pelo Novo  
Pelo misterioso amor do povo  
Spasibo, tovarishch, Khorosho.

### III

O cinema é infinito – não se mede.  
Não tem passado nem futuro. Cada  
Imagem só existe interligada  
À que a antecedeu e à que a sucede.

O cinema é a presciente antevisão  
Na sucessão de imagens. O cinema  
É o que não se vê, é o que não é  
Mas resulta: a indizível dimensão.

Cinema é Odessa, imóvel na manhã  
À espera do massacre; é Nevski; é Ivan  
O Terrível; és tu, mestre! maior

Entre os maiores, grande destinado...  
Muito bem, Eisenstein. Muito obrigado.  
Spasibo, tovarishch. Khorosho.

*Los Angeles, 12.02.1948*

#### **Notas:**

*Tríptico na morte de Sergei Mikhailovitch Eisenstein*

##### **1.**

*Sergei M. Eisenstein (Riga, Rússia, 1898 – Moscou, 1948) não apenas foi um dos mais importantes diretores de cinema mundial, mas ajudou a dar forma à linguagem cinematográfica. Em seu primeiro filme, A greve, de 1924, já se vislumbrava as principais linhas de seu estilo, marcada por uma original teoria da montagem. Em 1925, o cinema conheceu o célebre O encouraçado Potemkin, cujo sucesso projetou internacionalmente o nome de Eisenstein. Após viajar pela Europa e Estados Unidos (atendendo a convites para filmar em Hollywood), foi ao México, onde realizou, em 1931, Que Viva México!, inacabado. Embora tenha sido um colaborador fiel do regime soviético, foi perseguido pela ditadura stalinista desde voltou de tais excursões. Ainda assim, filmou Alexandre Nevski (1938) e parte do ambicioso Ivã, o Terrível (1944-45).*

##### **2.**

*Na Antologia Poética de Vinicius de Moraes, o "Tríptico na morte de Sergei Mikhailovitch Eisenstein" aparece reduzido apenas à parte II, com o nome de "Soneto a Sergei Mikhailovitch Eisenstein".*

## **Pátria minha**

A minha pátria é como se não fosse, é íntima  
Doçura e vontade de chorar; uma criança dormindo  
É minha pátria. Por isso, no exílio  
Assistindo dormir meu filho  
Choro de saudades de minha pátria.

Se me perguntarem o que é a minha pátria, direi:  
Não sei. De fato, não sei  
Como, por que e quando a minha pátria  
Mas sei que a minha pátria é a luz, o sal e a água  
Que elaboram e liquefazem a minha mágoa  
Em longas lágrimas amargas.

Vontade de beijar os olhos de minha pátria  
De niná-la, de passar-lhe a mão pelos cabelos...  
Vontade de mudar as cores do vestido (auriverde!) tão feias  
De minha pátria, de minha pátria sem sapatos  
E sem meias, pátria minha  
Tão pobrinha!

Porque te amo tanto, pátria minha, eu que não tenho  
Pátria, eu semente que nasci do vento  
Eu que não vou e não venho, eu que permaneço  
Em contato com a dor do tempo, eu elemento  
De ligação entre a ação e o pensamento  
Eu fio invisível no espaço de todo adeus  
Eu, o sem Deus!

Tenho-te no entanto em mim como um gemido  
De flor; tenho-te como um amor morrido  
A quem se jurou; tenho-te como uma fê  
Sem dogma; tenho-te em tudo em que não me sinto a jeito  
Nesta sala estrangeira com lareira  
E sem pé-direito.

Ah, pátria minha, lembra-me uma noite no Maine, Nova Inglaterra  
Quando tudo passou a ser infinito e nada terra  
E eu vi alfa e beta de Centauro escalarem o monte até o céu  
Muitos me surpreenderam parado no campo sem luz  
À espera de ver surgir a Cruz do Sul  
Que eu sabia, mas amanheceu...

Fonte de mel, bicho triste, pátria minha  
Amada, idolatrada, salve, salve!  
Que mais doce esperança acorrentada

O não poder dizer-te: aguarda...  
Não tardo!

Quero rever-te, pátria minha, e para  
Rever-te me esqueci de tudo  
Fui cego, estropiado, surdo, mudo  
Vi minha humilde morte cara a cara  
Rasguei poemas, mulheres, horizontes  
Fiquei simples, sem fontes.

Pátria minha... A minha pátria não é florão, nem ostenta  
Lábaro não; a minha pátria é desolação  
De caminhos, a minha pátria é terra sedenta  
E praia branca; a minha pátria é o grande rio secular  
Que bebe nuvem, come terra  
E urina mar.

Mais do que a mais garrida a minha pátria tem  
Uma quentura, um querer bem, um bem  
Um libertas quae sera tamen  
Que um dia traduzi num exame escrito:  
"Liberta que serás também"  
E repito!

Ponho no vento o ouvido e escuto a brisa  
Que brinca em teus cabelos e te alisa  
Pátria minha, e perfuma o teu chão...  
Que vontade me vem de adormecer-me  
Entre teus doces montes, pátria minha  
Atento à fome em tuas entranhas  
E ao batuque em teu coração.

Não te direi o nome, pátria minha  
Teu nome é pátria amada, é patriazinha  
Não rima com mãe gentil  
Vives em mim como uma filha, que és  
Uma ilha de ternura: a Ilha  
Brasil, talvez.

Agora chamarei a amiga cotovia  
E pedirei que peça ao rouxinol do dia  
Que peça ao sabiá  
Para levar-te presto este avigrama:  
"Pátria minha, saudades de quem te ama...  
Vinicius de Moraes."



## O crocodilo

O crocodilo que do Nilo  
Ainda apavora a cristandade  
Pode ser dócil como o filho  
Que chora ao ver-se desamado.

Mas nunca como ele injusto  
Que se ergue hediondo de manhã  
E vai e espeta um grampo justo  
No umbigo de sua própria mãe.

O crocodilo espreita a garça  
Sim, mas por fome, e se restringe  
Mas e o filho, que à pobre ave  
Acompanha no Y do estilingue?

A lama pode ser um berço  
Para um crocodiliano  
No entanto o filho come o esterco  
Apenas porque a mãe diz não.

Tem o crocodilo um amigo  
Num pássaro que lhe palita  
Os dentes e o alerta ao perigo:  
Mas no filho, quem acredita?

O filho sai e esquece a mãe  
E insulta o outro e o outro o insulta  
É ver o simples caimão  
Que nunca diz: filho da puta!

O crocodilo tem um sestro  
De cio: guia-se pelo olfato  
Mas o filho pratica o incesto  
Absolutamente ipso-facto.

Chamam ao pequeno crocodilo  
Paleosuchus palpebrosus  
Porém o que me admira é o filho  
Que vive em pálpebras de ócio.

O filho é um monstro. E uma vos digo  
Ainda por píssico me tomem:  
Nunca verei um crocodilo  
Chorando lágrimas de homem.

## **História passional, Hollywood, Califórnia**

Preliminarmente, telegrafar-te-ei uma dúzia de rosas  
Depois te levarei a comer um shop-suey  
Se a tarde também for loura abriremos a capota  
Teus cabelos ao vento marcarão oitenta milhas.

Dar-me-ás um beijo com batom marca indelével  
E eu pegarei tua coxa rija como a madeira  
Sorrirás para mim e eu porei óculos escuros  
Ante o brilho de teus dois mil dentes de esmalte.

Mascaremos cada um uma caixa de goma  
E iremos ao Chinese cheirando a hortelã-pimenta  
A cabeça no meu ombro sonharás duas horas  
Enquanto eu me divirto no teu seio de arame.

De novo no automóvel perguntarei se queres  
Me dirás que tem tempo e me darás um abraço  
Tua fome reclama uma salada mista  
Verei teu rosto através do suco de tomate.

Te ajudarei cavalheiro com o abrigo de chinchila  
Na saída constatarei tuas nylon 57  
Ao andares, algo em ti range em dó sustenido  
Pelo andar em que vais sei que queres dançar rumba.

Beberás vinte uísques e ficarás mais terna  
Dançando sentirei tuas pernas entre as minhas  
Cheirarás levemente a cachorro lavado  
Possuis cem rotações de quadris por minuto.

De novo no automóvel perguntarei se queres  
Me dirás que hoje não, amanhã tens filmagem  
Fazes a cigarreira num clube de má fama  
E há uma cena em que vendes um maço a George Raft.

Telegrafar-te-ei então uma orquídea sexuada  
No escritório esperarei que tomes sal de frutas  
Vem-te um súbito desejo de comida italiana  
Mas queres deitar cedo, tens uma dor de cabeça!

À porta de tua casa perguntarei se queres  
Me dirás que hoje não, vais ficar dodói mais tarde  
De longe acenarás um adeus sutilíssimo  
Ao constatares que estou com a bateria gasta.

Dia seguinte esperarei com o rádio do carro aberto  
Te chamando mentalmente de galinha e outros nomes  
Virás então dizer que tens comida em casa  
De avental abrirei latas e enxugarei pratos.

Tua mãe perguntará se há muito que sou casado  
Direi que há cinco anos e ela fica calada  
Mas como somos moços, precisamos divertir-nos  
Sairemos de automóvel para uma volta rápida.

No alto de uma colina perguntar-te-ei se queres  
Me dirás que nada feito, estás com uma dor do lado  
Nervosos meus cigarros se fumarão sozinhos  
E acabo machucando os dedos na tua cinta.

Dia seguinte vens com um suéter elástico  
Sapatos mocassim e meia curta vermelha  
Te levo pra dançar um ligeiro jitterbug  
Teus vinte deixam os meus trinta e pouco cansados.

Na saída te vem um desejo de boliche  
Jogas na perfeição, flertando o moço ao lado  
Dás o telefone a ele e perguntas se me importo  
Finjo que não me importo e dou saída no carro.

Estás louca para tomar uma coca gelada  
Debruças-te sobre mim e me mordes o pescoço  
Passo de leve a mão no teu joelho ossudo  
Perdido de repente numa grande piedade.

Depois pergunto se queres ir ao meu apartamento  
Me matas a pergunta com um beijo apaixonado  
Dou um soco na perna e aperto o acelerador  
Finges-te de assustada e falas que dirijo bem.

Que é daquele perfume que eu te tinha prometido?  
Compro o Chanel 5 e acrescento um bilhete gentil  
"Hoje vou lhe pagar um jantar de vinte dólares  
E se ela não quiser, juro que não me responsabilizo..."

Vens cheirando a lilás e com saltos, meu Deus, tão altos  
Que eu fico lá embaixo e com um ar avacalhado  
Dás ordens ao garçom de caviar e champanha  
Depois arrotas de leve me dizendo I beg your pardon.

No carro distraído deixo a mão na tua perna  
Depois vou te levando para o alto de um morro  
Em cima tiro o anel, quero casar contigo  
Dizes que só acedes depois do meu divórcio.

Balbucio palavras desconexas e esdrúxulas  
Quero romper-te a blusa e mastigar-te a cara  
Não tens medo nenhum dos meus loucos arroubos  
E me destroncas o dedo com um golpe de jiu-jítsu.

Depois tiras da bolsa uma caixa de goma  
E mascas furiosamente dizendo barbaridades  
Que é que eu penso que és, se não tenho vergonha  
De fazer tais propostas a uma moça solteira.

Balbucio uma desculpa e digo que estava pensando...  
Falas que eu pense menos e me fazes um agrado  
Me pedes um cigarro e riscas o fósforo com a unha  
E eu fico boquiaberto diante de tanta habilidade.

Me pedes para te levar a comer uma salada  
Mas de súbito me vem uma consciência estranha  
Vejo-te como uma cabra pastando sobre mim  
E odeio-te de ruminares assim a minha carne.

Então fico possesso, dou-te um murro na cara  
Destruo-te a carótida a violentas dentadas  
Ordenho-te até o sangue escorrer entre meu dedos  
E te possuo assim, morta e desfigurada.

Depois arrependido choro sobre o teu corpo  
E te enterro numa vala, minha pobre namorada...  
Fujo mas me descobrem por um fio de cabelo  
E seis meses depois morro na câmara de gás.

## Epitalâmio

Esta manhã a casa madruguei.  
Havia elfos alados nos gelados  
Raios de sol da sala quando entrei.  
Sentada na cadeira de balanço  
Resplendente, uma fada balançava-se  
Numa poça de luz. Minha chegada  
Gigantesca assustou os gnomos mínimos  
Que vertiginosamente se escoaram  
Pelas frinchas dos rodapés. A estranha  
Presença matinal do ser noturno  
Desencadeou no cerne da matéria  
O entusiasmo dos átomos. Coraram  
Os móveis decapês, tremeram os vidros  
Estalaram os armários de alegria.  
Eram os claros cristais de luz tão frágeis  
Que ao tocar um, desfez-se nos meus dedos  
Em poeira translúcida, vibrando  
Tremulinas e harpejos inefáveis.  
Era o inverno, ainda púbere. Bebi  
Sofregamente um grande copo de ar  
E recitei o meu epitalâmio.  
Nomes como uma flor, uma explosão  
De flor, vieram da infância envolta em trevas  
Penetrados de vozes. Num segundo  
Pensei ver o meu próprio nascimento  
Mas fugi, tive medo. Não deveria  
A poesia...  
Tão extremo era o transe matutino  
Que pareceu-me haver perdido o peso  
E esquecido dos meus trinta e quatro anos  
Da clássica ruptura do menisco  
E das demais responsabilidades  
Pus-me a correr à volta do sofá  
Atrás de prima Alice, a que morreu  
De consumpção e me deixava triste.  
Infelizmente acrescentei em quilos  
E logo me cansei; mas as asinhas  
Nos calcanhares eram bimotores  
A querer arrancar. Pé ante pé  
Fui esconder-me atrás da geladeira  
O corpo em bote, os olhos em alegria  
Para esperar a entrada de Maria  
A empregada da Ilha, também morta  
Mas de doença de homem – que era aquela  
Confusão de querer-se e malquerer-se

Aquela multiplicação de seios  
Aquele desperdício de saliva  
E mãos, transfixiantes, nomes feios  
E massas pouco a pouco se encaixando  
Em decúbito, até a grande inércia  
Cheia de mar (Maria era mulata!).  
Depois foi Nina, a plácida menina  
Dos pulcros atos sem concupiscência  
Que me surgiu. Mandava-me missivas  
Cifradas que eu, terrível flibusteiro  
Escondia no muro de uma casa  
(Esqueci de que casa ... ) Mas surpresa  
Foi quando vi Alba surgir da aurora  
Alba, a que me deixou examiná-la  
Grande obstetra, com a lente de aumento  
Dos textos em latim de meu avô  
Alba, a que amava as largatixas secas  
Alba, a ridícula, morta de crupe.  
Milagre da manhã recuperada!  
A infância! Sombra, és tu? Até tu, Sombra...  
Sombra, contralto, entre os paralelepípedos  
Do coradouro do quintal. Oh, tu  
Que me violaste, negra, sobre o linho  
Muito obrigado, tenebroso Arcanjo  
De ti me lembrarei! Bom dia, Linda  
Como estás bela assim descalça, Linda  
Vem comigo nadar! O mar é agora  
A piscina de Onã, de lodo e alga...  
Quantos cajú tu me roubaste, feia  
Quanto silêncio em teus carinhos, Linda  
Longe, nas águas... Sim! é a minha casa  
É a minha casa, sim, a um grito apenas  
Da praia! Alguém me chama, é a gaivota  
Branca, é Marina! (A doida já chegava  
Desabotoando o corpete de menina...)  
Marina, como vais, jovem Marina  
Deslembrada Marina... Vejo Vândala  
A rústica, a operária, a compulsória  
Que nos levava aos dez para os baldios  
Da Fábrica, e como aos bilros, hábil  
Aos dez de uma só vez manipulava  
Ern francas gargalhadas, e dizia  
De mim: Ai, que este é o mais levado!  
(Pela mulher, sim, Vândala, obrigado...  
E tu, Santa, casada, que me deste  
O Coração, posto que de De Amicis  
Tu que calçavas longamente as meias  
Pretas que me tiraram o medo à treva  
E às aranhas... some, jetatura  
Masturbação, desassossego, insônia!

Mas tu, pequena Maja, sê bem-vinda:  
Lembra-me tuas tranças; recitavas  
Fazias ponto-à-jour, tocavas piano  
Pequena Maja... Foi preciso um ano  
De namoro fechado, irmão presente  
Para me dares, louco, de repente  
Tua mão, como um pássaro assustado.  
No entanto te esqueci ao ver Altiva  
Princesa absurda, cega, surda e muda  
Ao meu amor, embora me adorando  
De adoração tão pura. Tua cítara  
Me ensinou um ódio estúpido à Elegia  
De Massenet. Confesso, dispensava a cítara  
Ia beber desesperado. Mas  
Foi contigo, Suave, que o poeta  
Apreendeu o sentido da humildade.  
Estavas sempre à mão. Telefonava:  
Vamos? Vinhas. Inda virias. Tinhas  
Um riso triste. Foi o nada queres  
Que tão pouco te deu, tristonha ave...  
Quanta melancolia! No cenário  
Púrpura, surges, Pútrida, luética  
Deusa amarela, circunscrita imagem ...  
Obrigado no entanto pelos êxtases  
Aparentes; lembro-me que brilhava  
Na treva antropofágica teu dente  
De ouro, como um fogo em terra firme  
Para o homem a nadar-te, extenuado.  
Mas que não fuja ainda a enunciada  
Visão... Clélia, adeus minha Clélia, adeus!  
Vou partir, pobre Clélia, navegar  
No verde mar... vou me ausentar de ti!  
Vejo chegar alguém que me procura  
Alguém à porta, alguma desgraçada  
Que se perdeu, a voz no telefone  
Que não sei de quem é, a com que moro  
E a que morreu... Quem és, responde!  
Ês tu a mesma em todas renovada?

Sou Eu! Sou Eu! Sou Eu! Sou Eu! Sou Eu!

## Conjugação da ausente

Foram precisos mais dez anos e oito quilos  
Muitas cãs e um princípio de abdômen  
(Sem falar na Segunda Grande Guerra, na descoberta da penicilina e na  
(desagregação do átomo)  
Foram precisos dois filhos e sete casas  
(Em lugares como São Paulo, Londres, Cascais, Ipanema e Hollywood)  
Foram precisos três livros de poesia e uma operação de apendicite  
Algumas prevaricações e um exequatur  
Fora preciso a aquisição de uma consciência política  
E de incontáveis garrafas; fora preciso um desastre de avião  
Foram precisas separações, tantas separações  
Uma separação...

Tua graça caminha pela casa  
Moves-te blindada em abstrações, como um T. Trazes  
A cabeça enterrada nos ombros qual escura  
Rosa sem haste. És tão profundamente  
Que irrelevas as coisas, mesmo do pensamento.  
A cadeira é cadeira e o quadro é quadro  
Porque te participam. Fora, o jardim  
Modesto como tu, murcha em antúrios  
A tua ausência. As folhas te outonam, a grama te  
Quer. És vegetal, amiga...  
Amiga! direi baixo o teu nome  
Não ao rádio ou ao espelho, mas à porta  
Que te emoldura, fatigada, e ao  
Corredor que pára  
Para te andar, adunca, inutilmente  
Rápida. Vazia a casa  
Raios, no entanto, desse olhar sobejo  
Obliquos cristalizam tua ausência.  
Vejo-te em cada prisma, refletindo  
Diagonalmente a múltipla esperança  
E te amo, te venero, te idolatro  
Numa perplexidade de criança.



## **O filho do homem**

O mundo parou  
A estrela morreu  
No fundo da treva  
O infante nasceu.

Nasceu num estábulo  
Pequeno e singelo  
Com boi e charrua  
Com foice e martelo.

Ao lado do infante  
O homem e a mulher  
Uma tal Maria  
Um José qualquer.

A noite o fez negro  
Fogo o avermelhou  
A aurora nascente  
Todo o amarelou.

O dia o fez branco  
Branco como a luz  
À falta de um nome  
Chamou-se Jesus.

Jesus pequenino  
Filho natural  
Ergue-te, menino  
É triste o Natal.

*12.1947*

## Poética

De manhã escureço  
De dia tardo  
De tarde anoiteço  
De noite ardo.

A oeste a morte  
Contra quem vivo  
Do sul cativo  
O este é meu norte.

Outros que contem  
Passo por passo:  
Eu morro ontem

Nasço amanhã  
Ando onde há espaço:  
– Meu tempo é quando.

*Nova York, 1950*

## **Elegia na morte de Clodoaldo Pereira da Silva Moraes, poeta e cidadão**

A morte chegou pelo interurbano em longas espirais metálicas.  
Era de madrugada. Ouvi a voz de minha mãe, viúva.  
De repente não tinha pai.  
No escuro de minha casa em Los Angeles procurei recompor tua lembrança  
Depois de tanta ausência. Fragmentos da infância  
Boiaram do mar de minhas lágrimas. Vi-me eu menino  
Correndo ao teu encontro. Na ilha noturna  
Tinham-se apenas acendido os lampiões a gás, e a clarineta  
De Augusto geralmente procrastinava a tarde.  
Era belo esperar-te, cidadão. O bondinho  
Rangia nos trilhos a muitas praias de distância  
Dizíamos: "E-vem meu pai!" Quando a curva  
Se acendia de luzes semoventes, ah, corríamos  
Corríamos ao teu encontro. A grande coisa era chegar antes  
Mas ser marraio em teus braços, sentir por último  
Os doces espinhos da tua barba.  
Trazias de então uma expressão indizível de fidelidade e paciência  
Teu rosto tinha os sulcos fundamentais da doçura  
De quem se deixou ser. Teus ombros possantes  
Se curvavam como ao peso da enorme poesia  
Que não realizaste. O barbante cortava teus dedos  
Pesados de mil embrulhos: carne, pão, utensílios  
Para o cotidiano (e freqüentemente o binóculo  
Que vivias comprando e com que te deixavas horas inteiras  
Mirando o mar). Dize-me, meu pai  
Que viste tantos anos através do teu óculo-de-alcance  
Que nunca revelaste a ninguém?  
Vencias o percurso entre a amendoeira e a casa como o atleta exausto no  
último lance da maratona.  
Te grimpávamos. Eras penca de filho. Jamais  
Uma palavra dura, um rosnar paterno. Entravas a casa humilde  
A um gesto do mar. A noite se fechava  
Sobre o grupo familiar como uma grande porta espessa.

\*\*\*

Muitas vezes te vi desejar. Desejavas. Deixavas-te olhando o mar  
Com mirada de argonauta. Teus pequenos olhos feios  
Buscavam ilhas, outras ilhas... – as imaculadas, inacessíveis  
Ilhas do Tesouro. Querias. Querias um dia aportar  
E trazer – depositar aos pés da amada as jóias fulgurantes  
Do teu amor. Sim, foste descobridor, e entre eles  
Dos mais proventos. Muitas vezes te vi, comandante  
Comandar, batido de ventos, perdido na fosforescência  
De vastos e noturnos oceanos  
Sem jamais.

Deste-nos pobreza e amor. A mim me deste  
A suprema pobreza: o dom da poesia, e a capacidade de amar  
Em silêncio. Foste um pobre. Mendigavas nosso amor  
Em silêncio. Foste um no lado esquerdo. Mas  
Teu amor inventou. Financiaste uma lancha  
Movida a água: foi reta para o fundo. Partiste um dia  
Para um brasil além, garimpeiro, sem medo e sem mácula.  
Doze luas voltaste. Tua primogênita – diz-se –  
Não te reconheceu. Trazias grandes barbas e pequenas águas-marinhas.  
Não eram, meu pai. A mim me deste  
Águas-marinhas grandes, povoadas de estrelas, ouriços  
E guaiaumus gigantes. A mim me deste águas-marinhas  
Onde cada concha carregava uma pérola. As águas-marinhas que me deste  
Foram meu primeiro leito nupcial.

\*\*\*

Eras, meu pai morto  
Um grande Clodoaldo  
Capaz de sonhar  
Melhor e mais alto  
Precursor do binômio  
Que reverteria  
Ao nome original  
Semente do sêmen  
Revolucionário  
Gentil-homem insigne  
Poeta e funcionário  
Sempre preterido  
Nunca titular  
Neto de Alexandre  
Filho de Maria  
Cônjuge de Lydia  
Pai da Poesia.

\*\*\*

Diante de ti homem não sou, não quero ser. És pai do menino que eu fui.  
Entre minha barba viva e a tua morta, todavia crescendo  
Há um toque irrealizado. No entanto, meu pai  
Quantas vezes ao ver-te dormir na cadeira de balanço de muitas salas  
De muitas casas de muitas ruas  
Não te beijei em meu pensamento! Já então teu sono  
Prenunciava o morto que és, e minha angústia  
Buscava ressuscitar-te. Ressuscitavas. Teu olhar  
Vinha de longe, das cavernas imensas do teu amor, aflito  
Como a querer defender. Vias-me e sossegavas.  
Pouco nos dizíamos: "Como vai?". Como vais, meu pobre pai  
No teu túmulo? Dormes, ou te deixas

A contemplar acima – eu bem me lembro! – perdido  
Na decifração de como ser?  
Ah, dor! Como quisera  
Ser de novo criança em teus braços e ficar admirando tuas mãos!  
Como quisera escutar-te de novo cantar criando em mim  
A atonia do passado! Quantas baladas, meu pai  
E que lindas! Quem te ensinou as doces cantigas  
Com que embalavas meu dormir? Voga sempre o leve batel  
A resvalar macio pelas correntezas do rio da paixão?  
Prosseguem as donzelas em êxtase na noite à espera da barquinha  
Que busca o seu adeus? E continua a rosa a dizer à brisa  
Que já não mais precisa os beijos seus?  
Calaste-te, meu pai. No teu ergástulo  
A voz não é – a voz com que me apresentavas aos teus amigos:  
"Esse é meu filho FULANO DE TAL". E na maneira  
De dizê-lo – o vôo, o beijo, a bênção, a barba  
Dura rocejando a pele, ai!

\*\*\*

Tua morte, como todas, foi simples.  
É coisa simples a morte. Dói, depois sossega. Quando sossegou –  
Lembro-me que a manhã raiava em minha casa – já te havia eu  
Recuperado totalmente: tal como te encontras agora, vestido de mim.  
Não és, como não serás nunca para mim  
Um cadáver sob um lençol.  
És para mim aquele de quem muitos diziam: "É um poeta..."  
Poeta foste, e és, meu pai. A mim me deste  
O primeiro verso à namorada. Furtei-o  
De entre teus papéis: quem sabe onde andarás... Fui também  
Verso teu: lembro ainda hoje o soneto que escreveste celebrando-me  
No ventre materno. E depois, muitas vezes  
Vi-te na rua, sem que me notasses, transeunte  
Com um ar sempre mais ansioso do que a vida. Levava-te a ambição  
De descobrir algo precioso que nos dar.  
Por tudo o que não nos deste  
Obrigado, meu pai.  
Não te direi adeus, de vez que acordaste em mim  
Com uma exatidão nunca sonhada. Em mim geraste  
O Tempo: aí tens meu filho, e a certeza  
De que, ainda obscura, a minha morte dá-lhe vida  
Em prosseguimento à tua; aí tens meu filho  
E a certeza de que lutarei por ele. Quando o viste a última vez  
Era um menininho de três anos. Hoje cresceu  
Em membros, palavras e dentes. Diz de ti, bilíngüe:  
"Vovô was always teasing me..."  
É meu filho, teu neto. Deste-lhe, em tua digna humildade  
Um caminho: o meu caminho. Marcha ela na vanguarda do futuro  
Para um mundo em paz: o teu mundo – o único em que soubeste viver;  
aquele que, entre lágrimas, cantos e martírios, realizaste à tua volta.

## Desert Hot Springs

Na piscina pública de Desert Hot Springs  
O homem, meu heróico semelhante  
Arrasta pelo ladrilho deformidades insolúveis.  
Nesta, como em outras lutas  
Sua grandeza reveste-se de uma humilde paciência  
E a dor física esconde sua ridícula pantomima  
Sob a aparência de unhas feitas, lábios pintados e outros artifícios de vaidade.

Macróbios espetaculares  
Espapaçam ao sol as juntas espinhosas como cactos  
Enquanto adolescências deletérias passeiam nas águas balsâmicas  
Seus corpos, ah, seus corpos incapazes de nunca amar.  
As cálidas águas minerais  
Com que o deserto impôs às Câmaras de Comércio  
Sua dura beleza outramente inabitável  
Acariciam aleivosamente seios deflatados  
Pernas esquálidas, gótico americano  
De onde protuberam dolorosas cariátides patológicas.  
Às bordas da piscina  
A velhice engruvinhada morcega em posições fetais  
Enquanto a infância incendida atira-se contra o azul  
Estilhaçando gotas luminosas e libertando rictos  
De faces mumificadas em sofrimentos e lembranças.  
A Paralisia Infantil, a quem foi poupada um rosto talvez belo  
Inveja, de seu líquido nicho, a Asma tensa e esquelética  
Mas que conseguiu despertar o interesse do Reumatismo Deformante.  
Deitado num banco de pedra, a cabeça no colo de sua mãe, o olhar  
(infinitamente ausente  
Um blue boy extingue em longas espirais invisíveis  
A cera triste de sua matéria inacabada – a culpa hereditária  
Transformou a moça numa boneca sem cabimento.  
O banhista, atlético e saudável  
Recolhe periodicamente nos braços os despojos daquelas vidas  
Coloca-os em suas cadeiras de rodas, devolve-os a guardiães expectantes.  
E lá se vão eles a enfrentar o que resta de mais um dia  
E dos abismos de memória, sentados contra o deserto  
O grande deserto nu e só, coberto de calcificações anômalas  
E arbustos ensimesmados; o grande deserto antigo e áspero  
Testemunha das origens; o grande deserto em luta permanente contra a morte  
Habitado por plantas e bichos que ninguém sabe como vivem  
Varado por ventos que vêm ninguém sabe donde.

## **Notas**

### *Desert Hot Springs*

*Desert Hot Springs é uma das três principais cidades do Coachella Valley, na Califórnia. As outras são Palm Desert e Palm Springs. Nas primeiras décadas do século XX, ficaram consagradas como verdadeiros "oásis" – sol, palmeiras, diversão, dinheiro, sexo –, distantes do conservadorismo norte-americano.*

## **Retrato, à sua maneira**

*(João Cabral de Melo Neto)*

Magro entre pedras  
Calcárias possível  
Pergaminho para  
A anotação gráfica

O grafito Grave  
Nariz poema o  
Fêmur fraterno  
Radiografável a

Olho nu Árido  
Como o deserto  
E além Tu  
Irmão totem aedo

Exato e provável  
No friso do tempo  
Adiante Ave  
Camarada diamante!

## **Não comerei da alface a verde pétala**

Não comerei da alface a verde pétala  
Nem da cenoura as hóstias desbotadas  
Deixarei as pastagens às manadas  
E a quem mais aprouver fazer dieta.

Cajus hei de chupar, mangas-espadas  
Talvez pouco elegantes para um poeta  
Mas pêras e maçãs, deixo-as ao esteta  
Que acredita no cromo das saladas.

Não nasci ruminante como os bois  
Nem como os coelhos, roedor; nasci  
Omnívoro; dêem-me feijão com arroz

E um bife, e um queijo forte, e parati  
E eu morrerei, feliz, do coração  
De ter vivido sem comer em vão.

*Los Angeles, 1947*

## **O ônibus Greyhound atravessa o Novo México**

Terra seca árvore seca  
E a bomba de gasolina  
Casa seca paiol seco  
E a bomba de gasolina  
Serpente seca na estrada  
E a bomba de gasolina  
Pássaro seco no fio  
(E a bomba de gasolina)  
Do telégrafo: s. o. s.  
E a bomba de gasolina  
A pele seca o olhar seco  
(E a bomba de gasolina)  
Do índio que não esquece  
E a bomba de gasolina  
E a bomba de gasolina  
E a bomba de gasolina  
E a bomba de gasolina...



# Nossa Senhora de Paris

## Receita de mulher

As muito feias que me perdoem  
Mas beleza é fundamental. É preciso  
Que haja qualquer coisa de flor em tudo isso  
Qualquer coisa de dança, qualquer coisa de haute couture  
Em tudo isso (ou então  
Que a mulher se socialize elegantemente em azul, como na República Popular  
Chinesa).  
Não há meio-termo possível. É preciso  
Que tudo isso seja belo. É preciso que súbito  
Tenha-se a impressão de ver uma garça apenas pousada e que um rosto  
Adquira de vez em quando essa cor só encontrável no terceiro minuto da  
(aurora.  
É preciso que tudo isso seja sem ser, mas que se reflita e desabroche  
No olhar dos homens. É preciso, é absolutamente preciso  
Que seja tudo belo e inesperado. É preciso que umas pálpebras cerradas  
Lembrem um verso de Éluard e que se acaricie nuns braços  
Alguma coisa além da carne: que se os toque  
Como o âmbar de uma tarde. Ah, deixai-me dizer-vos  
Que é preciso que a mulher que ali está como a corola ante o pássaro  
Seja bela ou tenha pelo menos um rosto que lembre um templo e  
Seja leve como um resto de nuvem: mas que seja uma nuvem  
Com olhos e nádegas. Nádegas é importantíssimo. Olhos, então  
Nem se fala, que olhem com certa maldade inocente. Uma boca  
Fresca (nunca úmida!) é também de extrema pertinência.  
É preciso que as extremidades sejam magras; que uns ossos  
Despontem, sobretudo a rótula no cruzar as pernas, e as pontas pélvicas  
No enlaçar de uma cintura semovente.  
Gravíssimo é porém o problema das saboneteiras: uma mulher sem  
(saboneteiras  
É como um rio sem pontes. Indispensável

Que haja uma hipótese de barriguinta, e em seguida  
 A mulher se alteia em cálice, e que seus seios  
 Sejam uma expressão greco-romana, mais que gótica ou barroca  
 E possam iluminar o escuro com uma capacidade mínima de cinco velas.  
 Sobremodo pertinaz é estarem a caveira e a coluna vertebral  
 Levemente à mostra; e que exista um grande latifúndio dorsal!  
 Os membros que terminem como hastes, mas bem haja um certo volume de  
 (coxas  
 E que elas sejam lisas, lisas como a pétala e cobertas de suavíssima penugem  
 No entanto sensível à carícia em sentido contrário.  
 É aconselhável na axila uma doce relva com aroma próprio  
 Apenas sensível (um mínimo de produtos farmacêuticos!)  
 Preferíveis sem dúvida os pescoços longos  
 De forma que a cabeça dê por vezes a impressão  
 De nada ter a ver com o corpo, e a mulher não lembre  
 Flores sem mistério. Pés e mãos devem conter elementos góticos  
 Discretos. A pele deve ser fresca nas mãos, nos braços, no dorso e na face  
 Mas que as concavidades e reentrâncias tenham uma temperatura nunca  
 (inferior  
 A 37° centígrados, podendo eventualmente provocar queimaduras  
 Do primeiro grau. Os olhos, que sejam de preferência grandes  
 E de rotação pelo menos tão lenta quanto a da terra; e  
 Que se coloquem sempre para lá de um invisível muro de paixão  
 Que é preciso ultrapassar. Que a mulher seja em princípio alta  
 Ou, caso baixa, que tenha a atitude mental dos altos píncaros.  
 Ah, que a mulher dê sempre a impressão de que se se fechar os olhos  
 Ao abri-los ela não mais estará presente  
 Com seu sorriso e suas tramas. Que ela surja, não venha; parta, não vá  
 E que possua uma certa capacidade de emudecer subitamente e nos fazer  
 (beber  
 O fel da dúvida. Oh, sobretudo  
 Que ela não perca nunca, não importa em que mundo  
 Não importa em que circunstâncias, a sua infinita volubilidade  
 De pássaro; e que acariciada no fundo de si mesma  
 Transforme-se em fera sem perder sua graça de ave; e que exale sempre  
 O impossível perfume; e destile sempre  
 O embriagante mel; e cante sempre o inaudível canto  
 Da sua combustão; e não deixe de ser nunca a eterna dançarina  
 Do efêmero; e em sua incalculável imperfeição  
 Constitua a coisa mais bela e mais perfeita de toda a criação inumerável.

## Balada negra

Éramos meu pai e eu  
E um negro, negro cavalo  
Ele montado na sela,  
Eu na garupa enganchado.  
Quando? eu nem sabia ler  
Por quê? saber não me foi dado  
Só sei que era o alto da serra  
Nas cercanias de Barra.  
Ao negro corpo paterno  
Eu vinha muito abraçado  
Enquanto o cavalo lerdo  
Negramente caminhava.  
Meus olhos escancarados  
De medo e negra friagem  
Eram buracos na treva  
Totalmente impenetrável.  
Às vezes sem dizer nada  
O grupo eqüestre estacava  
E havia um negro silêncio  
Seguido de outros mais vastos.  
O animal apavorado  
Fremia as ancas molhadas  
Do negro orvalho pendente  
De negras, negras ramadas.  
Eu ausente de mim mesmo  
Pelo negrume em que estava  
Recitava padre-nossos  
Exorcizando os fantasmas.  
As mãos da brisa silvestre  
Vinhão de luto enluvadas  
Acarinhar-me os cabelos  
Que se me punham eriçados.  
As estrelas nessa noite  
Dormiam num negro claustro  
E a lua morta jazia  
Envolta em negra mortalha.  
Os pássaros da desgraça  
Negros no escuro piavam  
E a floresta crepitava  
De um negror irremediável.  
As vozes que me falavam  
Eram vozes sepulcrais  
E o corpo a que eu me abraçava  
Era o de um morto a cavalo.  
O cavalo era um fantasma

Condenado a caminhar  
No negro bojo da noite  
Sem destino e a nunca mais.  
Era eu o negro infante  
Condenado ao eterno báratro  
Para expiar por todo o sempre  
Os meus pecados da carne.  
Uma coorte de padres  
Para a treva me apontava  
Murmurando vade-retros  
Soletrando breviários.  
Ah, que pavor negregado  
Ah, que angústia desvairada  
Naquele túnel sem termo  
Cavalgando sem cavalo!

Foi quando meu pai me disse:  
– Vem nascendo a madrugada...  
E eu embora não a visse  
Pressenti-a nas palavras  
De meu pai ressuscitado  
Pela luz da realidade.

E assim foi. Logo na mata  
O seu rosa imponderável  
Aos poucos se insinuava  
Revelando coisas mágicas.  
A sombra se desfazendo  
Em entretons de cinza e opala  
Abria um claro na treva  
Para o mundo vegetal.  
O cavalo pôs-se esperto  
Como um cavalo de fato  
Trotando de rédea curta  
Pela úmida picada.  
Ah, que doçura dolente  
Naquela aurora raiada  
Meu pai montando na frente  
Eu na garupa enganchado!  
Apertei-o fortemente  
Cheio de amor e cansaço  
Enquanto o bosque se abria  
Sobre o luminoso vale...  
E assim fui-me ao sono, certo  
De que meu pai estava perto  
E a manhã se anunciava.  
Hoje que conheço a aurora  
E sei onde caminhar  
Hoje sem medo da treva  
Sem medo de não me achar

Hoje que morto meu pai  
Não tenho em quem me apoiar  
Ah, quantas vezes com ele  
Vou ao túmulo deitar  
E ficamos cara a cara  
Na mais doce intimidade  
Certos que a morte não leva:  
Certos de que toda treva  
Tem a sua madrugada.

## **Balada das duas mocinhas de Botafogo**

Eram duas menininhas  
Filhas de boa família:  
Uma chamada Marina  
A outra chamada Marília.  
Os dezoito da primeira  
Eram brejeiros e finos  
Os vinte da irmã cabiam  
Numa mulher pequenina.  
Sem terem nada de feias  
Não chegavam a ser bonitas  
Mas eram meninas-moças  
De pele fresca e macia.  
O nome ilustre que tinham  
De um pai desaparecido  
Nelas deixara a evidência  
De tempos mais bem vividos.  
A mãe pertencia à classe  
Das largadas de marido  
Seus oito lustros de vida  
Davam a impressão de mais cinco.  
Sofria muito de asma  
E da desgraça das filhas  
Que, posto boas meninas  
Eram tão desprotegidas  
E por total abandono  
Davam mais do que galinhas.

Casa de porta e janela  
Era a sua moradia  
E dentro da casa aquela  
Mãe pobre e melancolia.  
Quando à noite as menininhas  
Se aprontavam pra sair  
A loba materna uivava  
Suas torpes profecias.  
De fato deve ser triste  
Ter duas filhas assim  
Que nada tendo a ofertar  
Em troca de uma saída  
Dão tudo o que têm aos homens:  
A mão, o sexo, o ouvido  
E até mesmo, quando instadas  
Outras flores do organismo.

Foi assim que se espalhou  
A fama das menininhas  
Através do que esse disse  
E do que aquele diria.  
Quando a um grupo de rapazes  
A noite não era madrinha  
E a caça de mulher grátis  
Resultava-lhes maninha  
Um deles qualquer lembrava  
De Marília e de Marina  
E um telefone soava  
De um constante toque cínico  
No útero de uma mãe  
E suas duas filhinhas.  
Oh, vida torva e mesquinha  
A de Marília e Marina  
Vida de porta e janela  
Sem amor e sem comida  
Vida de arroz requentado  
E média com pão dormido  
Vida de sola furada  
E cotovelo puído  
Com seios moços no corpo  
E na mente sonhos idos!

Marília perdera o seu  
Nos dedos de um caixeirinho  
Que o que dava em coca-cola  
Cobrava em rude carinho.  
Com quatorze apenas feitos  
Marina não era mais virgem  
Abrira os prados do ventre  
A um treinador pervertido.  
Embora as lutas do sexo  
Não deixem marcas visíveis  
Tirante as flores lilases  
Do sadismo e da sevícia  
Às vezes deixam no amplexo  
Uma grande náusea íntima  
E transformam o que é de gosto  
Num desgosto incoercível.

E era esse bem o caso  
De Marina e de Marília  
Quando sozinhas em casa  
Não tinham com quem sair.  
Ficavam olhando paradas  
As paredes carcomidas  
Mascando bolas de chicles  
Bebendo água de moringa.

Que abismos de desconsolo  
Ante seus olhos se abriam  
Ao ouvirem a asma materna  
Silvar no quarto vizinho!  
Os monstros da solidão  
Uivavam no seu vazio  
E elas então se abraçavam  
Se beijavam e se mordiam  
Imitando coisas vistas  
Coisas vistas e vividas  
Enchendo as frondes da noite  
De pipilares tardios.  
Ah, se o sêmem de um minuto  
Fecundasse as menininhas  
E nelas crescessem ventres  
Mais do que a tristeza íntima!  
Talvez de novo o mistério  
Morasse em seus olhos findos  
E nos seus lábios inconhos  
Enflorescessem sorrisos.  
Talvez a face dos homens  
Se fizesse, de maligna  
Na doce máscara pensa  
Do seu sonho de meninas!

Mas tal não fosse o destino  
De Marília e de Marina.  
Um dia, que a noite trouxe  
Coberto de cinzas frias  
Como sempre acontecia  
Quando achavam-se sozinhas  
No velho sofá da sala  
Brincaram-se as menininhas.  
Depois se olharam nos olhos  
Nos seus pobres olhos findos  
Marina apagou a luz  
Deram-se as mãos, foram indo  
Pela rua transversal  
Cheia de negros baldios.  
Às vezes pela calçada  
Brincavam de amarelinha  
Como faziam no tempo  
Da casa dos tempos idos.  
Diante do cemitério  
Já nada mais se diziam.  
Vinha um bonde a nove-pontos...  
Marina puxou Marília  
E diante do semovente  
Crescendo em luzes aflitas  
Num desesperado abraço



Postaram-se as menininhas.

Foi só um grito e o ruído  
Da freada sobre os trilhos  
E por toda parte o sangue  
De Marília e de Marina.

## Poema de Auteil

A coisa não é bem essa.  
Não há nenhuma razão no mundo (ou talvez só tu, Tristeza!)  
Para eu estar andando nesse meio-dia por essa rua estrangeira com o nome  
(de um pintor estrangeiro.  
Eu devia estar andando numa rua chamada Travessa Di Cavalcanti  
No Alto da Tijuca, ou melhor na Gávea, ou melhor ainda, no lado de dentro  
(de Ipanema:  
E não vai nisso nenhum verde-amarelismo. De verde queria apenas um colo  
de morro e de amarelo um pé de acácias repontando de um quintal entre  
(telhados.  
Deveria vir de algum lugar  
Um dedilhar de menina estudando piano ou o assovio de um ciclista  
Trauteando um samba de Antônio Maria. Deveria haver  
Um silêncio pungente cortado apenas  
Por um canto de cigarra, bruscamente interrompido  
E o ruído de um ônibus varando como um desvairado uma preferencial  
(vizinha.  
Deveria súbito  
Fazer-se ouvir num apartamento térreo próximo  
Uma fresca descarga de latrina abrindo um frio vórtice na espessura  
(irremediável do mormaço  
Enquanto ao longe  
O vulto de uma banhista (que tristeza sem fim voltar da praia!)  
Atravessaria lentamente a rua arrastando um guarda-sol vermelho.  
Ah, que vontade de chorar me subiria!  
Que vontade de morrer, de me diluir em lágrimas  
Entre uns seios suados de mulher! Que vontade  
De ser menino, em vão, me subiria  
Numa praia luminosa e sem fim, a buscar o não-sei-quê  
Da infância, que faz correr correr correr...  
Deveria haver também um rato morto na sarjeta, um odor de bogaris  
E um cheiro de peixe fritando. Deveria  
Haver muito calor, que uma sub-reptícia  
Brisa viria suavizar fazendo festa na axila.  
Deveria haver em mim um vago desejo de mulher e ao mesmo tempo  
De espaciar-me. Relógios deveriam bater  
Alternadamente como bons relógios nunca certos.  
Eu poderia estar voltando de, ou indo para: não teria a menor importância.  
O importante seria saber que eu estava presente  
A um momento sem história, defendido embora  
Por muros, casas e ruas (e sons, especialmente  
Esses que fizeram dizer a um locutor novato, numa homenagem póstuma:  
"Acabaram de ouvir um minuto de silêncio...")  
Capazes de testemunhar por mim em minha imensa  
E inútil poesia.

Eu deveria estar sem saber bem para onde ir: se para a casa materna  
E seus encantados recantos, ou se para o apartamento do meu velho Braga  
De onde me poria a telefonar, à Amiga e às amigas  
A convocá-las para virem beber conosco, virem todas  
Beber e conversar conosco e passear diante de nossos olhos gratos  
A graça e nostalgia com que povoam a nossa infinita solidão.

## O operário em construção

*E o Diabo, levando-o a um alto monte, mostrou-lhe num momento de tempo todos os reinos do mundo. E disse-lhe o Diabo:*

*– Dar-te-ei todo este poder e a sua glória, porque a mim me foi entregue e dou-o a quem quero; portanto, se tu me adorares, tudo será teu.*

*E Jesus, respondendo, disse-lhe:*

*– Vai-te, Satanás; porque está escrito: adorarás o Senhor teu Deus e só a Ele servirás.*

Lucas, cap. V, vs. 5-8.

Era ele que erguia casas  
Onde antes só havia chão.  
Como um pássaro sem asas  
Ele subia com as casas  
Que lhe brotavam da mão.  
Mas tudo desconhecia  
De sua grande missão:  
Não sabia, por exemplo  
Que a casa de um homem é um templo  
Um templo sem religião  
Como tampouco sabia  
Que a casa que ele fazia  
Sendo a sua liberdade  
Era a sua escravidão.

De fato, como podia  
Um operário em construção  
Compreender por que um tijolo  
Valia mais do que um pão?  
Tijolos ele empilhava  
Com pá, cimento e esquadria  
Quanto ao pão, ele o comia...  
Mas fosse comer tijolo!  
E assim o operário ia  
Com suor e com cimento  
Erguendo uma casa aqui  
Adiante um apartamento  
Além uma igreja, à frente  
Um quartel e uma prisão:  
Prisão de que sofreria  
Não fosse, eventualmente  
Um operário em construção.

Mas ele desconhecia  
Esse fato extraordinário:

Que o operário faz a coisa  
E a coisa faz o operário.  
De forma que, certo dia  
À mesa, ao cortar o pão  
O operário foi tomado  
De uma súbita emoção  
Ao constatar assombrado  
Que tudo naquela mesa  
– Garrafa, prato, facão –  
Era ele quem os fazia  
Ele, um humilde operário,  
Um operário em construção.  
Olhou em torno: gamela  
Banco, enxerga, caldeirão  
Vidro, parede, janela  
Casa, cidade, nação!  
Tudo, tudo o que existia  
Era ele quem o fazia  
Ele, um humilde operário  
Um operário que sabia  
Exercer a profissão.

Ah, homens de pensamento  
Não sabereis nunca o quanto  
Aquele humilde operário  
Soube naquele momento!  
Naquela casa vazia  
Que ele mesmo levantara  
Um mundo novo nascia  
De que sequer suspeitava.  
O operário emocionado  
Olhou sua própria mão  
Sua rude mão de operário  
De operário em construção  
E olhando bem para ela  
Teve um segundo a impressão  
De que não havia no mundo  
Coisa que fosse mais bela.

Foi dentro da compreensão  
Desse instante solitário  
Que, tal sua construção  
Cresceu também o operário.  
Cresceu em alto e profundo  
Em largo e no coração  
E como tudo que cresce  
Ele não cresceu em vão  
Pois além do que sabia  
– Exercer a profissão –  
O operário adquiriu

Uma nova dimensão:  
A dimensão da poesia.

E um fato novo se viu  
Que a todos admirava:  
O que o operário dizia  
Outro operário escutava.

E foi assim que o operário  
Do edifício em construção  
Que sempre dizia sim  
Começou a dizer não.  
E aprendeu a notar coisas  
A que não dava atenção:

Notou que sua marmita  
Era o prato do patrão  
Que sua cerveja preta  
Era o uísque do patrão  
Que seu macacão de zuarte  
Era o terno do patrão  
Que o casebre onde morava  
Era a mansão do patrão  
Que seus dois pés andarilhos  
Eram as rodas do patrão  
Que a dureza do seu dia  
Era a noite do patrão  
Que sua imensa fadiga  
Era amiga do patrão.

E o operário disse: Não!  
E o operário fez-se forte  
Na sua resolução.

Como era de se esperar  
As bocas da delação  
Começaram a dizer coisas  
Aos ouvidos do patrão.  
Mas o patrão não queria  
Nenhuma preocupação  
– "Convençam-no" do contrário –  
Disse ele sobre o operário  
E ao dizer isso sorria.

Dia seguinte, o operário  
Ao sair da construção  
Viu-se súbito cercado  
Dos homens da delação  
E sofreu, por destinado  
Sua primeira agressão.

Teve seu rosto cuspido  
Teve seu braço quebrado  
Mas quando foi perguntado  
O operário disse: Não!

Em vão sofrera o operário  
Sua primeira agressão  
Muitas outras se seguiram  
Muitas outras seguirão.  
Porém, por imprescindível  
Ao edifício em construção  
Seu trabalho prosseguia  
E todo o seu sofrimento  
Misturava-se ao cimento  
Da construção que crescia.

Sentindo que a violência  
Não dobraria o operário  
Um dia tentou o patrão  
Dobrá-lo de modo vário.  
De sorte que o foi levando  
Ao alto da construção  
E num momento de tempo  
Mostrou-lhe toda a região  
E apontando-a ao operário  
Fez-lhe esta declaração:  
– Dar-te-ei todo esse poder  
E a sua satisfação  
Porque a mim me foi entregue  
E dou-o a quem bem quiser.  
Dou-te tempo de lazer  
Dou-te tempo de mulher.  
Portanto, tudo o que vês  
Será teu se me adorares  
E, ainda mais, se abandonares  
O que te faz dizer não.

Disse, e fitou o operário  
Que olhava e que refletia  
Mas o que via o operário  
O patrão nunca veria.  
O operário via as casas  
E dentro das estruturas  
Via coisas, objetos  
Produtos, manufaturas.  
Via tudo o que fazia  
O lucro do seu patrão  
E em cada coisa que via  
Misteriosamente havia  
A marca de sua mão.

E o operário disse: Não!

– Loucura! – gritou o patrão  
Não vês o que te dou eu?  
– Mentira! – disse o operário  
Não podes dar-me o que é meu.

E um grande silêncio fez-se  
Dentro do seu coração  
Um silêncio de martírios  
Um silêncio de prisão.  
Um silêncio povoado  
De pedidos de perdão  
Um silêncio apavorado  
Com o medo em solidão.

Um silêncio de torturas  
E gritos de maldição  
Um silêncio de fraturas  
A se arrastarem no chão.  
E o operário ouviu a voz  
De todos os seus irmãos  
Os seus irmãos que morreram  
Por outros que viverão.  
Uma esperança sincera  
Cresceu no seu coração  
E dentro da tarde mansa  
Agigantou-se a razão  
De um homem pobre e esquecido  
Razão porém que fizera  
Em operário construído  
O operário em construção.



# A lua de Montevideu

## O amor dos homens

Na árvore em frente  
Eu terei mandado instalar um alto-falante com que os passarinhos  
Amplifiquem seus alegres cantos para o teu lânguido despertar.  
Acordarás feliz sob o lençol de linho antigo  
Com um raio de sol a brincar no talvegue de teus seios  
E me darás a boca em flor; minhas mãos amantes  
Te buscarão longamente e tu virás de longe, amiga  
Do fundo do teu ser de sono e plumas  
Para me receber; nossa fruição  
Será serena e tarda, repousarei em ti  
Como o homem sobre o seu túmulo, pois nada  
Haverá fora de nós. Nosso amor será simples e sem tempo.  
Depois saudaremos a claridade. Tu dirás  
Bom dia ao teto que nos abriga  
E ao espelho que recolhe a tua rápida nudez.  
Em seguida teremos fome: haverá chá-da-índia  
Para matar a nossa sede e mel  
Para adoçar o nosso pão. Satisfeitos, ficaremos  
Como dois irmãos que se amam além do sangue  
E fumaremos juntos o nosso primeiro cigarro matutino.  
Só então nos separaremos. Tu me perguntarás  
E eu te responderei, a olhar com ternura as minhas pernas  
Que o amor pacificou, lembrando-me que elas andaram muitas léguas de  
(mulher  
Até te descobrir. Pensarei que tu és a flor extrema  
Dessa desesperada minha busca; que em ti  
Fez-se a unidade. De repente, ficarei triste  
E solitário como um homem, vagamente atento  
Aos ruídos longínquos da cidade, enquanto te atarefas absurda  
No teu cotidiano, perdida, ah tão perdida  
De mim. Sentirei alguma coisa que se fecha no meu peito  
Como pesada porta. Terei ciúme

Da luz que te configura e de ti mesma  
Que te deixas viver, quando deveras  
Seguir comigo como a jovem árvore na corrente de um rio  
Em demanda do abismo. Vem-me a angústia  
Do limite que nos antagoniza. Vejo a redoma de ar  
Que te circunda – o espaço  
Que separa os nossos tempos. Tua forma  
É outra: bela demais, talvez, para poder  
Ser totalmente minha. Tua respiração  
Obedece a um ritmo diverso. Tu és mulher.  
Tu tens seios, lágrimas e pétalas. À tua volta  
O ar se faz aroma. Fora de mim  
És pura imagem; em mim  
És como um pássaro que eu subjugo, como um pão  
Que eu mastigo, como uma secreta fonte entreaberta  
Em que bebo, como um resto de nuvem  
Sobre que me repouso. Mas nada  
Consegue arrancar-te à tua obstinação  
Em ser, fora de mim – e eu sofro, amada  
De não me seres mais. Mas tudo é nada.  
Olho de súbito tua face, onde há gravada  
Toda a história da vida, teu corpo  
Rompendo em flores, teu ventre  
Fértil. Move-te  
Uma infinita paciência. Na concha do teu sexo  
Estou eu, meus poemas, minhas dores  
Minhas ressurreições. Teus seios  
São cântaros de leite com que matas  
A fome universal. És mulher  
Como folha, como flor e como fruto  
E eu sou apenas só. Escravizado em ti  
Despeço-me de mim, sigo caminhando à tua grande  
Pequenina sombra. Vou ver-te tomar banho  
Lavar de ti o que restou do nosso amor  
Enquanto busco em minha mente algo que te dizer  
De estupefaciente. Mas tudo é nada.  
São teus gestos que falam, a contração  
Dos lábios de maneira a esticar melhor a pele  
Para passar o creme, a boca  
Levemente entreaberta com que mistificar melhor a eterna imagem  
No eterno espelho. E então, desesperado  
Parto de ti, sou caçador de tigres em Bengala  
Alpinista no Tibet, monje em Cintra, espeleólogo  
Na Patagônia. Passo três meses  
Numa jangada em pleno oceano para  
Provar a origem polinésica dos maias. Alimento-me  
De plancto, converso com as gaivotas, deito ao mar poesia engarrafada, acabo  
Naufragando nas costas de Antofagasta. Time, Life e Paris-Match  
Dedicam-me enormes reportagens. Fazem-me  
O "Homem do Ano" e candidato certo ao Prêmio Nobel.

Mas eis comes um pêssego. Teu lábio  
Inferior dobra-se sob a polpa, o suco  
Escorre pelo teu queixo, cai uma gota no teu seio  
E tu te ris. Teu riso  
Desagrega os átomos. O espelho pulveriza-se, funde-se o cano de descarga  
Quantidades insuspeitadas de estrôncio-90  
Acumulam-se nas camadas superiores do banheiro  
Só os genes de meus tataranetos poderão dar prova cabal de tua imensa  
Radioatividade. Tu te ris, amiga  
E me beijas sabendo a pêssego. E eu te amo  
De morrer. Interiormente  
Procuro afastar meus receios: "Não, ela me ama..."  
Digo-me, para me convencer, enquanto sinto  
Teus seios despontarem em minhas rnas  
E se crisparem tuas nádegas. Queres ficar grávida  
Imediatamente. Há em ti um desejo súbito de alcachofras. Desejarias  
Fazer o parto-sem-dor à luz da teoria dos reflexos condicionados  
De Pavlov. Depois, sorrindo  
Silencias. Odeio o teu silêncio  
Que não me pertence, que não é  
De ninguém: teu silêncio  
Povoado de memórias. Esbofeteio-te  
E vou correndo cortar o pulso com gilete-azul; meu sangue  
Flui como um pedido de perdão. Abres tua caixa de costura  
E coses com linha amarela o meu pulso abandonado, que é para  
Combinar bem as cores; em seguida  
Fazes-me sugar tua carótida, numa longa, lenta  
Transfusão. Eu convalescente  
Começas a sair: foste ao cabeleireiro. Perscruto em tua face. Sinto-me  
Traído, delinqüescente, em ponto de lágrimas. Mas te aproximas  
Só com o casaco do pijama e pousas  
Minha mão na tua perna. E então eu canto:  
Tu és a mulher amada: destrói-me! Tua beleza  
Corrói minha carne como um ácido! Teu signo  
É o da destruição! Nada resta  
Depois de ti senão ruínas! Tu és o sentimento  
De todo o meu inútil, a causa  
De minha intolerável permanência! Tu és  
Uma contrafação da aurora! Amor, amada  
Abençoada sejas: tu e a tua  
Impassibilidade. Abençoada sejas  
Tu que crias a vertigem na calma, a calma  
No seio da paixão. Bendita sejas  
Tu que deixas o homem nu diante de si mesmo, que arrasas  
Os alicerces do cotidiano. Mágica é tua face  
Dentro da grande treva da existência. Sim, mágica  
É a face da que não quer senão o abismo  
Do ser amado. Exista ela para desmentir  
A falsa mulher, a que se veste de inúteis panos  
E inúteis danos. Possa ela, cada dia

Renovar o tempo, transformar  
Uma hora num minuto. Seja ela  
A que nega toda a vaidade, a que constrói  
Todo o silêncio. Caminhe ela  
Lado a lado do homem em sua antiga, solitária marcha  
Para o desconhecido – esse eterno par  
Com que começa e finda o mundo – ela que agora  
Longe de mim, perto de mim, vivendo  
Da constante presença da minha saudade  
É mais do que nunca a minha amada: a minha amada e a minha amiga  
A que me cobre de óleos santos e é portadora dos meus cantos  
A minha amiga nunca superável  
A minha inseparável inimiga.

*Paris, 07.1957*

## **A anunciação**

Virgem! filha minha  
De onde vens assim  
Tão suja de terra  
Cheirando a jasmim  
A saia com mancha  
De flor carmesim  
E os brincos da orelha  
Fazendo tlintlin?  
Minha mãe querida  
Venho do jardim  
Onde a olhar o céu  
Fui, adormeci.  
Quando despertei  
Cheirava a jasmim  
Que um anjo esfolhava  
Por cima de mim...

*Montevideu, 01.11.1958*

## **A anunciação**

Virgem! filha minha  
De onde vens assim  
Tão suja de terra  
Cheirando a jasmim  
A saia com mancha  
De flor carmesim  
E os brincos da orelha  
Fazendo tlintlin?  
Minha mãe querida  
Venho do jardim  
Onde a olhar o céu  
Fui, adormeci.  
Quando despertei  
Cheirava a jasmim  
Que um anjo esfolhava  
Por cima de mim...

*Montevideu, 01.11.1958*

## **Canção para a amiga dormindo**

Dorme, amiga, dorme  
Teu sono de rosa  
Uma paz imensa  
Desceu nesta hora.  
Cerra bem as pétalas  
Do teu corpo imóvel  
E pede ao silêncio  
Que não vá embora.

Dorme, amiga, o sono  
Teu de menininha  
Minha vida é a tua  
Tua morte é a minha.  
Dorme e me procura  
Na ausente paisagem...  
Nela a minha imagem  
Restará mais pura.

Dorme, minha amada  
Teu sono de estrela  
Nossa morte, nada  
Poderá detê-la.

Mas dorme, que assim  
Dormirás um dia  
De um sono sem fim...  
Na minha poesia.

## **O infinito de Leopardi**

Sempre cara me foi esta colina  
Erma, e esta sebe, que de tanta parte  
Do último horizonte, o olhar exclui.  
Mas sentado a mirar, intermináveis  
Espaços além dela, e sobre-humanos  
Silêncios, e uma calma profundíssima  
Eu crio em pensamentos, onde por pouco  
Não treme o coração. E como o vento  
Ouço fremir entre essas folhas, eu  
O infinito silêncio àquela voz  
Vou comparando, e vêm-me a eternidade  
E as mortas estações, e esta, presente  
E viva, e o seu ruído. Em meio a essa  
Imensidão meu pensamento imerge  
E é doce o naufragar-me nesse mar.

## **Retrato de Maria Lúcia**

Tu vens de longe; a pedra  
Suavizou seu tempo  
Para entalhar-te o rosto  
Ensimesmado e lento

Teu rosto como um templo  
Voltado para o oriente  
Remoto como o nunca  
Eterno como o sempre

E que subitamente  
Se aclara e movimenta  
Como se a chuva e o vento

Cedessem seu momento  
À pura claridade  
Do sol do amor intenso!

*Montevideu, 1959*

## **Uma música que seja**

... como os mais belos harmônicos da natureza. Uma música que seja como o som do vento na cordoalha dos navios, aumentando gradativamente de tom até atingir aquele em que se cria uma reta ascendente para o infinito. Uma música que comece sem começo e termine sem fim. Uma música que seja como o som do vento numa enorme harpa plantada no deserto. Uma música que seja como a nota lancinante deixada no ar por um pássaro que morre. Uma música que seja como o som dos altos ramos das grandes árvores vergastadas pelos temporais. Uma música que seja como o ponto de reunião de muitas vozes em busca de uma harmonia nova. Uma música que seja como o voo de uma gaivota numa aurora de novos sons...

## O poeta aprendiz

Ele era um menino  
Valente e caprino  
Um pequeno infante  
Sadio e grimpante.  
Anos tinha dez  
E asinhas nos pés  
Com chumbo e bodoque  
Era plic e ploc.  
O olhar verde-gaio  
Parecia um raio  
Para tangerina  
Pião ou menina.  
Seu corpo moreno  
Vivia correndo  
Pulava no escuro  
Não importa que muro  
E caía exato  
Como cai um gato.  
No diabolô  
Que bom jogador  
Bilboquê então  
Era plim e plão.  
Saltava de anjo  
Melhor que marmanjo  
E dava o mergulho  
Sem fazer barulho.  
No fundo do mar  
Sabia encontrar  
Estrelas, ouriços  
E até deixa-dissos.  
Às vezes nadava  
Um mundo de água  
E não era menino  
Por nada mofino  
Sendo que uma vez  
Embolou com três.  
Sua coleção  
De achados do chão  
Abundava em conchas  
Botões, coisas tronchas  
Seixos, caramujos  
Marulhantes, cujos  
Colocava ao ouvido  
Com ar entendido  
Rolhas, espoletas



E malacachetas  
Cacos coloridos  
E bolas de vidro  
E dez pelo menos  
Camisas-de-vênus.  
Em gude de bilha  
Era maravilha  
E em bola de meia  
Jogando de meia –  
Direita ou de ponta  
Passava da conta  
De tanto driblar.  
Amava era amar.  
Amava sua ama  
Nos jogos de cama  
Amava as criadas  
Varrendo as escadas  
Amava as gurias  
Da rua, vadias  
Amava suas primas  
Levadas e opimas  
Amava suas tias  
De peles macias  
Amava as artistas  
Das cine-revistas  
Amava a mulher  
A mais não poder.  
Por isso fazia  
Seu grão de poesia  
E achava bonita  
A palavra escrita.  
Por isso sofria.  
Da melancolia  
De sonhar o poeta  
Que quem sabe um dia  
Poderia ser.

*Montevideu, 02.11.1958*

## **O mais-que-perfeito**

Ah, quem me dera ir-me  
Contigo agora  
Para um horizonte firme  
(Comum, embora...)  
Ah, quem me dera ir-me!

Ah, quem me dera amar-te  
Sem mais ciúmes  
De alguém em algum lugar  
Que não presumes...  
Ah, quem me dera amar-te!

Ah, quem me dera ver-te  
Sempre a meu lado  
Sem precisar dizer-te  
Jamais: cuidado...  
Ah, quem me dera ver-te!

Ah, quem me dera ter-te  
Como um lugar  
Plantado num chão verde  
Para eu morar-te  
Morar-te até morrer-te...

*Montevideu, 01.11.1958*

## **A medida do abismo**

Não é o grito  
A medida do abismo?  
Por isso eu grito  
Sempre que cismo  
Sobre tua vida  
Tão louca e errada...  
– Que grito inútil!  
– Que imenso nada!

## **Olhe aqui, Mr. Buster \***

*\* Este poema é dedicado a um americano simpático, extrovertido e podre de rico, em cuja casa estive poucos dias antes de minha volta ao Brasil, depois de cinco anos de Los Angeles, EUA. Mr. Buster não podia compreender como é que eu, tendo ainda o direito de permanecer mais um ano na Califórnia, preferia, com grande prejuízo financeiro, voltar para a "Latin America", como dizia ele. Eis aqui a explicação, que Mr. Buster certamente não receberá, a não ser que esteja morto e esse negócio de espiritismo funcione.*

Olhe aqui, Mr. Buster: está muito certo  
Que o Sr. tenha um apartamento em Park Avenue e uma casa em Beverly  
(Hills.  
Está muito certo que em seu apartamento de Park Avenue  
O Sr. tenha um caco de friso do Partenon, e no quintal de sua casa em  
(Hollywood  
Um poço de petróleo trabalhando de dia para lhe dar dinheiro e de noite  
(para lhe dar insônia  
Está muito certo que em ambas as residências  
O Sr. tenha geladeiras gigantescas capazes de conservar o seu preconceito  
(racial  
Por muitos anos a vir, e vacuum-cleaners com mais chupo  
Que um beijo de Marilyn Monroe, e máquinas de lavar  
Capazes de apagar a mancha de seu desgosto de ter posto tanto dinheiro em  
(vão na guerra da Coréia.  
Está certo que em sua mesa as torradas saltem nervosamente de torradeiras  
(automáticas  
E suas portas se abram com célula fotelétrica. Está muito certo  
Que o Sr. tenha cinema em casa para os meninos verem filmes de mocinho  
Isto sem falar nos quatro aparelhos de televisão e na fabulosa hi-fi  
Com alto-falantes espalhados por todos os andares, inclusive nos banheiros.  
Está muito certo que a Sra. Buster seja citada uma vez por mês por Elsa  
(Maxwell  
E tenha dois psiquiatras: um em Nova York, outro em Los Angeles, para as  
(duas "estações" do ano.  
Está tudo muito certo, Mr. Buster – o Sr. ainda acabará governador do seu  
(estado  
E sem dúvida presidente de muitas companhias de petróleo, aço e  
(consciências enlatadas.  
Mas me diga uma coisa, Mr. Buster  
Me diga sinceramente uma coisa, Mr. Buster:  
O Sr. sabe lá o que é um choro de Pixinguinha?  
O Sr. sabe lá o que é ter uma jabuticabeira no quintal?  
O Sr. sabe lá o que é torcer pelo Botafogo?

## **A última viagem de Jayme Ovalle**

Ovalle não queria a Morte  
Mas era dele tão querida  
Que o amor da Morte foi mais forte  
Que o amor do Ovalle à vida.

E foi assim que a Morte, um dia  
Levou-o em bela carruagem  
A viajar – ah, que alegria!  
Ovalle sempre adora viagem!

Foram por montes e por vales  
E tanto a Morte se aprazia  
Que fosse o mundo só de Ovalles  
E nunca mais ninguém morria.

A cada vez que a Morte, a sério  
Com cicerônica prestante  
Mostrava a Ovalle um cemitério  
Ele apontava uma criança.

A Morte, em Londres e Paris  
Levou-o à forca e à guilhotina  
Porém em Roma, Ovalle quis  
Tomar a sua canjebrina.

Mostrou-lhe a Morte as catacumbas  
E suas ósseas prateleiras  
Mas riu-se muito, tais zabumbas  
Fazia Ovalle nas caveiras.

Mais tarde, Ovalle satisfeito  
Declara à Morte, ambos de porre:  
– Quero enterrar-me, que é um direito  
Inalienável de quem morre!

Custou-lhe esforço sobre-humano  
Chegar à última morada  
De vez que a Morte, a todo pano  
Queria dar uma esticada.

Diz o guardião do campo-santo  
Que, noite alta, ainda se ouvia  
À voz da Morte, um tanto ou quanto  
Que ria, ria, ria, ria...

**Nota***A última viagem de Jayme Ovalle*

Jayme Ovalle (Belém, PA, 1894 – Rio de Janeiro, RJ, 1955) foi músico e compositor. Em 1914, fixou residência no Rio de Janeiro e passou a frequentar a noite boêmia, tornando-se companheiro de bambas como Sinhô e Pixinguinha. Adiante, aproximou-se da música erudita, porém, como Villa-Lobos, seu amigo, utilizou temas religiosos e folclóricos em suas mais famosas composições: Berimbau, Três pontos de Santo, Chariô, Aruanda e Estrela do Mar. A notoriedade veio com Azulão, melodia a qual Manuel Bandeira juntou seus versos. Era querido por escritores, pintores e músicos.

Assim Vinícius de Moraes definiu o amigo Ovalle: "é o poeta em estado virgem. A mais bela crisálida de poesia que jamais existiu desde William Blake. É o mistério poético em toda a sua inocência, em toda a sua beleza natural. É vôo, é transcendência absoluta. É amor em estado de graça." (apud SABINO, Fernando, "Fragmentos de uma suíte ovaliana". *Jornal do Brasil*, 15.07.1974.)

## **Carta aos puros**

Ó vós, homens sem sol, que vos dizeis os Puros  
E em cujos olhos queima um lento fogo frio  
Vós de nervos de nylon e de músculos duros  
Capazes de não rir durante anos a fio.

Ó vós, homens sem sal, em cujos corpos tensos  
Corre um sangue incolor, da cor alva dos lírios  
Vós que almejais na carne o estigma dos martírios  
E desejais ser fuzilados sem o lenço.

Ó vós, homens iluminados a néon  
Seres extraordinariamente rarefeitos  
Vós que vos bem-amais e vos julgais perfeitos  
E vos ciliciais à idéia do que é bom.

Ó vós, a quem os bons amam chamar de os Puros  
E vos julgais os portadores da verdade  
Quando nada mais sois, à luz da realidade,  
Que os súcubos dos sentimentos mais escuros.

Ó vós que só viveis nos vórtices da morte  
E vos enclausurais no instinto que vos ceva  
Vós que vedes na luz o antônimo da treva  
E acreditais que o amor é o tûmulo do forte.

Ó vós que pedis pouco à vida que dá muito  
E erigis a esperança em bandeira aguerrida  
Sem saber que a esperança é um simples dom da vida  
E tanto mais porque é um dom público e gratuito.

Ó vós que vos negais à escuridão dos bares  
Onde o homem que ama oculta o seu segredo  
Vós que viveis a mastigar os maxilares  
E temeis a mulher e a noite, e dormis cedo.

Ó vós, os curiais; ó vós, os ressentidos  
Que tudo equacionais em termos de conflito  
E não sabeis pedir sem ter recurso ao grito  
E não sabeis vencer se não houver vencidos.

Ó vós que vos comprais com a esmola feita aos pobres  
Que vos dão Deus de graça em troca de alguns restos  
E maiusculizais os sentimentos nobres  
E gostais de dizer que sois homens honestos.

Ó vós, falsos Catões, chichisbéus de mulheres  
Que só articulaís para emitir conceitos  
E pensais que o credor tem todos os direitos  
E o pobre devedor tem todos os deveres.

Ó vós que desprezais a mulher e o poeta  
Em nome de vossa vã sabedoria  
Vós que tudo comeis mas viveis de dieta  
E achais que o bem do alheio é a melhor iguaria.

Ó vós, homens da sigla; ó vós, homens da cifra  
Falsos chimangos, calabares, sinecuros  
Tende cuidado porque a Esfinge vos decifra...  
E eis que é chegada a vez dos verdadeiros puros.

## **O poeta**

Olhos que recolhem  
Só tristeza e adeus  
Para que outros olhem  
Com amor os seus.

Mãos que só despejam  
Silêncios e dúvidas  
Para que outras sejam  
Das suas, viúvas.

Lábios que desdenham  
Coisas imortais  
Para que outros tenham  
Seu beijo demais.

Palavras que dizem  
Sempre um juramento  
Para que precisem  
Dele, eternamente.

## **Teu nome**

Teu nome, Maria Lúcia  
Tem qualquer coisa que afaga  
Como uma lua macia  
Brilhando à flor de uma vaga.  
Parece um mar que marulha  
De manso sobre uma praia  
Tem o palor que irradia  
A estrela quando desmaia.  
É um doce nome de filha  
É um belo nome de amada  
Lembra um pedaço de ilha  
Surgindo de madrugada.  
Tem um cheirinho de murta  
E é suave como a pelúcia  
É acorde que nunca finda  
É coisa por demais linda  
Teu nome, Maria Lúcia...

*Montevideu, 29.09.1958*



## O "Margarida's"

*A.D. Margarida,  
pelos seus bons pratos,  
pelos seus bons tratos*

A cavaleiro de um bonito vale  
Em Petrópolis, ao fim de umas subidas  
Há um hotel que dá margem a que se fale:  
O "Margarida's".

A dona (Margarida) é criatura  
Das melhores, no trato e nas comidas  
E não bastasse, é boa a arquitetura  
Do "Margarida's".

Para quem gosta, existe uma piscina  
E mesmo um bar com todas as bebidas  
Mas bom de fato é a água cristalina  
Do "Margarida's".

A vista é linda: ao longe a Catedral  
E o Largo Dom Afonso e as avenidas...  
E à noite o fabuloso céu austral  
Do "Margarida's".

Há quaresmas e acácias pela serra  
E muitas outras coisas coloridas  
E o ar é frio e puro, e verde a terra  
No "Margarida's".

Amigo, se o que buscas é... buscar-te  
Ou quem sabe curar velhas feridas  
Eis meu conselho: não hesites, parte  
Ao "Margarida's".

## **O espectro da rosa**

Juntem-se vermelho  
Rosa, azul e verde  
E quebrem o espelho  
Roxo para ver-te

Amada anadiômena  
Saindo do banho  
Qual rosa morena  
Mais chá que laranja.

E salte o amarelo  
Cinzento de ciúme  
E envolta em seu chambre

Te leve castanha  
Ao branco negrume  
Do meu leito em chamas.

*Montevideu, 1959*

## As mulheres ocas

*Headpiece filled with siraw*  
T.S. Eliot, "The Hollow Men"

Nós somos as inorgânicas  
Frias estátuas de talco  
Com hálito de champagne  
E pernas de salto alto  
Nossa pele fluorescente  
É doce e refrigerada  
E em nossa conversa ausente  
Tudo não quer dizer nada.

Nós somos as longilíneas  
Lentas madonas de boate  
Iluminamos as pistas  
Com nossos rostos de opala.  
Vamos em câmara lenta  
Sem sorrir demasiado  
E olhamos como sem ver  
Com nossos olhos cromados.

Nós somos as sonolentas  
Monjas do tédio inconsútil  
Em nosso escuro convento  
A ordem manda ser fútil  
Fomos alunas bilíngües  
De "Sacre-Coeur" e "Sion"  
Mas adorar, só adoramos  
A imagem do deus Mamon.

Nós somos as grã-funestas  
Filhas do Ouro com a Miséria  
O gênio nos enfastia  
E a estupidez nos diverte.  
Amamos a vida fria  
E tudo o que nos espelha  
Na asséptica companhia  
Dos nossos machos-de-abelha.

Nós somos as bailarinas  
Pressagas do cataclismo  
Dançando a dança da moda  
Na corda bamba do abismo.  
Mas nada nos incomoda

De vez que há sempre quem paga  
O luxo de entrar na roda  
Em Arpels ou Balenciaga.

Nós somos as grã-funestas  
As onézimas letais\*  
Dormimos a nossa sesta  
Em ataúdes de cristal  
E só tiramos do rosto  
Nossa máscara de cal  
Para o drinque do sol posto  
Com o cronista social.

*\* Uma das categorias da Nova Gnomônia, de Jayme Ovalle, que classifica os seres e as coisas em: datas, parás, mozarlescos, kernianos e os onézimos, sendo estes conhecidos "pés-frios". Para maiores esclarecimentos, ver o capítulo [a crônica] "A Nova Gnomônia" em Crônicas da província do Brasil, de Manuel Bandeira.*

## **Soneto do amor como um rio**

Este infinito amor de um ano faz  
Que é maior do que o tempo e do que tudo  
Este amor que é real, e que, contudo  
Eu já não cria que existisse mais.

Este amor que surgiu insuspeitado  
E que dentro do drama fez-se em paz  
Este amor que é o túmulo onde jaz  
Meu corpo para sempre sepultado.

Este amor meu é como um rio; um rio  
Noturno interminável e tardio  
A deslizar macio pelo ermo

E que em seu curso sideral me leva  
Iluminado de paixão na treva  
Para o espaço sem fim de um mar sem termo.

*Montevideu, 1959*

## Carta do ausente

Meus amigos, se durante o meu recesso virem por acaso passar a minha  
(amada  
Peçam silêncio geral. Depois  
Apontem para o infinito. Ela deve ir  
Como uma sonâmbula, envolta numa aura  
De tristeza, pois seus olhos  
Só verão a minha ausência. Ela deve  
Estar cega a tudo o que não seja o meu amor (esse indizível  
Amor que vive trancado em mim como num cárcere  
Mirando empós seu rastro).  
Se for à tarde, comprem e desfolhem rosas  
À sua melancólica passagem, e se puderem  
Entoem cantus-primus. Que cesse totalmente o tráfego  
E silenciem as buzinas de modo que se ouça longamente  
O ruído de seus passos. Ah, meus amigos  
Ponham as mãos em prece e roguem, não importa a que ser ou divindade  
Por que bem-haja a minha grande amada  
Durante o meu recesso, pois sua vida  
É minha vida, sua morte a minha morte. Sendo possível  
Soltem pombas brancas em quantidade suficiente para que se faça em torno  
A suave penumbra que lhe apraz. Se houver por perto  
Uma hi-fi, coloquem o "Noturno em si bemol" de Chopin; e se porventura  
Ela se puser a chorar, oh recolham-lhe as lágrimas em pequenos frascos de  
(opalina  
A me serem mandados regularmente pela mala diplomática.  
Meus amigos, meus irmãos (e todos  
Os que amam a minha poesia)  
Se por acaso virem passar a minha amada  
Salmodiem versos meus. Ela estará sobre uma nuvem  
Envolta numa aura de tristeza  
O coração em luz transverberado. Ela é aquela  
Que eu não pensava mais possível, nascida  
Do meu desespero de não encontrá-la. Ela é aquela  
Por quem caminham as minhas pernas e para quem foram feitos os meus  
(braços  
Ela é aquela que eu amo no meu tempo  
E que amarei na minha eternidade – a amada  
Una e impretérta. Por isso  
Procedam com discrição mas eficiência: que ela  
Não sinta o seu caminho, e que este, ademais  
Ofereça a maior segurança. Seria sem dúvida de grande acerto  
Não se locomovesse ela de todo, de maneira  
A evitar os perigos inerentes às leis da gravidade  
E do momentum dos corpos, e principalmente aqueles devidos

À falibilidade dos reflexos humanos. Sim, seria extremamente preferível  
Se mantivesse ela reclusa em andar térreo e intramuros  
Num ambiente azul de paz e música. Ó, que ela evite  
Sobretudo dirigir à noite e estar sujeita aos imprevistos  
Da loucura dos tempos. Que ela se proteja, a minha amada  
Contra os males terríveis desta ausência  
Com música e equânio. Que ela pense, agora e sempre  
Em mim que longe dela ando vagando  
Pelos jardins noturnos da paixão  
E da melancolia. Que ela se defenda, a minha amiga  
Contra tudo o que anda, voa, corre e nada, e que se lembre  
Que devemos nos encontrar, e para tanto  
É preciso que estejamos íntegros, e acontece  
Que os perigos são máximos, e o amor de repente, de tão grande  
Tornou tudo frágil, extremamente, extremamente frágil.

*Montevideu, 07.1958*

## **Poema desentranhado da história dos participípios**

(Do urianismo dos verbos ter e haver)

A partir do século XVI  
Os verbos ter e haver esvaziaram-se de sentido  
Para se tornarem exclusivamente auxiliares  
E os participípios passados  
Adquirindo em consequência um sentido ativo  
Imobilizaram-se para sempre em sua forma indeclinável.

## **Soneto de Montevideu**

Não te rias de mim, que as minhas lágrimas  
São água para as flores que plantaste  
No meu ser infeliz, e isso lhe baste  
Para querer-te sempre mais e mais.

Não te esqueças de mim, que desvendaste  
A calma ao meu olhar ermo de paz  
Nem te ausentes de mim quando se gaste  
Em ti esse carinho em que te esvais.

Não me ocultes jamais teu rosto; dize-me  
Sempre esse manso adeus de quem aguarda  
Um novo manso adeus que nunca tarda

Ao amante dulcíssimo que fiz-me  
À tua pura imagem, ó anjo da guarda  
Que não dás tempo a que a distância cisme.

*Montevideu, 1959*

## **Os quatro elementos**

### **I – O FOGO**

O sol, desrespeitoso do equinócio  
Cobre o corpo da Amiga de desvelos  
Amorena-lhe a tez, doura-lhe os pêlos  
Enquanto ela, feliz, desfaz-se em ócio.

E ainda, ademais, deixa que a brisa roce  
O seu rosto infantil e os seus cabelos  
De modo que eu, por fim, vendo o negócio  
Não me posso impedir de pôr-me em zelos.

E pego, encaro o Sol com ar de briga  
Ao mesmo tempo que, num desafogo  
Proibo-a formalmente que prossiga

Com aquele dúbio e perigoso jogo...  
E para protegê-la, cubro a Amiga  
Com a sombra espessa do meu corpo em fogo.

### **II – A TERRA**

Um dia, estando nós em verdes prados  
Eu e a Amada, a vagar, gozando a brisa  
Ei-la que me detém nos meus agrados  
E abaixa-se, e olha a terra, e a analisa

Com face cauta e olhos dissimulados  
E, mais, me esquece; e, mais, se interioriza  
Como se os beijos meus fossem mal dados  
E a minha mão não fosse mais precisa.

Irritado, me afasto; mas a Amada  
À minha zanga, meiga, me entretém  
Com essa astúcia que o sexo lhe deu.

Mas eu que não sou bobo, digo nada...  
Ah, é assim... (só penso) Muito bem:  
Antes que a terra a coma, como eu.



### III – O AR

Com mão contente a Amada abre a janela  
Sequiosa de vento no seu rosto  
E o vento, folgazão, entra disposto  
A comprazer-se com a vontade dela.

Mas ao tocá-la e constatar que bela  
E que macia, e o corpo que bem-posto  
O vento, de repente, toma gosto  
E por ali põe-se a brincar com ela.

Eu a princípio, não percebo nada...  
Mas ao notar depois que a Amada tem  
Um ar confuso e uma expressão corada

A cada vez que o velho vento vem  
Eu o expulso dali, e levo a Amada:  
– Também brinco de vento muito bem!

### IV – A ÁGUA

A água banha a Amada com tão claros  
Ruídos, morna de banhar a Amada  
Que eu, todo ouvidos, ponho-me a sonhar  
Os sons como se foram luz vibrada.

Mas são tais os cochichos e descaros  
Que, por seu doce peso deslocada  
Diz-lhe a água, que eu friamente encaro  
Os fatos, e disponho-me à emboscada.

E aguardo a Amada. Quando sai, obrigo-a  
A contar-me o que houve entre ela e a água:  
– Ela que me confesse! Ela que diga!

E assim arrasto-a à câmara contígua  
Confusa de pensar, na sua mágoa  
Que não sei como a água é minha amiga.

*Montevideu, 04.1960*

## **Soneto da hora final**

Será assim, amiga: um certo dia  
Estando nós a contemplar o poente  
Sentiremos no rosto, de repente  
O beijo leve de uma aragem fria.

Tu me olharás silenciosamente  
E eu te olharei também, com nostalgia  
E partiremos, tontos de poesia  
Para a porta de treva aberta em frente.

Ao transpor as fronteiras do Segredo  
Eu, calmo, te direi: – Não tenhas medo  
E tu, tranqüila, me dirás: – Sê forte.

E como dois antigos namorados  
Noturnamente triste e enlaçados  
Nós entraremos nos jardins da morte.

*Montevideu, 07.1960*

# Poesia vária

## A estrelinha polar

De repente o mar fosforesceu, o navio ficou silente  
O firmamento lactesceu todo em poluções vibrantes de astros  
E a Estrelinha Polar fez um pipi de prata no atlântico penico.

*Oceano Atlântico, a bordo do Highland Patriot,  
a caminho da Inglaterra, 09.1938*

## Soneto de Oxford

Oh, partir pela noite enluarada  
No puro anseio de chegar lá onde  
A minha doce e fugitiva amada  
Na madrugada, trêmula, se esconde...

Oh, sentir palpitar em cada fronte  
O amor, oculto; e ouvir a voz velada  
Da última estrela que do céu responde  
Numa cintilação inesperada...

Oh, cruzar solidões, viver soturnas  
Magias, e entre lágrimas noturnas  
Ver o tempo passar, hora por hora

Para o instante em que, isenta de desejo  
Ela despertará sob o meu beijo  
Enquanto a treva se desfaz lá fora...

*Oxford, 1938*

## **Sonetinho a Portinari**

O pintor pequeno  
O grande pintor  
Ruim como um veneno  
Bom como uma flor

Vi-o da Inglaterra  
Uma tarde, vi-o  
No ermo, vadio  
Brodóvski onde a terra

É cor de pintura  
Muito louro, vi-o  
Dentro da moldura

De um quadro de aurora  
O olhar azul frio:  
– Lá ia ele embora...

*Oxford, 1939*

### **Notas:**

*Sonetinho a Portinari*

No Livro de sonetos este poema ganhou o título de "Soneto a Portinari".

## **Duas canções de silêncio**

Ouve como o silêncio  
Se fez de repente  
Para o nosso amor

Horizontalmente...

Crê apenas no amor  
E em mais nada  
Cala; escuta o silêncio  
Que nos fala  
Mais intimamente; ouve  
Sossegada  
O amor que despetala  
O silêncio...

Deixa as palavras à poesia...

*Oxford, 1939*

## **Pôr-do-sol em Itatiaia**

Nascentes efêmeras  
Em clareiras súbitas  
Entre as luzes tardas  
Do imenso crepúsculo.

Negros megalitos  
Em doce decúbito  
Sob o peso frágil  
Da pálida abóbada

Calmo subjacente  
O vale infinito  
A estender-se múltiplo

Inventando espaços  
Dilatando a angústia  
Criando o silêncio....

*Campo Belo, 1940*

## **Soneto de aniversário**

Passem-se dias, horas, meses, anos  
Amadureçam as ilusões da vida  
Prossiga ela sempre dividida  
Entre compensações e desenganos.

Faça-se a carne mais envilecida  
Diminuam os bens, cresçam os danos  
Vença o ideal de andar caminhos planos  
Melhor que levar tudo de vencida.

Queira-se antes ventura que aventura  
À medida que a têmpora embranquece  
E fica tenra a fibra que era dura.

E eu te direi: amiga minha, esquece....  
Que grande é este amor meu de criatura  
Que vê envelhecer e não envelhece.

*Rio de Janeiro, 1942*

## **Soneto da mulher inútil**

De tanta graça e de leveza tanta  
Que quando sobre mim, como a teu jeito  
Eu tão de leve sinto-te no peito  
Que o meu próprio suspiro te levanta.

Tu, contra quem me esbato liquefeito  
Rocha branca! brancura que me espanta  
Brancos seios azuis, névea garganta  
Branco pássaro fiel com que me deito.

Mulher inútil, quando nas noturnas  
Celebrações, naufrago em teus delírios  
Tenho-te toda, branca, envolta em brumas.

São teus seios tão tristes como urnas  
São teus braços tão finos como lírios  
É teu corpo tão leve como plumas.

**Rio de Janeiro, 05.1943**

## **Soneto a Lasar Segall**

De inescrutavelmente no que pintas  
Como num amplo espaço de agonias  
Imarcescível música de tintas  
A arder na lucidez das coisas frias:

Tão patéticas sois, tão sonolentas  
Cores que o meu olhar mortifica  
Entre verdes crestados e cinzentas  
Ferrugens no prelúdio dos metais.

Que segredo recobre a velha pátina  
Por onde a luz se filtra quase tímida  
Do espaço silencioso que esculpiste

Para pintar sem gritos de escalarte  
Na profunda revolta contra o crime  
Daqueles que fizeram a vida triste?...

*Rio de Janeiro, 1942*

## **Soneto de um domingo**

Em casa há muita paz por um domingo assim.  
A mulher dorme, os filhos brincam, a chuva cai...  
Esqueço de quem sou para sentir-me pai  
E ouço na sala, num silêncio ermo e sem fim,

Um relógio bater, e outro dentro de mim...  
Olho o jardim úmido e agreste: isso distrai  
Vê-lo, feroz, florir mesmo onde o sol não vai  
A despeito do vento e da terra que é ruim.

Na verdade é o infinito essa casa pequena  
Que me amortalha o sonho e abriga a desventura  
E a mão de uma mulher fez simples, pura e amena.

Deus que és pai como eu e a estimas, porventura:  
Quando for minha vez, dá-me que eu vá sem pena  
Levando apenas esse pouco que não dura.

*Rio de Janeiro, 09.1944*

## Copacabana

Esta é Copacabana, ampla laguna  
Curva e horizonte, arco de amor vibrando  
Suas flechas de luz contra o infinito.  
Aqui meus olhos desnudaram estrelas  
Aqui meus braços discursaram à lua  
Desabrochavam feras dos meus passos  
Nas florestas de dor que percorriam.  
Copacabana, praia de memórias!  
Quantos êxtases, quantas madrugadas  
Em teu colo marítimo!

– Esta é a areia

Que eu tanto enlameei com minhas lágrimas  
– Aquele é o bar maldito. Podes ver  
Naquele escuro ali? É um obelisco  
De treva – cone erguido pela noite  
Para marcar por toda a eternidade  
O lugar onde o poeta foi perjuro.  
Ali tombei, ali beijei-te ansiado  
Como se a vida fosse terminar  
Naquele louco embate. Ali cantei  
À lua branca, cheio de bebida  
Ali menti, ali me ciliciei  
Para gozo da aurora pervertida.

Sobre o banco de pedra que ali tens  
Nasceu uma canção. Ali fui mártir  
Fui réprobo, fui bárbaro, fui santo  
Aqui encontrarás minhas pegadas  
E pedaços de mim por cada canto.  
Numa gota de sangue numa pedra  
Ali estou eu. Num grito de socorro  
Entreouvido na noite, ali estou eu.  
No eco longínquo e áspero do morro  
Ali estou eu. Vês tu essa estrutura  
De apartamento como uma colmeia  
Gigantesca? em muitos penetrei  
Tendo a guiar-me apenas o perfume  
De um sexo de mulher a palpitar  
Como uma flor carnívora na treva.  
Copacabana! ah, cidadela forte  
Desta minha paixão! a velha lua  
Ficava de seu nicho me assistindo  
Beber, e eu muita vez a vi luzindo



No meu copo de uísque, branca e pura  
A destilar tristeza e poesia.  
Copacabana! réstia de edifícios  
Cujos nomes dão nome ao sentimento!  
Foi no Leme que vi nascer o vento  
Certa manhã, na praia. Uma mulher  
Toda de negro no horizonte extremo  
Entre muitos fantasmas me esperava:  
A moça dos antúrios, deslembada  
A senhora dos círios, cuja alcova  
O piscar do farol iluminava  
Como a marcar o pulso da paixão  
Morrendo intermitentemente. E ainda  
Existe em algum lugar um gesto alto,  
Um brilhar de punhal, um riso acústico  
Que não morreu. Ou certa porta aberta  
Para a infelicidade: inesquecível  
Frincha de luz a separar-me apenas  
Do irremediável. Ou o abismo aberto  
Embaixo, elástico, e o meu ser disperso  
No espaço em torno, e o vento me chamando  
Me convidando a voar... (Ah, muitas mortes  
Morri entre essas máquinas erguidas  
Contra o Tempo!) Ou também o desespero  
De andar como um metrônomo para cá  
E para lá, marcando o passo do impossível  
À espera do segredo, do milagre  
Da poesia.

Tu, Copacabana,  
Mais que nenhuma outra foste a arena  
Onde o poeta lutou contra o invisível  
E onde encontrou enfim sua poesia  
Talvez pequena, mas suficiente  
Para justificar uma existência  
Que sem ela seria incompreensível.

*Los Angeles, 1948*

## **A hora íntima**

Quem pagará o enterro e as flores  
Se eu me morrer de amores?  
Quem, dentre amigos, tão amigo  
Para estar no caixão comigo?  
Quem, em meio ao funeral  
Dirá de mim: – Nunca fez mal...  
Quem, bêbedo, chorará em voz alta  
De não me ter trazido nada?  
Quem virá despetalar pétalas  
No meu túmulo de poeta?  
Quem jogará timidamente  
Na terra um grão de semente?  
Quem elevará o olhar covarde  
Até a estrela da tarde?  
Quem me dirá palavras mágicas  
Capazes de empalidecer o mármore?  
Quem, oculta em véus escuros  
Se crucificará nos muros?  
Quem, macerada de desgosto  
Sorrirá: – Rei morto, rei posto...  
Quantas, debruçadas sobre o bátraco  
Sentirão as dores do parto?  
Qual a que, branca de receio  
Tocará o botão do seio?  
Quem, louca, se jogará de bruços  
A soluçar tantos soluços  
Que há de despertar receios?  
Quantos, os maxilares contraídos  
O sangue a pulsar nas cicatrizes  
Dirão: – Foi um doido amigo...  
Quem, criança, olhando a terra  
Ao ver movimentar-se um verme  
Observará um ar de critério?  
Quem, em circunstância oficial  
Há de propor meu pedestal?  
Quais os que, vindos da montanha  
Terão circunspeção tamanha  
Que eu hei de rir branco de cal?  
Qual a que, o rosto sulcado de vento  
Lançará um punhado de sal  
Na minha cova de cimento?  
Quem cantará canções de amigo  
No dia do meu funeral?  
Qual a que não estará presente  
Por motivo circunstancial?

Quem cravará no seio duro  
Uma lâmina enferrujada?  
Quem, em seu verbo inconsútil  
Há de orar: – Deus o tenha em sua guarda.  
Qual o amigo que a sós consigo  
Pensará: – Não há de ser nada...  
Quem será a estranha figura  
A um tronco de árvore encostada  
Com um olhar frio e um ar de dúvida?  
Quem se abraçará comigo  
Que terá de ser arrancada?

Quem vai pagar o enterro e as flores  
Se eu me morrer de amores?

*Rio de Janeiro, 1950*

## Poema dos olhos da amada

Ó minha amada  
Que olhos os teus  
São cais noturnos  
Cheios de adeus  
São docas mansas  
Trilhando luzes  
Que brilham longe  
Longe nos breus...

Ó minha amada  
Que olhos os teus  
Quanto mistério  
Nos olhos teus  
Quantos saveiros  
Quantos navios  
Quantos naufrágios  
Nos olhos teus...

Ó minha amada  
Que olhos os teus  
Se Deus houvera  
Fizera-os Deus  
Pois não os fizera  
Quem não soubera  
Que há muitas eras  
Nos olhos teus.

Ah, minha amada  
De olhos ateus  
Cria a esperança  
Nos olhos meus  
De verem um dia  
O olhar mendigo  
Da poesia  
Nos olhos teus.

*Rio de Janeiro, 1950*

## **A brusca poesia da mulher amada (II)**

A mulher amada carrega o cetro, o seu fastígio  
É máximo. A mulher amada é aquela que aponta para a noite  
E de cujo seio surge a aurora. A mulher amada  
É quem traça a curva do horizonte e dá linha ao movimento dos astros.  
Não há solidão sem que sobrevenha a mulher amada  
Em seu acúmen. A mulher amada é o padrão índigo da cúpula  
E o elemento verde antagônico. A mulher amada  
É o tempo passado no tempo presente no tempo futuro  
No sem tempo. A mulher amada é o navio submerso  
É o tempo submerso, é a montanha imersa em líquen.  
É o mar, é o mar, é o mar a mulher amada  
E sua ausência. Longe, no fundo plácido da noite  
Outra coisa não é senão o seio da mulher amada  
Que ilumina a cegueira dos homens. Alta, tranqüila e trágica  
É essa que eu chamo pelo nome de mulher amada.  
Nascitura. Nascitura da mulher amada  
É a mulher amada. A mulher amada é a mulher amada é a mulher amada  
É a mulher amada. Quem é que semeia o vento? – a mulher amada!  
Quem colhe a tempestade? – a mulher amada!  
Quem determina os meridianos? – a mulher amada!  
Quem a misteriosa portadora de si mesma? A mulher amada.  
Talvegue, estrela, petardo  
Nada a não ser a mulher amada necessariamente amada  
Quando! E de outro não seja, pois é ela  
A coluna e o gral, a fé e o símbolo, implícita  
Na criação. Por isso, seja ela! A ela o canto e a oferenda  
O gozo e o privilégio, a taça erguida e o sangue do poeta  
Correndo pelas ruas e iluminando as perplexidades.  
Eia, a mulher amada! Seja ela o princípio e o fim de todas as coisas.  
Poder geral, completo, absoluto à mulher amada!

*Rio de Janeiro, 1950*

## **Soneto do amor total**

Amo-te tanto, meu amor... não cante  
O humano coração com mais verdade...  
Amo-te como amigo e como amante  
Numa sempre diversa realidade

Amo-te afim, de um calmo amor prestante,  
E te amo além, presente na saudade.  
Amo-te, enfim, com grande liberdade  
Dentro da eternidade e a cada instante.

Amo-te como um bicho, simplesmente,  
De um amor sem mistério e sem virtude  
Com um desejo maciço e permanente.

E de te amar assim muito e amiúde,  
É que um dia em teu corpo de repente  
Hei de morrer de amar mais do que pude.

*Rio de Janeiro, 1951*

## **A que vem de longe**

A minha amada veio de leve  
A minha amada veio de longe  
A minha amada veio em silêncio  
Ninguém se iluda.

A minha amada veio da treva  
Surgiu da noite qual dura estrela  
Sempre que penso no seu martírio  
Morro de espanto.

A minha amada veio impassível  
Os pés luzindo de luz macia  
Os alvos braços em cruz abertos  
Alta e solene.

Ao ver-me posto, triste e vazio  
Num passo rápido a mim chegou-se  
E com singelo, doce ademane  
Roçou-me os lábios.

Deixei-me preso ao seu rosto grave  
Preso ao seu riso no entanto ausente  
Inconsciente de que chorava  
Sem dar-me conta.

Depois senti-lhe o tímido tato  
Dos lentos dedos tocar-me o peito  
E as unhas longas se me cravarem  
Profundamente.

Aprisionado num só meneio  
Ela cobriu-me de seus cabelos  
E os duros lábios no meu pescoço  
Pôs-se a sugar-me.

Muitas auroras transpareceram  
Do meu crescente ficar exangue  
Enquanto a amada suga-me o sangue  
Que é a luz da vida.

*1951*

## O mergulhador

*E il naufragar m'è dolce in questo mare*  
Leopardi

Como, dentro do mar, libérrimos, os polvos  
No líquido luar tateiam a coisa a vir  
Assim, dentro do ar, meus lentos dedos loucos  
Passeiam no teu corpo a te buscar-te a ti.

Ês a princípio doce plasma submarino  
Flutuando ao sabor de súbitas correntes  
Frias e quentes, substância estranha e íntima  
De teor irreal e tato transparente.

Depois teu seio é a infância, duna mansa  
Cheia de alísios, marco espectral do istmo  
Onde, a nudez vestida só de lua branca  
Eu ia mergulhar minha face já triste.

Nele soterro a mão como a cravei criança  
Noutro seio de que me lembro, também pleno...  
Mas não sei... o ímpeto deste é doído e espanta  
O outro me dava vida, este me mete medo.

Toco uma a uma as doces glândulas em feixes  
Com a sensação que tinha ao mergulhar os dedos  
Na massa cintilante e convulsa de peixes  
Retiradas ao mar nas grandes redes pensas.

E ponho-me a cismar... – mulher, como te expandes!  
Que imensa és tu! maior que o mar, maior que a infância!  
De coordenadas tais e horizontes tão grandes  
Que assim imersa em amor és uma Atlântida!

Vem-me a vontade de matar em ti toda a poesia  
Tenho-te em garra; olhas-me apenas; e ouço  
No tato acelerar-se-me o sangue, na arritmia  
Que faz meu corpo vil querer teu corpo moço.

E te amo, e te amo, e te amo, e te amo  
Como o bicho feroz ama, a morder, a fêmea  
Como o mar ao penhasco onde se atira insano  
E onde a bramir se aplaca e a que retorna sempre.

Tenho-te e dou-me a ti válido e indissolúvel



Buscando a cada vez, entre tudo o que enerva  
O imo do teu ser, o vórtice absoluto  
Onde possa colher a grande flor da treva.

Amo-te os longos pés, ainda infantis e lentos  
Na tua criação; amo-te as hastes tenras  
Que sobem em suaves espirais adolescentes  
E infinitas, de toque exato e frêmito.

Amo-te os braços juvenis que abraçam  
Confiantes meu criminoso desvario  
E as desveladas mãos, as mãos multiplicantes  
Que em cardume acompanham o meu nadar sombrio.

Amo-te o colo pleno, onda de pluma e âmbar  
Onda lenta e sozinha onde se exaure o mar  
E onde é bom mergulhar até romper-me o sangue  
E me afogar de amor e chorar e chorar.

Amo-te os grandes olhos sobre-humanos  
Nos quais, mergulhador, sondo a escura voragem  
Na ânsia de descobrir, nos mais fundos arcanos  
Sob o oceano, oceanos; e além, a minha imagem.

Por isso – isso e ainda mais que a poesia não ousa  
Quando depois de muito mar, de muito amor  
Emergido de ti, ah, que silêncio pousa  
Ah, que tristeza cai sobre o mergulhador!

## **Menino morto pelas ladeiras de Ouro Preto**

Hoje a pátina do tempo cobre também o céu de outono  
Para o teu enterro de anjinho, menino morto  
Menino morto pelas ladeiras de Ouro Preto.  
Berçam-te o sono essas velhas pedras por onde se esforça  
Teu caixãozinho trêmulo, aberto em branco e rosa.  
Nem rosas para o teu sono, menino morto  
Menino morto pelas ladeiras de Ouro Preto.  
Nem rosas para colorir teu rosto de cera  
Tuas mãozinhas em prece, teu cabelo louro cortado rente...  
Abre bem teus olhos opacos, menino morto  
Menino morto pelas ladeiras de Ouro Preto.  
Acima de ti o céu é antigo, não te compreende.  
Mas logo terás, no Cemitério das Mercês-de-Cima  
Caramujos e gongolos da terra para brincar como gostavas  
Nos baldios do velho córrego, menino morto  
Menino morto pelas ladeiras de Ouro Preto.  
Ah, pequenino cadáver a mirar o tempo  
Que doçura a tua; como saíste do meu peito  
Para esta negra tarde a chover cinzas...  
Que miséria a tua, menino morto  
Que pobrinhos os garotos que te acompanham  
Empunhando flores do mato pelas ladeiras de Ouro Preto...  
Que vazio restou o mundo com a tua ausência...  
Que silentes as casas... que desesperado o crepúsculo  
A desfolhar as primeiras pétalas de treva...

1952

## **Lapa de Bandeira**

(Quinta rima)

*A Manuel Bandeira*

Existia, e ainda existe  
Um certo beco na Lapa  
Onde assistia, não assiste  
Um poeta no fundo triste  
No alto de um apartamento  
Como no alto de uma escarpa.

Em dias de minha vida  
Em que me levava o vento  
Como uma nave ferida  
No cimo da escarpa erguida  
Eu via uma luz discreta  
Acender serenamente.

Era a ilha da amizade  
Era o espírito do poeta  
A buscar pela cidade  
Minha louca mocidade.  
Como uma nave ferida  
Perambulando patética.

E eu ia e ascensionava  
A grande espiral erguida  
Onde o poeta me aguardava  
E onde tudo me guardava  
Contra a angústia do vazio  
Que embaixo me consumia.

Um simples apartamento  
Num pobre beco sombrio  
Na Lapa, junto ao convento...  
Porém, no meu pensamento  
Era o farol da poesia  
Brilhando serenamente.

*Rio de Janeiro, 1952*

## **Máscara mortuária de Graciliano Ramos**

Feito só, sua máscara paterna,  
Sua máscara tosca, de acre-doce  
Feição, sua máscara austerizou-se  
Numa preclara decisão eterna.

Feito só, feito pó, desencantou-se  
Nele o íntimo arcanjo, a chama interna  
Da paixão em que sempre se queimou  
Seu duro corpo que ora longe inverte.

Feito pó, feito pólen, feito fibra  
Feito pedra, feito o que é morto e vibra  
Sua máscara enxuta de homem forte.

Isto revela em seu silêncio à escuta:  
Numa severa afirmação da luta,  
Uma impassível negação da morte.

*Rio de Janeiro, 03.1953*

## O poeta Hart Crane suicida-se no mar

Quando mergulhaste na água  
Não sentiste como é fria  
Como é fria assim na noite  
Como é fria, como é fria?  
E ao teu medo que por certo  
Te acordou da nostalgia  
(Essa incrível nostalgia  
Dos que vivem no deserto...)  
Que te disse a Poesia?

Que te disse a Poesia  
Quando Vênus que luzia  
No céu tão perto (tão longe  
Da tua melancolia...)  
Brilhou na tua agonia  
De moribundo desperto?

Que te disse a Poesia  
Sobre o líquido deserto  
Ante o mar boquiaberto  
Incerto se te engolia  
Ou ao navio a rumo certo  
Que na noite se escondia?

Temeste a morte, poeta?  
Temeste a escarpa sombria  
Que sob a tua agonia  
Descia sem rumo certo?  
Como sentiste o deserto  
O deserto absoluto  
O oceano absoluto  
Imenso, sozinho, aberto?

Que te falou o Universo  
O infinito a descoberto?  
Que te disse o amor incerto  
Das ondas na ventania?  
Que frouxos de zombaria  
Não ouviste, ainda desperto  
Às estrelas que por certo  
Cochichavam luz macia?

Sentiste angústia, poeta  
Ou um espasmo de alegria  
Ao sentires que bulia

Um peixe nadando perto?  
A tua carne não fremia  
À idéia da dança inerte  
Que teu corpo dançaria  
No pélago submerso?

Dançaste muito, poeta  
Entre os véus da água sombria  
Coberto pela redoma  
Da grande noite vazia?  
Que coisas viste, poeta?

De que segredos soubeste  
Suspendo na crista agreste  
Do imenso abismo sem meta?

Dançaste muito, poeta?  
Que te disse a Poesia?

*Rio de Janeiro, 1953*

### **Notas**

*O poeta Hart Crane suicida-se no mar*

*Hart Crane (Ohio, 1899-1933) foi poeta. Suicidou-se saltando do Navio que o levava a Nova Iorque. Admirava T. S. Elliot, inspirando-se nele em sua busca de uma linguagem capaz de traduzir a vitalidade, as ambigüidade e perplexidades do mundo moderno. Sua obra mais conhecida é o poema épico The Bridge (A Ponte), iniciado em 1923 e publicado em 1930. Segundo Crane, o poema era uma "síntese mística da América".*

## **Soneto de Florença**

Florença... que serenidade imensa  
Nos teus campos remotos, de onde surgem  
Em tons de terracota e de ferrugem  
Torres, cúpulas, claustros: renascença

Das coisas que passaram mas que urgem...  
Como em teu seio pareceu-me densa  
A selva obscura onde silêncios rugem  
No meio do caminho da descrença...

Que tristes sombras nos teus céus toscanos  
Onde, em meu crime e meu remorso humanos  
Julguei ver, na colina apascentada

Na forma de um cipreste impressionante  
O grande vulto secular de Dante  
Carpindo a morte da mulher amada...

*Rio de Janeiro, 01.1953*

## **Natal**

A grande ocorrência  
Que nos conta o sino  
É que, na indigência  
Nasceu um menino.

Mil e novecentos  
E cinqüenta e três  
Anos são peremptos  
Dessa meninez.

Muito tempo faz...  
Mas ninguém olvida  
Que é um dia de paz...  
Porque fez-se a vida!

*12.1953*

## **Genebra em dezembro**

Campos de neve e píncaros distantes  
Sinos que morrem  
Asas brancas em frios céus distantes  
Águas que correm.

Canais como caminhos prisioneiros  
Em busca de saída  
Para os mares, os grandes, traiçoeiros  
Mares da vida.

Cisnes em bando interrogando as águas  
Do Ródano, cativas  
Ruas sem perspectivas e sem mágoas  
Fachadas pensativas.

Chuva fina tangendo namorados  
Sem amanhã  
Transitando transidos e apressados  
Pont du Mont Blanc.

Relógios pontuais batendo horas  
Aqui, ali, adiante  
Vida sem tempo pela vida afora  
Tédio constante.

Tédio bom, tédio conselheiro, tédio  
Da vida que não é  
E para a qual há sempre bom remédio  
Do bar do "Rabelais".

*Genebra, 1954*



## **Soneto da maioridade**

O Sol, que pelas ruas da cidade  
Revela as marcas do viver humano  
Sobre teu belo rosto soberano  
Espalha apenas pura claridade.

Nasceste para o Sol; és mocidade  
Em plena floração, fruto sem dano  
Rosa que enfloresceu, ano por ano  
Para uma esplêndida maioridade.

Ao Sol, que é pai do tempo, e nunca mente  
Hoje se eleva a minha prece ardente:  
Não permita ele nunca que se afoite

A vida em ti, que é sumo de alegria  
De maneira que tarde muito a noite  
Sobre a manhã radiosa do teu dia.

*Rio de Janeiro, 1954*

## Dois poeminhas com Sputnik

### I \*

Vai, Jorge Lafayette  
Vai em frente, menininho  
Pula muro, pinta o sete  
Manda a bola no vizinho  
Briga com a turma da rua  
Sai correndo, joga pique  
Depois pega o sputnik  
E vai namorar na Lua.

### II \*

Uma cachorrinha  
Girando no espaço  
Sozinha, sozinha  
Girando no espaço  
Uma cachorrinha  
Sem sede e sem fome  
Girando no espaço  
Por causa do homem:  
Tanta mulherzinha  
Girando no espaço  
Por causa de homem...  
– Salve, mulherzinha!  
– Eia, cachorrinha!

*\* Poeminha no álbum de Jorge Lafayette de Carvalho e Silva.*

*\*\* Poeminha para Yvete Magdaleno e para Laika, a cadelinha espacial.*

*Roma, 1955*

### Notas

*Dois poeminhas com Sputnik*

O Sputnik I foi o primeiro satélite artificial da Terra. Seu lançamento – um feito da União Soviética – ocorreu a 4 de outubro de 1957 e marcou o início da Era Espacial. A este primeiro grande passo seguiram-se, no decorrer do século XX, o voo de Iuri Gagarin (1961), a assinatura do Tratado do Espaço (1967) e a chegada do homem à Lua (1969). A chamada Corrida Espacial foi umas das facetas da Guerra Fria.

## **Soneto da mulher ao sol**

Uma mulher ao sol – eis todo o meu desejo  
Vinda do sal do mar, nua, os braços em cruz  
A flor dos lábios entreaberta para o beijo  
A pele a fulgurar todo o pólen da luz.

Uma linda mulher com os seios em repouso  
Nua e quente de sol – eis tudo o que eu preciso  
O ventre terso, o pêlo úmido, e um sorriso  
À flor dos lábios entreabertos para o gozo.

Uma mulher ao sol sobre quem me debruce  
Em quem beba e a quem morda e com quem me lamente  
E que ao se submeter se enfureça e soluce

E tente me expelir, e ao me sentir ausente  
Me busque novamente – e se deixa a dormir  
Quando, pacificado, eu tiver de partir...

*A bordo do Andrea C, a caminho da França,  
11.1956*

## Poema para Gilberto Amado

O homem que pensa  
Tem a fronte imensa  
Tem a fronte pensa  
Cheia de tormentos.  
O homem que pensa  
Traz nos pensamentos  
Os ventos preclaros  
Que vêm das origens.  
O homem que pensa  
Pensamentos claros  
Tem a fronte virgem  
De ressentimentos.  
Sua fronte pensa  
Sua mão escreve  
Sua mão prescreve  
Os tempos futuros.  
Ao homem que pensa  
Pensamentos puros  
O dia lhe é duro  
A noite lhe é leve:  
Que o homem que pensa  
Só pensa o que deve  
Só deve o que pensa

*Paris, 1957*

## Um beijo

Um minuto o nosso beijo  
Um só minuto; no entanto  
Nesse minuto de beijo  
Quantos segundos de espanto!  
Quantas mães e esposas loucas  
Pelo drama de um momento  
Quantos milhares de bocas  
Uivando de sofrimento!  
Quantas crianças nascendo  
Para morrer em seguida  
Quanta carne se rompendo  
Quanta morte pela vida!  
Quantos adeuses efêmeros  
Tornados o último adeus  
Quantas túbias, quantos fêmures  
Quanta loucura de Deus!  
Que mundo de mal-amadas  
Com as esperanças perdidas  
Que cardume de afogadas  
Que pomar de suicidas!  
Que mar de entranhas correndo  
De corpos desfalecidos  
Que choque de trens horrendo  
Quantos mortos e feridos!  
Que dizima de doentes  
Recebendo a extrema-unção  
Quanto sangue derramado  
Dentro do meu coração!  
Quanto cadáver sozinho  
Em mesa de necrotério  
Quanta morte sem carinho  
Quanto canhenho funéreo!  
Que plantel de prisioneiros  
Tendo as unhas arrancadas  
Quantos beijos derradeiros  
Quantos mortos nas estradas!  
Que safra de uxoricidas  
A bala, a punhal, a mão  
Quantas mulheres batidas  
Quantos dentes pelo chão!  
Que monte de nascituros  
Atirados nos baldios  
Quantos fetos nos monturos  
Quanta placenta nos rios!  
Quantos mortos pela frente  
Quantos mortos à traição  
Quantos mortos de repente

Quantos mortos sem razão!  
Quanto câncer sub-reptício  
Cujo amanhã será tarde  
Quanta tara, quanto vício  
Quanto enfarte do miocárdio  
Quanto medo, quanto pranto  
Quanta paixão, quanto luto!...  
Tudo isso pelo encanto  
Desse beijo de um minuto:  
Desse beijo de um minuto  
Mas que cria, em seu transporte  
De um minuto, a eternidade  
E a vida, de tanta morte.

*Petrópolis, 18.03.1958*

## **O mosquito**

Parece mentira  
De tão esquisito:  
Mas sobre o papel  
O feio mosquito  
Fez sombra de lira!

*Montevideú, 1959*

## **Of God and gold**

As gold breeds misery  
Misery breeds light  
That makes the stones glare  
For the pauper's delight.

Light is but the pauper's gold  
Stones are but rocks  
That pave the way where run  
God's miserable flocks.

The world has many rocks  
God has many flocks  
God's a shepherd, I was told  
God is made of gold.

*Rio de Janeiro, 1959*

## **Blues para Emmet Louis Till**

*(O negrinho americano que ousou assoviar para uma mulher branca)*

Os assassinos de Emmet  
– Poor Mamma Till!  
Chegaram sem avisar  
– Poor Mamma Till!  
Mascando cacos de vidro  
– Poor Mamma Till!  
Com suas caras de cal.

Os assassinos de Emmet  
– Poor Mamma Till!  
Entraram sem dizer nada  
– Poor Mamma Till!  
Com seu hálito de couro  
– Poor Mamma Till!  
E seus olhos de punhal.

– I hate to see that evenin'sun go down...

Os assassinos de Emmet  
– Poor Mamma Till!  
Quando o viram ajoelhado  
– Poor Mamma Till!  
Descarregaram-lhe em cima  
– Poor Mamma Till!  
O fogo de suas armas.

Enquanto contendo o orgasmo  
– Poor Mamma Till!  
A mulher faz um guisado  
– Poor Mamma Till!  
Para esperar o marido  
– Poor Mamma Till!  
Que a seu mando foi vingá-la.

– O how I hate to see that evenin'sun go dow...

### **Notas**

*Blues para Emmet Louis Till*

*Emmet Louis Till (natural de Chicago, EUA) era um menino negro de 14 anos que foi brutalmente assassinado em agosto de 1955, no Mississippi.*

*Alegou-se que ele teria assobiado para uma mulher branca. As fotos do corpo mutilado (encontrado nas águas do rio Tallahatchie) chocaram o mundo. No seu funeral, aproximadamente 50.000 pessoas estiveram presentes; sua morte ajudou a acender a luta pelos direitos civis dos negros nos Estados Unidos.*

*Mais tarde, o poema de Vinicius de Moraes, com ligeiras alterações, foi musicado por Toquinho e ganhou o nome de "Blues para Emmet".*

## **O verbo no infinito**

Ser criado, gerar-se, transformar  
O amor em carne e a carne em amor; nascer  
Respirar, e chorar, e adormecer  
E se nutrir para poder chorar

Para poder nutrir-se; e despertar  
Um dia à luz e ver, ao mundo e ouvir  
E começar a amar e então sorrir  
E então sorrir para poder chorar.

E crescer, e saber, e ser, e haver  
E perder, e sofrer, e ter horror  
De ser e amar, e se sentir maldito

E esquecer tudo ao vir um novo amor  
E viver esse amor até morrer  
E ir conjugar o verbo no infinito...

*Rio de Janeiro, 1960*



## **Soneto a Pablo Neruda**

Quantos caminhos não fizemos juntos  
Neruda, meu irmão, meu companheiro...  
Mas este encontro súbito, entre muitos  
Não foi ele o mais belo e verdadeiro?

Canto maior, canto menor – dois cantos  
Fazem-se agora ouvir sob o Cruzeiro  
E em seu recesso as cóleras e os prantos  
Do homem chileno e do homem brasileiro

E o seu amor – o amor que hoje encontramos...  
Por isso, ao se tocarem nossos ramos  
Celebro-te ainda além, Cantor Geral

Porque como eu, bicho pesado, voas  
Mas mais alto e melhor do céu entoas  
Teu furioso canto material!

*Atlântico Sul, a caminho do Rio, 1960*

## **Poética ( II )**

Com as lágrimas do tempo  
E a cal do meu dia  
Eu fiz o cimento  
Da minha poesia.

E na perspectiva  
Da vida futura  
Ergui em carne viva  
Sua arquitetura.

Não sei bem se é casa  
Se é torre ou se é templo:  
(Um templo sem Deus.)

Mas é grande e clara  
Pertence ao seu tempo  
– Entrai, irmãos meus!

*Rio de Janeiro, 1960*

## **Namorados no mirante \***

Eles eram mais antigos que o silêncio  
A perscrutar-se intimamente os sonhos  
Tal como duas súbitas estátuas  
Em que apenas o olhar restasse humano.  
Qualquer toque, por certo, desfaria  
Os seus corpos sem tempo em pura cinza.  
Remontavam às origens – a realidade  
Neles se fez, de substância, imagem.  
Dela a face era fria, a que o desejo  
Como um hictus, houvesse adormecido  
Dele apenas restava o eterno grito  
Da espécie – tudo mais tinha morrido.  
Caíam lentamente na voragem  
Como duas estrelas que gravitam  
Juntas para, depois, num grande abraço  
Rolarem pelo espaço e se perderem  
Transformadas no magma incandescente  
Que milênios mais tarde explode em amor  
E da matéria reproduz o tempo  
Nas galáxias da vida no infinito.

Eles eram mais antigos que o silêncio...

*\* Feito para uma fotografia de Luís Carlos Barreto.*

*Rio de Janeiro, 1960*

## **Dialética**

É claro que a vida é boa  
E a alegria, a única indizível emoção  
É claro que te acho linda  
Em ti bendigo o amor das coisas simples  
É claro que te amo  
E tenho tudo para ser feliz

Mas acontece que eu sou triste...

*Montevideú, 1960*

**Poema para Candinho Portinari  
em sua morte cheia de azuis e rosas**

Lá vai Candinho!  
Pra onde ele vai?  
Vai pra Brodóvski  
Buscar seu pai.

Lá vai Candinho!  
Pra onde ele foi?  
Foi pra Brodóvski  
Juntar seu boi.

Lá vai Candinho!  
Com seu topete!  
Vai pra Brodóvski  
Pintar o sete.

Lá vai Candinho  
Tirando rima  
Vai manquitando  
Ladeira acima.

Eh! Eh, Candinho!  
Muita saudade  
Para Zé Cláudio  
Mário de Andrade.

Se vir Ovalle  
Se vir Zé Lins  
Fale, Candinho  
Que eu sou feliz.

Ouviu, Candinho?  
– Diabo de homem mais surdo...

*Petrópolis, 1962*

## **Feijoada à minha moda**

Amiga Helena Sangirardi  
Conforme um dia eu prometi  
Onde, confesso que esqueci  
E embora – perdoe – tão tarde

(Melhor do que nunca!) este poeta  
Segundo manda a boa ética  
Envia-lhe a receita (poética)  
De sua feijoada completa.

Em atenção ao adiantado  
Da hora em que abrimos o olho  
O feijão deve, já catado  
Nos esperar, feliz, de molho.

E a cozinheira, por respeito  
À nossa mestria na arte  
Já deve ter tacado peito  
E preparado e posto à parte

Os elementos componentes  
De um saboroso refogado  
Tais: cebolas, tomates, dentes  
De alho – e o que mais for azado

Tudo picado desde cedo  
De feijão a sempre evitar  
Qualquer contato mais... vulgar  
Às nossas nobres mãos de aedo

Enquanto nós, a dar uns toques  
No que não nos seja a contento  
Vigiaremos o cozimento  
Tomando o nosso uísque on the rocks.

Uma vez cozido o feijão  
(Umas quatro horas, fogo médio)  
Nós, bocejando o nosso tédio  
Nos chegaremos ao fogão

E em elegante curvatura:  
Um pé adiante e o braço às costas  
Provaremos a rica negrura  
Por onde devem boiar postas

De carne-seca succulenta  
Gordos paios, nêdio toucinho  
(Nunca orelhas de bacorinho  
Que a tornam em excesso opulenta!)

E – atenção! – segredo modesto  
Mas meu, no tocante à feijoada:  
Uma língua fresca pelada  
Posta a cozer com todo o resto.

Feito o quê, retire-se caroço  
Bastante, que bem amassado  
Junta-se ao belo refogado  
De modo a ter-se um molho grosso

Que vai de volta ao caldeirão  
No qual o poeta, em bom agouro  
Deve esparrizar folhas de louro  
Com um gesto clássico e pagão.

Inútil dizer que, entrementes  
Em chama à parte desta liça  
Devem fritar, todas contentes  
Lindas rodela de lingüiça

Enquanto ao lado, em fogo brando  
Desmilingüindo-se de gozo  
Deve também se estar fritando  
O torresminho delicioso

Em cuja gordura, de resto  
(Melhor gordura nunca houve!)  
Deve depois frigar a couve  
Picada, em fogo alegre e presto.

Uma farofa? – tem seus dias...  
Porém que seja na manteiga!  
A laranja gelada, em fatias  
(Seleto ou da Bahia) – e chega.

Só na última cozedura  
Para levar à mesa, deixa-se  
Cair um pouco da gordura  
Da lingüiça na iguaria – e mexa-se.

Que prazer mais um corpo pede  
Após comido um tal feijão?  
– Evidentemente uma rede  
E um gato para passar a mão...

Dever cumprido. Nunca é vã  
A palavra de um poeta... – jamais!  
Abraça-a, em Brillat-Savarin  
O seu Vinicius de Moraes.

*Petrópolis, 1962*

## **O anjo das pernas tortas**

*A Flávio Porto*

A um passe de Didi, Garrincha avança  
Colado o couro aos pés, o olhar atento  
Dribla um, dribla dois, depois descansa  
Como a medir o lance do momento.

Vem-lhe o pressentimento; ele se lança  
Mais rápido que o próprio pensamento  
Dribla mais um, mais dois; a bola trança  
Feliz, entre seus pés – um pé-de-vento!

Num só transporte a multidão contrita  
Em ato de morte se levanta e grita  
Seu uníssono canto de esperança.

Garrincha, o anjo, escuta e atende: – Gooooool!  
É pura imagem: um G que chuta um o  
Dentro da meta, um 1. É pura dança!

*Rio de Janeiro, 1962*

## **Soneto no sessentenário de Rafael Alberti**

A luminosa lágrima que verte  
Hoje de ti saudosa a tua Espanha  
Quero bebê-la em forma de champanha  
Na mesma taça em que bebeste, Alberti.

E brindaremos para que desperte  
Num ímpeto feroz de touro em sanha  
Sedenta de viver a tua Espanha  
Que um mau toureiro derrotou inerte.

Beberemos, irmão, por que bem haja  
Teu povo malferido, e que reaja  
E do encontro final, rútilo e forte

Reste na arena o touro sobranceiro  
E pela arena, o sangue do toureiro  
Conte que a vida renasceu da morte.

*Petrópolis, 10.12.1962*

### **A brusca poesia da mulher amada (III)**

*A Nelita*

Minha mãe, alisa de minha fronte todas as cicatrizes do passado  
Minha irmã, conta-me histórias da infância em que eu haja sido herói  
(sem mácula  
Meu irmão, verifica-me a pressão, o colesterol, a turvação do timol, a  
(bilirrubina  
Maria, prepara-me uma dieta baixa em calorias, preciso perder cinco quilos  
Chamem-me a massagista, o florista, o amigo fiel para as confidências  
E comprem bastante papel; quero todas as minhas esferográficas  
Alinhadas sobre a mesa, as pontas prestes à poesia.  
Eis que se anuncia de modo sumamente grave  
A vinda da mulher amada, de cuja fragrância já me chega o rastro.  
É ela uma menina, parece de plumas  
E seu canto inaudível acompanha desde muito a migração dos ventos  
Empós meu canto. É ela uma menina.  
Como um jovem pássaro, uma súbita e lenta dançarina  
Que para mim caminha em pontas, os braços suplicantes  
Do meu amor em solidão. Sim, eis que os arautos  
Da descrença começam a encapuçar-se em negros mantos  
Para cantar seus réquiens e os falsos profetas  
A ganhar rapidamente os logradouros para gritar suas mentiras.  
Mas nada a detém; ela avança, rigorosa  
Em rodopios nítidos  
Criando vácuos onde morrem as aves.  
Seu corpo, pouco a pouco  
Abre-se em pétalas... Ei-la que vem vindo  
Como uma escura rosa voltejante  
Surgida de um jardim imenso em trevas.  
Ela vem vindo... Desnudai-me, aversos!  
Lavai-me, chuvas! Enxugai-me, ventos!  
Alvoroçai-me, auroras nascituras!  
Eis que chega de longe, como a estrela  
De longe, como o tempo  
A minha amada última!

*Rio de Janeiro, 1963*



## **Soneto da espera**

Aguardando-te, amor, revejo os dias  
Da minha infância já distante, quando  
Eu ficava, como hoje, te esperando  
Mas sem saber ao certo se virias.

E é bom ficar assim, quieto, lembrando  
Ao longo de milhares de poesias  
Que te estás sempre e sempre renovando  
Para me dar maiores alegrias.

Dentro em pouco entrarás, ardente e loura  
Como uma jovem chama precursora  
Do fogo a se atear entre nós dois

E da cama, onde em ti me dessedento  
Tu te erguerás como o pressentimento  
De uma mulher morena a vir depois.

*Rio de Janeiro, 04.1963*

## **Soneto da rosa tardia**

Como uma jovem rosa, a minha amada...  
Morena, linda, esgalga, penumbrosa  
Parece a flor colhida, ainda orvalhada  
Justo no instante de tornar-se rosa.

Ah, porque não a deixas intocada  
Poeta, tu que és pai, na misteriosa  
Fragrância do seu ser, feito de cada  
Coisa tão frágil que perfaz a rosa...

Mas (diz-me a Voz) por que deixá-la em haste  
Agora que ela é rosa comovida  
De ser na tua vida o que buscaste

Tão dolorosamente pela vida?  
Ela é rosa, poeta... assim se chama...  
Sente bem seu perfume... Ela te ama...

*Rio de Janeiro, 07.1963*

## **Soneto do gato morto**

Um gato vivo é qualquer coisa linda  
Nada existe com mais serenidade  
Mesmo parado ele caminha ainda  
As selvas sinuosas da saudade

De ter sido feroz. À sua vinda  
Altas correntes de eletricidade  
Rompem do ar as lâminas em cinza  
Numa silenciosa tempestade.

Por isso ele está sempre a rir de cada  
Um de nós, e a morrer perde o veludo  
Fica torpe, ao avesso, opaco, torto

Acaba, é o antigato; porque nada  
Nada parece mais com o fim de tudo  
Que um gato morto.

*Florença, 11.1963*

## **Anfiguri**

Aquilo que eu ousou  
Não é o que quero  
Eu quero o repouso  
Do que não espero.

Não quero o que tenho  
Pelo que custou  
Não sei de onde venho  
Sei para onde vou.

Homem, sou a fera  
Poeta, sou um louco  
Amante, sou pai.

Vida, quem me dera...  
Amor, dura pouco...  
Poesia, ai!...

*Rio de Janeiro, 1965*

## **Soneto de maio**

Suavemente Maio se insinua  
Por entre os véus de Abril, o mês cruel  
E lava o ar de anil, alegre a rua  
Alumbra os astros e aproxima o céu.

Até a lua, a casta e branca lua  
Esquecido o pudor, baixa o dossel  
E em seu leito de plumas fica nua  
A destilar seu luminoso mel.

Raia a aurora tão tímida e tão frágil  
Que através do seu corpo transparente  
Dir-se-ia poder-se ver o rosto

Carregado de inveja e de presságio  
Dos irmãos Junho e Julho, friamente  
Preparando as catástrofes de Agosto...

*Ouro Preto, 05.1967*

# Poemas infantis

## A arca de Noé

Sete em cores, de repente  
O arco-íris se desata  
Na água límpida e contente  
Do ribeirão da mata.

O sol, ao véu transparente  
Da chuva de ouro e de prata  
Resplandece resplendente  
No céu, no chão, na cascata.

E abre-se a porta da Arca  
De par em par: surgem francas  
A alegria e as barbas brancas  
Do prudente patriarca

Noé, o inventor da uva  
E que, por justo e temente  
Jeová, clementemente  
Salvou da praga da chuva.

Tão verde se alteia a serra  
Pelas planuras vizinhas  
Que diz Noé: "Boa terra  
Para plantar minhas vinhas!"

E sai levando a família  
A ver; enquanto, em bonança  
Colorida maravilha  
Brilha o arco da aliança.

Ora vai, na porta aberta  
De repente, vacilante

Surge lenta, longa e incerta  
Uma tromba de elefante.

E logo após, no buraco  
De uma janela, aparece  
Uma cara de macaco  
Que espia e desaparece.

Enquanto, entre as altas vigas  
Das janelinhas do sótão  
Duas girafas amigas  
De fora as cabeças botam.

Grita uma arara, e se escuta  
De dentro um miado e um zurro  
Late um cachorro em disputa  
Com um gato, escouceia um burro.

A Arca desconjuntada  
Parece que vai ruir  
Aos pulos da bicharada  
Toda querendo sair.

Vai! Não vai! Quem vai primeiro?  
As aves, por mais espertas  
Saem voando ligeiro  
Pelas janelas abertas.

Enquanto, em grande atropelo  
Junto à porta de saída  
Lutam os bichos de pêlo  
Pela terra prometida.

"Os bosques são todos meus!"  
Ruge soberbo o leão  
"Também sou filho de Deus!"  
Um protesta; e o tigre – "Não!"

Afinal, e não sem custo  
Em longa fila, aos casais  
Uns com raiva, outros com susto  
Vão saindo os animais.

Os maiores vêm à frente  
Trazendo a cabeça erguida  
E os fracos, humildemente  
Vêm atrás, como na vida.

Conduzidos por Noé  
Ei-los em terra benquista

Que passam, passam até  
Onde a vista não avista.

Na serra o arco-íris se esvai...  
E... desde que houve essa história  
Quando o véu da noite cai  
Na terra, e os astros em glória

Enchem o céu de seus caprichos  
É doce ouvir na calada  
A fala mansa dos bichos  
Na terra repovoada.

## **São Francisco**

Lá vai São Francisco  
Pelo caminho  
De pé descalço  
Tão pobrezinho  
Dormindo à noite  
Junto ao moinho  
Bebendo a água  
Do ribeirão.

Lá vai São Francisco  
De pé no chão  
Levando nada  
No seu surrão  
Dizendo ao vento  
Bom-dia, amigo  
Dizendo ao fogo  
Saúde, irmão.

Lá vai São Francisco  
Pelo caminho  
Levando ao colo  
Jesuscristinho  
Fazendo festa  
No menininho  
Contando histórias  
Pros passarinhos.

## **Natal**

De repente o sol raiou  
E o galo cocoricou:

– Cristo nasceu!

O boi, no campo perdido  
Soltou um longo mugido:

– Aonde? Aonde?

Com seu balido tremido  
Ligeiro diz o cordeiro:

– Em Belém! Em Belém!

Eis senão quando, num zurro  
Se ouve a risada do burro:

– Foi sim que eu estava lá!

E o papagaio que é gira  
Pôs-se a falar: – É mentira!

Os bichos de pena, em bando  
Reclamaram protestando.

O pombal todo arrulhava:  
– Cruz credo! Cruz credo!

Brava

A arara a gritar começa:

– Mentira? Arara. Ora essa!  
– Cristo nasceu! – canta o galo.  
– Aonde? – pergunta o boi.  
– Num estábulo! – o cavalo  
Contente rincha onde foi.

Bale o cordeiro também:

– Em Belém! Mé! Em Belém

E os bichos todos pegaram  
O papagaio caturra  
E de raiva lhe aplicaram  
Uma grandíssima surra.

## O girassol

Sempre que o Sol  
Pinta de anil  
Todo o céu  
O girassol  
Fica um gentil  
Carrossel.

O girassol é o carrossel das abelhas.

Pretas e vermelhas  
Ali ficam elas  
Brincando, fedelhas  
Nas pétalas amarelas.

– Vamos brincar de carrossel, pessoal?

– "Roda, roda, carrossel  
Roda, roda, rodador  
Vai rodando, dando mel  
Vai rodando, dando flor."

– Marimbondo não pode ir que é bicho mau!  
– Besouro é muito pesado!  
– Borboleta tem que fingir de borboleta na entrada!  
– Dona Cigarra fica tocando seu realejo!

– "Roda, roda, carrossel  
Gira, gira, girassol  
Redondinho como o céu  
Marelinho como o Sol."

E o girassol vai girando dia afora...

O girassol é o carrossel das abelhas.



## **O relógio**

Passa, tempo, tic-tac  
Tic-tac, passa, hora  
Chega logo, tic-tac  
Tic-tac, e vai-te embora  
Passa, tempo  
Bem depressa  
Não atrasa  
Não demora  
Que já estou  
Muito cansado  
Já perdi  
Toda a alegria  
De fazer  
Meu tic-tac  
Dia e noite  
Noite e dia  
Tic-tac  
Tic-tac  
Tic-tac...

## **O pingüim**

Bom-dia, Pingüim  
Onde vai assim  
Com ar apressado?  
Eu não sou malvado  
Não fique assustado  
Com medo de mim.  
Eu só gostaria  
De dar um tapinha  
No seu chapéu-jaca  
Ou bem de levinho  
Puxar o rabinho  
Da sua casaca.

## **O elefantinho**

Onde vais, elefantinho  
Correndo pelo caminho  
Assim tão desconsolado?  
Andas perdido, bichinho  
Espetaste o pé no espinho  
Que sentes, pobre coitado?

– Estou com um medo danado  
Encontrei um passarinho!

## **A porta**

Eu sou feita de madeira  
Madeira, matéria morta  
Mas não há coisa no mundo  
Mais viva do que uma porta.

Eu abro devagarinho  
Pra passar o menininho  
Eu abro bem com cuidado  
Pra passar o namorado  
Eu abro bem prazenteira  
Pra passar a cozinheira  
Eu abro de supetão  
Pra passar o capitão.

Só não abro pra essa gente  
Que diz (a mim bem me importa...)  
Que se uma pessoa é burra  
É burra como uma porta.

Eu sou muito inteligente!  
Eu fecho a frente da casa  
Fecho a frente do quartel  
Fecho tudo nesse mundo  
Só vivo aberta no céu!

## O leão

*(Inspirado em William Blake)*

Leão! Leão! Leão!  
Rugindo como o trovão  
Deu um pulo, e era uma vez  
Um cabritinho montês.

Leão! Leão! Leão!  
Ês o rei da criação  
Tua goela é uma fornalha  
Teu salto, uma labareda  
Tua garra, uma navalha  
Cortando a presa na queda.

Leão longe, leão perto  
Nas areias do deserto.  
Leão alto, sobranceiro  
Junto do despenhadeiro.  
Leão na caça diurna  
Saindo a correr da fumaça.  
Leão! Leão! Leão!  
Foi Deus que te fez ou não?

O salto do tigre é rápido  
Como o raio; mas não há  
Tigre no mundo que escape  
Do salto que o Leão dá.  
Não conheço quem defronte  
O feroz rinoceronte.  
Pois bem, se ele vê o Leão  
Foge como um furacão.

Leão se esgueirando, à espera  
Da passagem de outra fera...  
Vem o tigre; como um dardo  
Cai-lhe em cima o leopardo  
E enquanto brigam, tranqüilo  
O Leão fica olhando aquilo.  
Quando se cansam, o Leão  
Mata um com cada mão.

Leão! Leão! Leão!  
Ês o rei da criação!

## **O pato**

Lá vem o Pato  
Pata aqui, pata acolá  
Lá vem o Pato  
Para ver o que é que há.  
O Pato pateta  
Pintou o caneco  
Surrou a galinha  
Bateu no marreco  
Pulou do poleiro  
No pé do cavalo  
Levou um coice  
Criou um galo  
Comeu um pedaço  
De jenipapo  
Ficou engasgado  
Com dor no papo  
Caiu no poço  
Quebrou a tigela  
Tantas fez o moço  
Que foi pra panela.

## **A cachorrinha**

Mas que amor de cachorrinha!  
Mas que amor de cachorrinha!

Pode haver coisa no mundo  
Mais branca, mais bonitinha  
Do que a tua barriguinha  
Crivada de mamiquinha?

Pode haver coisa no mundo  
Mais travessa, mais tontinha  
Que esse amor de cachorrinha  
Quando vem fazer festinha  
Remexendo a traseirinha?

## **A galinha-d'Angola**

Coitada  
Da galinha –  
D'angola  
Não anda  
Regulando  
Da bola  
Não pára  
De comer  
A matraca  
E vive  
A reclamar  
Que está fraca:

– "Tou fraca! Tou fraca!"

## **O peru**

Glu! Glu! Glu!  
Abram alas pro peru!

O peru foi a passeio  
Pensando que era pavão  
Tico-tico riu-se tanto  
Que morreu de congestão

O peru dança de roda  
Numa roda de carvão  
Quando acaba fica tonto  
De quase cair no chão

O peru se viu um dia  
Nas águas do ribeirão  
Foi-se olhando, foi dizendo  
Que beleza de pavão

Foi dormir e teve um sonho  
Logo que o sol se escondeu  
Que sua cauda tinha cores  
Como a desse amigo seu

## **O gato**

Com um lindo salto  
Lesto e seguro  
O gato passa  
Do chão ao muro  
Logo mudando  
De opinião  
Passa de novo  
Do muro ao chão  
E pega corre  
Bem de mansinho  
Atrás de um pobre  
De um passarinho  
Súbito, pára  
Como assombrado  
Depois dispara  
Pula de lado  
E quando tudo  
Se lhe fatiga  
Toma o seu banho  
Passando a língua  
Pela barriga.

## **As borboletas**

Branças  
Azuis  
Amarelas  
E pretas  
Brincam  
Na luz  
As belas  
Borboletas.

Borboletas brancas  
São alegres e francas.

Borboletas azuis  
Gostam muito de luz.

As amarelinhas  
São tão bonitinhas!

E as pretas, então...  
Oh, que escuridão!

## **O marimbondo**

Marimbondo o furibundo  
Vai mordendo meio mundo  
Cuidado com o marimbondo  
Que esse bicho morde fundo!

– Eta bicho danado!

Marimbondo  
De chocolat  
Saia daqui  
Sem me morder  
Senão eu dou  
Uma paulada  
Bem na cabeça  
De você.

– Eta bicho danado!

Marimbondo... nem te ligo!  
Voou e veio me espiar bem na minha cara...

– Eta bicho danado!

## **As abelhas**

A aaaaaaabelha mestra  
E aaaaaaas abelhinhas  
Estão toooooooooodas prontinhas  
Pra iiiiiir para a festa.

Num zune que zune  
Lá vão pro jardim  
Brincar com a cravina  
Valsar com o jasmim.

Da rosa pro cravo  
Do cravo pra rosa  
Da rosa pro favo  
Volta pro cravo.

Venham ver como dão mel  
As abelhinhas do céu!

## **A foca**

Quer ver a foca  
Ficar feliz?  
É por uma bola  
No seu nariz.

Quer ver a foca  
Bater palminha?  
É dar a ela  
Uma sardinha.

Quer ver a foca  
Fazer uma briga?  
É espetar ela  
Bem na barriga!

## **O mosquito**

O mundo é tão esquisito:  
Tem mosquito.

Por que, mosquito, por que  
Eu... e você?

Você é o inseto  
Mais indiscreto  
Da Criação  
Tocando fino  
Seu violino  
Na escuridão.

Tudo de mau  
Você reúne  
Mosquito pau  
Que morde e zune.

Você gostaria  
De passar o dia  
Numa serraria –  
Gostaria?

Pois você parece uma serraria!



## **A casa**

Era uma casa  
Muito engraçada  
Não tinha teto  
Não tinha nada  
Ninguém podia  
Entrar nela não  
Porque na casa  
Não tinha chão  
Ninguém podia  
Dormir na rede  
Porque a casa  
Não tinha parede  
Ninguém podia  
Fazer pipi  
Porque penico  
Não tinha ali  
Mas era feita  
Com muito esmero  
Na Rua dos Bobos  
Número Zero.

# Poesias coligidas

## A miragem

Não direi que a tua visão desapareceu dos meus olhos sem vida  
Nem que a tua presença se diluiu na névoa que veio.  
Busquei inutilmente acorrentar-te a um passado de dores  
Inutilmente.

Vieste – tua sombra sem carne me acompanha  
Como o tédio da última volúpia.  
Vieste – e contigo um vago desejo de uma volta inútil  
E contigo uma vaga saudade...  
És qualquer coisa que ficará na minha vida sem termo  
Como uma aflição para todas as minhas alegrias.  
Tu és a agonia de todas as posses  
És o frio de toda a nudez  
E vã será toda a tentativa de me libertar da tua lembrança.

Mas quando cessar em mim todo o desejo de vida  
E quando eu não for mais que o cansaço da minha caminhada pela areia  
Eu sinto que me terás como me tinhas no passado –  
Sinto que me virás oferecer a água mentirosa  
Da miragem.  
Talvez num ímpeto eu prefira colar a boca à areia estéril  
Num desejo de aniquilamento.  
Mas não. Embora sabendo que nunca alcançarei a tua imagem  
Que estará suspensa e me prometerá água  
Embora sabendo que tu és a que foge  
Eu me arrastarei para os teus braços.

*24.07.1933*

## Da fidelidade

Há alguma coisa maior que nós mesmos que é a fidelidade a nós mesmos  
Flor espantosa que vive das águas cáusticas e das terras apodrecidas da  
    (prodigiosa extensão humana.  
É a sua santidade que eu quero fazer nascer destas palavras de ritmo obscuro  
E neste momento mesmo é talvez a sua inocência que eu violento com os  
    (meus dedos mártires que a desejariam sangrando.  
Ela nasce desse instante supremo em que o homem que viu a verdade sente  
    (que a sua simplicidade trágica nada poderá contra ele  
Ele que é como o país que vê a guerra no pássaro de arribação que se pousou  
    (da grande viagem sobre o seu pavilhão estendido.  
Não existe talvez nada mais belo que a miséria que habita essa alma que nós  
    (mostramos como um pavilhão estendido ao pássaro peregrino  
E talvez nada mais horrível que essa guerra que se vê nascer subitamente das  
    (entranhas da nossa miséria  
A fidelidade é como o amor da miséria pelo eterno viajante sereno  
É como um homem que à força de contemplar um rio é por sua vez  
    (contemplado por ele.  
Se é que há um lugar de Deus em cada criatura nada será fidelidade senão a  
fidelidade à falta de Deus neste lugar  
Aos sentimentos e nunca à verdade porque a verdade é o símbolo do absoluto  
    (e o absoluto é a morte do homem.  
Ai de mim! talvez eu devesse morrer porque eu digo as palavras da fé com  
    (gestos de inteligência.  
Fidelidade, lírio, anjo, mar de pureza!

*11.01.1935*

## As procelárias

De minha velha torre eu acompanho cada ano as aves que fogem dos climas  
(atrozes  
Lentas aves cuja multidão de asas batendo deixa a tempestade boiar sobre os  
(verdes oceanos dos trópicos  
E cujos corpos negros ocultam dias e dias o sol e à noite aprofundam a treva  
(no frêmito profundo da sua passagem.  
Da minha velha torre com que eu já me confundi ao Tempo e de quem sou a  
(longínqua luz que os timoneiros vêem palpitando  
E cujas escadas suspensas subi muita vez pensando atingir o céu descoberto  
(em cima  
Da minha velha torre onde já vi o vácuo dos tufões e das calmarias  
(repousarem na sua sucessão eterna  
Eu sigo cada inverno essas estranhas peregrinas fartas em cujas garras  
(pendentes parecem se suspender catástrofes  
Eu, a quem foi dada a suprema liberdade da visão incessante dos horizontes  
(nas auroras e nas tardes  
A quem foi dada a significação suprema das correntes invisíveis e da  
(inconstância dos ventos e a quem  
Foi dada a palavra luminosa só ela capaz de dirigir o movimento dos portos  
(do mundo  
Eu durante eras nada compreendi dessas dolorosas fugitivas mas em cuja  
(imutável rotina sentia a fatalidade de alguma missão a cumprir...  
"Às vezes sonhava que elas eram escravas de Deus prisioneiras de um  
(misterioso plano cujo movimento fizesse girar a terra  
Outras, que eram anjos tombados, para quem não bastasse o inferno e cujo  
(castigo fosse a eterna imagem proibida do céu no espelho das águas  
E sobre que elas de quando em quando mergulhassem, não para se  
(alimentarem de peixes, mas para conseguirem as nuvens e as estrelas  
E outras, que eram almas vagabundas, irmandade pródiga dos campos  
(santos, sequiosas de um espaço em renovamento, que sei mais...  
Mas agora, talvez por tê-las visto tão de perto que cheguei a lhes sentir a  
(rigidez da carne  
Talvez porque ouvi um grito partir da sua massa escura e julguei reconhecer  
(cheio de horror a própria voz que trago na vida  
Eu sei quem elas são e por isso canto quando lhes sinto o palpitar das asas  
(que me chega mais cedo porque a minha velha torre é alta e tudo sabe.  
Da minha velha torre eu direi, nessa linguagem que aprendi no silêncio e na  
(emoção das fontes da vida  
Nessa linguagem que se foi dada a muito poucos é porque só deve ser  
(escutada por pouquíssimos  
Eu direi, com a tristeza de me saber o mais fraco e o mais desolado e de me  
(sentir gritando fora de mim por esse mundo contra o que nada posso:  
Elas são os Destinos dos homens – sempre que um homem clama há um  
(homem que escuta  
E é como se em todo o clamor houvesse um apelo de paz e em toda a escuta

(uma necessidade de amargura  
Nessa ordem de almas caminhando das dilacerações para os grandes vazios  
(íntimos  
As procelárias são como as imagens dos Destinos trazendo e fugindo as  
(tempestades mas trazendo e fugindo  
E deixando em cada ser o que tirou de outros e arribando continuamente nos  
(ciclos...

É por isso que eu acompanho cada ano as procelárias que voltam dos climas  
(atrozes  
Na esperança de que ouça um dia o mesmo grito que ouvi e em que julguei  
(reconhecer minha fala  
Para que eu possa mostrar ao meu miserável pássaro, satélite da minha  
(passada descrença e impostura  
A grande procelária branca que vive agora em mim e cujas asas enormes se  
(estendem por todos os horizontes  
E que olhando o céu noturno canta com voz de rouxinol baladas perdidas de  
(comoção e de ternura  
Os belos seios embebidos no mar que se alimenta deles e que cresce,  
(cresce, cresce, pelo meu sexo, pelo meu peito, pelos meus olhos...

*08.06.1935*

## **Fuga e adágio**

Vou sair correndo desta cidade em busca de um lugar qualquer onde possa  
(escrever o poema da minha desgraça  
Vou, porque já é demais para mim o espetáculo incessante da simulação e  
(inexpressão das almas  
Vou sair correndo, correndo... correndo pelas avenidas, pelas ruas, através  
(os homens vestidos e as mulheres nuas  
E os edifícios... vou sair, fugindo, fugindo dos olhares estéreis dos edifícios,  
(correndo pelas ruas como um ladrão que se sentisse perseguido  
Vou sair, vou movimentar toda essa gente fazendo com que me olhem, vou  
(parar os carros fazendo com que não me matem, vou  
Porque não posso mais desse irremediável – vou – tão maior e tão mais fraco  
(do que eu mesmo, que me leva e me deixa gravado em todas as faces  
(da vida...

*08.06.1935*

## **A ponte de Van Gogh**

O lugar não importa: pode ser o Japão, a Holanda, a campina inglesa.  
Mas é absolutamente preciso que seja domingo.

O azul do céu ecoa na esmeralda do rio  
E o rio reflete docemente as margens de relva verde-laranja  
Dir-se-ia que da mansão da esquerda voou o lençol virginal de miss  
Para ser no céu sem mancha a única nuvem.  
A calma é velha, de uma velhice sem pátina  
As cores são simples, ingênuas  
A estação é feliz: o guarda da ponte chegou a pintar  
De listas vermelhas o teto de sua casinhola.  
E, meu Deus, se não fossem esses diabinhos de pinheiros a fazer caretas  
E a pressa com que o homem da charrete vai:  
– A pressa de quem atravessou um vago perigo  
Tudo estivesse perfeito, e não me viesse esse medo tolo de a pequena ponte  
levadiça  
Desabe e se molhe o vestido preto de Cristina Georgina Rosseti  
Que vai de umbrela especialmente para ouvir a prédica do novo pastor da vila.

*Itatiaia, 09.1937*

## O eleito

Quando eu era menor na grande moradia  
De minha avó materna e de meu pobre avô  
Muitas vezes senti, como alguém que sonhou  
Pesar sobre meu corpo o olhar da minha tia

Miserável, na frente mesmo dos avós  
Que, velhos, sem amor, conversavam comigo  
Deixava-me molhar de um riso de mendigo  
Tremendo à comoção de uma volúpia atroz.

Na penumbra da sala lívida, amarela  
Que te viu, minha mãe, antes de mãe, ser filha  
Faminto como um cão no cio, sem família  
Tocava sob a mesa a perna quente dela.

Ficava assim, as mãos geladas, os pés úmidos  
Sem forças para olhar aquela mulher feia  
Que tinha pêlos oleosos sob a meia  
E esmagava na blusa os belos seios túmidos.

A náusea de mim mesmo abria-me a garganta  
Tão forte quanto o mal que me engrossava o sangue  
E era como se eu fosse alguma coisa exangue  
E como se ela fosse alguma coisa santa.

Meus sonhos de beleza e meus votos de ideal  
Debandavam como asas tristes e malferidas  
Meu sonho era beijar as nádegas partidas  
Ao desvendar o nu daquele ser fatal.

Com mãos fantásticas eu via-me, anjo impuro  
Ereto na treva, o ventre despido a meio  
Feroz, a mastigar-lhe a carne azul do seio  
Sentindo-me ferir no seu corpete duro.

Por fim, sem poder mais, contendo à toa o hausto  
Do gozo, corria a chorar para o banheiro  
Onde, entre vômitos, o olfato aberto ao cheiro  
Acre, masturbava-me até ficar exausto.

Quem jamais poderá dizer o medo louco  
O indizível pavor de voltar que me vinha  
De transpor a porta, olhar minha avó velhinha  
E meu finado avô, que adormecera um pouco.

E entretanto, cheio de angústia, delicado  
De angústia, voltava, abria de manso a porta  
Incapaz de ferir aquela paz já morta  
Com a mais leve emoção de me sentir culpado.

Pobre criança! que Deus implacável fizera  
Que perdesse tão cedo as ilusões mais belas  
Tu que devias ir viajando entre as estrelas  
A cantar e a correr tonto de primavera?!

*Itatiaia, 09.1937*

### **Deram-me fogo ao gesto terno... (s/ título)**

Deram-me fogo ao gesto terno  
Com que a matei de simpatia  
Ao descrever-lhe o santo inferno  
Do seu riso no dia.

Diria como eu me disse: – Vai  
Ao velho adro ao pé do monte  
E com tuas meigas mãos de pai  
Faz jorrar essa fonte.

– Não! – ouvi eu a voz de um monge  
Clamando viva em meu deserto.  
Olha que a fonte fica longe  
E o teu desejo perto.

E ao sol das doze em Ouro Preto  
A minha jovem normalista  
De pele branca e trança preta  
Sumiu da minha vista.

*Oxford, 1938*



## **Soneto de criação**

Deus te fez numa fôrma pequenina  
De uma argila bem doce e bem morena  
Deu-te uns olhos minúsculos de china  
Que parecem ter sempre um olhar de pena.

Banhou-te o corpo numa fonte fina  
Entre os rubores de uma aurora amena  
E por criar-te assim, leve e pequena  
Soprou-te uma alma cálida e divina.

Tão formosa te fez, tão soberana  
Que dar-te aos anjos por irmã queria  
Mas ao plasmar-te a carne predileta

Deus, comovido, te criara humana  
E para tua justa moradia  
Atirou-te nos braços do poeta.

*Rio de Janeiro, 28.03.1938*

**Ah, como eram belos neste instante os ermos marítimos...** (s/ título)

Ah, como eram belos neste instante os ermos marítimos  
E como era misterioso e distante o poente da cinza  
Que como um fato, oculto nos pálidos confins  
Abria a pupila amarela da Lua, em carícias e ritmos...

E ela veio até mim, diáfana, por entre a teia  
Da neblina, e eu, lírico de emoção, prendi-a, e amei-a  
E nas bordas do mar, entre os sussurros de outras vagas  
Confiei-lhe os carinhos da outra amiga, de outras plagas...

No entanto fiquei, entre o horizonte leve e a noite leve  
O corpo atento e o gesto breve, sobre a areia  
E o mar, verde como o meu desejo, me trazia a sereia  
Que vinha sem cantos, e com encantos que a voz não descreve.

Lembro-me até que os seus seios eram brancos como a borracha  
E nela se prendiam as algas da maré baixa  
E que o seu sexo era puro e alto, e negro  
O pêlo sedoso que o vestia, e cuja fartura me alegrou.

No amor, seu corpo agonizara em mil transportes  
E seu gozo vibrava em Betelgeuse, a estrela  
Que alta, no espelho do céu, era o infinito dela  
Assim como uma vida é o espelho de mil mortes.

E depois, quando ela se foi, sem remorso e sem vida  
Já nada mais restava da amiga desmerecida  
E era como se o oceano verde, a murmurar de novo  
Contivesse todo o meu afeto, e o meu desejo, e o meu segredo...

E foi num dia, como eu estivesse a apascentar  
A minha tristíssima poesia, pelas campinas cêrulas do mar  
Que veio e fugiu uma cigana, visão de luz e ouro  
E que tinha olhos azuis amanhecendo um véu louro...

*Quarta-Feira da Paixão, 02.1938*

## **Soneto de um casamento**

Na sala de luz lívida, sorriam  
Sombras imóveis; e outras lacrimosas  
Perseguiam lembranças dolorosas  
Na exaltação das flores que morriam.

Em vácuos de perfume, descaíam  
Diáfanos, de diáfanas mãos piedosas  
Fátuos sons de brilhantes que freíam  
Entre a crepitação lenta das rosas.

Nas taças cheias acendiam círios  
Votivos, e entre as taças e entre os lírios  
Vozes veladas, nessa mesa posta

Velavam... enquanto plácida e perdida  
Irreal e longínqua como a vida  
Toda de branco perpassava a Morta.

*02.05.1938*

## **Nessa sala perdida na Inglaterra... (s/ título)**

Nessa sala perdida na Inglaterra  
Vivo entre coisas mortas, vivo e mudo  
Poeta louco e triste, eu te saúdo  
No teu quarto de século na terra

Não te valha essa máscara de estudo  
Nem te sirva essa máscara de guerra  
Valha-te essa tristeza que te aterra  
E essa loucura que em tua alma é tudo

Mova-te o sangue que em teu ser lateja  
Leve-te o estro lúcido e distante  
Que consomes nos copos de cerveja

Leve-te a vida ao bem da tua amante  
E a morte, que do túmulo te beija  
Viva-te como um momento deste instante.

*Oxford, 19.10.1938*

## **Quando me ergui ela dormia, nua... (s/ título)**

Quando me ergui ela dormia, nua  
E sorria, em seu sono desmaiada  
Tinha a face longínqua e iluminada  
E alto, seu sexo sugava a Lua.

Toquei-a, ela fremiu, gemeu, na sua  
Doce fala, e bateu a mão alçada  
No ar, e foi deixá-la de guardada  
Sob a nádega fria, forte e crua

Tão louca a minha amiga, linda e louca  
Minha amiga, em seu branco devaneio  
De mim, eu de amor pouco e vida pouca

Mas que tinha deixado sem receio  
Um segredo de carne em sua boca  
E uma gota de leite no seu seio.

*Oxford, 01.11.1938*

## **Poema feito para chegar aos ouvidos de Santa Teresa**

Não quero ir pro inferno  
Santa Teresinha  
Quero é ir pro céu  
Que é boa terrinha  
Mas se eu for pro céu  
Você me procura?  
Você me namora,  
Santa Teresinha?  
Você me namora, hein, santa Teresinha?

*31.01.1939*

## Soneto da Ilha

Eu deitava na praia, a cabeça na areia  
Abria as pernas aos alísios e ao luar  
Tonto de maresia; e a mão da maré cheia  
Vinha coçar meus pés com seus dedos de mar.

Longos êxtases tinha; amava a Deus em ânsia  
E a uma nudez qualquer ávida de abandono  
Enquanto ao longe a clarineta da distância  
Era também um mar que me molhava o sono.

E adormecia assim, sonhando, vendo e ouvindo  
Pulos de peixes, gritos frouxos, vozes rindo  
E a lua virginal arder no plexo

Estelar, e o marulho das ondas sucessivas  
Da monção, até que alguma entre as mais vivas  
Mansa, viesse desaguar pelo meu sexo.

*Quarta feira de cinzas, Niterói, 02.1941*

## **A Berlim**

Vós os vereis surgir da aurora mansa  
Firmes na marcha e uníssonos no brado  
Os heróicos demônios da vingança  
Que vos perseguem desde Stalingrado.

As mãos queimadas do fuzil candente  
As vestes podres de granizo e lama  
Vós os vereis surgir subitamente  
Aos heróicos prosélitos do Drama.

De início mancha tateante e informe  
Crescendo às sombras da manhã exangue  
Logo o vereis se erguer, o Russo enorme  
Sob um sol rubro como um punho em sangue.

E ao seu avanço há de ruir a Porta  
De Brandemburgo, e hão de calar os cães  
E então hás de escutar, Cidade Morta  
O silêncio das vozes alemãs.

*Rio de Janeiro, 03.02.1945*

### **Notas**

*A Berlim*

*Às vésperas da queda de Berlim*

## **Soneto a quatro mãos**

*(com Paulo Mendes Campos)*

Tudo de amor que existe em mim foi dado.  
Tudo que fala em mim de amor foi dito.  
Do nada em mim o amor fez o infinito  
Que por muito tornou-me escravizado.

Tão pródigo de amor fiquei coitado  
Tão fácil para amar fiquei proscrito.  
Cada voto que fiz ergueu-se em grito  
Contra o meu próprio dar demasiado.

Tenho dado de amor mais que coubesse  
Nesse meu pobre coração humano  
Desse eterno amor meu antes não desse.

Pois se por tanto dar me fiz engano  
Melhor fora que desse e recebesse  
Para viver da vida o amor sem dano.

*12.08.1945*

## **O camelô do amor** *(poesia)*

O Amor tonifica o cabelo das mulheres  
Torna-o vivo e dá-lhe um brilho natural.  
Ondulações permanentes? só das do amor. Amai!  
Nada melhor que o Amor para as moléstias do couro cabeludo.

O Amor ilumina os olhos das mulheres  
Olhos sem cor? Amor! Olhos injetados?  
Colírio lágrimas de Amor! Amai mulheres!  
O Amor branqueia a córnea, acende a íris, dilata as pupilas cansadas.

O Amor limpa de rugas a fronte das mulheres  
Para pés-de-galinha, beijos de Amor. Tende sempre em mente:  
O Amor coroa as mulheres de pesados diademas invisíveis  
Amai mulheres! A mulher que ama move-se dignamente.

O Amor heleniza o nariz das mulheres  
Quando não dá-lhes delicados ricos, particularmente nas asas.  
Narizes gordurosos, com propensão a cravos, acnes ou espinhas?  
Amai, mulheres! esfregando de leve os narizes de encontro ao nariz amado.

Amor horizontal é melhor e não faz mal. Bocas plenas rosadas palpitantes?  
Beijos de Amor constantes! mantêm-nas bem lubrificadas.  
Se quereis conservar aceso o ardor dos que vos amam  
Beijai, mulheres! doce, triste, alegre, violentamente apaixonadas.

Nem Ardens, nem Rubinsteins: morte às pomadas!  
Pomadas, cremes, só de amor, amadas!  
Pele jovem e macia? amai se possível todo o dia  
E ante o esplendor de vossas peles há de ruborizar-se a madrugada.

O Amor estimula extraordinariamente a higiene bucal  
Os amorosos lavam-se os dentes, dão-se massagens nas gengivas, limpam-se  
(as línguas com água e sal  
Que é, como todos sabem, o composto químico da saliva  
Que conseqüentemente se ativa impedindo a halitose e tornando a carícia  
(palatal.

Não sabe aquela que só compra Lifebuoy?  
Perdeu o marido e nunca soube como foi.  
Sim, lavai-o debaixo de vossas asas, ó anjos, mas nada de exagero:  
Uma axila sem cheiro pode levar um homem ao desespero.

Basta de pastas: ó tu que transportas o leite contigo  
Bom até a última gota! sou teu amigo ouve o que te digo;  
Se amares o sangue funcionará melhor em tuas glândulas mameares  
E terás seios autodidatas firmes objetivos singulares.



Chega de plásticas cirúrgicas, radioterapias e outras perfumarias  
Vivei e amai ao sol: para aquele que vos ama vossos defeitos são poesia  
Nada mais lindo que a feiúra da mulher amada.  
Por isso eu sempre digo: qual regulador qual nada!

Regulador? besteira! Amai, mulheres. A verdadeira  
Saúde da mulher está em ser boa companheira  
Dê e tome, tome e mate, e mate de Amor. A mulher que se preza  
Sabe sorrir. Conserve o seu sorriso. Valha o quanto pesa.

Se é de Amor, é bom. Eu sempre digo, e faço figa  
Do que me diga não ser melhor que óleo de fígado.  
Pois além de excitar o metabolismo basal  
Para o simpático é o tônico ideal.  
Eis o seu mal, não amar. Daí, decerto, a causa  
Dessas palpitações, enxaquecas e náuseas...  
O espetáculo começa quando a senhora chega. Espere um instante por favor  
E repita comigo, bem devagar: A-M-O-R.

*Los Angeles, 20.11.1946*

## **Soneto do amigo**

Enfim, depois de tanto erro passado  
Tantas retaliações, tanto perigo  
Eis que ressurgue noutro o velho amigo  
Nunca perdido, sempre reencontrado.

É bom sentá-lo novamente ao lado  
Com olhos que contêm o olhar antigo  
Sempre comigo um pouco atribulado  
E como sempre singular comigo.

Um bicho igual a mim, simples e humano  
Sabendo se mover e comover  
E a disfarçar com o meu próprio engano.

O amigo: um ser que a vida não explica  
Que só se vai ao ver outro nascer  
E o espelho de minha alma multiplica...

*Los Angeles, 07.12.1946*

## Soneto ao caju

Amo na vida as coisas que têm sumo  
E oferecem matéria onde pegar  
Amo a noite, amo a música, amo o mar  
Amo a mulher, amo o álcool e amo o fumo.

Por isso amo o caju, em que resumo  
Esse materialismo elementar  
Fruto de cica, fruto de manchar  
Sempre mordaz, constantemente a prumo.

Amo vê-lo agarrado ao cajueiro  
À beira-mar, a copular com o galho  
A castanha brutal como que tesa:

O único fruto – não fruta – brasileiro  
Que possui consistência de caralho  
E carrega um culhão na natureza.

*Hollywood, 28.09.1947*

## Soneto do breve momento

Plumas de ninhos em teus seios; urnas  
De rubras flores em teu ventre; flores  
Por todo corpo teu, terso das dores  
De primaveras loucas e noturnas.

Pântanos vegetais em tuas pernas  
A freir de serpentes e de sáurios  
Itinerantes pelos multivários  
Rios de águas estáticas e eternas.

Feras bramindo nas estepes frias  
De tuas brancas nádegas vazias  
Como um deserto transmutado em neve.

E em meio a essa inumana fauna e flora  
Eu, nu e só, a ouvir o Homem que chora  
A vida e a morte no momento breve.

*Belo Horizonte, 31.03.1952*

## **Alexandrinos a Florença**

Nessa tarde toscana, hermética e remota,  
Verde sinistro sobre antiga terracota,  
De onde, conzento-azuis, ímã-ferrugem, surgem  
Cúpulas, torres, claustros, campos: renascença  
Das coisas que passaram mas que urgem; nessa  
Tarde em Florença, ah que serenidade imensa  
Nessa tarde em que tudo parecia ir dar  
No Arno e deslizar no mesmo lugar, no  
Ponte Vecchio; ou na piazza della Signoria  
Quando, sob a luz mais exata, a estatuária  
Parecia lembrar... Nessa tarde em colinas  
Florentinas, quanta meditação nos campos  
De oliva e feno, imarcescíveis; quanta voz  
Silenciante... e aquele cipreste imenso  
No poente, imóvel... vulto secular de Dante  
Penando a morte imemorial da bem-amada...

*Rio de Janeiro, 19.05.1953*

## **Elegia de Taormina**

A dupla profundidade do azul  
Sonda o limite dos jardins  
E descendo até a terra o transpõe.  
Ter o Etna, coberto de neve, ao horizonte da mão,  
Considerado das ruínas do templo grego,  
Descansa.

Ninguém recebe conscientemente  
O carisma do azul.  
Ninguém esgota o azul e seus enigmas.

Armados pela história, pelo século,  
Aguardando o desabar do azul, o desfecho da bomba,  
Nunca mais distinguiremos  
Beleza e morte limitrofes.  
Nem mesmo debruçados  
Sobre o mar de Taormina.

Oh, intolerável beleza,  
Oh, pérfido diamante,  
Ninguém, depois da iniciação, dura  
No teu centro de luzes contrárias.

Sob o signo trágico vivemos  
Mesmo quando na alegria  
Levantamos o pão e o vinho.  
Oh, intolerável beleza  
Que sem a morte se oculta.

*Taormina, 07.1954*

## **A perda da esperança**

De posse deste amor que é, no entanto, impossível  
Este amor esperado e antigo como as pedras  
Eu encouraçarei o meu corpo impassível  
E à minha volta erguerei um alto muro de pedras.

E enquanto perdurar tua ausência, que é eterna  
Por isso que és mulher, mesmo sendo só minha  
Eu viverei trancado em mim como no inferno  
Queimando minha carne até sua própria cinza.

Mas permanecerei imutável e austero  
Certo de que, de amor, sei o que ninguém soube  
Como uma estátua prisioneira de um castelo  
A mirar sempre além do tempo que lhe coube.

E isento ficarei das antigas amadas  
Que, pela Lua cheia, em rápidas sortidas  
Ainda vêm me atirar flechas envenenadas  
Para depois beber-me o sangue das feridas.

E assim serei intacto, e assim serei tranqüilo  
E assim não sofrerei da angústia de revê-las  
Quando, tristes e fiéis como lobas no cio  
Se puserem a rondar meu castelo de estrelas.

E muito crescerei em alta melancolia  
Todo o canto meu, como o de Orfeu pregresso  
Será tão claro, de uma tão simples poesia  
Que há de pacificar as feras do deserto.

Farto de saber ler, saberei ver nos astros  
A brilharem no azul da abóbada no Oriente  
E beijarei a terra, a caminhar de rastros  
Quando a Lua no céu contar teu rosto ausente.

Eu te protegerei contra o Íncubo  
Que te espreita por trás da Aurora acorrentada  
E contra a legião dos monstros do Poente  
Que te querem matar, ó impossível amada!

*Paris, 1957*

## O sacrifício do vinho

Contra o crepúsculo  
O vinho assoma, exulta, sobreleva  
Muda o cristal da tarde em rubra pompa  
Ganha som, ganha sangue, ganha seios  
Contra o crepúsculo o vinho  
Menstrua a tarde.

Ah, eu quero beber do vinho em grandes haustos  
Eu quero os longos dedos líquidos  
Sobre meus olhos, eu quero  
A úmida língua...

O céu da minha boca  
É uma cúpula imensa para a acústica  
Do vinho, e seu eco de púrpura...  
O cantochão do vinho  
Cresce, vermelho, entre muralhas súbitas  
Carregado de incenso e paciência.  
As sinetas litúrgicas  
Erguem a taça ardente contra a tarde  
E o vinho, transubstanciado, bate asas  
Voa para o poente  
O vinho...

Uma coisa é o vinho branco  
O primeiro vinho, linfa da aurora impúbere  
Sobre a morte dos peixes.  
Mas contra a noite ei-lo que se levanta  
Varado pelas setas do poente  
Transverberado, o vinho...  
E o seu sangue se espalha pelas ruas  
Inunda as casas, pinta os muros, fere  
As serpentes do tédio; dentro  
Da noite o vinho  
Luta como um Laocoonte  
O vinho...

Ah, eu quero beijar a boca moribunda  
Fechar os olhos pânicos  
Beber a áspera morte  
Do vinho...

*Paris, 1957*

## Os bens imóveis

Sua ausência... a asa  
Roça-me, do pranto...  
Por ela, em meu canto  
Chorei tanto, tanto...  
– Não é mesmo, Casa?

Que inútil tristeza  
A vida sem ela...  
Lembra que beleza  
Vê-la entrar na sala...  
– Não é mesmo, Mesa?

E o tédio, o descaso  
Sempre que ela parte...  
E as rosas, e os cravos  
Dispostos com arte...  
– Não é mesmo, Vaso?

Não, que esta seja  
A vez derradeira...  
Ela é ou não é  
Minha companheira?...  
– Não é mesmo, Cadeira?

Porque ela me ama  
E eu a amo muito...  
E gente que se ama  
Tem que dormir junto...  
– Não é mesmo, Cama?

*Montevideu, 1959*

## **Parte, e tu verás**

Parte, e tu verás  
Como as coisas que eram, não são mais  
E o amor dos que te esperam  
Parece ter ficado para trás  
E tudo o que te deram  
Se desfaz.

Parte, e tu verás  
Como se quedam mudos os que ficam  
Como se petrificam  
Os adeuses que ficaram a te acenar no cais  
E como momentos que passaram apenas  
Perecem tempos imemoriais.

Parte, e tu verás  
Como o que era real, resta impreciso  
Como é preciso ir por onde vais  
Com razão, sem razão, como é preciso  
Que andes por onde estás.

Parte, e tu verás  
Como insensivelmente esquecerás  
Como a matéria de que é feito o tempo  
Se esgarça, se dilui, se liquefaz  
E qualquer novo sentimento  
Te compraz

Repara como um novo sofrimento  
Te dá paz  
Repara como vem o esquecimento  
E como o justificas  
E como mentes insensivelmente  
Porque és, porque estás

Ah, eterno limite do presente  
Ah, corpo, cárcere, onde faz  
O amor que parte e sente  
Saudade, e tenta, mas  
Para viver, subitamente, mente  
Que já não sabe mais  
Vida, o presente; morte, o ausente –  
Parte, e tu verás...

*1961*



## **Exumação de Mário de Andrade**

*No 17º ano da sua morte e no 40º do seu nascimento  
Na semana de Arte Moderna*

Minha casa de Saint Andrews Place.  
Duas da manhã. Abro uma gaveta  
Com um gesto sem finalidade  
E dou com o retrato do poeta  
Me olhando, Mário de Andrade.

Seus olhos nem por um segundo  
Piscam. O poeta me encara  
E eu vejo pela sua cara  
Que o poeta quer ser exumado  
Daquela gaveta, desde muito.

Tiro-o de lá. Com mão amiga  
Limpo a poeira que lhe embaça  
O rosto e suja-lhe a camisa  
E o poeta como que acha graça.

Busco um lugar onde instalá-lo  
Na minha pequena sala fria  
Essa sala tão sem poesia  
Onde me encontro todo dia  
E onde me sento e onde me calo.

Mas não acho. Ponho-o à minha frente  
Sobre a mesa, sentindo a vertigem  
Da sensação da forma virgem  
Que assume de súbito o ambiente.

No papel branco palpitante  
Das moléculas da poesia  
A minha mão psicografa  
O antigo nome de Maria.

E na sala transverberada  
Pelo mistério da presença  
Vai se corporificando imensa  
A humana forma macerada.

Não tenho medo; mas meus pêlos  
Se eriçam, na barba e no braço

Sinto pesar o puro espaço  
Às mãos do poeta em meus cabelos.

Depois o toque cessa. Deixo  
O poeta a gosto, para que ande  
Por ali tudo, esmiuçando.  
Depois ouço o som do piano  
E olho: só vejo a vasta fronte  
Os óculos e o queixo grande  
Do poeta, se desincorporando.

E fico só: só como um vivo  
Cheio de angústia e de saudade  
E corro à porta, e olhando aflito  
O silêncio, murmuro empós o bom amigo:  
– Volte sempre, Mário de Andrade...

*Los Angeles, outubro de 1946*  
*Petrópolis, fevereiro de 1962*

## O haver

Resta, acima de tudo, essa capacidade de ternura  
Essa intimidade perfeita com o silêncio  
Resta essa voz íntima pedindo perdão por tudo  
– Perdoai-os! porque eles não têm culpa de ter nascido...

Resta esse antigo respeito pela noite, esse falar baixo  
Essa mão que tateia antes de ter, esse medo  
De ferir tocando, essa forte mão de homem  
Cheia de mansidão para com tudo quanto existe.

Resta essa imobilidade, essa economia de gestos  
Essa inércia cada vez maior diante do Infinito  
Essa gagueira infantil de quem quer exprimir o inexprimível  
Essa irreduzível recusa à poesia não vivida.

Resta essa comunhão com os sons, esse sentimento  
Da matéria em repouso, essa angústia da simultaneidade  
Do tempo, essa lenta decomposição poética  
Em busca de uma só vida, uma só morte, um só Vinicius.

Resta esse coração queimando como um círio  
Numa catedral em ruínas, essa tristeza  
Diante do cotidiano; ou essa súbita alegria  
Ao ouvir passos na noite que se perdem sem história...

Resta essa vontade de chorar diante da beleza  
Essa cólera em face da injustiça e do mal-entendido  
Essa imensa piedade de si mesmo, essa imensa  
Piedade de si mesmo e de sua força inútil.

Resta esse sentimento de infância subitamente desentranhado  
De pequenos absurdos, essa capacidade  
De rir à toa, esse ridículo desejo de ser útil  
E essa coragem para comprometer-se sem necessidade.

Resta essa distração, essa disponibilidade, essa vagueza  
De quem sabe que tudo já foi como será no vir-a-ser  
E ao mesmo tempo essa vontade de servir, essa  
Contemporaneidade com o amanhã dos que não tiveram ontem nem hoje.

Resta essa faculdade incoercível de sonhar  
De transfigurar a realidade, dentro dessa incapacidade  
De aceitá-la tal como é, e essa visão  
Ampla dos acontecimentos, e essa impressionante

E desnecessária presciência, e essa memória anterior  
De mundos inexistentes, e esse heroísmo  
Estático, e essa pequenina luz indecifrável  
A que às vezes os poetas dão o nome de esperança.

Resta esse desejo de sentir-se igual a todos  
De refletir-se em olhares sem curiosidade e sem memória  
Resta essa pobreza intrínseca, essa vaidade  
De não querer ser príncipe senão do seu reino.

Resta esse diálogo cotidiano com a morte, essa curiosidade  
Pelo momento a vir, quando, apressada  
Ela virá me entreabrir a porta como uma velha amante  
Mas recuará em véus ao ver-me junto à bem-amada...

Resta esse constante esforço para caminhar dentro do labirinto  
Esse eterno levantar-se depois de cada queda  
Essa busca de equilíbrio no fio da navalha  
Essa terrível coragem diante do grande medo, e esse medo  
Infantil de ter pequenas coragens.

*15.04.1962*

## **Medo de amar**

O céu está parado, não conta nenhum segredo  
A estrada está parada, não leva a nenhum lugar  
A areia do tempo escorre de entre meus dedos  
    Ai que medo de amar!

O sol põe em relevo todas as coisas que não pensam  
Entre elas e eu, que imenso abismo secular...  
As pessoas passam, não ouvem os gritos do meu silêncio  
    Ai que medo de amar!

Uma mulher me olha, em seu olhar há tanto enlevo  
Tanta promessa de amor, tanto carinho para dar  
Eu me ponho a soluçar por dentro, meu rosto está seco  
Ai que medo de amar!

Dão-me uma rosa, aspiro fundo em seu recesso  
E parto a cantar canções, sou um patético jogral  
Mas viver me dói tanto! e eu hesito, estremeço...  
    Ai que medo de amar!

E assim me encontro: entro em crepúsculo, entardeço  
Sou como a última sombra se estendendo sobre o mar  
Ah, amor, meu tormento!... como por ti padeço...  
    Ai que medo de amar!

*Petrópolis, 02.1963*

## **Amigo Di Cavalcanti...** (s/ título)

Amigo Di Cavalcanti

A hora é grave e

inconstante.

Tudo aquilo que prezamos

O povo, a arte, a cultura

Vemos sendo desfigurado

Pelos homens do passado

Que por terror ao futuro

Optaram pela tortura.

Poeta Di Cavalcanti

Nossas coisas bem-amadas

Neste mesmo exato instante

Estão sendo desfiguradas.

Hay que luchar, Cavalcanti

Como diria Neruda.

Por isso, pinta, pintor

Pinta, pinta, pinta, pinta

Pinta o ódio e pinta o amor

Com o sangue de tua tinta

Pinta as mulheres de cor

Na sua desgraça distinta

Pinta o fruto e pinta a flor

Pinta tudo que não minta

Pinta o riso e pinta a dor

Pinta sem abstracionismo

Pinta a Vida, pintador

No teu mágico realismo!

Carioca Di Cavalcanti:

Na rua do Riachuelo

Nasceste, a 6 de setembro

Do ano noventa e sete.

Infante, foste criado

No bairro de São Cristóvão

Na chácara do avô materno

Emiliano Rosa de Senna

(Nome de avô de pintor!)

Orgulhoso proprietário

Do antigo morro do Pinto

(Quem sabe não vem de herança

O teu amor às mulatas?)

Logo os bairros se renovam:

Botafogo, Glória (hotel)

Copacabana e Catete

(O Catete de onde nunca

Deverias ter saído

E ao qual agora voltaste

Humilde e reconhecido).

Moraste no hotel Central  
E no hotel dos Estrangeiros:  
Ambos desaparecidos  
E onde à tarde, entre os amigos  
Tomavas, e com que gosto  
O melhor uísque do mundo!  
Paquetá, um céu profundo  
Que não sabe onde acabar  
Viu-te muito passear  
Ó genial vagabundo!  
– Quantas vezes foste à Europa  
Dize-me, grão-vagamundo?

No ano de trinta e oito  
Em Paris te descobri  
Rimos e bebemos muito  
Nos bares de por ali  
Lembras-te, Di? Consue-  
Lo de Saint-Exupéry  
Saía sempre conosco  
E mais o sargento Thyrsó  
Que uma noite lá, por pouco  
Não sai no braço comigo.  
Como foste meu irmão!  
Como eu fiquei teu amigo!  
E no México, te lembras?  
Com Neruda e com Siqueiros  
E a linda Maria Asúnsolo  
Que tenía blanco el pelo  
Bebemos tanta tequilla  
Que até dava gosto ver-nos  
A comer com gulodice  
Um prato de tacos pleno!  
Mais de setecentas luas  
Ungiram tua cabeça  
Que hoje é branca como a Lua  
Mas continua travessa...  
Que bom existas, pintor  
Enamorado das ruas  
Que bom vivas, que bom sejas  
Que bom lutes e construas:  
Poeta o mais carioca  
Pintor o mais brasileiro  
Entidade a mais diletta  
Do meu Rio de Janeiro  
– Perdão, meu irmão poeta:  
Nosso Rio de Janeiro!

*São Paulo, nos 66 anos do pintor mais jovem do Brasil, 06.09.1963*

## **Cemitério marinho**

Tal como anjos em decúbito  
A conversar com o céu baixinho  
Existem cerca de cem túmulos  
Num lindo cemiteriozinho  
Que eu, a passeio, descobri  
Um dia em Sidi Bou Said.

Mal defendidos por uns muros  
Erguidos ao sabor da morte  
Eu nunca vi mortos tão puros  
Mortos assim com tanta sorte  
As lajes de cal como túnicas  
Brancas, e árabes; não púnicas.

Sim, porque cemiteriozinho  
Nunca se viu assim tão árabe  
Feito o beduíno que é sozinho  
Ante o deserto que lhe cabe  
E mudo em face do horizonte  
Sem uma sombra que o confronte.

Pequenos paralelepípedos  
Fendidos uns, conforme o sexo  
Eis suas lápides: antípodas  
Das que se vêem num cemitério  
De gente do nosso pigmento:  
Os nossos mortos de cimento.

Quem se deixar de tarde ali  
Isento de mágoa ou conflito  
A olhar o mar (sem Valéry!)  
Como um espelho de infinito  
E o céu como um anti-recôncavo:  
Como o convexo de um côncavo

Acabará (comigo deu-sel!)  
Ouvindo os mortos cochicharem  
Alegremente, eles e Deus  
Mas não o nosso: o Deus dos árabes  
Que não fez Sidi Bou Said  
Para os prazeres de André Gide

Mas sim porque a vida segue  
E o tempo pára, e a morte é um canto  
Porque morrer é coisa alegre  
Para quem vive e sofre tanto



Como no cemiteriozinho, ali  
Ao céu de Sidi Bou Said.

*Sidi Bou Said, outubro de 1963  
Florença, novembro de 1963*

## **Alexandra, a caçadora**

Que Alexandre, o Grande é grande  
Todos sabemos de cor  
Mas nunca como Alexandra  
Porque Alexandra é a maior!

Olhem bem o nome: rima  
Com força locomotriz  
Pode subir serra acima  
Pode voar a Paris.

No entanto é nena pequena  
Tamanho de um berço exato  
Coube dentro da Madeleine  
Cabe na mão do Renato.

Alexandra Archer: em francês  
É Arqueira – fora ou não fora  
Mas em língua brasileira  
É Alexandra, a Caçadora!

Vai, caçadorinha, caça!  
A vida com as tuas setas  
E caça o tempo que passa  
No olhar triste dos poetas.

Porque, anjo, um já flechaste  
De fato há muitos indícios...  
– Broto de rosa ainda em haste  
Nem tem dúvidas! – caçaste  
O coração do  
    Vinicius

*07.1964*

## **Na esperança de teus olhos**

Eu ouvi no meu silêncio o prenúncio de teus passos  
Penetrando lentamente as solidões da minha espera  
E tu eras, Coisa Linda, me chegando dos espaços  
Como a vinda impensada de uma nova primavera.  
Vinhas cheia de alegria, coroada de guirlandas  
Com sorrisos onde havia burburinhos de água clara  
Cada gesto que fazias semeava uma esperança  
E existiam mil estrelas nos olhares que me davas.  
Ai de mim, eu pus-me a amar-te, pus-me a amar-te mais ainda  
Porque a vida no meu peito se fizera num deserto  
E tu apenas me sorrias, me sorrias, Coisa Linda  
Como a fonte inacessível que de súbito está perto.  
Pelas rútilas ameias do teu riso entreaberto  
Fui subindo, fui subindo no desejo de teus olhos  
E o que vi era tão lindo, tão alegre, tão desperto  
Que do alburno do meu tronco despontaram folhas novas.  
Eu te juro, Coisa Linda: vi nascer a madrugada  
Entre os bordos delicados de tuas pálpebras meninas  
E perdi-me em plena noite, luminosa e espiralada  
Ao cair no negro vórtice letal de tuas retinas.  
E é por isso que eu te peço: resta um pouco em minha vida  
Que meus deuses estão mortos, minhas musas estão findas  
E de ti eu só quisera fosses minha primavera  
E só espero, Coisa Linda, dar-te muitas coisas lindas...

*Rio de Janeiro, 1966*

## P(B)A(O)I

*A Carlos Drummond de Andrade,  
que com seu só título Boitempo  
me deu a chave deste poema*

Pai  
Modorrando de tarde na cadeira  
De balanço, a cabeça cai-não-cai.  
Pai  
Espantando o moscardo  
Feito o boi faz com o rabo  
Zum! iridesceu, se foi, múu.  
Pai. Ah, como dói  
Lembrar-te assim, pai pé-de-boi  
Sentado à mesa mastigando sonhos  
Boipai, entre as samambaias e avencas  
Do pequeno jardim, utilinútil, ai...  
Paiboi, paiboiota, boipapai  
Babando amor no curral das acácias  
Quebrando ferrolhos com a força  
Dos cascos fendidos para não entrar mais boi  
No chão de dentro, igual a mim...  
Ah, como dói lembrar-te, boi  
Triste, boiassim, a córnea branca  
No olho trágico, ruminando o medo  
Pelo novinho tresmalhado.  
Pai. Boi.  
Olhando do portão o chão de fora  
Na noite escura, múu, à espera. Onde estou eu  
Teu vitelão insone, onde?  
Nas tetas de que rês? Em que pasto?  
Que não o teu, e da boeira  
Que também já se foi? Boipai  
Paiboi.  
Muge-me, boi-espaco  
Da tua eternidade as cantigas  
Mais lindas que soavas com teus dedos  
Ungulados nas cordas da viola  
Hoje partida. Geme  
Boi-da-guia, tua nunca boesia  
Dá-me, boi-de-corte  
Um quilo de tua alcatra decomposta  
Tua língua comida  
Um carrinho de mão de tua bosta  
Com que fertilizar minha poesia  
Neste instante transposta.  
Para plantar meu novo verso

Menos eu, mais canção, menos enxerto  
Não posso prescindir da tua morte  
Teus ossos, teu estrume  
Tu bom pai, tu boipai, tu boiconsorte  
Eu boiciúme.

*Rio de Janeiro, 06.1969*

### **Soneto de luz e treva**

*Para a minha Gesse, e para que  
ilumine sempre a minha noite*

Ela tem uma graça de pantera  
No andar bem-comportado de menina.  
No molejo em que vem sempre se espera  
Que de repente ela lhe salte em cima.

Mas súbito renega a bela e a fera  
Prende o cabelo, vai para a cozinha  
E de um ovo estrelado na panela  
Ela com clara e gema faz o dia.

Ela é de capricórnio, eu sou de libra  
Eu sou o Oxalá velho, ela é Inhansã  
A mim me enerva o ardor com que ela vibra

E que a motiva desde de manhã.  
– Como é que pode, digo-me com espanto  
A luz e a treva se quererem tanto...

*Itapuã, 08.12.1971*

## **Soneto no Sessentenário de Rubem Braga**

Sessenta anos não são sessenta dias  
Nem sessenta minutos, nem segundos...  
Não são frações de tempo, são fecundos  
Zodíacos, em penas e alegrias.

São sessenta cometas oriundos  
Da infinita galáxia, nas sombrias  
Paragens onde Deus resgata mundos  
Desse caos sideral de estrelas-guias.

São sessenta caminhos resumidos  
Num só; sessenta saltos que se tenta  
Na direção de sóis desconhecidos

Em que a busca a si mesma se contenta  
Sem saber que só encontra tempos idos...  
Não são seis, nem seiscentos: são sessenta!

*Itaguá, 12.01.1973*

## A cidade antiga

Houve tempo em que a cidade tinha pêlo na axila  
E em que os parques usavam cinto de castidade  
As gaivotas do Pharoux não contavam em absoluto  
Com a posterior invenção dos kamikazes  
De resto, a metrópole era inexpugnável  
Com Joãozinho da Lapa e Ataliba de Lara.

Houve tempo em que se dizia: LU-GO-LI-NA  
U, loura; O, morena; I, ruiva; A, mulata!  
Vogais! tônico para o cabelo da poesia  
Já escrevi, certa vez, vossa triste balada  
Entre os minuetos sutis do comércio imediato  
As portadoras de êxtase e de permanganato!

Houve um tempo em que um morro era apenas um morro  
E não um camelô de colete brilhante  
Piscando intermitente o grito de socorro  
Da livre concorrência: um pequeno gigante  
Que nunca se curvava, ou somente nos dias  
Em que o Melo Maluco praticava acrobacias.

Houve tempo em que se exclamava: Asfalto!  
Em que se comentava: Verso livre! com receio...  
Em que, para se mostrar, alguém dizia alto:  
"Então às seis, sob a marquise do Passeio..."  
Em que se ia ver a bem-amada sepulcral  
Decompor o espectro de um sorvete na Paschoal

Houve tempo em que o amor era melancolia  
E a tuberculose se chamava consumpção  
De geométrico na cidade só existia  
A palamenta dos ioles, de manhã...  
Mas em compensação, que abundância de tudo!  
Água, sonhos, marfim, nádegas, pão, veludo!

Houve tempo em que apareceu diante do espelho  
A flapper cheia de it, a esfuziante miss  
A boca em coração, a saia acima do joelho  
Sempre a tremelicar os ombros e os quadris  
Nos shimmies: a mulher moderna... Ó Nancy! Ó Nita!  
Que vos transformastes em dízima infinita...

Houve tempo... e em verdade eu vos digo: havia tempo  
Tempo para a peteca e tempo para o soneto  
Tempo para trabalhar e para dar tempo ao tempo  
Tempo para envelhecer sem ficar obsoleto...

Eis por que, para que volte o tempo, e o sonho, e a rima  
Eu fiz, de humor irônico, esta poesia acima.

## **A cidade em progresso**

A cidade mudou. Partiu para o futuro  
Entre semoventes abstratos  
Transpondo na manhã o imarcescível muro  
Da manhã na asa dos DC-4s

Comeu colinas, comeu templos, comeu mar  
Fez-se empreiteira de pombais  
De onde se vêm partir e para onde se vêm voltar  
Pombas paraestatais.

Alargou os quadris na gravidez urbana  
Teve desejos de cúmulos  
Viu se povoarem seus latifúndios em Copacabana  
De casa, e logo além, de túmulos.

E sorriu, apesar da arquitetura teuta  
Do bélico Ministério  
Como quem diz: Eu só sou a hermeneuta  
Dos códigos do mistério...

E com uma indignação quem sabe prematura  
Fez erigir do chão  
Os ritmos da superestrutura  
De Lúcio, Niemeyer e Leão.

E estendeu ao sol as longas panturrilhas  
De entontecente cor  
Vendo o vento eriçar a epiderme das ilhas  
Filhas do Governador.

Não cresceu? Cresceu muito! Em grandeza e miséria  
Em graça e disenteria  
Deu franquia especial à doença venérea  
E à alta quinquilharia.

Tornou-se grande, sórdida, ó cidade  
Do meu amor maior!  
Deixa-me amar-te assim, na claridade  
Vibrante de calor!

## **A espantosa ode a São Francisco de Assis**

**1**

Meu são Francisco de Assis, Francisco de Assim, poverello, ou como te chame  
(a sabedoria dos povos e dos homens  
Este é Vinicius de Moraes, de quem se podia dizer – o poeta – se jamais  
(alguém o pudesse ser depois de ti.

**2**

Este é o impuro, o inconstante, o trágico, o leproso e possivelmente o morto  
Que vem a ti o fiel, o calmo, o humano, o constante.

**3**

Este é o que sacrifica a vida pelo prazer da hora, e se desgrça  
Que vem a ti que sacrificaste a vida pela eternidade e pela graça.

**4**

Este é o homem da mulher, o homem da carne, o homem da terra  
E que te ama santo da Mulher, santo da Carne, santo da Terra.

**5**

Este é o que peca e não se arrepende, o suplicador e o criador do espasmo  
E que te exalta irmão humilde e louco, confidente, e inventor do êxtase.

**6**

Este é o mágico do desespero, o inquisidor e o sedutor, o poeta triste  
Que te proclama o rei, entre todos, amante sem mácula.

**7**

Meu são Francisco de Assis! acolhe teu amigo e teu criado  
Que partiu para sempre e se perdeu, e nunca mais foi encontrado.

**8**

Tenho um mistério a te dizer, mas quem sabe não o ouvirias  
Vendo-me criança – se é que eu fui criança um dia!

**9**

Ó dá-me teu sorriso, são Francisco, e me purifica  
E liberta-me da vã palavra de sonho que me impurifica!

**10**

Eis que converti meu demônio a mim e meu anjo a mim  
E me sinto demais em mim mesmo e quisera me despedaçar em ti.

**11**

Porque me sinto covarde de não poder dormir e precisar fechar a porta  
Ao vento frio ou ao chamado sombrio da pureza morta.



**12**

Ês tu um dom da minha miséria e serias o mesmo  
Se eu fosse como tu mesmo? – e te proclamaria?

**13**

E [...] porque amo a miséria em mim que me deposita em ti  
Porque não fosse eu sombra não serias sol nem pensarias em mim.

**14**

E [ ... ] porque aceito minha depravação e faço a minha queixa sem piedade  
E de todos tenho piedade menos de mim – e não há salvação para minha  
(piedade

**15**

Sou digno como o animal nobre que morre em silêncio e sem lágrimas  
E não tem limbo ou purgatório, céu ou inferno para a sua alma.

**16**

Mas sou impuro como a terra que recebe a consumação da carne  
E astuto como o fogo e plástico como a água.

**17**

Meu são Francisco, ouve o meu voto e compreende o meu vazio  
E me aquece do frio, e me protege do sonho sombrio.

**18**

Tu és a Palavra – a palavra inexistente – a poesia  
Que eu busco sem tréguas, que busco de noite e que busco de dia.

**19**

Não creio em Deus mas creio em ti – Deus é minha melancolia  
Tu és minha poesia – ou quando não seja o amor que ela se deseje

**20**

Tenho o lar e tenho o mar, e nada tenho  
Tenho a emoção – tenho-a? – nem pranto mais blues.

**21**

Na verdade muitas coisas eu tenho, e muita razão de ser feliz  
Se não existisses talvez – mas exististe, São Francisco de Assis!

**22**

Ês a infância não vivida, és a mocidade não merecida  
Ês tudo de justo feito injusto pela catástrofe da vida.

**23**

Ninguém o sabe senão tu – nem mesmo eu sei! nesse momento  
Meu pensamento é tédio mas amanhã pode ser contentamento.

**24**

Porque há em mim uma fonte pura de mal que me embriaga  
De bem, mas que subitamente me estanca o que me falta.

**25**

É a mulher, essa que me suporta e que me acaricia  
E a quem acaricio, e a quem eu rio e que se ri.

**26**

Não fosse ela, e eu estaria como Jó te mentindo,  
Porque o poeta é a semente da mentira se, no desespero, só.

**27**

Dou-te meu voto além da mulher! é a criança que te fala  
Quando subitamente se conheceu menino no grande silêncio de uma sala.

**28**

Quando brincando com o próprio sexo o surpreendeu sensível  
E o viu inteligente e emocionado e não compreendeu.

**29**

E que criou sozinho a primeira forma nua para o prazer contemplativo E que  
se deu a ela desvairado do mistério de se saber vivo.

**30**

E que a transportou na memória em amor e que foi traído  
Pelo toque de outra mão menos pura e mais desmerecida.

**31**

E que foi seviciado antes do sêmen pela desventura  
Feito mulher, e a perdoou, e a amou, e a fez sua criatura.

**32**

E que foi iniciado nos prazeres da carne como o inocente aprendiz  
A quem a mulher diz – Faz! e ele faz, tal como eu fiz.

**33**

Antes do sêmen! e não morri – e bela fiz minha criatura  
Eis por que não há salvação e eu amo a minha degradação e impostura.

**34**

Porque eu sou o sedutor, se seduzido, e o erótico, se seviciado  
E o amante, se querido, e o perdido, se privilegiado.

**35**

Porque fazemos um – eu e a mulher – e não há dois arrependimentos  
Para um só corpo – nem duas salvaçãoes para um só sentimento.

**36**

E se alguém não vem comigo eu não quero ir, porque não sou sozinho  
E se eu fosse sozinho não estava nesse momento clamando de ti

**37**

Meu são Francisco de Assis! ouve tu ao menos a minha inefável miséria  
Sem perdão e sem consolação e sem fim nos caminhos da Terra.

**38**

Ouve o apelo mais íntimo, o que não está nas minhas palavras  
E que está no meu ser infeliz e no ser infeliz que eu crio à minha passagem.

**39**

O santo, o herói e o poeta – três penitências do mundo  
Tu, santo, herói e poeta – uma penitência em mim.

**40**

Nunca te verei no céu, nem nunca me verás no inferno  
Mas hei de te escutar no estio, e tu me escutarás no inverno.

**41**

Não me verás no céu porque não há paixão para a serenidade  
Nem no inferno porque não há castigo para a fatalidade.

**42**

Mas eu te escutarei aqui na Terra, entre as grandes árvores  
A cabeça no seio da amiga, e a quem eu falo como ao pássaro.

**43**

Um dia deixarei a cidade da minha angústia e sua torre  
E irei a Assis entre colinas me abandonar à tua saudade.

**44**

E dá-me nesse dia de chorar todas as lágrimas contidas  
E de me perder em mim o pranto e de me ajoelhar no teu sepulcro.

**45**

Ó grande santo louco, meu irmão, taumaturgo em minha alma  
Taumaturgo – palavra que contém silêncio e que me acalma!

**46**

Just now I have been in a [ ... ] party in the Magdalen's cloister  
And there was an Armenian [ ... ] all the others.

**47**

Good innocent people [ ... ] some liquor in their rooms  
But was a bloody phantom between them, so help me God!

**48**

Eu sou o conhecimento perfeito das coisas e dos homens  
Linchar-me! eu sei todos os segredos, e eu me abandono.

**49**

Nunca criatura criada foi tão pagã como eu, so help me God!  
Arrastando meu ser à execração e à contemplação quieta da morte.

**50**

Em vão te direi – ou não? – porque não vens beber meu vinho  
Na minha mesa, e poderíamos falar com mais carinho.

**51**

São Francisco de Assis! meu irmão, meu único inimigo  
No céu, eu te maldigo, eu te bendigo. Eu me persigno!

**52**

Tive uma jetatura: a mulher; uma aventura: a poesia  
Uma desventura: a delicadeza. Sou delicado, não peço, mendigo!

**53**

Mendigo: mendigo o pão de meus pais, o amor de meus amigos  
Mas só a mulher me persegue e só à mulher eu persigo.

**54**

Santo! tenho gana de te dizer: fuge de mim! evita o meu contato escuro  
Porque eu sou puro na maldade e puro na sinceridade e impuro.

**55**

Quatro livros escrevi – e sou tão moço! e nada compreendo de mim  
Senão que sou cruel com a mulher, e que minha angústia não tem fim.

**56**

Fui buscado, também. Buscou-me a sociedade, o anfitrião  
E eu fui mendigo em meu salão e me desprezei e disse não.

**57**

E me mandaram a Oxford, e eu disse não, e vi jovens viscondes  
Que temeram meu pudor, e eu disse não, e me persigno!

**58**

Tudo é magia! Lembras-te? o silêncio fantástico das noites  
E a alma bêbada de emoção? e nenhum pouso.

**59**

Ah, que a vida não tem solução. Muitos o disseram em vão  
E o direi em vão, e morrerei, e os que me virem, sorrirão.

## **A infância é uma gaveta fechada, numa antiga cômoda de velhas magias... (s/ título)**

A infância é uma gaveta fechada, numa antiga cômoda de velhas magias  
A regra pode-se enunciar assim: espera-se que a avó entre para descansar,  
depois vai-se pé ante pé ver se o avô está mesmo cochilando, na cadeira de  
balanço...

– ou estará MORTO?

... não, não está porque a cabeça des-ca-ca-c ... aiu num cochilo e se  
levantou de novo sozinho, assustado, dormindo e saiu uma língua da boca que  
lambeu o bigode branco e a cabeça foi, foi e des-ca-ca-ca-ca-caiu...

O corredor é a corrida geométrica natural para a fuga de uma gargalhada  
que não se contém. O avô é o mais engraçado dos homens, o avô é tão, tão,  
tão, tão, tão...

O medo se abate sobre o Descobridor. É a doçura do nome de Margarida,  
cujo retrato à meia-luz não entreviu.

## **A morte em mim. Alguém (o medo) desce... (s/ título)**

A morte em mim. Alguém (o medo) desce  
Uma rua noturna, e de repente  
Vê, soturna, no céu, a Lua, e sente  
O horror da Lua, e súbito enlouquece.

A morte em cada ser. E alguém (a mágoa)  
Que por insone chega-se à janela  
Possui a mesma Lua dentro dela  
Que em sua carne se transforma em água.

A Poesia em tudo.  
E a doçura de não ser mais. Ficarà  
Sentado, na vertente, junto ao rio  
Vendo umas nuvens brancas, vendo o rio.

## **A mulher carioca**

A gaúcha tem a fibra  
A mineira o encanto tem  
A baiana quando vibra  
Tem isso tudo e o céu também  
A capixaba bonita  
É de dar água na boca  
E a linda pernambucana  
Ai meu Deus, que coisa louca  
A mulher amazonense  
Quando é boa é até demais  
Mas a bela cearense  
Não fica nada pra trás  
A paulista tem a erva  
Além das graças que tem  
A nordestina conserva  
Toda a vida e o querer-bem...

E a mulher carioca  
O que é que ela tem? (bis)  
Ela tem tanta coisa  
Que nem sabe que tem

Ela tem um corpinho  
Que mais ninguém tem  
Ela faz um carinho  
Melhor que ninguém  
Ela tem passarinho  
Que vai e que vem  
Ela tem um jeitinho  
De nhen-nhen-nhen-nhen

Ela tem, tem, tem... (bis)

## **A noite gargalha... os grilos... (s/ título)**

A noite gargalha... os grilos  
Trilam, trepidando as águas  
As águas correm nos trilos  
Em preces cheias de mágoas

Na solidão desse pranto  
Cheio de pressentimento  
Meu tédio morre de espanto  
Para ouvir cantar o vento

E o vento desce profundo  
Misterioso, gelado  
O vento vem de outro mundo  
Como uma voz do passado

Quem morreu?

## **A primeira namorada**

Tu me beijaste, Coisa Triste  
Justo durante a elevação  
Depois, impávida, partiste  
A receber a comunhão.  
Tinhas apenas seis ou sete  
E isso ou pouco mais eu tinha  
E tinha mais: tinhas topete!  
– Por que partiste, Coisa Minha?

Foi numa missa da matriz  
De Botafogo. Eu disse: "Cruz!  
Como é que ela vai agora  
Comer o corpo de Jesus..."  
Mas tu fizeste, Coisa Linda  
Sem a menor hipocrisia  
É que eu nem suspeitava ainda  
Da tua santropofagia...

Porque nas classes do colégio  
Onde a meu lado te sentavas  
Tornou-se diário o sacrilégio  
Durante as preces: me buscavas.  
E o olho cândido na mestra  
Que iniciava a aula depois  
Acompanhavas a palestra  
Cuidando apenas de nós dois.

Mais tarde a gente revezava  
E eu procurava tua calcinha  
E longamente acariciava  
Tua coisinha, Coisa Minha.  
Nós ficávamos sérios, sérios  
A face rubra mas atenta  
– A vida tem tantos mistérios...  
Tem ou não tem, Coisa Sardenta?

Depois casei, não com ela...  
Mas com meu segundo amor  
A mãe de Susana, a bela  
E de Pedro, o mergulhador  
Morávamos bem ali  
Junto à ladeira sombria  
Era tanta a poesia  
Que quase, quase morri.



As mulheres vinham ver-nos  
No nosso ninho de amor  
Morte na mira de Vênus  
Oxum querendo Xangô  
E eu, embora só cuidasse  
De amar-te (vê se conferes!)  
Era um pobre Lovelace...  
Não resistia às mulheres.

Mas foste (e fui) tão feliz  
Nos nossos grandes momentos  
Que não lamento o que fiz  
Nem tenho arrependimentos.  
Deste-me dois filhos lindos  
E todo o amor que tens: eu  
Embora às vezes mentindo  
Nunca dava o que era só teu.

## **A Santa de Sabará**

*À gravadora chilena Graciela Fuenzalida  
que trocou o mundo por Sabará*

A um grito da Ponte Velha  
Existe a "Pensão das Gordas"  
(Cantou-as Mário de Andrade!)  
Em Sabará. Na alpendrada  
Sobre o rio que escorrega  
A pensão mira a cidade  
Ladeira acima. Na Páscoa  
As quaresmeiras da serra  
São manchas roxas de mágoa  
E de manhã bem cedinho  
A névoa pousa na terra  
Como uma anágua de linho.  
A cidade se espreguiça  
Nas cores do casario  
Que vive a pular carniça  
Nas rampas de beira-rio.  
E é doce vê-la sorrindo  
Aos anjos do Aleijadinho  
Que na portada do Carmo  
Com bochechas inchadas  
Assopram, de tanto frio.  
Há paz na velha cidade  
Uma paz de fazer longe...  
A não ser na identidade  
De certa dona chilena  
Uma de rosto de monja  
Corpo seco, tez serena  
E que, na "Pensão das Gordas"  
Onde há seis anos assiste  
Desde o momento em que acorda  
Vive, e nem sabe que existe  
Entalhando na madeira  
As horas mais dolorosas  
Da Paixão de Jesus Cristo.  
Atende por Graciela  
Mas não atende a ninguém  
Que não tenha como ela  
A grande paixão do bem.  
Sempre fechada em seu quarto  
Mesmo à feição de uma freira  
As suas dores do parto  
Doem na carne de madeira  
Onde ela entalha o fervor

De tudo o que há de mais casto  
O rebanho e o bom pastor  
O burrinho no seu pasto.  
E às vezes, na nostalgia  
Quem sabe, do mundo fora  
Grava com luzes de aurora  
Com milagres da poesia.

O viajante que passa  
Itinerante por lá  
Não se espante se, na aurora  
Ou à luz crepuscular  
Vir o vulto iluminado  
De um belo arcanjo pousado  
Guardando a casa onde mora  
A santa de Sabará.

### **A torre escura tem melenas... (s/ título)**

A torre escura tem melenas  
Negras como um sexo à luz  
Santa; mariâmada!... Cenas  
Do meu amémjesus!

A torre gótica tem olhos  
Que me flecham fixos de fé  
Versos, venerandos... broglios  
Do meu parcedomine!

À meia-noite canta um sino  
Alongo, alento, dormi-vos  
Perversidade e latrocínio  
Do meu peromnibus!

Mas ninguém diz-me: Surgetambula  
Ao meu decesso extemporário  
E ao ermo vaga a alma sonâmbula  
Em muito rumo vazio.

## **A vã pergunta**

Esta jovem pensativa, de olhos cor de mel e de longas pestanas penumbrosas  
Que está sentada junto àquele jovem triste de largos ombros e rosto magro  
É ela a amada dele e é ele o amado dela e é a vida a sombra trágica dos seus  
    (gestos?)  
Este trem veloz cheio de homens indiferentes e mulheres cansadas e crianças  
    (dormindo)  
Que atravessa esta paisagem desolada de árvores esparsas em montes  
    (descarnados)  
É ele o movimento e é ela a fuga e são eles o destino fugitivo das coisas?  
Que dizem os lábios murmurantes dele aos olhos desesperados dela?  
Que pronunciam os lábios desesperados dela aos olhos lacrimejantes dele?  
Que pedem os olhos lacrimejantes dele à paisagem fugindo?  
Não são eles apenas uma só mocidade para o tempo e um só tempo para a  
    (eternidade?)  
Não são seus sonhos um só impulso para o amor e os seus suspiros um só  
    (anseio para a pureza?)  
Por que este transtorno de faces e esta consumição de olhares como para  
    (nunca mais?)  
Não é um casto beijo isso que bóia aos lábios dele como um excedimento da  
    (sua alma?)  
Não é uma carícia isso que fremente nas mãos dela como um arroubo da sua  
    (inocência ?)  
Por que os sinos plangendo do fundo das consolações como as vozes de aviso  
    (dos faróis perdidos?)  
É bem o amor essa insatisfação das esperanças?

## **A você, com amor**

O amor é o murmúrio da terra  
quando as estrelas se apagam  
e os ventos da aurora vagam  
no nascimento do dia...

O ridente abandono,  
a rútila alegria  
dos lábios, da fonte  
e da onda que arremete  
do mar...

O amor é a memória  
que o tempo não mata,  
a canção bem-amada  
feliz e absurda...

E a música inaudível...

O silêncio que treme  
e parece ocupar  
o coração que freme  
quando a melodia  
do canto de um pássaro  
parece ficar...

O amor é Deus em plenitude  
a infinita medida  
das dádivas que vêm  
com o sol e com a chuva  
seja na montanha  
seja na planura  
a chuva que corre  
e o tesouro armazenado  
no fim do arco-íris.

## **A você, meu caro Millôr Fernandes...** (s/ título)

A você, meu caro Millôr Fernandes

(Poeta íntimo, homem triste, grande humorista, mais conhecido por Vão Gôgo  
E às vezes [...] )

A você que me pede o poema da minha tão sonhada volta ao Rio

Eu direi humildemente: faço.

Não é fácil, mas faço. Sem dúvida melhor fora

Sair por aí transpirando e sonâmbulo, os braços estendidos

A todos os azuis, os pés

Indiferentes a todos os abismos, a aspirar, de olhos cerrados

Os úmidos perfumes desta cidade de infinitas paciências

E fragrâncias. Entretanto

Coisa grave é um poema, e eu me dedicarei provisoriamente

A tão duro dever. Nada lhe prometo, porém

De bom de vez que ora sou apenas o filho pródigo e sinto-me ainda obnubilado  
De beleza.

Ah, nada mais doce que essa sensação de pousar a cabeça no colo morno da  
(pátria

E deixar-se estar olhando o céu – como no Arpoador

Onde se morre a cada instante ante o dilema

Natureza e mulher. Que coisa, Millôr Fernandes

A mulher no Rio! Quantas cortinas

De veludo nos seus olhos, e com que maciez são abertas

Até a vida! Que delícia, Millôr Fernandes

Que grande delícia! A ela, antes e primeiro – salve!

E salve lindo! Por ela tudo: poemas, alaúzas, ombro-armas

Mortes, ressurreições.

A que vai nunca é como a que vem. Ah, não é ela

Número apenas, nem traz a fisionomia

Pregada ao rosto como uma máscara. A ela

Salve, e salve lindo! Por ela tudo: poemas, alaúzas, ombro-armas

Mortes, ressurreições.

.....

## **Acontecimento**

Haverá na face de todos um profundo assombro  
E na face de alguns, risos sutis cheios de reserva  
Muitos se reunirão em lugares desertos  
E falarão em voz baixa em novos possíveis milagres  
Como se o milagre tivesse realmente se realizado  
Muitos sentirão alegria  
Porque deles é o primeiro milagre  
Muitos sentirão inveja  
E darão o óbolo do fariseu com ares humildes  
Muitos não compreenderão  
Porque suas inteligências vão somente até os processos  
E já existem nos processos tantas dificuldades...  
Alguns verão e julgarão com a alma  
Outros verão e julgarão com a alma que eles não têm  
Ouvirão apenas dizer...  
Será belo e será ridículo  
Haverá quem mude como os ventos  
E haverá quem permaneça na pureza dos rochedos.  
No meio de todos eu ouvirei calado e atento, comovido e risonho  
Escutando verdades e mentiras  
Mas não dizendo nada.  
Só a alegria de alguns compreenderem bastará  
Porque tudo aconteceu para que eles compreendessem  
Que as águas mais turvas contêm às vezes as pérolas mais belas.

## **Algumas vezes tem acontecido que estando a amiga...** (s/ título)

Algumas vezes tem acontecido que estando a amiga  
De repente calma, e eu em sua companhia  
Por causa de um céu azul, ou de um azul de nostalgia  
Ela me prende e me beija e me acarinha, e eu perdido por aquela  
Suavidade, sinto-me criança e peço-lhe para assistir ao banho dela.

E algumas vezes tem acontecido que ela acede, a face quieta  
De se sentir amada além da poesia pelo poeta  
E me leva pela mão vagamente emocionada, me leva  
Lá onde eu sou, vagamente emocionado, e a vejo se despir na treva.

Desde então tudo passa a ser submersão  
E risos breves, borbulhos tépidos da água que a enxágua.

## **Amiga minha, hoje no céu a Lua... (s/ título)**

Amiga minha, hoje no céu a Lua  
Tem uma face que me lembra a tua  
A Lua é sempre assim, ou é teu rosto  
Que dorme no céu posto, amiga minha?

Ah, desce do teu nicho, rosto puro  
E vem iluminar meu leito escuro.

Astro solitário, ó Sol  
Ilumina meu poema da tua claridade matinal  
Transfunde-lhe nas veias o éter com o azul  
E torna-o simples.

## **Amor**

Vamos brincar, amor? vamos jogar peteca  
Vamos atrapalhar os outros, amor, vamos sair correndo  
Vamos subir no elevador, vamos sofrer calmamente e sem precipitação?  
Vamos sofrer, amor? males da alma, perigos  
Dores de má fama íntimas como as chagas de Cristo  
Vamos, amor? vamos tomar porre de absinto  
Vamos tomar porre de coisa bem esquisita, vamos  
Fingir que hoje é domingo, vamos ver  
O afogado na praia, vamos correr atrás do batalhão?  
Vamos, amor, tomar thé na Cavé com madame de Sevigné  
Vamos roubar laranja, falar nome, vamos inventar  
Vamos criar beijo novo, carinho novo, vamos visitar N. S. do Parto?  
Vamos, amor? vamos nos persuadir imensamente dos acontecimentos  
Vamos fazer neném dormir, botar ele no urinol  
Vamos, amor?  
Porque excessivamente grave é a Vida.



### **Amor, escuta um segredo... (s/ título)**

Amor, escuta um segredo  
Tua pele é lisa, lisa  
Minha palma que a analisa  
Não tem medo: fica nua.

Fica de tal modo nua  
Que eu, ante tanto abandono  
Transforme o desejo em sono  
E não seja apenas teu.

### **Antes que a angústia desça é preciso partir... (s/ título)**

Antes que a angústia desça é preciso partir  
Não importa para onde, não importa para longe de quem  
Ó como o mesmo céu sufoca e a mesma ventura mata!

Abandonar o corpo gasto de sol e a alma gasta de sono  
Raspar os velhos sapatos na branca soleira da casa do tédio  
E surgir como um animal morno de silencioso passo.

Nada a conhecer... Sim, são verdes as montanhas  
E quanta vaga expiação deixam os livros no pensamento  
E acima de tudo existe Deus serenamente inacessível.

Mas viver, ah, viver é doloroso, é incompreensível  
Não se sabe quando!... não se sabe nunca... e quando sabe-se  
É para receber o golpe mortal da tragédia no mais fundo.

### **Ao sono que vence-o... (s/ título)**

Ao sono que vence-o  
Quando a noite cai  
Num canto da sala  
Dormindo em silêncio  
Repousa meu pai  
E eu me deixo a vê-lo  
Sossegado, até  
Quando minha mãe  
E as duas meninas  
Saem pé ante pé  
Soltando o cabelo  
Cerrando as cortinas.

### **Balada das lavadeiras**

Lava, lava, lavadeira  
A roupa do teu patrão  
Sua camisa de linho  
Sua meia-confecção  
Enxágua seu lenço sujo  
Todo sujo de batom  
Põe anil no dito-cujo  
Pro trabalho ficar bom.  
[ ... ]

## Balada de Botafogo

Ó luas de Botafogo  
Luas que não voltam mais  
A se masturbarem nuas  
Sobre o flúmen dessas ruas  
Minhas ruas transversais.  
Ó transversais, ó travessas  
Sombrias, sentimentais  
Cheias de escuros propícios  
Aos incansáveis inícios  
Do adolescente Vinicius  
Da Cruz de Mello Moraes.

.....  
Ó Escola Afrânio Peixoto  
Que me ensinaste a paixão:  
Que é da menina sardenta  
Que um dia me deu um beijo  
Na hora da elevação?  
Ah, que coisinha sedenta...  
Ah, que brinquedos de mão!

.....  
Ó rua Dona Mariana  
Que me fazias sofrer  
Ao som triste da pavana  
Ao piano no entardecer...  
Ó Colégio Santo Inácio  
Onde me bacharelei!  
Ah, se meu verso contasse  
As confissões que não fiz  
As preces que não rezei...

## Balada de Di Cavalcanti

*Nos sessenta e cinco anos do pintor  
mais jovem do Brasil*

Carioca Di Cavalcanti  
É com a maior emoção  
Que este também carioca  
Te traz esta saudação.  
É de todo o coração  
Poeta Di Cavalcanti  
Que este também poetante  
Te faz esta sagração.  
Amigo Di Cavalcanti  
Amigo de muito instante  
De alegria e de aflição  
Nos teus treze lustros idos  
Cinco foram bem vividos  
Bem vividos e bebidos  
Na companhia constante  
Deste também teu irmão.  
Quantos amigos já idos!  
Quantos ainda partirão!  
Mestre pintor Emiliano  
Augusto Cavalcanti  
De Albuquerque: ou melhor Di  
Um ano segue a outro ano  
Diz o vulgo por aí  
E daí? se mais humano  
Fica um homem (igual a ti!)  
Mesmo entrando pelo cano?  
Se pode dizer: vivi!?  
Viveste, Di Cavalcanti  
Foste amigo e foste amante  
Não há outro igual a ti  
Juntos bebemos champagne  
Uísque, vinho, parati  
Juntos rimos e choramos  
No México e em Paris  
Juntos tivemos e amamos  
Mulheres daqui e dali  
Maria... quantas Marias...  
(Fiquei mesmo por aí.)  
Que bom seria, Emiliano  
Se Ovalle estivesse aqui!  
Que bom seria se Noemia

Braço dado  
(Vê minha mão como treme... )  
Viesse abraçar-te, Di!  
A uma eu diria: yes  
À outra dirias: oui  
E um porre tomaríamos  
De Strega (lembras-te, Di?)

### **Beleza do corpo da amiga**

Amiga, teu corpo é como uma sombra quente  
Onde eu me deito para mirar a água tranqüila dos teus olhos  
Amiga, teus olhos são como uma água tranqüila  
Que apenas se diluem quando eu colher em tua boca a flor úmida que passa  
Trazendo em sua corola rubra o pistilo de sua língua em sangue.

### **Bem pobre sou, ó homem de Deus, herói, mártir, santo...** (s/ título)

Bem pobre sou, ó homem de Deus, herói, mártir, santo  
Sou o eterno pensamento de David sobre o leito púrpura de Urias.

Sou um escravo! tenho o lar e tenho o mar – e nada tenho!  
Tenho a poesia... tenho-a? ai de mim! nem lágrimas, talvez.

Meu são Francisco da face crispada! acolhe o teu servo humano  
Acolhe o que não te compreende e que vai escrevendo a sua mágoa!

Tu! os joelhos esmagando as cidades, as mãos sobre himalaias; o rosto  
mergulhado na névoa infinita!  
E nos teus pés a miséria, no teu coração a tempestade, na tua face a  
contemplação.

## Cartão-postal

v  
avião  
v  
v

R  
IO  
Rio lua  
DEJA  
NEIRO  
MEURIO  
ZINHODEJANEIRO!MINHASÃOSEBASTIÃODORIODEJANEIRO!  
CIDADEBEM-AMADA!AQUI ESTÁOTEUPOETAPARADIZER- TE  
QUETEAMODOMESMOANTIGOAMOREQUENADANOMUNDO  
NEMMESMOAMORTEPODERÁNOSSEPARAR.  
Aquiporeisssssssssssssssssssssparafingirdomosaicodopasseio  
aquiporeiTTTTTTTTTTTTTTTTTTTTTTTTTTTTparafingirdepalmeiras  
Emeponho eu eu eu eu eu eu eu eu eu eu eu poraítudo

Quero brincar com a minha cidade.  
Quero dizer bobagens e falar coisas de amor à minha cidade.  
Dentro em breve ficarei sério e digno. Provisoriamente  
Quero dizer à minha cidade que ela leva grande vantagem sobre todas as  
[outras namoradas que tive  
Não só em km2 como no que diz respeito a acidentes de terreno entre os  
[quais o número de buracos não contitui fator desprezível.  
Em vista do que pegarei meu violão e, para provar essa vantagem, sairei  
[pelas ruas e lhe cantarei a seguinte modinha :

### *MODINHA*

Existe o mundo  
E no mundo uma cidade  
Na cidade existe um bairro  
Que se chama Botafogo  
No bairro existe  
Uma casa e dentro dela  
Já morou certa donzela  
Que quase me bota fogo.

Por causa dela  
Que morava numa casa  
Que existia na cidade  
Cidade do meu amor

Eu fui perjuro  
Fui traidor da humanidade  
Pois entre ela e a cidade  
Achei que ela era a maior!

Loucura minha  
Cegueira, irrealidade  
Pois realmente a cidade  
Tinha, como é de supor  
Alguns milhares de km<sup>2</sup>  
E ela apenas, bem contados  
Metro e meio, por favor.

## **De madrugada, na alta serra... (s/ título)**

De madrugada, na alta serra  
Desencanta-se o Príncipe da Terra  
De madrugada, na alta serra  
Ouve-se a voz que aterra  
O canto pressago, frio como um sorriso  
Do Príncipe da Terra

Disse-me o vento  
O vento uivante, o vento uivante  
Na minha insônia em sangue  
De madrugada, na alta serra  
Desencanta-se o Príncipe da Terra  
E as mulheres, geladas  
Abandonam as casas, criam asas  
Para ir ouvir o Príncipe da Terra  
Cujo canto é frio como um sorriso.

Possui-as o Príncipe da Terra  
Na alta serra  
O grande invertido, o mágico, o louco  
O amante sem sexo  
Cuja cabeleira é de platina  
E que tem pupilas brancas

Ah, quem me dirá – oh, desvario  
Da minha poesia no fundo do espelho da bruma  
Que o vento uivante, o vento uivante  
Não seja a voz do Príncipe da Terra  
Cantando o amor e a morte  
Na alta serra?

Eu sou o Príncipe da Terra  
O inutilmente desaventurado  
Eu sou o Príncipe Indiferente  
O deus do crime, o bem-amado  
Eu sou o Príncipe Altair  
Sexo fui, castrado  
Plantado, tornado árvore, raiz  
Garra de ódio no ventre da morte  
Hoje sou o Príncipe Eunuco

De vos conseguir indesejados  
Vossa boca para os meus lábios mecânicos  
Vossos dedos para os meus seios de pedra  
Vosso ventre para a minha espada de aço  
Ó fazedoras de espasmos  
Eu sou o Príncipe da Terra



Ó súcubo Altair  
Cerzi a traição inconsciente  
Alucinai!  
De vós nascerá a dor invisível  
Que deita lama no coração  
Eu sou o Príncipe Impotente  
O Cão hermafrodita  
Meu beijo é veneno em vossos dentes  
Mordei!  
Percorrei mundos, transportai a morfina nas horas  
Plantai espelhos súbitos de morte nas almas.

### **De noite para proclamar-se minha escrava... (s/ título)**

De noite para proclamar-se minha escrava  
E antes mesmo de tê-la, tendo-a na boca presa  
Era o jovem que fui, semeador de beleza  
Que voltava do mar a dizer, triunfal  
"Vi Nossa Senhora! Num banco de coral  
Ela estava a chorar, tão linda, me chamando!"  
Ou que, vindo do sol, afogueado, vermelho,  
Punha-me nu e ria do meu corpo no espelho  
E que, sentado à praia, entre meninas da Ilha  
Afagando um quadril, consertando uma quilha  
Sonhava essa mulher, plena, doce e carnal  
Que em mim trouxesse o anjo à presa do animal  
Essa mesma mulher que me surgiu agora.

Quando ela apareceu, risonha, inesperada  
Para o encontro ideal, azul sobre a calçada  
Solto o cabelo, terno o gesto, leve o passo  
Não houve em meu olhar nem temor nem embaraço  
Senti nessa mulher desconhecida alguma  
Coisa que a iluminava e a despia da bruma  
Como se na nudez em que a via surgisse  
Todo o sonho de amor da minha meninice  
Que importava quem fosse?... ao tocá-la sentia  
A carne que amava e sobre a qual dormia  
A alma fecunda e só, que, longa, me acordava.

Que mais farei na vida feita  
Rico de tudo, nada tenho  
Vivo fugindo  
Sigo aceitando o que me vem  
Mas tudo vem tão diferente.

## **De sobre ti levanto o meu cadáver... (s/ título)**

De sobre ti levanto o meu cadáver.  
Vejo teus seios que fogem, teu rosto que se cobre de sombras  
O ventre maldito nos acorrenta ainda.  
Sinto que penetras um mar desconhecido  
Que te diluís lentamente, as pupilas abertas no flanco das águas  
Que aprofundas regiões onde eu nunca poderei chegar  
O mistério cobre-te da presença da morte  
És tu mesma e não eu – eu sou o corpo que bóia.

De sobre ti, mulher, levanto o meu cadáver.

## **E depois tem a questão de ter paciência... (s/ título)**

E depois tem a questão de ter paciência  
Não se deixar levar, estar preparado e ao mesmo tempo certo  
De que ainda é possível... E depois  
Tem a questão de resolver, de não parecer que, e ao mesmo tempo de ter que...

E depois tem a questão do não-obstante, do prurido, da válvula  
Tem a questão do conhecimento, do ementário  
Sem falar na questão importantíssima do...  
E depois tem a questão do é-preciso, do meu-carro, do pois-é  
Dos canais competentes, dos compartimentos estanques, dos memorandos

E depois tem a questão talvez precária do encontro  
E do desencontro, do entendido e do mal-entendido, do lucro  
E do desdouro; e depois tem a questão  
Da finura, da delicadeza e da firme delicadeza e das duas delicadezas.

## **Ela entrou como um pássaro no museu de memórias...** (s/ título)

Ela entrou como um pássaro no museu de memórias  
E no mosaico em preto e branco pôs-se a brincar de dança.  
Não soube se era um anjo, seus braços magros  
Eram muito brancos para serem asas, mas voava.  
Tinha cabelos inesquecíveis, assim como um nicho barroco  
Onde repousasse uma face de santa de talha inacabada.  
Seus olhos pesavam-lhe, mas não era modéstia  
Era medo de ser amada; vinha de preto  
A boca como uma marca do beijo na face pálida.  
Reclinado; nem tive tempo de a achar bela, já a amava.

## **Ele é o mundo extremo de beleza...** (s/ título)

Ele é o mundo extremo de beleza e de todas as idéias passadas e futuras  
É a sabedoria de todas as coisas na sua essência de música e de poesia  
É a vida em desencantamento de todas as imagens do tempo na carne  
Ele diz à mata tumefacta: Eu sou tu mesmo, larva do amor infinito  
E se morrer é para que eu viva a tua morte e a minha vida!  
E com mãos de piedade tece teias gigantescas sobre os cosmos debruçados  
Onde tombam palpitantes corações cheios de sofrimento e de angústia.

Ele possui – possui como nunca possuiu o espírito no sangue dos homens  
Sabe – sabe como nunca soube a alma no seio da tragédia  
E perdura – como nunca perdurou a morte no fundo do ser inocente  
Ele diz à noite: Tu existes, mas que seria de ti se eu não te visse  
Que realidade és senão a claridade dos meus olhos que tudo criam?  
E a noite que não o vê desce os mais escuros véus sobre o cadáver dos rios  
Com negras lágrimas ardentes de impotência e miséria.

Quando o peregrino encontra na noite negra a branca imagem do seu extâse  
Misteriosamente à sua volta a natureza se putrefaz  
Seus olhos que penetravam mornos os cânticos estelares de Aldebarã  
Vêm descer em fios de luz planetas como aranhas rígidas  
Que pousam sobre a epiderme corrompida das matas e das águas  
E na vida que começa em origem e entendimento no seu íntimo  
A paisagem da morte dolorosa.  
E sobre cada extensão de folhas e de frutos  
Os sonhos fogem como crisálidas translúcidas para os espaços frios da alma  
E se respondem em ecos de lembrança e de intuições serenas  
E como a águia, o peregrino-deus devora as entranhas da terra  
E com ela alimenta as iluminações de um céu não mais inexistente  
E com ela fecunda as fruições de uma seiva decomposta em lava  
Que se arrasta para as escarpas mortuárias de cruéis abismos vividos.

## **Elegia de Paris**

Maintenant j'ai trop vu. Neste momento  
Eu gostaria de esquecer as prostitutas de Amsterdam  
Em seus mostruários, e os modelos  
De Dior, comendo croque-monsieur com gestos  
Japoneses, na terrasse do Hotel-des-Théâtres. O que  
Eu gostaria agora era de ver-te surgir no claustro do meu sonho  
Como uma tarde finda. Ah,  
nsia de rever-te! ou de rever  
O brilho de uma abotoadura de ouro – lembras-te? – caída no ralo da pia do  
velho.

St. Thomas d'Aquin... há quanto tempo?  
Não sei mais! Entrementes  
A morte fez-se extraordinariamente próxima e por vezes  
Tão doce, tão...Tem uma face amiga –  
É a tua face, amiga?

## Em Montevideu

	<p>De los aires límpidos Sin prisa y sin miedo Hoy vinieron verme Mis queridos muertos. En mi sala oscura Con la radio abierta Llegaron casuales Como si en un cocktail Haciendome adioses Con manos ausentes Por entre los rayos De la luna verde.</p>
D. Maria da Conceição de Mello Moraes	
	<p>Vi minha avozinha Entrar fragilmente Com os cabelos brancos E os punhos de renda. E vir e tocar-me Com dedos frementes Mais frios que os raios Do quarto crescente.</p>
Meu pai, Clodoaldo Pereira da Silva de Mello Moraes.	
	<p>Vi chegar meu pai Esfregando as mãos Geladas, por certo, E logo, sem ver-me Tomar providências Desastradas, umas Na forma de sempre.</p> <p>Solene, ao seu lado Nos seus noventa anos Vi, sempre aprumado Meu avô baiano Vestido de alpaca E cheirando a sândalo Elegante paca Um velhinho e tanto!</p>

Augusto, o pescador da ilha.	
	Quase tomo um susto Quando, de repente Deparo com Augusto Pela minha frente. Debaixo do braço Sempre o clarinete.
O "Coronel" Antônio Burlamaqui dos Santos Cruz.	
	Meu avô Santos Cruz Entrou ofegante  Arrastando o corpo Doente e possante.
D, Celestina Wâmosi de Macedo Cruz.	
	Ao seu lado, linda Com seu ar cigano Minha avó Cestinha Um tanto distante.
Juju Veiga, que me fazia línguas-de-gato.	
	Numa chaise-longue Gravemente tísica Tomando uma xícara De ovomaltine Dei com Juju Veiga Morena e franzina E a coisa mais meiga Da rua Bambina.
Calíпсо Azambuja, de quem se contava [...]	
	Alegre, servindo-se De uma sobremesa A prima Calíпсо De quem não me lembro Deu-me um adeusinho Num rápido aceno Abrindo um sorriso De rara beleza.
Plínio, o tio a devir que, noivo e feliz, dando com o revólver, suicidou-se	

	<p>Plínio veio vindo Do escuro infinito Com o sorriso triste Dos que se suicidam Olhou-me um instante De um calmo olhar fixo E foi se sumindo No céu de Pocitos.</p> <p>E entra Viadimiy Ilitch Lenine Um velho cachecol Sobre a pelerine E vai e se senta O ar meditativo E fica pensando Por horas perdidas.</p>
Carole Lombard.	
	<p>Bela e luminosa E o rosto hialino Vejo Carole Lombard A artista de cine Com manchas de sangue No corpo divino E um longo Abdoula Na piteira em riste.</p> <p>Súbito, pulando Numa perna só Eu vejo chegando O poeta Rimbaud De braço com ele Bêbado e consorte O poeta Verlaine Já meio de porre.</p> <p>E eis que, sem mais Vejo Jayme Ovalle Fazendo sinais Para que me cale E apontando acima Com o dedo esticado Coberto da cinza Do próprio cigarro.</p> <p>E num bate-papo Dos mais amigáveis</p>

	<p>Dou com Mário e Oswald De Andrade - palavra!</p> <p>Como se estivessem Na melhor das pazes Falando elogios.</p> <p>A um canto, parado Mexendo no rádio Num trinquete danado Quem vejo? Zé Cláudio Calça de flanela Paletó esporte E um ar de que estava Contente da morte.</p> <p>Perto, Portinari Ultranatural Fazendo safári Com Lasar Segall Enquanto Pancetti Junto a Santa Rosa Comia um croquete Tirando uma prosa.</p> <p>Com Graciliano E Zé Lins do Rego Vi Osório Borba Já um pouco bêbado Sóbrio, o velho Graça Puxando fumaça Zé Lins só no uísque Borba, na cachaça.</p>
--	--



## **Estudo**

Meu sonho (o mais caro)  
Seria, sem tema  
Fazer um poema  
Como um dia claro.

E vê-lo, fantástico  
No papel pautado  
Ser parte e teclado  
Poético e plástico.

Com rima ou sem rima  
Livre ou metrificado  
– Contanto que exprima  
O impropositado.

E que (o impossível  
Talvez desejado)  
Não fosse passível  
De ser declamado.

Mas que o sonho fique  
Na paz sine-die  
Ça c'est la musique  
Avant la poésie.

## **Eu creio na alma... (s/ título)**

Eu creio na alma  
Nau feita para as grandes travessias  
Que vaga em qualquer mar e habita em qualquer porto  
Eu creio na alma imensa  
A alma dos grandes mistérios  
A grande alma que em vão busquei sufocar  
Eu creio na alma eterna  
A alma boa, a alma pura, a alma singela  
A alma que possui o espaço  
A alma que não possui o tempo  
A grande alma sozinha  
Capaz de conter toda a humanidade  
Senhor! Eu creio nela  
Eu creio na minha alma extraordinária  
Ela era como o templo  
Onde os vendilhões mercadejavam  
Ela expulsou os vendilhões, Senhor!  
E os pássaros cantaram.  
Eu creio na alma grande  
Em busca dum élan que a lance sempre  
Para o eterno movimento  
A alma espelho das águas  
Onde o céu reflete os pássaros que voam  
Eu creio em ti, Senhor  
Porque és a alma que é o céu onde os pássaros voam  
E que se reflete no espelho das águas  
Porque és a grande alma que paira  
Eu creio em mim, Senhor  
Porque sou alma feita à tua semelhante  
Grande alma onipotente  
Que no começo era o nada  
O nada – vazio das almas  
O nada cheio de treva e maldição  
Mas o espírito erguia-se do caos  
E a treva fez-se luz  
A luz cheia de átomos de vida  
A luz – a grande luz que sobe sempre.

## **Eu nasci marcado pela paixão**

Eu nasci marcado pela Paixão, Pedro, meu filho...  
E porque por ela nasci marcado, a ela me entreguei sem remissão desde  
(menino, e o primeiro gesto que fiz foi buscar um seio de Mulher...

## **Eu venho te trazer esta mulher... (s/ título)**

Eu venho te trazer esta mulher – é louca!... tem olhar de céu mas o céu é  
(morto nos seus olhos  
Toma, é tua! – é bela, eu a vi nua... seus seios são fortes e ingênuos mas não  
(são seios... – sua face  
É límpida como a face da Lua mas não é uma face – é bela mas não é a  
(beleza... Eu a encontrei vagando  
Na rua e ela dizia: Quem eu sou? onde estou? para onde vou? milhares e  
(milhares de vezes...  
Eu venho te trazer esta criança porque sei que és bom, que não a recusas – aí  
(de mim, eu estou no fim das forças  
Em vão a banhei, a perfumei, a alimentei, a deflorei e a repousei sobre a mais  
(tépida das camas  
E mostrei-lhe livros de história – talvez a infância... – e uma nódoa de sangue  
(de uma velha pústula – talvez a juventude...  
Quem eu sou? onde estou? para onde vou? – nada! apenas os gestos, longos  
(gestos finitos de quem semeia  
Tu talvez que és indolente, que nada fazes senão poemas que não te  
(sustentam a família  
  
E que não são o suor do teu corpo...  
"São o suor da minha alma!"

## **Extremamente circumspecta... (s/ título)**

Extremamente circumspecta

Jazia a perna. Digo-vos que extremamente circumspecta e pálida

Jazia a perna. Digo-vos que extremamente circumspecta, pálida e ambígua

Jazia a perna. Digo-vos que extremamente circumspecta, pálida, ambígua e  
(superveniente)

Jazia a perna. Uma perna jazia extremamente

Entre aparatos. Calçada de sapatos e de meias. Só não trazia

Ligas, nem a parte superior, a que saindo do joelho

Aprofunda-se como coluna até onde o ser se duplica

.....

Pois uma perna é uma estrutura interna

De músculos sangrentos e ossos brancos

Os quais, rompida a pele, saltam bruscos

Como as molas partidas de uma cama

Entrando em coma, mas privadamente

Sem consciência, talvez, mas com malícia

A ejacular o plasma em ondas furtivas

E com a vinda específica da morte

Da perna, debatendo-se e eriçando-se

À maneira de fios retorcidos

Arrancados à força a um aparato.

## **Gostaria de dar-te, namorada... (s/ título)**

Gostaria de dar-te, namorada

Nos teus vinte e cinco anos de beleza

Tudo o que há de melhor na natureza

Entre o que anda, voa, corre e nada.

Gostaria de dar-te de presente

A madrugada em que nasci, e o instante

Em que senti presente.

Tanto mais minha quanto mais ausente.

## Himeneu

Na cama, onde a aurora deixa  
Seu mais suave palor  
Dorme ninando uma gueixa  
A dona do meu amor.

De pijama aberto, flui  
Um seio redondo e escuro  
Que como, lasso, possui  
O segredo de ser puro.

E de uma colcha, uma coxa  
Morena, na sombra frouxa  
Irrompe, em repouso morno

Enquanto eu, desperto, a vê-la  
Mesmo sendo o homem dela  
Me morro de dor-de-corno.

## História de alma

Meia-noite. Frio. Frio em tudo  
E mais frio que em tudo, frio na Alma  
A Noite grande e aberta... a Alma grande e aberta...  
Infinitamente frias...

No alto a noite má seguia a Alma que vagava  
Enregelada e nua entre todas as almas  
Seguia a Alma presa  
Presa por todos os lados  
A Alma caminhava e a noite caminhava com ela  
A Alma fugia e a noite perseguia a Alma  
E a Alma parava. Então a noite também parava  
E mandava um frio mais frio do que a Alma

E a Alma já fria tornava a caminhar  
E a noite vinha e perseguia a Alma  
E a Alma parava... e a Alma parava...  
E chorando ajoelhada pedia perdão...

## **História do samba**

Gosto de um samba chulado  
Porque é samba de cadência  
No corrido sou danado  
Mostro a minha independência  
Mas o meu samba adorado  
Onde perco a consciência  
– É o samba de influência, ô maninha

Da polca nasceu o maxixe  
Havanera concorreu  
Mas foi o negro de piche  
Quem mais ritmos lhe deu  
Do maxixe veio o samba  
Que ficou universal  
– Negro é bamba, ô maninha  
Negro é que é o tal!

## **Itaoca**

Serenamente pousada  
Sobre a montanha elevada  
Como um ninho de poesia,  
A casa branca e pequena  
É como a mansão serena  
Da luz, da paz, da alegria!

Ó viajante fatigado  
Se no teu passo cansado  
Aqui vieres pousar,  
Tu voltarás satisfeito  
Com risos claros no peito  
E calmas santas no olhar!

## **Jogo de empurra**

Os escravos de Gê  
Gostavam de jogar  
Ponto, banca  
Quem jogou em 30, dá  
Parceiro com parceiro  
Pif, pif, pif, pa!

Os escravos de Gê  
Gostavam de roubar  
Tira, pega  
Vamos deixar como está  
Cartola com cartola  
Zigue, zigue, zigue, zá!

Os escravos de Gê  
Gostavam de matar  
Tira, tira,  
Tira pronto pra atirar  
Meganha com meganha  
Puque, puque, puque, pá!

Os escravos de Gê  
Gostavam de ficar  
Tira, bota  
Pega tudo pra capar  
Guerreiro com guerreiro  
Zigue, zigue, zigue, zá!

## **Jogos e folguedos: Maria Mulata**

Aos coros infantis  
Sempre preferia  
Os jogos de Maria  
Mexendo os quadris.

– Maria, levanta a saia  
Maria, suspende o braço  
Maria, me dá um cheirinho  
Do capim do teu sovaco.

Maria sempre tinha  
Dó de mim.

– Bento-que-o-bento-frade  
– Frade!

Na boca do forno  
De manhãzinha  
Eu e Maria.

– Tá quente, Maria...  
(Maria estava sempre quente)

– Pique, Maria...  
(E a luta arfante, úmida, silenciosa)

Dou-lhe uma  
Dou-lhe duas  
Dou-lhe três...



## **José**

Se coubessem mil coisas num só dia  
E se ele não fosse um só, mas fosse mil  
Pelo Faux monnaieurs!!! Não haveria  
Quem fizesse mais coisas no Brasil

Um romance, um besigue, um pensamento  
Um cigarro, um cachorro, uma piada  
Outro besigue, Gide, namorada  
Resultado final: – padecimento!

O mundo muda e ele vai seguindo  
Abafando os concursos que vêm vindo  
Trabalhar! Trabalhar nunca foi bom...

Antes ir os cinemas percorrendo  
Namorando, sofrendo, andando e lendo  
Colocado entre Deus e entre Mammon.

## **Lembrete**

A nunca esquecer: as manhãs  
Da infância, os pães alemães  
A sala escura

Na casa da rua Voluntários  
Da Pátria, lar de funcionários  
Da prefeitura.

A nunca esquecer: minha avó  
Prosternada (Deus e ela) só  
Pele e ossos

A tatarar silêncio e paz  
Nas consoantes labiais  
Dos padre-nossos.

A nunca esquecer: a carne negra  
O cheiro agreste, a pele íntegra  
Nua na cama

Nas justaposições mais pródigas  
Que menino não ama as nádegas  
De sua ama?

A nunca esquecer: as gavetas  
Velhas, à luz; as rendas pretas  
As caixinhas

E as sublimes fotografadas  
Mortas, mas ainda enamoradas  
Ó tias minhas!

A nunca esquecer: certa mulher  
Cuja face não posso mais ver  
Em certo quarto

A mergulhar minha cabeça  
Por entre a escuridão espessa  
Do ventre farto.

A nunca esquecer: o caso Sacco  
E Vanzetti nem Michel Zevaco  
(Que o avô me deu!)

Que este seria o quixotismo  
A arrebataram-me de ismo em ismo  
A um: como o meu.

## **Lisboa tem terremoto... (s/ título)**

Lisboa tem terremoto  
Porém, em compensação  
Tem muitas cores no céu  
Muitos amores no chão  
Tem, numa casa pequena  
O poeta Alexandre O'Neill  
E a bela Karla morena  
Na embaixada do Brasil  
Aymé! o mote repete  
Lisboa tem terremoto  
Mas tem o Nuno Calvet  
Para lhe fazer cada foto!  
É, eu sei – retruca o mote  
Que não me deixa mentir  
Lisboa tem terremoto  
Não deve nada a Agadir  
Mas, já que estamos nos sismos  
Capazes de destruir  
Tem o ator Nicolau Breynes  
Pra gente morrer... de rir  
Tem David, irmão de Jayme  
E Jayme, irmão de David  
Não fossem os Mourão Ferreira  
E eu nunca estaria aqui.  
Pois é, o mote reclama  
Lisboa tem terremoto  
Mas tem o fato da Alfama  
Tem o sapato do Otto  
(Sapato, claro, é maneira  
Carinhosa de dizer  
Pois fosse o Otto sapato  
Eu também queria ser)  
E o Otto tem sua Helena  
E Helena, seu broto em flor  
A nena Helena Cristina  
(Ou Maria-Pão-de- Queijo)  
De quem eu sou cantador.  
Em matéria de Cristinas  
Só temos saldo a favor!  
Mas, alto! me grita o mote  
Mote-mote, mote-moto  
Deixe de tanto fricote  
Lisboa tem terremoto!  
E você? Parta-o um raio!  
Terremoto... é natural

Mas e a Terezinha Amayo  
E a Laurinha Soveral  
E essa coisa pequenina  
De quem todo mundo gosta  
A sempre altiva menina  
Que se chama Beatriz Costa?  
E Amália, a grande, a divina  
Que é de Portugal a voz  
Ela também quando cisma  
Não faz tremer todos nós?  
E está tudo bem, meu velho  
És de Lisboa um devoto  
Mas pergunta do Antonio Aurélio  
Que é arquiteto e tem teto  
Lisboa tem terremoto!  
Mas tem, em contrapartida  
O Antônio [...] da Câmara  
Pra lhe contar outra história  
Um bom amigo, que em vida  
Soube conquistar a glória.  
E a Glória tem Terezinha  
E tem Wandinha que é um amor  
Quem teve brotinhos assim  
Não tem medo do tremor.  
E tem o Raul Solnado  
Que eu acho um senhor ator  
Quem tem atores assim  
Não tem medo de tremor.

– Lisboa tem terremoto  
Geme o mote, ao expirar  
– Faz figa! Faz figa, Otto!  
Terremoto? Sai, azar!

## **Lopes Quintas**

(A rua onde nasci)

A minha rua é longa e silenciosa como um caminho que foge  
E tem casas baixas que ficam me espiando de noite  
Quando a minha angústia passa olhando o alto...  
A minha rua tem avenidas escuras e feias  
De onde saem papéis velhos correndo com medo do vento  
E gemidos de pessoas que estão eternamente à morte.  
A minha rua tem gatos que não fogem e cães que não ladram  
Na capela há sempre uma voz murmurando louvemos  
Sem medo das costas que a vaga penumbra apunhala.  
A minha rua tem um lampião apagado  
Em frente à casa onde a filha matou o pai...  
No escuro da entrada só brilha uma placa gritando quarenta!  
    É a rua da gata louca que mia buscando  
    os filhinhos nas portas das casas...

    É uma rua como tantas outras  
    Com o mesmo ar feliz de dia e o mesmo desencontro de noite  
    A rua onde eu nasci.

## **Madrigal**

Nem os ruídos do mar, nem os do céu, nem as modulações frescas  
Da campina; nem os ermos da noite sussurrando sossegos na sombra, nem os  
cantos votivos da morte, nem as palavras de amor lentas, perdidas; nem as  
vozes, os músicos nem o eco patético das lamentações; nenhum som, nada  
É como o doce, infável ruído que meu ouvido ouve quando se pousa em  
carícia, ó minha amiga, sobre a carne tenra da tua barriguinha.

## **Mário**

Entre meditando e solonento  
Sobre a fofa delícia da almofada  
Ele vai perseguindo na jornada  
Através o Ottocento e o Novecento

Não o tires dali que dá pancada  
Todo o resto pra ele é sofrimento  
Vai colhendo da flor do pensamento  
Toda a filosofia desejada

Só abandona voluntário o élan  
Para o banho de poço da manhã  
"Mens sana..." disse François Leblon

E às vezes, Carnaval, cai na folia  
E passeia porrado pela orgia  
Sob o signo pagão do deus Mammon.

## **Meu coração se perde de carinho... (s/ título)**

Meu coração se perde de carinho  
Por ti, ô pássaro oculto na noite!  
Tua voz pressaga é também uma elegia  
Sem mistério; a morte de todas as coisas.

Vive no teu soluço de amor, mas o teu canto  
É na realidade consolo e contentamento.

As palavras que antes escutei  
Eram apenas música e traziam esquecimento  
Tu me levas à poesia, ave pousada na treva.

## **Meu pai, dá-me os teus velhos sapatos manchados de terra...** (s/ título)

Meu pai, dá-me os teus velhos sapatos manchados de terra  
Dá-me o teu antigo paletó sujo de ventos e de chuvas  
Dá-me o imemorial chapéu com que cobrias a tua paciência  
E os misteriosos papéis em que teus versos inscreveste.

Meu pai, dá-me a tua pequena chave das grandes portas  
Dá-me a tua lamparina de rolha, estranha bailarina das insônias  
Meu pai, dá-me os teus velhos sapatos.

## **Meus caros, volta-se porque se tem saudade...** (s/ título)

Meus caros, volta-se porque se tem saudade  
Porque se foi feliz intimamente  
Volta-se porque se tocou num inocente  
E porque se encontrou tranquilidade

A despeito da vida que acorrente  
Volta-se, volta-se para a sinceridade  
Volta-se sempre, tarde ou de repente  
Na alegria ou na infelicidade.

E nada como esse apelo da lembrança  
Para se transfigurar numa esperança  
Essa desolação que uma alma leve

Assim é que, partindo, eu vou levando  
Toda a desolação de um até-quando  
Num ardente desejo de até-breve.

## **Minha cabeça pesada balança,... (s/ título)**

Minha cabeça pesada balança, rola, e sai vagando pela casa como um astro  
(penado  
E a sinto examinando os velhos quadros familiares com um olhar que eu  
(desconheço na sua fisionomia  
Aqui, longe de tudo, meus dedos palpam o poema imenso das vozes da noite  
(– eu o recolherei, talvez na madrugada do último dia  
Agora é o cansaço sem remédio dos tempos sobre-humanos, das caravanas  
(miraculosas, das religiões perdidas...  
O ar está passando sobre meu tronco decepado e em breve passará sobre o  
(meu pescoço como um plano de cristal iluminado  
E se repousará da longa viagem dos espaços e ressoará para mim as  
(harmonias dos coros angelicais  
É voltado o tempo da imobilidade – nenhum movimento será feito para que  
(nenhum acento seja perdido  
As pastoras e os camponeses, os cafres e os negros, as bailarinas e os gênios  
(deixarão a alma da dança estendida sobre a lucidez do grande campo  
E algum dia, quando eu despertar, tudo será belo e nada haverá de mais  
(profundo na minha poesia que a minha poesia ela mesma em sua  
(nudez maravilhosa.



## **Minha mãe, diz a santa Teresa que quando eu morrer... (s/ título)**

Minha mãe, diz a santa Teresa que quando eu morrer  
Eu quero ir para o céu.  
Fala com são Francisco também, providencia  
Conta minha infância, quando como o tempo  
Em que você falava com a gente uma porção de histórias  
São Francisco é meu amigo, ele compreende  
Santa Teresa é boazinha, ela sabe  
Diz a eles que eu cantava antes de falar, que eu mentia  
Que tinha visto Nossa Senhora para os garotos da Ilha e eles acreditavam  
Para são Francisco você adota o tom simples  
Para santa Teresa você adota o tom franco  
Vai logo dizendo, fala que eu já li o Inferno de Dante  
Que eu já sei como é e como já sei não preciso mais ir  
Eles compreendem, eles são bonzinhos  
Eles sabem que você está exagerando mas dão o desconto  
Para são Francisco diz que eu sei cantar e que eu sou poeta  
Para santa Teresa diz que eu sei umas anedotas de padre  
Que a gente pode ficar conversando os três  
Dando miolo de pão aos passarinhos  
Fazendo improviso e graça com são Tomás de Aquino  
Se for preciso diz francamente que eu não presto  
Mas que eu quero ir pro céu  
Que o purgatório é muito úmido, e o inferno  
Tem Lucrécia e uma porção de mulheres para mexer comigo  
Diz que eu rne comporto, que eu só quero  
É estar com eles falando poesia  
Discutindo Rimbaud e tocando violão em noite de lua cheia  
Não diz que eu sou formado, nem que eu sou laureado  
Nem que vim pra Oxford, nem que trabalhei para o governo  
Diz só que eu não quero perder minha poesia nem minha tristeza  
QLie eu quero ver meu amigo Rainer Maria Rilke  
Que eu quero ficar deitado pensando enquanto eles rezam.

## **Morro de sede! a minha ânsia... (s/ título)**

Morro de sede! a minha ânsia  
Não pode mais  
Dêem-me água fria, dêem-me leite  
Dêem-me morangos verdes, verdes  
Dêem-me a boquinha de Yayá.  
Meu corpo todo sente a falta.

Sinto sede, quero me embebedar de cerveja gelada  
Quero que chova, eu sentado num bar galego... e as raparigas  
Estou cáustico, meus pulmões estertoram, [...] meu estômago  
Se contrai como um corvo, ardendo do verde absinto.  
Ah, quero a plenitude fria, mulheres gordas de nádegas abaixo, de seios.  
Preciso dos banhos de bica, das sensatas intermináveis dores do coração  
Dêem-me cigarros fortes, salada de batata e um pouco de gelo para eu chupar.  
Sinto sede! quero dormir na língua de Marian Anderson ouvindo cantos.  
Quero acampamentos.

## **Natureza humana**

Cheguei. Sinto de novo a natureza  
Longe do pandemônio da cidade  
Aqui tudo tem mais felicidade  
Tudo é cheio de santa singeleza

Vagueio pela múrmura leveza  
Que deslumbra de verde e claridade  
Mas nada. Resta vívida a saudade  
Da cidade em bulício e febre acesa

Ante a perspectiva da partida  
Sinto que me arranca algo da vida  
Mas quero ir. E ponho-me a pensar

Que a vida é esta incerteza que em mim mora  
A vontade tremenda de ir-me embora  
E a tremenda vontade de ficar.

### **No momento que a morte me viu... (s/ título)**

No momento que a morte me viu  
E a cidade enorme calou um segundo para assistir ao último transe da minha  
    (agonia  
Alguém me deu a mão na rua  
E eu me voltando vi meu amigo Rainer Maria Rilke que polidamente me sorria  
Que parecia muito triste comigo  
E que antes de partir me deixou entre os dedos alguma coisa.

### **O corpo da amiga na sombra é um mistério de Deus... (s/ título)**

O corpo da amiga na sombra é um mistério de Deus  
Ê teu corpo, amada? são teus seios, é tua clara clara risada  
Na sombra? não fujas... és um... um nenúfar  
Aberto à água mansa.

## **Noturnamente – se me lembro!... (s/ título)**

Noturnamente – se me lembro! como que a estranha carga se diluía de meus  
(ombros ante as irradiações esplêndidas  
E desembaraçado eu seguia através as cidades se abrindo ao sésamo  
(misterioso do meu sangue batendo  
E chegava mesmo a perseguir as belas éguas cuja pele branca avultava na  
(claridade mágica  
E fugiam balançando os peitos e o flanco rasgado onde a fecundidade eu via.  
Mas quando chegava a satisfazer o ímpeto que me arrastava como um  
(desesperado pelas ruas  
E voltava vazio como se tivesse matado a alma nos estrangulamentos da carne  
(rígida  
Subitamente sentia de novo a carga me fazendo vergar o rosto para a terra  
E o chicote me cortava as faces e o espírito esporeado galopava éguas na treva.  
Pelos dias eu vou – e a minha sombra fareja o caminho – mas quando meu  
(pensamento chega a minha alma já está  
Um momento eu bebo o instante certo de que será para sempre – ó os campos  
(onde estarei sozinho!  
No entanto obrigam-me a andar – ai de mim, é demais! porque eu sei que  
(aquele pio de ave é o grito dos sertões desaparecidos  
E aquela pedra de forma estranha é a montanha escancarada e aquele torrão  
(de terra é a sede nas fontes.  
Às vezes um ruído me assalta e eu paro e escuto - um fraco farfalhar de folhas  
(– tremo  
Temo os dolorosos ecos das grotas, os luares e as águas que escorrem ocultas  
(e eternas  
Sei que entre os lírios das encostas há víboras que espreitam e sei que é frágil  
(a margem dos precipícios  
Mas o pior castigo é ter que seguir pelo solo seguro e infinito do meio das  
(estradas  
Porque há muito tempo eu sou a alimária de um anjo cuja missão eu  
( desconheço  
Um anjo de grande sombra informe que se confunde com a treva da minha  
(caminhada  
E cujo riso fúnebre me apavora quando a garra da luxúria me amargura os  
(membros  
E cuja ira me condena ao castigo de um arrependimento solitário e eterno.

## O corta-jaca

Rattus rattus rattus  
(Pelas sarjetas de Ipanema e do Leblon)  
Rattus rattus rattus  
(Estupefatos gatos fogem de pavor)  
Rattus rattus rattus  
A tua louca simetria  
Rói a raiz dos próprios fatos  
Rattus rattus  
E acaba roendo a poesia.

Rattus rattus rattus  
(Foi o mesmo Deus que fez o lírio quem te fez?)  
Rattus rattus rattus  
(Tu multiplicas dois por quatro igual a dez)  
Rattus rattus rattus  
Impessoal procriador  
Não chegues junto aos meus sapatos  
Rattus rattus  
Porque eu te mato, ó roedor.

É o rato é o rato  
É o rato criança  
Cujo artesanato  
Lhe vem da lembrança  
Do rato rapaz  
Que guarda o retrato  
Risonho e roaz  
Do rato do rato  
Do rato já velho  
Que fuma charuto  
Se olhando no espelho  
E de quem os atos  
Que a cifra amplifica  
Um bando de ratos  
Sempre ratifica.  
Um rato de preto  
E um rato de branco  
Um rato de frente  
E um rato de flanco;  
Um rato de púrpura  
E um rato de cáqui  
Um rato de feltro  
E um rato de fraque;  
Um rato de imprensa  
Que tem que viver  
É um rato que pensa

Um rato abstrato  
Que rói por roer;  
Um rato esquisito  
Que vive em Paris  
É um rato erudito  
Um rato de giz;  
E além desses ratos  
Os ratos da terra  
Que servem a outros ratos  
Que não são da terra  
Tem dona Ratona  
E os rato-ratinhos  
Tão engraçadinhos  
Brincando de guerra  
Rattus rattus rattus etc...

### **O maestro Villa-Lobos fixa-se na eternidade**

Na verdade, Mestre, não morreste.  
A morte apenas abriu para o teu vulto  
O seu nicho de treva, de modo a que melhor pudesses  
Brilhar em tua glória. Não precisavas  
Da morte para nada.

## **O mal de Nava**

Meu Deus, que tédio  
Que me devora  
Não sei se fique  
Se vá me embora  
Morrer? Se morro  
Quem me dá vida?  
Chorar? Se choro  
Quem me consola?

Sinto fantasmas  
No seu silêncio  
Me sopram cinzas  
No coração  
Cinzas? quem dera.

## **Pressentimento**

Deixa dormir na tua porta o sono, poeta apascentado pela Lua  
Seus seios bebem teu sangue para alimentar os anjos  
Ouve as flores, sente como as suas minúsculas tetas de perfume  
Palpitam cheias de vinho para as pequeninas ovelhas do céu  
Fica em calma, enche teus olhos do verde negror da noite  
E quando muito recita um pouco de poesia à toa para as estrelas  
Porque nada tens a fazer, nada! e os passarinhos continuam soltos por aí...

## O Morro do Castelo

(A lira que não escreveu Gonzaga)

Numa qualquer madrugada  
De uma qualquer quarta-feira  
O homem de pouca fê  
Faz uma barba ligeira  
(Que coisa estranha é ter barba... )  
Toma um rápido café  
E depois, ali na esquina  
De Voluntários da Pátria  
Pega o Largo dos Leões  
E salta na Galeria  
Bem em frente a São José.

– Irei de boa vontade...  
Uma vez na encruzilhada  
De São José com a Avenida  
Vai seguindo toda a vida  
Contra a viração do mar  
Verás, fechados, uns bares  
Como umas portas de luar  
Mas segue; um pouco adiante  
A um golpe de atiradeira  
Fica a Cruz dos Militares  
Pouco antes dobra à direita  
Verás então a colina  
E na colina, a ladeira...

– Não tem mais. Puseram abaixo  
Tem sim. Ainda posso vê-la  
Subindo em paralelepípedos  
E no alto, luzindo, a estrela  
À beira do precipício...  
Tem sim! Tem sim! Lá está ela  
Parada... e eis-me aqui, Vinicius  
Menino, com meu velho avô  
E minha branca avozinha  
Que com um beijo me acordou...

– É inútil. Teu avô morreu...  
Não morreu! Mentira tua!  
Meu avô é um velho lindo  
Com um olhar sempre altaneiro  
E que anda sempre de alpaca  
Ainda agora posso vê-lo



À luz da aurora imediata  
Subindo, sempre subindo  
Pelo morro do Castelo  
Em demanda do mosteiro...

– Que Castelo? Já acabou!  
Já acabou? Mas que absurdo!  
Me lembro tão bem da entrada  
Da água benta, do som surdo  
E envolvente dos harmônios  
A me expulsar os demônios  
Da carne sempre acordada...  
Me lembro tão bem da bênção  
Dos turíbulos de incenso  
Balançando, do passar  
Dos sacristães reverentes  
E os farfalhares ardentes  
Da seda ritual, os dísticos  
Bíblicos, a via-sacra  
O misterioso soar  
Das campainhas litúrgicas  
O branco tecido místico  
Das orações... Tudo calmo  
Tudo alto... Tudo imenso...

– Deus morreu, pobre menino...  
Deus não morreu. Que blasfêmia!  
Deus é o pai da criação  
Deus nos criou, macho e fêmea  
Para nos sacrificarmos  
Pela nossa salvação  
Deus fez Adão, e fez Eva  
De uma costela de Adão  
Deus é Deus, o Pai Eterno  
o caminho e a redenção...  
Não digas... que Ele te leva  
Para as profundas do inferno  
O inferno sem remição...

– Deus morreu, pobre criança  
Há muito que Deus morreu  
Situa a tua esperança  
No homem que em ti nasceu.  
Deus é o teu medo da vida  
E do que a vida te deu  
Luta por um paraíso  
Cá na terra, e não no céu  
Que o inferno é aqui nesta terra  
Inventado por teu Deus.  
Esquece o mundo passado

No que não te esclareceu  
Olha a miséria a teu lado  
Que se a fez Deus, obrigado!  
Podes ficar com o teu Deus!  
Luta por teu semelhante  
Pobre, e que Deus esqueceu  
Que se por eles não lutas  
Tampouco se importa Deus.  
Cria a vida de ti mesmo  
E não de um Deus insensível  
Um bem preguiçoso Deus.  
Não digo que tu esqueças  
Dos desaparecidos teus  
Mas não vivas sobre a morte  
Que esta última consorte  
É forte, e a prova de Deus  
Pois se não crês e não crias  
Ao fim dos teus poucos dias  
Dela nem te salva Deus!

## **Otávio**

Torce a boca, olha as coisas abstrato  
Percorre da varanda os quatro cantos  
E tirando do corpo um carrapato  
Imagina o romance mil e tantos...

Logo após olha o mundo e o vê morrendo  
Sob a opressão tirânica do mal  
E como um passarinho, vai correndo...  
Escrever um tratado social

É amigo de um "braço" na poesia  
E de um outro que é só filosofia  
E de um terceiro, romancista: veja

Quanto livro a escrever ainda teria  
O ditador Otávio de Faria  
Sob o signo cristão da nova Igreja...

## O namorado das ruas

Eu sou doido por Alice  
Mas confesso que a meiguice  
De Conceição me alucina.  
Lucília não me dá folga  
Porém que amor é Bambina!  
Por Olga já fiz miséria  
Perdi dinheiro e saúde  
Mas quando Maria Quitéria  
Apareceu, eu não pude...  
Mais tarde, dona Florinda  
Quase me pega: que uva!  
Depois foi a viúva Dantas:  
Nunca vi coisa mais linda  
Do que o morro da Viúva.  
Em seguida foram tantas  
Que já nem estou mais lembrado  
Foi Tereza Guimarães  
Foi Carolina Machado.  
Hilda tinha tanto fogo  
Que eu, fraco, sem poder mais  
Mudei para Botafogo  
Meus casos sentimentais.  
Minha dona Mariana  
Que saudades da senhora...  
Como foi bom seu convívio  
Depois que deixei Aurora!  
Foi por essa ocasião  
Que eu, numa questão de dias  
Namorei tantas Marias  
Quantas encontrei à mão.  
Primeiro, Maria Amália  
E logo Maria Angélica  
Que larguei por Marieta  
Por achá-la um tanto bélica.  
Maria do Carmo deu-me  
Momentos a não esquecer  
E a bela Maria Paula...  
Morei nela de morrer.  
Estela... de minha vida  
Nunca vi coisa mais nua  
Nem mais ardente; foi ela  
Quem mostrou-me o olho da rua.  
Em Ana Teles perdi  
Os meus versos mais profundos  
Depois passei-me para Alcina:

Como adorava os baldios  
Que existiam nos seus fundos!  
E Irene... como era triste!  
No entanto, tão bem calçada...  
Nela gastei muito alpiste  
Para a sua passarada.  
Mas se me disserem: poeta  
Qual o nome mais amado  
Das ruas que conheceu?  
Eu tanto tempo passado  
Ó minha Joana Angélica  
Iria dizer o teu.

## **Ode a maio**

Maio dançarino! abre tuas asas diáfanas  
Sobre as corolas nascituras; limpa os céus  
De azul; aclara e alegre as águas do mundo  
Jovem, doce Maio! enxota as frutas  
Com teu bafo de cristal; amadurece-as  
Com teu Sol outonal e vem aos vales dançar  
Entre as adolescências da campina...

Maio  
Maio em flor! quem te criará para mim  
Em flor?

## O poeta em trânsito ou o filho pródigo

Acordarei as aves que, noturnas  
Por medo à treva calam-se nos galhos  
E aguardam insones o romper da aurora.  
Despertarei os bêbados nos pórticos  
Os cães sonâmbulos e os gerais mistérios  
Que envolvem a noite. Pedirei gritando  
Ao mar que mate e ao vento que violento  
As jovens praias de pudor tão branco.  
Quebrarei com ressacas e risadas  
O silêncio habitual de Deus na noite  
A intimidar os homens. Que a cidade  
Ponha o xale da lua sobre a fronte  
E saia a receber o seu poeta  
Com ramos de jasmim e outras saudades.  
A hora é de beleza. Em cada pedra  
Em cada casa, em cada rua, em cada  
Árvore, vive ainda uma carícia  
Feita por mim, por mim que fui amante  
Urbano, e mais que urbano, sobre-humano  
Na noturna cidade desvairada.  
Provavelmente não virei montado  
Em cavalo nenhum, como soía  
Nem de armadura, que essa, a poesia  
Mais que nenhuma me defenderia  
Numa cota de malhas de silêncio.  
É bem possível até que chegue bêbado  
E se em janeiro, de camisa esporte.  
O importante é chegar, ser a unidade  
Entre a cidade e eu, eu e a cidade  
Ouvir de novo o mar se estilhaçando  
Nas rochas, ou bramindo no oceano  
Sozinho como um deus.....

.....  
.....

Ó bem-amada  
Rio! como mulher petrificada  
Em nádegas e seios e joelhos  
De rocha milenar, e verdejante  
Púbis e axilas e os cabelos soltos  
De clorofila fresca e perfumada!  
Eu te amo, mulher adormecida  
Junto ao mar! eu te amo em tua absoluta  
Nudez ao sol e placidez ao luar.  
Junto de ti me sinto, tua luz  
Não fere o meu silêncio. O meu silêncio  
Te pertence. Eu sei que resguardada

Dos seres que se movem entre teus braços  
Teus olhos têm visões de outros espaços  
Passados e futuros...

Como às vezes  
Sobre a lunar estrada Niemeyer  
Entre o clamor das ondas fustigadas  
Meditam as montanhas. Que silêncio  
Se escuta ali pousar, que gravidade  
Da natureza! Eu sei, é bem verdade  
Que sob o sol o Rio é muito claro  
Muito claro demais, e sem mistério.  
Eu sei que ao revérbero de janeiro  
Morrem segredos como morrem as aves  
Contentes de morrer. Eu sei tudo isso.  
Já vi com esses meus olhos incansáveis  
Idéias explodirem como flores  
Entre réstias de sol já vi castelos  
Matemáticos ruírem como cartas  
Sistemas filosóficos perderem  
A lógica do dia para a noite  
Obras de arte nascentes desviarem-se  
Do rumo da criação ante uma axila  
Suada, e muitos santos se danarem  
Sob a ação salutar do ultravioleta.  
Mas pra quem tem o hábito da noite  
Quem vive em intimidade com o silêncio  
Quem sabe ouvir a música da treva  
Quando na treva reproduz-se a vida  
Para esse, a cidade se oferece  
Num clima universal de eternidade  
No contraponto do mover do mar  
E no mutismo milenar da pedra  
Em sua infinidade de infinitos  
Para esse os Dois Irmãos contam uma história  
Fantástica, de forças irrompendo  
Da terra e se dispondo em formas súbitas  
Viúva! Pão de Açúcar! Corcovado!  
E mais ao sul, sarcófago do sol  
A mesa imensa onde esse pode ver  
Se acaso souber ver, no fim do dia  
A silhueta do homem primitivo  
(A mesma que ainda hoje, transformada  
Passa sobre o mosaico da Avenida)  
E até quem sabe, natural torcida  
Assistindo de sua arquibancada  
As serpentes do mar em luta ignara  
Movendo maremotos, à porfia  
No estádio natural da Guanabara.

## Patético

Está ausente. Ausente como as vozes da minha infância  
E muda – eu lhe dou adeus de todos os espaços  
Grito o seu nome em todas as ruas - e os trens passam deixando a distância  
(nas casas que dormem  
Mas está muda e ausente – e os trens passam e eu grito o seu nome...

Ah, meu amor! por que a saudade está me chamando para a noite?  
Sou eu, sou eu! aquele cuja alma se estende sobre a vida  
Aquele cujo espírito é imenso e cujo coração é trágico  
Eu, eu... E logo nada mais serei que memória e dolorosa lembrança

Teus gestos e teus olhares de profunda inocência, onde estão?  
Nada se move... – há uma luz, um leito e uma lua lá longe...  
Talvez eu esteja prisioneiro de um destino atroz – socorre-me!  
Talvez eu esteja sofrendo um instante atroz – liberta-me!

Quero a calma, a pureza, a serenidade do teu mundo  
Quero as manhãs nascendo e as tardes se pondo docemente  
Não quero o horror! as convulsões, os desânimos, as lágrimas, a cólera  
Quero as tuas mãos - e não as encontro no ar, no mar, no luar, no caminhar

Adormece e vem – eu sei que sou forte e belo para a vida  
Sei que há um gênio inquieto na minha palavra que um dia será ouvida  
Mas nesse momento quero apenas que seja tu a que sabe e a que recebe  
Onde estás? – no país distante que fica ao poente ou no país presente que fica  
(ao levante?...

Ausente – muda e ausente! crianças que sonham trazei-me o seu sono  
Estrelas que dormem trazei-me o seu sonho. – Mas quem bateu na minha janela?  
– Foi o grito dos trens partindo da tristeza de uns para a alegria de outros  
– Foi o grito do além pedindo o orvalho das madrugadas para a carne dos  
(infelizes...

## **Pensée de Desespoir**

Pousa docemente a cabeça  
Sobre a brancura do teu leito  
Pensa-te imóvel e perfeito  
Antes que a grande noite desça

Diz-te que a morte será breve  
Sem música e sem poesia  
E quando venha, após, o dia  
Deixa que a vida assim te leve.

## **Perdoai-me, meus amigos,... (s/ título)**

Perdoai-me, meus amigos, a minha súbita vontade de chorar em vosso mágico  
(convívio)  
Eu tenho vontade de chorar sobre a minha súbita inocência. Tenho também  
(eu vos confesso)  
Vontade de chorar sobre a bandeja de asa de borboleta  
Sobre os olhos do menino morto de avitaminose em Ouro Preto, Mariana  
E o pudor de quando na hora do almoço reparei nos seus seios adolescentes.  
É tarde hoje na noite. A ti, poeta  
Meu irmão desde Jesus, tu que acordaste  
Os ecos gerais da minha poesia; a ti  
Que primeiro sentiste o amor absoluto, o mar absoluto, o luar absoluto, o  
(despojamento total)  
Da minha inútil poesia; a ti  
Que, desde sempre, foste o esperado, o inesperado, o desesperado amigo  
Sem passado nem futuro; a ti que uma manhã  
Bateste na porta do banheiro do Hotel Montaigne (Ex-des-Théâtres), 5, avenue  
Montaigne, Paris 8ème  
E me disseste: C'est Jean-Georges Rueff (e eu não soube de quem se tratava  
Porque a carta que me escreveste para Los Angeles pedindo-me permissão  
para traduzir minhas elegias datadas de quatro anos antes e eu, além disso,  
não tenho o hábito de lembrar de ninguém que não conheço, e estava muito  
apaixonado demais por minha mulher para poder lembrar de alguém que  
tivesse a coragem de bater na minha porta num banheiro em Paris)



## Poema de Ano-Novo

Ê preciso que nos encontremos diante do amor como as árvores fêmeas cuja  
    (raiz é a mesma e se perde na terra profana  
Ê preciso... a tristeza está no fundo de todos os sentimentos como a lágrima  
    (no fundo de todos os olhos  
Sejamos graves e prodigiosos, ó minha amada, e sejamos também irmãos e  
    (amigos.  
Ê preciso que levemos diante de nós o retrato das nossas almas como se  
    (fôssemos a um tempo a Verônica e o Crucificado  
Eu sou o eterno homem e hoje que a dor fecunda o tempo eu sinto mais que  
    (nunca a vontade de fechar os braços sobre a minha miséria.  
Fiquemos como duas crianças pensativas sentadas numa escada – todos serão  
    (os peregrinos e apenas nós os contemplados.

## Praia do Pinto

Ao pé da praia do Pinto  
Existe uma favelinha  
Levantada em lama e zinco.  
Foi lá que, junto à Lagoa  
Num falado amanhecer  
Se encontraram dois malandros  
Com muita entrada em xadrez  
Ambos valentes da zona  
Querendo a mesma mulher.

## Poema na morte de meu compadre Carlos Echenique

Compadre  
Você morreu  
Você morreu de sua morte simples e dolorosa  
Sonda na barriga  
(Minha comadre que me perdoe de lembrar essas coisas)  
Vômitos, e mais sonda na bexiga  
E mais sonda barriga e mais vômitos  
De vez em quando uma voltinha até o Veloso  
Para tomar umas e outras.  
Meu compadre querido, companheiro de tantas angústias  
Dois ou três dois depois de você Hemingway morreu  
Hemingway que gostava de touradas  
Que gostava de caçar leões na África  
Que gostava de tudo o que um homem que não é homem não gosta.  
Meu compadrinho, você que foi tão macho diante da morte  
Você que morreu de seu diabetes feito um homem que morre  
Meu compadre  
Que diferença entre a sua morte e a morte de Hemingway  
Hemingway que sempre quis ser o bacano  
Que gostava de ver homens matar touros  
(E que isto que eu estou dizendo sirva de qualquer coisa para meu amigo  
(João Cabral de Melo)  
Hemingway que não tinha medo de avião e gostava de matar bichos na África  
E você no entanto, meu compadre Carlos Echenique  
Uma semana antes da sua morte  
Andou providenciando para a Iracema  
Minha querida Iracema, flor negra do meu Brasil  
Minha outrora empregada, atualmente empregada de Rubem Braga  
Iracema que queria tanto um salão para alisar o cabelo de crioula  
De cabelo de crioula feito o seu, minha boa Iracema  
Minha irmãzinha de cor, de cor muito mais bonita que a de Hemingway  
Iracema, crioula do Brasil, figura mais anti-Hemingway que o meu próprio  
(compadre Carlos Echenique  
Que morreu de seu diabetes, e na hora que deram oxigênio para ele  
Disse aí que arzinho tão bom, e cuja morte tão direita  
Não tern nada a ver com a morte bacana de Hemingway, muito pelo contrário  
Cujas morte tem a ver com meu amigo Jayme Ovalle, na fotografia tirada por  
(meus primos os irmãos Franceschi  
E com a canção de João Gilberto, e o violão de Baden Powell, e a tristeza de  
(Antonio Carlos Jobim  
E o sacrifício de santa Luzia que tinha olhos tão lindos que os sacrificou à  
(luxúria dos homens numa pequena salva de estanho.

## **Provavelmente não virei montado... (s/ título)**

Provavelmente não virei montado  
Em cavalo nenhum, como soía  
Nem de armadura, que essa, trago vestida  
Feita do aço da vida  
Sobre a cota de malha do silêncio.  
É possível até que chegue bêbado  
E se em janeiro, de camisa esporte.  
O importante é chegar, ser a unidade  
Ser a cidade e eu, eu e a cidade  
Ouvir de novo o mar se estilhaçando  
Nas rochas ou bramindo no oceano  
Sozinho como um Deus. Ou no verão  
No verão, quando o sol, embora oculto  
Queima a cera da Lua  
Ver – ó visão! Vênus morrer nas ondas  
A pura, a louca, a grande suicida  
Cuja morte restitui os homens à vida  
Na ilusão do tempo. Oh bem-amada  
Cidade! como mulher petrificada  
Em nádegas e seios e joelhos  
De rocha milenar, e verdejante  
Púbis e doces axilas e cabeleira  
Vegetal  
Mulher adormecida junto ao mar  
Eu te amo em teu sol e teu luar  
Junto de ti me sinto, tua luz  
Não fere o meu silêncio. O meu silêncio  
Te pertence. Eu sei que, resguardada  
De seres que se movem entre teus braços  
Teus olhos têm visões de outros espaços  
Passados e futuros.

\*\*\*

Esta é a cidade em que te vi passando  
Esta é a cidade que me viu sofrendo  
Esta é a cidade que trilhei fugindo  
Metrópole fatal, hosana! hosana!  
Esta é Copacabana, ampla laguna  
Curva e horizonte, arco de amor vibrando  
Suas setas de luz contra o infinito.  
Aqui meus olhos desnudaram estrelas  
Aqui meus braços discursaram à Lua  
Desabrochavam tigres dos meus passos  
E as sereias por mim se consumiam.

Copacabana! praia de memórias  
Quantos êxtases, quantas madrugadas  
Em teu colo marítimo! esta é a areia  
Que tanto enlamecei com minhas lágrimas  
Aquele é o bar que freqüentei. Vês tu  
Aquele escuro ali? É um monumento  
Cone de sombra erguido pela noite  
Para marcar por toda a eternidade  
O local onde, um dia, fui perjuro  
Ao teu amor. Ali beijei-te ansiado  
Como se a vida fosse terminar  
Naquele louco embate. Ali cantei  
Ali menti, ali me silencie  
Para gozo da aurora pervertida.  
Sobre o banco de pedra que ali está  
Nasceu uma poesia. Ali jurei  
Um dia me matar. Ali fui mártir  
Fui covarde, fui bárbaro, fui santo.

### **Que hei de fazer de mim,... (s/ título)**

Que hei de fazer de mim, neste quarto sozinho  
Apavorado, lancinado, corrompido  
A solidão ardendo em meu corpo despido  
E em volta apenas trevas e a imagem do carinho!

Defendido, a me encher como um rio contido  
E eu só, e eu sempre só! ó miséria, ó pudor!  
Vem, deita comigo, branco e rápido amor  
Risca de estrelas cruéis meu céu perdido!

Lança uma virgem, se lança, sobre este quarto  
Fá-la que monte no teu sórdido inimigo  
E que o asfixie sob o seu púbis farto

Mas que prazer é o teu, pobre alma vazia  
Que a um tempo ordenhas lágrimas contigo  
E outras enxugas, fiéis lágrimas de agonia!

### **Quem, quem depois... (s/ título)**

Quem, quem depois  
Abrirá as portas sobre o imensurável?  
Quem compreenderá a aurora  
Em seu mais íntimo e elementar silêncio?  
Quem descera as pontes levadiças  
Do Sol sobre as cidades possuídas  
Pela morte?

### **Redondilhas a Laranjeiras**

Laranjeiras pequenina  
Carregadinha de flor  
Eu também estou dando pássaros  
Eu também estou dando flores  
Eu também estou dando frutos  
Eu também estou dando amor.

## Redondilhas para Tati

Sem ti vivo triste e só  
(Bastasse o que já sofri... )  
Sem ti sou ermo, sou pó  
Sou tristeza por aí...  
Sem ti... ah, dizer-te a ti!  
Mas se me cerra o gogó  
Como se tivesse aqui  
Um naco de pão-de-ló!  
Sem ti sou pena de Jó  
Sou ovo de juriti  
Sem ti sou carandaí  
Tamandaré, Mossoró  
Sem ti sou um qüiproquó  
Um oh, um charivari  
Sem ti, sou de fazer dó  
Sou de fazer dó-ré-mi  
Meu benzinho de totó  
Meu amor de tatuí.  
Mas sou forte não reclamo  
Sou bravo como Peri  
– Não, mulher, já não te amo!  
(É brincadeira, hem, Tati... )  
Tati, Tatuca, Tatica  
Onde ficou minha tática  
Perdi toda a velha prática...  
Esta vida é uma titica.  
Ah, garota, francamente  
Nem sei mais o que pensar  
És tu que estás tão presente  
Ou eu que fui me casar?  
Não posso, Tati, te juro  
Não posso viver sem ti  
Tu és meu cantinho escuro  
Meu verso por descobrir  
És meu eterno oxalá  
Em terra de alibibi  
És meu trecho de Zola  
Repassado por Delly  
És Totonha, Tatiana  
Tereza, e nunca Tati  
És extrato de lavanda  
Rotulado por Coty  
Beatriz?... mas quem és tu  
Para Dante abandonar?  
Sereis um merci bocu

De praga de pai Exu  
Para cima de moá?

Não! Tu és como o penedo  
E eu... como a onda do mar  
És a sombra do arvoredor  
E eu... pastor a descansar  
Sou o ouvido, és o segredo  
És a luta, eu sou a paz  
És Beatriz Azevedo  
E eu Vinicius de Moraes.

## **Retrato de Maria Lúcia (II)**

Talvez de uma campina  
Onde a tarde rupestre  
Incendiasse o sílex  
Do caminho agreste

Na antiga Palestina  
Ou ao longo do Nilo  
Princesa ou campesina  
Silenciosa e presta

Cruzando quem sabe  
Jesus itinerante  
.....

De longe, de longe  
Do fundo dos tempos  
Tu vens para mim.

## **Salta como um fauno puro ou um sapo... (s/ título)**

Salta como um fauno puro ou um sapo miraculoso por entre os raios do sol  
(frenético)

Distribuindo alegres e bem-soantes palavrões para protestantes e católicos  
Urina sobre as escadarias dos templos porque ali os mendigos se sentam  
E cospe sobre todos os que se proclamaram miseráveis.

Canta, canta demais! Nada há como o amor para matar a vida  
Amor que é bem o amor da inocência primeira.  
Canta! O coração da Donzela restado da carne ficará queimando eternamente  
(a amiga morta)  
Para o horror dos monges, dos cortesãos, dos caftens, das prostitutas e dos  
(pederastas).

Transforma-te por um segundo num mosquito gigantesco e passeia sobre as  
(grandes cidades)  
Espalhando o terror por toda a parte onde pousem as tuas impalpáveis  
(antenas)  
Lega aos cínicos o cinismo, aos covardes a covardia, aos avaros a avareza  
E injeta-os de pureza para que eles apodreçam como porcos mordidos por  
[serpentes].

E com toda essa lama faz um poema puro - faz e deixa-o  
Como o velho de Sindbad ele há de saltar às custas dos que foram passando

Há de estrangulá-los, vencê-los, aniquilá-los misteriosamente  
Como o branco fantasma da sua podridão e da sua mentira.  
Canta! Canta porque cantar é a missão do poeta  
E dança porque dançar é o destino da pureza  
Para os cemitérios e os lares faz o teu gesto obsceno  
Carne morta na carne viva, basta! falo eu que sou um.



## **Santa Maria tem terras... (s/ título)**

Santa Maria tem terras  
Como outras iguais não há  
Tem pastagens, tem florestas  
Onde canta o sabiá

Deus permita que, voltando  
Muito mais tempo eu lá fique  
"Gozando" a couve mineira  
E o Ford do Vanderlique

Que lugar, Santa Maria!  
Que fazendeiros seus donos!  
Que fome, meu Deus, de dia!  
De noite, Deus meu, que sono!

Tão pertinho de Resende  
(Onde impera o falatório...)  
A fazenda é como um céu  
Ao lado de um purgatório

E como em todos os céus  
Que têm a sua rainha  
Lá reina, cheia de graça  
Nossa Senhora... Francinha

Como é bom, de tarde, ver-se  
Junto de seu Robiches  
O Carlos pintar o sete  
Murmurando o seu dê-dê!

Como é gostoso de andar-se  
Por trás das "casuarinas"  
Entre o correr dos meninos  
E a falação das meninas!

Ó terra de mil primores  
Cheia de doce beleza  
Muito melhor que os Sabóia  
Sem igual na redondeza

Nossas vacas têm mais leite  
Nossos paióis têm mais milho  
Nossos currais, mais fartura  
E nossas éguas mais filho.

Deus não permita que eu morra  
Sem que possa lá voltar

Para ver todos os dias  
O Miguel tratando o Zar

Para assistir bem de longe  
As belas éguas de pólo  
Que me deram um belo susto  
E deram com o Zé no solo

Dia virá, com certeza  
Que me verá por aqui  
Saudando tanta beleza  
Com o grande gesto do Guy

Brincando com Gilda e Bumba  
Junto com a Zuleica e o Zé  
Fazendo meus mexericos  
No terreiro de café

Tocando minha viola  
Para a Lili e a Bebê  
Bebendo a cerveja preta  
Que me dá, seu Rabiches

Passando o dia na flauta  
Andando de cá para lá  
Correndo pelas campinas  
Atrás de maracujá

## **Sinto-me só como um seixo de praia**

Sinto-me só como um seixo de praia  
Vivendo à busca no cristal das ondas,  
Não sei se sou o que não sou. Pressinto  
Que a maré vai morar no fundo d'alma.

Calo-me sempre se te escuto vindo  
Marulho de incerteza e de agonia;  
Há crenças deslizando nos meus traços,  
Molhando a estátua do meu sonho antigo.

Declino-me nas frases dos rochedos  
Nas pérolas de som do esquecer  
Na incrível sombra da montanha adulta.

E ao me curvar ao peso da memória,  
Descubro meu reflexo obscuro  
Num soneto de espumas inexatas.

## Soneto a Oxford

Ó Oxford, prende o sol em tuas pontas  
Góticas; dormem divinas harmonias  
Em tuas torres puras e sombrias  
E em teus jardins de grandes flores tontas.

O eterno farfalhar de Christ Church Meadows  
E as mesmas águas trêmulas dos Ices  
Enchem meu coração da antiga fé  
Dos bardos que ilustraram tuas classes.

Rebanhos de ontem e sempre; hoje meninos  
De capa preta, que o pastor dos sinos  
Tange dos sinos que me estão chamando

Aos claustros de presságio e da penumbra  
Sobre os quais, pela noite, se vislumbra  
O fantasma de Magdalen, perscrutando...

## Soneto com pássaro e avião

*De "O grande desastre do six-motor francês  
Leonel de Marmier, tal como foi visto e vivido pelo poeta  
Vinicius de Moraes, passageiro a bordo"*

Uma coisa é um pássaro que voa  
Outra um avião. Assim, quem o prefere  
Não sabe às vezes como o espaço fere  
Aquele. Um vi morrer, voando à toa

Um dia em Christ Church Meadows, numa antiga  
Tarde, reminiscente de Wordsworth...  
E tudo o que ficou daquela morte  
Foi um baque de plumas, e a cantiga

Interrompida a meio: espasmo? espanto?  
Não sei. Tomei-o leve em minha mão  
Tão pequeno, tão cálido, tão lasso

Em minha mão... Não tinha o peito de amianto.  
Não voaria mais, como o avião  
Nos longos túneis de cristal do espaço...

## **Soneto da desesperança**

De não poder viver sua esperança  
Transformou-a em estátua e deu-lhe um nicho  
Secreto, onde ao sabor do seu capricho  
Fugisse a vê-la como uma criança.

Tão cauteloso fez-se em seus cuidados  
De não mostrá-la ao mundo, que a queria  
Que por zelo demais, ficaram um dia  
Irremediavelmente separados.

Mas eram tais os seus ciúmes dela  
Tão grande a dor de não poder vivê-la,  
Que em desespero, resolveu-se: – Mato-a!

E foi assim que triste como um bicho  
Uma noite subiu até o nicho  
E abriu o coração diante da estátua.

## **Soneto da mulher casual**

Por não seres aquela que eu buscava  
Nem do meu ontem nada recordares,  
Por não haver, alguém e além dos mares,  
Alguém mais relva e seda, avena e lava;

Por o efêmero e o vão me revelares  
Dos ídolos antigos que adorava  
E por assim sem cânticos chegares  
Quando de tudo eu já desesperava;

E por seres feliz e por querereres  
A alguém que é feliz, até o resto  
De mim, quando talvez nem mais viveres,

Serás, inesperada e longe amiga,  
Presente em todo pensamento, gesto  
E palavra de amor que tenha e diga.

## **Soneto do amor demais**

Não, já não amo mais os passarinhos  
A quem, triste, contei tanto segredo  
Nem amo as flores despertadas cedo  
Pelo vento orvalhado dos caminhos.

Não amo mais as sombras do arvoredor  
Em seu suave entardecer de ninhos  
Nem amo receber outros carinhos  
E até de amar a vida tenho medo.

Tenho medo de amar o que de cada  
Coisa que der resulte empobrecida  
A paixão do que se der à coisa amada

E que não sofra por desmerecida  
Aquele que me deu tudo na vida  
E que de mim só quer amor – mais nada.

## **Soneto na morte de José Arthur da Frota Moreira**

Cantamos ao nascer o mesmo canto  
De alegria, de súplica e de horror  
E a mulher nos surgiu no mesmo encanto  
Na mesma dúvida e na mesma dor.

Criamos toda a sedução, e tanto  
Que de nós seduzido, o sedutor  
Morreu nas mesmas lágrimas de amor  
Ao milagre maior do amor em pranto.

Fui um pouco teu cão e teu mendigo  
E tu, como eu, mendigo de outro pão  
Sempre guardaste o pão do teu amigo

Meu misterioso irmão, sigo contigo  
Há tanto, tanto tempo, mão na mão...  
Ouve como chora o coração.

## **Soneto sentimental à cidade de São Paulo**

Ó cidade tão lírica e tão fria!  
Mercenária, que importa – basta! – importa  
Que à noite, quando te repousas morta  
Lenta e cruel te envolve uma agonia

Não te amo à luz plácida do dia  
Amo-te quando a neblina te transporta  
Nesse momento, amante, abres-me a porta  
E eu te possuo nua e fugidia.

Sinto como a tua íris fosforeja  
Entre um poema, um riso e uma cerveja  
E que mal há se o lar onde se espera

Traz saudade de alguma Baviera  
Se a poesia é tua, e em cada mesa  
Há um pecador morrendo de beleza?

## **Tanguinho macabro**

– Maricota, sai da chuva  
Você vai se resfriar!  
Maricota, sai da chuva  
Você vai se resfriar!  
– Não me chamo Maricota  
Nem me vou arresfriar  
Sou uma senhora viúva  
Que não tem onde morar.

– Maricota, sai da chuva  
Você pode até morrer!  
Maricota, sai da chuva  
Você pode até morrer!  
– Pior que a morte, seu moço  
É ser moça e não poder  
Mais morta que estou não posso  
Tomara mesmo morrer.

– Maricota, vem comigo  
Para o meu apartamento!  
Maricota, vem comigo  
Para o meu apartamento!  
– Fico muito agradecida  
Pelo generoso intento  
E sem ser oferecida  
Aceito o oferecimento.

– Maricota, meu benzinho  
Tira o véu para eu te ver!  
Maricota, meu benzinho  
Tira o véu para eu te ver!  
– Ah, estou tão envergonhada  
Que nem sei o que dizer  
Só mesmo a luz apagada  
Poderei condescender.

– Maricota, esse perfume  
Vem de ti ou de onde vem?  
Maricota, esse perfume  
Vem de ti ou de onde vem?  
– É o odor que se tem na pele  
Quando pele não se tem  
É o meu cheirinho de angélica  
Que eu botei só pro meu bem.

– Maricota, dá-me um beijo  
Que eu estou morto de paixão  
Maricota, dá-me um beijo  
Que eu estou morto de paixão  
– Satisfarei seu desejo  
Com toda a satisfação  
Aqui tem, seu moço, um beijo  
Dado de bom coração.

– Maricota, os seus dois olhos  
São poços de escuridão!  
Maricota, os seus dois olhos  
São poços de escuridão!  
– Não são olhos, são crateras  
São crateras de vulcão  
Para engolir e et cetera  
Os moços que vêm e vão.

– Maricota, o teu nariz  
São duas fossas de verdade!  
Maricota, o teu nariz  
São duas fossas de verdade!  
– Não é nariz não, mocinho  
É uma grande cavidade  
Para sentir o cheirinho  
Dessa sua mocidade.

– Maricota, a tua boca  
Não tem lábios de beijar!  
Maricota, a tua boca  
Não tem lábios de beijar!  
– Não é boca, meu tesouro  
É um sorriso alveolar  
São quatro pivôs de ouro  
Presos no maxilar.

– Maricota, tuas maminhas  
Tuas maminhas onde estão?  
Maricota, tuas maminhas  
Tuas maminhas onde estão?  
– Estão na boca de um homem  
E do seu filho varão  
Maminhas não eram minhas  
Eram coisas de ilusão.

– Maricota, que engraçado  
Onde está seu buraquinho?  
Maricota, que engraçado  
Onde está seu buraquinho?  
– Buraco só tenho um



De sete palmos neguinho  
Mas é melhor que nenhum  
Pra caber meu amorzinho.

– Maricota, estou com medo  
Estou com medo de você!  
Maricota, estou com medo  
Estou com medo de você!  
– Não se arreceie, prometo  
Que nada tens a perder  
Mais vale amar um esqueleto  
Que uma mulher, e sofrer.

E a Morte levou o moço  
Para o fatal matrimônio  
Deu-lhe seu púbis de osso  
Sua tíbia e seu perônio  
Diz que o corpo decomposto  
De manhã foi encontrado  
Mas que sorria o seu rosto  
Um sorriso enigmático.

## **Tatiografia**

Em Tati tem Taiti  
Ilha do amor e do adeus  
Tem avatá, Havai!  
Taubaté, Aloha He...  
Tem medicina com mascate  
Pão de açúcar com café  
Tem Chimborazo, Kantchatca  
Tabor, Popocatepete  
Tem montes sem ser rochosos  
Tem milhões de Pireneus  
Tem doces lagos da Escócia  
Tem aconcáguas incríveis  
Junto de Dedos de Deus  
Tem Malaias tem malárias  
Amazonas sem mistérios  
Tem Saaras sem Simoun  
Com tabus e Timbuctus  
Tem iogas, tem nirvanas  
Tem tigres, tem tuaregues  
Tem vagas Constantinoplas  
Tem Bombains sem madrastas  
Tem juras, tem jetaturas  
Danúbios sem ser azuis  
Tem Jordões, tem Solimões  
Içás, Tapajós, Purus  
Tem Valências Catalunhas  
E até calvários sem cruz  
Tem Tejos, tem Beira Douros  
Trás as Cintras, Trás-os-Montes  
Tem rios, tem pororocas  
Quedas-d'águas, brancas fontes  
Tem colinas, tem bacias  
Muitos belos horizontes.  
Tem Norte Sul Leste Oeste  
Zona quente e zona fria  
Tem tudo que tem no mundo  
Na minha Tatiografia.

## **Todas as namoradas que eu já tive... (s/ título)**

Todas as namoradas que eu já tive  
Estão noivas  
Uma só dentre todas não está noiva  
Casou-se.  
Nenhuma se lembra mais de mim  
As que tiveram meus beijos evitam meus olhos  
As que tiveram minha afeição riem mal de mim  
E beijam furtivamente os noivos nos cinemas e nas praias  
Todas têm meus sonetos de amor  
Com promessas ardentes de constância e fidelidade  
Todas têm meu retrato  
O retrato do menino risonho que eu já fui  
Com todas eu gastei algumas horas do dia  
E algumas horas da noite  
Todas estão noivíssimas  
E são apenas meninas sem juízo fazendo o que querem  
Dando aos namorados anteriores a satisfação social do noivado  
E exibindo o noivo bonito aos olhos das moças sem namorado.

Algumas eu estimei sinceramente  
Sem grandes palavras mas com olhares francos  
Olhares que eu estudava nos bondes com outras  
Para fazê-los ainda mais verdadeiros  
Com outras me diverti  
Passeando horas e horas braço com braço  
Com palavras grandes e pequenos olhares  
A todas eu feri inconscientemente  
As que eu beijei e as que eu não beijei  
As que eu beijei porque um dia não quis beijar  
As que eu não beijei porque um dia quis beijar.

Vi-as fugirem todas de mim  
E me vi fugindo de todas elas  
Vejo-as agora aqui e ali ontem e hoje  
A casada, com um filho  
As noivas, com brilhos maternais nos olhos  
Futuros infelizes para o mundo  
Vejo-me por momentos pai de família comprando brinquedos  
E a satisfação de estar só é tão grande  
Que no fundo eu estimo sinceramente todas essas meninas  
Que estão noivas e serão muito felizes  
E a que está casada e não é feliz mas faz que é

E me estimo mais, ainda, a mim próprio  
Que estou só, feliz e só, com os meus amigos e com a minha boemia discreta.

## **Transfiguração da montanha**

E uma vez Ele subiu com os apóstolos numa montanha alta  
E lá se transfigurou diante deles.  
Uma auréola de luz rodeava-lhe a cabeça  
Ele tinha nos olhos o paroxismo das coisas doces  
Sua túnica tinha a alvura da neve  
E nos seus braços abertos havia um grande abraço a toda a humanidade  
A natureza parou estática  
Só os pássaros cantavam melodias  
Melodias doces como os olhos Dele  
E veio uma nuvem grande e cobriu os apóstolos  
E se ouviu uma voz:  
"Este é meu filho bem-amado, em quem tenho posto todas as minhas  
complacências; escutai-o!"  
E os apóstolos escutaram a grande voz da nuvem, e se prostraram  
E quando eles ergueram os olhos não havia mais nuvem  
A natureza já não estava mais parada  
Tudo continuava  
Como os olhos Dele continuavam doces  
E Ele lhes disse:  
"Não faleis desta visão até que o filho do homem ressuscite dos mortos"  
E lançando os olhos em torno Ele viu a terra embaixo  
Viu a terra do alto da montanha  
E viu a outra montanha do outro lado da terra  
Era uma pedra imensa  
Dominava tudo  
De baixo, a terra olhava para a montanha  
Admirada!  
Ela tinha sido precipitada para cima  
Pelas grandes forças da natureza  
Na sua base, onde a floresta escorre em seiva  
Onde pelos grandes troncos descem óleos vermelhos  
E onde as folhas berram um cheiro enorme de mato bravo,  
Os pássaros viviam na felicidade profunda de seus cantos  
Grandes cobras dormiam nos desenhos de sol  
E as borboletas eram fecundadas em pleno vôo. Às vezes vinha o vento  
Entrava na selva  
E levava até em cima um cheiro enorme de mato bravo.  
A montanha tinha em si toda a natureza  
Tinha um rio que dormia nos desenhos de sol  
E que de repente acordava e pulava nas cascatas.  
Ele viu tudo  
Viu a montanha e viu a floresta  
Viu principalmente a floresta  
E amou muito a montanha  
A montanha que possuía toda a natureza

Menos Ele

Seus divinos lábios entreabriram-se num sorriso

E ele falou para Deus:

"Dia virá em que hei de ter aquela pedra por trono  
e lá de novo eu me transfigurarei!"

Depois tudo mudou

O mundo girou sempre, andou sempre

O mundo judeu errante.

Não parava na catástrofe

As guerras se sucediam

Os flagelos se sucediam

Andavam, sempre para a frente, sempre para a frente

Flagelos judeus errantes

O grande sentimento era o ódio

Ódio de tudo

Ódio grande

De corações pequenos

Os homens só tratavam de si

As mulheres tratavam de todos

Não mais a beleza da vida

Não mais o amor.

O tigre desperta e mata tudo

Mata os pequeninos que choram de medo

Mata as mães que têm os olhos despertos nas grandes noites da vida

E os pais que têm a fronte enrugada pelas preocupações.

Mata tudo.

Quer matar até Deus

Porque sabe que Ele vê todas as coisas

Vê os pequeninos que morrem

Vê os pais e as mães que morrem

E porque tem medo da Sua justiça.

Nas grandes sociedades havia muitas festas

Havia muitas festas e muitos vícios

Os homens bebiam para esquecer o dia de amanhã

E bebiam no dia de amanhã para esquecer o dia que passou

As mulheres bebiam para imitar os homens

E fumavam também

Não mais a arte

Não mais a poesia

A arte está na alma dos homens que bebem

A poesia canta a arte dessas almas bêbadas

Que é da poesia profunda da natureza?

Que é da arte da natureza?

Morreu.

Morreu com a alma do homem.

A alma do homem é como o amor morto

Onde todas as coisas bóiam à superfície

Ai! O tempo em que a alma do homem era o oceano

O grande oceano que guarda pérolas e possui vegetações esquisitas

E onde a luz bóia à superfície!  
Mas o mundo mudou.  
Ele foi esquecido  
A transfiguração foi esquecida  
Os homens só se lembraram Dele  
Ou para ofendê-lo enquanto viviam  
Ou para temê-lo covardemente na hora da morte.

Mas uns houve que não perderam o sentido da vida  
Que guardaram na alma a grande simplicidade das coisas boas  
Uns, que perdoavam  
Uns, que socorriam e sorriam para a morte gloriosa  
Eles tinham dentro da roupa preta que os vestia  
A alma branca dos que são os bem-aventurados de Deus  
Eles eram poucos  
Foram aumentando  
Pregaram aos outros o sentido da vida que eles possuíam  
O mundo não escutava  
Tinha a surdez profunda da inteligência  
A vontade perseverante contudo fez efeito  
E um dia, alto, formidável  
A bela cabeça nas nuvens  
E os pés na rocha bruta  
Ele surgiu num esplendor de divindade  
Transfigurado  
Os braços abertos como num abraço  
E os olhos suaves olhando a terra embaixo  
Apareceu  
Branco e enorme  
Sobre a rocha escura e enorme  
A rocha e Ele  
Se unificaram na mesma beleza  
O grupo formidável  
Vivia a impressão  
Da grande cena bíblica  
A pedra que guardava a floresta  
E o grande gigante meigo  
Era como a cena bíblica  
Da fundação da Igreja  
A pedra enorme  
Era a própria força espiritual de São Pedro  
Posta na matéria  
A base  
A pedra da Igreja  
E em cima, Ele, Senhor de todas as coisas  
Belo e agigantado  
Olhando as coisas embaixo  
Com o olhar bom do que foi Homem  
Com o amor do que [...] o único Deus.  
Senhor!

Tu estás lá  
E tu estás em todos os lugares  
E ouço a tua voz na música do mundo  
E sinto a tua mão na plástica das coisas  
Tu és o ponto de partida  
Tu és o caminho  
E és o fim do caminho  
És o cardo que fere os pés  
E a grama macia que os repousa  
E a grande tempestade de vento  
E o ar parado que sereniza.  
És o pranto dos olhos  
E o riso da boca  
És o sofrimento do mundo  
Numa promessa de eterna felicidade  
És Deus  
Deus que vê todas as coisas e a todas dá remédio  
E que é o único perdão:  
Amém.

## **Uiaras, na montanha, ao sol,... (s/ título)**

Uiaras, na montanha, ao sol, sob a cascata  
Rutilante, movendo as nádegas de prata  
Na farta esmeralda do limo, em gelatina  
Nuas, verdes, nas grandes pedras, na água fina  
- Povo claro de mãos, de torsos e de seios  
Que rubra solidão em mim vossos enleios  
Mornos, graves, fizeram, lânguidos, sonhar  
Que, em mim, se enrijeceu na ânsia de vos dar  
Minha maior humanidade?...

Desejei

Vos fecundar

Não, não o doloroso e apenas

Gozo de conseguir, das vossas ancas, plenas

Frenético, a rápida sombra do distante

Ah, bem antes o sonho, o voto apaziguante

A sensação do vento da manhã, em ouro

Dançarino ideal, trazendo o pólen louro

Às flores ainda adormecidas nas estrelas...

(Qualquer coisa que vem da calma de sabê-las

Infecundas... - e só sentir fecundidade

No infecundo, e só viver dessa verdade...)

Como eu sou desigual! talvez que o meu desejo

Seja terrível... - pequena visão que eu vejo

Cresce acima de mim meu corpo animal.

Ó dor! só sinto o Bem como o supremo mal

Ó seres de paixão!...

- que mais cruel martírio

Essa espera sem fim, morrendo como um lírio

Pelo amor sem perdão das rosas impossíveis?...

No entanto, que música acordas, que invisíveis

Preces despertas, que cores descobres, claridade!

Sou bem alguém, alguma coisa, ou, uma ansiedade

De seres e de coisas?

Ah, meu corpo teme as

Trevas da noite, mas ela deseja dessas fêmeas

A treva da consumação... Mas serei eu

Depois? Será minha a minha alma e meu

O meu corpo?

Jamais.

Minha vaidade é eterna.



## **Um dia, como estivesse parado... (s/ título)**

Um dia, como estivesse parado à borda de uma montanha ao Sol poente  
Apascentando a sua poesia diante dos trigais e contemplando as cidades  
(douradas  
Viu o Príncipe-Poeta a minha sombra precipitada nos abismos ir escurecendo  
(uma extensão de léguas e léguas de terra.  
Havia em torno a mim uma grande humildade, de rebanhos e de sopros de  
(flautas E uma grande paz futura como se tudo não fosse senão a  
(eterna espera de uma eterna vinda se desdobrando  
Subitamente o Príncipe viu a sua sombra que obedecia ao seu corpo que  
(obedecia ao seu pensamento ali estava desde o começo dos tempos o  
(espetáculo das eras.  
  
As águas não se repetem, ele pensava, mas elas voltam para os mesmos leitos  
(desfeitos em chuva  
E refazem o mesmo caminho da terra para as fontes das fontes para os rios  
(dos rios para o mar do mar para o sol  
Ora cantantes, lípidas, serenas, ora estagnadas, tempestuosas, negras,  
(trágicas, segundo a sabedoria dos instantes do curso  
Até novamente subirem ao astro sedento onde viveram o seu paraíso efêmero  
(para caírem novamente em gotas de chuva.

## **Variação sobre um soneto de Shakespeare**

Ês como um dia cáldo de estio...  
Azul? Não, és mais linda e mais amena  
O verão como tudo traz o frio  
E o verão é inconstante, e tu serena.  
  
Tu não trazes o frio, nem a pena  
Da luz foste - tu vives, como um rio  
Que cantasse uma mesma cantilena  
Num sempre novo manso desvario.  
  
Não morre o estio em ti - e no teu rosto Ele deixou as cores da manhã E as  
(tristezas suaves do sol-posto.  
  
Sem as marcas cruéis da noite vã. E a morte que em ser também se deita Em  
(tua alma descansa satisfeita.

## **Versos soltos no mar**

**1**

O ritmo, mar, o ritmo, o verso, o verso!

**2**

Dá ao meu verso, mar, a ligeireza,  
a graça de teu ritmo renovado.

**3**

Eu sou, mar, tu bem sabes, teu discípulo.  
Que nunca digas, mar, que não foste meu mestre

**4**

Cantam em mim, ó mestre mar, metendo-se  
pelos largos canais que há nos meus ossos,  
das tuas que são como ondas mestras,  
que a ti voltam de novo num unido,  
só e mesclado mar de minha boca  
Gil Vicente, Machado, [ ... ]  
Baudelaire, Juan Ramon, Rubén Darío,  
Pedro Espinosa, Góngora... e as fontes  
que em minha aldeia cantam pelas praças.

**5**

Sento-me, mar, a ouvir-te  
Te sentarias tu, mar, para escutar-me?

**6**

Tens a vaidade, o desmedido orgulho  
de saber que meus versos são sempre em teu louvor.

**7**

Vais largando, praia, terra que te susteve.

**8**

Nada em teu coração, nada em teu ventre.

**9**

Equivocado, o mar solta uma andorinha.

**10**

Rompe o mar tamarindos pela espuma.

**11**

Guano marinho: "venta" de humilde mar "varado".  
"Venta" de pobres ventos,

de modestos crepúsculos,  
de albas arruinadas.

**12**

Preamar silencioso de meus mortos.  
Ellos, quizás, los que os están limando,  
Eles, talvez, os que vos vão limando  
ruivas rochas distantes.

**13**

Se te escutasses, mar, se tua linguagem  
pudesse, mar, ser outra,  
que palavras dirias?

**14**

De qualquer modo, mar, soas o mesmo  
e continuas parecendo com teu velho retrato.

**15**

Mar; às vezes, sentado não se sabe em que assento.

**16**

Vê-se que, mesmo querendo,  
mar forçado, não podes.

**17**

Aqui jaz o mar. Nem ele mesmo  
soube jamais o número de ondas  
que desfez o seu sonho.

**18**

Aqui jaz o mar. Gostaria  
de ter sido marinheiro, desde menino.

**19**

Aqui jaz o mar. Ninguém teve,  
como ele, um caixão  
pregado com estrelas.

**20**

Aqui jaz o mar. A morte  
sentada ereta, na praia, a contemplá-lo.

**21**

Aqui jaz o mar. Devesse  
jazer também o céu sobre seu túmulo.

**22**

O mar morreu. Não tinha

para o amor mais força que a de um menino.

**23**

Quem seria, mar, capaz de escrever-te o epitáfio?

**24**

Quero, mar, que em meu dia,  
que resta, hoje mesmo  
morras tu também.

**25**

Cada manhã e o mar fecha os dentes.

**26**

Hoje, mar, amanheceste com mais meninos que ondas.

**27**

Sim, mar, eu sei, tu és para mim a outra margem.

**28**

Mas me disseste, mar, mar  
mar do colégio, mar dos telhados  
que outras praias tuas, tão distantes,  
ia eu chorar, sedado, mar, por ti,  
mar do colégio, mar dos telhados.

**29**

Decerto te botei, mar guri, em minha frente  
e ali foste crescendo em ondulação  
até que te fizeste mulher  
e homem ao mesmo tempo.

**30**

Menino, eu queria patinar em tuas ondas,  
mar do Sul, impossível ao coração de gelo.

**31**

Menino mar, não sabes?  
ele te pintava sempre a aquarela.

**32**

Sábado o mar solta um cavalo branco...  
e deixaste dormindo.

**33**

És de súbito, igual a uma criada  
velha, grunhona e doce, que tinha minha mãe

**34**

A areia, quente

Geladas as ondas.  
Os que morreram  
Maruja, vão te chamar.

**35**

Ferozes leões.  
Furiosos cavalos.  
Mas se são de espuma  
Quem pode domá-los?

**36**

Inclinei-me para ver o mar. E vi apenas  
uma mulher chorando  
contra o quarto minguante de uma lua crescente.

**37**

Mar, andei à tua procura  
esse imortal sorriso...  
porém não o encontrei.

**38**

Rico, até mesmo sem ver, de suspiros mortos.

**39**

Saíste de ti mesmo, levando contigo a praia...  
mas te horrorizaste de ti mesmo, e voltaste.

**40**

Que estás pensando, mar dos veranistas?

**41**

Tu gostarias, mar, de andar de bicicleta,  
dar um grande passeio pelas namblas  
alugar uma barraca verde  
e "cumbar-te" na praia  
como um mar qualquer  
descansando do banho?

# Cancioneiro

## A arca de Noé

Sete em cores, de repente  
O arco-íris se desata  
Na água límpida e contente  
Do ribeirão da mata.

O sol, ao véu transparente  
Da chuva de ouro e de prata  
Resplandece resplendente  
No céu, no chão, na cascata.

E abre-se a porta da Arca  
De par em par: surgem francas  
A alegria e as barbas brancas  
Do prudente patriarca

Noé, o inventor da uva  
E que, por justo e temente  
Jeová, clementemente  
Salvou da praga da chuva.

Tão verde se alteia a serra  
Pelas planuras vizinhas  
Que diz Noé: "Boa terra  
Para plantar minhas vinhas!"

E sai levando a família  
A ver; enquanto, em bonança  
Colorida maravilha  
Brilha o arco da aliança.

Ora vai, na porta aberta  
De repente, vacilante  
Surge lenta, longa e incerta  
Uma tromba de elefante.

E logo após, no buraco  
De uma janela, aparece  
Uma cara de macaco  
Que espia e desaparece.

Enquanto, entre as altas vigas  
Das janelinhas do sótão  
Duas girafas amigas  
De fora as cabeças botam.

Grita uma arara, e se escuta  
De dentro um miado e um zurro  
Late um cachorro em disputa  
Com um gato, escouceia um burro.

A Arca desconjuntada  
Parece que vai ruir  
Aos pulos da bicharada  
Toda querendo sair.

Vai! Não vai! Quem vai primeiro?  
As aves, por mais espertas  
Saem voando ligeiro  
Pelas janelas abertas.

Enquanto, em grande atropelo  
Junto à porta de saída  
Lutam os bichos de pêlo  
Pela terra prometida.

"Os bosques são todos meus!"  
Ruge soberbo o leão  
"Também sou filho de Deus!"  
Um protesta; e o tigre – "Não!"

Afinal, e não sem custo  
Em longa fila, aos casais  
Uns com raiva, outros com susto  
Vão saindo os animais.

Os maiores vêm à frente  
Trazendo a cabeça erguida  
E os fracos, humildemente  
Vêm atrás, como na vida.

Conduzidos por Noé  
Ei-los em terra benquista  
Que passam, passam até  
Onde a vista não avista.

Na serra o arco-íris se esvai...  
E... desde que houve essa história  
Quando o véu da noite cai  
Na terra, e os astros em glória

Enchem o céu de seus caprichos  
É doce ouvir na calada  
A fala mansa dos bichos  
Na terra repovoada.

## **A bênção, Bahia**

Olorô, Bahia  
Nós viemos pedir sua bênção, saravá!  
Hepa hê, meu guia  
Nós viemos dormir no colinho de lemanjá!

Nanã Borokô fazer um Bulandê  
Efô, caruru e aluá  
Pimenta bastante pra fazer sofrer  
Bastante mulata para amar

Fazer juntó  
Meu guia, hê  
Seu guia, hê  
Bahia!

Saravá, senhora  
Nossa mãe foi-se embora pra sempre do Afojá  
A rainha agora  
É Oxum, é a mãe Menininha do Gantois

Pedir à mãe Olga do Alakêto, hê  
Chamar Inhansã para dançar  
Xangô, rei Xangô, Kabueci-elê  
Meu pai! Oxalá, hepa babá!

A bênção, mãe  
Senhora mãe  
Menina mãe  
Rainha!

Olorô, Bahia  
Nós viemos pedir sua bênção, saravá!  
Hepa hê, meu guia  
Nós viemos dormir no colinho de lemanjá!



## **A bíblia**

A Bíblia já dizia  
Pra quem sabe entender  
Que há tempo de alegria  
Que há tempo de sofrer  
Que o tempo só não conta  
Pra quem não tem paixão  
E que depois do encontro  
Sempre tem separação  
Que o dia que é da caça  
Não é do caçador  
E que na alternativa  
Viva e viva  
E viva o amor

A gente vem da guerra  
Pra merecer a paz  
Depois faz outra guerra  
Porque não pode mais  
E deixa andar e deixa andar  
Até a guerra terminar  
Vamos curtir, vamos cantar  
Até a guerra se acabar

## **A cachorrinha**

Mas que amor de cachorrinha!  
Mas que amor de cachorrinha!

Pode haver coisa no mundo  
Mais branca, mais bonitinha  
Do que a tua barriguinha  
Crivada de mamiquinha?

Pode haver coisa no mundo  
Mais travessa, mais tontinha  
Que esse amor de cachorrinha  
Quando vem fazer festinha  
Remexendo a traseirinha?

## **A dor a mais**

Foi só muito amor  
Muito amor demais  
Foi tanta a paixão  
Que o meu coração, amor  
Nem soube mais  
Inventei a dor  
E como ela nos doeu

Ah, que solidão buscar perdão  
No corpo teu  
Tanto tempo faz  
Tens um outro amor, eu sei  
Mas nunca terás  
A dor a mais  
Como eu te dei  
Porque a dor a mais  
Só na paixão  
Com que eu te amei

## **Estrela polar**

Eu vi a estrela polar  
Chorando em cima do mar  
Eu vi a estrela polar  
Nas costas de Portugal!

Desde então não seja Vênus  
A mais pura das estrelas  
A estrela polar não brilha  
Se humilha no firmamento  
Parece uma criancinha  
Enjeitada pelo frio  
Estrelinha franciscana  
Teresinha, mariana  
Perdida no Pólo Norte  
De toda a tristeza humana.

## **A felicidade**

Tristeza não tem fim  
Felicidade sim

A felicidade é como a gota  
De orvalho numa pétala de flor  
Brilha tranqüila  
Depois de leve oscila  
E cai como uma lágrima de amor

A felicidade do pobre parece  
A grande ilusão do carnaval  
A gente trabalha o ano inteiro  
Por um momento de sonho  
Pra fazer a fantasia  
De rei ou de pirata ou jardineira  
Pra tudo se acabar na quarta-feira

Tristeza não tem fim  
Felicidade sim

A felicidade é como a pluma  
Que o vento vai levando pelo ar  
Voa tão leve  
Mas tem a vida breve  
Precisa que haja vento sem parar

A minha felicidade está sonhando  
Nos olhos da minha namorada  
É como esta noite, passando, passando  
Em busca da madrugada  
Falem baixo, por favor  
Pra que ela acorde alegre com o dia  
Oferecendo beijos de amor

## **A flor da noite**

Na solidão escura  
Do velho Pelourinho  
Matilde, a louca mansa  
Vivia mercando assim:  
Olha a flor da noite ...  
Olha a flor da noite ...

Seria a flor da noite  
A luz da estrela solitária  
A tremular tão pura  
Sobre o velho Pelourinho?  
Ou o som da voz ausente  
Da menina triste  
Que mercava o seu triste descaminho:  
Olha a flor da noite ...  
Olha a flor da noite ...

Ou seria a flor da noite  
A face oculta atrás da aurora  
Por quem o homem luta  
Desde nunca até agora  
A louca aprisionada  
Pelos monstros do poente  
E que avisa e grita alucinadamente:  
Olha a flor da noite ...  
Olha a flor da noite ...

## **A foca**

Quer ver a foca  
Ficar feliz?  
É por uma bola  
No seu nariz.

Quer ver a foca  
Bater palminha?  
É dar a ela  
Uma sardinha.

Quer ver a foca  
Fazer uma briga?  
É espetar ela  
Bem na barriga!

## **A formiga**

As coisas devem ser bem grandes  
Pra formiga pequenina  
A rosa, um lindo palácio  
E o espinho, uma espada fina

A gota d'água, um manso lago  
O pingo de chuva, um mar  
Onde um pauzinho boiando  
É navio a navegar

O bico de pão, o corcovado  
O grilo, um rinoceronte  
Uns grãos de sal derramados,  
Ovelhinhas pelo monte

## **A mais dolorosa das histórias**

Silêncio  
Façam silêncio  
Quero dizer-vos minha tristeza  
Minha saudade e a dor  
A dor que há no meu canto

Oh, silenciai  
Vós que assim vos agitais  
Perdidamente em vão  
Meu coração vos canta  
A mais dolorosa das histórias  
Minha amada partiu  
Partiu

Oh, grande desespero de quem ama  
Ver partir o seu amor

## **A porta**

Eu sou feita de madeira  
Madeira, matéria morta  
Mas não há coisa no mundo  
Mais viva do que uma porta.

Eu abro devagarinho  
Pra passar o menininho  
Eu abro bem com cuidado  
Pra passar o namorado  
Eu abro bem prazenteira  
Pra passar a cozinheira  
Eu abro de supetão  
Pra passar o capitão.

Só não abro pra essa gente  
Que diz (a mim bem me importa...)  
Que se uma pessoa é burra  
É burra como uma porta.

Eu sou muito inteligente!  
Eu fecho a frente da casa  
Fecho a frente do quartel  
Fecho tudo nesse mundo  
Só vivo aberta no céu!

## **A primeira namorada**

Tu me beijaste, Coisa Triste  
Justo durante a elevação  
Depois, impávida, partiste  
A receber a comunhão.  
Tinhas apenas seis ou sete  
E isso ou pouco mais eu tinha  
E tinha mais: tinhas topete!  
– Por que partiste, Coisa Minha?

Foi numa missa da matriz  
De Botafogo. Eu disse: "Cruz!  
Como é que ela vai agora  
Comer o corpo de Jesus..."  
Mas tu fizeste, Coisa Linda  
Sem a menor hipocrisia  
É que eu nem suspeitava ainda  
Da tua santropofagia...

Porque nas classes do colégio  
Onde a meu lado te sentavas  
Tornou-se diário o sacrilégio  
Durante as preces: me buscavas.  
E o olho cândido na mestra  
Que iniciava a aula depois  
Acompanhavas a palestra  
Cuidando apenas de nós dois.

Mais tarde a gente revezava  
E eu procurava tua calcinha  
E longamente acariciava  
Tua coisinha, Coisa Minha.  
Nós ficávamos sérios, sérios  
A face rubra mas atenta  
– A vida tem tantos mistérios...  
Tem ou não tem, Coisa Sardenta?

Depois casei, não com ela...  
Mas com meu segundo amor  
A mãe de Susana, a bela  
E de Pedro, o mergulhador  
Morávamos bem ali  
Junto à ladeira sombria  
Era tanta a poesia  
Que quase, quase morri.

As mulheres vinham ver-nos  
No nosso ninho de amor  
Morte na mira de Vênus  
Oxum querendo Xangô  
E eu, embora só cuidasse  
De amar-te (vê se conferes!)  
Era um pobre Lovelace...  
Não resistia às mulheres.

Mas foste (e fui) tão feliz  
Nos nossos grandes momentos  
Que não lamento o que fiz  
Nem tenho arrependimentos.  
Deste-me dois filhos lindos  
E todo o amor que tens: eu  
Embora às vezes mentindo  
Nunca dava o que era só teu.

## **A pulga**

Um, dois, três  
Quatro, cinco, seis  
Com mais um pulinho  
Estou na perna do freguês  
Um, dois, três  
Quatro, cinco, seis  
Com mais uma mordidinha  
Coitadinho do freguês  
Um, dois, três  
Quatro, cinco, seis  
Tô de barriguinha cheia  
Tchau  
Good bye  
Auf Wiedersehen



## **A rosa desfolhada**

Tento compor o nosso amor  
Dentro da tua ausência  
Toda a loucura, todo o martírio  
De uma paixão imensa  
Teu toca-discos, nosso retrato  
Um tempo descuidado

Tudo pisado, tudo partido  
Tudo no chão jogado  
E em cada canto  
Teu desencanto  
Tua melancolia  
Teu triste vulto desesperado  
Ante o que eu te dizia  
E logo o espanto e logo o insulto  
O amor dilacerado  
E logo o pranto ante a agonia  
Do fato consumado

Silenciosa  
Ficou a rosa  
No chão despetalada  
Que eu com meus dedos tentei a medo  
Reconstruir do nada:  
O teu perfume, teus doces pêlos  
A tua pele amada  
Tudo desfeito, tudo perdido  
A rosa desfolhada

## **A terra prometida**

Poder dormir  
Poder morar  
Poder sair  
Poder chegar  
Poder viver  
Bem devagar  
E depois de partir poder voltar  
E dizer: este aqui é o meu lugar  
E poder assistir ao entardecer  
E saber que vai ver o sol raiar  
E ter amor e dar amor  
E receber amor até não poder mais  
E sem querer nenhum poder  
Poder viver feliz pra se morrer em paz

## **A tonga da mironga do kabuletê**

Eu caio de bossa  
Eu sou quem eu sou  
Eu saio da fossa  
Xingando em nagô

Você que ouve e não fala  
Você que olha e não vê  
Eu vou lhe dar uma pala  
Você vai ter que aprender  
A tonga da mironga do kabuletê  
A tonga da mironga do kabuletê  
A tonga da mironga do kabuletê

Eu caio de bossa  
Eu sou quem eu sou  
Eu saio da fossa  
Xingando em nagô

Você que lê e não sabe  
Você que reza e não crê  
Você que entra e não cabe  
Você vai ter que viver  
Na tonga da mironga do kabuletê  
Na tonga da mironga do kabuletê  
Na tonga da mironga do kabuletê

Você que fuma e não traga  
E que não paga pra ver  
Vou lhe rogar uma praga  
Eu vou é mandar você  
Pra tonga da mironga do kabuletê  
Pra tonga da mironga do kabuletê  
Pra tonga da mironga do kabuletê

## **A vez de Dombe**

Primeiro foi a rumba cubana  
Depois o mambo veio de lá  
Quanta alegria nos deu Havana  
Com o chá-chá-chá

Depois chegou a vez do calipso  
O rei mestiço de Trinidad  
E do merengue cheio de dengue:  
Dominicana! Dominicana!

E logo o samba pediu passagem  
Evoluiu e disse: "Alto lá!  
Olha o que eu trago nessa viagem"  
E balançou a bossa nova

Mas é agora a hora do dombe  
Esse menino cheio de plá  
África na América  
A rumba, o merengue e o chá-chá-chá

Mambo, samba e dombe  
É o dombe que chega na hora H  
Pegue e dance o dombe  
É o dombe que veio pra ficar  
Ritmo candombe  
É o dombe que vem da Argentina

## **Acalanto da rosa**

Dorme a estrela no céu  
Dorme a rosa em seu jardim  
Dorme a lua no mar  
Dorme o amor dentro de mim

É preciso pisar leve  
Ai, é preciso não falar  
Meu amor se adormece  
Que suave o seu perfume

Dorme em paz rosa pura  
O teu sono não tem fim

## **Acalanto pra embalar Lupicínio**

Amigo meu, você partiu  
Você transpôs a escuridão  
Seu violão emudeceu  
E a morte te envolveu  
E te beijou  
E foi levando pela mão

Amigo meu, só coração  
Sua paixão chegou ao fim  
E o que era dor  
Se fez canção  
Se eternizou enfim  
E todo o seu amor  
Amanheceu em mim

Você mais do que ninguém  
Foi quem soube o que é ter um amor  
Você mais do que ninguém  
Teve instantes de morte e de dor  
Você que em seu desespero  
Clamou vingança no seu coração  
Você dizendo que sim, todo o tempo  
E ele dizendo que não

Amigo meu, você se deu  
Você viveu só para amar  
Cada mulher foi verso seu  
Foi música no ar  
No velho cabaré  
Que agora vai fechar

## **Acende uma lua no céu**

Acende uma lua no céu  
E muitas estrelas no olhar  
E deixa-te linda e sem véu  
Envolta num brando dossel de luar

Semeia de flores teu chão  
E abre a janela aos perfumes do ar  
E esquece tua porta entreaberta  
Porque na hora certa  
Verás teu poeta surgir  
E entrar e abraçar-te chorando  
E amar-te até quando  
Tiver que partir

## **Água de beber**

Eu quis amar mas tive medo  
E quis salvar meu coração  
Mas o amor sabe um segredo  
O medo pode matar o seu coração

Água de beber  
Água de beber, camará  
Água de beber  
Água de beber, camará

Eu nunca fiz coisa tão certa  
Entrei pra escola do perdão  
A minha casa vive aberta  
Abri todas as portas do coração

Água de beber  
Água de beber, camará  
Água de beber  
Água de beber, camará

Eu sempre tive uma certeza  
Que só me deu desilusão  
É que o amor é uma tristeza  
Muita mágoa demais para um coração

Água de beber  
Água de beber, camará  
Água de beber  
Água de beber, camará

## **Ai de quem ama**

Quanta tristeza  
Há nesta vida  
Só incerteza  
Só despedida

Amar é triste  
O que é que existe?  
O amor

Ama, canta  
Sofre tanta  
Tanta saudade  
Do seu carinho  
Quanta saudade

Amar sozinho  
Ai de quem ama  
Vive dizendo  
Adeus, adeus

## **Ai, quem me dera**

Ai quem me dera, terminasse a espera  
E retornasse o canto simples e sem fim...  
E ouvindo o canto se chorasse tanto  
Que do mundo o pranto se estancasse enfim

Ai quem me dera percorrer estrelas  
Ter nascido anjo e ver brotar a flor  
Ai quem me dera uma manhã feliz  
Ai quem me dera uma estação de amor

Ah! Se as pessoas se tornassem boas  
E cantassem loas e tivessem paz  
E pelas ruas se abraçassem nuas  
E duas a duas fossem ser casais

Ai quem me dera ao som de madrigais  
Ver todo mundo para sempre afins  
E a liberdade nunca ser demais  
E não haver mais solidão ruim

Ai quem me dera ouvir o nunca mais  
Dizer que a vida vai ser sempre assim  
E finda a espera ouvir na primavera  
Alguem chamar por mim...

## **Além do amor**

Se tu queres que eu não chore mais  
Diga ao tempo que não passe mais  
Chora o tempo o mesmo pranto meu  
Ele e eu, tanto  
Que só para não te entristecer  
Que fazer, canto  
Canto para que te lembres  
Quando eu me for

Deixa-me chorar assim  
Porque eu te amo  
Dói a vida  
Tanto em mim  
Porque eu te amo  
Beija até o fim  
As minhas lágrimas de dor  
Porque eu te amo, além do amor!

## **Além do tempo**

Esse amor sem fim, onde andará?  
Que eu busco tanto e nunca está  
E não me sai do pensamento  
Sempre, sempre longe

Esse amor tão lindo que se esconde  
Nos confins do não sei onde  
Vive em mim além do tempo  
Longe, longe, onde?

Por que não me surges nessa hora  
Como um sol  
Como o sol no mar  
Quando vem a aurora

Esse amor que o amor me prometeu  
E que até hoje não me deu  
Por que não está ao lado meu?

Esse amor sem fim, onde andará?  
Esse amor, meu amor,  
Onde andará?



## **Algum lugar**

Meu amor  
Não posso mais  
Viver aqui  
Não tenho paz  
Eu quero ir  
Pra algum lugar  
Pra algum lugar  
Pra algum lugar  
E ser feliz  
Ouvir o mar  
E amar

Meu amor  
Vamos fugir  
Vou me mandar  
Não quero mais  
Viver sem ar  
Me poluir  
Me poluir  
Me poluir  
Ter que me dar  
Com quem não sabe  
Amar

Não sei mais pr'onde ir  
Pasárgada ou Shangri-lá  
Será que há por aqui  
Algum lugar, eu sei lá  
Pra gente amar  
E aquela estrela ali  
Podia bem ser um bar  
Pra ir é só curtir  
E escalar o luar  
Bem devagar

Meu amor  
Tem que ser já  
Eu vou sumir  
Sair daqui  
Vou te levar  
Pra algum lugar  
Pra algum lugar  
Pra algum lugar  
E sempre só  
Você e eu  
E o mar

## **Alma perdida**

Alma perdida  
Teu cantochão tão longe  
Tão sozinho chegou até mim  
Ai, quisera eu tanto dizer  
Volta  
Oh, alma perdida  
Volta  
Oh, alma  
Vem amar  
Vem sofrer

## **Amei tanto**

Nunca fui covarde  
Mas agora é tarde  
Amei tanto  
Que agora nem sei mais chorar

Vivi te buscando  
Vivi te encontrando  
Vivi te perdendo  
Ah, coração, infeliz até quando?  
Para ser feliz  
Tu vais morrer de dor

Amei tanto  
Que agora nem sei mais chorar

Nunca fui covarde  
Mas agora é tarde  
É tarde demais enfim  
A solidão é o fim de quem ama  
A chama se esvai, a noite cai em mim

## **Amigo porteño**

Amigo porteño si ves por la calle  
Una chica morena  
Con ojos ardientes  
Y un aire de alguien  
Que quiere volar  
Parala y decile  
Que existe un poeta  
Que muere de celos  
Y que ojos ajenos  
Se llenan de sueños  
Al verla pasar  
Decile mi amigo  
Tu que solo llevas  
El tango en las venas  
Decile porteño  
Que yo simplemente  
Ya no puedo mas

Busca convencerla  
Que tengo mi pecho  
de amor tan herido  
Que sin su mirada  
Mi siento perdido  
Que mucho le pido  
Me vuelve a mirar  
Gritale en la calle  
Que existe un poeta  
Que le hace un pedido  
Que solo le pido  
Que olvides el olvido  
Porque quien lo busca  
No puede olvidar

## **Amigos meus**

Amigos meus, está chegando a hora  
Em que a tristeza aproveita pra entrar  
E todos nós vamos ter que ir embora  
Pra vida lá fora continuar

Tem sempre aquele  
Que toma mais uma no bar  
Tem sempre um outro  
Que vai direitinho pro lar

Mas tem também  
Uma sala que está vazia  
Sem luz, sem amor, sombria  
Prontinha pro show voltar

E em novo dia  
A gente ver novamente  
A sala se encher de gente  
Pra gente comemorar

## **Amor e lágrimas**

Ouve o mar que soluça na solidão  
Ouve, amor, o mar que soluça  
Na mais triste solidão  
E ouve, amor, os ventos que voltam  
Dos espaços que ninguém sabe  
Sobre as ondas se debruçam  
E soluçam de paixão  
E ouve, amor, no fundo da noite  
Como as árvores ao vento  
Num lamento se debruçam  
E soluçam para o chão

## **Amor em paz**

Eu amei  
Eu amei, ai de mim, muito mais  
Do que devia amar  
E chorei  
Ao sentir que iria sofrer  
E me desesperar

Foi então  
Que da minha infinita tristeza  
Aconteceu você  
Encontrei em você a razão de viver  
E de amar em paz  
E não sofrer mais  
Nunca mais  
Porque o amor é a coisa mais triste  
Quando se desfaz

## **Amor em solidão**

Estrela que morreu  
Ainda palpita em vão  
A tua luz sou eu  
Amando em solidão  
Noturno mar sem Deus  
Tu és na escuridão  
Igual aos cantos meus  
Uma desolação  
Ah, se eu pudesse dizer-te  
Que pela graça de ver-te  
Já nem me importa ter que fingir  
E a cada ruga que nasce  
Tento esconder minha face  
Na máscara que te faz sorrir  
Porque este amor demais  
Que nunca vai ter fim  
Na morte que me traz  
É a vida para mim

## **Amor que partiu**

Dor  
De querer quem não vem  
Dor  
De viver sem seu bem  
Oh, dor  
Que perdoa ninguém  
Meu amor  
Não tem compaixão  
Partiu  
Oh, flor  
Paixão  
Amor que partiu  
Tem dó de mim  
Assim sem meu bem  
Oh, vem perto de mim  
Que soffro na solidão  
Tão triste dor

## **Andam dizendo**

Andam dizendo na noite  
Que eu já não te amo  
Que eu saio na noite  
Mas já não te chamo  
Que eu ando talvez  
Procurando outro amor

Mas ninguém sabe, querida  
O que é ter carinho  
Que eu saio na noite  
Mas fico sozinho  
Mais perto da lua  
Mais perto da dor  
Perto da dor de saber  
Que o meu céu não existe  
Que tudo que nasce  
Tem sempre um triste fim  
Até meu carinho, até nosso amor

## **Anoiteceu**

A luz morreu  
O céu perdeu a cor  
Anoiteceu  
No nosso grande amor

Ah, leva a solidão de mim  
Tira esse amor dos olhos meus  
Tira a tristeza ruim do adeus  
Que ficou em mim, que não sai de mim  
Pelo amor de Deus  
Vem suavizar a dor  
Dessa paixão que anoiteceu  
Vem e apaga do corpo meu  
Cada beijo seu  
Porque foi assim  
Que ela me enlouqueceu  
Fatal  
Cruel, cruel demais  
Mas não faz mal  
Quem ama não tem paz

## Apelo

Ah, meu amor não vás embora  
Vê a vida como chora  
Vê que triste esta canção  
Ah, eu te peço não te ausentes  
Porque a dor que agora sentes  
Só se esquece no perdão

Ah, minha amada, me perdoa  
Pois embora ainda te doa  
A tristeza que causei  
Eu te suplico não destruas  
Tantas coisas que são tuas  
Por um mal que já paguei

Ah, minha amada, se soubesses  
Da tristeza que há nas preces  
Que a chorar te faço eu  
Se tu soubesses um momento  
Todo o arrependimento  
Como tudo entristeceu

Se tu soubesses como é triste  
Eu saber que tu partiste  
Sem sequer dizer adeus  
Ah, meu amor, tu voltarias  
E de novo cairias  
A chorar nos braços meus



## Aquarela

Numa folha qualquer eu desenho um sol amarelo  
E com cinco ou seis retas é fácil fazer um castelo  
Corro o lápis em torno da mão e me dou uma luva  
E se faço chover com dois riscos tenho um guarda-chuva  
Se um pinguinho de tinta cai num pedacinho azul do papel  
Num instante imagino uma linda gaivota a voar no céu

Vai voando, contornando  
A imensa curva norte-sul  
Vou com ela viajando  
Havaí, Pequim ou Istambul  
Pinto um barco a vela branco navegando  
É tanto céu e mar num beijo azul  
Entre as nuvens vem surgindo  
Um lindo avião rosa e grená  
Tudo em volta colorindo  
Com suas luzes a piscar  
Basta imaginar e ele está partindo  
Serenando  
E se a gente quiser  
Ele vai pousar

Numa folha qualquer eu desenho um navio de partida  
Com alguns bons amigos, bebendo de bem com a vida  
De uma América a outra consigo passar num segundo  
Giro um simples compasso e num círculo eu faço o mundo  
Um menino caminha e caminhando chega num muro  
E ali logo em frente a esperar pela gente o futuro está

E o futuro é uma astronave  
Que tentamos pilotar  
Não tem tempo nem piedade  
Nem tem hora de chegar  
Sem pedir licença muda nossa vida  
E depois convida a rir ou chorar  
Nessa estrada não nos cabe  
Conhecer ou ver o que virá  
O fim dela ninguém sabe  
Bem ao certo onde vai dar  
Vamos todos numa linda passarela  
De uma aquarela que um dia enfim  
Descolorirá

Numa folha qualquer eu desenho um sol amarelo  
Que descolorirá

E se faço chover com dois riscos tenho um guarda-chuva  
Que descolorirá  
Giro um simples compasso e num círculo eu faço o mundo  
Que descolorirá

### **Ária para assovio**

Inelutavelmente tu  
Rosa sobre o passeio  
Branca! e a melancolia  
Na tarde do seio

As cássias escorrem  
Seu ouro a teus pés  
Conheço o soneto  
Porém tu quem és?

O madrigal se escreve:  
Se é do teu costume  
Deixa que eu te leve

(Sê... mínima e breve  
A música do perfume  
Não guarda ciúme)

*Rio de Janeiro, 1936*

## **Arrastão**

Ê! tem jangada no mar  
Ê, iê, iêi !  
Hoje tem arrastão  
Ê! Todo mundo pescar  
Chega de sombra, João  
J'ouviu!

Olha o arrastão entrando no mar sem fim  
Ê, meu irmão, me traz lemanjá pra mim

Minha Santa Bárbara, me abençoi  
Quero me casar com Janaína

Ê! Puxa bem devagar  
Ê, iê, iêi! já vem vindo o arrastão  
Ê! É a rainha do mar  
Vem, vem na rede, João  
Pra mim

Valha-me meu Nosso Senhor do Bonfim  
Nunca jamais se viu tanto peixe assim

## **As abelhas**

A abelha-mestra  
E as abelhinhas  
Estão todas prontinhas  
Para ir para a festa  
Num zune-que-zune  
Lá vão pro jardim  
Brincar com a cravina  
Valsar com o jasmim  
Da rosa pro cravo  
Do cravo pra rosa  
Da rosa pro favo  
E de volta pra rosa

Venham ver como dão mel  
As abelhas do céu  
Venham ver como dão mel  
As abelhas do céu

A abelha-rainha  
Está sempre cansada  
Engorda a pancinha  
E não faz mais nada  
Num zune-que-zune  
Lá vão pro jardim  
Brincar com a cravina  
Valsar com o jasmim  
Da rosa pro cravo  
Do cravo pra rosa  
Da rosa pro favo  
E de volta pra rosa

Venham ver como dão mel  
As abelhas do céu  
Venham ver como dão mel  
As abelhas do céu

## **As cores de abril**

As cores de abril  
Os ares de anil  
O mundo se abriu em flor  
E pássaros mil  
Nas flores de abril  
Voando e fazendo amor

O canto gentil  
De quem bem te viu  
Num pranto desolador  
Não chora, me ouviu  
Que as cores de abril  
Não querem saber de dor

Olha quanta beleza  
Tudo é pura visão  
E a natureza transforma a vida em canção

Sou eu, o poeta, quem diz  
Vai e canta, meu irmão  
Ser feliz é viver morto de paixão

## **Até rolar pelo chão**

Não quero entrar  
Para não ter que sair  
Porque se eu der de sambar  
Ninguém me tira daqui  
Vou balançar  
Até meu corpo cair  
Meu pé vai dar o que falar  
Não vejo ninguém pra ir  
Nada de par  
Pra me empatar, não  
Hoje eu só quero  
É me espalhar no salão  
Mas deixa estar  
Não vou fazer confusão  
Tudo que eu quero é sambar  
Até rolar pelo chão

## **Aula de piano**

Depois do almoço na sala vazia  
A mãe subia pra se recostar  
E no passado que a sala escondia  
A menininha ficava a esperar  
O professor de piano chegava  
E começava uma nova lição  
E a menininha, tão bonitinha  
Enchia a casa feito um clarim  
Abria o peito, mandava brasa  
E solfejava assim:

Ai, ai, ai  
Lá, sol, fá, mi, ré  
Tira a não daí  
Dó, dó, ré, dó, si  
Aqui não dá pé  
Mi, mi, fá, mi, ré  
E agora o sol, fá  
Pra lição acabar

Diz o refrão quem não chora não mama  
Veio o sucesso e a consagração  
Que finalmente deitaram na fama  
Tendo atingido a total perfeição  
Nunca se viu tanta variedade  
A quatro mãos em concertos de amor  
Mas na verdade tinham saudade  
De quando ele era seu professor  
E quando ela, menina e bela  
Abria o berrador  
Ai, ai, ai,  
Lá, sol, fá, mi, ré

## **Ausência**

Deixa secar no meu rosto  
Esse pranto de amor que a presença desatou  
Deixa passar o desgosto  
Esse gosto da ausência que me restou  
Eu tinha feito da saudade  
A minha amiga mais constante  
E ela a cada instante  
Me pedia pra esperar

E foi tudo o que eu fiz, te esperei tanto  
Tão sozinha no meu canto  
Tendo apenas o meu canto pra cantar  
Por isso deixa que o meu pensamento  
Ainda lembre um momento a saudade que eu vivi  
A tua imagem fiel  
Que hoje volta ao meu lado  
E que eu sinto que perdi

## **Balada da flor da terra**

Nem a luz da lua na tarde  
Nem a onda do mar quando ela vem  
Nem a flor do céu quando se abre  
Têm a graça de você

Meu amor  
É bonita  
É bonita

Ai, que aroma o corpo do meu bem  
Ai, que negros são os seus cabelos  
Meu bem, não vá mais embora  
Não me deixe por favor  
Sem meu bem eu me morro  
Eu me morro de amor  
De amor  
De amor

## **Balanço do Tom**

Amigo, olhe  
Morou no som?  
Balanço só lhe parece bom  
Se der descanso  
Olhe o balanço do Tom

O som é manso  
Morou no som?  
Quem tem balanço  
Mesmo que é bom?  
Amigo, é manso  
Olhe o balanço do Tom

Gente que bate  
Gente que briga  
Não sabe como fazer paz é bom  
Olhe o Tonzinho  
Só faz carinho no som

Balanço bole  
Balanço é bom  
Amigo, olhe  
Que lindo som!  
Amigo, é mole  
É o pianinho do Tom

## **Bem pior que a morte**

Bem pior que a morte  
É deixar só o amor  
Oh, minha amada  
Na hora em que eu me for  
Sozinho na treva  
Oh, vem comigo  
Oh, vem comigo  
Lá onde existe a grande paz  
O amor em paz



## **Berimbau**

Quem é homem de bem, não trai  
O amor que lhe quer seu bem  
Quem diz muito que vai, não vai  
E assim como não vai, não vem  
Quem de dentro de si não sai  
Vai morrer sem amar ninguém  
O dinheiro de quem não dá  
É o trabalho de quem não tem  
Capoeira que é bom, não cai  
E se um dia ele cai, cai bem!

Capoeira me mandou  
Dizer que já chegou  
Chegou para lutar  
Berimbau me confirmou  
Vai ter briga de amor  
Tristeza, camará

## **Blues para Emmet**

Os assassinos de Emmet  
Chegaram sem avisar  
Mascando cacos de vidro  
Com suas caras de cal  
Os assassinos de Emmet  
Entraram sem dizer nada  
Com seu hálito de couro  
E seus olhos de punhal

Os assassinos de Emmet  
Quando o viram ajoelhado  
Descarregaram-lhe em cima  
O fogo de suas armas  
Enquanto justificada  
A mulher faz um guisado  
Para esperar o marido  
Que a mando seu foi vingá-la

### **Nota:**

*Blues para Emmet*

Esta canção apresenta uma versão ligeiramente modificada do poema "Blues para Emmet Louis Till", do livro Para viver um grande amor.

## **Bocochê**

Menina bonita, pra onde é "qu'ocê" vai  
Menina bonita, pra onde é "qu'ocê" vai  
Vou procurar o meu lindo amor  
No fundo do mar  
Vou procurar o meu lindo amor  
No fundo do mar

Nhem, nhem, nhem  
Ê onda que vai  
Nhem, nhem, nhem  
Ê onda que vem  
Nhem, nhem, nhem  
Tristeza que vai  
Nhem, nhem, nhem  
Tristeza que vem

Foi e nunca mais voltou  
Nunca mais! Nunca mais  
Triste, triste me deixou

Nhem, nhem, nhem  
Ê onda que vai  
Nhem, nhem, nhem  
Ê a vida que vem  
Nhem, nhem, nhem  
Ê a vida que vai  
Nhem, nhem, nhem  
Não volta ninguém

Menina bonita, não vá para o mar  
Menina bonita, não vá para o mar

Vou me casar com o meu lindo amor  
No fundo do mar  
Vou me casar com o meu lindo amor  
No fundo do mar

Nhem, nhem, nhem  
Ê onda que vai  
Nhem, nhem, nhem  
Ê onda que vem  
Nhem, nhem, nhem  
Ê a vida que vai  
Nhem, nhem, nhem  
Não volta ninguém

Menina bonita que foi para o mar  
Menina bonita que foi para o mar  
Dorme, meu bem  
Que você também é Iemanjá  
Dorme, meu bem  
Que você também é Iemanjá

### **Bom dia, amigo**

Bom dia, amigo  
Que a paz seja contigo  
Eu vim somente dizer  
Que eu te amo tanto  
Que vou morrer  
Amigo... adeus

### **Bom dia, tristeza**

Bom dia, tristeza  
Que tarde, tristeza  
Você veio hoje me ver  
Já estava ficando  
Até meio triste  
De estar tanto tempo  
Longe de você

Se chegue, tristeza  
Se sente comigo  
Aqui, nesta mesa de bar  
Beba do meu copo  
Me dê o seu ombro  
Que é para eu chorar  
Chorar de tristeza  
Tristeza de amar

## **Brasília, sinfonia da alvorada**

### **I**

#### **O Planalto deserto**

No princípio era o ermo  
Eram antigas solidões sem mágoa.  
O altiplano, o infinito descampado  
No princípio era o agreste:  
O céu azul, a terra vermelho-pungente  
E o verde triste do cerrado.  
Eram antigas solidões banhadas  
De mansos rios inocentes  
Por entre as matas recortadas.  
Não havia ninguém. A solidão  
Mais parecia um povo inexistente  
Dizendo coisas sobre nada.  
Sim, os campos sem alma  
Pareciam falar, e a voz que vinha  
Das grandes extensões, dos fundões crepusculares  
Nem parecia mais ouvir os passos  
Dos velhos bandeirantes, os rudes pioneiros  
Que, em busca de ouro e diamantes,  
Ecoando as quebradas com o tiro de suas armas,  
A tristeza de seus gritos e o tropel  
De sua violência contra o índio, estendiam  
As fronteiras da pátria muito além do limite dos tratados.  
– Fernão Dias, Anhanguera, Borba Gato,  
Vós fostes os heróis das primeiras marchas para o oeste,  
Da conquista do agreste  
E da grande planície ensimesmada!  
Mas passastes. E da confluência  
Das três grandes bacias  
Dos três gigantes milenares:  
Amazonas, São Francisco, Rio da Prata ;  
Do novo teto do mundo, do planalto iluminado  
Partiram também as velhas tribos malferidas  
E as feras aterradas.  
E só ficaram as solidões sem mágoa  
O sem-termo, o infinito descampado  
Onde, nos campos gerais do fim do dia  
Se ouvia o grito da perdiz  
A que respondia nos estirões de mata à beira dos rios  
O pio melancólico do jaó.  
E vinha a noite. Nas campinas celestes  
Rebrilhavam mais próximas as estrelas  
E o Cruzeiro do Sul resplandecente  
Parecia destinado

A ser plantado em terra brasileira:  
A Grande Cruz alçada  
Sobre a noturna mata do cerrado  
Para abençoar o novo bandeirante  
O desbravador ousado  
O ser de conquista  
O Homem!

## II

### O Homem

Sim, era o Homem,  
Era finalmente, e definitivamente, o Homem.  
Viera para ficar. Tinha nos olhos  
A força de um propósito: permanecer, vencer as solidões  
E os horizontes, desbravar e criar, fundar  
E erguer. Suas mãos  
Já não traziam outras armas  
Que as do trabalho em paz. Sim,  
Era finalmente o Homem: o Fundador. Trazia no rosto  
A antiga determinação dos bandeirantes,  
Mas já não eram o ouro e os diamantes o objeto  
De sua cobiça. Olhou tranqüilo o sol  
Crepuscular, a iluminar em sua fuga para a noite  
Os soturnos monstros e feras do poente.  
Depois mirou as estrelas, a luzirem  
Na imensa abóbada suspensa  
Pelas invisíveis colunas da treva.  
Sim, era o Homem...  
Vinha de longe, através de muitas solidões,  
Lenta, penosamente. Sofria ainda da penúria  
Dos caminhos, da dorlência dos desertos,  
Do cansaço das matas enredadas  
A se entredorarem na luta subterrânea  
De suas raízes gigantescas e no abraço uníssono  
De seus ramos. Mas agora  
Viera para ficar. Seus pés plantaram-se  
Na terra vermelha do altiplano. Seu olhar  
Descortinou as grandes extensões sem mágoa  
No círculo infinito do horizonte. Seu peito  
Encheu-se do ar puro do cerrado. Sim, ele plantaria  
No deserto uma cidade muita branca e muito pura...

Citação de Oscar Niemeyer

- "... como uma flor naquela terra agreste e solitária..."
  - Uma cidade erguida em plena solidão do descampado.
- Niemeyer
- "... como uma mensagem permanente de graça e poesia..."
  - Uma cidade que ao sol vestisse um vestido de noivado

Niemeyer

– “... em que a arquitetura se destacasse branca, como que flutuando na imensa escuridão do planalto...”

– Uma cidade que de dia trabalhasse alegremente

Niemeyer

– “... numa atmosfera de digna monumentalidade...”

– E à noite, nas horas do langor e da saudade

Niemeyer

– “... numa luminação feérica e dramática...”

– Dormisse num Palácio de Alvorada!

Niemeyer

– “... uma cidade de homens felizes, homens que sintam a vida em toda sua plenitude, em toda a sua fragilidade; homens que compreendam o valor das coisas puras...”

– E que fosse como a imagem do Cruzeiro

No coração da pátria derramada.

Citação de Lucio Costa

– “... nascida do gesto primário de quem assinala um lugar ou dele toma posse: dois eixos que se cruzam em ângulo reto, ou seja, o próprio sinal da cruz.”

### III

#### A chegada dos Candangos

Tratava-se agora de construir: e construir um ritmo novo.

Para tanto, era necessário convocar todas as forças vivas da Nação, todos os homens que, com vontade de trabalhar e confiança no futuro, pudessem erguer, num tempo novo, um novo Tempo.

E, à grande convocação que conclamava o povo para a gigantesca tarefa começaram a chegar de todos os cantos da imensa pátria os trabalhadores: os homens simples e quietos, com pés de raiz, rostos de couro e mãos de pedra, e que, no calcanho, em carro de boi, em lombo de burro, em paus-de-arara, por todas as formas possíveis e imagináveis, começaram a chegar de todos os lados da imensa pátria, sobretudo do Norte; foram chegando do Grande Norte, do Meio Norte e do Nordeste, em sua simples e áspera doçura; foram chegando em grandes levas do Grande Leste, da Zona da Mata, do Centro-Oeste e do Grande Sul; foram chegando em sua mudez cheia de esperança, muitas vezes deixando para trás mulheres e filhos a aguardar suas promessas de melhores dias; foram chegando de tantos povoados, tantas cidades cujos nomes pareciam cantar saudades aos seus ouvidos, dentro dos antigos ritmos da imensa pátria...

Dois locutores alternados

– Boa Viagem! Boca do Acre! Água Branca! Vargem Alta! Amargosa! Xique-Xique! Cruz das Almas! Areia Branca! Limoeiro! Afogados! Morenos! Angelim! Tamboril! Palmares! Taperoá! Triunfo! Aurora! Campanário! Águas Belas! Passagem Franca! Bom Conselho! Brumado! Pedra Azul! Diamantina!

Capelinha! Capão Bonito! Campinas! Canoinhas! Porto Belo! Passo Fundo!

Locutor n. 1

– Cruz Alta...

Locutor n. 2

– Que foram chegando de todos os lados da imensa pátria...

Locutor n. 1

– Para construir uma cidade branca e pura...

Locutor n.2

– Uma cidade de homens felizes...

#### **IV**

##### **O trabalho e a construção**

– Foi necessário muito mais que engenho, tenacidade e invenção. Foi necessário 1 milhão de metros cúbicos de concreto, e foram necessárias 100 mil toneladas de ferro redondo, e foram necessários milhares e milhares de sacos de cimento, e 500 mil metros cúbicos de areia, e 2 mil quilômetros de fios.

– E 1 milhão de metros cúbicos de brita foi necessário, e quatrocentos quilômetros de laminados, e toneladas e toneladas de madeira foram necessárias. E 60 mil operários! Foram necessários 60 mil trabalhadores vindos de todos os cantos da imensa pátria, sobretudo do Norte! 60 mil candangos foram necessários para desbastar, cavar, estaquear, cortar, serrar, pregar, soldar, empurrar, cimentar, aplinar, polir, erguer as brancas empenas...

– Ah, as empenas brancas! -

– Como penas brancas...

– Ah, as grandes estruturas!

– Tão leves, tão puras...

Como se tivessem sido depositadas de manso por mãos de anjo na terra vermelho-pungente do planalto, em meio à música inflexível, à música lancinante, à música matemática do trabalho humano em progressão ...

O trabalho humano que anuncia que a sorte está lançada e a ação é irreversível.

##### **Cantochão**

E ao crepúsculo, findo o labor do dia, as rudes mãos vazias de trabalho e os olhos cheios de horizontes que não têm fim, partem os trabalhadores para o descanso, na saudade de seus lares tão distantes e de suas mulheres tão ausentes. O canto com que entristecem ainda mais o sol-das-almas a morrer nas antigas solidões parece chamar as companheiras que se deixaram ficar para trás, à espera de melhores dias; que se deixaram ficar na moldura de uma porta, onde devem permanecer ainda, as mãos cheias de amor e os olhos cheios de horizontes que não têm fim. Que se deixaram ficar muitas terras além, muitas serras além, na esperança de um dia, ao lado de seus homens, poderem participar também da vida da cidade nascendo em comunhão com as estrelas. Que viram, uma manhã, partir os companheiros em busca do

trabalho com que lhes dar uma pequena felicidade que não possuem, um pequeno nada com que poder sentir brilhar o futuro no olhar de seus filhos. Esse mesmo trabalho que agora, findo o labor do dia, encaminha os trabalhadores em bando para a grande e fundamental solidão da noite que cai sobre o planalto...

"Deste planalto central, desta solidão que em breve se transformará em cérebro das altas decisões nacionais, lanço os olhos mais uma vez sobre o amanhã do meu país e antevejo esta alvorada com fé inquebrantável uma confiança sem limites no seu grande destino."

(Brasília, 2 de outubro de 1956)

Presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira

## V

### Coral

I	II	III
Coro	Coro	Coro
Masculino	Masculino	Misto
Brasília	Brasília	Brasília
Brasília	Brasília	Brasília
Brasília	Brasília	Brasília
Brasília	Brasília	Brasília
Brasília	Brasília	Brasília
BRASIL!	BRASIL!	BRASIL!

## VI

Terra de sol  
Terra de luz  
Terra que guarda no céu  
A brilhar o sinal de uma cruz  
Terra de luz  
Terra-esperança, promessa  
De um mundo de paz e de amor  
Terra de irmãos  
Ó alma brasileira ...  
... Alma brasileira ...  
Terra-poesia de canções e de perdão  
Terra que um dia encontrou seu coração

Brasil! Brasil!  
Ah... Ah... Ah...  
B r a s í l i a!  
Dlem! Dlem!  
Ô ... ô... ô... ô



## **Brigas nunca mais**

Chegou, sorriu, venceu, depois chorou  
Então fui eu quem consolou sua tristeza  
Na certeza de que o amor tem dessas fases más  
E é bom para fazer as pazes, mas  
Depois fui eu quem dela precisou  
E ela então me socorreu  
E o nosso amor mostrou que veio pra ficar  
Mais uma vez por toda vida  
Bom é mesmo amar em paz  
Brigas nunca mais

## **Broto maroto**

Olha que graça de moça  
Vê que balanço ela tem  
E aqui, que ninguém nos ouça  
Se eu insistir ela vem  
Se não me engano esse broto  
Quer se mudar numa flor  
Isso é um negócio maroto  
Pronto requer muito amor

Embora eu lhe tenha carinho  
E ela só cuide de mim  
Eu já tenho muito brotinho  
Plantado no meu jardim,  
Por isso é que eu fico cabreiro  
É muito brotinho demais  
Pra um brasileiro

## **Broto triste**

Menininha bonita, cheia de mania  
Que faz tanta fita e se acha a maior  
E diz que não topa quem lê poesia  
Que tudo na Europa é muito  
Mas muito melhor

Menininha, cabeça de vento  
Sem um pensamento, senão namorar  
Cuidado menina, namora direito  
Senão não dá jeito  
Não está nada fácil casar

Seu biquini tão "biquinininho"  
Não dá chance, pois quem quer  
Não tem mais nada para achar  
Menininha, eu te juro  
Você me dá pena  
Você tão pequena querendo voar  
Menininha, que coisa mais triste  
Se você pensa que existe  
Vai ter muito o que pensar

Menininha, vem cá – pra quê?  
Menininha, olhe lá – você?

## **Cala, meu amor**

Entra, meu amor  
Bom você voltar  
De onde vem você  
Cansado assim?

Vejo tanta dor  
No teu triste olhar  
Este olhar que, outrora  
Se acendia só pra mim

Cala, meu amor  
Fala, meu amor  
É melhor você nada contar

Venha aos braços meus  
Que os abraços meus  
Vão finalmente te fazer c

## **Calmaria e vendaval**

Choro e canto, mato e morro  
Corro entre o bem e o mal  
Sem querer faço da vida  
Calmaria e vendaval  
Passarinho e águia brava  
Brisa mansa e temporal

Vendo o dia se apagando  
Vejo a noite amanhecer  
Passo o tempo procurando  
Quem me possa responder  
Como é que tem quem vive  
Sem ninguém por quem morrer

Um caminho a gente encontra  
Só questão de procurar  
Se uma reta está no céu  
Uma curva está no mar  
Só não se acha saída  
Quando a morte vem levar

## **Caminho de pedra**

Velho caminho por onde passou  
Carro de boi, boiadeiro gritando ô ô

Velho caminho por onde passou  
O meu carinho chamando por mim ô ô

Caminho perdido na serra  
Caminho de pedra onde não vai ninguém

Só sei que hoje tenho em mim  
Um caminho de pedra no peito também

Hoje sozinho não sei pra onde vou  
É o caminho que vai me levando ô ô

## **Canção da canção que nasceu**

Eu não via nada senão teu olhar  
Só havia o nosso amor pra cuidar  
Parecia uma infinita canção  
Até que um dia  
Houve uma separação

Foi aí, amor  
Que em mim a vida renasceu  
E a luz do nosso grande amor  
Foi indo e desapareceu

Foi aí, amor  
Que uma outra luz transpareceu  
E eu vi o mundo todo em cor  
E nesse mundo havia eu:  
E uma canção  
De mim nasceu

## **Canção da noite**

Dorme  
Que estou a teu lado  
Dorme sem cuidado  
Nã nã nã nã nã

Dorme  
Oh, meu anjo lindo  
Vai calma dormindo  
Nã nã nã nã nã

Sonha  
Com noites de lua  
Que minh'alma é tua  
Quem vela sou eu!

Dorme  
Com riso na boca  
Que a noite é bem pouca  
Nã nã nã nã nã

Dorme  
E sonha comigo  
Com teu doce amigo  
Nã nã nã nã nã

## **Canção de enganar tristeza**

Se a tristeza um dia  
Te encontrar triste sozinho  
Trata dela bem  
Porque a tristeza quer carinho  
E fala sobre a beleza  
Com tanta delicadeza  
Por não ter nenhum carinho  
Que ela só existe  
Por não ter nenhum carinho  
E dá-lhe um amor tão lindo  
Que quando ela se for indo  
Ela vá contente  
De ter tido o teu carinho

## **Canção de ninar meu bem**

Hoje a lua despiu seu véu  
E flutua a dormir no céu  
Na canção que de mim nasceu  
Meu amado adormeceu  
Meu amado adormeceu

Dorme, meu amor  
Como no céu a lua  
Tu serás sempre meu  
E eu só tua

Dorme, amigo, que a poesia  
É um mistério que não tem fim

Dorme em calma  
Que assim, um dia  
Dormirás para sempre em mim  
Dormirás para sempre em mim

## **Canção de nós dois**

Tudo quanto na vida eu tiver  
Tudo quanto de bom eu fizer  
Será de nós dois  
Será de nós dois

Uma casa num alto qualquer  
Com um jardim e um pomar se couber  
Será de nós dois  
Será de nós dois

E depois, quando a gente quiser  
Passear, ir pra onde entender  
Não importa onde a gente estiver  
Estaremos a sós

E depois, quando a gente voltar  
O menino que a gente encontrar  
Será de nós dois  
Será de nós dois

E de noite quando ele dormir  
O silêncio do tempo a fugir  
Será de nós dois  
Será de nós dois

E por fim, quando o tempo fugir  
E a saudade nos der de nós dois  
E a vontade vier de dormir  
Sem ter mais depois

Dormiremos sem medo nenhum  
Pois aonde puder dormir um  
Podem dormir dois  
Podem dormir dois  
Podem dormir dois

## **Canção do amanhecer**

Ouve  
Fecha os olhos, meu amor  
É noite ainda  
Que silêncio  
E nós dois  
Na tristeza de depois  
A contemplar  
O grande céu do adeus

Ah, não existe paz  
Quando o adeus existe  
E é tão triste  
O nosso amor  
Oh, vem comigo  
Em silêncio

Vem olhar  
Esta noite amanhecer  
Iluminar  
Aos nossos passos tão sozinhos  
Todos os caminhos  
Todos os carinhos  
Vem raiando a madrugada  
Música no céu

## **Canção do amor ausente**

Ah, mulher  
Tu que criaste o amor  
Aqui estou eu tão só  
Na imensa treva  
Da tua ausência  
Mulher, canção  
Noturna flor do adeus  
Vem me matar de amor  
De amor nos braços teus

É tanto o meu amor  
Tanto por ti  
Que não há dor maior  
Do que eu vivi  
A dor desta separação  
Ouvindo o próprio coração  
Bater cada minuto em vão  
Da tua ausência

Ai, quem me dera  
Dar-me todo a ti  
Ai, quem me dera  
O tempo que perdi  
Ai, quem me dera  
Ser o ar  
Que ao menos  
Roça os lábios teus  
E te beijar  
Mais um adeus



### **Canção do amor demais**

Quero chorar porque te amei demais  
Quero morrer porque me deste a vida

Oh, meu amor, será que nunca hei de ter paz  
Será que tudo que há em mim  
Só quer sentir saudade

E já nem sei o que vai ser de mim  
Tudo me diz que amar será meu fim

Que desespero traz o amor!  
Eu nem sabia o que era o amor  
Agora sei porque não sou feliz

### **Canção do amor que chegou**

Eu não sei, não sei dizer  
Mas de repente essa alegria em mim  
Alegria de viver  
Que alegria de viver  
E de ver tanta luz, tanto azul!  
Quem jamais poderia supor  
Que de um mundo que era tão triste e sem cor  
Brotaria essa flor inocente  
Chegaria esse amor de repente  
E o que era somente um vazio sem fim  
Se encheria de cores assim

Coração, põe-te a cantar  
Canta o poema da primavera em flor  
É o amor, o amor chegou  
Chegou enfim

## **Canção do amor que não vem**

Ah, soubesse eu te contar  
Toda amargura  
De não poder te dar  
Tanta ternura  
Ah, soubesse eu nunca te contar  
Ah, pudesse eu te dizer  
Toda tristeza  
De estar sempre esperando  
Uma incerteza  
E nada poder  
Nem desesperar

Oh, triste caminho do coração  
Que ama sozinho  
Que coisa triste  
Amar sozinho  
Quanta solidão  
Ah, pudesses entrever  
Minha ansiedade  
Depois de um dia de saudade  
De uma noite inteira a soluçar  
Vem! Não tardes mais  
Amor, que eu vivo procurando  
Quando vais chegar?  
Eu sei que chegarás

Ah, pudesse eu pôr a teus pés  
A minha vida  
Amor, por quem tu és  
Oh, vem  
Não tarde mais

Sim, por favor  
Façam silêncio  
Meu amor vem em silêncio  
Quando ele por mim passar

## **Canção em modo menor**

Porque cada manhã me traz  
O mesmo sol sem resplendor  
E o dia é só um dia a mais  
E a noite é sempre a mesma dor  
Porque o céu perdeu a cor  
E agora em cinzas se desfaz  
Porque eu já não posso mais  
Sofrer a mágoa que sofri  
Porque tudo que eu quero é paz  
E a paz só pode vir de ti  
Porque meu sonho se perdeu  
E eu sempre fui um sonhador  
Porque perdidos são meus ais  
E foste para nunca mais  
Oh, meu amor  
Porque minha canção morreu  
No apelo mais desolador  
Porque a solidão sou eu  
Ah, volta aos braços meus, amor

## **Canção para alguém**

Foste na minha vida  
Alguém que apareceu  
Para findar a dor  
Foste a mulher querida  
Que o destino me deu  
Para viver de amor  
Foste esperança e magia  
Sinceridade e poesia

Ponho nesta canção  
Toda a minha emoção  
Toda a sublimação do meu amor  
Nela vai ternamente  
O beijo mais ardente  
Para a beleza da tua boca em flor  
Eu a compus chorando  
Nas noites cheias de luar  
E tem a sinceridade  
Que vive no meu olhar  
Junto a ti deposita  
A saudade infinita  
Que eternamente habita em meu coração

Ela é tristeza... recordação

## **Canção para o grande amor**

Despedi o grande amor de mim  
Dizendo assim: grande amor  
Não se esqueça de voltar

Porque a dor do amor que teve fim  
Que foi ruim, sei que sim  
Outro amor há de apagar

E há de ser sempre assim:  
Minha casa aberta  
E na mesa posta um talher a mais  
Um cinzeiro a mais  
E no seu lugar a mesma mulher a esperar

A mesma mulher pronta pra dizer  
Entre, por favor, quando alguém surgir  
Quando alguém chegar  
Pode ser o amor, pode ser a dor, pode ser

Preciso ter muitas rosas para receber  
O grande amor  
Quando for  
Sua hora de voltar

## **Canta, canta mais**

Canta, canta  
Sente a beleza  
Canta, canta  
Esquece a tristeza  
Tanta, tanta  
Tanta tristeza  
Canta  
Ah...

Canta, canta  
Canta, vai, vai  
Segue cantando em paz  
Canta, canta  
Canta mais

## **Cantiga da ausente**

Se eu ando assim tão triste  
Tão cheio de langor  
É porque nada existe  
Para mim sem meu amor

Ela está tão longe, tão longe  
Que nem sei  
E o seu olhar tão lindo  
Não pode nem me ver

E as suas mãos morenas  
Já nem podem me acenar  
E só me resta a esperança  
De ver meu amor voltar

Com os seus cabelos negros  
E a sua graça pequenina  
E a sua ternura linda  
E o seu gostar de mim  
Como ela me dizia  
Feliz a soluçar  
Eu te amo tanto  
Que já nem sei mais

## **Canto de Iemanjá**

Iemanjá, Iemanjá  
Iemanjá é dona Janaína que vem  
Iemanjá, Iemanjá  
Iemanjá é muita tristeza que vem

Vem do luar no céu  
Vem do luar  
No mar coberto de flor, meu bem  
De Iemanjá  
De Iemanjá a cantar o amor  
E a se mirar  
Na lua triste no céu, meu bem  
Triste no mar

Se você quiser amar  
Se você quiser amor  
Vem comigo a Salvador  
Para ouvir Iemanjá

A cantar, na maré que vai  
E na maré que vem  
Do fim, mais do fim, do mar  
Bem mais além  
Bem mais além  
Do que o fim do mar  
Bem mais além

## **Canto de Ossanha**

O homem que diz "dou" não dá  
Porque quem dá mesmo não diz  
O homem que diz "vou" não vai  
Porque quando foi já não quis  
O homem que diz "sou" não é  
Porque quem é mesmo é "não sou"  
O homem que diz "estou" não está  
Porque ninguém está quando quer  
Coitado do homem que cai  
No canto de Ossanha, traidor  
Coitado do homem que vai  
Atrás de mandinga de amor

Vai, vai, vai, vai, não vou  
Vai, vai, vai, vai, não vou  
Vai, vai, vai, vai, não vou  
Vai, vai, vai, vai, não vou  
Que eu não sou ninguém de ir  
Em conversa de esquecer  
A tristeza de um amor que passou  
Não, eu só vou se for pra ver  
Uma estrela aparecer  
Na manhã de um novo amor

Amigo sinhô  
Saravá  
Xangô me mandou lhe dizer  
Se é canto de Ossanha, não vá  
Que muito vai se arrepender  
Pergunte pro seu Orixá  
Amor só é bom se doer

Vai, vai, vai, vai amar  
Vai, vai, vai, vai sofrer  
Vai, vai, vai, vai chorar  
Vai, vai, vai, vai dizer  
Que eu não sou ninguém de ir  
Em conversa de esquecer  
A tristeza de um amor que passou  
Não, eu só vou se for pra ver  
Uma estrela aparecer  
Na manhã de um novo amor



## **Canto de Oxalufã**

Você que sabe demais  
Meu pai mandou lhe dizer  
Que o tempo tudo desfaz  
A morte nunca estudou  
E a vida não sabe ler

Ô-babá  
Não dá pra ninguém saber  
Por que é que há  
Quem lê e não sabe amar  
Quem ama e não sabe ler

Você que sabe demais  
Mas que não sabe viver  
Responda se for capaz:  
Da vida, quem sabe lá?  
Da morte, quem quer saber?

## **Canto de Pedra Preta**

Olô, pandeiro  
Olô, viola  
Olô, pandeiro  
Olô, viola

Pandeiro não quer  
Que eu sambe aqui  
Viola não quer  
Que eu vá embora

Olô, pandeiro  
Olô, viola

Pandeiro quando toca  
Faz Pedra Preta chegar  
Viola quando toca  
Faz Pedra Preta sambar

Pandeiro diz:  
Pedra Preta não samba aqui não  
A viola diz:  
Pedra Preta não sai daqui, não

Pedra Preta diz:  
Pandeiro tem que pandeiar  
Pedra Preta diz:  
Viola tem que violar

O galo no terreiro  
Fora de hora cantou  
Pandeiro foi-se embora  
E Pedra Preta gritou

Olô, pandeiro  
Olô, viola  
Olô, pandeiro  
Olô, viola

## **Canto de Xangô**

Eu vim de bem longe  
Eu vim, nem sei mais de onde é que eu vim  
Sou filho de Rei  
Muito lutei pra ser o que eu sou  
Eu sou negro de cor  
Mas tudo é só amor em mim  
Tudo é só amor para mim  
Xangô Agodô  
Hoje é tempo de amor  
Hoje é tempo de dor, em mim  
Xangô Agodô

Salve, Xangô, meu Rei Senhor  
Salve, meu orixá  
Tem sete cores sua cor  
Sete dias para a gente amar

Mas amar é sofrer  
Mas amar é morrer de dor  
Xangô meu Senhor, saravá!  
Xangô meu Senhor!  
Mas me faça sofrer  
Mas me faça morrer de amor  
Xangô meu Senhor, saravá!  
Xangô Agodô!

## **Canto e contraponto**

Ai, amante, espera um pouco  
Deixa que se canse  
Este desejo louco  
De teu corpo  
Deixa que se estanque  
O canto rouco  
De paixão  
Que noite sem fim  
Soluça em mim  
Dilacerante  
Sim, abrandas as duras farpas  
Nas mortais escarpas  
Nos furores nossos  
Porque, exausta carne  
Nas sangrentas bodas  
Só terás meus ossos  
Saturnais destroços  
Deste amor fatal

## **Canto triste**

Porque sempre foste  
A primavera em minha vida  
Volta pra mim  
Desponta novamente no meu canto  
Eu te amo tanto mais  
Te quero tanto mais

Ah, quanto tempo faz  
Partiste como a primavera  
Que também te viu partir  
Sem um adeus sequer  
E nada existe mais em minha vida  
Como um carinho teu  
Como um silêncio teu  
Lembro um sorriso teu  
Tão triste

Ah, luar sem compaixão  
Sempre a vagar no céu  
Onde se esconde a minha bem-amada  
Onde a minha namorada  
Vai, diz a ela minhas penas  
E que eu peço, peço apenas  
Que ela lembre as nossas horas de poesia  
As noites de paixão  
E diz-lhe da saudade em que me viste  
Que estou sozinho  
Que só existe meu canto triste  
Na solidão

## **Cara-de-pau**

Pega aquela muleta!  
Pule como pernetas!  
E onde é que está sua perna de pau?  
Chega dessa corcova  
Ponha uma bossa nova  
E atarracha uma cara de pau  
E por todo o caminho  
Vá naquele passinho  
Devagarinho  
Bem de mansinho  
Devagarinho  
Bem de mansinho

Pregue a orelha na boca  
Faça cara de louca  
Elimine dois dedos da mão  
Ponha um olho de vidro  
E um pé dentro do ouvido  
Fique sempre a três palmos do chão  
E a mão estendida  
É uma boa pedida  
Grande pedida!  
Boa pedida!  
Grande pedida!  
Boa pedida!

## **Caro Raul**

Caro Raul, tá tudo bem, tá tudo azul  
Que tal a gente se encontrar  
Lá por um bar na zona sul  
Bater um papo e pôr as coisas no lugar

E, se puder, leve o Carlinhos, o Levon  
Doca e Paulinho com você, pra gente ver  
Quem é o bom numa partida de sinuca  
Pra valer.

Depois podemos dar um pulo no Carreta  
E um abraço no Luís  
E com o Ampar saborear  
Um vinhozinho chegadoinho de Paris

Telefonar para o Zequinha e a Regina  
Pra saber se a saideira que eles vão oferecer Vai ter  
Cartola e Louis Prima até o dia amanhecer

E, finalmente, quando a gente estiver mesmo pra dormir  
Numa champanhe bem gelada sucumbir  
Erguendo a taça ao novo dia que há de vir  
Caro Raul

*Falado:*

Neste choro pro Raul, Toquinho e eu mandamos um abraço fraterno pro Zé Nogueira, pra Joca e pra Luizinha, pro Elifas, que fez a capa deste disco, pro velho e querido Américo e sua Janette, pr'aquela gente maravilhosa do Concorde, lá no Rio, Zé Fernandes, o maître perfeito, o Sérgio de Souza, e lá no Antonio's, não muito distante, o Manolinho, não é? Manolinho... lá, sempre comparecendo a tudo isso, sem falar no Cayon, que ajudou a gente a armar toda essa confusão.

## **Carta ao Tom**

Rua Nascimento e Silva, 107  
Você ensinando pra Elizete  
As canções de Canção do amor demais

Lembra que tempo feliz  
Ah, que saudade  
Ipanema era só felicidade  
Era como se o amor doesse em paz

Nossa famosa garota nem sabia  
A que ponto a cidade turvaria  
Esse Rio de amor que se perdeu  
Mesmo a tristeza da gente era mais bela  
E além disso se via da janela  
Um cantinho de céu e o Redentor

Ê, meu amigo, só resta uma certeza  
Ê preciso acabar com essa tristeza  
E preciso inventar de novo o amor

## **A carta que não foi mandada**

Paris, outono de 73  
Estou no nosso bar mais uma vez  
E escrevo pra dizer  
Que é a mesma taça e a mesma luz  
Brilhando no champanhe em vários tons azuis  
No espelho em frente eu sou mais um freguês  
Um homem que já foi feliz, talvez  
E vejo que em seu rosto correm lágrimas de dor  
Saudades, certamente, de algum grande amor

Mas ao vê-lo assim tão triste e só  
Sou eu que estou chorando  
Lágrimas iguais  
E, a vida é assim, o tempo passa  
E fica relembrando  
Canções do amor demais  
Sim, será mais um, mais um qualquer  
Que vem de vez em quando  
E olha para trás  
Ê, existe sempre uma mulher  
Pra se ficar pensando  
Nem sei... nem lembro mais



## **Cartão de visita**

Quem quiser morar em mim  
Tem que morar no que o meu samba diz  
Tem que nada ter de seu  
Mas tem que ser o rei do seu país  
Tem que ser uma vidinha folgada  
Mas senhor do seu nariz  
Tem que ser um "não faz nada"  
Mas saber fazer alguém feliz

Tem que viver devagarinho  
Pra poder ver a vida passar  
Tem que ter um pouco de carinho para dar  
Precisa, enfim, saber gastar e ao receber uma esmolinha  
Dar de troco o céu e o mar  
Tem que ser um louco  
Mas um louco para amar

Vai ter que ter tudo isso  
Tudo isso pra contar

Tem que bater muita calçada s  
Só cantando o que o povo pedir  
E só vendo a moçada praticando pra faquir  
Precisa, enfim, filosofar  
Que ser alguém é não ser nada  
E não ser nada é ser alguém  
Tem que bater samba  
E bater samba muito bem

Vai ter que ter tudo isso  
Tudo isso e o céu também

## **Cavalo-marinho**

Cavalo-marinho  
Dança no terreiro  
Que a dona da casa  
Tem muito dinheiro  
Cavalo-marinho  
Dança na calçada  
Que a dona da casa  
Tem galinha assada

Minha rua onde eu me criei feliz  
Rua onde eu brincava  
Rua onde eu brigava  
Rua onde eu caía  
E onde a poesia  
Fez seu aprendiz

Rua alegre, parecia não ter fim  
Rua onde eu corria  
Atrás do meu arco  
Rua onde eu morava  
Tinha uma menina  
Que cantava assim:

Cavalo-marinho  
Dança no terreiro  
Que a dona da casa  
Tem muito dinheiro  
Cavalo-marinho  
Dança na calçada  
Que a dona da casa  
Tem galinha assada

Rua triste, nunca vi tão triste assim  
Vinha uma menina  
Vindo pela rua  
Linda como a lua  
E assim como a lua  
Deu-se toda a mim

Rua escura, amargura fez-se em mim  
Porque hoje eu vivo  
Vivo da procura  
Da menina pura  
Que na noite escura  
Me cantava assim:

Cavalo-marinho  
Dança no terreiro  
Que a dona da casa  
Tem muito dinheiro  
Cavalo-marinho  
Dança na calçada  
Que a dona da casa  
Tem galinha assada

### **Cem por cento**

Há muita gente que diz  
Coisas dela  
Mas essa gente que diz  
Cai por ela  
Eu que também fui por ela  
Sei disso  
Eu é que amei  
Eu é que sei  
Todo despeito que há nisso

Porque pra mim  
Ela foi cem por cento  
Nunca deixou de me amar  
Um só momento  
Pode falar quem quiser  
Mas no meu fraco entender  
Ninguém foi tão mulher

## **Certa Maria**

Se for Zazá  
Deixa isso pra lá  
Se for Zezé  
Já não dá mais pé  
Se for Zizi  
Diga que eu parti  
Parti sem lhe dar explicação  
Se for Zozó  
Diga que eu não tô nem pra Zuzu  
Tudo terminou  
Pode dizer o que quiser  
Se for mulher na ligação

Menos se for certa Maria que eu adoro  
E por quem choro  
E não durmo e nem canções canto mais  
Se ela chamar  
E se eu não tiver, pode dizer  
Que se ela quiser eu estou na base  
De casar e ter casais  
E diga ainda  
Que ela é linda  
Ela é linda demais

## **Chega de saudade**

Vai, minha tristeza  
E diz a ela que sem ela não pode ser  
Diz-lhe numa prece  
Que ela regresse  
Porque eu não posso mais sofrer

Chega de saudade  
A realidade é que sem ela  
Não há paz, não há beleza  
É só tristeza e a melancolia  
Que não sai de mim  
Não sai de mim  
Não sai

Mas se ela voltar  
Se ela voltar  
Que coisa linda  
Que coisa louca  
Pois há menos peixinhos a nadar no mar  
Do que os beijinhos que eu darei na sua boca  
Dentro dos meus braços os abraços  
Hão de ser milhões de abraços  
Apertado assim, colado assim, calado assim,  
Abraços e beijinhos e carinhos sem ter fim  
Que é pra acabar com esse negócio  
De você viver sem mim  
Não quero mais esse negócio  
De você longe de mim...  
Vamos deixar desse negócio  
De você viver sem mim...

## **Chora coração**

Tem pena de mim  
Ouve só meus ais  
Eu não posso mais  
Tem pena de mim

Quando o dia está bonito  
Ainda a gente se distrai  
Mas que triste de repente  
Quando o véu da noite cai

Aqui fora está tão frio  
E lá dentro está também  
Não há tempo mais vazio  
Do que longe do meu bem

## **Chorando pra Pixinguinha**

Meu velho amigo  
Chorão primeiro  
Tão Rio antigo  
Tão brasileiro

Teu companheiro  
Chora contigo  
Toda a dor de ter vivido  
O que não volta nunca mais  
E na emoção deste chorinho carinhoso  
Te pede uma bênção de amor e de paz

## **Choro chorado pra Paulinho Nogueira**

Quanta saudade antiga  
Quanta recordação  
O toque paciente  
De tua mão amiga  
Me ensinando os caminhos  
Corrigindo os defeitos  
Dando todos os jeitos  
Pras notas brotarem  
Do meu violão

Ah, como eu me lembro ainda  
Cheio de gratidão  
A hora entardecente  
A nostalgia infinda  
No modesto ambiente  
Da casinha da praça  
E eu em estado de graça  
De estar aprendendo a tocar violão

E hoje nós dois  
Tempos depois  
Damos com nova emoção  
Um novo aperto de mão  
Neste chorinho chorado juntos  
E que, tomara, renasça em muitos

Pois a maior alegria  
É chorar de parceria  
Num chorinho que é só coração  
E lembrar que o passado  
Vive num choro chorado  
Pelo teu e o meu violão

## **Coisa mais linda**

Coisa mais bonita é você, assim  
Justinho você, eu juro  
Eu não sei por que você  
Você é mais bonita que a flor  
Quem dera a primavera da flor  
Tivesse todo esse aroma de beleza  
Que é o amor  
Perfumando a natureza numa forma de mulher

Porque tão linda assim  
Não existe a flor  
Nem mesmo a cor não existe  
E o amor  
Nem mesmo o amor existe

E eu fico um pouco triste  
Um pouco sem saber  
Se é tão lindo o amor  
Que eu tenho por você



## **Como dizia o poeta**

Quem já passou  
Por esta vida e não viveu  
Pode ser mais, mas sabe menos do que eu  
Porque a vida só se dá  
Pra quem se deu  
Pra quem amou, pra quem chorou  
Pra quem sofreu, ai

Quem nunca curtiu uma paixão  
Nunca vai ter nada, não

Não há mal pior  
Do que a descrença  
Mesmo o amor que não compensa  
É melhor que a solidão

Abre os teus braços, meu irmão, deixa cair  
Pra que somar se a gente pode dividir?  
Eu francamente já não quero nem saber  
De quem não vai porque tem medo de sofrer

Ai de quem não rasga o coração  
Esse não vai ter perdão

## **Como é duro trabalhar**

Fui caminhando, caminhando  
À procura de um lugar  
Com uma palhoça, uma morena  
E um cantinho pra plantar

Achei a terra, vi a casa  
Só faltava capinar  
Mas sem o colo da morena  
Quem sou eu pra me abusar

E lá vou eu  
Paro aqui, paro acolá  
E lá vou eu  
Como é duro trabalhar

E vou cantando, tiro moda  
Faço roda no arraial  
Busco a morena de olho em calda  
Cheiro de canavial

E bico essa, bico aquela  
Vou bicando sem parar  
Mas não tem mais moça donzela  
Que mereça eu me abusar

## **Consolação**

Se não tivesse o amor  
Se não tivesse essa dor  
E se não tivesse o sofrer  
E se não tivesse o chorar  
Melhor era tudo se acabar

Eu amei, amei demais  
O que eu sofri por causa do amor  
Ninguém sofreu

Eu chorei, perdi a paz  
Mas o que eu sei  
É que ninguém nunca teve mais  
Mais do que eu

## **Corujinha**

Corujinha, corujinha  
Que peninha de você  
Fica toda encolhidinha  
Sempre olhando não sei quê

O seu canto de repente  
Faz a gente estremecer  
Corujinha, pobrezinha  
Todo mundo que te vê  
Diz assim, ah, coitadinha  
Que feinha que é você

Quando a noite vem chegando  
Chega o teu amanhecer  
E se o sol vem despontando  
Vais voando te esconder

Hoje em dia andas vaidosa  
Orgulhosa como quê  
Toda noite tua carinha  
Aparece na TV  
Corujinha, coitadinha  
Que feinha que é você

## Cotidiano n° 2

Há dias que eu não sei o que me passa  
Eu abro o meu Neruda e apago o sol  
Misturo poesia com cachaça  
E acabo discutindo futebol

Mas não tem nada, não  
Tenho o meu violão

Acordo de manhã, pão sem manteiga  
E muito, muito sangue no jornal  
Aí a criançada toda chega  
E eu chego a achar Herodes natural

Mas não tem nada, não  
Tenho o meu violão

Depois faço a loteca com a patroa  
Quem sabe nosso dia vai chegar  
E rio porque rico ri à toa  
Também não custa nada imaginar

Mas não tem nada, não  
Tenho o meu violão

Aos sábados em casa tomo um porre  
E sonho soluções fenomenais  
Mas quando o sono vem e a noite morre  
O dia conta histórias sempre iguais

Mas não tem nada, não  
Tenho o meu violão

Às vezes quero crer mas não consigo  
É tudo uma total insensatez  
Aí pergunto a Deus: escute, amigo  
Se foi pra desfazer, por que é que fez?

Mas não tem nada, não  
Tenho o meu violão

## **Decididamente**

Decididamente, eu não sou gente.  
Eu sou um ente incompetente, mal-acabado  
Eu, infelizmente, não consigo sequer ser um mendigo  
Dá tudo errado  
Deus, quando me fez, devia estar muito invocado  
Ganhou o campeonato de fazer nego sofrer  
Urubu pousou na minha sorte  
Eu nasci pra boi de corte  
Deu cupim no meu viver

Sábado passado, quando eu vinha  
Uma zinha "da pontinha"  
Fez uma linda carinha para mim  
Eu, aí, peguei minha pessoa  
E fui andando para a boa  
Na esperança de um domingo menos ruim

Pois, amigo, que é que você acha  
Vou e levo uma "bolacha"  
De um frajola que eu não sei de onde surgiu  
E que, além de tudo, não contente  
Me mandou apenasmente

Quando você está mesmo sem sorte  
Nem a vida e nem a morte  
Querem nada de saber de você, não  
Você pode estar morto, defunto  
E vêm os vermes todos juntos  
Lhe pedir pra não seguir a refeição

Chega o dia e a vida está tão chata  
Que você pega e se mata  
Dá um tiro que parece de canhão  
Mas a sua sorte é tão ingrata que ele sai pela culatra  
Com licença da expressão

## **Deixa**

Deixa  
Fale quem quiser falar, meu bem  
Deixa  
Deixa o coração falar também  
Porque ele tem razão demais  
Quando se queixa  
Então a gente  
Deixa, deixa, deixa, deixa

Ninguém vive mais do que uma vez  
Deixa  
Diz que sim pra não dizer talvez  
Deixa  
A paixão também existe  
Deixa  
Não me deixes ficar triste

## **Deixa acontecer**

Ah, não tente explicar  
Nem se desculpar  
Nem tente esconder  
Se vem do coração  
Não tem jeito, não  
Deixa acontecer

O amor é essa força incontida  
Desarruma a cama e a vida  
Nos fere, maltrata e seduz  
É feito uma estrela cadente  
Que risca o caminho da gente  
Nos enche de força e de luz

Vai debochar da dor  
Sem nenhum pudor  
Nem medo qualquer  
Ah, sendo por amor  
Seja como for  
E o que Deus quiser

## **Derradeira primavera**

Põe a mão na minha mão  
Só nos resta uma canção  
Vamos, volta, o mais é dor  
Ouve só uma vez mais  
A última vez, a última voz  
A voz de um trovador

Fecha os olhos devagar  
Vem e chora comigo  
O tempo que o amor não nos deu  
Toda a infinita espera  
O que não foi só teu e meu  
Nessa derradeira primavera

## **Desalento**

Sim, vai e diz  
Diz assim  
Que eu chorei  
Que eu morri  
De arrependimento  
Que o meu desalento  
Já não tem mais fim  
Vai e diz

Diz assim  
Como sou infeliz  
No meu descaminho  
Diz que estou sozinho  
E sem saber de mim

Diz que eu estive por pouco  
Diz a ela que estou louco  
Pra perdoar  
Que seja lá como for  
Por amor  
Por favor  
É pra ela voltar

Sim, vai e diz  
Diz assim  
Que eu rodei  
Que eu bebi  
Que eu caí  
Que eu não sei  
Que eu só sei  
Que cansei, enfim  
Dos meus desencontros  
Corre e diz a ela  
Que eu entrego os pontos



## **Deve ser amor**

Sim, sinceramente, amor  
Eu não sei o que se passa em mim  
É assim como uma dor  
Mas que dói sem ser ruim  
Sim, é ter no coração  
Sempre uma canção  
É tão embriagador  
Deve ser, sim  
Deve ser amor

Samba, samba diferente  
Isto é estar contente  
Gosto de chorar, de chorar, de chorar  
Samba, ritmo envolvente  
Como o amor da gente  
Samba em chá-chá-chá  
Chá-chá-chá  
Chá-chá-chá

## **Dobrado de amor a São Paulo**

São Paulo, quatrocentos anos  
E eu, coitada  
Quatrocentos desenganos de amor

Eu daqui não saio mais, de São Paulo  
Isto aqui era bom demais, em São Paulo  
Ai, que bem isto me faz

Se o frio aperta eu pego o cobertor  
Abraço mais o meu amor  
E vou até de manhã, em São Paulo

Isto aqui está bom demais, em São Paulo  
Eu daqui não saio mais, de São Paulo  
Ai, que bem isto me faz

Chuva, garoa, ventania  
Troca a noite pelo dia  
O tempo passa devagar  
Sinto um bem-estar no coração  
Vem o dia  
E o sol me encontra  
Na avenida São João

## **Doce ilusão**

Quando fitei sobre você  
Meu tristonho olhar  
Sob a luz plangente e suave deste luar  
Julguei sonhar, querida  
Por toda a minha vida  
Lá no céu a lua brilhava cheia de amor  
Soluçava ao longe a viola de um trovador  
E eu jurei sempre amar e sempre viver  
Só por você  
Por você, por você, querida

Jamais hei de me esquecer, meu amor  
O ardor daquele beijo  
Quando sentindo na mão doce langor  
Que teve esse primeiro ensejo  
Guardei bem no fundo do coração  
Essa doce ilusão  
Que foi para mim, querida  
Não só um sonho lindo  
Mas a própria vida

## **Dor de uma saudade**

Por que não vens acalmar  
Minha imensa dor?  
Pois tu és o meu sonhar  
Todo o meu amor

Ai, a solidão do mar  
A magia de um luar  
Que de ti  
Me faz lembrar

E quando o teu lindo olhar  
Muito longe a me fitar  
Conjugando o verbo amar

Só ficou felicidade  
Só tristezas e uma saudade

Nada mais que uma ilusão  
Dentro do meu coração  
Em toda velha paixão

Hoje na alma vazia  
Tem uma imensa nostalgia  
De quem não tem alegria

## **É hoje só**

É hoje quem sabe lá  
Nem depois  
E além do mais nunca fez mal  
A ninguém  
Nós não somos mesmo pó?  
Quem é pó não entra bem?  
E depois quem sabe mais  
Que a paixão?  
Fique certa de que o amanhã  
Não tem coração

## **É preciso dizer adeus**

É inútil fingir  
Não te quero enganar  
E preciso dizer adeus  
É melhor esquecer  
Sei que devo partir  
Só me resta dizer adeus

Ah, eu te peço perdão  
Mas te quero lembrar  
Como foi lindo  
O que morreu

E essa beleza do amor  
Que foi tão nossa  
E me deixa tão só  
Eu não quero perder  
Eu não quero chorar  
Eu não quero trair  
Porque tu foste pra mim  
Meu amor  
Como um dia de sol

## **Ela é carioca**

Ela é carioca, ela é carioca  
Basta o jeitinho dela andar  
Nem ninguém tem carinho assim para dar  
Eu vejo na cor dos seus olhos  
As noites do Rio ao luar  
Vejo a mesma luz, vejo o mesmo céu  
Vejo o mesmo mar

Ela é meu amor, só me vê a mim  
A mim que vivi para encontrar  
Na luz do seu olhar  
A paz que sonhei  
Só sei que sou louco por ela  
E pra mim ela é linda demais  
E além do mais  
Ela é carioca, ela é carioca

## **Em algum lugar**

Deve existir  
Eu sei que deve existir  
Algum lugar onde o amor  
Possa viver a sua vida em paz  
E esquecido de que existe o amor  
Ser feliz, ser feliz, bem feliz

## **Em noite de luar**

Vai, vai  
Samba meu  
E diz a ela  
Que hoje na rua  
Tinha aquela mesma antiga lua

Vai, diz  
Diz que eu  
Fiquei tão triste  
Tão infeliz  
Saudade que me deu

Desaparece um amor, e parece  
Que a gente esquece  
Pode viver  
Mas basta apenas uma lua na rua  
E já não se pode esquecer

Sai, sai  
Vai chorar  
Amor tão triste  
Que só existe  
Em noite de luar

## **Essa menina**

Você não tem mesmo o que fazer, essa menina  
Como é que você já fica toda feminina  
Como é que você olha pra mim  
Com essa falta de respeito  
Olhe que isso assim não está direito, essa menina

Como é que você novinha assim toda se empina  
Como é que você quando me vê  
Sai requebrando desse jeito  
Tudo nesta vida tem a sua hora, viu?  
Pois você me diga agora onde é que já se viu  
Querer ser colhida assim tão fora de estação?  
Olhe, essa menina, suma, vá-se embora, tenha compaixão

Eu já nem sei mais o que fazer com essa menina  
Sem desmerecer sua beleza tão divina  
Bem, ela vai ver, então vai ser  
Tal como manda a natureza, viu?

## **Estamos aí**

Estamos aí  
Gente amiga que muito se quer  
Estamos aí  
Pro que der e vier  
Estamos aí  
Pro amor e pra desilusão  
Mas como é bom cantar  
Musiplicar  
A magia de cada canção

Música  
Como é bom cantar  
Música  
Deixa pensar que pra amar é preciso fingir  
Deixa dizer que é preciso mentir  
Deixa falar que a poesia não pode existir

Deixa pra lá  
Estamos aí

## **Estes teus olhos**

Eu gosto tanto  
Eu tenho encanto  
Por teu sorriso  
Porque a coisa  
Que eu acho louca  
É a maravilha  
Do teu olhar

Há nos teus olhos  
Ilhas distantes e serenas  
Há nos teus olhos  
Tantos caminhos e trilhas  
Há nos teus olhos  
Muitas estrelas  
Muito, muito silêncio  
Muito luar

Teus olhos grandes  
Teus olhos tristes  
Cuja tristeza  
Me fez te amar

## **Estrada branca**

Estrada branca  
Lua branca  
Noite alta  
Tua falta caminhando  
Caminhando, caminhando  
Ao lado meu  
Uma saudade  
Uma vontade  
Tão doída  
De uma vida  
Vida que morreu

Estrada passarada  
Noite clara  
Meu caminho é tão sozinho  
Tão sozinho  
A percorrer  
Que mesmo andando  
Para a frente  
Olhando a lua tristemente  
Quanto mais ando  
Mais estou perto  
De você

Se em vez de noite  
Fosse dia  
Se o sol brilhasse  
E a poesia  
Em vez de triste  
Fosse alegre  
De partir  
Se em vez de eu ver  
Só minha sombra  
Nessa estrada  
Eu visse ao longo  
Dessa estrada  
Uma outra sombra  
A me seguir

Mas a verdade  
É que a cidade  
Ficou longe, ficou longe  
Na cidade  
Se deixou meu bem-querer  
Eu vou sozinho sem carinho  
Vou caminhando meu caminho  
Vou caminhando com vontade de morrer



## **Eterno retorno**

Corram em praça pública  
Um proclama  
Atirem pedra joguem lama  
Até me verem transpassar de dor  
Gritem que eu traí, que sou culpado  
Que sou réu de ter matado  
Mais um grande amor

Eu mesmo sangrando  
Amor desfeito  
Hei de arrancar dentro do peito  
As rubras rosas da separação  
Com que acarpetar a caminhada  
Dessa nova grande amada  
Do meu coração

Vai, triste mulher, trágica mulher  
Sai do meu caminho  
Deixa-me sozinho  
Eu já não te quero mais  
Deixa-me sofrer em paz  
Vejo outra mulher  
Surgir da bruma  
Enquanto a noite se desfaz

## **Eu agradeço**

Eu agradeço  
Eu agradeço a você  
Muito obrigado por toda a beleza que você nos deu  
Sua presença, eu reconheço  
Foi a melhor recompensa  
Que a vida nos ofereceu

Foi muito lindo  
Você ter vindo  
Sempre ajudando, sorrindo, dizendo  
Que não tem de quê

Eu agradeço, eu agradeço  
Você ter me virado do avesso  
E ensinado a viver  
Eu reconheço que não tem preço  
Gente que gosta de gente assim feito você

## **Eu e o meu amor**

Eu e o meu amor  
E o meu amor  
Que foi-se embora  
Me deixando tanta dor  
Tanta tristeza  
No meu pobre coração  
Que até jurou  
Não me deixar  
E foi-se embora  
Para nunca mais voltar

## **Eu não existo sem você**

Eu sei e você sabe, já que a vida quis assim  
Que nada nesse mundo levará você de mim  
Eu sei e você sabe que a distância não existe  
Que todo grande amor  
Só é bem grande se for triste  
Por isso, meu amor  
Não tenha medo de sofrer  
Que todos os caminhos me encaminham pra você

Assim como o oceano  
Só é belo com luar  
Assim como a canção  
Só tem razão se se cantar  
Assim como uma nuvem  
Só acontece se chover  
Assim como o poeta  
Só é grande se sofrer  
Assim como viver  
Sem ter amor não é viver

Não há você sem mim  
E eu não existo sem você

## **Eu não tenho nada a ver com isso**

Eu não tenho nada a ver com isso  
Nem sequer nasci em Niterói  
Não me chamo João  
E não tenho, não  
Qualquer vocação pra ser herói  
Venho de três raças muito tristes  
E eis por que o viver tanto me dói

Deito em minha rede  
Mato a minha sede  
Quanta mulher nua na Playboy!  
Porém daqui a uns anos mais  
Vão ser cem milhões  
Cem milhões só de Pelés  
E de violões  
Que país mais tão feliz!

Deixa o Brasil andar  
As estatísticas revelam:  
No ano dois mil  
Todo mundo vai ser jovem  
No meu Brasil

Reparou como é que eu  
Ando sutil demais?

## **Eu sei que vou te amar**

Eu sei que vou te amar  
Por toda a minha vida, eu vou te amar  
Em cada despedida, eu vou te amar  
Desesperadamente  
Eu sei que vou te amar

E cada verso meu será  
Pra te dizer  
Que eu sei que vou te amar  
Por toda a minha vida

Eu sei que vou chorar  
A cada ausência tua, eu vou chorar  
Mas cada volta tua há de apagar  
O que esta tua ausência me causou

Eu sei que vou sofrer  
A eterna desventura de viver  
À espera de viver ao lado teu  
Por toda a minha vida

## **Felicidade**

Felicidade  
É o meu carnaval  
Quanto toda essa luz e cor  
E o amor é natural

Felicidade  
É o samba que eu fiz  
E que ouço feliz a cantar  
Esse povo infeliz

Abre os teus braços  
Vem brincar nos braços meus  
Hoje é só no faz-de-conta  
No carnaval não existe adeus

## **Fogo sobre terra**

A gente às vezes tem vontade de ser  
Um rio cheio pra poder transbordar  
Uma explosão capaz de tudo romper  
Um vendaval capaz de tudo arrasar

Mas outras vezes tem vontade de ter  
Um canto escuro onde poder se ocultar  
Um labirinto onde poder se perder  
E onde poder fazer o tempo parar

Oh, dor de saber que na vida  
É melhor de saída  
Ser um bom perdedor  
Amor, minha fonte perdida  
Vem curar a ferida  
De mais um sonhador

## **Formosa**

Formosa, não faz assim  
Carinho não é ruim  
Mulher que nega  
Não sabe, não  
Tem uma coisa de menos  
No seu coração

A gente nasce, a gente cresce  
A gente quer amar  
Mulher que nega  
Nega o que não é para negar  
A gente pega, a gente entrega  
A gente quer morrer  
Ninguém tem nada de bom  
Sem sofrer  
Formosa mulher!

## **Frevo de Orfeu**

Vem  
Vamos dançar ao sol  
Vem  
Que a banda vai passar  
Vem  
Ouvir o toque dos clarins  
Anunciando o carnaval  
E vão brilhando os seus metais  
Por entre cores mil  
Verde mar, céu de anil  
Nunca se viu tanta beleza  
Ai, meu Deus  
Que lindo o meu Brasil

## **Fuga e antifuga**

*(Marcha-rancho em forma de fuga)*

A viver o que existe  
E que é só tristeza  
É melhor já ser triste  
E não ter o que esperar

A esperança resiste – É uma ilusão  
A qualquer incerteza – Desilusão  
A suprema pobreza – Oh, solidão  
E não ter o que esperar

É melhor desesperar  
É melhor desconhecer  
É melhor desenganar  
O coração que vai sofrer

Só o amor nos eleva – É um adeus que nunca finda  
Só o amor nos exalta – Ai, quem me dera o esquecimento  
Sempre que ele nos falta – É tão grande o sofrimento  
É a treva e a solidão

Oh, tristeza infinita – Deixa em mim teu desespero  
Que não há quem conforte – Um dia chega a primavera  
O amor e a morte – Sou a vida que te espera  
É a treva e a solidão

Vem sem mágoa e sem adeus  
Vem banhar-te em minha luz  
Vem plantar a tua cruz – Minha cruz  
Dentro da cruz dos braços meus  
Oh, vem amar!

E quando eu quiser partir  
Quando a noite me chamar  
Quando o sonho me vier?  
Saberei te compreender  
Sou mulher, sou mulher, sou mulher, sou mulher  
Sou mulher pra te servir

*Orquestra*

Sou mulher pra te encontrar  
Sou mulher pra te perder  
Sou mulher pra te ofertar  
Tudo o que é lindo no meu ser  
Pra te amar até morrer

Oh, amor infinito – Oh, vem, meu amado senhor  
Oh, divina certeza – Matar minha sede de amor  
Nunca mais a tristeza – Amor, vem plantar tua cruz  
Quero amar sem mais adeus – Vem amar sem mais adeus  
Nos braços teus – Nos braços meus

Meu amor infinito  
Vamos juntos embora  
Na esperança da aurora  
Que da noite vai raiar  
Meu amor infinito! – Meu amor!  
Meu amor, vem amar! – Vem amar!  
Vem amar! – Meu amor!  
Meu amor! – Vem amar!  
Meu amor vai raiar no infinito  
Seu tempo de adeus

– Meu amor, vem aos braços meus!

## **Garota de Ipanema**

Olha que coisa mais linda  
Mais cheia de graça  
É ela menina  
Que vem e que passa  
Num doce balanço  
A caminho do mar

Moça do corpo dourado  
Do sol de Ipanema  
O seu balançado é mais que um poema  
É a coisa mais linda que eu já vi passar

Ah, por que estou tão sozinho?  
Ah, por que tudo é tão triste?  
Ah, a beleza que existe  
A beleza que não é só minha  
Que também passa sozinha

Ah, se ela soubesse  
Que quando ela passa  
O mundo inteirinho se enche de graça  
E fica mais lindo  
Por causa do amor



## **Garota porongondon**

Vê só como ela dança bem  
Vê só que samba bom  
Eu acho que ela tem – tem  
Muito porongondon  
Ela não é de nhem-nhem-nhem  
Ela requebra bem  
Eu nunca vi ninguém – heim?  
Com mais porongondon

Ela dança o hully-gully  
Ninguém faz o que ela faz  
Mas – au-au-ziriguidau-au  
Como ela sabe sambar!  
Nunca vi ninguém capaz  
De fazer o que ela faz  
Au-au-au-ziriguidau-au  
Ela é demais!

## **Gente do morro**

Gente que nasce no morro  
Só desce do morro  
Quando em seu coração morreu  
A paixão mais linda

Quando a ilusão de vencer  
Faz até esquecer  
Do chão onde nasceu a dor  
De esperar a vinda de um grande amor

Quem desceu para a cidade nessa ilusão  
Não vai ter felicidade, não vai ter, não  
Porque quando olhar para o morro  
Implorando socorro, a ingratidão  
Vai deixar o seu coração  
Chorando e pedindo perdão

## **Gente humilde**

Tem certos dias em que eu penso em minha gente  
E sinto assim todo o meu peito se apertar  
Porque parece que acontece de repente  
Como um desejo de eu viver sem me notar  
Igual a como quando eu passo no subúrbio  
Eu muito bem vindo de trem de algum lugar  
E aí me dá uma inveja dessa gente  
Que vai em frente sem nem ter com que contar

São casas simples, com cadeiras na calçada  
E na fachada escrito em cima que é um lar  
Pela varanda, flores tristes e baldias  
Como a alegria que não tem onde encostar  
E aí me dá uma tristeza no meu peito  
Feito um despeito de eu não ter como lutar  
E eu que não creio peço a Deus por minha gente  
Ê gente humilde, que vontade de chorar

## **Gilda**

Nos abismos do infinito  
Uma estrela apareceu  
E da terra ouviu-se um grito:  
Gilda, Gilda

Era eu, maravilhado  
Ante a sua aparição  
Que aos poucos fui levado  
Nos véus de um bailado  
Pela imensidão  
Aos caprichos de seu rastro  
Como um pobre astro  
Morto de paixão

Gilda, Gilda  
Gilda e eu

E depois nós dois unidos  
Como Eurídice e Orfeu  
Fomos sendo conduzidos  
Gilda e eu  
Pelas mágicas esferas  
Que se perdem pelo céu  
Em demanda de outras eras  
Velhas primaveras  
Que o tempo esqueceu  
Pelo espaço que nos leva  
Pela imensa treva  
Para as mãos de Deus

Gilda, Gilda  
Gilda e eu

## **Golpe errado**

Ouçã, malandragem não convence  
Uma vez a gente vence  
Outra vez bota a perder

Pense, há um ditado muito certo:  
Tem sempre um que é mais esperto  
Tem sempre um que vai sofrer

Lembre que você, mesmo malandro  
Tem que ter de vez em quando  
Um tempinho pra viver

Olha que não é nada engraçado  
Você dar um golpe errado  
E ver o sol nascer quadrado

## **Grande paixão**

Sofro por ti meu amor  
Grande paixão  
Grande paixão  
Longe de ti tudo é só  
Desilusão

Ai quem me dera  
Ai quem me dera  
O teu langor  
A primavera  
A primavera  
Ê toda em flor

Retorna a mim esquecida  
Que existe o adeus  
E vem fazer  
Morta enfim  
Nos braços meus

Ah, minha amada  
Sem fim  
Na solidão  
Volta que dói  
Tanto em mim  
Grande paixão

## **Hino da UNE**

União Nacional dos Estudantes  
Mocidade brasileira  
Nosso hino é nossa bandeira

De pé a jovem guarda  
A classe estudantil  
Sempre na vanguarda  
Trabalha pelo Brasil

A nossa mensagem de coragem  
É que traz um canto de esperança  
Num Brasil em paz

A UNE reúne futuro e tradição  
A UNE, a UNE, a UNE é união  
A UNE, a UNE, a UNE somos nós  
A UNE, a UNE, a UNE é nossa voz

## **História antiga**

Tempo distante  
Uma história antiga  
Tinha aquela rua  
Aquela lua tão amiga  
Tinha a nossa casa  
E o jardim tão lindo  
E você sempre sorrindo  
Você cuidando tanto  
Do nosso amor

Um velho muro  
Uma sebe antiga  
Tinha uma cantiga  
Tão amiga no silêncio  
E no silêncio  
Tua voz antiga  
Tua voz que foi embora  
E agora chora a morte  
Do nosso amor

## **Insensatez**

Ah, insensatez que você fez  
Coração mais sem cuidado  
Fez chorar de dor o seu amor  
Um amor tão delicado

Ah, por que você foi fraco assim  
Assim tão desalmado  
Ah, meu coração, quem nunca amou  
Não merece ser amado

Vai, meu coração, ouve a razão  
Usa só sinceridade  
Quem semeia vento, diz a razão  
Colhe sempre tempestade

Vai, meu coração, pede perdão  
Perdão apaixonado  
Vai, porque quem não pede perdão  
Não é nunca perdoado

## **Já era tempo**

Já era tempo de você voltar  
Me beijar, esquecer  
Já era mais que tempo de você  
Refletir que as palavras  
Muitas vezes  
Não provêm do coração

Há muitos meses que você, meu bem  
Disse adeus e partiu  
Já era tempo de você chegar  
Como eu, com os olhos rasos d'água  
Mas sem mágoa

Triste de quem tem e vive à toa  
Triste de quem ama e não perdoa  
Ai de quem não cede  
E de quem sempre tem razão  
Ninguém sabe mais que o coração

Por isso eu peço: volta aos braços meus  
Sem adeus, só perdão  
Porque na hora em que você chegar  
Como eu, com os olhos rasos d'água  
Mas sem mágoa  
Primeiro eu vou fingir espanto  
Depois sorrir banhada em pranto

## **Janelas abertas**

Sim  
Eu poderia fugir, meu amor  
Eu poderia partir  
Sem dizer pra onde vou  
Nem se devo voltar

Sim  
Eu poderia morrer de dor  
Eu poderia morrer  
E me serenizar

Ah  
Eu poderia ficar sempre assim  
Como uma casa sombria  
Uma casa vazia  
Sem luz nem calor

Mas  
Quero as janelas abrir  
Para que o sol possa vir iluminar nosso amor

## **Jardim noturno**

Se, meu amor distante  
Eu sou como um jardim noturno  
Meu silêncio é o seu perfume  
A se exalar em vão dentro da noite

Oh, volta, minha amada  
A morte ronda em teu jardim  
As rosas tremem  
E a lua nem parece  
Mais lembrar de mim



## **Je suis une guitarre**

Je suis une guitarre  
Très comme il faut  
Prévue pour les concerts  
À Pleyel ou à Gaveau  
Je suis faite en palissandre  
Pour la musique de chambre  
Sous les doigts d'Andrès ou Narciso

Pourquoi faut-il  
Que le Brésil  
Vienne en secret  
Me murmurer  
Des mots pleins de fantaisie  
Sur une étrange mélodie  
Qui tout d'un coup insinue le samba...  
Et voici Vivaldi qui se déhanche  
Cherchant sa cadence à Ipanema  
Parbleu! Mes airs anciens n'ont plus de sens  
Loin de la vieille France à Bahia

### **João não-tem-de-quê**

Se eu me chamo assim  
É porque sempre fui educado  
A quem me diz "obrigado"  
Eu digo "não tem de quê"  
Sou um mendingo mais cortês  
Que qualquer diplomado  
Sou um aristocrata  
E só bebo escocês  
E o que eu retiro da fêria  
Na arte de mendigar  
É pra sair da miséria  
Curtindo um bom caviar

Nossa nobre profissão  
Tem por obrigação nos dar muito lazer  
Basta estender a mão

Por isso eu digo a você  
Que me pergunta a razão  
Por que o amigo João  
Se chama "Não tem de quê"  
Se assim me chamo é porque  
Eu sempre fui educado  
A quem me diz "obrigado"  
Eu digo "não tem de quê"

## **Labareda**

Oh, labareda te encostou  
Lá vai, lá vai, labareda

Oh, labareda te queimou  
Lá vai, lá vai, labareda

Oh, labareda te matou  
Lá vai, lá vai, labareda

Te matou de tanto amor  
Lá vai, lá vai, labareda

Oh, labareda te encostou  
Lá vai, lá vai, labareda

Oh, labareda te matou  
Lá vai, lá vai, labareda

Te matou de tanto amor  
Lá vai, lá vai, labareda

Labareda  
O teu nome é mulher  
Quem te quer  
Quer perder o coração  
Rosa ardente  
Bailarina da ilusão  
Mata a gente  
Mata de paixão

Labareda  
Fogo que parece amor  
Tua dança  
É a chama de uma flor  
Labareda  
Quem te vê assim dançar  
Em teus braços  
Logo quer queimar

## Labirinto

Não me lembro de onde vim  
E já nem sei mesmo para onde é que eu vou  
Não conheço o meu caminho  
Estou começando a nem saber se estou  
Sou um manequim, eu sou eu sem mim  
Sou um manequim que a vida já despiu  
Que o vento já levou

Dentro deste labirinto  
Sinto crescer a minha solidão  
Passam braços que me enlaçam  
Mãos que roçam pela escuridão  
Que será de mim?  
Eu sou eu sem mim  
Sou um manequim que vai sem direção  
Em busca de seu fim

Ah, quem me dera coragem  
Ah, quem me dera a esperança  
Ah, se eu pudesse encontrar o amor  
E dizer-lhe que estou ao seu inteiro dispor  
De onde surgem estas luzes?  
Cruzes! Que medo, são assombrações  
Sombras que se arrastam lentas  
E, pelos espaços, mais estranhos sons  
Estou chegando ao fim, eu sou eu sem mim  
Sou um manequim sozinho e sem canções  
Estou chegando ao fim

## **Lamento**

Morena, tem pena  
Mas ouve o meu lamento  
Tento em vão  
Te esquecer  
Mas, olhe, o meu tormento é tanto  
Que eu vivo em pranto e sou todo infeliz  
Não há coisa mais triste, meu benzinho  
Que esse chorinho que eu te fiz

Sozinha, morena  
Você nem tem mais pena  
Ai, meu bem  
Fiquei tão só  
Tem dó, tem dó de mim  
Porque estou triste assim por amor de você  
Não há coisa mais linda neste mundo  
Que meu carinho por você

## **Lamento de João**

Meu ofício é vir de longe  
Chegar tarde, sem tostão  
Trabalhar sem fazer força  
Ir-me embora sem razão

Vem pensar o meu caminho  
Joga encargos onde eu for  
Que eu prefiro andar sozinho  
Que criar um falso amor

Eu gosto muito de moça  
Porém sem misturação  
Dez pra ter perto dos olhos  
E uma só junto da mão

Queira Deus que ele me desse  
Como gratificação  
Uma terra brasileira  
Pra eu plantar meu coração

### *Falado*

Eu saí cedo de casa. O pai mandava brasa sem parar, e as crianças nasciam, cresciam e morriam, tudo ao mesmo tempo. Saí e fui andando. Às vezes pegava um leito, um mutirão, mas não era o que meu coração pedia. Meu coração pedia sombra, água fresca e colo de moça bonita. Um dia, eu estava tão esmulambado que um cara, sei lá, devia ser louco, meteu a mão no bolso e me passou um Deodoro. Rapaz! Eu não sei como minha mão foi caminhando pra frente, sem me pedir licença. Foi, e de repente ficou assim, parada no ar, de palma pra cima, numa aceitação tão linda que cheguei a ficar com lágrimas nos olhos. Intentei bem naquela mão, naquele gesto, sentindo que ele dava tudo o que eu queria da vida. E foi aí que comecei a trabalhar de mendigo. Verdade que levantei uma "ervinha fofa". Não sei como eu agradava. Isto é, eu sei: por causa do meu modo de pedir, de minha bossa de esmolar, para tornar o doador responsável pela esmola que dava. Aí, veio a mania de viagens, eu me engajava em qualquer navio e partia. Assim, corri o mundo e aprendi a mendigar em muitas línguas. Fui mendigo em Singapura, em Túnis, no Cairo, em Adis Abeba, e por aí. Mas aí deu a saudade do tutu com torresmo, da galinha ao molho pardo, da empadinha de camarão, e eu me mandei de volta. Vim ser um mendigo inserido no meu contexto. Vim ser um mendigo subdesenvolvido, ou melhor, em fase de desenvolvimento, como querem os economistas, e estou contente.

## **Lamento no morro**

Não posso esquecer  
O teu olhar  
Longe dos olhos meus

Ai, o meu viver  
É de esperar  
Pra te dizer adeus

Mulher amada  
Destino meu  
É madrugada  
Serenos dos meus olhos já correu

## **Linda baiana**

Eu vou me mudar  
Pra São Salvador  
Lá tem mais amor  
Tem uma linda baiana por lá  
Tem, tem  
Tem, eu sei que tem  
Porque eu vi como essa baiana  
Samba muito bem  
Balangandã de lá pra cá  
Torso de renda a remexer  
E o que está dentro  
Juro que nem é bom dizer

Tem, tem, a baianinha tem  
Com mais calor  
Mais "Sim-Sinhô"  
Mais querer-bem  
A pele cor-de-mel assim  
O olhar cheio de céu assim  
Aqui eu paro, que essa baiana  
É só pra mim!

## **Loura ou morena**

Se por acaso o amor me agarrar  
Quero uma loira pra namorar  
Corpo bem feito, magro e perfeito  
E o azul do céu no olhar  
Quero também que saiba dançar  
Que seja clara como o luar  
Se isso se der  
Posso dizer que amo uma mulher

Mas se uma loura eu não encontrar  
Uma morena é o tom  
Uma pequena, linda morena  
Meu Deus, que bom  
Uma morena era o ideal  
Mas a loirinha não era mau  
Cabelo louro vale um tesouro  
É um tipo fenomenal  
Cabelos negros têm seu lugar  
Pele morena convida a amar  
Que vou fazer?

Ah, eu não sei como é que vai ser  
Olho as mulheres, que desespero  
Que desespero de amor  
É a loirinha, é a moreninha  
Meu Deus, que horror!  
Se da morena vou me lembrar  
Logo na loura fico a pensar  
Louras, morenas  
Eu quero apenas a todas glorificar  
Sou bem constante no amor leal  
Louras, morenas, sois o ideal  
Haja o que houver  
Eu amo em todas somente a mulher



## **Luar do meu bem**

O meu amor mora longe  
Tão longe  
Que já nem sei mais  
A lua no céu também mora longe  
Mas brilha no mar  
Assim o meu bem  
Que quanto mais além  
Mais me faz pensar

Saudade, meu desespero  
É minha consolação  
Diz ao meu bem  
Que eu não quero  
Sentir mais saudade, não

## **Luciana**

Olha que o amor, Luciana  
É como a flor, Luciana  
Olhos que vivem sorrindo  
Riso tão lindo  
Canção de paz

Olha que o amor, Luciana  
É como a flor que não dura demais  
Embriagador  
Mas também traz muita dor, Luciana

## **Lugar que não tem**

Ai, meu amor, que saudade  
De um lugar que não tem  
Onde o amor é verdade  
E a saudade não vem

Morro de amor  
Por um lugar distante, meu bem  
E uma voz que cante  
Uma só balada sem fim  
Um lugar assim  
Onde tudo encante, meu bem

Eu só por você  
E você também  
Só por mim

Ilha perdida  
A estrela de Vênus  
São para mim  
Mais ou menos iguais  
Tanto me faz

Desde que seja você  
A vir comigo morar  
Pra me namorar

E me dar  
Um mundo de paz

## **Mais um adeus**

Mais um adeus  
Uma separação  
Outra vez, solidão  
Outra vez, sofrimento  
Mais um adeus  
Que não pode esperar

O amor é uma agonia  
Vem de noite, vai de dia  
É uma alegria  
E de repente  
Uma vontade de chorar

### **Contraponto**

Olha, benzinho, cuidado  
Com o seu resfriado  
Não pegue sereno  
Não tome gelado  
O gim é um veneno  
Cuidado, benzinho  
Não beba demais  
Se guarde para mim  
A ausência é um sofrimento  
E se tiver um momento  
Me escreva um carinho  
E mande o dinheiro  
Pro apartamento  
Porque o vencimento  
Não é como eu:  
Não pode esperar

O amor é uma agonia  
Vem de noite, vai de dia  
É uma alegria  
E de repente  
Uma vontade de chorar

## **Malandro de araque**

Mosquito que sabe não voa rasante  
Em água de rio que tem jacaré  
Embrulho bem feito não leva barbante  
Bandido não briga com homem de fé

Não jogue esse charme nem use esse jogo  
Fazendo passinho pra ver se dá pé  
Escute um conselho: não brinque com fogo  
Malandro não pega no pé de mulher

Zuzu  
Zazá  
Zizi  
Zezé

Ninguém lhe dá asa, ninguém lhe dá bola  
Já estive na casa, já viu como é  
Pois vê se se manda porque nesta escola  
Malandro não pega no pé de mulher!

## **Marcha de quarta-feira de cinzas**

Acabou nosso carnaval  
Ninguém ouve cantar canções  
Ninguém passa mais brincando feliz  
E nos corações  
Saudades e cinzas foi o que restou

Pelas ruas o que se vê  
É uma gente que nem se vê  
Que nem se sorri  
Se beija e se abraça  
E sai caminhando  
Dançando e cantando cantigas de amor

E no entanto é preciso cantar  
Mais que nunca é preciso cantar  
É preciso cantar e alegrar a cidade

A tristeza que a gente tem  
Qualquer dia vai se acabar  
Todos vão sorrir  
Voltou a esperança  
É o povo que dança  
Contente da vida, feliz a cantar  
Porque são tantas coisas azuis  
E há tão grandes promessas de luz  
Tanto amor para amar de que a gente nem sabe

Quem me dera viver pra ver  
E brincar outros carnavais  
Com a beleza dos velhos carnavais  
Que marchas tão lindas  
E o povo cantando seu canto de paz  
Seu canto de paz

## **Maria**

Hoje, amada minha  
Hoje no céu a lua  
Parecia a imagem tua  
Toda nua  
Toda nua, ai, Maria  
Coisa pura, coisa impura  
Coisa cheia de doçura e mais linda  
Coisa linda, linda, linda, linda  
Deixa eu te dizer, amor  
Como é linda a tua cor  
Linda é a poesia que tem o nome de Maria  
Carregadinha de flor  
Lindo é teu langor  
Ah, como eu queria  
Ouvir só Maria  
É tudo lindo  
É tudo amor

## **Maria da Graça**

Não é inutilmente  
Que existe tanta gente  
Que é louca por você, Maria

Você tem tanta graça  
Que depois que você passa  
O povo diz assim: Maria!

Contando alguma coisa  
Ou cantando alguma coisa  
Seu nome rima sempre com alegria

Por isso é que eu conto  
Que sempre que eu te encontro  
Eu acho que não há outra Maria

Não é inutilmente  
Que existe tanta gente  
Que é louca por você, Maria

Por isso é que sempre que eu conto  
Que sempre que eu te encontro  
Eu acho que não há outra Maria

## **Maria moita**

Nasci lá na Babia  
De mucama com feitor  
Meu pai dormia em cama  
Minha mãe no pisador

Meu pai só dizia assim:  
Venha cá!  
Minha mãe dizia: sim  
Sem falar

Mulher que fala muito  
Perde logo o seu amor

Deus fez primeiro o homem  
A mulher nasceu depois  
E é por isso é que a mulher  
Trabalha sempre pelos dois

Homem acaba de chegar  
Tá com fome  
A mulher tem que olhar  
Pelo homem  
E é deitada, em pé  
Mulher tem é que trabalhar

O rico acorda tarde  
Já começa a rezingar  
O pobre acorda cedo  
E já começa a trabalhar

Vou pedir pro meu babalorixá  
Pra fazer uma oração pra Xangô  
Pra pôr pra trabalhar  
Gente que nunca trabalhou

## **Maria vai com as outras**

Maria era uma boa moça  
Pra turma lá do Gantois  
Era a Maria vai com as outras  
Maria de coser, Maria de casar

Porém o que ninguém sabia  
É que tinha um particular  
Além de coser, além de rezar  
Também era Maria de pecar

Tumba-ê, caboclo, tumba lá e cá  
Tumba-ê, guerreiro, tumba lá e cá  
Tumba-ê, meu pai, tumba lá e cá  
Não me deixe só, tumba lá e cá

Maria que não foi com as outras  
Maria que não foi pro mar  
No dia dois de fevereiro  
Maria não brincou na festa de lemanjá  
Não foi jogar água-de-cheiro  
Nem flores pra sua Orixá  
Aí, lemanjá pegou e levou  
O moço de Maria para o mar

Tumba-ê, caboclo, tumba lá e cá  
Tumba-ê, guerreiro, tumba lá e cá  
Tumba-ê, meu pai, tumba lá e cá  
Não me deixe só, tumba lá e cá

## **Medo de amar**

Vire essa folha do livro e se esqueça de mim  
Finja que o amor acabou e se esqueça de mim  
Você não compreendeu que o ciúme é um mal de raiz  
E que ter medo de amar não faz ninguém feliz

Agora vá sua vida como você quer  
Porém, não se surpreenda se uma outra mulher  
Nascer de mim, como do deserto uma flor  
E compreender que o ciúme é o perfume do amor



## **Melancia e coco verde**

Melancia é fruta verde e dá botão  
Coco verde é fruta dura e cai no chão  
Menina, case comigo  
Que eu sou bom trabalhador  
De dia durmo consigo  
De noite morro de amor

Para consigo morar  
Eu vou querer a enfeitar  
Com os cardumes do céu  
Com as estrelas do mar

Menina venha comigo  
Consigo eu juro que vou  
Me siga para onde eu sigo  
Me siga para onde eu for

Para consigo morar  
Eu vou querer lhe ofertar  
A minha vida no céu  
A minha morte no mar

Menina, minha senhora  
É hora de se mudar  
A vida me faz voltar

Eu na sua companhia  
Sigo pr'onde for  
Corpo cheio de vontade  
Coração em flor  
Quero ser minha senhora  
Para meu senhor

Coco verde e melancia  
Para sempre amor

## **Menina das duas tranças**

Menina das duas tranças  
Deixe o meu filhinho em paz  
Que ele ainda é muito criança  
Pras coisas que você faz

Baixe seu olhar escuro  
Cubra esse peitinho em flor  
Que ele ainda não está maduro  
Pra essa escuridão de amor

Vá-se embora, t'esconjuro!  
Deixe o filho meu  
Basta neste negro mundo  
O que o pai sofreu

Menina das duas tranças  
Deixe o meu paizinho em paz  
Que ele não é mais criança  
Pras coisas que você faz

Pare de deitar quebranto  
Chega dessa mostração  
Que meu pai já sofreu tanto  
Só viveu desilusão

Vá-se embora t'esconjuro!  
Deixe em paz meu pai  
Mais que o seu olhar escuro  
É pra onde ele vai

## **Menininha**

Menininha do meu coração  
Eu só quero você  
A três palmos do chão  
Menininha, não cresça mais não  
Fique pequeninha na minha canção  
Senhorinha levada  
Batendo palminha  
Fingindo assustada  
Do bicho-papão

Menininha, que graça é você  
Uma coisinha assim  
Começando a viver  
Fique assim, meu amor  
Sem crescer  
Porque o mundo é ruim, é ruim  
E você vai sofrer de repente  
Uma desilusão  
Porque a vida é somente  
Teu bicho-papão

Fique assim, fique assim  
Sempre assim  
E se lembre de mim  
Pelas coisas que eu dei  
E também não se esqueça de mim  
Quando você souber enfim  
De tudo o que eu amei

## **Meu pai Oxalá**

Atotô Abaluayê  
Atotô babá  
Atotô Abaluayê  
Atotô babá

Vem das águas de Oxalá  
Essa mágoa que me dá  
Ela parecia o dia  
A romper da escuridão  
Linda no seu manto todo branco  
Em meio à procissão  
E eu, que ela nem via  
Ao Deus pedia amor e proteção

Meu pai Oxalá é o rei  
Venha me valer  
O velho Omulu  
Atotô Abaluayê

Que vontade de chorar  
No terreiro de Oxalá  
Quando eu dei com a minha ingrata  
Que era filha de Inhansã  
Com a sua espada cor-de-prata  
Em meio à multidão  
Cercando Xangô num balanceio  
Cheio de paixão

Atotô Abaluayê  
Atotô babá  
Atotô Abaluayê  
Atotô babá

## **Minha desventura**

Ah, doce sentimento lindo e desesperador  
Ah, meu tormento infinito que me vais matar de dor  
Onde estão teus olhos  
Cheios de ternura  
Tua face pura  
Cheia de esperança  
Minha desventura é ter perdido teu amor

Ah, se eu pudesse nunca ter magoado teu amor  
Teu amor tão mais que o meu  
Teu amor tão só pra mim  
Meu amor tem dó de mim  
Minh'alma te jura  
Minha desventura é ter perdido o teu amor

Ah, doloroso instante de adeus e de dor  
Oh, espera sem piedade  
Amor dilacerante  
Mata-me também de amor  
Ah, se ela não voltar  
Eu sei que vou morrer de amor

## **Minha namorada**

Se você quer ser minha namorada  
Ah, que linda namorada  
Você poderia ser  
Se quiser ser somente minha  
Exatamente essa coisinha  
Essa coisa toda minha  
Que ninguém mais pode ser

Você tem que me fazer um juramento  
De só ter um pensamento  
Ser só minha até morrer  
E também de não perder esse jeitinho  
De falar devagarinho  
Essas histórias de você  
E de repente me fazer muito carinho  
E chorar bem de mansinho  
Sem ninguém saber por quê

Porém, se mais do que minha namorada  
Você quer ser minha amada  
Minha amada, mas amada pra valer  
Aquele amada pelo amor predestinada  
Sem a qual a vida é nada  
Sem a qual se quer morrer

Você tem que vir comigo em meu caminho  
E talvez o meu caminho seja triste pra você  
Os seus olhos têm que ser só dos meus olhos  
Os seus braços o meu ninho  
No silêncio de depois  
E você tem que ser a estrela derradeira  
Minha amiga e companheira  
No infinito de nós dois

## **Modinha n° 1**

Não!  
Não pode mais meu coração  
Viver assim dilacerado  
Escravizado a uma ilusão  
Que é só desilusão

Ah, não seja a vida sempre assim  
Como um luar desesperado  
A derramar melancolia em mim  
Poesia em mim  
Vai, triste canção, sai do meu peito  
E semeia emoção  
Que chora dentro do meu coração  
Coração

## **Morena flor**

Morena flor  
Me dê um cheirinho  
Cheinho de amor  
Depois também  
Me dê todo esse denguinho  
Que só você tem

Sem você  
O que ia ser de mim  
Eu ia ficar tão triste  
Tudo ia ser tão ruim  
Acontece que a Bahia  
Fez você todinha assim  
Só pra mim

## **Mulata no sapateado**

Quem tem mais balanço no sapateado  
Tem mais molejo, tem mais requebrado, oi  
Do que a mulata tem?

Quem é mais faceira, mais apaixonada  
Faz mais miséria quando está gamada  
Tem mais feitiço que a mulata tem?

Quem é que se mostra pro estrangeiro ver, por favor  
Imperador, ou presidente ou qualquer todo crente que vem ?  
Quem? É a mulata só porque ela samba bem  
Se samba! Oi, se samba!

Sim, é a mulata seja lá de onde ela for  
Pra mexer assim precisa ter aquela cor

Tanto faz num samba de partido-alto  
Ou no puladinho na ponta do salto  
Desenvolvendo seu sapateado

Que prazer quando  
Ela gira o mostrador  
Mulata, meu amor  
Mexe que remexe, torna a mexer  
Só pra eu ver



## **Mulher carioca**

A gaúcha tem a fibra  
A mineira o encanto tem  
A baiana quando vibra  
Tem isso tudo e o céu também  
A capixaba bonita  
É de dar água na boca  
E a linda pernambucana  
Ai meu Deus, que coisa louca  
A mulher amazonense  
Quando é boa é até demais  
Mas a bela cearense  
Não fica nada pra trás  
A paulista tem a erva  
Além das graças que tem  
A nordestina conserva  
Toda a vida e o querer-bem...

E a mulher carioca  
O que é que ela tem? (bis)  
Ela tem tanta coisa  
Que nem sabe que tem

Ela tem um corpinho  
Que mais ninguém tem  
Ela faz um carinho  
Melhor que ninguém  
Ela tem passarinho  
Que vai e que vem  
Ela tem um jeitinho  
De nhen-nhen-nhen-nhen

Ela tem, tem, tem... (bis)

## **Mulher, sempre mulher**

Mulher, ai, ai, mulher  
Sempre mulher  
Dê no que der  
Você me abraça, me beija, me xinga  
Me bota mandinga  
Depois faz a briga  
Só pra ver quebrar  
Mulher, seja leal  
Você bota muita banca  
Infelizmente eu não sou jornal

Mulher, martírio meu  
O nosso amor  
Deu no que deu  
E sendo assim, não insista  
Desista, vá fazendo a pista  
Chore um bocadinho  
E se esqueça de mim

## **Mundo melhor**

Você que está me escutando  
É mesmo com você que estou falando agora  
Você que pensa que é bem  
Não pensar em ninguém  
E que o amor tem hora  
Preste atenção, meu ouvinte  
O negócio é o seguinte  
A coisa não demora  
E se você se retrai  
Você vai entrar bem, ora se vai

Conto com você, um mais um é sempre dois  
E depois, mesmo, bom mesmo, é amar e cantar junto  
Você deve ter muito amor pra oferecer  
Então pra que não dar o que é melhor em você?  
Venha e me dê sua mão  
Porque sou seu irmão na vida e na poesia  
Deixa a reserva de lado  
Eu não estou interessado em sua guerra fria  
Nós ainda havemos de ver  
Uma aurora nascer  
Um mundo em harmonia  
Onde é que está a sua fé  
Com amor é melhor, ora se é

## **Na hora do adeus**

O amor só traz tristeza  
Saudade, desilusão  
Porém, maior beleza  
Nunca existiu pra iluminar  
Meu pobre coração

Há quem diga que o amor que se tem  
É uma graça de Deus  
Outros dizem que a graça se acaba  
Na hora do adeus

Mas, seja como for  
Perdoa, amor  
E volta aos braços meus

## **Nada como ter um amor**

Nada como ter carinho  
Nada como estar pertinho  
Ao se enternecer  
Bem baixinho, assim, dizer:  
Só hei de amar você

Nada como viver juntos  
Sempre assim, querer e muito  
Nada como ter alegria de viver  
E ver o sol aparecer  
No sempre novo resplendor  
E não ter nada como ter amor

## **Namorado da lua**

Lua linda!  
Tens na carne nua  
Uma volúpia infinda!  
Linda lua!  
A minh'alma é tua  
E é minha a tu'alma, oh, lua

Quando no céu te vejo  
Sinto um louco desejo  
De possuir teu beijo, oh, lua amada  
Te sinto, oh, lua ardente  
Tão bela e tão presente  
Como se fosses minha namorada!

O canto apaixonado é um lindo verso de amor  
Que um dia, vendo a lua  
Eu lhe compus, sonhador  
A minha lua triste, a minha doce paixão  
Oh, lua do meu coração  
Oh, lua merencória cheia de amor e luz  
Que traduz beleza e que saudade traduz  
A minh'alma é tua  
E é minha a tu'alma, oh, lua

## **No colo da serra**

Uma casinha qualquer  
No colo da serra  
Um palmo de terra  
Pra se plantar

O colo de uma mulher  
Uma companheira  
Uma brasileira  
Pra se amar

Se eu tiver que lutar  
Vou é lutar por ela  
Se eu tiver que morrer  
Vou é morrer por ela

E se eu tiver que ser feliz  
Você vai ter que ser feliz também!

Homens vieram da noite  
Em gritos de guerra  
Feriram a terra  
O céu e o mar

Homens ficaram no chão  
Mirando as estrelas  
Mas sem poder vê-las  
No céu brilhar

E o que mais prometer  
Aos herdeiros da vida?  
E que versos fazer  
À mulher concebida?

E quando alguém morrer assim  
Vai ser a morte para mim também!

E que versos fazer  
À mulher concebida?  
Se eu tiver que morrer  
Vou morrer pela vida!

Se eu tiver que morrer  
Vou morrer pela vida!

## **Nosso amor, nossa cidade**

Vem, amor, vamos em frente  
Sem ligar pra essa gente  
Que de amor só sabe mesmo é conversar  
Desde quatrocentos anos  
Milhões de seres humanos  
Vêm fazendo esta cidade para eu te amar

Vem, vamos ver o mar  
Vamos namorar desde Ipanema até o Leblon  
Vem, vamos sempre indo  
Vê que luar mais lindo!  
Olha só o Corcovado  
Com o Cristo iluminado  
Parecendo nosso amor abençoar  
Nosso amor, nossa cidade  
Que já tem anos de idade  
Quatrocentos de perdão para nos dar

## **O ar (O vento)**

Estou vivo mas não tenho corpo  
Por isso é que não tenho forma  
Peso eu também não tenho  
Não tenho cor

Quando sou fraco  
Me chamo brisa

E se assobio  
Isso é comum

Quando sou forte  
Me chamo vento

Quando sou cheiro  
Me chamo pum!

## **O astronauta**

Quando me pergunto  
Se você existe mesmo, amor  
Entro logo em órbita  
No espaço de mim mesmo, amor

Será que por acaso  
A flor sabe que é flor  
E a estrela Vênus  
Sabe ao menos  
Porque brilha mais bonita, amor

O astronauta ao menos  
Viu que a Terra é toda azul, amor  
Isso é bom saber  
Porque é bom morar no azul, amor

Mas você, sei lá  
Você é uma mulher, sim  
Você é linda porque é

## **O beijo que você não quis dar**

Eu não sei por quê  
Você se zangou  
Foi um beijo só que eu pedi  
Tudo me fazia crer que você concedia  
E você me negou  
Se você soubesse  
O mal que me fez  
Você não negava outra vez  
Quase me ponho a chorar  
Pela falta do beijo  
Que você não quis dar

O que é um beijozinho à-toa  
Pra você querer negar  
Você que sempre foi tão boa?  
Da próxima vez  
Quando eu lhe pedir  
Se você ainda teimar  
Tome cuidado, menina, porque sou capaz  
Do beijo lhe roubar  
E eu sei que depois  
Você vai gostar  
E sempre vai querer bisar  
Porque o amor que se tem  
Só o beijo, querida  
Traduz muito bem



## **O bem-amado**

A noite no dia, a vida na morte, o céu no chão  
Pra ele, vingança dizia muito mais que o perdão  
O riso no pranto, a sorte no azar, o sim no não  
Pra ele, o poder valia muito mais que a razão

Quando o sol da manhã vem nos dizer  
Que o dia que vem pode trazer  
O remédio pra nossa ferida, abre o meu coração  
Logo o vento da noite vem lembrar  
Que a morte está sempre a esperar  
Em um canto qualquer desta vida  
Quer queira, quer não

O espanto na calma, coragem no medo  
Vai e vem, o corpo sem alma  
Ainda na noite o mal e o bem  
A noite no dia, a vida na morte, o céu no chão  
Pra ele, vingança dizia muito mais que o perdão

## **Canto de Oxum**

Nhem-nhem-nhem  
Nhem-nhem-nhem-xorodô  
Nhem-nhem-nhem-xorodô  
É o mar, é o mar  
Fé-fé xorodô!

Xangô andava em guerra  
Vencia toda a terra  
Tinha ao seu lado  
Inhansã pra lhe ajudar  
Oxum era rainha  
Na mão direita tinha  
O seu espelho onde vivia a se mirar

Quando Xangô voltou  
O povo celebrou  
Teve uma festa que ninguém mais esqueceu  
Tão linda Oxum entrou  
Que veio o Rei Xangô  
E a colocou no trono esquerdo ao lado seu

Inhansã apaixonada  
Cravou a sua espada  
No lugar vago que era o trono da traição  
Chamou um temporal  
E no pavor geral  
Correu dali gritando a sua maldição!

## **O céu é o meu chão**

Minha alma é triste  
Como o chão deste cerrado  
Que se estende desolado  
Por mil léguas de silêncio e solidão  
E aonde a mulher que tem meu sono acorrentado  
Nem parece dar cuidado  
À grande mágoa que me vai no coração

Amor, meu tormento  
Meu céu e meu chão  
Aonde só se ouve o vento  
Gemer de paixão  
Amor, minha mágoa  
Que nada desfaz  
Este pranto sem água  
Este canto sem paz

Ah, se ela enfim  
Sentisse nela de repente  
Que ela cala mas consente  
Que ela sente que eu só quero os braços seus  
E um dia assim como quem faz  
Porque acontece num abraço  
Ela me desse a esperança  
De poder dizer-lhe adeus

## **O filho que eu quero ter**

É comum a gente sonhar, eu sei  
Quando vem o entardecer  
Pois eu também dei de sonhar  
Um sonho lindo de morrer

Vejo um berço e nele eu me debruçar  
Com o pranto a me correr  
E assim, chorando, acalantar  
O filho que eu quero ter

Dorme, meu pequenininho  
Dorme que a noite já vem  
Teu pai está muito sozinho  
De tanto amor que ele tem

De repente o vejo se transformar  
Num menino igual a mim  
Que vem correndo me beijar  
Quando eu chegar lá de onde vim

Um menino sempre a me perguntar  
Um porquê que não tem fim  
Um filho a quem só queira bem  
E a quem só diga que sim

Dorme, menino levado  
Dorme que a vida já vem  
Teu pai está muito cansado  
De tanta dor que ele tem

Quando a vida enfim me quiser levar  
Pelo tanto que me deu  
Sentir-lhe a barba me roçar  
No derradeiro beijo seu

E ao sentir também sua mão vedar  
Meu olhar dos olhos seus  
Ouvir-lhe a voz a me embalar  
Num acalanto de adeus

Dorme, meu pai, sem cuidado  
Dorme que ao entardecer  
Teu filho sonha acordado  
Com o filho que ele quer ter

## O gato

Com um lindo salto  
Leve e seguro  
O gato passa  
Do chão ao muro  
Logo mudando  
De opinião  
Passa de novo  
Do muro ao chão  
E pisa e passa  
Cuidadoso, de mansinho  
Pega e corre, silencioso  
Atrás de um pobre passarinho  
E logo pára  
Como assombrado  
Depois dispara  
Pula de lado  
Se num novelo  
Fica enroscado  
Ouriça o pêlo, mal-humorado  
Um preguiçoso é o que ele é  
E gosta muito de cafuné

Com um lindo salto  
Leve e seguro  
O gato passa  
Do chão ao muro  
Logo mudando  
De opinião  
Passa de novo  
Do muro ao chão  
E pisa e passa  
Cuidadoso, de mansinho  
Pega e corre, silencioso  
Atrás de um pobre passarinho  
E logo pára  
Como assombrado  
Depois dispara  
Pula de lado  
E quando à noite vem a fadiga  
Toma seu banho  
Passando a língua pela barriga

## **O girassol**

Sempre que o sol  
Pinta de anil  
Todo o céu  
O girassol  
Fica um gentil  
Carrossel

Roda, roda, roda  
Carrossel  
Roda, roda, roda  
Rodador  
Vai rodando, dando mel  
Vai rodando, dando flor

Sempre que o sol  
Pinta de anil  
Todo o céu  
O girassol  
Fica um gentil  
Carrossel

Roda, roda, roda  
Carrossel  
Gira, gira, gira  
Girassol  
Redondinho como o céu  
Marelinho como o sol

## **O grande amor**

Haja o que houver  
Há sempre um homem para uma mulher  
E há de sempre haver  
Para esquecer um falso amor  
E uma vontade de morrer

Seja como for  
Há de vencer o grande amor  
Que há de ser no coração  
Como um perdão pra quem chorou

## **O grande apelo**

Uma tarde na Bahia, amor  
Perdi a minha paz  
A saudade que eu sentia, amor  
Doía, amor, demais

Mas o vento em meus cabelos  
Era um lamento  
Cheio de apelos  
E no vento eu pressentia, amor  
Que eu ia, amor, amar  
Ao sol, no mar, no mar

## O leão

*(Inspirado em William Blake)*

Leão! Leão! Leão!  
Rugindo como o trovão  
Deu um pulo, e era uma vez  
Um cabritinho montês.

Leão! Leão! Leão!  
Ês o rei da criação  
Tua goela é uma fornalha  
Teu salto, uma labareda  
Tua garra, uma navalha  
Cortando a presa na queda.

Leão longe, leão perto  
Nas areias do deserto.  
Leão alto, sobranceiro  
Junto do despenhadeiro.  
Leão na caça diurna  
Saindo a correr da fumaça.  
Leão! Leão! Leão!  
Foi Deus que te fez ou não?

O salto do tigre é rápido  
Como o raio; mas não há  
Tigre no mundo que escape  
Do salto que o Leão dá.  
Não conheço quem defronte  
O feroz rinoceronte.  
Pois bem, se ele vê o Leão  
Foge como um furacão.

Leão se esgueirando, à espera  
Da passagem de outra fera...  
Vem o tigre; como um dardo  
Cai-lhe em cima o leopardo  
E enquanto brigam, tranqüilo  
O Leão fica olhando aquilo.  
Quando se cansam, o Leão  
Mata um com cada mão.

Leão! Leão! Leão!  
Ês o rei da criação!



## **O mais-que-perfeito**

Ah, quem me dera ir-me  
    Contigo agora  
Para um horizonte firme  
    (Comum, embora...)  
Ah, quem me dera ir-me!

Ah, quem me dera amar-te  
    Sem mais ciúmes  
De alguém em algum lugar  
    Que não presumes...  
Ah, quem me dera amar-te!

Ah, quem me dera ver-te  
    Sempre a meu lado  
Sem precisar dizer-te  
    Jamais: cuidado...  
Ah, quem me dera ver-te!

Ah, quem me dera ter-te  
    Como um lugar  
Plantado num chão verde  
    Para eu morar-te  
Morar-te até morrer-te...

*Montevideu, 01.11.1958*

## **O morro não tem vez**

O morro não tem vez  
E o que ele fez já foi demais  
Mas olhem bem vocês  
Quando derem vez ao morro  
Toda a cidade vai cantar

Morro pede passagem  
Morro quer se mostrar  
Abram alas pro morro  
Tamborim vai falar  
É um, é dois, é três  
É cem, é mil a batucar

O morro não tem vez  
Mas se derem vez ao morro  
Toda a cidade vai cantar

## **O nosso amor**

O nosso amor  
Vai ser assim  
Eu pra você  
Você pra mim

Tristeza  
Eu não quero nunca mais  
Vou fazer você feliz  
Vou querer viver em paz

O nosso amor  
Vai ser assim  
Eu pra você  
Você pra mim

## **O nosso amor de criança**

Há pouco me lembrei  
Do beijo que eu furtei  
Você era menina ainda  
Eu era uma criança  
Mas guardo na lembrança  
Que você era loura e linda  
Você ficou zangada  
Me olhou ruborizada  
E desmanchou o nosso noivado  
Bom tempo que passou!  
Mas n'alma me ficou  
Que eu era só seu namorado

Depois findou  
O amor murchou  
O nosso amor de criança!  
Você está linda  
E eu guardo ainda  
Uma suave esperança!

E agora o meu desejo  
De furtar outro beijo  
Nada mais é que um vago intento  
Talvez que seja cedo  
E tenho um certo medo  
De pecar por pensamento  
Eu penso cá comigo  
Que um beijo é um perigo  
E pode trazer outros mais  
E além disso tudo  
Você não é mais criança  
E eu também já sou rapaz

## **O pato**

Lá vem o Pato  
Pata aqui, pata acolá  
Lá vem o Pato  
Para ver o que é que há.  
O Pato pateta  
Pintou o caneco  
Surrou a galinha  
Bateu no marreco  
Pulou do poleiro  
No pé do cavalo  
Levou um coice  
Criou um galo  
Comeu um pedaço  
De jenipapo  
Ficou engasgado  
Com dor no papo  
Caiu no poço  
Quebrou a tigela  
Tantas fez o moço  
Que foi pra panela.

## **O peru**

Glu! Glu! Glu!  
Abram alas pro peru!

O peru foi a passeio  
Pensando que era pavão  
Tico-tico riu-se tanto  
Que morreu de congestão

O peru dança de roda  
Numa roda de carvão  
Quando acaba fica tonto  
De quase cair no chão

O peru se viu um dia  
Nas águas do ribeirão  
Foi-se olhando, foi dizendo  
Que beleza de pavão

Foi dormir e teve um sonho  
Logo que o sol se escondeu  
Que sua cauda tinha cores  
Como a desse amigo seu

## **O pingüim**

Bom dia, pingüim  
Onde vai assim  
Com ar apressado?  
Eu não sou malvado  
Não fique assustado  
Com medo de mim  
Eu só gostaria  
De dar um tapinha  
No seu chapéu jaca  
Ou bem de levinho  
Puxar o rabinho  
Da sua casaca

Quando você caminha  
Parece o Chacrinha  
Lelé da caixola  
E um velho senhor  
Que foi meu professor  
No meu tempo de escola  
Pingüim, meu amigo  
Não zangue comigo  
Nem perca a estribeira  
Não pergunte por quê  
Mas todos põem você  
Em cima da geladeira

## O pintinho

Pintinho novo  
Pintinho tonto  
Não estás no ponto  
Volta pro ovo  
Eu não me calo  
Falo de novo  
Não banque o galo  
Volta pro ovo  
A tia raposa

Não marca touca  
Tá só te olhando  
Com água na boca  
E se ligeiro você escapar  
Tem um granjeiro  
Que vai te adotar

O meu ovo está estreitinho  
Já me sinto um galetinho  
Já posso sair sozinho  
Eu já sou dono de mim  
Vou ciscar pela cidade  
Grão-de-bico em quantidade  
Muito milho e liberdade  
Por fim

Pintinho raro  
Pintinho novo  
Tá tudo caro  
Volta pro ovo  
E o tempo inteiro  
Terás pintinho  
Um cozinheiro  
No teu caminho  
Por isso eu digo  
E falo de novo  
Pintinho amigo  
Então volta pro ovo  
Se de repente você escapar  
Num forno quente você vai parar

Gosto muito dessa vida  
Ensopada ou cozida  
Até assada é divertida  
Com salada e aipim

Tudo lindo, a vida é bela  
Mesmo sendo à cabidela  
Pois será numa panela  
Meu fim

Por isso eu digo  
E falo de novo  
Pintinho amigo  
Então volta pro ovo  
E se ligeiro você escapar  
Tem um granjeiro  
Que vai te adotar



## O poeta aprendiz

Ele era um menino  
Valente e caprino  
Um pequeno infante  
Sadio e grimpante.  
Anos tinha dez  
E asinhas nos pés  
Com chumbo e bodoque  
Era plic e ploc.  
O olhar verde-gaio  
Parecia um raio  
Para tangerina  
Pião ou menina.  
Seu corpo moreno  
Vivia correndo  
Pulava no escuro  
Não importa que muro  
E caía exato  
Como cai um gato.  
No diabolô  
Que bom jogador  
Bilboquê então  
Era plim e plão.  
Saltava de anjo  
Melhor que marmanjo  
E dava o mergulho  
Sem fazer barulho.  
No fundo do mar  
Sabia encontrar  
Estrelas, ouriços  
E até deixa-dissos.  
Às vezes nadava  
Um mundo de água  
E não era menino  
Por nada mofino  
Sendo que uma vez  
Embolou com três.  
Sua coleção  
De achados do chão  
Abundava em conchas  
Botões, coisas tronchas  
Seixos, caramujos  
Marulhantes, cujos  
Colocava ao ouvido  
Com ar entendido  
Rolhas, espoletas

E malacachetas  
Cacos coloridos  
E bolas de vidro  
E dez pelo menos  
Camisas-de-vênus.  
Em gude de bilha  
Era maravilha  
E em bola de meia  
Jogando de meia –  
Direita ou de ponta  
Passava da conta  
De tanto driblar.  
Amava era amar.  
Amava sua ama  
Nos jogos de cama  
Amava as criadas  
Varrendo as escadas  
Amava as gurias  
Da rua, vadias  
Amava suas primas  
Levadas e opimas  
Amava suas tias  
De peles macias  
Amava as artistas  
Das cine-revistas  
Amava a mulher  
A mais não poder.  
Por isso fazia  
Seu grão de poesia  
E achava bonita  
A palavra escrita.  
Por isso sofria.  
Da melancolia  
De sonhar o poeta  
Que quem sabe um dia  
Poderia ser.

*Montevideu, 02.11.1958*

## O porquinho

Muito prazer, sou o porquinho  
Eu te alimento também  
Meu couro bem tostadinho  
Quem é que não sabe o sabor que tem  
Se você cresce um pouquinho  
O mérito, eu sei  
Cabe a mim também

Se quiser, me chame  
Te darei salame  
E a mortadela  
Branca, rosa e bela  
Num pãozinho quente  
Continuando o assunto  
Te darei presunto  
E na feijoada  
Mesmo requentada  
Agrado a toda gente

Sendo um porquinho informado  
O meu destino bem sei  
Depois de estar bem tostado  
Fritinho ou assado  
Eu partirei  
Com a tia vaca do lado  
Vestido de anjinho  
Pro céu voarei

Do rabo ao focinho  
Sou todo toicinho  
Bota malagueta  
Em minha costeleta  
Numa gordurinha  
Que coisa maluca  
Minha pururuca  
É uma beleza  
Minha calabresa  
No azeite fritinha

## **O que é que tem sentido nesta vida**

O que é que tem sentido nesta vida  
Não vai ser casa e comida  
Cama fofa, cobertor  
Não vai ser ficar mirando os astros  
Ou então andar de rastros  
Pelas sendas do senhor

Para muitos é o dinheiro  
Ir de janeiro a janeiro  
De pé no acelerador  
Eu sinceramente, preferia  
Uma vida de poesia  
Na vigília de um amor

Há quem creia em ter status  
Sair em fotos & fatos  
Ter ações ao portador  
Eu só acredito em liberdade  
E estar sempre com saudade  
De viver um grande amor

## **O que tinha de ser**

Porque foste na vida  
A última esperança  
Encontrar-te me fez criança  
Porque já eras meu  
Sem eu saber sequer  
Porque és o meu homem  
E eu tua mulher

Porque tu me chegaste  
Sem me dizer que vinhas  
E tuas mãos foram minhas com calma  
Porque foste em minh'alma  
Como um amanhecer  
Porque foste o que tinha de ser

## **O relógio**

Passa, tempo, tic-tac  
Tic-tac, passa, hora  
Chega logo, tic-tac  
Tic-tac, e vai-te embora  
Passa, tempo  
Bem depressa  
Não atrasa  
Não demora  
Que já estou  
Muito cansado  
Já perdi  
Toda a alegria  
De fazer  
Meu tic-tac  
Dia e noite  
Noite e dia  
Tic-tac  
Tic-tac  
Tic-tac...

## **O velho e a flor**

Por céus e mares eu andei  
Vi um poeta e vi um rei  
Na esperança de saber o que é o amor  
Ninguém sabia me dizer  
E eu já queria até morrer  
Quando um velhinho com uma flor assim falou

O amor é o carinho  
É o espinho que não se vê em cada flor  
É a vida quando  
Chega sangrando  
Aberta em pétalas de amor

## Odeon

Ai, quem me dera  
O meu chorinho  
Tanto tempo abandonado  
E a melancolia que eu sentia  
Quando ouvia  
Ele fazer tanto chorar  
Ai, nem me lembro  
Há tanto, tanto  
Todo o encanto  
De um passado  
Que era lindo  
Era triste, era bom  
Igualzinho a um chorinho  
Chamado Odeon

Terçando flauta e cavaquinho  
Meu chorinho se desata  
Tira da canção do violão  
Esse bordão  
Que me dá vida  
Que me mata  
É só carinho o meu chorinho  
Quando pega e chega  
Assim devagarzinho  
Meia-luz, meia-voz, meio-tom  
Meu chorinho chamado Odeon

Ah, vem depressa  
Chorinho querido, vem  
Mostra a graça  
Que o choro sentido tem  
Quanto tempo passou  
Quanta coisa mudou  
Já ninguém chora mais por ninguém

Ah, quem diria que um dia  
Chorinho meu, você viria  
Com a graça que o amor lhe deu  
Pra dizer "não faz mal  
Tanto faz, tanto fez  
Eu voltei pra ficar com vocês"

Chora bastante meu chorinho  
Teu chorinho de saudade  
Diz ao bandolim pra não tocar

Tão lindo assim  
Porque parece até maldade  
Ai, meu chorinho  
Eu só queria  
Transformar em realidade  
A poesia  
Ai, que lindo, ai que triste, ai que bom  
De um chorinho chamado Odeon

Chorinho antigo, chorinho amigo  
Eu até hoje ainda percebo essa ilusão  
Essa saudade que vai comigo  
E até parece aquela prece  
Que sai só do coração  
Se eu pudesse recordar  
E ser criança  
Se eu pudesse renovar  
Minha esperança  
Se eu pudesse me lembrar  
Como se dança  
Esse chorinho  
Que hoje em dia  
Ninguém sabe mais

## **Olha, Maria**

Olha, Maria  
Eu bem te queria  
Fazer uma presa  
Da minha poesia

Mas hoje, Maria  
Pra minha surpresa  
Pra minha tristeza  
Precisas partir

Parte, Maria  
Que estás tão bonita  
Que estás tão aflita  
Pra me abandonar

Sinto, Maria  
Que estás de visita  
Teu corpo se agita  
Querendo dançar

Parte, Maria  
Que estás toda nua  
Que a lua te chama  
Que estás tão mulher

Arde, Maria  
Na chama da lua  
Maria, cigana  
Maria, maré

Parte cantando  
Maria fugindo  
Contra a ventania  
Brincando, dormindo

Num colo de serra  
Num campo vazio  
Num leito de rio  
Nos braços do mar

Vai, alegria  
Que a vida, Maria  
Não passa de um dia  
Não vou te prender



Corre, Maria  
Que a vida não espera  
É uma primavera  
Não podes perder

Anda, Maria  
Pois eu só teria  
A minha agonia  
Pra te oferecer

## **Onde anda você**

E por falar em saudade  
Onde anda você  
Onde andam os seus olhos  
Que a gente não vê  
Onde anda esse corpo  
Que me deixou morto  
De tanto prazer

E por falar em beleza  
Onde anda a canção  
Que se ouvia na noite  
Dos bares de então  
Onde a gente ficava  
Onde a gente se amava  
Em total solidão

Hoje eu saio na noite vazia  
Numa boemia sem razão de ser  
Na rotina dos bares  
Que apesar dos pesares  
Me trazem você

E por falar em paixão  
Em razão de viver  
Você bem que podia me aparecer  
Nesses mesmos lugares  
Na noite, nos bares  
Onde anda você

## **Os bichinhos e o homem**

Nossa irmã, a mosca  
É feia e tosca  
Enquanto que o mosquito  
É mais bonito  
É mais bonito

Nosso irmão, besouro  
Que é feito de couro  
Mal sabe voar  
Mal sabe voar

Nossa irmã, a barata  
Bichinha mais chata  
É prima da borboleta  
Que é uma careta  
Que é uma careta

Nosso irmão, o grilo  
Que vive dando estrilo  
Só pra chatear  
Só pra chatear

E o bicho-do-pé  
Que gostoso que ele é  
Quando dá coceira  
Coça que não é brincadeira

E o nosso irmão carrapato  
Que é um outro bicho chato  
E primo-irmão do bacilo  
Que é irmão tranqüilo  
Que é irmão tranqüilo

E o homem que pensa tudo saber  
Não sabe o jantar que os bichinhos vão ter  
Quando o seu dia chegar  
Quando o seu dia chegar

## **Ouve o silêncio**

Cala  
Ouve o silêncio  
Ouve o silêncio  
Que nos fala tristemente  
Desse amor que não podemos ter

Não fala  
Fala baixinho  
Diz bem de leve um segredo  
Um verso de esperança em nosso amor

Não, oh, meu amor!  
Canta a beleza de viver!  
Saúda o sol e a alegria de amar  
Em nossa grande solidão

## **Paiol de pólvora**

Estamos trancados no paiol de pólvora  
Paralisados no paiol de pólvora  
Olhos vedados no paiol de pólvora  
Dentes cerrados no paiol de pólvora

Só tem entrada no paiol de pólvora  
Ninguém diz nada no paiol de pólvora  
Ninguém se encara no paiol de pólvora  
Só se enche a cara no paiol de pólvora

Mulher e homem no paiol de pólvora  
Ninguém tem nome no paiol de pólvora  
O azar é sorte no paiol de pólvora  
A vida é morte no paiol de pólvora

São tudo flores no paiol de pólvora  
TV a cores no paiol de pólvora  
Tomem lugares no paiol de pólvora  
Vai pelos ares o paiol de pólvora

## **Para viver um grande amor**

### *Cantado*

Eu não ando só  
Só ando em boa companhia  
Com meu violão  
Minha canção e a poesia

### *Falado*

Para viver um grande amor, preciso  
É muita concentração e muito siso  
Muita seriedade e pouco riso  
Para viver um grande amor  
Para viver um grande amor, mister  
É ser um homem de uma só mulher  
Pois ser de muitas - poxa! - é pra quem quer  
Nem tem nenhum valor  
Para viver um grande amor, primeiro  
É preciso sacrificar-se cavalheiro  
E ser de sua dama por inteiro  
Seja lá como for  
Há que fazer do corpo uma morada  
Onde clausure-se a mulher amada  
E postar-se de fora com uma espada  
Para viver um grande amor

### *Cantado*

Eu não ando só,  
Só ando em boa companhia  
Com meu violão  
Minha canção e a poesia

### *Falado*

Para viver um grande amor direito  
Não basta apenas ser um bom sujeito  
É preciso também ter muito peito  
Peito de remador  
É sempre necessário ter em vista  
Um crédito de rosas no florista  
Muito mais, muito mais que na modista!  
Para viver um grande amor  
Conta ponto saber fazer coisinhas  
Ovos mexidos, camarões, sopinhas

Molhos, filés com fritas, comidinhas  
Para depois do amor  
E o que há de melhor que ir pra cozinha  
E preparar com amor uma galinha  
Com uma rica e gostosa farofinha  
Para o seu grande amor?

*Cantado*

Eu não ando só  
Só ando em boa companhia  
Com meu violão  
Minha canção e a poesia

*Falado*

Para viver um grande amor, é muito  
Muito importante viver sempre junto  
E até ser, se possível, um só defunto  
Pra não morrer de dor  
É preciso um cuidado permanente  
Não só com o corpo, mas também com a mente  
Pois qualquer "baixo" seu a amada sente  
E esfria um pouco o amor  
Há que ser bem cortês sem cortesia  
Doce e conciliador sem covardia  
Saber ganhar dinheiro com poesia  
Não ser um ganhador  
Mas tudo isso não adianta nada  
Se nesta selva escura e desvairada  
Não se souber achar a grande amada  
Para viver um grande amor!

*Cantado*

Eu não ando só  
Só ando em boa companhia  
Com meu violão  
Minha canção e a poesia

## **Parece que ela vai de samba**

Até parece que ela vai de samba  
Quando ela sai correndo para me abraçar  
Parece que ela vai de samba  
Que coisa mais espetacular!  
Ela remexe para tanto lado  
Que a vista do coitado chega a confundir  
O seu balanço ainda não foi tocado  
É claro que é nele que eu vou ir

Um balanço como esse que ela tem  
Já não se faz  
Quando vem o descanso  
A gente tem que pedir mais

Ela é uma graça como não existe  
Se acaso ela se zanga quando eu dou pra trás  
Na base do carinho triste  
Ela não me resiste e pede paz, mas  
Ela é mais ela quando vai de samba  
Quando ela faz os quatro pontos cardeais  
Mas a verdade é que eu gamei por ambas  
Alegre ou triste ela é demais!

Até parece que ela vai de samba  
Até parece que ela vai de samba  
Parece que ela vai de samba  
Ela é muito mais que por demais!

## **Passe bem**

Nem adeus  
Ela quis me dar  
Quando partiu

E arrependida  
Fala em voltar pra mim  
Mas eu, não vê  
Não me rebaixo com ninguém  
Não  
Acho que um amor  
Assim tão sem coração

Não vai  
Não me convém  
Se ela quis ir  
Passe bem  
Não vai

## **Patota de Ipanema**

Não tenho ido ao cinema  
E a patota de Ipanema não me interessa mais  
Podem dizer que eu já era  
E eu só digo: ai, quem me dera  
Uma vida em paz

Mas sem aquela rua tão sentimental  
Com aquela lua de cartão-postal  
Nem um maridinho de família bem  
Todo arrumadinho  
Puxa vida, mas também  
Os caras que andam por aí  
Com aquele papo mixo  
De "sem essa, bicho  
Deixa isso pra lá"  
E o tipo de paquera  
Tão sincera que eu vou te contar  
Cansei de ir ao Zepelim  
De dizer sim a inventores geniais  
Da comunicação  
Enfim, eu estou achando  
Que a realidade sabe mais  
Que a imaginação

## **Pau-de-arara**

Eu vinha cansado da fome que tava, da fome que eu tinha  
Eu não tinha nada, que fome que eu tinha  
Que seca danada no meu Ceará  
Eu peguei e juntei um restinho de coisa que eu tinha  
Duas calça velha, uma violinha  
E num pau-de-arara toquei para cá  
E de noite ficava na praia de Copacabana  
Zanzando na praia de Copacabana  
Dançando o xaxado pras moças oiá  
Virgem Santa, que a fome era tanta que nem voz eu tinha  
Meu Deus, tanta moça... que fome que eu tinha  
Mais fome que eu tinha no meu Ceará

### *Falado*

Foi aí que eu resolvi comê gilete.  
Tinha um compadre meu lá de Quixeramubim que ganhou um dinheirão  
comendo gilete na praia de Copacabana. De dia ele ia de casa em casa pedindo  
gilete vêia, e de noite ele comia aquilo tudinho pro pessoal vê. Eu não sei não,  
mas acho que ele comeu tanto, que quando eu cheguei lá na praia aquele  
pessoá já tava até com indigestão de tanto vê o camarada comê gilete. Uma  
vez, eu tava com tanta fome que falei assim prum moço que ia passando:  
"Decente! Voismecê deixa eu comê uma giletezinha pra voismecê vê?" "Sai pra  
lá, pau-de-arara. Tu não te manca, não?" "Oh, distinto! Só uma, que eu não  
comi nadinha ainda hoje." "Tu enche, hein, pau-de-arara!" Aquilo me deixou  
tão aperriado, que se não fosse o amor que eu tinha na minha violinha, eu  
tinha arreventado ela na cabeça daquele pai-d'égua.

### *Cantado*

Puxa vida, não tinha uma vida pior do que a minha  
Que vida danada, que fome que eu tinha  
Zanzando na praia, pra lá e pra cá  
Quando eu via toda aquela gente no come-que-come  
Eu juro que tinha saudade da fome  
Da fome que eu tinha no meu Ceará  
E daí eu pegava e cantava e dançava o xaxado  
E só conseguia porque no xaxado  
Agente só pode mesmo se arrastar  
Virgem Santa, que a fome era tanta que até parecia  
Que mesmo xaxando meu corpo subia  
Igual se tivesse querendo voar

### *Falado*

Às vezes a fome era tanta que volta e meia a gente arrumava uma briguinha  
pra ir comê uma bóia no xadrez. Eta quentinho bom na barriga... Mas, com



perdão da palavra, a gente devolveia tudo depois, que a bóia já vinha estragada. Mas, enquanto ela tava ali dentro da barriga... Quietinha... Que felicidade! Não... Mas agora as coisas tão melhorando, sabe? Tem uma senhora muito bondosa, lá no Leblon, que gosta muito de vê eu comê caco de vrido. Isso é que é bondade da boa. Com isso, já juntei assim uns quinhento mil réis. Quando tivé mais um pouquinho, eu vou-se embora. Volto pro meu Ceará.

### *Cantado*

Vou-se embora pro meu Ceará porque lá tenho um nome  
E aqui não sou nada, sou só Zé-com-fome  
Sou só pau-de-arara, nem sei mais cantar  
Vou picar minha mula, vou antes que tudo rebente  
Porque tô achando que o tempo tá quente  
Pior do que anda não pode ficá

## **Pela luz dos olhos teus**

Quando a luz dos olhos meus  
E a luz dos olhos teus  
Resolvem se encontrar  
Ai, que bom que isso é, meu Deus  
Que frio que me dá  
O encontro desse olhar

Mas se a luz dos olhos teus  
Resiste aos olhos meus  
Só pra me provocar  
Meu amor, juro por Deus  
Me sinto incendiar

Meu amor, juro por Deus  
Que a luz dos olhos meus  
Já não pode esperar  
Quero a luz dos olhos meus  
Na luz dos olhos teus  
Sem mais lalarará

Pela luz dos olhos teus  
Eu acho, meu amor  
E só se pode achar  
Que a luz dos olhos meus  
Precisa se casar

## **Pelos caminhos da vida**

Vai, segue o caminho  
Encontrarás meu rosto triste  
Em todas as estradas  
Os velhos caminhos  
Desertos e sem fim  
Que seguem sozinhos  
Sem vida e sem amor  
E que te querem levar  
De mim

Ouvirás na voz do vento  
Meu constante adeus  
E meu coração batendo  
No mesmo passo dos teus

Vai, segue o caminho  
Encontrarás em toda parte  
A minha grande mágoa  
A mágoa das horas  
Tão desesperada  
Das noites e auroras  
Ao longo das estradas  
Velhos caminhos  
Que não têm fim

Ouvirás na voz do vento  
Meu constante adeus  
E meu coração batendo  
No mesmo passo dos teus

Vai, segue o caminho  
Encontrarás meu rosto triste  
Em todas as estradas  
Estradas de sol  
Varridas pelo vento  
Cobertas de estrelas  
Em pleno firmamento  
E que te trazem de volta  
A mim

## **Pergunte a você**

Não pergunte por quê  
Se tudo o que é lindo  
Existe em você  
Não pergunte por quê  
Aceite sorrindo  
O que aconteceu  
Tão simplesmente

Amor, quem vai nos dizer por quê  
As manhãs se desnudam ao sol  
E o mar vem nas praias morrer  
Não pergunte por quê  
Ou antes, pergunte  
Pergunte a você

## **Pobre de mim**

Pobre de mim  
Sonho tanto em ser alguém que não sou  
Por exemplo, uma mulher toda assim  
Feito a Marilyn Monroe

Já eu, enfim  
Não inspiro um grande amor a ninguém  
Na verdade, se eu pareço com alguém  
É o Popeye, the sailorman  
Que mau destino  
Não aguento este meu ar de menino  
Quem me dera casar com um grã-fino  
Ou com um rei, por que não?

Eu não sei a ligação  
Eu só sei que dava tudo de mim  
Para ao menos paracer Marilyn  
E viver um grande amor

## **Planta baixa**

Plante uma boa semente  
Numa terra condizente, que a semente dá

Pegue, regue bem a planta  
Que nem praga não adianta  
Ela vai vingar  
Planta é como o sentimento  
Tem o seu momento  
Tem o seu lugar

Regue bem seu sentimento  
Porque rega no momento  
Não pode faltar  
Gente também é semente  
Tem que estar contente  
Tem que respirar

Plante uma cidade toda  
Ponha gente em seu contorno  
E a vida a rodar  
Dia-a-dia é corrosivo  
E de tudo que está vivo  
Se deve cuidar  
Planta sem sol e o vento  
Dentro do cimento é bom nem pensar

Regue bem seu sentimento  
Porque rega no momento  
Não pode faltar  
Gente também é semente  
Tem que estar contente  
Tem que respirar

## **Pobre menina rica**

Eu acho que quem me vê crê  
Que eu sou feliz  
Feliz só porque  
Tenho tudo quanto existe  
Pra não ser infeliz

Pobre menina rica, tão rica  
Que triste você fica se vê  
Um passarinho em liberdade  
Indo e vindo à vontade na tarde

Você tem mais do que eu  
Passarinho, do que a menina  
Que é tão rica e nada tem de seu

## **Pode ir**

Pode ir  
Pode fazer o que melhor entender  
Porque, amor, cada um sabe de si  
Mas se você quiser brincar com o nosso amor  
Não vem, que alguém provavelmente  
Vai amargurar a grande dor  
De ver alguém também querer partir  
Porque partir é repartir, meu bem  
É se perder nesse mar por aí  
Mas você quer brincar, quer fingir  
Pode ir, pode ir e depois chorar

## Poema ausência

Eu deixarei que morra em mim o desejo de amar os teus olhos que são doces  
Porque nada te poderei dar senão a mágoa de me veres eternamente exausto  
No entanto a tua presença é qualquer coisa como a luz e a vida  
E eu sinto que em meu gesto existe o teu gesto e em minha voz a tua voz

Não te quero ter porque em meu ser tudo estaria terminado  
Quero só que surjas em mim como a fé nos desesperados  
Para que eu possa levar uma gota de orvalho desta terra amaldiçoada  
Que ficou sobre a minha carne como uma nódoa do passado

Eu deixarei... tu irás e encostarás a tua face em outra face  
Teus dedos enlaçarão outros dedos e tu desabrocharás para a madrugada  
Mas tu não saberás que quem te colheu fui eu, porque eu fui o grande íntimo  
(da noite  
Porque eu encostei minha face na face da noite e ouvi a tua fala amorosa  
Porque meus dedos enlaçaram os dedos da névoa suspensos no espaço  
E eu trouxe até mim a misteriosa essência do teu abandono desordenado

Eu ficarei só como os veleiros nos portos silenciosos  
Mas eu te possuirei mais que ninguém porque poderei partir  
E todas as lamentações do mar, do vento, do céu, das aves, das estrelas  
Serão a tua voz presente, a tua voz ausente, a tua voz serenizada

## Poema dos olhos da amada

Ó minha amada  
Que olhos os teus  
São cais noturnos  
Cheios de adeus  
São docas mansas  
Trilhando luzes  
Que brilham longe  
Longe nos breus...

Ó minha amada  
Que olhos os teus  
Quanto mistério  
Nos olhos teus  
Quantos saveiros  
Quantos navios  
Quantos naufrágios  
Nos olhos teus...

Ó minha amada  
Que olhos os teus  
Se Deus houvera  
Fizera-os Deus  
Pois não os fizera  
Quem não soubera  
Que há muitas eras  
Nos olhos teus.

Ah, minha amada  
De olhos ateus  
Cria a esperança  
Nos olhos meus  
De verem um dia  
O olhar mendigo  
Da poesia  
Nos olhos teus.

*Rio de Janeiro, 1950*

## **Por que será**

Por que será  
Que eu ando triste por te adorar?  
Por que será  
Que a vida insiste em se mostrar  
Mais distraída dentro de um bar  
Por que será?

Por que será  
Que o nosso assunto já se acabou?  
Por que será  
Que o que era junto se separou  
E o que era muito se definhou  
Por que será?

Eu, quantas vezes  
Me sento à mesa de algum lugar  
Falando coisas só por falar  
Adiando a hora de te encontrar

É muito triste  
Quando se sente tudo morrer  
E ainda existe o amor  
Que mente para esconder  
Que o amor presente  
Não tem mais nada para dizer  
Por que será?



## **Por toda a minha vida**

*Exaltação ao amor*

Minha bem-amada  
Quero fazer de um juramento uma canção

Eu prometo, por toda a minha vida  
Ser somente teu e amar-te como nunca  
Ninguém jamais amou, ninguém

Minha bem-amada  
Estrela pura, aparecida  
Eu te amo e te proclamo  
O meu amor, o meu amor  
Maior que tudo quanto existe  
Oh, meu amor

## **Pra que chorar**

Pra que chorar  
Se o sol já vai raiar  
Se o dia vai amanhecer  
Pra que sofrer  
Se a lua vai nascer  
É só o sol se pôr  
Pra que chorar  
Se existe amor  
A questão é só de dar  
A questão é só de dor

Quem não chorou  
Quem não se lastimou  
Não pode numa mais dizer  
Pra que chorar  
Pra que sofrer  
Se há sempre um novo amor  
Em cada novo amanhecer

## **Por você**

Se você quiser a lua  
Eu lhe digo: tome, é sua  
Porque eu fiz a lua pra você

Se você quiser a estrela da manhã  
Amanhã mesmo  
Eu pego e mando pra você

Por você todas as flores  
Exibiram novas cores  
Tudo pura inveja de você

E milhões de passarinhos  
Nos seus ninhos  
Compuseram  
Este lindo iê-iê-iê

Por você, senhorazinha, menina  
Que mais linda não vai ter nunca mais  
E que além de ser pra frente, barra-limpa  
E papo-firme por demais (por demais)  
Por você, se for o caso  
Eu lhe juro que me caso, meu amor  
Eu caso com você

É um atraso  
Mas eu caso  
Porque estou perdidamente apaixonado  
Por você

## **Praia branca**

Vida bela

Praia branca, tristeza  
Mar sem fim  
Lua nova  
Mulher  
Pobre de mim  
Vento sul que o seu corpo acarinhou  
Céu azul  
De manhã me despertou

Barco a vela  
Choupana verde cor  
Eu e ele, o menino pescador  
Vida bela  
A maré, peixe do mar  
Morte longe  
Tem tempo pra pensar

## **Pregão da saudade**

Quem quer minha tristeza  
Quem quer minha aflição  
Se quiser, vendo barato  
Fiado não vendo, não

Também tenho uma saudade  
Uma saudade de um bem-querer  
Todos dois dou até dado  
Pois não quero mais sofrer

## **Primavera**

O meu amor sozinho  
É assim como um jardim sem flor  
Só queria poder ir dizer a ela  
Como é triste se sentir saudade

É que eu gosto tanto dela  
Que é capaz dela gostar de mim  
E acontece que eu estou mais longe dela  
Que da estrela a reluzir na tarde

Estrela, eu lhe diria  
Desce à terra, o amor existe  
E a poesia só espera ver  
Nascer a primavera  
Para não morrer

Não há amor sozinho  
É juntinho que ele fica bom  
Eu queria dar-lhe todo o meu carinho  
Eu queria ter felicidade

É que o meu amor é tanto  
Um encanto que não tem mais fim  
E no entanto ele nem sabe que isso existe  
É tão triste se sentir saudade

Amor, eu lhe direi  
Amor que eu tanto procurei  
Ah, quem me dera eu pudesse ser  
A tua primavera  
E depois morrer

## **Quando a noite me entende**

Quando, no fim de uma tarde  
Não há quem me aguarde  
Que melancolia  
Sou uma coisa infeliz  
Que num copo de whisky  
Disfarça a alegria

E quando a noite me entende  
E a mão que se estende  
É amiga da minha  
Mesmo que seja ilusão  
Bate mais em meu peito  
Esse meu coração, coração

Coração, toma jeito  
Bate mais devagar em meu peito  
Deixa a mania do amor  
Se sou feliz ou infeliz  
Pouco importa, o que conforta  
É ter vivo esse meu coração

## **Quando tu passas por mim**

Quando tu passas por mim  
Por mim passam saudades cruéis  
Passam saudades de um tempo  
Em que a vida eu vivia a teus pés

Quando tu passas por mim  
Passam coisas que eu quero esquecer  
Beijos de amor infiéis  
Juras que fazem sofrer

Quando tu passas por mim  
Passa o tempo e me leva pra trás  
Leva-me a um tempo sem fim  
A um amor onde o amor foi demais

E eu que só fiz te adorar  
E de tanto te amar penei mágoas sem fim  
Hoje nem olho pra trás  
Quando tu passas por mim

## Queixa

Cavaco, pandeiro, cuíca  
Ganzá, tamborim, violão  
E o samba, que coisa mais rica  
E o surdo batendo no coração

Deixa  
Porque hoje é tudo natural  
Deixa  
Que essa queixa, sim, é sempre igual

Quando a cidade amanhecer  
É carnaval

Cavaco, pandeiro, cuíca...

Deixa  
Tomo um trago e lavo o coração  
Deixa  
Que essa queixa não tem solução

Deixa  
Porque quem quer saber  
Não sabe não

Deixa  
Porque hoje é tudo natural...

Quando a cidade amanhacer  
É carnaval

Deixa  
Tomo um trago...

Deixa porque hoje é tudo natural  
Deixa porque hoje é tudo igual  
Dizer ao meu poeta  
Vai aí meu coração

Quando a cidade amanhecer  
É carnaval

## Quem és?

Quem és tu  
Quem és  
Serás a sombra que me espera  
Ou és a breve primavera  
A mariposa que se pousa  
E que se vai

Quem és, amor  
Que me surgiste como a cor no mundo triste  
Ou como o verso imprescindível que revela  
E que se vai

Me deixaste provar de uma alegria  
Que eu não sabia mais  
A súbita poesia de um único verão

Me deixaste saber que ainda existe o som  
De uma canção  
A paz sem nostalgia  
O amor sem solidão

Amor, quem és  
Que penetraste o meu silêncio  
Com teus pés tão frágeis  
Ah, pudesse eu saber  
Um dia finalmente  
Quem és

## **Quem for mulher que me siga**

Quem for mulher que me siga  
Quem for mulher que me siga  
Quem for mulher que me siga  
Quem for mulher que me siga

O frevo disse pra marcha  
Sem qualquer preliminar:  
Menina, você não acha que a gente deve juntar?  
E a marcha virou pro frevo  
Com muito enlevo no olhar  
E disse: moço, não devo  
Só se primeiro casar  
E o frevo pro coco pa ra pá  
Não fica maluco pa ra pá  
Falou que faltava caráter no mundo  
Pra não se lembrar

Até que a marchinha pa ra pã  
Teve peninha pa ra pã  
E logo foi com ele se enturmar laiá laiá

O bom frevinho baiano  
E a marchinha carioca  
Vão fazer muita fofoca  
No melhor dos carnavais  
Cantando essa melodia  
Que o Vinicius de Moraes  
Fez para o bloco do ano  
Os internacionais  
E o frevo pro coco pa ra pã  
Não fica maluco pa ra pã  
Falou que faltava caráter no mundo  
Pra não se lembrar

Até que a marchinha pa ra pã  
Teve peninha pa ra pã  
E logo foi com ele se enturmar laiá laiá

Quem for mulher que me siga  
Quem for mulher que me siga  
Quem for mulher que me siga  
Quem for mulher que me siga



## Rancho das flores

Entre as prendas com que a natureza  
Alegrou este mundo onde há tanta tristeza  
A beleza das flores realça em primeiro lugar  
É um milagre  
De aroma florido  
Mais lindo que toda as graças do céu  
E até mesmo do mar

Olhem bem para a rosa  
Não há mais formosa  
É a flor dos amantes  
É a rosa-mulher  
Que em perfume e nobreza  
Vem antes do cravo  
E do lírio e da hortênsia  
E da dália e do bom crisântemo  
E até mesmo do puro e gentil malmequer

E reparem no cravo  
O escravo da rosa  
Que flor mais cheirosa  
De enfeite sutil  
E no lírio que causa o delírio da rosa  
O martírio da alma da rosa  
Que é a flor mais vaidosa e mais prosa  
Entre as flores do nosso Brasil

Abram alas pra dália garbosa  
Da cor mais vistosa  
Do grande jardim da existência das flores  
Tão cheio de cores gentis  
E também para a hortênsia inocente  
A flor mais contente  
No azul do seu corpo macio e feliz

Satisfeita da vida  
Vem a margarida  
Dos que têm paixão  
E agora é a vez  
Da papoula vermelha  
A que dá tanto mel pras abelhas  
E alegra este mundo tão triste  
Com a cor que é a do meu coração

E agora aqui temos o bom crisântemo

Seu nome cantemos em verso e em prosa  
Porém que não tem a beleza da rosa

Que uma rosa não é só uma flor  
Uma rosa é uma rosa é uma rosa  
É a mulher rescendendo de amor

## **Rancho das namoradas**

Já vem raiando a madrugada  
Acorda, que lindo!  
Mesmo a tristeza está sorrindo  
Entre as flores da manhã  
Se abrindo nas cores do céu

O véu das nuvens que esvoaçam  
Que passam pela estrela a morrer  
Parecem nos dizer  
Que não existe beleza maior  
Do que o amanhecer

E no entanto maior  
Bem maior que a do céu  
Bem maior que a do mar  
Maior que toda a natureza  
É a beleza que tem a mulher namorada

Seu corpo é assim como a aurora ardente  
Sua alma é uma estrela inocente  
Seu corpo é uma rosa fechada  
Em seu seio, os pudores  
Renascem das dores de antigos amores  
Que vieram, mas não eram o amor que se espera  
O amor primavera

São tantos seus encantos  
Que para os comparar  
Nem mesmo a beleza que têm  
As auroras do mar

## **Regra três**

Tantas você fez que ela cansou  
Porque você, rapaz  
Abusou da regra três  
Onde menos vale mais

Da primeira vez ela chorou  
Mas resolveu ficar  
É que os momentos felizes  
Tinham deixado raízes no seu penar  
Depois perdeu a esperança  
Porque o perdão também cansa de perdoar

Tem sempre o dia em que a casa cai  
Pois vai curtir seu deserto, vai.  
Mas deixe a lâmpada acesa  
Se algum dia a tristeza quiser entrar  
E uma bebida por perto  
Porque você pode estar certo que vai chorar

## **A rosa de Hiroxima**

Pensem nas crianças  
Mudas telepáticas  
Pensem nas meninas  
Cegas inexatas  
Pensem nas mulheres  
Rotas alteradas  
Pensem nas feridas  
Como rosas cálidas  
Mas oh não se esqueçam  
Da rosa da rosa  
Da rosa de Hiroshima  
A rosa hereditária  
A rosa radioativa  
Estúpida e inválida  
A rosa com cirrose  
A anti-rosa atômica  
Sem cor sem perfume  
Sem rosa sem nada

## **Sabe você**

Você é muito mais que eu sou  
Está bem mais rico do que eu estou  
Mas o que eu sei você não sabe  
E antes que o seu poder acabe  
Eu vou mostrar como e por quê  
Eu sei, eu sei mais que você

Sabe você o que é o amor?  
Não sabe, eu sei  
Sabe o que é um trovador?  
Não sabe, eu sei  
Sabe andar de madrugada  
Tendo a amada pela mão?  
Sabe gostar? Qual sabe nada  
Sabe? Não  
Você sabe o que é uma flor?  
Não sabe, eu sei  
Você já chorou de dor?  
Pois eu chorei  
Já chorei de mal de amor  
Já chorei de compaixão  
Quanto a você, meu camarada  
Qual o quê, não sabe, não

E é por isso que eu lhe digo  
E com razão  
Que mais vale ser mendigo  
Que ladrão  
Sei que um dia há de chegar  
Isso seja como for  
Em que você pra mendigar  
Só mesmo amor  
Você pode ser ladrão  
Quanto quiser

Mas não rouba o coração  
De uma mulher  
Você não tem alegria  
Nunca fez uma canção  
Por isso a minha poesia  
Ha! Ha! Você não rouba, não

## **Samba da bênção**

### *Cantado*

É melhor ser alegre que ser triste  
Alegria é a melhor coisa que existe  
É assim como a luz no coração

Mas pra fazer um samba com beleza  
É preciso um bocado de tristeza  
É preciso um bocado de tristeza  
Senão, não se faz um samba não

### *Falado*

Senão é como amar uma mulher só linda  
E daí? Uma mulher tem que ter  
Qualquer coisa além de beleza  
Qualquer coisa de triste  
Qualquer coisa que chora  
Qualquer coisa que sente saudade  
Um molejo de amor machucado  
Uma beleza que vem da tristeza  
De se saber mulher  
Feita apenas para amar  
Para sofrer pelo seu amor  
E pra ser só perdão

### *Cantado*

Fazer samba não é contar piada  
E quem faz samba assim não é de nada  
O bom samba é uma forma de oração  
Porque o samba é a tristeza que balança  
E a tristeza tem sempre uma esperança  
A tristeza tem sempre uma esperança  
De um dia não ser mais triste não

Ponha um pouco de amor numa cadência  
E vai ver que ninguém no mundo vence  
A beleza que tem um samba, não

Porque o samba nasceu lá na Bahia  
E se hoje ele é branco na poesia  
Se hoje ele é branco na poesia  
Ele é negro demais no coração

*Falado*

Eu, por exemplo, o capitão do mato  
Vinicius de Moraes  
Poeta e diplomata  
O branco mais preto do Brasil  
Na linha direta de Xangô, saravá!  
A bênção, Senhora  
A maior ialorixá da Bahia  
Terra de Caymmi e João Gilberto  
A bênção, Pixinguinha  
Tu que choraste na flauta  
Todas as minhas mágoas de amor  
A bênção, Cartola, a bênção, Sinhô  
A bênção, Ismael Silva  
Sua bênção, Heitor dos Prazeres  
A bênção, Nelson Cavaquinho  
A bênção, Geraldo Pinheiro  
A bênção, meu bom Cyro Monteiro  
Você, sobrinho de Nonô  
A bênção, Noel, sua bênção, Ary  
A bênção, todos os grandes  
Sambistas do Brasil  
Branco, preto, mulato  
Lindo como a pele macia de Oxum  
A bênção, maestro Antonio Carlos Jobim  
Parceiro e amigo querido  
Que já viajaste tantas canções comigo  
E ainda há tantas por viajar  
A bênção, Carlinhos Lyra  
Parceiro cem por cento  
Você que une a ação ao sentimento  
E ao pensamento  
Feito essa gente que anda por aí  
Brincando com a vida  
Cuidado, companheiro!  
A vida é pra valer  
E não se engane não, tem uma só  
Duas mesmo que é bom  
Ninguém vai me dizer que tem  
Sem provar muito bem provado  
Com certidão passada em cartório do céu  
E assinado embaixo: Deus  
E com firma reconhecida!  
A vida não é brincadeira, amigo  
A vida é arte do encontro  
Embora haja tanto desencontro pela vida  
Há sempre uma mulher à sua espera  
Com os olhos cheios de carinho  
E as mãos cheias de perdão

Ponha um pouco de amor na sua vida  
Como no seu samba  
A bênção, a bênção, Baden Powell  
Amigo novo, parceiro novo  
Que fizeste este samba comigo  
A bênção, amigo  
A bênção, maestro Moacir Santos  
Não és um só, és tantos como  
O meu Brasil de todos os santos  
Inclusive meu São Sebastião  
Saravá! A bênção, que eu vou partir  
Eu vou ter que dizer adeus

### *Cantado*

Ponha um pouco de amor numa cadência  
E vai ver que ninguém no mundo vence  
A beleza que tem um samba, não

Porque o samba nasceu lá na Bahia  
E se hoje ele é branco na poesia  
Se hoje ele é branco na poesia  
Ele é negro demais no coração

## **Samba da rosa**

Rosa pra se ver  
Pra se admirar  
Rosa pra crescer  
Rosa pra brotar  
Rosa pra viver  
Rosa pra se amar  
Rosa pra colher  
E despetalar

Rosa pra dormir  
Rosa pra acordar  
Rosa pra sorrir  
Rosa pra chorar  
Rosa pra partir  
Rosa pra ficar  
E se ter mais uma rosa mulher

É primavera  
É a rosa em botão  
Ai, quem me dera  
Uma rosa no coração

## **Samba da volta**

Você voltou, meu amor  
A alegria que me deu  
Quando a porta abriu  
Você me olhou  
Você sorriu  
Ah, você se derreteu  
E se atirou  
Me envolveu  
Me brincou  
Conferiu o que era seu  
É verdade, eu reconheço  
Eu tantas fiz  
Mas agora tanto faz  
O perdão pediu seu preço  
Meu amor  
Eu te amo e Deus é mais

## **Samba de Gésse**

Até parece  
Que eu conhecia sempre você  
Que me aparece  
Quando eu não via jeito de ser  
A gente esquece  
Que a gente muda de bem-querer  
Ah, se eu pudesse  
Tinha esperado só por você  
Quando amanhece  
Eu ao meu lado vejo você  
Eu digo em prece  
Que a vida é linda como você  
Eu que era louco  
Eu que era triste  
Deixei de ser  
Até parece  
Que só existe eu e você



## **Samba de Orly**

Vai, meu irmão  
Pega esse avião  
Você tem razão  
De correr assim desse frio  
Mas beija  
O meu Rio de Janeiro  
Antes que um aventureiro lance mão

Pede perdão pela duração  
Dessa temporada  
Mas não diga nada  
Que me viu chorando  
E pros da pesada  
Diz que eu vou levando  
Vê como é que anda  
Aquela vida à-toa  
E se puder me manda  
Uma notícia boa

## **Samba do café**

Para fazer um bom café, meu bem  
Como se faz, lá no Brasil  
Precisa pôr tudo a ferver, meu bem  
Como se põe, lá no Brasil

Uma frutinha vermelha  
Que as moças colhem no pé  
E quando é bem torrquinho  
Fica pretinho e cheiroso  
Como ele é, lá no Brasil  
Como ele é, lá no Brasil

Para fazer um bom café, meu bem  
Como se faz, lá no Brasil  
Precisa ter um bom café, também  
Como se tem, lá no Brasil

Tem de ser forte, como o bem  
Que a gente tem pelo Brasil  
Tem de ser doce, como o amor  
Que a gente tem pelo Brasil  
Você, seu moço estrangeiro  
Só põe açúcar se quer

Mas sendo um bom brasileiro  
O seu café vai ser doce  
Como se fosse um carinho  
O seu café vai ser doce  
Como se fosse um beijinho  
De uma mulher  
Que faz um bom café  
Lá no Brasil! Lá no Brasil!

## **Samba do carioca**

Vamos, carioca  
Sai do teu sono devagar  
O dia já vem vindo aí  
O sol já vai raiar  
São Jorge, teu padrinho  
Te dê cana pra tomar  
Xangô, teu pai, te dê  
Muitas mulheres para amar  
Vai o teu caminho  
É tanto carinho para dar  
Cuidando do teu benzinho  
Que também vai te cuidar  
Mas sempre morandinho  
Em quem não tem com quem morar  
Na base do sozinho não dá pé  
Nunca vai dar

Vamos, minha gente  
É hora da gente trabalhar  
O dia já vem vindo aí  
O sol já vai raiar  
E a vida está contente  
De poder continuar  
E o tempo vai passando  
Sem vontade de passar  
Ê, vida tão boa  
Só coisa boa pra pensar  
Sem ter que pagar nada  
Céu e terra, sol e mar  
E ainda ter mulher  
De ter o samba pra cantar  
O samba que é o balanço  
Da mulher que sabe amar

## **Samba do jato**

Um galo cantou  
Meu sonho acordou  
O jogo acabou, calado  
E eu madruguei  
Chutando pedras pelo chão  
Com a solidão do lado

Um cão me seguiu  
Um jato partiu  
E tudo ficou parado  
E eu acabei naquele bar  
Onde nós dois  
Vivemos nosso passado  
Fui beber  
Meu "traçado" de paixão e dor  
Com o copo a suar  
Minha ilusão de amor

## **Samba do Veloso**

(Tempo de amor)

Ah, bem melhor seria  
Poder viver em paz  
Sem ter que sofrer  
Sem ter que chorar  
Sem ter que querer  
Sem ter que se dar

Mas tem que sofrer  
Mas tem que chorar  
Mas tem que querer  
Pra poder amar

Ah, mundo enganador  
Ah, não quer mais dizer amor  
Ah, não existe coisa mais triste que ter paz  
E se arrepender, e se conformar  
E se proteger de um amor a mais

O tempo de amor  
É tempo de dor  
O tempo de paz  
Não faz nem desfaz

Ah, que não seja meu  
O mundo onde o amor morreu

## **Samba em prelúdio**

Eu sem você  
Não tenho porquê  
Porque sem você  
Não sei nem chorar  
Sou chama sem luz  
Jardim sem luar  
Luar sem amor  
Amor sem se dar

Eu sem você  
Sou só desamor  
Um barco sem mar  
Um campo sem flor  
Tristeza que vai  
Tristeza que vem  
Sem você, meu amor, eu não sou ninguém

Ah, que saudade  
Que vontade de ver renascer nossa vida  
Volta, querida  
Os meus braços precisam dos teus  
Teus abraços precisam dos meus  
Estou tão sozinho  
Tenho os olhos cansados de olhar para o além  
Vem ver a vida  
Sem você, meu amor, eu não sou ninguém

## **Samba em serenata**

A mesma antiga rua  
O mesmo antigo bar  
A mesma velha lua  
O mesmo velho mar

E eu lembro a imagem tua  
Indo embora, acenando  
Tristeza que me deu  
Saudade que me dá

É sempre a velha história  
Que um dia ouvi contar  
Alguém que vai embora  
Alguém que vai ficar  
E a paisagem resta só uma para lembrar  
Alguma velha lua  
Num mesmo antigo mar

## **Samba fúnebre**

Triste de quem  
Sem ninguém na hora da partida  
Mas quando um homem de bem  
Morreu por ser um líder  
Nasce uma estrela no céu  
É mais uma estrela no céu  
Porque um homem morreu  
Clamando a beleza da vida  
Não morre o homem  
Sua morte em paz  
Se não amou  
Se não sofreu  
Pelos demais  
Descanse em paz  
Quem na vida foi um lutador  
Descanse em paz  
Quem morreu  
Por paz e amor

## **Samba para Endrigo**

Quando eu chego ao Rio  
Eu me arrepio  
De ver tanta coisa linda  
Solta no ar.  
Eu que vim do frio,  
Me delicio  
A ponto de ter vontade  
De não voltar.

Cada um na rua  
É um rei na sua  
Maneira tão popular.  
Sou tão batuqueiro  
Quanto qualquer  
Tocador de pandeiro é.  
Sou tão mandingueiro,  
Tão brasileiro  
Quanto um cidadão qualquer.

Mas afinal  
Até que eu não sou mau de bola,  
Mas não sei sambar na escola,  
Nem sou bom de ginga, não.  
Mas a questão para mim  
É que ser sambista  
É mais do que um bom passista  
Bem mais do que um folião.



## **Samblues do dinheiro**

Nunca vi muito dinheiro  
Trazer felicidade pra ninguém

Dinheiro vai!  
Dinheiro vai!

Dinheiro pela frente  
Dinheiro por de trás  
Me diga qual o bem que isto faz  
Dinheiro pelo sim  
Dinheiro pelo não  
No fim são sete palmos de chão

Dinheiro vai!

Dinheiro com dinheiro  
Querem se juntar  
É só multiplicar e somar  
Guerreiro com guerreiro  
Só querem guerrear  
Só fazem zig zig zig zá

Dinheiro vai!

As coisas são mais fáceis  
Pra quem se chama Onassis  
Dinheiro pelo sim  
Dinheiro pelo não

Dinheiro vai!

## **São demais os perigos desta vida**

São demais os perigos desta vida  
Pra quem tem paixão principalmente  
Quando uma lua chega de repente  
E se deixa no céu, como esquecida

E se ao luar que atua desvairado  
Vem se unir uma música qualquer  
Aí então é preciso ter cuidado  
Porque deve andar perto uma mulher

Deve andar perto uma mulher que é feita  
De música, luar e sentimento  
E que a vida não quer de tão perfeita

Uma mulher que é como a própria lua:  
Tão linda que só espalha sofrimento  
Tão cheia de pudor que vive nua

## **São Francisco**

Lá vai São Francisco  
Pelo caminho  
De pé descalço  
Tão pobrezinho  
Dormindo à noite  
Junto ao moinho  
Bebendo a água  
Do ribeirão.

Lá vai São Francisco  
De pé no chão  
Levando nada  
No seu surrão  
Dizendo ao vento  
Bom-dia, amigo  
Dizendo ao fogo  
Saúde, irmão.

Lá vai São Francisco  
Pelo caminho  
Levando ao colo  
Jesuscristinho  
Fazendo festa  
No menininho  
Contando histórias  
Pros passarinhos.

## **São só três dias**

Cada vez que eu considero  
Como é triste se viver  
Meu desejo mais sincero  
É brincar pra esquecer  
É mostrar a toda gente  
Que a alegria não faz mal  
É dizer vamos em frente  
Porque tudo é natural  
Deixa andar

Bate o bumbo, oi  
Toca o pandeiro  
A cuíca, oi  
E o tamborim

Vamos sair pela cidade  
Cada um com cada qual  
São só três dias  
De felicidade  
Vamos, porque hoje  
É carnaval

## **Saudade de amar**

Deixa eu te dizer, amor  
Que não debes partir  
Partir nunca mais  
Pois o tempo sem amor  
É uma dura ilusão  
E não volta mais

Se tu pudesses compreender  
A solidão que é  
Te buscar por aí  
Andando devagar  
A vagar por aí  
Chorando a tua ausência

Vence a tua solidão  
Abre os braços e vem  
Meus dias são teus  
É tão triste se perder  
Tanto tempo de amor  
Sem hora de adeus

Oh, volta  
Que nos braços meus  
Não haverá adeus  
Nem saudade de amar  
E os dois, sorrindo a soluçar  
Partiremos depois

## **Saudade que dá**

Quando a noite vem descendo  
E a lua aparecendo  
Diz baixinho uma oração  
Não há coisa mais bonita  
Que o luar do meu sertão

Terra seca mais danada  
Não dá nada, dá saudade  
Saudade, saudade que dá  
Não dá nada, dá vontade  
Vontade de voltar pra lá

Vou mandar rezar um terço  
Para ver se de Deus mereço  
Uma última bênção  
E morrer junto ao meu berço  
No luar do meu sertão

## **Saudades do Brasil em Portugal**

O sal das minhas lágrimas de amor  
Criou o mar que existe entre nós dois  
Para nos unir e separar  
Pudesse eu te dizer  
A dor que dói dentro de mim  
Que mói meu coração nesta paixão  
Que não tem fim  
Ausência tão cruel  
Saudade tão fatal  
Saudades do Brasil em Portugal

Meu bem, sempre que ouvires um lamento  
Crescer desolador na voz do vento  
Sou eu em solidão pensando em ti  
Chorando todo o tempo que perdi

## **Se ela chamar eu vou**

Ela me maltratou  
Ela não era assim  
Saiu e não voltou  
Falou que era o fim  
Eu estou danado da vida  
Ah, isso lá eu estou  
Mas ela é minha querida  
Se ela chamar eu vou

Sem ela eu fico triste  
Sozinho e sem amor  
Sem ela nada existe  
Se ela chamar eu vou

## **Se ela quisesse**

Se ela tivesse  
A coragem de morrer de amor  
Se não soubesse  
Que a paixão traz sempre muita dor  
Se ela me desse  
Toda devoção da vida  
Num só instante  
Sem momento de partida

Pudesse ela me dizer  
O que eu preciso ouvir  
Que o tempo insiste  
Porque existe um tempo que há de vir  
Se ela quisesse, se tivesse essa certeza  
De repente, que beleza  
Ter a vida assim ao seu dispor  
Ela veria, saberia que doçura  
Que delícia, que loucura  
Como é lindo se morrer de amor

## **Se o amor quiser voltar**

Se o amor quiser voltar  
Que terei pra lhe contar  
A tristeza das noites perdidas  
Do tempo vivido em silêncio  
Qualquer olhar lhe vai dizer  
Que o adeus me faz morrer  
E eu morri tantas vezes na vida  
Mas se ele insistir  
Mas se ele voltar  
Aqui estou sempre a esperar

## **Se todos fossem iguais a você**

Vai tua vida  
Teu caminho é de paz e amor  
A tua vida  
É uma linda canção de amor  
Abre teus braços e canta a última esperança  
A esperança divina de amar em paz

Se todos fossem iguais a você  
Que maravilha viver  
Uma canção pelo ar  
Uma mulher a cantar  
Uma cidade a cantar  
A sorrir, a cantar, a pedir  
A beleza de amar  
Como o sol, como a flor, como a luz  
Amar sem mentir, nem sofrer

Existiria a verdade  
Verdade que ninguém vê  
Se todos fossem no mundo iguais a você



## **Sei lá... a vida tem sempre razão**

Tem dias que eu fico  
Pensando na vida  
E sinceramente  
Não vejo saída  
Como é, por exemplo  
Que dá pra entender  
A gente mal nasce  
Começa a morrer  
Depois da chegada  
Vem sempre a partida  
Porque não há nada  
Sem separação

Sei lá, sei lá  
A vida é uma grande ilusão  
Sei lá, sei lá  
Só sei que ela está com a razão

A gente nem sabe  
Que males se apronta  
Fazendo de conta  
Fingindo esquecer  
Que nada renasce  
Antes que se acabe  
E o sol que desponta  
Tem que anoitecer  
De nada adianta  
Ficar-se de fora  
A hora do sim  
É um descuido do não

Sei lá, sei lá  
Só sei que é preciso paixão  
Sei lá, sei lá  
A vida tem sempre razão

## **Seja feliz**

Foi, fico como todo amor se vai  
Sem nem dizer aonde vai  
Foi e eu fiquei sem ninguém  
À espera do que não vem  
Que melancolia

Foi, foi só porque eu nada fiz  
Como um adeus que nem se deu  
Pois seja muito feliz  
Infeliz já sou eu  
Pra sofrer sofro eu

## **Sem mais adeus**

Vim, cheio de saudade  
Cheio de coisas lindas pra dizer  
Vim porque sentia  
Que nada existia fora de você  
Nem a poesia, amor  
Na sua ausência quis me receber  
Vim banhado em pranto  
Eu te amo tanto  
Vem  
Vem aos traços meus  
Sem mais adeus  
Oh, vem

## **Sem medo**

Como é que pode, a gente ser menino  
Ter sua coragem, traçar seu destino  
Sem pular o muro, trepar no coqueiro  
Ir no quarto escuro, mãe  
Me mete medo, mãe  
Me mete medo, mãe  
Me mete medo  
O bicho te pega, boi da cara preta  
Deus te castiga, medo de careta  
Boi da cara preta, mãe  
Me mete medo, mãe  
Me mete medo, mãe  
Me mete medo

Mas atravessa o escuro sem medo  
Atravesse o escuro sem medo  
Atravesse o escuro sem medo  
De repente a gente começa a crescer  
Quer uma mulher que não pode ser  
O pai quer matar, a mãe quer morrer  
Não dá pra ganhar, não dá pra perder  
Não dá  
A mulher se joga do alto do edifício  
Porque o mais fácil fica o mais difícil  
Fica o mais difícil  
Mas atravessa a vida sem medo  
Atravesse a vida sem medo  
Atravesse a vida sem medo

O perigo existe, faz parte do jogo  
Mas não fique triste, que viver é fogo  
Veja se resiste, comece de novo  
Comece de novo, comece de novo  
Ao cruzar a rua você está arriscando  
Pode estar na lua, pode estar amando  
Passa um caminhão, cruza uma rua  
O cara tá na dele, você tá na sua  
Você tá na sua, você tá na sua  
Mas atravessa a rua sem medo  
Atravesse a rua sem medo  
Atravesse a rua sem medo

Chega um belo dia de qualquer semana  
Alguém bate na porta, é um telegrama  
Ela está chamando, é um telegrama

Ela está chamando, pra uns ela vem cedo  
Pra outros vem tarde  
É que cedo ou tarde, ela vem de repente  
Chega pro covarde, chega pro valente  
Só tem que ninguém gosta de ir na frente  
Gosta de ir na frente  
Gosta de ir na frente  
Gosta de ir na frente  
Mas atravesse a morte sem medo  
Atravesse a morte sem medo  
Atravesse a morte sem medo

## **Sem você**

Sem você, sem amor  
É tudo sofrimento  
Pois você é o amor  
Que eu sempre procurei em vão

Você é o que resiste  
Ao desespero e à solidão  
Nada existe  
E o mundo é triste sem você

Meu amor, meu amor  
Nunca te ausentes de mim  
Para que eu viva em paz  
Para que eu não sofra mais

Tanta mágoa assim, no mundo  
Sem você

## **Sempre a esperar**

Meu querido amor, hoje  
Logo que cheguei e encontrei  
A sua carta e uma flor  
Juro, meu bem  
Pelo nosso amor  
Eu nunca mais poderei amar ninguém

Mas quero só pedir  
Me perdoe eu lhe dizer, meu amor  
Você não precisa mais mentir

Pode ir se quiser  
Volte quando saudades tiver  
Eu estarei aqui  
Sempre a lhe esperar  
Aqui, meu bem,  
Neste lugar, a esperar  
Não precisa bater

## **Seule**

Seule, seule  
Seule même dans tes bras  
Seule le jour  
Seule la nuit  
Rêvant toujours  
L'amour qui ne vient pas

Chante une chanson pour me bercer  
Fais-moi, je t'en prie, tout oublier  
Enlace-moi  
Embrasse-moi

Prends, mon chéri, tout ce que tu veux  
O si tu savais me faire sourire  
Je pourrais t'aimer jusqu'au delire  
Mais, mon amour  
O mon amour  
Tu n'est pas l'amour rêvé

## **Serenata do adeus**

Ai, a lua que no céu surgiu  
Não é a mesma que te viu  
Nascer dos braços meus  
Cai a noite sobre o nosso amor  
E agora só restou do amor  
Uma palavra: adeus

Ai, vontade de ficar  
Mas tendo de ir embora  
Ai, que amar é se ir morrendo pela vida afora  
Ê refletir na lágrima  
Um momento breve  
De uma estrela pura, cuja luz morreu

Ah, mulher, estrela a refulgir  
Parte, mas antes de partir  
Rasga o meu coração  
Crava as garras no meu peito em dor  
E esvai em sangue todo amor  
Toda a desilusão

Ai, vontade de ficar  
Mas tendo de ir embora  
Ai, que amar é se ir morrendo pela vida afora  
Ê refletir na lágrima  
Um momento breve de uma estrela pura  
Cuja luz morreu  
Numa noite escura  
Triste como eu

## **Só danço samba**

Só danço samba  
Só danço samba  
Vai, vai, vai, vai, vai  
Só danço samba  
Só danço samba  
Vai

Já dancei o twist até demais  
Mas não sei  
Me cansei  
Do calipso  
Ao chá-chá-chá

## **Só me fez bem**

Não sei se foi um mal  
Não sei se foi um bem  
Só sei que me fez bem ao coração  
Sofri, você também  
Chorei, mas não faz mal  
Melhor que ter ninguém  
No coração  
Foi a vida  
Foi o amor quem quis  
É melhor viver  
Do que ser feliz  
Foi tudo natural  
Ninguém foi de ninguém  
Mas me fez tanto bem  
Ao coração

## **Só por amor**

Só por amor  
Só por paixão  
Só por você  
Você que nunca disse não  
Só por saber  
Que o coração  
Sabe demais  
Que a razão não tem razão

Por você que foi só minha  
Sem jamais pensar por quê  
Por você que apenas tinha  
Razões e mais razões para não ser

Só por amor  
Só por amado  
Só por amar  
Meu amor, muito obrigado  
Meu amor, muito obrigado

## **Soneto de fidelidade**

De tudo, ao meu amor serei atento  
Antes, e com tal zelo, e sempre, e tanto  
Que mesmo em face do maior encanto  
Dele se encante mais meu pensamento

Quero vivê-lo em cada vão momento  
E em seu louvor hei de espalhar meu canto  
E rir meu riso e derramar meu pranto  
Ao seu pesar ou seu contentamento

E assim quando mais tarde me procure  
Quem sabe a morte, angústia de quem vive  
Quem sabe a solidão, fim de quem ama

Eu possa lhe dizer do amor (que tive):  
Que não seja imortal, posto que é chama  
Mas que seja infinito enquanto dure

*Estoril - Portugal, 10.1939*



## **Soneto de separação**

De repente do riso fez-se o pranto  
Silencioso e branco como a bruma  
E das bocas unidas fez-se a espuma  
E das mãos espalmadas fez-se o espanto.

De repente da calma fez-se o vento  
Que dos olhos desfez a última chama  
E da paixão fez-se o pressentimento  
E do momento imóvel fez-se o drama.

De repente, não mais que de repente  
Fez-se de triste o que se fez amante  
E de sozinho o que se fez contente.

Fez-se do amigo próximo o distante  
Fez-se da vida uma aventura errante  
De repente, não mais que de repente.

*Oceano Atlântico, a bordo do Highland Patriot,  
a caminho da Inglaterra, 09.1938*

## **Sonho de amor e paz**

Deve haver  
Num canto qualquer  
Uma ilha  
Ao abrigo da dor  
Onde um homem e uma mulher  
Possam ter seu amor  
Um lugar para ser feliz  
Sem ninguém  
Feito para dois  
Onde nunca se fale jamais  
E o tempo fugaz  
Não diga depois  
E o amor seja sempre paz

## **Tá difícil**

Que língua é essa?  
Deve ser língua de "estranja"  
Essa língua ninguém manja  
Que será desses

Tá me pintando que é linguagem de francês  
Isso é língua de inglês ou de doido lá do hospício

É tão difícil  
Tá difícil, tá difícil  
Pode ser, mas tá difícil  
Tá difícil de entender  
Prá falar isso só mudando de ofício  
Porque só quem fala isso é João  
"Não-tem-de-quê"

Se eu bem me lembro  
Pra ganhar a minha esmola  
Tirei curso em muito escola  
De Beirute a Bombaim

Já no meu caso  
Eu não quis entrar na fila  
Fiz meu curso na Socila  
Lá na porta do Bonfim

## **Também quem mandou**

Já não sei mais viver sem ela  
Mas também quem mandou  
Quando estou longe dela  
É uma dor, é uma dor  
Que saudade

Sim  
Eu já estou achando  
Que esta saudade assim  
Só pode ser amor

Eu queria brincar de amor com ela  
Mas também quem mandou  
Também quem mandou

## **Taquicardia**

Quando ela vem  
Cheia de onda  
Pela praia  
Numa minissaia  
Que fica bem pra cima  
Do conveniente  
Eu fico só  
Tibum, tibum, tibum  
Meu coração parou  
Meu bem, não faça assim  
Porque senão eu vou  
Morrer de amor  
Ela prefere o iê-iê-iê  
À bossa nova  
E ainda prova  
Quando ela dança  
No Zum-Zum  
Até o dia amanhecer  
Tudo que eu sei dizer  
É a taquicardia  
Que a menina me traz  
Fica na cabeça  
Um tremendo zum, zum  
Fica o coração  
Paratibum, bum  
Isso não se faz  
Isso não se faz  
Isso não se faz

## **Tarde em Itapoã**

Um velho calção de banho  
O dia pra vadiar  
Um mar que não tem tamanho  
E um arco-íris no ar  
Depois na praça Caymmi  
Sentir preguiça no corpo  
E numa esteira de vime  
Beber uma água de coco

É bom  
Passar uma tarde em Itapuã  
Ao sol que arde em Itapuã  
Ouvindo o mar de Itapuã  
Falar de amor em Itapuã

Enquanto o mar inaugura  
Um verde novinho em folha  
Argumentar com doçura  
Com uma cachaça de rolha  
E com o olhar esquecido  
No encontro de céu e mar  
Bem devagar ir sentindo  
A terra toda a rodar

É bom  
Passar uma tarde em Itapuã  
Ao sol que arde em Itapuã  
Ouvindo o mar de Itapuã  
Falar de amor em Itapuã

Depois sentir o arrepio  
Do vento que a noite traz  
E o diz-que-diz-que macio  
Que brota dos coqueirais  
E nos espaços serenos  
Sem ontem nem amanhã  
Dormir nos braços morenos  
Da lua de Itapuã

É bom  
Passar uma tarde em Itapuã  
Ao sol que arde em Itapuã  
Ouvindo o mar de Itapuã  
Falar de amor em Itapuã

## **Tatamirô (Em louvor de Mãe Menininha)**

Apanha folha por folha, Tatamirô  
Apanha maracanã, Tatamirô  
Eu sou filha de Oxalá, Tatamirô  
Menininha me apanhou, Tatamirô!

Xangô me leva, Oxalá me traz  
Xangô me dá guerra, Oxalá me dá paz

Apanha folha por folha, Tatamirô  
Apanha maracanã Tatamirô  
Eu sou filho de Ossain, Tatamirô  
Menininha me adotou, Tatamirô!

Oxalá de frente, Xangô de trás  
Xangô me dá guerra, Oxalá me dá paz

Apanha folha por folha, Tatamirô  
Apanha maracanã, Tatamirô  
Eu sou filho de Ogun, Tatamirô  
Menininha me ganhou, Tatamirô!

Apanha folha por folha, Tatamirô  
Apanha maracanã, Tatamirô  
Eu sou filha de Inhansã, Tatamirô  
Menininha me batizou, Tatamirô!

Apanha folha por folha, Tatamirô  
Apanha maracanã, Tatamirô  
Ela é a Mãe Menininha do Gantois  
Que Oxum abençoou, Tatamirô!

Oxalá me vem, todo mal me vai  
Xangô é meu Rei, Oxalá é meu pai

## **Tem dó**

Ai, tem dó  
Quem viveu junto não pode nunca viver só  
Ai, tem dó  
Mesmo porque você não vai ter coisa melhor

Não me venha achar ruim  
Porque você me conheceu assim  
Me diga agora, e agora?  
Não foi assim que você gamou?

Você sabe muito bem  
Que mesmo louco assim gamei também  
Me diga agora, ora, ora  
Será que alguém não foi quem mudou?

## **Tempo de solidão**

Há o tempo e o contratempo  
A felicidade e a dor  
Eu por mim não tenho tempo  
O meu tempo é só de amor

Sei que existe muita gente  
Que não tem mais tempo a perder  
Já comigo é diferente  
Só o amor me faz viver  
Eu não sei viver  
Sem sofrer por alguém  
Hoje, por exemplo  
Eu não tenho ninguém

E é por isso que estou triste  
Triste como esta canção  
Hoje eu sei que o tempo existe  
Hoje é tudo solidão

## **Tempo feliz**

Feliz o tempo que passou, passou  
Tempo tão cheio de recordações  
Tantas canções ele deixou, deixou  
Trazendo paz a tantos corações

Que sons mais lindos tinha pelo ar  
Que alegria de viver  
Ah, meu amor, que tristeza me dá  
Vendo o dia querendo amanhecer  
E ninguém cantar

Mas, meu bem  
Deixa estar, tempo vai  
Tempo vem  
E quando um dia esse tempo voltar  
Eu nem quero pensar no que vai ser  
Até o sol raiar

## Testamento

Você que só ganha pra juntar  
O que é que há, diz pra mim, o que é que há?  
Você vai ver um dia  
Em que fria você vai entrar

Por cima uma laje  
Embaixo a escuridão  
É fogo, irmão! É fogo, irmão!

### *Falado*

Pois é, amigo, como se dizia antigamente, o buraco é mais embaixo... E você com todo o seu baú, vai ficar por lá na mais total solidão, pensando à beça que não levou nada do que juntou: só seu terno de cerimônia. Que fossa, hein, meu chapa, que fossa...

### *Cantado*

Você que não pára pra pensar  
Que o tempo é curto e não pára de passar  
Você vai ver um dia, que remorso!

Como é bom parar  
Ver um sol se pôr  
Ou ver um sol raiar  
E desligar, e desligar

### *Falado*

Mas você, que esperança... Bolsa, títulos, capital de giro, public relations (e tome gravata!), protocolos, comendas, caviar, champanhe (e tome gravata!), o amor sem paixão, o corpo sem alma, o pensamento sem espírito (e tome gravata!) e lá um belo dia, o enfarte; ou, pior ainda, o psiquiatra

### *Cantado*

Você que só faz usufruir  
E tem mulher pra usar ou pra exhibir  
Você vai ver um dia  
Em que toca você foi bulir!  
A mulher foi feita  
Pro amor e pro perdão  
Cai nessa não, cai nessa não



### *Falado*

Você, por exemplo, está aí com a boneca do seu lado, linda e chiquérrima, crente que é o amo e senhor do material. Ê, amigo, mas ela anda longe, perdida num mundo lírico e confuso, cheio de canções, aventura e magia. E você nem sequer toca a sua alma. Ê, as mulheres são muito estranhas, muito estranhas

### *Cantado*

Você que não gosta de gostar  
Pra não sofrer, não sorrir e não chorar  
Você vai ver um dia  
Em que fria você vai entrar!

Por cima uma laje  
Embaixo a escuridão  
Ê fogo, irmão! Ê fogo, irmão!

## **Tomara**

Tomara  
Que você volte depressa  
Que você não se despeça  
Nunca mais do meu carinho  
E chore, se arrependa  
E pense muito  
Que é melhor se sofrer junto  
Que viver feliz sozinho

Tomara  
Que a tristeza te convença  
Que a saudade não compensa  
E que a ausência não dá paz

E o verdadeiro amor de quem se ama  
Tece a mesma antiga trama  
Que não se desfaz  
E a coisa mais divina  
Que há no mundo  
Ê viver cada segundo  
Como nunca mais

## **Triste sertão**

Juriti é passáro triste  
Canta em muita solidão  
Nem sequer sabe que existe  
Amigo, mulher e violão  
Canta para xique-xique  
Cascavel, camaleão  
Só responde a siriema  
Que grita de chegar a fazer pena  
Na velha catinga do sertão

Quéu-quéu chorou  
Mata branca em desesperação  
Credo cruz, espia que pavor  
Caipora mora na escuridão

Não se ouve nem um pio  
Cadê Zé, cadê João  
Cadê água, cadê rio  
É ano de seca no sertão  
Lá onde a vida se acaba  
Vive só quem tem razão  
Vive o bode, vive a cabra  
E o maracujá e a cana-brava  
E o mandacaru e a assombrção

Quéu-quéu chorou  
Mata branca em desesperação  
Credo cruz, espia que pavor  
Caipora mora na escuridão

## **Tristeza e solidão**

Sou da linha de umbanda  
Vou no babalaô  
Para pedir pra ela voltar pra mim  
Porque assim eu sei que vou morrer de dor

Ela não sabe  
Quanta tristeza cabe numa solidão  
Eu sei que ela não pensa  
Quanto a indiferença  
Dói num coração  
Se ela soubesse  
O que acontece quando estou sozinho assim  
Mas ela me condena  
Ela não tem pena  
Não tem dó de mim

## **Tudo na mais santa paz**

Tranca bem a porta, amor  
Fecha a janela e passa a tramela, por favor  
E se não se importa, amor  
Defuma a casa em nome de Nosso Senhor

Acabou a festa, amor  
Ainda tem uma cerveja no congelador  
Vamos ao que resta, amor  
Dia de festa é véspera de muita dor

E se o fantasma ficar e se o cachorro latir  
E se o silêncio gritar e se o pavor assumir  
E se a mulher não topar e se o amigo sumir  
E se o relógio parar e se amanhã não surgir

Tudo na mais perfeita ordem  
Tudo na mais santa paz

## **Tudo o que é meu**

Só há razão para chorar  
Quando não se tem um grande amor  
E não se pode chorar de amor  
Como hoje choro eu

Só há razão de sofrer  
Pra quem a vida esqueceu  
Quero ser tua até morrer  
Toma, amor, tudo o que é meu

## **Um amor em cada coração**

Flor que um dia eu vi nascer  
O amor voltou a acontecer  
Voltou para vencer  
Sem mágoa e separação  
Teve a maior consagração

Eu é que sou rei (eu sou rei)  
Eu é que farei a união  
Desfraldarei a cor azul  
Do meu pavilhão  
Um amor em cada coração

Deixa aí, deixa andar, deixa vir, deixa estar  
Pode ser, e se for, é o amor  
Deixa aí, deixa andar

O que é preciso é viver  
Morrendo de amor  
Porque o amor é o nosso rei  
O nosso rei porque é de lei  
O nosso rei imperador

## **Um amor que é só meu**

Amiga  
Nem sei como lhe diga  
Essa ternura antiga  
De repente doeu  
Perdoe  
Eu sei que não devia  
Mas da noite para o dia  
O amor aconteceu

E embora doa  
De uma dor dilacerante  
É um amor tão amante  
Tão sozinho se deu, sou eu

Quem sabe  
Que mesmo contra tudo  
Que forçado a ser mudo  
Foi o amor que nasceu  
E me deu tanto  
Fez as coisas tão mais belas  
Abriu tantas janelas  
Tudo reverdeceu, e eu, amiga  
Lhe sou tão obrigado  
Mas não tenha cuidado (mas não há de ser nada)  
É um amor que é só meu

## **Um homem chamado Alfredo**

O meu vizinho do lado  
Se matou de solidão  
Abriu o gás, o coitado  
O último gás do bujão  
Porque ninguém o queria  
Ninguém lhe dava atenção  
Porque ninguém mais lhe abria  
As portas do coração  
Levou com ele seu louro  
E um gato de estimação

Há tanta gente sozinha  
Que a gente mal adivinha  
Gente sem vez para amar  
Gente sem mão para dar  
Gente que basta um olhar  
Quase nada  
Gente com os olhos no chão  
Sempre pedindo perdão  
Gente que a gente não vê  
Porque é quase nada

Eu sempre o cumprimentava  
Porque parecia bom  
Um homem por trás dos óculos  
Como diria Drummond  
Num velho papel de embrulho  
Deixou um bilhete seu  
Dizendo que se matava  
De cansado de viver  
Embaixo assinado Alfredo  
Mas ninguém sabe de quê

## **Um nome de mulher**

Um nome de mulher  
Um nome só e nada mais  
E um homem que se preza  
Em prantos se desfaz  
E faz o que não quer  
E perde a paz

Eu, por exemplo, não sabia, ai,  
O que era amar  
Depois você me apareceu  
E lá fui eu  
E ainda vou mais

## **Um pouco mais de consideração**

Porque você é tão ruim  
Não me diz não nem me diz sim  
Sofre demais o meu coração  
Pois nunca sabe quando é sim ou não  
Que foi que eu fiz que não se faz  
Não tenho paz, não sou feliz  
Assim é muita ingratidão  
Um pouco mais de consideração  
Já que você foi quem me fez contente  
Já que você me cativou assim  
Você não podia, muito francamente  
Entrar a sério nessa história de gostar de mim  
Independente de qualquer motivo  
Que você tenha pra gostar assim  
Já que você foi quem me fez cativo  
A obrigação agora é sua de cuidar de mim

## **Uma rosa em minha mão**

Procurei um lugar  
Com meu céu e meu mar  
Não achei  
Procurei o meu par  
Só desgosto e pensar, encontrei

Onde anda o meu rei  
Que me deixa tão só por aí  
A quem tanto busquei  
E de tanto que andei me perdi  
Quem me dera encontrar  
Ter meu céu, ter meu mar  
Ter meu chão  
Ver meu campo florir  
E uma rosa se abrir na minha mão

## **Valsa de Eurídice**

(Eurídice)

Tantas vezes já partiste  
Que chego a desesperar  
Chorei tanto, estou tão triste  
Que já nem sei mais chorar

Oh, meu amado, não parta  
Não parta de mim  
Oh, uma partida que não tem fim

Não há nada que conforte  
A falta dos olhos teus

Pensa que a saudade  
Mais do que a própria morte  
Pode matar-me  
De Adeus



## **Valsa do amor de nós dois**

Vem ver o mar  
Vem que Copacabana é linda  
Vamos ser só nós dois  
E o que vai ser depois  
É melhor, é melhor nem pensar

Ah, namorar!  
Os casais nem parecem saber  
Nos seus beijos de amor  
E o que resta depois  
É a valsa do amor de nós dois

Pelas linhas sinuosas  
Do passeio à beira-mar  
Todo o Rio de Janeiro  
Vai querer dançar

E nós, depois  
Partiremos num beijo de luz  
Pelo céu ao luar  
A dançar, a dançar  
Esta valsa do amor  
De nós dois

## **Valsa do bordel**

Longas piteiras  
Perfumes no ar  
Roxas olheiras  
Em torno do olhar

Que brincadeira  
Fazer profissão  
Da mais antiga e  
Mais sem solução

Discos franceses  
Tão sentimentais  
Velhos fregueses  
Com taras iguais

Ah, quem me dera voltar para trás  
Sem sentir mais tanta solidão  
E, de repente, entre tanto cliente  
Lá chega o gostosão  
E, incontinênti, abre conta corrente  
Em nosso coração

A gente apanha  
Mas sente prazer  
Dá o que ganha

E o que se vai fazer?  
Ele é a paixão, todo resto é saber  
Vender um pouco de ilusão

E um dia assim  
Como quem faz porque acontece  
Num abraço ela me desse  
A esperança de poder dizer-lhe adeus

## **Valsa dos músicos**

Nós somos uma só família  
Uma ilha feita de amor  
Feita de dor  
Mas vejam bem que maravilha  
Esta ilha está na trilha do seu lar  
Na sala de jantar  
Na vida escolar de sua filha  
Que quer crescer e amar  
Ao som daquele rádio  
Que só com quatro pilhas  
Vive a embalar o sono do bebê  
E da babá

Nós somos uma só tristeza  
E a beleza é a nossa eterna namorada  
A nossa casa é a madrugada  
Por aí, sempre à procura de um lugar  
Sem hora de partir  
Um lugar qualquer de onde subir  
Para o infinito astral  
Pelos degraus de um som  
De onde se jogar  
Voar, sumir  
Quem sabe até morrer  
Sonhar, dormir

Sempre à procura de um lugar  
Sem hora de partir  
Um lugar qualquer de onde subir  
Para o infinito astral  
Pelos degraus de um som  
De onde se jogar  
Voar, sumir  
Quem sabe até morrer  
Sonhar, dormir

## **Valsa dueto**

Onde meu amor escuta a voz  
Que vem da solidão  
Tudo silenciou  
E a noite em nós  
É quente de paixão

Vem, a noite é linda  
E eu quero ver no teu olhar  
Nascer a estrela da manhã  
No céu do amor

Vem, vamos olhar  
O grande céu do adeus  
Nesse luar cheio de dor  
Cheio de paz  
E quando tu não quiseses mais  
Amor, vem aos braços meus

## **Valsa sem nome**

Nada poderia contar-te um dia  
O que é sofrer por teu amor  
Mas na poesia não saberia  
Contar-te nunca o meu amor  
Eu te amo tanto  
Que o meu pranto corre  
E corre apenas em lembrar  
O teu encanto  
O teu silêncio e  
Essa magia de te amar

Oh, meu amado  
A vida é nada  
E o tempo é só uma ilusão  
Mas eu amo tanto  
Pois tu existes  
E eu tenho um templo no coração  
Mas as palavras não têm som e nem cor  
Para dizer do grande desespero  
De te amar em prantos  
E te amando em prantos  
Cantar novos cantos  
Proclamando o amor

## **Valsinha**

Um dia ele chegou tão diferente do seu jeito de sempre chegar  
Olhou-a dum jeito muito mais quente do que sempre costumava olhar  
E não maldisse a vida tanto quanto era seu jeito de sempre falar  
E nem deixou-a só num canto, pra seu grande espanto convidou-a pra rodar

Então ela se fez bonita como há muito tempo não queria ousar  
Com seu vestido decotado cheirando a guardado de tanto esperar  
Depois os dois deram-se os braços como há muito tempo não se usava dar  
E cheios de ternura e graça foram para a praça e começaram a se abraçar

E ali dançaram tanta dança que a vizinhança toda despertou  
E foi tanta felicidade que toda a cidade enfim se iluminou  
E foram tantos beijos loucos  
Tantos gritos roucos como não se ouvia mais Que o mundo compreendeu  
E o dia amanheceu em paz

## **Veja você**

Veja você, eu que tanto cuidei da minha paz  
Tenho o peito doendo, sangrando de amor  
Por demais  
Na dor eu sei a extensão da loucura que fiz  
Eu que acordo cantando  
Sem medo de ser infeliz

Quem te viu, quem te vê, hein rapaz?  
Você tinha era manias demais  
Mas aí o amor chegou  
Desabou a sua paz  
Despediu seu desamor pra nunca mais  
Algum dia você vai compreender  
A extensão de todo bem que eu lhe fiz  
E você há de dizer: meu amor, eu sou feliz

Quem te viu e quem te vê, hein rapaz?

## **Viva o amor**

É tempo, amor  
É hora  
Não demora, por favor  
Tristeza a gente chora  
Mas, agora,  
Viva o amor!  
Agora é o carnaval  
É hora de mandar ver  
Por que resistir?  
Pra que duvidar?  
Veja lá!  
Quem resolve é você  
Meu amor

## **Zambi**

Ê Zambi no açoite, ei, ei, é Zambi  
Ê Zambi tui, tui, tui, tui, é Zambi  
Ê Zambi na noite, ei, ei, é Zambi  
Ê Zambi tui, tui, tui, tui, é Zambi

Chega de sofrer, ei!  
Zambi gritou  
Sangue a correr  
Ê a mesma cor  
Ê o mesmo adeus  
Ê a mesma dor

Ê Zambi se armando, ei, ei, é Zambi  
Ê Zambi tui, tui, tui, tui, é Zambi  
Ê Zambi lutando, ei, ei, é Zambi  
Ê Zambi tui, tui, tui, tui, é Zambi

Chega de viver, ê  
Na escravidão  
Ê o mesmo céu  
O mesmo chão  
O mesmo amor  
Mesma paixão

Ganga-zumba, ei, ei, ei, vai fugir  
Vai lutar, tui, tui, tui, tui, com Zambi  
E Zambi, gritou ei, ei, meu irmão  
Mesmo céu, tui, tui, tui, tui  
Mesmo chão

Vem filho meu  
Meu capitão  
Ganga-zumba  
Liberdade  
Liberdade  
Liberdade  
Vem meu filho

Ê Zambi morrendo, ei, ei, é Zambi  
Ê Zambi, tui, tui, tui, tui, é Zambi  
Ganga Zumba, ei, ei, ei, vem aí  
Ganga Zumba, tui, tui, tui, é Zambi